SÉRIE
COMENTÁRIOS
BÍBLICOS

JOÃO CALVINO

Epístolas Gerais



SÉRIE COMENTÁRIOS BÍBLICOS

JOÃO CALVINO

Epístolas Gerais



FIEL
Editora

Epístolas Gerais
Série Comentários Bíblicos
João Calvino

Título do Original: *Calvin's Commentaries:*
The Catholic Epistles

Edição baseada na tradução inglesa de T. A. Smail, publicada por Wm. B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, MI, USA, 1964, e confrontada com a tradução de John Pringle, Baker Book House, Grand Rapids, MI, USA, 1998.

•

Copyright © Editora Fiel 2013
Primeira Edição em Português 2015

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária
PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.
A versão bíblica utilizada nesta obra é a Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB)

•

Diretor: James Richard Denham III
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Rev. Valter Graciano Martins
Revisão: Franklin Ferreira
Capa: Edvânio Silva
Diagramação: Rubner Durais
Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-317-6

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C168e Calvino, João, 1509-1564
Epístolas gerais / João Calvino ; [traduzido por Valter Graciano Martins]. – São José dos Campos, SP : Fiel, 2015.
2Mb ; ePUB – (Comentários bíblicos)

Tradução de: Calvin's commentaries : the general epistles.
Inclui referências bibliográficas.
ISBN 978-85-8132-317-6

1. Bíblia. N.T. Epístolas Católicas – Comentários. I. Título. II. Comentários bíblicos (Fiel).

CDD: 227.9

Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-



SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Sumário

Prefácio à Edição em Português
Epístola Dedicatória

EPÍSTOLA DE TIAGO
Argumento

Capítulo 1
- Versículos 1 a 4
- Versículos 5 a 8
- Versículos 9 a 11
- Versículos 12 a 15
- Versículos 16 a 18
- Versículos 19 a 21
- Versículos 22 a 27

Capítulo 2
- Versículos 1 a 4
- Versículos 5 a 7
- Versículos 8 a 11
- Versículos 12 a 13
- Versículos 14 a 17
- Versículos 18 a 19
- Versículos 20 a 26

Capítulo 3
- Versículos 1 a 5
- Versículos 5 a 6

Versículos 7 a 12
Versículos 13 a 18

Capítulo 4
Versículos 1 a 3
Versículos 4 a 6
Versículos 7 a 10
Versículos 11 a 12
Versículos 13 a 17

Capítulo 5
Versículos 1 a 6
Versículos 7 a 9
Versículos 10 a 11
Versículos 12 a 13
Versículos 14 a 15
Versículos 16 a 18
Versículos 19 a 20

EPÍSTOLA DE 1PEDRO
Argumento

Capítulo 1
Versículos 1 a 2
Versículos 3 a 5
Versículos 6 a 9
Versículos 10 a 12
Versículos 13 a 16
Versículos 17 a 22
Versículos 23 a 25

Capítulo 2
Versículos 1 a 5
Versículos 6 a 8
Versículos 9 a 10
Versículos 11 a 12

Versículos 13 a 16
Versículo 17
Versículos 18 a 20
Versículos 21 a 23
Versículos 24 a 25

Capítulo 3
Versículos 1 a 4
Versículos 5 a 6
Versículo 7
Versículos 8 a 9
Versículos 10 a 15
Versículos 15 a 16
Versículos 17 a 18
Versículos 19 a 22

Capítulo 4
Versículos 1 a 5
Versículos 6 a 11
Versículos 12 a 17
Versículos 17 a 19

Capítulo 5
Versículos 1 a 4
Versículos 5 a 7
Versículos 8 a 11
Versículos 12 a 14

EPÍSTOLA DE 2PEDRO
Argumento

Capítulo 1
Versículos 1 a 4
Versículos 5 a 9
Versículos 10 a 15
Versículos 16 a 18

Versículos 19 a 21

Capítulo 2
Versículos 1 a 3
Versículos 4 a 8
Versículos 9 a 11
Versículos 12 a 16
Versículos 17 a 19
Versículos 20 a 22

Capítulo 3
Versículos 1 a 4
Versículos 5 a 8
Versículos 9 a 13
Versículos 14 a 18

EPÍSTOLA DE 1JOÃO
Argumento

Capítulo 1
Versículos 1 a 2
Versículos 3 a 7
Versículos 8 a 10

Capítulo 2
Versículos 1 a 2
Versículos 3 a 6
Versículos 7 a 11
Versículos 12 a 14
Versículos 15 a 17
Versículos 18 a 19
Versículos 20 a 23
Versículos 24 a 29

Capítulo 3
Versículos 1 a 3
Versículos 4 a 6

Versículos 7 a 10
Versículos 10 a 13
Versículos 14 a 18
Versículos 19 a 22
Versículos 23 a 24

Capítulo 4
Versículos 1 a 3
Versículos 4 a 6
Versículos 7 a 10
Versículos 11 a 16
Versículos 17 a 18
Versículos 19 a 21

Capítulo 5
Versículos 1 a 5
Versículos 6 a 9
Versículos 9 a 12
Versículos 13 a 15
Versículos 16 a 18
Versículos 19 a 21

EPÍSTOLA DE JUDAS
Argumento

Versículos 1 a 2
Versículos 3 a 4
Versículos 5 a 7
Versículos 8 a 10
Versículos 11 a 13
Versículos 14 a 16
Versículos 17 a 19
Versículos 20 a 25

Prefácio à edição em Português

É admirável o volume da obra escrita produzida por João Calvino nos poucos anos que medeiam a sua vida após a conversão; ainda mais quando temos presente a densidade e diversidade das funções que desempenhou. As lutas travadas na defesa da sua fé, dos valores por que se bateu e das causas a que se entregou no exercício da sua multifacetada missão, pareceriam mais do que suficientes para lhe absorver totalmente os dias. Mas não foi assim. Como inspirado e devotado servo do Senhor, ele soube exemplarmente gerir o tempo como fiel mordomo de Jesus Cristo legando-nos, entre os muitos livros que escreveu, quarenta e seis preciosos volumes de comentários bíblicos.

Em França, antes mesmo de se converter, Calvino já se distinguia pelo primor da sua cultura tanto ao nível da formação clássica filológica e humanística, como ao da sua educação teológica e jurídica. Pensador clarividente e distinto cultor da palavra como era, ele bem cedo questionou a viciada essência da religião vigente em que se escudava, e foi dando solidez às convicções de que resultaria a sua total imersão nos princípios e valores matriciais de fé cristã .

Perseguido em França, após conversão genuína à fé bíblica e identificação plena com a letra e o espírito reformador dos seus dias, este príncipe da Reforma Protestante emigrou para Genebra em 1536, onde viveu a maior parte dos seus restantes dias. Ele que se iniciara na cultura dos tratados exegéticos com um comentário sobre o *De Clementia* de Séneca, facilmente se deixou mover pela consciência de uma

necessidade vital para o avanço do testemunho evangelizador e discipular que a fé cristã reformada representava.

Mal se instalou na Suíça, logo publicou em Basileia a primeira edição das suas *Institutas*, obra teológica de grande fortuna para a obra do Evangelho, um verdadeiro *magnum opus* teológico que em vida foi reproduzindo com novas edições, cada vez mais enriquecidas. Outras grandes publicações se lhe seguiram, perfazendo um total de cinquenta e nove obras. Mas a mais grandiosa e representativa de todas foi sem dúvida a dos seus quarenta e seis comentários ao texto bíblico.

Não obstante o seu indesmentível apreço pelo comentário de Martinho Lutero sobre a carta aos Romanos, também ele começou a monumental obra de comentar as Escrituras com a exposição exegética desta carta em 1540; comentário onde já deixa gravados traços indeléveis da sua missão convergente como pastor, teólogo, expositor e intérprete das Escrituras.

Como comentador, Calvino revelou-se sempre um escrutinador e expositor incansável do texto bíblico. No anseio de tornar límpido e explícito o significado do texto original, tanto em cada uma das expressões concretas como no todo da sua mensagem, este tão celebrado reformador socorreu-se de todos os recursos da sua imensa cultura. Impressiona a forma como por meados do século XVI se produz um comentário de tanto rigor, tão bem informado, e de forma tão lúcida e esclarecedora. Naturalmente que nele falava a voz conjugada do filólogo e do teólogo que dominava na perfeição as línguas originais do Velho e Novo Testamento, bem como a latina em que se expressou; a voz de um classicista, judaísta e patrístico que convivia de perto com os grandes autores e obras do seu passado mais remoto ou recente nos domínios desses três mundos. Fica claro pela leitura da sua obra que ele dominava o estado da arte, conhecendo os escritos dos principais intérpretes da

Escritura que o precederam. A sua erudição clássica e patrística, a sua capacidade de penetrar na inteligência bíblica do texto, a agudeza com que olhava de múltiplos ângulos para cada excerto, a liberdade como se movia nos contextos, a sua competência exegética enfim, revelaram-no para a época um intérprete bem adiante do seu tempo.

Os comentários de João Calvino reflectem cuidados similares, e resultam de metodologias não menos semelhantes; técnicas de abordagem que, no fundo, emanam de um reformador totalmente imerso na vida pastoral e no exercício da boa cidadania, tanto política e ética como espiritualmente falando. E tudo isto, não obstante a debilidade da sua condição física, sobretudo na última fase da vida.

Os comentários do Novo Testamento ou eram copiados a partir dos seus sermões ou ele próprio os ditava em casa a amigos e colaboradores fidelíssimos. Os comentários do Velho Testamento eram geralmente reproduzidos por vias idênticas a partir das lições que Calvino dava na sua escola de educação e cultura; academia ou escola bíblica que chegou a atrair a Genebra numerosos estudantes de teologia, provenientes de um interessante número de países da Europa, nomeadamente a França, a Inglaterra, a Escócia e a Holanda.

É significativo o facto de que os seus comentários se faziam em latim a partir das línguas originais e que, dos textos, o comentador fazia a sua própria tradução e a seguia; não deixando, porém, de compulsar em simultâneo edições da Vulgata e de Erasmo, e até manuscritos mais antigos, sempre que o entendia necessário. Não menos significativo é também o facto de ele citar com frequência reconhecidas autoridades antigas, não só da literatura judaica e cristã, mas também das literaturas grega e romana; e isto, a par com citações de autoridades na arte de ler, compreender e interpretar o texto bíblico no seu próprio tempo.

Mas Calvino tinha o claro sentido da justa medida. Tudo o

que pudesse ajudar a clarificar o significado de uma palavra ou um conceito, a iluminar ou justificar o contexto, ele não se escusava de o usar, valendo-se dos valiosos recursos que tinha à mão. Mas sempre com o olhar clínico e a acuidade crítica que os textos e contextos lhe mereciam. Assinalavelmente erudito sem dar nas vistas, ele citava obras antigas no fluir do seu comentário, sempre com objectivo preciso e bem dirigido de tornar mais legível e inteligível o sentido e o significado do texto que interpretava. Não deixou até de referir agradecido comentadores seus contemporâneos como Melanchthon, Bucer e outros mais.

Como os comentários de qualquer outro autor, também os seus se deixaram naturalmente sensibilizar pelas realidades do seu tempo, mas reflectem mesmo assim uma abrangência geral mais aberta, com fundamentos de relevância para o nosso tempo também.

As Epístolas Gerais são boa prova disso, como verdadeiros tratados exegéticos de alcance universal. Continuaram por essa mesma razão a ser uma bênção ao longo dos séculos e até hoje, para quantos os consultam e estudam com o fim receberem mais luz sobre o conteúdo, sentido e alcance da mensagem da Palavra de Deus aos santos.

Com sensibilidade e rigor crítico, com pureza de linguagem, brevidade e clareza de expressão, João Calvino relevou, também no comentário destas epístolas, os grandes princípios e valores bíblicos que enformam a fé cristã. Adverso a interpretações alegóricas, ele fixou-se na interpretação textual de cada passo bíblico, sempre na consciência de cultivar a rigor a honestidade intelectual e a humildade científica que um labor desta natureza exige. A busca da intenção mental e espiritual do autor no real sentido do texto era a sua missão maior. E isso ele fazia de todo imerso no mesmo para encontrar natural e genuinamente o seu significado original.

É verdade que Calvino reconhecia no texto bíblico a mão humana. Mas não deixava de afirmar que o seu autor último é

Deus; que a Bíblia é a Palavra de Deus, escrita embora por mãos humanas na linguagem do após-queda, e portanto passível dos riscos humanos de ambiguidade ou obscuridade. Por isso mesmo se expôs à iluminação plena do Espírito Santo para a total elucidação da sua mensagem. Por isso também colocou ao serviço da Palavra os recursos da sua formação intelectual, espiritual e bíblica que antes tão profusamente recebera; e sempre com vistas a tornar o mais inteligível possível a coerência da mensagem bíblica em cada um dos passos que comentava, entendidos sempre na harmonia conjugada do seu todo.

Na dedicação destes comentários ao Rei Eduardo VI, Calvino justificou-lhe o envio com a necessidade ingente de a verdade de Deus "ser pública e ousadamente sustentada" face às agressões da Igreja Católica a ela feitas e ao povo que fielmente a ama e segue. As palavras finais desta dedicatória servem como chave de fundamento, elucidação e motivação para a leitura dos mesmos: "Meus comentários sobre as Epístolas Católicas, onde muitas coisas têm sido consideradas obscuras e recônditas, as quais eu tenho-me esforçado por explicar, para que se abra um fácil acesso ao verdadeiro significado a um leitor não totalmente indolente... Ademais, já que a heróica grandeza de tua mente ultrapassa em muito à medida de tua idade, não há razão por que deva eu acrescentar mais palavras para estimular-te".

João Calvino abriu assim o comentário a cada uma das cinco cartas que interpretou – Epístola de Tiago, Primeira e Segunda Epístolas de Pedro, Epístola de Judas e Primeira Epístola de João – com referências e argumentos breves de carácter crítico e literário, situando cada uma delas no seu contexto e justificando-lhe a autenticidade e razão da mensagem. São comentários que venceram os tempos, e ainda hoje nos servem com a autoridade e força que não conseguimos encontrar em muitos que nos estão mais próximos.

Resta-me dizer uma palavra sobre a tradução. Obviamente

que, como português, não me pronunciarei sobre questões de forma linguística e literária, mas é-me pelo menos lícito dizer que a versão do texto da língua em que o autor a produziu para a nossa se nos apresenta de forma e conteúdo bem cuidados numa aproximação rigorosa ao texto original.

Tornar estes comentários de João Calvino acessíveis ao leitor comum da língua portuguesa é seguramente um estimulante contributo à leitura meditada, reflectida e aprofundada de uma unidade de textos bíblicos bem importantes para a vida vitoriosa das igrejas do Senhor Jesus. É também uma forma excelente de dar a conhecer um pouco melhor a figura ímpar deste tão influente reformador do século XVI. Muito agradecidos ficamos pela sua publicação.

É a Deus que damos toda a glória

Manuel Alexandre Júnior
Diretor emérito e professor de Novo Testamento do Seminário Teológico Baptista de Queluz e professor catedrático jubilado de Universidade de Lisboa, em Portugal

Dedicatória

À sereníssima Alteza,
Eduardo Sexto,
Rei da Inglaterra, Senhor da Irlanda e
cristianíssimo Príncipe,
João Calvino.

Eis-me de volta, uma vez mais, ó excelentíssimo Rei. Pois ainda que eu não esperasse que os Comentários sobre Isaías, os quais eu dediquei recentemente a tua Majestade, constituíssem uma dádiva tão preciosa, contudo foram oferecidos com a inteira cordialidade de meu coração. Portanto, imaginei ser oportuno acrescentar as Epístolas Católicas, como comumente são chamadas, a título de suplemento, com o intuito de completar a medida, de modo que, ao mesmo tempo, pudessem chegar a tuas mãos. E, indubitavelmente, visto que elas foram escritas aos gentios de terras longínquas, ou a vários países habitados bem longe uns dos outros, não há nada novo para os de além-mar, completando assim um longo circuito até chegar a tua Majestade. Ao mesmo tempo decidi, como um indivíduo privado, oferecer-te, ilustríssimo Rei, meus labores, para que, sendo publicados em teu nome, sejam de proveito a todos.

E, de fato, se já houve um tempo em que a verdade de Deus teve de ser pública e ousadamente sustentada, nunca foi tão mais necessário como em nossos dias, como todos devem perceber. Sem mencionar a atroz crueldade exercida contra

seus professores, e omitindo também todas aquelas maquinações pelas quais Satanás luta contra ela, algumas vezes veladamente, outras vezes abertamente, há lugares em que a doutrina pura da religião por fim prevaleceu, mas há também lugares onde ora prevalecem as sutilezas do anticristo romano, por meio de suas deformações espúrias, para assim zombar de Cristo, como se lhes desse uma vara em sua mão no lugar de um cetro, e como que pondo em sua cabeça uma coroa de espinhos. Quando esses capciosos corruptores da pureza do evangelho esperam, por meio de suas artes, gradativamente extingui-lo, com que covardia se fazem coniventes com essas zombarias lançadas contra Cristo, eles mesmos é que deveriam arriscar suas vidas mil vezes em vez de redimi-las, por tão curto tempo, através de seu pérfido silêncio!

Entrementes, o próprio papa, para completar a última tragédia de crucificar o Filho de Deus, ouvimos haver convocado outra vez seu próprio concílio camuflado. Ainda que marche com sua soldadesca selvagem com o fim de obliterar o nome de Cristo e destruir sua igreja, contudo todo e qualquer tipo de concílio é para ele como uma espada sacra a causar morticínio como se esse fosse um rito solene. Assim, Paulo III, quando resolveu matar e destruir todos aqueles por meio de quem a defesa da verdade era preferível à sua própria vida, fez em Trento uma exibição daquele odioso espectro, ainda que disfarçado com finas cores, para poder pôr fim ao evangelho, por assim dizer, através de suas ameaças. Em toda essa preparação, porém, assim que os bons pais começaram, através de alguns lampejos emitidos nas sessões, a iluminar os olhos dos simples, foram silenciados por uma rajada secreta e súbita da santa sé, e assim dissipou em fumaça, exceto com o propósito de dar rédeas soltas ao terror, de uma pequena nuvem que repousou, por algum tempo, sobre Bolonha.

Daí lermos que Júlio [III], seu sucessor, que exercera sua parte previamente em Trento, passou a preparar-se para este

estratagema, como se este fosse o único meio de obliterar o evangelho da memória dos homens, isto é, fulminar contra nós os horríveis e terríficos decretos do concílio; ainda que muitos cressem que ele apenas agia por pretexto. Mas, significa muito pouco se ele pretendesse ou realmente quisesse convocar um concílio. Deveras fica claro e bem comprovado que, visto que o papado começou a declinar-se através dos esforços de Lutero, quem quer que ocupasse aquela cidadela de tirania, ainda que esperasse obter algum apoio de um concílio, contudo teria se esquivado desse tipo de antídoto, como faz uma pessoa doente que, já se vendo totalmente tomada de úlceras, ainda teme o toque do mais terno dos médicos. Portanto, até mesmo entre as crianças é comum dizer que o papado não pode ser assistido por um concílio de outra forma senão por meio de cauterização ou amputação.

No entanto, não vejo razão para os papas temerem tanto os concílios, senão porque esse medo é um inseparável assistente de uma má consciência. Pergunto, pois, qual foi a última turba em Trento (à qual ainda deram o título de sínodo santo, geral e ecumênico), senão uma sorte de aparição fútil, que já não perturbava os deleites do papa mais que o clangor de trombetas, ou o rufar de tambores, com o quê ele se diverte diariamente? Aliás, este realmente foi um sínodo reunido de todas as partes, podendo ser causa de algum temor, ou de perturbação, formando uma tão grande multidão, e podendo ocasionar mais sério tumulto. Mas, por meio de concílios tão fictícios como o de Trento, quem pode crer que um papa pudesse ser terrificado mais do que por algazarra de crianças, senão que, ao contrário, dormita docemente como que através dos afagos do mais tranquilo sono? Por exemplo, dois ou três cardeais serão escolhidos pelo papa, sendo seus amigos íntimos que acolherão totalmente sua autoridade. O mesmo déspota contratará dentre seus cortesãos algum colega cobiçoso por uns poucos ducados por mês, o qual, se vestido com a máscara de

patriarca, servilmente declarará como sendo sua opinião particular o que lhe foi ditado às ocultas. Tal sucedeu em Trento àquele cego Roberto [Belarmino], a quem vi algumas vezes há muito tempo em Ratisbona, se envolvendo, não menos estulta do que perversamente, em defesa do papa, quando, por suas seduções, tentou arrastar-me a uma conferência com [Gasparo] Contarini. Para lá voarão juntos, de toda a Itália, os três bispos triviais, dos quais haverá uma vasta fartura. Para lá irão também, de França e Espanha, alguns dos frívolos e estultos, e outros infames pelos vícios de sua vida pregressa; os quais, depois de voltarem ao lar, se gabarão de que prestaram um bom e fiel serviço à Igreja Católica. Ademais, para lá sairá das covas dos monges uma grande confluência de rãs para aquela marcha, as quais, por seu animado coaxar, banirão para bem longe toda a verdade. Ora, aqui imagino algo novo; ou, ao contrário, não descrevo corretamente a assembléia que ultimamente foi vista em Trento?

Por que então o papa teme esses guardiões de seu próprio tribunal, que são todos, em primeiro lugar, suas próprias criaturas vis; e quem, em segundo lugar, não busca outra coisa que conquistar, por qualquer meio, seu favor?

Especialmente nosso Júlio, que é veterano em questões deste gênero, pode em meio a zombaria, sempre que lhe apraza, compor um concílio como este, de modo que, no ínterim, deixe, como de costume, a coisa por fazer. E, deveras, como tem dado a muitos dentre os dominicanos o chapéu cardinalício, esse não parece ser um prelúdio obscuro de tal evento. Esta ordem, como dizem, foi sempre favorecida por ele; mas tal profusão se origina de uma causa mais elevada. O fato é que ele sabe muito bem que ninguém é mais desavergonhado do que esses indivíduos desprezíveis, como ele tem empregado, a seu arbítrio, seus serviços mesquinhos e sórdidos. Ao elevá-los outra vez a esta dignidade, ele bem sabia que tudo quanto os convidasse a fazer, ninguém seria mais audaz e mais e cruel do que eles.

Além disso, ele não ignora que a maioria desses cães famintos, abastecendo-se das mesmas recompensas, se precipitaria em qualquer contenda que ele desejasse. Não obstante, não digo que esteja equivocado quem declare que não lhe apetece um concílio. Mas, quando ele tiver armado seu próprio teatro, alguma tormenta súbita irromperá sem grande consequência, a qual perturbará todo o procedimento. Daí, justamente no início, caso seu interesse pessoal assim o demandar, ele abrirá as cortinas. Não obstante, ele pensa que um concílio, ainda que não passe de espectro sem conteúdo, é como que um clube de Hércules, a deitar Cristo prostrado e a fazer em pedaços o remanescente da igreja.

Quando este príncipe de impiedade tão perversamente calcar aos pés a glória de nosso Deus e a salvação dos homens, porventura com nosso silêncio trairemos a causa santa? De forma alguma! Devemos suportar cem mortes, caso isso seja possível, antes de permitir que uma opressão tão indigna, tão perversa e tão bárbara contra a sã doutrina faça com que a mesma continue desconhecida através de nossa indolência.

Mas, admitamos o que é dificilmente crível: que o Papa, com seu bando, tente seriamente convocar um concílio. Nesse caso, Cristo, à primeira vista, não será tão grosseiramente escarnecido; no entanto, desta forma se formaria contra ele uma perversa conspiração; mais ainda: quanto maior for a fama da gravidade e esplendor do concílio papal, mais injurioso seria para a igreja, e se provaria ser ele uma peste ainda mais terrível. Pois possivelmente não se pode esperar que uma assembléia reunida sob a autoridade do Anticristo se deixe governar pelo Espírito, ou que os escravos de Satanás exerçam qualquer moderação. Em primeiro lugar, o papa, inimigo confesso e ajuramentado de Cristo, ocuparia ali o lugar primordial de autoridade. Ainda que ele pretenda especialmente evocar as opiniões dos pais, assentados ali, contudo, sendo terrificados por sua presença,

todos eles seguiriam o que bem lhe apraz. Mas, numa assembléia em plena concordância com toda impiedade, que necessidade haveria de dissimulação? Não tenho a mínima dúvida de que tal é cada um dos cardeais. Naquele mesmo colégio, que pretende ser um santíssimo senado, ali prevalece, evidentemente, um menosprezo epicurista por Deus, um selvagem ódio pela verdade, uma fanática fúria contra todos os piedosos. Então, porventura a ordem dos bispos não consiste quase dos mesmos monstros? Exceto que muitos dentre eles são asnos indolentes, que nem desprezam publicamente a Deus, nem se opõem hostilmente à sã doutrina; contudo são tão enamorados de seu próprio estado depravado, que não podem suportar qualquer reforma. Acresce-se a isto que a autoridade residirá quase que totalmente em uns poucos, os quais, sendo deveras totalmente destituídos de qualquer preocupação pela verdadeira religião, se revelarão os mais ferozes sustentáculos da sé romana; outros comporão o número. Como cada um destes fala coisas as mais atrozes contra nós, haverá muitos, não só daqueles que só podem dar seus votos, mas também dos príncipes que subscreverão ou voluntária e entusiasticamente segundo suas próprias inclinações, ou movidos por ambição, ou por medo.

Não obstante, não sou tão injusto que não admita que alguns destes tenham um juízo mais são, e não sejam, de outro modo, indispostos; porém não possuem tanta coragem que ousem resistir a perversidade de todo o corpo. Haverá, talvez, entre milhares, dois ou três que ousam proferir uma palavra mal expressa em prol de Cristo (como Pier Paolo Vergerio, em Trento), mas o santo concílio dos pais terá um remédio em mãos, de modo que os tais não gerem qualquer problema ulterior; porque, sendo lançados em prisão, serão logo arrastados a um recanto, ou terão que enfrentar a pena de morte por tanta liberdade no falar, ou terão que beber o cálice do silêncio perpétuo.

Mas tal é a equidade com que somos tratados, que

passamos por hereges indomáveis e irremediavelmente perversos, a não ser que busquemos no santo concílio a norma para a necessária reforma; a não ser que aquiesçamos, sem qualquer contestação, em seus decretos, sejam quais forem eles. Nós, aliás, não nos esquivamos da autoridade de um concílio legítimo (caso exista algum), como já tornamos sobejamente evidente através de provas claras. Mas quando requerem que nos curvemos ante o juízo do principal adversário de Cristo sem qualquer apelação, aliás, sob esta condição: que a religião seja definida ao sabor de seu arbítrio e bel-prazer, e não da Palavra de Deus, que razão temos para submissão, exceto que nos preparemos voluntária e conscientemente para negar a Cristo? Não há razão para alguém objetar e dizer que suspeitamos antes do tempo. Dêem-nos um concílio no qual se dê a espontânea liberdade de se defender a causa da verdade; caso nos recusemos a fazer isso, e dermos sequer uma razão para tudo o que temos feito, então, com justiça, que nos acusem de obstinação. Porventura nos será dada uma permissão de falar livremente? Ou, sem dúvida, seremos impedidos de fazer até mesmo uma defesa adequada? Pois, como é possível que, ao claro ressoar dos trovões da verdade, alguém poderia ainda suportar advertências, mesmo que sejam brandas e comunicadas em suaves sussurros? No entanto, uma coisa eles fazem publicamente – nos convidam; seria para nos conceder algum lugar nas cadeiras inferiores? Pior ainda: declaram não ser lícito admitir alguém a tomar seus assentos, senão aos ungidos e mitrados. Então, que se assentem, contanto que nos ouçam declarar a verdade enquanto nos mantemos de pé. Respondem que prometem ouvir espontaneamente; a saber, que havendo apresentado uma petição súplice, sendo ordenados imediatamente a deixar o recinto, após os clamores turbulentos de alguns dias, seremos lembrados com o propósito de sermos condenados. Digo clamores, não que alguma altercação de dissidentes estaria naquela assembléia, mas que os sacros

ouvidos dos bispos, uma vez sendo tão irreverentemente ofendidos por nós, a indignidade lhes parecer algo intolerável. Não é desconhecida quão tumultuosa é sua violência. Seguramente, quando devíamos determinar a causa com razão, isto jamais se obterá deles, quando nem mesmo um leve ouvir se pode esperar.

Diligenciamo-nos a restaurar o culto divino à sua pureza, purgando-o das inumeráveis superstições pelas quais ele tem sido corrompido. Aqui os oradores profanos tagarelam sobre nada além das instituições, dos velhos ritos e cerimônias dos pais, como se a igreja, ensinada pelo ministério celestial dos profetas e de Cristo, não conhecesse outra maneira de cultuar a Deus além de adotar, em brutal estupidez, as escórias de Rômulo, deixando-se fascinar pelas senis lorotas de Numa Pompílio. No entanto, onde está aquela simplicidade da obediência que o Senhor por toda parte tanto requer e de maneira tão distinta?

Se a controvérsia versa sobre a depravação da natureza humana, do miserável e perdido estado do gênero humano, da graça e poder de Cristo, ou da gratuidade de nossa salvação, imediatamente apresentam e dogmaticamente alegam os pútridos axiomas das escolas, como coisas que devem ser recebidas sem disputa. O Espírito Santo nos ensina, na Escritura, que nossa mente está ferida com tanta cegueira, as afecções de nosso coração são tão depravadas e pervertidas, toda nossa natureza está tão viciada, que nada podemos fazer senão pecar, até que ele forme em nosso íntimo uma nova vontade. Ele nos constrange, condenados à morte eterna, a renunciar a toda confiança em nossas próprias obras e a fugir para nosso único asilo: a misericórdia de Deus, e a confiar nela para toda nossa justiça. Ele testifica ainda, nos convidando para Deus, que este só é reconciliado conosco através do sangue de Cristo, e nos convida a depositar nossa confiança nos méritos de Cristo, e achegar-nos ousadamente ante o tribunal celestial. Para que nenhuma dessas coisas seja ouvida, evocam-se

aqueles infindáveis decretos, cuja violação é julgada mais ilícita do que descrer de Deus e de todos seus anjos.

Dos sacramentos, não permitem que se diga sequer uma palavra que difira das noções fomentadas sobre eles. E que mais é isto senão destruir qualquer possibilidade de reforma? Mas é fácil demonstrar quão contrária é a administração dos sacramentos sob o papado, de modo que dificilmente alguma coisa ali tenha alguma afinidade com a doutrina genuína de Cristo. Que espúrias corrupções se têm insinuado; pior ainda, que desditosos sacrilégios se têm introduzido! Não é lícito remover uma questão sobre este assunto. Daí ser um dito comum entre os teólogos, o qual já publicaram por toda parte em seus livros: para que a igreja permaneça a salvo, deve-se tomar especial cuidado para que o concílio não admita qualquer dúvida a respeito das principais controvérsias da atualidade. Entrou em cena também, recentemente, como se diz na linguagem italiana, o livro insípido de certo [Jerome] Mutius, desajuizadamente nada bafejando senão carnificina, no qual ele insiste profusamente neste ponto: que nada mais devem os reverendos pais fazer, quando reunidos em concílio, além de pronunciar o que já lhes parece certo sobre todo e qualquer tema, e compelir-nos a subscrever a seus editos sanguinários. Deveras eu não teria nem mesmo imaginado ser necessário mencionar os roucos chilreios dessa desditosa coruja, não tivesse o papa Júlio recomendado a obra. Daí, os leitores podem julgar que sorte de concílio recomenda Mutius, e deve-se esperar de Júlio, seu aprovador.

Como, pois, vemos que esses anticristos se precipitam com desesperada pertinácia com o fim de destruir a sã doutrina, e com igual insolência ousadamente exultam em haver estabelecido um concílio mascarado com nenhum outro propósito senão para que, pondo em fuga o evangelho, possam celebrar sua própria vitória; que nós também, de nosso lado, concentremos coragem para seguir após a

bandeira de nosso Líder, vestindo-nos com a couraça da verdade. Se tão-somente esplendesse a pura e simples doutrina da Escritura, como deve, então cada um, que não recusa a abrir seus olhos, reconheceria no papado um monstro selvagem e execrável, engendrado, pelas artes de Satanás, de inumeráveis massas de erros. Pois evidenciamos, pelas mais sólidas provas, que a glória de Deus é de tal sorte distribuída por uma sacrílega laceração entre ídolos fictícios, que dificilmente um por cento das porções de seu direito lhe é deixado. E mais, quando lhe reservam alguma porção de culto, podemos provar que nenhuma parte dele é sincera, visto que todas as coisas estão saturadas das invenções supersticiosas dos homens; a lei de Deus está igualmente toldada de vícios semelhantes, pois as consciências miseráveis são mantidas presas sob o jugo dos homens, em vez de serem governadas pelos mandamentos de Deus; e gemem e lutam sob o injusto fardo de tantas tradições; pior ainda, são oprimidas com cruel tirania. Declaramos que obediência prevaricadora de nada vale senão para conduzir os homens a um labirinto mais profundo. Demonstramos claramente, com base na Escritura, que o poder de Cristo sob o papado é quase abolido, que sua graça é em grande medida invalidada, que as almas infelizes são afastadas dele, são infladas com uma fatal confiança em seu poder e obras. Provamos que a oração devida a Deus, tal como nos é prescrita por sua Palavra (a qual é ainda o único e verdadeiro abrigo da salvação), é totalmente subvertida. Mostramos claramente que os sacramentos são adulterados por invenções irrelevantes, e são também transferidos a um propósito estranho; pois o poder do Espírito é impiamente atado a eles, e o que é peculiar a Cristo lhes é atribuído. Então repudiamos o número *sete*, o qual presunçosamente adotaram. A missa, igualmente, a qual imaginam ser um sacrifício, provamos ser uma desditosa negação do sacrifício de Cristo. Há muitas outras coisas sacrílegas das quais evidenciamos serem culpados.

Indubitavelmente, caso se admitisse unicamente a autoridade da Escritura, nada dessas coisas haveria, a respeito das quais nossos adversários não se veriam constrangidos a abafar. E isto é o que de modo algum disfarçam, quando contendem que, devido ao significado ambíguo da Escritura, devemos ater-nos somente ao juízo da igreja. Quem, rogo, não percebe que, ao descartarem a Palavra de Deus, todo o direito de definir as coisas é assim transferido a eles? Ainda que osculem as cópias fechadas da Escritura como certo tipo de culto, quando ainda a acusam de ser obscura e ambígua, não lhe permitem mais autoridade do que se nenhuma parte dela existisse escrita. Que assumam títulos ilusórios como bem lhes apraza, para que não pareçam alegar algo mais além dos ditames do Espírito (como costumam gabar-se), contudo lhes é algo certo e fixo que, uma vez descartadas todas as razões, somente as suas sejam cridas (αὐτόπιστος).

Então, para que os fiéis não sejam levados de roldão por todo vento de impostura, que não sejam expostos às astutas cavilações dos ímpios, deixando-se ensinar pela segura experiência da fé, saibam que nada é mais firme ou certo do que o ensino da Escritura, e a este suporte confiantemente recorram. E já que notamos ser ela vergonhosamente deformada pelos falsos comentários dos sofistas, e que hoje a ralé alugada do papa se inclina para este artifício, a fim de que por sua fumaça possam obscurecer a luz, cabe-nos ser mais atentos à restauração de seu esplendor.

Deveras tenho, de uma maneira especial, resolvido devotar-me a esta obra, enquanto eu viver, sempre que se me propiciem tempo e oportunidade. Em primeiro lugar, a igreja à qual pertenço receberá assim o fruto deste labor, de modo que ela possa avançar o máximo; pois ainda que uma pequena porção de tempo me reste dos deveres de meu ofício, contudo, por menor que ela seja, determinei devotar-me a este tipo de escrito.

Mas, volvendo-me a ti, ó ilustríssimo Rei, aqui tens um pequeno penhor: meus Comentários sobre as Epístolas Católicas, onde muitas coisas têm sido consideradas obscuras e recônditas, as quais eu tenho me esforçado por explicar, para que se abra um fácil acesso ao verdadeiro significado a um leitor não totalmente indolente. E, como os intérpretes da Escritura, segundo sua oportunidade, devem munir-se de armas para a batalha contra o Anticristo, assim também deves ter em mente ser este um dever que pertence à tua Majestade: vindicar das indignas calúnias a verdadeira e genuína interpretação da Escritura, de modo que a religião pura se desenvolva. Não foi sem razão que Deus ordenou a Moisés que, tão logo o rei fosse designado sobre seu povo, devia ele cuidar para ter uma cópia da Lei escrita para ele próprio. Por que assim, se ele, como um indivíduo privado, já se exercitava diligentemente nesta obra, senão para que soubesse que os reis têm pessoalmente necessidade desta extraordinária doutrina, e são especialmente obrigados a defendê-la e mantê-la? O Senhor designou à sua Lei uma habitação sacra em seus palácios. Ademais, já que a heróica grandeza de tua mente ultrapassa em muito à medida de tua idade, não há razão por que deva eu acrescentar mais palavras para estimular-te.

Adeus, nobilíssimo Rei. Que o Senhor proteja tua Majestade como já tem feito, governe a ti e a teus conselheiros com o espírito de sabedoria e fortaleza, e guarde todo teu reino em segurança e paz.

Genebra, 24 de janeiro de 1551.

SÉRIE COMENTÁRIOS BÍBLICOS

JOÃO CALVINO

Tiago



Argumento da Epístola de Tiago

Dos escritos de Jerônimo e Eusébio transparece que esta Epístola não foi inicialmente recebida por muitas igrejas sem oposição. Atualmente há também quem creia que ela não possui autoridade. Entretanto, inclino-me a recebê-la sem controvérsia, porquanto não percebo razão justa para rejeitá-la. Pois o que no segundo capítulo parece ser inconsistente com a doutrina da justificação gratuita, explicaremos facilmente em seu devido lugar. Ainda que pareça mais relutante em proclamar a graça de Cristo do que competia a um apóstolo, seguramente não requeria de todos resumir os mesmos argumentos. Os escritos de Salomão diferem muito dos de Davi; enquanto aquele tencionava formar o homem exterior e ensinar os preceitos da vida cívica, este falava continuamente do culto espiritual devido a Deus, da paz de consciência, da misericórdia de Deus e da graciosa promessa de salvação. Mas esta diversidade não deve nos levar a aprovar um e a condenar o outro. Além disso, entre os próprios evangelistas há tanta diferença em estabelecer o poder de Cristo, que os outros três, comparados com João, raramente têm fagulhas daquele pleno esplendor que transparece tão conspícuo nele, e, contudo, recomendamos a todos eles de igual modo.

É suficiente levar os homens a receber esta Epístola, a qual nada contém [que seja] indigno de um apóstolo de Cristo. Deveras se acha saturada de instrução sobre vários assuntos, cujo benefício se estende a cada parte da vida cristã; pois aqui há passagens notáveis sobre a paciência, a oração a

Deus, a excelência e o fruto da verdade celestial, a humildade, os deveres santos, a restrição da língua, o cultivo da paz, a repressão às concupiscências, a renúncia do mundo e coisas afins, as quais discutiremos separadamente em seus devidos lugares.

Quanto ao autor, porém, há alguma razão a mais para dúvida. É certo que ele não era o filho de Zebedeu, pois Herodes o matou logo depois da ressurreição de nosso Senhor. Os antigos são quase unânimes em crer que ele era um dos discípulos chamado [Tiago] Oblias, e um parente de Cristo, o qual foi nomeado sobre a igreja de Jerusalém; e presumiam que ele foi a pessoa de quem Paulo faz menção juntamente com Pedro e João, aos quais ele considerava colunas [Gl 2.9]. No entanto, não me parece provável que um dos discípulos fosse mencionado como uma das três colunas, e por isso exaltado acima dos demais apóstolos. Por isso me inclino mais à conjetura de que aquele de quem Paulo fala era o filho de Alfeu. Não obstante, não nego que outro fosse o líder da igreja de Jerusalém, e de fato um dos colegas dos discípulos; pois os apóstolos não estavam vinculados a algum lugar em particular. Mas, se um dos dois foi o escritor desta Epístola, não me cabe afirmar. Que [Tiago] Oblias certamente foi um homem de grande autoridade entre os judeus, ainda transparece do fato de que, como ele foi cruelmente entregue à morte pela facção de um sumo sacerdote ímpio, [Flávio] Josefo não hesitou em destruição da cidade, em parte, à sua morte.

Capítulo 1

1. Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos que se acham dispersas, saúde.
2. Meus irmãos, tende toda alegria quando cairdes em diversas tentações;
3. Sabendo isto: que a prova de vossa fé produz paciência.
4. Tenha, porém, a paciência sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e inteiros, de nada faltando.

1. Jacobus, Dei ac Domini Jesu Christi servus, duodecim tributus quae in dispersione sunt, salutem.
2. Omne gaudium existimate, fratres mei, quum in tentationes varias incideritis.
3. Scientes quod probatio fidei vestrae, patientiam operatur.
4. Patientia vero opus perfectum habeat, ut sitis perfecti et integri, in nullo deficientes.

1. Às doze tribos. Quando as dez tribos foram banidas, o rei assírio as colocou em diferentes partes. Mais tarde, como usualmente sucede nas revoluções de reinos (tal como sucedia então), é bem provável que elas saíram de lá em todas as direções. E os judeus foram dispersos para quase todos os quadrantes do mundo. Ele, pois, escreveu e exortou a todos aqueles a quem ele não podia falar pessoalmente, porque haviam sido espalhados em regiões muito distantes. Mas, o fato de ele não falar da graça de Cristo e da fé nele, a razão parece ser esta: visto que ele se dirigiu aos que já tinham sido ensinados corretamente por outros, por isso não tinham tanta necessidade de doutrina, quanto dos estímulos das exortações.[1]

2. Toda alegria. A primeira exortação consiste em suportar as provações com mente otimista. E ela era especialmente necessária naquele tempo, como conforto para os judeus, quase esmagados pelas tribulações sob as quais viviam. Pois o próprio nome da nação era tão infame, que passaram a ser odiados e desprezados por todos os povos aonde quer que fossem; e sua condição como cristãos os tornou ainda mais

miseráveis, porque tinham sua própria nação como seus mais inveterados inimigos. Ao mesmo tempo, esta consolação não era tão apropriada a um único tempo, mas que é sempre valiosa aos crentes, cuja vida é uma constante batalha sobre a terra.

Mas, para que saibamos mais plenamente o que ele tinha em mente, indubitavelmente devemos tomar *tentações* ou provações como a incluir todas as coisas adversas; e são assim chamadas porque constituem as provas de nossa obediência a Deus. Ele convida os fiéis, enquanto se exercitavam com elas, a que se regozijassem; e isso não só quando enfrentavam uma tentação, e sim muitas; não só de um tipo, e sim de vários tipos. E, indubitavelmente, visto que serviam para mortificar nossa carne, visto que os vícios da carne se desenvolvem continuamente em nós, assim devem, necessariamente, ser repetidas com frequência. Além disso, como labutamos em meio às doenças, assim não surpreende que diferentes remédios sejam aplicados para removê-las.

O Senhor, pois, nos aflige de várias maneiras, porque a ambição, a avareza, a inveja, a glutonaria, a intemperança, o excessivo amor do mundo, e as inumeráveis concupiscências nas quais nos vemos enredados, não podem ser curadas pela mesma medicina.

Ao nos estimular, *tende toda alegria*, é como se ele quisesse dizer que as tentações devem ser de tal modo consideradas como lucro, que sejam tidas como ocasiões de júbilo. Em suma, sua intenção é dizer que não há nada nas aflições que devam perturbar nossa alegria. E, assim, ele não só nos ordena a suportar serenamente as adversidades, e com uma mente equilibrada, porém mostra que há uma razão pela qual os fiéis devem regozijar-se quando premidos por elas.

Deveras é certo que todos os sentidos de nossa natureza são de tal modo formados, que cada provação produz em nós tristeza e dor; e nenhum de nós até aqui pode despojar-se de sua natureza a ponto de não ter tristeza e dor sempre que sentir algum mal. Mas isso não impede os filhos de Deus de

subir, pela orientação do Espírito, acima do sofrimento da carne. Daí suceder que no meio das aflições não cessam de regozijar-se.

3. Sabendo isto: que a prova. Agora percebemos por que ele denominava as adversidades de *provas* ou tentações, a saber, porque servem para testar nossa fé. E há aqui uma razão dada para confirmar a última sentença. Porque, em contrapartida, era possível objetar-se: "Como é possível julgarmos doce aquilo que aos sentidos é amargo?" Ele, pois, mostra pelo efeito que devemos regozijar-nos nas aflições, porque elas produzem fruto que deve ser muitíssimo valorizado, a saber, a paciência. Se Deus, pois, faz provisão para nossa salvação, ele nos propicia uma ocasião para nos regozijarmos. Pedro usa um argumento parecido no início de sua primeira Epístola: "Para que a prova de vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro... seja para louvor, e honra, e glória..." [1Pe 1.7]. Com certeza temos medo das doenças, da carência, do exílio, da prisão, do opróbrio, da morte, porque consideramos essas coisas como males; mas quando entendemos que, pela bondade de Deus, se convertem em socorros e auxílios para nossa salvação, murmurar seria ingratidão, e não se submeter voluntariamente a elas é renunciar a paternidade divina.

Em Romanos 5.3, Paulo diz que devemos gloriar-nos nas tribulações; e Tiago diz aqui que devemos regozijar-nos. "Nos gloriamos", diz Paulo, "nas tribulações; sabendo que a tribulação produz paciência". O que segue imediatamente parece contradizer as palavras de Tiago; pois ele menciona provação em terceiro lugar, como o efeito da paciência, o que aqui é posto em primeiro como se fosse a causa. A solução, porém, é óbvia. A palavra ali tem um significado ativo; aqui, porém, um passivo. Tiago afirma que a provação ou prova produz paciência; pois se Deus não nos provasse, mas nos deixasse livres de problema, não haveria paciência, a qual outra coisa não é senão fortaleza da mente em suportar os males. Paulo, porém, tem em mente que, ao

suportarmos vencemos os males, experimentamos quão valioso é o socorro divino nas necessidades; pois então a verdade de Deus é como se na realidade se nos manifestasse. Daí sucede que ousamos nutrir mais esperança no futuro; pois a verdade de Deus, conhecida pela experiência, é mais plenamente crida por nós. Daí Paulo ensinar que, por meio de tal provação, a saber, a experiência da graça divina, produz-se a esperança, não que só então a esperança tem início, mas que ela cresce e é confirmada. Mas ambos têm em mente que a tribulação é o meio pelo qual se produz a paciência.

Além do mais, as mentes humanas não são, por natureza, tão bem formadas, que a aflição por si só produza a paciência nelas. No entanto, Paulo e Pedro levam em conta não tanto a natureza dos homens quanto a providência de Deus através da qual ela vem; que os fiéis, das tribulações aprendam a paciência; pois os ímpios são, por isso, mais e mais levados à demência, como prova o exemplo de faraó.[2]

4. Mas que a paciência tenha sua obra perfeita. Como a ousadia e a coragem às vezes surgem em nós e logo depois se desvanecem, ele, pois, requer perseverança. "A paciência real", diz ele, "é aquela que suporta até o fim". Aqui, por *obra* se quer dizer o esforço, não só para vencer numa demanda, mas perseverar por toda a vida. Esta perfeição pode também referir-se à sinceridade da alma, que os homens devem espontaneamente, e não aparentemente, submeter-se a Deus; mas, como a palavra *obra* é adicionada, prefiro explicá-la como sendo constância. Pois há muitos, como já dissemos, que a princípio demonstram uma grandeza heróica, e logo depois se tornam exaustos e desfalecem. Ele, pois convida os que desejam ser *perfeitos* e *inteiros*,[3] a perseverar até o fim.

Mas o que ele quis dizer por estas duas palavras, mais adiante explica, a saber, os que não fracassam, ou não se cansam; pois os que, se deixando vencer em sua paciência, são alquebrados, gradativa e necessariamente se

enfraquecem e, por fim, desfalecem completamente.

5. E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e não recrimina, e lhe será dada.	5. Porro si quis vestrum dstituitur sapientia, postulet a Deo, qui dat omnibus simpliciter, nec exprobrat; et dabitur ei.
6. Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é como uma onda do mar arrastada pelo vento e arrojada.	6. Postulet autem in fide, nihil haesitans; nam qui haesitat similis est fluctui maris, qui vento agitur et circumfertur.
7. Pois, não pense tal homem que receberá alguma coisa do Senhor.	7. Non ergo existimet homo ille quod sit quiequam accepturus à Domino.
8. Um homem de mente dividida é inconstante em todos seus caminhos.	8. Vir duplici animo, instabilis est in omnibus viis suis.

5. E, se algum de vós tem falta de sabedoria. Como nossa razão, e todos os nossos sentimentos, são adversos ao pensamento de que podemos ser felizes em meio aos males, ele nos incita a orar para que o Senhor nos dê sabedoria. Aqui, por *sabedoria* limito-me ao sujeito da passagem, como se quisesse dizer: "Se esta doutrina é mais elevada do que vossas mentes podem alcançar, rogai ao Senhor que vos ilumine por seu Espírito; porque, como esta consolação sozinha é suficiente para mitigar toda a amargura dos males, que o que é doloroso à carne nos é salutar, assim, necessariamente, seríamos dominados pela impaciência, a menos que sejamos sustentados por este gênero de conforto". Porquanto notamos que o Senhor não requer de nós, propriamente, o que está acima de nossa própria força, mas se prontifica a nos socorrer, contanto que peçamos, aprendamos, pois, sempre que ordene algo, a rogar-lhe o poder para realizá-lo.

Ainda que neste lugar ser sábio equivalha a submeter-se a Deus para que suportemos os males, sob a devida convicção de que ele de tal modo ordena todas as coisas com o intuito de promover nossa salvação, contudo a sentença pode aplicar-se geralmente a cada ramo do reto conhecimento.

No entanto, por que ele diz, *se alguém*, como se nem todos eles fossem carentes de sabedoria? A isto respondo que todos, por natureza, são destituídos dela; mas que alguns são dotados com o espírito de sabedoria, enquanto que outros

não a possuem. Como, pois, nem todos já tinham feito tal progresso que se alegrassem na aflição, mas havia poucos a quem isto fora dado, por isso Tiago se reportou a esses casos, e lembrou aos que ainda não estavam plenamente convencidos que, pela cruz, sua salvação fora promovida pelo Senhor, e então orassem para que fossem revestidos de sabedoria. E, no entanto, não há dúvida de que a necessidade lembra a todos nós de orar pela mesma coisa; pois aquele que já fez maior progresso, não obstante ainda está bem longe do alvo. Todavia, orar por aumento de sabedoria é algo diferente de orar por ela a princípio.

Ao incitar-nos a *pedir ao Senhor*, ele notifica que somente o Senhor pode curar nossas doenças e aliviar nossas carências.

Que a todos dá liberalmente. Por *todos*, ele tem em mente aqueles que pedem; pois quem não busca nenhum remédio para suas carências merece definhar-se nelas. Não obstante, esta declaração universal, pela qual cada um de nós é convidado a pedir, sem exceção, é muito importante; daí ninguém deve privar-se de tão imenso privilégio.

Para o mesmo propósito é a promessa que imediatamente segue; pois, como por este mandamento ele mostra qual é o dever de cada um de nós, assim afirma que não atenderiam em vão o que ele ordena; em conformidade com isto, disse Cristo: “Batei, e abrir-se-vos-á” [Mt 7.7; Lc 11.9].

A palavra *liberalmente*, ou graciosamente, denota prontidão em dar. Daí Paulo, em Romanos 12.8, requerer dos diáconos simplicidade. E, em 2 Coríntios 8 e 9, ao falar da caridade ou amor, ele reitera várias vezes a mesma palavra. O significado, pois, é que Deus é tão inclinado e pronto a dar, que a ninguém rejeita, ou desdenhosamente despe não como sendo sovina e ganancioso, que ou com avareza, sendo de mão fechada, dá apenas uma migalha, ou dá apenas uma parte do que lhes fora dado, ou que se debate muito consigo mesmo se dá ou não.[4]

E sem recriminação. Isto é adicionado para que ninguém

temesse chegar perto demais de Deus. Os que entre os homens são mais liberais, quando alguém pede insistentemente que seja ajudado, menciona seus atos anteriores de bondade, e assim se escusam quanto ao futuro. Daí, um homem mortal, por mais liberal que possa ser, sente-se envergonhado de aborrecer, rogando com tanta frequência. Tiago, porém, nos lembra que em Deus não existe nada disso; pois ele é sempre pronto a adicionar novas bênçãos às anteriores, sem qualquer fim ou limitação.

6. Que peça com fé. Aqui ele mostra, em primeiro lugar, o modo correto de orar; porque, como não podemos orar sem a palavra, por assim dizer, a indicar o modo, assim devemos crer antes de orar; pois, por meio da oração, testificamos que esperamos obter da parte de Deus a graça que ele prometeu. E assim todo aquele que é destituído de fé nas promessas dissimuladamente. Daí aprendermos também qual é a verdadeira fé; pois Tiago, depois de ter insistido conosco a pedirmos com fé, adiciona esta explicação: *em nada duvidando*. Fé, pois, é aquela que confia nas promessas de Deus, e nos faz certos de obtermos o que pedimos. Daí se segue que ela está conectada com a confiança e certeza do amor de Deus para conosco. O verbo διακρίνεσθαι, usado por ele, significa propriamente examinar ambos os lados de uma questão, segundo o procedimento dos litigantes. Ele, pois, queria que nos convencêssemos de tal modo do que Deus uma vez prometeu, que não admite qualquer dúvida se seremos ou não ouvidos.

Aquele que duvida. Por meio desta similitude ele notavelmente expressa como Deus pune a incredulidade dos que duvidam de suas promessas; porque, por sua própria impaciência, se atormentam interiormente; pois nossas almas nunca se sentem tranquilas, a menos que recorram à verdade divina. Ele, por fim, conclui que tais pessoas são indignas de receber algo da parte de Deus.

Esta é uma passagem notável, apropriada para reprovar

aquele ímpio dogma que é considerado como um oráculo sob todo o papado, a saber, que devemos orar nutrindo dúvida e com incerteza quanto ao nosso sucesso. Mantemos, pois, este princípio: que nossas orações não são ouvidas por Deus, a menos que tenhamos confiança de que seremos atendidos. Aliás, não pode ser de outra maneira, senão que, através da fragilidade de nossa carne, seríamos açambarcados por várias tentações, as quais são como máquinas empregadas para abalarem nossa confiança; de modo que não se encontra ninguém que não vacila e treme segundo o sentimento de sua carne; mas tentações desse gênero por fim serão vencidas pela fé. O mesmo se dá com uma árvore, a qual tem o tronco firme nas raízes; é verdade que ela se abala pelo soprar do vento, porém não se arranca; ao contrário, permanece firme em seu próprio lugar.

8. Homem de mente dividida, ou homem de uma mente dupla. Esta sentença pode ser lida por si só, visto que ele fala, em termos gerais, dos hipócritas. Não obstante, a mim me parece ser, antes, a conclusão da doutrina precedente; e assim há um contraste implícito entre a simplicidade ou liberalidade de Deus, mencionada anteriormente, e a duplicidade do homem; pois como Deus nos dá com mão estendida, assim nos cabe, por nossa vez, abrir os recessos de nosso coração. Ele, pois, diz que os incrédulos, que têm recessos tortuosos, são *instáveis*; porque nunca são firmes ou fixos, mas, em um momento, se inflam com a confiança da carne; e, em outro, mergulham nas profundezas do desespero.[5]

9. Que o irmão abatido se regozije em ser ele exaltado;
10. Mas, o rico, em ser ele humilhado; porque, como a flor da erva, assim ele passará.
11. Pois o sol nem bem nasce com calor ardente, a erva já murcha e sua flor cai, e a graça de sua forma perece; assim também o rico desaparecerá em seus caminhos.

9. Porro glorietur frater humilis in sublimitate sua;
10. Dives autem in humilitate sua, quia tanquam flos herbae praeteribit.
11. Nam sol exortus est cum aestu, et exarescit herba, et flos ejus cecidit, et décor aspectus ejus perit; sic et dives in suis viis (*vel*, *copiis*) marcescet.

9. Que o irmão abatido. Como Paulo, que exorta os servos a que suportem sua sorte com submissão, põe diante deles esta consolação, de que eram os libertos de Deus, tendo sido libertados, por sua graça, da miserável escravidão de Satanás, e lhes recorda que, ainda que livres, entretanto eram servos de Deus; assim aqui, Tiago, da mesma maneira, convida os humildes a se gloriarem nisto: que foram adotados pelo Senhor como seus filhos; e os ricos, porque foram reduzidos à mesma condição, a vaidade do mundo lhes foi feita evidente. E, assim, os primeiros devem viver contentes com seu estado humilde e inferior; e ele proíbe os ricos de serem orgulhosos.

Visto que é incomparavelmente a maior dignidade ser introduzido à companhia dos anjos, mais ainda, ser feito associados de Cristo, aquele que estima corretamente este favor de Deus, considerará todas as demais coisas como sendo destituídas de valor. Então, nem pobreza, nem desprezo, nem nudez, nem fome, nem sede farão sua mente tão ansiosa, mas que ele se sustentará com esta consolação: "Visto que o Senhor me tem conferido a coisa primordial, cabe-me suportar pacientemente a perda de outras coisas, as quais são inferiores".

Eis como um irmão humilde deve se gloriar em sua elevação ou exaltação; pois se ele é aceito por Deus, então tem suficiente consolação exclusivamente em sua adoção, de modo que não se afligirá indevidamente por um estado de vida menos próspero.

10. Mas, o rico, em ser ele humilhado, ou em sua humildade. Ele já mencionou o particular pelo geral; pois esta admoestação pertence a todos quantos se sobressaem em honra, ou em dignidade, ou em alguma outra coisa. Ele os convida a gloriar-se em sua humildade ou pequenez, com o fim de reprimir a altivez dos que costumam se inflar com a prosperidade. Mas ele lhe dá o título de *humildade*, porque o reino manifestado de Deus deve levar-nos a desprezar o mundo, como bem sabemos que todas as coisas que

anteriormente admiramos tanto são ou nada ou coisas mui pequenas. Pois Cristo, que não passa de mestre de inexperientes, por meio de sua doutrina refreia toda a altivez da carne. Portanto, para que a vã alegria do mundo não cativasse os ricos, devem habituar-se a gloriar-se em descartar sua excelência carnal.[6]

Como a flor da erva. Caso alguém diga que Tiago alude às palavras de Isaías, não faria muita objeção; mas não posso admitir que ele cita o testemunho do profeta, o qual fala não só das coisas desta vida e do caráter transitório do mundo, mas do homem como um todo, tanto o corpo quanto a alma; aqui, porém, o que se expressa é a pompa da riqueza e dos ricos. E o significado é que gloriar-se nas riquezas é estulto e ridículo, porque elas passam num instante. Os filósofos ensinam a mesma coisa; mas a canção é entoada aos surdos, até que os ouvidos sejam abertos pelo Senhor, para ouvir a verdade concernente à eternidade do reino celestial. Daí ele mencionar *irmãos*, notificando que não há lugar para esta verdade, até que sejamos admitidos na ordem dos filhos de Deus.

Muito embora a redação aceita seja ἐν ταῖς πορείαις, contudo concordo com Erasmo, e leio a última palavra, πορίαις, sem o ditongo, "em suas riquezas", ou com suas riquezas; e prefiro a segunda redação.[7]

12. Bem-aventurado o homem que suporta a tentação; porque, quando ele for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu àqueles que o amam.
13. Que ninguém, ao ser tentado, diga: eu sou tentado por Deus; pois Deus não pode ser tentado pelo mal, nem tenta a ninguém.
14. Mas cada um é tentado quando se vê atraído e seduzido por sua própria concupiscência.
15. Então, havendo a concupiscência concebido, dá à luz ao pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte.

12. Beatus vir qui sunffert tentationem; quoniam quum probatus fuerit, accipiet coronam vitae, quam promisit Deus diligentibus ipsum.
13. Nemo quum tentatur dicat, a Deo tentor; Deus enim nec tentari malis potest, nec quenquam tentat.
14. Sed unusquisque tentatur, dum à sua concupiscentia abstrahitur, et inescatur.
15. Postquam autem concupiscentia concepit, prit peccatum; peccatum vero perfectum generat mortem.

12. Bem-aventurado o homem. Depois de haver aplicado consolação, ele moderou o sofrimento dos que eram

severamente tratados neste mundo, e uma vez mais humilhou a arrogância dos grandes. Ele agora extrai esta conclusão: feliz é quem suporta de maneira magnânima tribulações e outras provações, de modo que se eleva acima delas. A palavra *tentação* deveras pode ser entendida de outra maneira, a saber, para os grilhões das concupiscências, os quais fustigam os recônditos da alma; mas o que aqui se recomenda, como penso, é a fortaleza da mente em suportar as adversidades. Não obstante, constitui um paradoxo o fato de não serem felizes aqueles para quem todas as coisas vêm segundo seus desejos, mas, tais como são, não superam os males.

Porque, quando ele for tentado. Ele apresenta uma razão para a sentença precedente; pois a coroa segue a disputa. Se, pois, nossa principal felicidade for coroada no reino de Deus, segue-se que as lutas com que o Senhor nos prova são auxílios e assistências para nossa felicidade. E assim o argumento procede do fim ou do efeito; daí concluirmos que os fiéis são envolvidos por tantos males para este propósito: para que sua piedade e obediência possam manifestar-se, e para que, por fim, estejam preparados para receber a coroa da vida.

Mas, arrazoa absurdamente quem daí infere que pela luta merecemos a coroa; porque, visto que Deus graciosamente a designou para nós, nossa luta simplesmente nos torna aptos para recebê-la.

Ele acrescenta que ela é *prometida* àqueles que *amam* a Deus. Ao falar assim, não é que ele tenha em mente que o amor humano seja a causa da obtenção da coroa (pois Deus nos antecipa por meio de seu amor gratuito); mas simplesmente notifica que os eleitos que o amam são os únicos aprovados por Deus. Ele ainda nos lembra que os vencedores de todas as tentações são aqueles que amam a Deus, e que falham, não em coragem quando somos provados por nenhuma outra causa, senão porque o amor do mundo prevalece em nós.

13. Que ninguém, ao ser tentado. Aqui, sem dúvida, ele fala de outro gênero de tentação. É demasiadamente evidente que as tentações externas, mencionadas até aqui, nos são enviadas por Deus. Foi assim que Deus tentou Abraão [Gn 22.1], e diariamente nos tenta, a saber, ele nos prova quanto ao que somos, pondo diante de nós uma ocasião mediante a qual nossos corações se tornam conhecidos. Extrair, porém, o que se acha oculto em nossos corações é algo muito diferente de seduzi-los interiormente por meio de concupiscências perversas.

Ele, pois, aqui trata de tentações íntimas, as quais nada mais são do que os desejos desordenados que arrastam ao pecado. Com razão, ele nega que Deus seja o autor delas, porquanto elas emanam da corrupção de nossa natureza.

Esta advertência se faz muito necessária, pois nada é mais comum entre os homens do que transferir para outros a culpa dos males que cometem; e, então, especialmente parece que se livram quando a atribuem a Deus mesmo. Imitamos constantemente este tipo de evasão, a qual nos foi legada, tal como é, desde o primeiro homem. Por esta razão, Tiago nos convoca a confessar nossa própria culpa, e a não implicar Deus, como se ele nos compelisse a pecar.

Pois a totalidade da doutrina bíblica parece ser inconsistente com esta passagem, porquanto ela nos ensina que os homens são cegados por Deus, que são entregues a uma mente reprovável e abandonados às concupiscências imundas e vergonhosas. A isto respondo que Tiago, provavelmente, foi induzido a negar que somos tentados por Deus por esta razão: porque os ímpios, com o fim de formular uma desculpa, se armam com testemunhos da Escritura. Pois aqui há duas coisas a serem levadas em conta: quando a Escritura atribui a Deus a cegueira ou dureza de coração, ela não atribui a Deus o princípio dessa cegueira, nem o faz autor do pecado, a ponto de atribuir-lhe a responsabilidade; e Tiago apenas insiste sobre estas duas coisas.

A Escritura assevera que os réprobos são entregues às concupiscências depravadas; mas isso é assim porque o Senhor perverte ou corrompe seus corações? De modo algum; pois seus corações estão sujeitos às concupiscências depravadas, porquanto já são corruptos e viciosos. Mas, visto que Deus cega ou endurece, porventura ele se torna o autor ou ministro do mal? Não! Mas é desta maneira que ele pune os pecados dos ímpios e dá uma recompensa justa a quem porventura recusa deixar-se governar por seu Espírito [Rm 1.26]. Daí se segue que a origem do pecado não está em Deus, e não se pode imputar-lhe nenhuma culpa, como se ele tivesse prazer nos males [Gn 6.6].

O significado é que se esquiva em vão quem tenta lançar sobre Deus a culpa de seus vícios, porque todo mal não procede de nenhuma outra fonte, senão da perversa concupiscência do homem. E, realmente, o fato é que somos levados a desviar-nos de nenhuma outra maneira, senão porque cada um tem sua própria inclinação como seu condutor e impulsor. Mas, que Deus a ninguém tenta, ele prova com isto: porque ele não é *tentado pelos males*.[8] Pois é o diabo que nos atrai ao pecado, e por esta razão: porque ele arde totalmente com o demente desejo de pecar. Deus, porém, não deseja o que é mal; portanto, ele não é o autor do mal que nos é feito.

14. Quando ele é atraído por sua própria concupiscência. Como a inclinação e o excitamento a pecar provêm do íntimo, futilmente o pecador busca uma escusa para o impulso externo. Ao mesmo tempo, é preciso notar bem esses dois efeitos da concupiscência: que esta nos enreda por suas fascinações, e nos atrai; cada uma destas é suficiente para fazer-nos culpados.[9]

15. Então, havendo a concupiscência concebido. Primeiro, ele evoca aquela concupiscência que não é qualquer tipo de afeição ou desejo nocivo, mas aquela que é a fonte de todas as afeições nocivas, pelas quais, como ele mostra, concebem

progênies viciosas, as quais, por fim, prorrompem em pecados. Não obstante, parece impróprio, e diferente do uso da Escritura, restringir a palavra *pecado* a obras externas, como se de fato a concupiscência em si não fosse pecado, e como se os desejos corruptos, permanecendo cicatrizados no íntimo e suprimidos, não fossem tantos pecados. Mas como o uso de uma palavra varia, nada há de irracional se aqui for tomado, como em muitos outros lugares, por pecado atual.

E os papistas, ignorantemente, agarram esta passagem e buscam provar, com base nela, que as concupiscências viciosas, sim, imundas e perversas, e as mais abomináveis, não são pecado, desde que não haja assentimento; pois Tiago não mostra quando o pecado tem início, a ponto de ser pecado, e assim considerado por Deus, mas quando ele se manifeste de repente. Pois ele segue em frente gradualmente, e mostra que a consumação do pecado é morte eterna, e que o pecado se origina dos desejos depravados, e que esses desejos ou afetos depravados têm sua raiz na concupiscência. Daí se segue que os homens colhem fruto na perdição eterna, e fruto esse que tem granjeado para si mesmos.

Portanto, por *pecado perfeito* entendo não qualquer ato pecaminoso perpetrado, mas o curso completo de pecar. Pois ainda que a morte seja merecida por todo e qualquer pecado, contudo lemos que ela é a recompensa de uma vida ímpia e perversa. Daí ser a tontice dos refutados, os quais concluem destas palavras que o pecado não é mortal até que ele se manifesta, como dizem, num ato externo. Tampouco é disto que Tiago trata; mas seu objetivo era apenas este: ensinar que há em nós a raiz de nossa própria destruição.

16. Não erreis, meus amados irmãos.
17. Toda boa dádiva, e todo dom perfeito, vêm do alto, e desce do Pai das luzes, em quem não há variação nem sombra de mudança.
18. De sua própria vontade ele nos gerou

16. Ne erretis, fratres mei dilecti:
17. Omnis donatio bona et omne donum perfectum desursum est, descendens a Patre luminum; apud quem non est trasmutatio, aut conversionis obumbratio.
18. Is sua voluntate genuit nos sermone

com a palavra da verdade, para que fôssemos como que um tipo de primícias de suas criaturas.

veritatis, ut essemus primitiae quaedam suarum creaturarum.

16. Não erreis. Este é um argumento com base no que é oposto; pois como Deus é o autor de todo bem, é absurdo presumir ser ele o autor do mal. O que lhe pertence com propriedade é fazer o bem, e está em harmonia com sua natureza; e dele nos vem todas as coisas boas. Então, seja qual for o mal que ele faça, isso não se harmoniza com sua natureza. Mas, como às vezes sucede que aquele que se comporta bem ao longo da vida, contudo falha em algumas coisas, ele satisfaz essa dúvida negando que Deus seja mutável como os homens. Mas se Deus é, em todas as coisas e sempre, consistente consigo mesmo, daí se segue que fazer o bem é sua obra perene.

Este raciocínio é muito diferente daquele de Platão, o qual sustentava que nenhuma calamidade é enviada por Deus, porquanto ele é bom; pois ainda que seja justo que os crimes dos homens são castigados por Deus, contudo não é certo, com referência a ele, considerar entre os males aquela punição que ele inflige com justiça. Deveras Platão era ignorante; Tiago, porém, deixando a Deus o direito e o ofício de punir, simplesmente remove dele a culpa.

Esta passagem nos ensina que devemos deixar-nos afetar de tal modo pelas inumeráveis bênçãos de Deus, as quais recebemos diariamente de suas mãos, que em nada mais pensemos senão em sua glória; e que devemos sentir aversão por tudo quanto vem a nossa mente, ou é sugerido por outros, que porventura não é compatível com seu louvor.

Deus é denominado *o Pai das luzes*, como a possuir toda a excelência e a mais elevada dignidade. E quando imediatamente adiciona que não há nele *nenhuma sombra de mudança*, ele dá segmento à metáfora, para que não meçamos o esplendor de Deus pela irradiação do sol que surge sobre nós.[10]

18. De sua própria vontade. Ele agora apresenta uma prova

especial da bondade de Deus que já havia mencionado, a saber, que ele já nos regenerou para a vida eterna. Cada um dos fiéis sente em si mesmo este inestimável benefício. Então a bondade de Deus, quando conhecida pela experiência, deve remover deles toda opinião contrária acerca dele.

Ao dizer que Deus, *de sua própria vontade*, ou espontaneamente, *nos gerou*, ele notifica que Deus não foi induzido por nenhuma outra razão, visto que a vontade e o conselho de Deus frequentemente são postos em oposição aos méritos dos homens. Aliás, quão maravilhoso teria sido dizer que Deus não foi constrangido a agir assim! Mas ele expressa algo mais: que Deus, segundo seu próprio beneplácito, nos gerou, e assim fez de si mesmo sua própria causa. Daí se segue ser natural Deus fazer o bem.

Esta passagem, porém, nos ensina que, como nossa eleição antes da fundação do mundo foi gratuita, assim somos iluminados tão-somente pela graça de Deus quanto ao conhecimento da verdade, de modo que nossa vocação corresponde à nossa eleição. A Escritura mostra que fomos adotados graciosamente por Deus antes que nascêssemos. Aqui, porém, Tiago expressa algo mais, a saber, que obtemos o direito de adoção, porque Deus também nos chamou graciosamente [Ef 1.4, 5]. Ademais, daqui aprendemos que o ofício peculiar de Deus é regenerar-nos espiritualmente; pois essa mesma coisa às vezes é atribuída aos ministros do evangelho, não em outro sentido senão que Deus age através deles; e de fato se dá através deles, mas, não obstante, ele é o único que faz a obra.

O verbo *gerou* significa que nos tornamos pessoas novas, de modo que nos despimos de nossa natureza anterior quando somos eficazmente chamados por Deus. Ele adiciona como Deus nos gera, a saber, pela *palavra da verdade*, para que saibamos que não podemos entrar no reino de Deus por nenhuma outra porta.

Para que fôssemos como que um tipo de primícias de suas

criaturas. A palavra τινὰ, "algum", tem o significado de semelhança, como se quisesse dizer que somos de alguma maneira as primícias. Mas isso não deve restringir-se a uns poucos dentre os fiéis; senão que pertence a todos em comum. Mas como o homem é mais excelente entre todas as criaturas, assim o Senhor elege alguns dentre toda a massa e os separa para si como uma santa oferenda.[11] Não é uma nobreza comum a que Deus enaltece seus próprios filhos. Então com razão se diz ser excelente como as primícias quando a imagem de Deus é renovada neles.

19. Portanto, meus amados irmãos, todo homem seja pronto para ouvir, tardio para falar e tardio para se irar. 20. Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus. 21. Por isso, pondo de lado toda a imundícia e a superfluidade da malícia, recebei com mansidão a palavra enxertada, a qual é apta para salvar vossas almas.	19. Itaque, fratres mei dilecti, sit omnis homo celer ad audiendum, tardus autem ad loquendum, tardus ad iram: 20. Ira enim hominis justitiam Dei non operatur. 21. Quappropter deposita omni immunditie, et redundantia malitiae, cum mansuetudine suscipite insitum sermonem qui potest servare animas vestras.

19. Todo homem. Fosse esta uma sentença geral, a inferência seria muito forçada; mas, como ele imediatamente acrescenta uma sentença relativa à palavra da verdade ajustável ao último versículo, não tenho dúvida de que ele acomoda esta exortação peculiarmente ao tema em mãos. Tendo, pois, posto diante de nós a bondade de Deus, ele mostra como nos tornamos preparados para receber a bênção que ele exibe em nosso favor. E esta doutrina é muito proveitosa, pois a geração espiritual não é uma obra de um momento. Visto que alguns resquícios do velho homem sempre persistem em nós, devemos fortalecer, necessariamente, a renovação da vida, até que a carne seja abolida; pois a nossa perversidade, ou arrogância, ou indolência constitui um grande impedimento para Deus aperfeiçoar em nós sua obra. Daí, quando Tiago quer que sejamos prontos para ouvir, ele recomenda prontidão, como se quisesse dizer: "Quando Deus tão graciosa e bondosamente se apresenta a vós, deveis também tornar-vos

dóceis, para que vossa lentidão não o faça desistir de falar".

Mas, visto que não ouvimos Deus falar-nos serenamente, quando a nossos próprios olhos nos parecemos mui sábios, mas com nossa pressa o interrompemos quando nos fala, o apóstolo requer de nós silêncio, e que sejamos *tardos em falar*. E, indubitavelmente, ninguém pode ser um genuíno discípulo de Deus, a não ser que o ouça em silêncio. Não obstante, ele não requer silêncio da escola pitagorista, para que ela não tenha o direito de inquirir sempre que desejarmos aprender o que é necessário ser conhecido; mas ele quer apenas que nós corrijamos e restrinjamos nossa prontidão, para que, como sucede costumeiramente, não interrompamos irracionalmente a Deus, e que, enquanto ele abre seus santos lábios, abramos para ele nossos corações e nossos ouvidos, e não o impeçamos de falar.

Tardos para irar. Segundo penso, a ira é também condenada com respeito ao ouvir o que Deus exige que lhe seja dado, como se, causando tumulto, ela o perturbasse e o impedisse, pois Deus não pode ser ouvido exceto quando a mente está serena e sossegada. Daí ele acrescentar que, enquanto a ira mantiver o domínio não existe espaço para a justiça de Deus. Em suma, a menos que o fogo da contenda seja banido, jamais observaremos para com Deus aquele silêncio sereno do qual ele acaba de falar.

21. Por isso, pondo de lado. Ele conclui dizendo como a palavra da vida deve ser recebida. E, de fato, antes de tudo ele notifica que ela não pode ser corretamente recebida, a menos que seja implantada, ou lance raízes em nós. Pois a expressão, *receber a palavra implantada*, deve ser assim explicada: "Recebê-la, para que seja realmente implantada". Pois ele alude à semente que amiúde é semeada em solo árido, e não recebida no seio úmido da terra; ou às plantas que, sendo lançadas no solo, ou introduzidas em madeira morta, logo murcha. Ele, pois, requer que seja uma implantação viva, pela qual a palavra se torna, por assim dizer, unida com nosso coração.

Ao mesmo tempo, ele mostra a via e a maneira desta recepção, a saber, *com mansidão*. Com estas palavras, ele tem em mente a humildade e prontidão de uma mente disposta a aprender, tal como Isaías descreve, quando diz: "Habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e para vivificar o coração dos contritos" [Is 57.15]. Daí haver tão pouco proveito na escola de Deus, porque dificilmente um em cem renuncia a obstinação de seu próprio espírito e mansamente se submete a Deus; mas quase todos são presunçosos e refratários. Mas se desejamos ser a plantação viva de Deus, temos de subjugar nossos corações orgulhosos e ser humildes, e labutar para sermos como cordeiros, a ponto de suportarmos ser governados e guiados por nosso Pastor.

Mas, como os homens nunca se deixam domar assim, a ponto de terem um coração sereno e manso, a menos que sejam purgados das afeições depravadas, assim ele nos convida a *pôr de lado a impureza e o excesso de perversidade*. E, como Tiago emprestou uma comparação da agricultura, era-lhe necessário observar esta ordem: começar arrancando as ervas daninhas. E, visto que falava a todos, podemos daí concluir que esses são os males inerentes de nossa natureza, e que eles aderem a todos nós; sim, visto falar aos fiéis, ele mostra que nunca estamos totalmente purificados deles nesta vida, mas que estejamos em constante desenvolvimento, e por isso ele requer que se tome constante cuidado para que sejam erradicados. Como a palavra de Deus é especialmente santa, sempre oportuna de ser recebida, devemos despir-nos das coisas imundas pelas quais nos tornamos poluídos.

Sob a palavra κακία, ele compreende a hipocrisia e a obstinação, tanto quanto os desejos ou concupiscências ilícitas. Não satisfeito em especificar a sede da perversidade, como estando na alma do homem, ele nos ensina que tão aversiva é a perversidade que habita ali, que transborda, ou

que sobe como se fosse um monte; e, indubitavelmente, quem quer que se examine bem, descobrirá que há em seu interior um imenso caos de males.[12]

A qual é apta para salvar. É um sublime elogio ou verdade celestial o fato de obtermos, através dela, uma salvação infalível; e isto é adicionado para que aprendamos a buscar e a amar e a glorificar a palavra como um tesouro que é incomparável. É, pois, um aguilhão pontiagudo a castigar nossa indolência, quando ele diz que a palavra que costumamos ouvir tão negligentemente é o meio de nossa salvação, muito embora, para este propósito, não se atribua à palavra o poder de salvar, como se a salvação fosse comunicada pelo som externo dessa palavra, ou como se o ofício de salvar fosse tirado de Deus e transferido para outro; pois Tiago fala da palavra que, pela fé, penetra nos recessos do coração humano, e apenas notifica que Deus, o autor da salvação, a comunica por meio de seu evangelho.

22. Mas sede praticantes da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos.
23. Pois se alguém é ouvinte da palavra, e não praticante, esse é como um homem que contempla seu rosto natural num espelho;
24. Pois ele se contempla, e se vai, e logo esquece de como era.
25. Aquele, porém, que atenta para a perfeita lei da liberdade, e persevera nela, não sendo um ouvinte esquecido, mas um fazedor de obra, este homem será bem-aventurado em seu feito.
26. Se alguém entre vós aparenta ser religioso, e não refreia sua língua, mas engana seu próprio coração, a religião desse homem é vã.
27. A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e viúvas em sua aflição, e guardar-se incontaminado do mundo.

22. Estote factores sermonis, et non auditores solùm, fallentes vos ipsos.
23. Nam si quis auditor est sermonis, et non factor, hic similis est homini consideranti faciem nativitates sua especulo:
24. Consideravit enim seipsum, et abiit, et protinus oblitus est qualis sit.
25. Qui vero intuitus fuerit in legem perfectam, quae est libertatis, et permanserit, hic non auditor obliviosus, sed factor operis, beatus in opere suo erit.
26. Si quis videtur religiosus esse inter vos, nec refraenat linguam suam, sed decipit cor suum, hujus inanis est religio.
27. Religio pura et impolluta coram Deo et Patre, haec est, visitare pupillos et viduas in afflicitione ipsorum, immaculatum servare se à mundo.

22. Sede praticantes da palavra. Aqui, o praticante não é o mesmo que em Romanos 2.13, que satisfazia a lei de Deus e a cumpria em cada parte, mas o praticante é aquele que de

coração abraça a palavra de Deus e com sua vida testifica que realmente crê, segundo o dito de Cristo: “Bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam” [Lc 11.28]; pois ele mostra, pelos frutos, o que está implantado, mencionado previamente. Devemos observar que a fé, com todas suas obras, é incluída por Tiago, sim, a fé especialmente como a principal obra que Deus requer de nós. A essência de tudo é que devemos labutar para que a palavra do Senhor lance raízes em nós, de modo que mais tarde frutifique.[13]

23. Ele é como um homem. A doutrina é deveras um espelho no qual Deus se apresenta à nossa vista; de modo que sejamos transformados em sua imagem, no dizer de Paulo em 2Coríntios 3.18. Aqui, porém, ele fala do relance externos dos olhos, não da meditação vívida e eficaz que penetra o coração. Eis uma comparação notável pela qual ele notifica sucintamente, a saber, que uma doutrina meramente ouvida e recebida nos recessos do coração de nada vale, porque logo se desvanece.

25. A perfeita lei da liberdade. Depois de haver falado da especulação vazia, ele passa agora àquela intuição penetrante que nos transforma na imagem de Deus. E, como tinha a ver com os judeus, ele toma a palavra *lei*, que lhes era familiarmente conhecida, como que incluindo toda a verdade de Deus.

Mas, por que ele chama *lei perfeita* e lei da *liberdade*, os intérpretes não têm sido capazes de entender; pois não conseguem perceber que aqui há um contraste, o qual pode ser deduzido de outras passagens da Escritura. Enquanto a lei é pregada pela voz externa do homem, e não inscrita pelo dedo e pelo Espírito de Deus no coração, não passa de letra morta, e, por assim dizer, algo sem vida. Não surpreende, pois, que a lei seja considerada imperfeita, e que é a lei da escravidão; pois, como Paulo ensina em Gálatas 4.24, separada de Cristo ela gera a escravidão; e como ele mesmo

nos mostra em Romanos 8.13, ela nada pode fazer senão nos encher de incerteza e temor. Mas o Espírito de regeneração, que a inscreve em nossas partes íntimas, traz também a graça de adoção. Significa, pois, o mesmo se Tiago tivesse dito: "O ensino da lei, não vos conduzindo mais à escravidão, mas, ao contrário, vos conduz à liberdade; então ela não seja mais apenas um professor, mas que vos conduza à perfeição. Ela deve ser recebida por vós com sincera afeição, de modo que vos leve a uma vida piedosa e santa".

Ademais, visto ser uma bênção provinda do Antigo Testamento que a lei de Deus nos transforma, como transparece de Jeremias 31.35, bem como em outras passagens, segue-se que ela não pode ser obtida até que nos acheguemos a Cristo. E, indubitavelmente, tão-somente ele é o fim e a perfeição da lei; e Tiago adiciona *liberdade*, como um associado inseparável, porque o Espírito de Cristo nunca regenera, senão que se torna também uma testemunha e um penhor de nossa divina adoção, a ponto de livrar nossos corações de temor e tremor.

E continua. Isto equivale a perseverar firmemente no conhecimento de Deus; e ao acrescentar, *este homem será bem-aventurado em seu feito*, ou obra, ele tem em mente que a bem-aventurança deve ser encontrada no agir, não no frio ouvir.[14]

26. Aparenta ser religioso. Ele agora reprova, inclusive naqueles que se vangloriavam de serem praticantes da lei, um vício sob o qual os hipócritas comumente labutam, isto é, a devassidão da língua em difamar. Antes ele tocara no dever de se restringir a língua, mas para um fim distinto; pois então estimulou o silêncio diante de Deus, para que sejamos mais prontos a aprender. Agora ele fala de outra coisa, a saber, que os fiéis não empreguem sua língua na difamação.

Deveras era necessário que este vício fosse condenado, quando o tema era a guarda da lei; pois, quem se tem despido dos mais grosseiros vícios, está especialmente

sujeito a esta enfermidade. Aquele que não é adúltero, nem ladrão, nem ébrio, mas, ao contrário disso, aparenta brilhantismo com alguma demonstração externa de santidade, e passa a difamar a outros, e isto sob a alegação de zelo, na realidade fará isso pelo desejo de caluniar.

Aqui, pois, o objetivo era fazer distinção entre os verdadeiros adoradores de Deus e os hipócritas, os quais, de tal maneira se inchavam com orgulho farisaico, que buscavam louvor nos defeitos dos outros. *Se alguém*, diz ele, *aparenta ser religioso*, isto é, que faz exibição de santidade, e no ínterim se exalta falando mal dos outros, disso se faz evidente que o tal realmente não serve a Deus. Pois, ao dizer que sua religião é vã, ele não só notifica que outras virtudes são danificadas pela mancha da difamação, mas a conclusão é que o zelo pela religião que aparenta não é sincero.

Mas engana seu próprio coração. Não aprovo a versão de Erasmo – "mas leva seu coração errar"; pois ele põe em relevo a fonte daquela arrogância para a qual os hipócritas se inclinam, através da qual, sendo cegados por um amor imoderado de si mesmos, acreditam que são muito melhores do que realmente o são; e aí, sem dúvida, está a doença da calúnia, porque a bolsa, como diz Esopo em seu *Apólogo*, pendurada atrás, não é vista. Corretamente, pois, Tiago, desejando remover o efeito, isto é, o desejo de difamar, adicionou a causa, a saber, que os hipócritas se exaltam imoderadamente. Pois estariam prontos a perdoar, fossem eles, por sua vez, reconhecer que eles mesmos necessitam de perdão. Daí as vanglórias pelas quais enganam a si mesmos quanto a seus próprios vícios os fazem os desdenhosos sensores dos outros.

27. Religião pura. Ao passar por aquelas coisas que são da maior importância na religião, ele não define geralmente o que é religião, mas nos recorda que a religião sem as coisas que menciona nada é; como quando alguém dado ao vinho e à glutonaria se gaba de ser temperante, e o outro objete dizendo que o homem temperante é aquele que não se

entrega aos excessos no tocante ao vinho ou à comida; seu objetivo não é expressar tudo o que a temperança é, mas fazer referência a uma só coisa, oportuna ao tema em mão. Pois, de quem ele fala, não passa de um fútil religioso, e, em sua maior parte, não passa de um embusteiro tagarela.

Tiago, pois, nos ensina que a religião não deve ser avaliada por cerimônias pomposas; mas que há deveres importantes para os quais os servos de Deus devem atentar bem.

Visitar nas necessidades é estender uma mão de socorro, com o fim de aliviar aqueles que se acham aflitos. E como há muitos outros a quem o Senhor nos incita a socorrer, ao mencionar viúvas e órfãos, ele declara uma parte pelo todo. Não há dúvida, pois, de que sob uma coisa particular ele nos recomenda o próprio ato de amor, como se quisesse dizer: "Aquele que quer ser tido como religioso, então prove ser tal mediante a renúncia e a prática da misericórdia e benevolência para com seus semelhantes".

E diz ainda, *diante de Deus*, para notificar que, o que parece ser indiferente aos homens que se deixam levar por máscaras externas, no tocante a nós devemos buscar o que agrada a Deus. Por *Deus e Pai* devemos entender Deus que é pai.

---

1. A saudação é peculiar; mas na mesma forma com a carta enviada a Antioquia pelos apóstolos (dos quais Tiago era um), e a igreja de Jerusalém (At 15.23). Portanto é apostólica, ainda que adotada de uma forma comumente usada pelos escritores pagãos. Conferir Atos 23.26. João, em sua segunda Epístola, versículos 10 e 11, usa o verbo χαίρειν num sentido semelhante; e ele significa propriamente regozijar. Sendo um infinitivo, o verbo λέγω, dizer ou declarar, é posto por João antes dele, e evidentemente está subentendido aqui. "Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, declara (ou envia, ou deseja) alegria às doze tribos que estão em sua dispersão." Tinha havido uma dispersão *oriental* e uma *ocidental*; a primeira no cativeiro assírio e babilônico, e a segunda durante o predomínio do poder grego, que começa com Alexandre o Grande. Como esta Epístola foi escrita em grego, sem dúvida foi tencionada mais especialmente aos da última dispersão. Mas o benefício da dispersão oriental foi levado em conta, como a própria primeira versão do Novo Testamento foi feita neste idioma, isto é, a Siríaca; e isto foi feito no início do segundo século.

2. A palavra usada por Tiago é δοχίμιον, prova, o ato de testar; e, por Paulo, é

δοχιμὴ, o resultado de testar, experiência. Tiago fala de provação, e Paulo da experiência granjeada por ela.

3. “Perfeito, τέλειοι, plenamente crescido, maduro; “inteiro, ὁλόχληζοι”, completo, sem faltar qualquer parte. O primeiro termo se refere à maturidade da graça; e o segundo, à sua completude, sem faltar a graça. Devem ser como homens plenamente crescidos, e não aleijado ou mutilado, mas tendo todos seus membros completos.

4. O significado literal de ἁπλῶς é simplesmente sem qualquer mistura; o substantivo ἁπλότης é usado no sentido de sinceridade, que não tem mescla de hipocrisia ou fraude (2Co 1.12), e no sentido de liberalidade, ou livre disposição do que é sórdido e parcimonioso, não tendo nenhum misto de avareza (2Co 8.2). Este último é o significado aqui, de modo que “liberalidade”, segundo nossa versão, é a melhor palavra.

5. “Mente dividida”, ou homem com duas almas, δίψυχος, sem dúvida significa, aqui, o homem que hesita entre fé e incredulidade, porque fé é o tema da passagem. Quando outra vez usada, em 4.8, significa uma hesitação entre Deus e o mundo.

6. A opinião de Macknight e alguns outros, de que a referência é à humildade a que o rico se via reduzido pela perseguição, não se coaduna com a passagem, pois o apóstolo mais adiante fala da brevidade da vida humana e sua incerteza, e não da natureza transitória das riquezas, que seria mais apropriado se ele tivesse em vista confortar os ricos na perda de propriedade. O estado cristão era “humilde” em conformidade com a avaliação do mundo.

7. O texto recebido é considerado como a melhor redação; a outra se encontra em poucas cópias.

8. Literalmente, “intentável por males”, isto é, não passível de ser tentado ou seduzido por males, por coisas perversas e pecaminosas. Ele é tão puro, que não se deixa influenciar por qualquer propensão má; que ele não está sujeito a quaisquer sugestões más. Daí se segue que ele a ninguém tenta ou seduz ao que é pecaminoso. Sendo que em si mesmo não pode ser assaltado pelos males, ele não pode seduzir outros ao que é mal. Como Deus não pode ser tentado a fazer o que é pecaminoso, ele também não pode de modo algum tentar outros a pecar. As palavras podem ser assim traduzidas: 13. “Ninguém, quando seduzido, diga: Sou tentado por Deus; pois ele não é passível de ser seduzido pelos males, e ele mesmo a ninguém seduz”.

9. As palavras são muito notáveis: “Mas cada um é tentado [ou seduzido] quando, por sua própria concupiscência, se deixa atrair [isto é, pelo que é bom] e é apanhado [ou engodado] por uma isca”. Antes de tudo, ele é afastado da raia do dever, e então é apanhado por algo que é agradável e plausível; mas, como a isca, ele que tem em si um anzol fatal.

10. Este versículo deve ser tomado em conexão com o que vem antes. Ao mencionar “toda boa dádiva”, ele faz isso em oposição ao mal do qual afirma que Deus não é o autor. Conferir Mateus 7.11. E “todo dom perfeito e gratuito”, como δώρημα significa, tem uma referência à correção do mal que se origina no próprio homem. E ele chama dom gratuito e perfeito, porque não possui nenhum misto de

mal, do qual nega peremptoriamente que Deus seja o autor. Então, a última parte do versículo mantém uma correspondência com a primeira. Ele chama Deus "o Pai das luzes". Luz, na linguagem bíblica, significa especialmente duas coisas: a luz da verdade, do conhecimento divino e da santidade. Deus é o Pai, o progenitor, a origem, a fonte das luzes. Daí, dele desce todo dom bom, proveitoso e necessário, para livrar o homem do mal, da ignorância e da ilusão, e todo dom gratuito e perfeito liberta os homens de suas concupiscências perversas e o faz santo e feliz. E, para mostrar que Deus é sempre o mesmo, ele adiciona: "em quem não há variação ou sombra [ou escuridão, ou a mais leve aparência] de mudança"; isto é, que nunca varia em seus tratos com os homens, e não revela nenhum sintoma de qualquer mudança, sendo o autor e doador de todo bem, e não o autor de algum mal, isto é, de pecado.

11. Sendo as primícias uma parte e um penhor da ceifa vindoura, para retermos a metáfora devemos considerar "criaturas", aqui, como incluindo todos os salvos nas eras futuras. Por isso a opinião preferível é de quem considera os primeiros convertidos, que eram judeus, como as primícias.

12. O que torna esta passagem insatisfatória é o significado dado a περισσεία, traduzido por alguns por "superfluidade", e por outros, "redundância". O verbo περισσεύω significa não só abundar, mas também ser um resíduo, permanecer, ser um remanescente. Vejam-se Mateus 14.20; Lucas 9.17. E seu derivado, περίσσευμα, é usado no sentido de um resto ou uma sobra [Mc 8.8]; e esta mesma palavra é usada na Septuaginta para rty, que significa um resíduo, um remanescente, ou o que sobra [Ec 7.8]. Tendo este significado aqui, e o sentido não só será claro, mas mui notável. Tiago estava falando com cristãos; e ele os exorta a lançar fora toda impureza e resto de perversidade, ou mal, como a palavra κακία significa mais propriamente. Vejam-se Atos 8.22; 1 Pedro 2.16. "Toda impureza", ou imundícia, significa todo gênero de impurezas oriundas das indulgências concupiscentes e carnais; e "o restante de perversidade", em pensamento e ato, segue mui apropriadamente.

13. Calvino não toma nota da última sentença: "Enganando-vos a vós mesmos". O particípio significa enganar com falso raciocínio. Ela pode ser traduzida com Doddridge: "Sofisticamente, enganando-vos a vós mesmos".

14. Pode ser traduzido assim: "O mesmo será bem-aventurado em (ou por) fazê-la", isto é, a obra. A mesma ação da lei da liberdade, de que o evangelho prescreve, faz um homem bem-aventurado ou feliz.

Capítulo 2

1. Meus irmãos, não tenhais a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, o Senhor da glória, em acepção de pessoas.
2. Porque, se em vossa assembléia chegar um homem com anel de ouro, com trajes preciosos, e ali entrar também um homem pobre com roupa desprezível,
3. E tiverdes respeito pelo que usa uma roupa garbosa, e lhe disserdes: Assenta-te aqui num lugar de honra; e disserdes ao pobre: Fica em pé ali, ou assenta-te aqui sob meu estrado;
4. Porventura não fazeis distinção entre vós mesmos, e não vos fazeis juízes de maus pensamentos?

1. Fratres mei, ne in acceptionibus personarum fidem habeatis Domini Jesu Christi ex opinione, (*vel*, *gloria*.)
2. Si enim ingressus fuerit in coetum vestrum vir áureos anulos gestans, veste indutus splendida; ingressus autem fuerit et pauper in sórdida veste;
3. Et respexeritis in eum qui vestem fert splendida, et ei dixeritis, Tu sede hic honeste, et pauperi dixeritis, Tu sta illic, vel, Sede hic sub scabello pedum meorum;
4. An non dijudicati estis in vobisipsis, et facti judices malarum cogitationum?

À primeira vista, esta reprovação parece dura demais e destituída de razão; pois um dos deveres da cortesia, que não devem ser negligenciados, é a honra devida aos que ocupam posição elevada no mundo. Ademais, se acepção de pessoas for um vício, os servos devem ser livres de toda e qualquer sujeição; pois a liberdade e a servidão são por Paulo consideradas condições da vida. O mesmo se deve pensar dos magistrados. Mas a solução de tais questões não é difícil, se o que Tiago escreve não for separado. Pois ele não reprova simplesmente que se deva prestar honra aos ricos, mas que isso não deve ser feito visando a denegrir e trazer opróbrio aos pobres; e isto transparecerá mais claramente quando prossegue falando da norma do amor.

Portanto, lembremo-nos de que a acepção de pessoas, aqui condenada, é aquela pela qual o rico é tão exaltado, que se faz injustiça ao pobre, o que ele também mostra claramente pelo contexto. E, seguramente, ambiciosa é essa honra e

saturada de vaidade que se demonstra para com os ricos em desonra dos pobres. Tampouco se duvida que reine ambição e também vaidade quando as máscaras deste mundo são as únicas em alta estima. Devemos recordar esta verdade: que deve ser contado entre os herdeiros do reino de Deus quem desconsidera os réprobos e honra os que temem a Deus [Sl 15.4].

Aqui, pois, condena-se o vício contrário, a saber, quando, pelo mero respeito pelos ricos, alguém honra os perversos, e, como já foi dito, desonra os bons. Se, pois, leres assim: "Peca quem respeita o rico", a sentença seria absurda; mas se, como segue, "peca quem honra somente o rico e despreza o pobre, e o trata com desdém", esta deve ser uma doutrina pia e verdadeira.

1. Não tenhais fé [...] com acepção de pessoas. Ele tem em mente que a acepção de pessoas é inconsistente com a fé em Cristo, de modo que não podem estar unidos, e com razão; pois, pela fé, estamos unidos em um só corpo, no qual Cristo mantém a primazia. Quando, pois, as pompas do mundo se tornam proeminentes a ponto de encobrir o que Cristo é, torna-se evidente que a fé possui bem pouco vigor.

Ao traduzir τῶς δόξης "por conta da estima" (*ex opinione*), segui a Erasmo; ainda que o antigo intérprete não possa ser culpado de traduzi-lo por "glória", pois a palavra significa ambas as coisas, e pode apropriadamente aplicar-se a Cristo, e isso em conformidade as nuanças da passagem. Pois tão grande é o esplendor de Cristo, que facilmente extingue todas as glórias do mundo, se deveras ele irradiar-se em nossos olhos. Daí se segue que Cristo é pouco estimado por nós quando nos domina a admiração da glória do mundo. Mas a outra exposição é também mui oportuna, pois quando a estima ou valor dos ricos ou dos eminentes ofusca nossos olhos, a verdade é suprimida, a qual deveria ser a única a prevalecer. *Assenta-te convenientemente* equivale a assenta-te honrosamente.

4. Porventura não fazeis distinção entre vós mesmos? Ou, não sois condenados por vós mesmos? Isto pode ser lido tanto afirmativamente quanto interrogativamente, mas o sentido seria o mesmo, pois com isto ele amplia a falta, a saber, que se deleitavam e se condescendiam numa perversidade tão imensa. Se for lido interrogativamente, o significado fica assim: "Porventura vossa própria consciência não vos convence, de modo a não necessitardes de nenhum outro juiz?" Se a preferência for pela afirmativa, é o mesmo se ele dissesse: "Ainda sucede este mal: não pensais que estais pecando, nem sabeis que vossos pensamentos são tão perversos como de fato o são".[15]

5. Atentai bem, meus amados irmãos; não escolheu Deus os pobres deste mundo para serem ricos na fé, e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?
6. Mas tendes desprezado os pobres. Não são os ricos que vos oprimem e vos arrastam perante os tribunais?
7. Porventura não blasfemam eles o bom nome pelo qual sois chamados?

5. Audite, fratres mei dilecti, nonne Deus elegit pauperes mundi hujus divites in fide et haeredes regni quod promisit iis qui diligunt eum?
6. Vos autem contemptui habuistis pauperem: nonne divites tyrannidem in vos exercent et iidem trahunt vos ad tribunalia?
7. Et iidem contumelia afficiunt bonum nomen quod invocatum est super vos?

5. Atentai bem, meus amados irmãos. Ele prova agora, por um duplo argumento, que agiam absurdamente quando, em prol dos ricos, desprezavam os pobres. O primeiro argumento é este: é inconveniente e desditoso humilhar aqueles a quem Deus exalta, e tratar com desonra aqueles a quem ele honra. Visto que Deus honra os pobres, então todo aquele que os repudia reverte a ordem divina. O segundo é tomado da experiência comum; porque, visto que os ricos são, em sua maioria, os que molestam os bons e inocentes, é muito irracional fazer tal retribuição pelas injustiças que fazem, de modo que sejam mais aprovados por nós do que os pobres, os quais nos ajudam mais do que erram contra nós. Agora veremos como ele segue em frente com estes dois pontos.

Porventura Deus não escolheu os pobres deste mundo?

Deveras não só isso, mas ele desejava começar com eles, com o fim de golpear o orgulho dos ricos. Isto é também o que Paulo diz, que Deus escolheu não muitos nobres, nem muitos poderosos no mundo, mas aqueles que são fracos, para que os que pareciam fortes fossem envergonhados [1Co 1.25]. Em suma, ainda que Deus derramasse sua graça sobre os ricos em comum com os pobres, contudo sua vontade é preferir estes àqueles, para que os poderosos aprendessem a não se gabar, e para que os ignóbeis e os obscuros atribuíssem tudo que o que são à misericórdia de Deus, e para que ambos fossem treinados para a mansidão e humildade.

Ricos na fé não são aqueles que transbordam em grandeza de fé, e sim os que são enriquecidos por Deus com vários dons de seu Espírito, os quais recebem pela fé. Pois, sem dúvida, visto que o Senhor trata liberalmente a todos, cada um se torna participante de seus dons segundo a medida de sua própria fé. Se, pois, somos vazios ou necessitados, isso prova a deficiência de nossa fé; pois se apenas alargarmos o porto da fé, Deus está sempre pronto a enchê-lo.

Ele diz que o reino é *prometido* aos que amam a Deus; não que a promessa dependa do amor, mas ele nos recorda que somos chamados por Deus para a esperança da vida eterna, sobre esta condição e para este fim: para que o amemos. Então, o fim, e não o começo é aqui posto em realce.

6. Não são os ricos. É como se ele os instigasse à vingança apresentando a regra injusta dos ricos, a fim de que, os que eram injustamente tratados, pudessem retribuir com a mesma moeda; no entanto, em outro lugar, somos convidados a praticar o bem aos que nos prejudicam. Mas o objetivo de Tiago era bem outro; pois ele apenas desejava mostrar que era destituído de razão ou critério quem, por ambição, honrava seus algozes, e, no ínterim, prejudicava seus próprios amigos, pelo menos aqueles de quem nunca havia sofrido qualquer injustiça. Pois desse fato transparecia mais plenamente sua vaidade, a saber, que eram induzidos

por nenhum ato de bondade; apenas admiravam os ricos, só porque eram ricos; mais ainda, servilmente bajulavam a quem descobriam, para sua própria perda, ser injustos e cruéis.

De fato há alguns dentre os ricos que são justos e afáveis, e que odiavam toda injustiça; mas poucos dentre eles são achados assim. Tiago, pois, menciona o que geralmente acontece com a maioria e os que diariamente experimentam verdadeiras provações. Pois como os homens comumente exercem seu poder em fazer o que é injusto, daí sucede que, quanto mais poder alguém possui, pior ele é, e mais injusto é ele para com seus semelhantes. Portanto, os ricos devem munir-se de prudência, para que não contraiam nenhum contágio que em outros lugares prevalece entre os de sua própria condição.

7. O bom nome. Não tenho dúvida de que a referência aqui é ao nome de Deus e de Cristo. E ele diz *por* ou *no qual sois chamados*; não em oração, como a Escritura às vezes costuma fala, mas por profissão; como lemos que o nome de um pai, em Gênesis 48.16, é evocado em sua progênie, e em Isaías 4.1 o nome de um esposo é evocado na esposa. Portanto, é como se ele quisesse dizer: "O bom nome no quais vos gloriais, ou pelo qual julgais ser uma honra ser chamados; mas se eles arrogantemente caluniam a glória de Deus, quão indignos são de ser honrados pelos cristãos!"

8. Se cumprirdes a lei régia segundo a Escritura, Amarás a teu próximo como a ti mesmo, fazeis bem.
9. Mas, se fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, e sois redarguidos pela lei como transgressores.
10. Pois todo aquele que guarda toda a lei, e tropeçar em um só ponto, esse se faz culpado de todos.
11. Pos aquele que disse: Não adulterarás, também disse: Não matarás. Ora, se não cometeres adultério, porém matares, te tornas um transgressor da lei.

8. Si legem quidem regiam perficitis juxta scripturam, Diliges proximum tuum sicut teipsum, benefacitis. (Lv 19.18; Mt. 22.39; Mc 12.31; Rm 13.9; Gl 4.14.)
9. Sin personam respicitis, peccatum committitis, et redarguimini à lege veluti transgressores. (Lv 19.15; Dt 1.17, 19.)
10. Quisquis enim totam legem servaverit, offenderit autem in uno, factus est omnium reus.
11. Nam qui dixit, Ne moecheris, dixit etiam, Ne occidas. Quod si non fueris moechatus, occideris tamen, factus es transgressor legis.

Agora segue uma declaração mais clara; pois expressamente ele realça a causa da última reprovação, pois oficiosamente atentavam para os ricos, não em decorrência do amor, mas, ao contrário, de um fútil desejo de obter o favor deles. E constitui uma antecipação pela qual ele obviava uma escusa do outro lado; pois poderiam objetar e dizer que não deve se envergonhar quem humildemente se submete aos indignos. Aliás, Tiago concede que isto é verdadeiro, porém mostra que era falsamente pretendido por eles, porque mostravam esta dependência de homenagem, não em decorrência do amor por seus semelhantes, mas da acepção de pessoas.

Na primeira sentença, pois, ele reconhece como certos e louváveis todos os deveres do amor que cumprimos para com nossos semelhantes. Na segunda ele nega que a ambicionada acepção de pessoas deve ser julgada como sendo deste gênero, pois difere amplamente do que a lei prescreve. E o ponto principal desta resposta gira em torno das palavras "próximo" e "acepção de pessoas", como se ele quisesse dizer: "Se pretendeis que haja uma sorte de amor no que fazeis, isto pode ser facilmente reprovado; pois Deus nos convida a amar nossos semelhantes, e não a mostrar acepção de pessoas". Além disso, esta palavra, "próximo", inclui todo o gênero humano; aquele, pois, que diz que uns poucos, segundo sua própria fantasia, devem ser honrados e outros, ignorados, não guardam a lei de Deus, mas dão rédeas soltas aos desejos depravados de seu próprio coração. Deus nos recomenda expressamente os estranhos e inimigos, e todos, mesmo os mais desprezíveis. A acepção de pessoas é totalmente contrária a esta doutrina. Daí, Tiago corretamente assevera que a acepção de pessoas é inconsistente com o amor.

8. Se cumprirdes a lei régia. Aqui, eu tomo lei simplesmente como a norma de vida; e *cumpri-la*, ou concretizá-la, equivale a guardá-la com real integridade de coração, e, como dizem, sem rodeios (*rotunde*); e ele põe

essa definição em oposição com uma observação parcial dela. Aliás, lemos que ela é uma *lei régia*, como o caminho ou a estrada que é régia; isto é, plana, reta e nivelada, o que, por implicação, é posto em oposição com atalhos e curvas sinuosos.

Não obstante, aqui se faz alusão, como penso, à obediência servil que rendiam aos ricos, quando podiam, servindo sinceramente a seus semelhantes, ser não só livres, mas viver como reis.

Quando, em segundo lugar, ele diz que os que faziam acepção de pessoas eram *redarguidos*, ou reprovados pela lei, lei aqui é tomada em conformidade com seu significado característico. Porque, visto que somos incitados pelo mandamento de Deus a abraçar todos os mortais, cada um que, com umas poucas exceções, rejeita todo o restante, quebra o vínculo divino e inverte também a ordem divina e por isso é corretamente chamado um transgressor da lei.

10. Pois todo aquele que guarda toda a lei. O que tão-somente ele quer dizer é que Deus não será honrado com exceções, nem nos permitirá eliminar de sua lei o que nos é menos agradável. À primeira vista, esta sentença parece dura para alguns, como se o apóstolo aprovasse o paradoxo dos estóicos, para os quais todos os pecados são nivelados, e como se ele afirmasse que aquele que ofende numa coisa deve ser punido da mesma forma que aqueles cuja vida tem sido pecaminosa e perversa. Mas é evidente, à luz do contexto, que tal coisa não estava em sua mente.

Pois devemos observar sempre a razão pela qual algo é dito. Ele nega que nossos semelhantes sejam amados quando só uma parte deles é escolhida em decorrência de ambição, e o restante é negligenciado. Ele prova isto, porque não é obediência a Deus quando ela não é prestada igualmente em conformidade com seu mandamento. Então, como a norma de Deus é clara e completa ou perfeita, assim devemos considerar a completude; de modo que nenhum de nós deve, presunçosamente, separar o que ele ajuntou. Que haja, pois,

certa uniformidade, caso queiramos obedecer a Deus corretamente. Por exemplo, se um juiz punisse dez ladrões, e deixasse um deles sem punição, ele trairia a desonestidade de sua mente, pois assim se mostraria afrontado contra os homens mais do que contra os crimes; porque, o que ele condena em um, absolve em outros.

Agora, pois, entendemos qual seja o desígnio de Tiago, a saber, que, se eliminarmos da lei de Deus o que nos é menos agradável, ainda que em outras partes podemos ser obedientes, contudo, nos tornamos culpados de todas, porque em uma coisa particular violamos toda a lei. E ainda que ele acomode o que disse sobre o tema em mãos, contudo é tomado de um princípio geral – que Deus nos prescreveu uma norma de vida, a qual não nos é lícito mutilar. Porque não é dito de uma parte da lei: "Este é o caminho; andai nele"; tampouco a lei promete uma recompensa, exceto à obediência universal.

Néscios, pois, são os escolásticos, os quais consideram a justiça parcial, como a chamam, como sendo meritória; pois esta passagem, e muitas outras, claramente demonstram que não há justiça exceto numa obediência perfeita à lei.

11. Pois aquele que disse, ou aquele que tem dito. Esta é uma prova do versículo anterior; porque o Legislador é que deve ser considerado, em vez de cada preceito particular à parte. A justiça de Deus, como um corpo indiviso, está contida na lei. Todo aquele, pois, que transgride um artigo da lei, destrói, o quanto pode, a justiça de Deus. Além disso, como em uma parte, assim em toda parte, a vontade de Deus é testar nossa obediência. Daí um transgressor da lei ser todo aquele que ofende a qualquer um de seus mandamentos, segundo este dito: "Maldito todo aquele que não cumpre todas as coisas" [Dt 27.26]. Ademais, vemos que o transgressor da lei, e o culpado de todos, significa a mesma coisa, segundo Tiago.

12. Assim falai, e assim procedei, como aqueles 12. Sic loquimini, et sic facite, ut per legem

que serão julgados pela lei da liberdade.
13. Porque o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não demonstrou misericórdia; e a misericórdia se regozija sobre o juízo.

libertatis judicandi.
13. Judicium enim sine misericordia ei qui non praestiterit misericordiam; et gloriatur misericordia adversus judicium.

12. Assim falai. Há quem dá esta explicação: que, como se gabaram tanto, serão intimados perante o tribunal justo; pois os homens se absolvem segundo suas próprias noções, porque se esquivam do julgamento da lei divina. Ele, pois, lhes recorda que todos os atos e palavras são ali computados, porque Deus julgará o mundo em conformidade com sua lei. Não obstante, como tal declaração pode tê-los ferido com imoderado terror, a corrigir ou mitigar o que poderia ter-se imaginado severo, ele adiciona: *a lei da liberdade*. Pois conhecemos o que Paulo diz: "Todos quantos estão sob a lei, estão sob maldição" [Gl 3.10]. Daí o juízo da lei por si só é a condenação à morte eterna; mas, pela palavra *liberdade*, ele tem em mente que somos isentos do rigor da lei.

Este significado não é totalmente impróprio, ainda que, se alguém examina mais detidamente o que segue imediatamente, perceberá que Tiago tem em mente outra coisa; o sentido é como se ele quisesse dizer: "A não ser que desejais suportar o rigor da lei, deveis ser menos severos para com vossos semelhantes; pois a lei da liberdade equivale à misericórdia de Deus, a qual nos livra da maldição da lei". E assim este versículo deve ser lido com o que segue, onde ele fala do dever de suportar as debilidades. E, sem dúvida, toda a passagem fica bem assim: "Visto que nenhum de nós pode permanecer diante de Deus, a menos que seja libertado e isentado do rigor estrito da lei, devemos agir de tal modo que não excluamos com tanta severidade a indulgência ou misericórdia de Deus, da qual todos nós temos necessidade até o fim".

13. Porque o juízo será sem misericórdia. Esta é uma aplicação do último versículo ao tema em mãos, o que confirma plenamente a segunda explanação que já

mencionei; pois ele mostra que, visto que estamos à mercê unicamente de Deus, devemos mostrar isso àqueles a quem o Senhor mesmo nos recomenda.

Aliás, é uma singular recomendação de bondade e benevolência, que Deus prometa que será misericordioso para conosco, se procedermos assim para com nossos irmãos. Não que nossa misericórdia, por maior que seja, demonstrada para com os homens, mereça a misericórdia de Deus; mas que Deus quer que aqueles a quem adotou, como ele é para com eles um Pai bondoso e indulgente, suportem e exibam sua imagem sobre a terra, segundo o dito de Cristo: "Sede misericordiosos, como é misericordioso vosso Pai celestial" [Mt 5.7]. Notemos bem, em contrapartida, que ele não poderia anunciar nada mais severo sobre eles, ou mais terrível, do que o juízo de Deus. Daí se segue que é miserável e perdido todo aquele que foge para não dar o asilo do perdão.

A misericórdia se regozija. Como se ele quisesse dizer: "Tão-somente a misericórdia de Deus é que nos livra do medo e do terror do juízo". Ele toma *regozijo* ou *glória* no sentido de ser vitorioso ou triunfante; pois o juízo de condenação é suspenso no mundo inteiro, e nada, senão a misericórdia pode trazer alívio.

Difícil e forçada é a explanação dos que consideram misericórdia como expressa aqui pela pessoa, pois do homem não se pode dizer que se regozija ou se gloria do juízo de Deus; mas a própria misericórdia de certa forma triunfa, tão-somente reina quando a severidade do juízo dá vazão; ainda que eu não negue de que daí se origina a confiança de regozijar-se, isto é, quando os fiéis bem sabem que a ira de Deus de certa maneira se rende à misericórdia, de modo que, sendo aliviados por esta, não são esmagados por aquela.

14. Que proveito existe, meus irmãos, se alguém disser que tem fé, e não tiver obras? Pode tal fé salvá-lo?

14. Quid prodest, fratres mei, si fidem dicat aliquis se habere, opera autem non habeat? nunquid potest fides salvum facere ipsum?

15. Se um irmão ou irmã estiver nu, e destituído do alimento cotidiano,
16. E um de vós lhes disser: Ide em paz, aquentai-vos e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito haverá?
17. Assim também a fé, se ela não tiver obras, está morta, estando sozinha.

15. Quod si frater aut sóror nudi fuerint, et egentes quotidiano victu,
16. Dicat autem aliquis vestrum illis, Abite cum pace, calescite et saturamini; non tamen dederitis quae sunt necessaria corpori, quae utilitas?
17. Sic et fides, si opera non habuerit, mortua est per se.

14. Que proveito existe. Ele continua recomendando a misericórdia. E como já ameaçara que Deus seria um Juiz severo para conosco, e ao mesmo tempo mui terrível, a menos que sejamos bondosos e misericordiosos para com nossos semelhantes, e como, em contrapartida, os hipócritas objetavam e diziam que a fé nos é suficiente, na qual consiste a salvação dos homens, ele agora condena esta vã ostentação. A suma, pois, do que se diz aqui é que a fé sem amor de nada vale, e que por isso mesmo ela é totalmente morta.

Aqui, porém, suscita-se uma questão: Pode a fé ser separada do amor? Deveras é verdade que a exposição desta passagem tem produzido aquela distinção comum dos sofistas, entre fé informada e fé formada; mas desta Tiago nada sabia, pois das primeiras palavras transparece que ele fala de falsa profissão de fé; pois ele não começa assim: "Se alguém tem fé"; mas, "Se alguém *diz* que tem fé"; pelo quê ele certamente notifica que os hipócritas se gabam do título vazio de fé, a qual realmente não lhes pertence.

O que ele, pois, chama *fé* é uma concessão, como dizem os retóricos; pois quando discutimos um ponto, sem ofensa, aliás, é às vezes conveniente, conceder a um adversário o que ele demanda, pois tão logo a coisa em si é conhecida, o que é concedido pode ser facilmente tomado dele. Tiago, pois, como estava satisfeito com o fato de ser um falso pretexto com o qual os hipócritas se protegiam, não estava disposto a suscitar uma disputa sobre uma palavra ou uma expressão. Não obstante, lembremo-nos de que ele não fala segundo a impressão de sua própria mente, quando

menciona a fé, mas que, ao contrário, ele disputa contra aqueles que defendiam uma falsa pretensão de fé, da qual estavam totalmente destituídos.

Pode tal fé salvá-lo? Isto é o mesmo se ele dissesse que não obtemos a salvação por um frio e mero conhecimento de Deus, o que todos confessam ser mui verdadeiro; pois a salvação nos vem pela fé, por esta razão: porque ela nos une a Deus. E isto não de qualquer outra via, senão por sermos unidos ao corpo de Cristo, de modo que, vivendo através de seu Espírito, somos também governados por ele. Não existe tal coisa como isto na imagem morta da fé. Não surpreende, pois, que Tiago negue que a salvação esteja conectada com ela.[16]

15. Se um irmão, ou *porque se um irmão*. Ele toma um exemplo do que foi conectado com seu tema; pois ele esteve exortando-os a exercerem os deveres do amor. Se alguém, ao contrário, se gabasse de que estava satisfeito com uma fé sem obras, ele compara esta fé imaginária ao dito daquele que convida um homem faminto a saciar-se sem supri-lo com o alimento de que se acha destituído. Como, pois, aquele que despede um pobre com palavras, e não lhe oferece ajuda, trata-o com motejo, e assim aquele que inventa para si uma fé destituída de obras e sem qualquer dos deveres da religião, graceja com Deus.[17]

17. Está morta, estando sozinha. Ele diz que a fé está morta, se está sozinha, isto é, quando destituída de boas obras. Daí concluirmos que deveras ela não é fé, pois, quando morta, ela não retém o nome com propriedade. Os sofistas defendem esta expressão e dizem que alguma sorte de fé se encontra por si só; mas esta frívola maquinação é facilmente refutada; pois é suficientemente evidente que o apóstolo arrazoa com base no que é impossível, como quando Paulo denomina um anjo de anátema se ele tentar subverter o evangelho [Gl 1.8].

18. Sim, alguém pode dizer: Tu tens

18. Quin dicat quispiam, Tu fidem habes, et ego

fé, e eu tenho obras; mostra-me tua fé sem obras, e eu te mostrarei minha fé por minhas obras.
19. Tu crês que há um Deus; e fazes bem. Também os demônios crêem, e tremem.

opera habeo: ostende mihi fidem tuam sine operibus (*alias*, *ex operibus*) tuis, et ego tibi ex operibus meis ostendam fidem meam.
19. Tu credis quod Deus unus est, bene facis; et daemones credunt, ac contremiscunt.

18. Sim, alguém pode dizer. Erasmo introduz aqui duas pessoas como oradoras; uma delas se gaba da fé sem obras; e a outra, das obras sem fé; e ele pensa que ambas são, por fim, refutadas pelo apóstolo. Mas, este ponto de vista me parece forçado demais. Eles pensam ser estranho que isto seja dito por Tiago – *tu tens fé* –, quando ele não reconhece fé sem obras. Mas está muito equivocado quem não reconhece nestas palavras uma ironia. Então tomo ἀλλὰ por "muito ao contrário"; e τὶς por "alguém"; pois o desígnio de Tiago era expor a néscia vanglória dos que imaginavam que tinham fé quando, por sua vida, demonstravam que eram incrédulos; pois ele notifica que seria fácil a todos os santos que viviam uma vida santa desmascarar os hipócritas dessa vanglória com que se deixavam inflar.

Mostra-me. Ainda que a redação mais aceita traga "pelas obras", contudo o latim antigo é mais ajustável, e a redação também se encontra em algumas cópias gregas. Portanto, não hesito em adotá-la. Então ele convida a mostrar fé sem obras, e assim arrazoa com base no que é impossível, com o intuito de provar o que não existe. Daí ele falar ironicamente. Mas, se alguém preferir a outra redação, ela contém a mesma conclusão: "Mostra-me pelas obras tua fé". Porque, visto que esta não é algo ocioso, necessariamente deve ser provada por meio das obras. O significado, pois, é: "A menos que tua fé produza frutos, nego que tu tenhas qualquer fé".[18]

Mas pode-se indagar se a retidão externa da vida é uma evidência certa de fé, pois Tiago diz: "Mostrar-te-ei minha fé por minhas obras". A isto respondo que os incrédulos às vezes se sobressaem em virtudes ilusórias, e vivem uma vida honrosa isenta de todo e qualquer crime; e daí ser possível

que existam obras aparentemente excelentes à parte da fé. Aliás, nem Tiago sustenta que todo aquele que aparenta ser bom possui fé. Ele quer dizer apenas que a fé, sem a evidência de boas obras, é inutilmente pretendida, porque o fruto sempre provém da raiz viva de uma boa árvore.

19. Tu crês que há um só Deus. Disto uma só sentença parece evidente: que toda a disputa não é sobre a fé, e sim sobre o conhecimento comum de Deus, o qual não pode conectar o homem com Deus, como não o pode a vista do sol arrebatá-lo ao céu; mas é certo que, pela fé, nos aproximamos mais de Deus. Além disso, seria ridículo alguém dizer que os demônios têm fé; e Tiago prefere a estes, neste aspecto, do que hipócritas. O diabo *treme*, diz ele, à só menção do nome de Deus, porque, quando ele reconhece seu próprio juiz, se enche do temor dele. Aquele, pois, que despreza um Deus reconhecido é muito pior.

Fazes bem é expresso para o propósito de atenuação, como se quisesse dizer: "É verdade! É uma grande coisa mergulhar nas profundezas dos demônios".[19]

20. Mas, queres saber, ó homem fútil, que a fé sem obras é morta?
21. Abraão, nosso pai, não foi justificado por obras, quando teve que oferecer Isaque, seu filho, sobre o altar?
22. Bem vês que a fé operava com suas obras, e foi pelas obras que a fé foi aperfeiçoada.
23. E cumpriu-se a Escritura que diz: Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça; e ele foi chamado Amigo de Deus.
24. Vede, pois, que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé.
25. De igual modo, também, não foi Raabe, a meretriz, justificada pelas obras, quando recebeu os emissários, e os enviou por outro caminho?
26. Pois como o corpo sem o espírito é morto, assim a fé sem obras é igualmente morta.

20. Vis autem scire, O homo inanis! quod fides abisque operibus mortua sit?
21. Abraham pater noster, nonne ex operibus justificatus est, quum obtulit filium suum Isaac super altare?
22. Vides quo fides co-operata fuerit ejus operibus, et ex operibus fides perfecta fuerit?
23. Atque impleta fuit scriptura, quae dicit, Credidit Abraham Deo, et imputatum illi fuit in justitiam, et Amicus Deo vocatus est?
24. Videtis igitur quod ex operibus justificatur homo, et non ex fide solùm.
25. Similiter et Rahab meretrix, nonne ex operibus justificata est, quum excepit nuntios, et alia via ejecit?
26. Quemadmodum enim corpus sine anima mortuum est, ita et fides sine operibus mortua est.

20. Mas, queres saber. Precisamos entender o estado da questão, pois aqui a disputa não diz respeito à causa da

justificação, mas tão-somente que proveito tem uma profissão de fé sem obras, e que opinião devemos formar dela. De maneira absurda, pois, age quem se esforça por provar, à luz desta passagem, que o homem é justificado por obras, porque Tiago não tinha tal coisa em mente, pois as provas que ele anexa se referem a esta declaração: que não existe fé, nem mesmo morta, sem obras. Ninguém jamais entenderá o que é dito, nem julgar sabiamente as palavras, exceto aquele que tem em vista o desígnio do escritor.

21. Abraão, nosso pai, não foi. Os sofistas se prendem ao termo *justificado*, e então gritam, como sendo vitoriosos, que a justificação em parte é pelas obras. Devemos, porém, buscar uma interpretação correta em conformidade com o curso de toda a passagem. Já dissemos que Tiago, aqui, não fala da causa da justificação, ou da maneira como os homens obtêm a justiça, e isto é óbvio a cada um de nós; senão que seu objetivo era apenas mostrar que as boas obras estão sempre conectadas com a fé; e, portanto, visto declarar que Abraão foi *justificado por obras*, ele está falando da prova que deu de sua justificação.

Quando, pois, os sofistas instigam Tiago contra Paulo, tomam a direção do significado ambíguo de um termo. Quando Paulo diz que somos justificados mediante a fé, sua intenção não é outra senão dizer que, mediante a fé, somos considerados justos diante de Deus. Tiago, porém, tem em vista algo muito diferente, a saber, mostrar que aquele que professa que tem fé deve provar a realidade de sua fé por meio de suas obras. Indubitavelmente, Tiago, aqui, não queria ensinar a base sobre a qual nossa esperança da salvação deve repousar; e é justamente nisto que Paulo insiste.[20]

Portanto, para que não caiamos naquele falso raciocínio que tem enganado os sofistas, devemos notar bem o duplo significado do termo *justificado*. Com ele Paulo quer dizer a imputação gratuita da justiça diante do tribunal de Deus; e,

Tiago, a manifestação da justiça mediante a conduta, e isso diante dos homens, como podemos deduzir das palavras precedentes: “Mostra-me tua fé”, etc. Neste sentido, admitimos plenamente que o homem é justificado por obras, como quando alguém diz que uma pessoa se enriquece pela compra de uma grande e valiosa propriedade, porque suas riquezas, antes ocultas, fechadas num baú, se tornaram assim conhecidas.

22. Foi pelas obras que a fé foi aperfeiçoada.[21] Com isto uma vez mais ele mostra que a questão aqui não diz respeito à causa de nossa salvação, mas se as obras acompanham necessariamente a fé; porque, neste sentido, diz-se que ela foi aperfeiçoada pelas obras, porque ela não era ociosa. Lemos que ela foi aperfeiçoada pelas obras, não porque recebesse daí sua própria perfeição, mas porque assim ficou provado que ela era verdadeira. Pois a fútil distinção que os sofistas extraem destas palavras, entre fé formada e fé informada, não carece de refutação laboriosa; pois a fé de Abraão era formada e, portanto, aperfeiçoada antes que ele sacrificasse seu filho. E esta obra não era, por assim dizer, a obra final ou última, pois muitas coisas vieram mais tarde, pelas quais Abraão provou o aumento de sua fé. Daí, esta não era a perfeição de sua fé, nem então, pela primeira vez, se vestiu de sua forma. Tiago, pois, não entendeu outra coisa senão que a integridade de sua fé então apareceu, porque ela manifestou aquele notável fruto de obediência.

23. E a Escritura se cumpriu. Aqueles que buscam provar, com base nesta passagem de Tiago, que as obras de Abraão foram imputadas para justiça, devem, necessariamente, confessar que a Escritura é pervertida por ele; porque, por mais que a pervertam e torçam, jamais poderão fazer o efeito ser sua própria causa. A passagem é citada de Moisés [Gn 15.6]. A imputação da justiça, que Moisés menciona, antecedeu mais de trinta anos a obra pela qual pretendem que Abraão teria sido justificado. Visto que a fé foi imputada

a Abraão quinze anos antes do nascimento de Isaque, seguramente isso não poderia ter sido feito através da obra de sacrificá-lo. Eu considero que se vêem amarrados firmemente por um nó indissolúvel, todos quantos imaginam que a justiça foi imputada a Abraão diante de Deus, porque ele sacrificou seu filho Isaque, o qual ainda não nascera quando o Espírito Santo declarou que Abraão foi justificado. Daí, necessariamente, se segue que algo posterior é realçado aqui.

Por que, pois, Tiago diz que ela se cumpriu, senão porque ele tencionava mostrar que sorte de fé era aquela que justificou Abraão, isto é, que não era ociosa ou evanescente, mas que o fez obediente a Deus, como também encontramos em Hebreus 11.8? A conclusão, que se adiciona imediatamente, como dependente disto, não tem outra significação. O homem não é justificado pela fé sozinha, isto é, por um mero e vazio conhecimento de Deus; ele é justificado por obras, isto é, sua justiça é conhecida e provada por seus frutos.

25. De igual modo, também, não foi Raabe. Parece estranho que ele tenha conectado os que eram tão diferentes. Por que não escolheu, antes, alguns dentre um tão grande número de pais ilustres, e os anexou a Abraão? Por que preferiu uma meretriz a todos os demais? Intencionalmente, ele enfeixou duas pessoas tão diferentes em seu caráter, a fim de mostrar mais claramente que ninguém, não importa qual tenha sido sua condição, nação ou classe na sociedade, que sempre foram consideradas justas sem boas obras. Ele nomeou o patriarca, o mais eminente de todos; agora inclui sob a pessoa de uma meretriz todos quantos, sendo estranhos, foram congregados à igreja. Quem, pois, busca ser considerado justo, ainda que, porventura, esteja entre os mais humildes, contudo deve justificar sua alegação através de boas obras.

Tiago, segundo sua maneira de falar, declara que Raabe foi justificada por obras; e os sofistas concluem daí que obtemos

justiça pelos méritos das obras. Negamos, porém, que a disputa aqui seja concernente ao modo de obter-se justiça. Aliás, admitimos que se demandam boas obras para justiça; apenas removemos delas o poder de conferir justiça, porque não podem permanecer diante do tribunal de Deus.[22]

---

15. Admite-se comumente ser esta uma sentença interrogativa: "E porventura não fazeis distinção entre [ou em] vós mesmos, e vos tornais juízes, tendo maus pensamentos?" Literalmente: "juízes de maus pensamentos", sendo, por assim dizer, o caso genitivo de posse. Ou, as palavras podem ser assim traduzidas: "e vos tornais juízes de maus [ou falsos] raciocínios?" Ou, como Beza traduz a sentença: "e vos tornais juízes raciocinando falsamente", concluindo que o rico era bom e que o pobre era mau. Beza e outros afirmam que διακρίνομαι nunca significa ser julgado ou condenado, e sim distinguir, discriminar, fazer distinção e também contender e duvidar. A diferença feita aqui era a acepção de pessoas que se demonstrava, e faziam tal distinção em si mesmos, em suas próprias mentes, através de pensamentos e raciocínios perversos ou falsos, que acalentavam. Mas parece que essas preferências eram demonstradas não aos membros da igreja, mas aos estranhos, quando ocorre de viram às assembléias.

16. Ao dizer, "Pode tal fé salvá-lo?", sua intenção é dizer: "Pode a fé que ele diz ter salvá-lo?", isto é, a fé que é morta e não produz obras; pois a fé que claramente está implícita aqui é a que aparece do que se segue. Para tornar o significado mais evidente, Macknight traduz a sentença assim: "Pode esta fé salvá-lo?", isto é, a fé destituída de obras.

17. Isto é aduzido como uma ilustração; como o dito de um homem ao nu, "se vista", quando nada faz, não faz o bem, é totalmente inútil, de modo que sua fé não produz obras; é como se estivesse morta; não pode salvar. Eu traduzo o versículo assim: "Mas alguém pode dizer: Tu tens fé, eu também tenho obras; mostra-me tua fé que é sem obras, e te mostrarei minha fé através de minhas obras". É o mesmo se ele dissesse: "Tu tens apenas fé, e eu tenho também obras além de minha fé; ora, prova-me que tens verdadeira fé sem ter obras conectadas com ela (o que era impossível, daí chamá-lo 'homem vão', ou cabeça vazia, no versículo 20), e provarei minha fé com seus frutos, a saber, boas obras".

18. Griesbach e outros consideram χωρὶς como a redação genuína, adotada pela maioria dos manuscritos e encontrada na Siríaca e Vulgada. Este versículo é uma chave para o significado de Tiago: a fé deve ser provada pelas obras; então a fé, propriamente, justifica e salva, e as obras provam sua genuinidade. Quando ele diz que o homem é justificado por meio de obras, o significado, segundo este versículo, é que uma pessoa é provada pelas obras, para que seja justificada, sua fé é demonstrada por esse meio ser viva, e não uma fé morta. É possível que fiquemos surpresos, como Doddridge ficou, que alguém, assumindo este ponto de vista de toda a passagem, ainda pense que haja, no que aqui se afirma, algo contrário ao ensino de Paulo. A doutrina de Paulo, de que o homem é justificado por meio da fé e não de obras, isto é, por meio de uma fé viva, que opera por meio

do amor, é perfeitamente consistente com o que Tiago diz, a saber, que uma pessoa não é justificada por uma fé morta, e sim por aquela fé que prova seu poder vivo produzindo boas obras, ou rendendo obediência a Deus. A suma do que Tiago afirma é que uma fé morta não pode salvar, e sim uma fé viva, e que a fé viva é operosa – doutrina ensinada por Paulo, tanto quanto por Tiago.

19. O desígnio de evocar a fé dos demônios parece ter sido este: mostrar que, embora uma pessoa creia e trema, não obstante, se não obedecer a Deus e fizer boas obras, ela não apresenta evidência real da fé. Fé obediente é aquela que salva, e não meramente aquela que nos faz tremer. A conexão com o versículo precedente parece ser como segue: No versículo anterior, o que se gaba de mera fé é desafiado a provar que sua fé é verdadeira e, portanto, salvífica; quem desafia provaria sua fé por meio de suas obras. Então, neste versículo, aplica-se um teste – menciona-se o próprio primeiro artigo da fé: "De fato tu crês, porém essa fé não te salvará; os demônios possuem essa fé; e, em vez de serem salvos, eles tremem".

20. Scott, com razão, observou que há a mesma dificuldade em conciliar Tiago tanto consigo mesmo quanto com Paulo. E esta dificuldade por fim desvanece quando assumimos uma conceituação de toda a passagem e não nos confinamos a expressões particulares.

21. A sentença anterior dificilmente é inteligível em nossa versão ou na de Calvino. "Tu vês como a fé operou (cooperou, em Calvino) com suas obras?" O verbo é συνεργέω, que significa propriamente agir juntamente, cooperar; e significa também, como o efeito de cooperar, ajudar, socorrer. "Vês como a fé o ajudou em suas obras?" Schleusner apresenta esta paráfrase: "Tu vês que Abraão foi ajudado por sua fé a fazer suas obras notáveis". A versão de Beza traz: "Vês que a fé foi a assistente (administradora) de suas obras". Alguns dão a idéia de combinar com cooperação: "Tu vês que a fé cooperou com suas obras", isto é, na justificação. Tem-se dito que, se esta combinação fosse tencionada, se teria dito que as obras cooperaram com sua fé, como a fé, segundo o testemunho da Escritura e da natureza das coisas, é o elemento primário e o principal, e como não pode haver boas obras sem a fé. Mas, a primeira explicação é a mais consoante com as palavras e com o curso da passagem.

22. O último versículo é deixado sem menção: 26. "Pois como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras (ou, não tendo obras) está morto". O significado não é que as obras são para a fé o que o espírito é para o corpo, pois isso faria das obras a vida da fé, o reverso do fato; mas o significado é que a fé, não tendo obras, é como um cadáver sem vida.

Capítulo 3

1. Meus irmãos, não sede muitos de vós mestres, sabendo que receberemos maior condenação.
2. Porque todos nós ofendemos em muitas coisas. Se alguém não ofende em palavra, o mesmo é um homem perfeito e também apto para refrear todo o corpo.
3. Eis que pomos freios nas bocas dos cavalos, para que nos obedeçam; e conseguimos dirigir todo seu corpo.
4. Eis também os navios, os quais, ainda que tão grandes, e são dirigidos pela força do vento, contudo se viram com um leme tão pequeno para onde queira o timoneiro.
5. Assim também a língua é um pequeno membro, e se gaba de grandes coisas.

1. Nolite plures magistri fieri, fratres mei; scientes quod majus judicium sumpturi sumus.
2. In multis enim labimur omnes; si quis in sermone non labitur, hic perfectus est vir, ut qui possit fraeno moderari totum etiam corpus.
3. Ecce equis fraena in ora injicimus, ut odediant nobis; et totum illorum corpus circumagimus:
4. Ecce etiam naves, cum tantae sint, et a saevis ventis pulsentur, circumaguntur à mínimo guvernaculo, quocunque affectus dirigentis voluerit:
5. Ita et lingua pusillum membrum est, et magna jactat.

1. Não sede muitos de vós mestres. A interpretação comum e quase universal desta passagem é que o apóstolo desencoraja a aspiração pelo ofício do ensino, por esta razão: por ser perigoso e expor alguém a um juízo mais pesado, no caso de transgressão; então pensam que a razão de ele dizer, *não sede muitos de vós mestres*, era porque talvez houvesse alguns. Eu, porém, tomo mestres não por aqueles que exerciam um dever público na igreja, e sim aqueles que assumiam para si o direito de emitir juízo sobre outros. Pois esses reprovadores buscavam ser considerados como mestres dos costumes. E era um modo de falar usual entre os gregos, e bem assim entre os latinos, a saber, que eram chamados mestres aqueles que arrogantemente censuravam os demais.

E a razão de lhes vedar de ser muitos, isso foi feito por esta razão: porque muitos, por toda parte, eram intrometidos;

pois há, por assim dizer, uma doença inerente no gênero humano de buscar reputação, censurando outros. E, neste respeito, prevalece um duplo vício – ainda que poucos se sobressaiam em sabedoria, contudo todos se introduzem indiscriminadamente no ofício de mestres; e, então, poucos se deixam influenciar por um sentimento honesto, porquanto a hipocrisia e a ambição os estimulam, e não uma preocupação pela salvação de seus irmãos. Pois, deve-se observar que Tiago não desencoraja aquelas admoestações fraternais, as quais o Espírito com frequência tanto nos recomenda, mas aquele desejo imoderado de condenar, o qual procede da ambição e do orgulho, quando alguém se exalta contra seu semelhante, calunia, critica, fere e malignamente busca uma forma de concretizar um propósito sinistro; pois isto geralmente é feito quando censores impertinentes desse gênero insolentemente se ostentam na obra de expor os vícios de outros.

Tiago está nos lembrando desse ultraje e aborrecimento; e ele acrescenta uma razão: porque, aqueles que são tão severos em relação a outros, terão que suportar um juízo muito mais pesado; pois impõe a si uma lei inexorável quem testa as palavras e os feitos de outros, segundo a regra de rigor extremo; tampouco merece perdão quem a ninguém perdoa. É preciso que se observe criteriosamente esta verdade: que aqueles que são rigorosos demais com seus irmãos provocam contra si mesmos a severidade de Deus.

2. Pois todos nós ofendemos em muitas coisas. Isso pode ser tomado como se fosse dito à maneira de concessão, como se ele quisesse dizer: "É possível que encontres o que é condenável em teus irmãos, porquanto ninguém está isento de pecados; mas, porventura pensas que és perfeito, tu que usas tua língua caluniosa e saturada de virulência?" Mas, parece-me que Tiago nos exorta, por este argumento, à mansidão, visto que nós mesmos estamos também cercados de muitas debilidades; pois age injustamente quem nega a outrem o perdão de que ele carece. Paulo também diz o

mesmo, quando afirma que o caído deve ser reprovado bondosamente e no espírito de mansidão; pois imediatamente adiciona: “Atentando para ti mesmo, para que também não sejas tentado” [Gl 6.1]. Pois nada serve mais para moderar o rigor extremo do que o conhecimento de nossa própria debilidade.

Se alguém não ofende em palavra. Após dizer que não há ninguém que não peque em muitas coisas, ele agora mostra que a doença da maledicência é mais odiosa do que os demais pecados; pois, ao dizer que aquele que não ofende com sua língua é *perfeito*, ele avisa que o domínio da língua é uma grande virtude, e uma das principais virtudes. Daí agir mui perversamente quem curiosamente examina cada falta, ainda a menor, e, no entanto, tolera suas próprias de modo tão excessivo.

Ele, pois, indiretamente toca, aqui, na hipocrisia dos censores, porque, ao se examinarem, omitiam a coisa primordial, e o que era de grande importância, inclusive sua maledicência; pois os que reprovavam os outros pretendiam um zelo pela santidade perfeita; mas deviam ter começado com a língua, caso quisessem ser perfeitos. Como não se importavam em refrear a língua, mas, ao contrário, mordiam e dilaceravam os outros, apenas exibiam uma santidade fictícia. Daí ser evidente que eram os mais repreensíveis de todos, porque negligenciavam uma virtude primária. Esta conexão nos torna a intenção do apóstolo bem clara.

3. Pomos freios nas bocas dos cavalos. Por meio dessas duas comparações, ele prova que uma grande parte da verdadeira perfeição está na língua, e que ela exerce domínio, como acaba de dizer, sobre toda a vida. Ele compara a língua, primeiramente, a um freio, e então a um leme de navio. Ainda que o cavalo seja um animal feroz, contudo ele se dobra à vontade de seu cavaleiro, porque ele é refreado; não menos pode a língua ceder ao governo do homem. Assim também com respeito ao leme do navio, o qual guia uma grande nave e sobrepuja a impetuosidade dos

ventos. Ainda que a língua seja um pequeno membro, contudo ela vale muito em regular a vida de uma pessoa.

E se gaba de grandes coisas. O verbo μεγαλαυχεῖν significa alguém que se vangloria ou se gaba. Tiago, porém, nesta passagem, não tenciona reprovar a ostentação tanto quanto mostrar que a língua é a artesã de grandes coisas; pois nesta última sentença ele aplica as comparações anteriores a seu tema; e a vã ostentação não se ajusta ao freio e ao leme. Ele, pois, tem em mente que a língua é dotada com grande poder.

Eu demonstro que Erasmo traduziu por *impetuosidade*, a *inclinação*, do piloto ou guia; pois ὁρμὴ significa desejo. Deveras admito que entre os gregos ele designa aquelas concupiscências que não são subservientes à razão. Aqui, porém, Tiago simplesmente fala da vontade do piloto.

5. Vede como pouco fogo incendeia um grande objeto.
6. E a língua é um fogo, um mundo de iniquidade; assim é a língua entre nossos membros, e contamina o corpo inteiro, e inflama o curso da natureza, e atiça o fogo do inferno.

5. Ecce exiguus ignis quantam sylvam incendit.
6. Et lingua ignis est, et mundus iniquitatis: sic inquam lingua constituta est in membris postris, inquinans totum corpus, inflammas rotam nativitatis, et inflammatur a gehenna.

Ele agora explica os males que procedem da negligência de refrear a língua, a fim de sabermos que a língua pode fazer muito bem ou muito mal – que, se for modesta e bem regulada, se torna um freio ao longo de toda a vida; mas que, se for petulante e violenta, como um fogo, destrói todas as coisas.

Ele a representa como um pequeno ou *pouco fogo*, para notificar que esta pequenez da língua não será um obstáculo, cujo poder se estenderá inimaginavelmente e fará muito dano.

6. Ao acrescentar que ela é um *mundo de iniquidade*, é o mesmo se ele a tivesse chamado o mar ou o abismo. E apropriadamente conecta a pequenez da língua com a vastidão do mundo; segundo este sentido, uma pequena porção de carne contém em si todo o universo de iniquidade.

Assim é a língua. Ele explica o que tem em mente pelo termo *mundo*, ou, seja, porque o contágio da língua se difunde por toda parte da vida; ou, melhor, ele mostra o que subentendia pela metáfora do *fogo*, a saber, que a língua polui o homem por inteiro. Não obstante, imediatamente volta ao fogo e diz que a língua ateia fogo em *todo o curso da natureza*. E compara a vida humana a um *curso* ou a uma roda; e toma γένεσις, como previamente, por natureza [1.23].

O significado é que, quando outros vícios são corrigidos pela idade ou pela sucessão de tempo, ou quando, pelo menos, não tomam conta de todo o homem, o vício da língua se difunde e prevalece em todas as partes da vida; a não ser que alguém prefira tomar *atiçar fogo* no *sentido de impulso violento, pois chamamos assim aquele abrasamento que é acompanhado* de violência. E assim Horácio fala de rodas, pois ele chama os carros em batalha de incandescentes, em virtude de sua rapidez. O significado, pois, seria que a língua é como corcéis indômitos; porque, como eles arrastam os carros com violência, assim a língua precipita uma pessoa de ponta cabeça por sua própria irreflexão.[23]

Ao dizer que ela atiça o *fogo do inferno*, é o mesmo se ele dissesse que o ultraje que a língua causa é a chama do fogo infernal.[24] Pois como os poetas pagãos imaginavam que os perversos são atormentados pelas tochas das Fúrias, assim é verdade que Satanás, pelas ventoinhas das tentações, acende o fogo de todos os males no mundo. Tiago, porém, tem em mente que o fogo, enviado por Satanás, é mui facilmente captado pela língua, de modo que imediatamente ela queima; em suma, que ela é um material próprio para receber, alimentar e aumentar o fogo do inferno.

7. Pois todo gênero de animais, e de aves, e de serpentes, e das coisas marítimas, se domam, e têm sido domados pelo gênero humano;
8. Mas a língua ninguém pode domar; ela é um mal indomável, saturado de peçonha mortífera.
9. Com ela bendizemos a Deus e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, que são feitos à

7. Omnis enim natura ferarum et voluerum et serpentum et marinorum, à natura humana domatur et domita est:
8. Linguam vero nullus hominum domare potest, incoercibile malum, plena veneno mortifero.
9. Per ipsam benedicimus Deum et

semelhança de Deus.
10. Da mesma boa procede bênção e maldição. Meus irmãos, não convém que essas coisas sejam assim.
11. Porventura uma fonte jorra no mesmo lugar água doce e amarga?
12. Meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas? Ou, uma videira, figos? Assim não pode uma fonte jorrar água salgada e potável.

Patrem; et per ipsam execramur homines ad similitudinem ejus factos.
10. Ex eodem ore procedit benedictio et maledictio. Non convenit, fratres mei, haec ita fieri.
11. An fons ex eodem foramine qjicit dulce et amarum?
12. Non potest, fratres mei, fícus oleas proferre; aut vitis fícus; sic nullus fons salsam et dulcem gignere aquam.

7. Pois todo gênero de animais. Esta é uma confirmação da última sentença; pois o fato de Satanás, pela instrumentalidade da língua, governar com toda eficácia, ele prova com isto: ela de modo algum pode ser conduzida à devida ordem, e amplia isto por meio de comparações. Pois ele diz que não há animal tão selvagem ou feroz que não se deixe domar pela habilidade do homem – os peixes, que de certa maneira habitam outro mundo –, as aves, que são tão rápidas e peregrinas –, e as serpentes, que são tão inimigas do gênero humano –, às vezes se deixam domar. Visto, pois, que a língua não pode ser refreada, deve haver algum fogo secreto do inferno oculto nela.

O que ele diz de animais selvagens, de serpentes e de outros animais não deve ser subentendido de todos eles; é suficiente que a habilidade humana subjugue ou dome alguns dentre os mais ferozes deles, e também que as serpentes às vezes se deixam domar. Ele se refere ao tempo presente e ao passado: o presente diz respeito ao poder e capacidade; e, o passado, ao costume ou experiência. Ele conclui daí, com razão, que a língua é saturada de peçonha mortífera.

Ainda que todas essas coisas, mui adequadamente, se refiram, em primeiro lugar, ao tema desta passagem – que reivindica um domínio irracional sobre outrem, que labutam sob um vício pior; não obstante, uma doutrina universal pode ser subentendida como ensinada aqui – que, se desejamos formar nossa vida corretamente, então devemos esforçar-nos especialmente por refrear a língua, pois nenhuma parte do homem é mais nociva.

9. Com ela, ou por meio dela, *bendizemos a Deus*. É um claro exemplo de sua mortífera peçonha que ela pode, assim, por uma monstruosa leviandade, transformar a si mesma; pois quando ela pretende bendizer a Deus, imediatamente o amaldiçoa em sua própria imagem, a saber, amaldiçoando os homens. Pois visto que Deus deve ser abençoado em todas suas obras, deve-se fazer isso especialmente na pessoa dos homens, em quem sua imagem e glória peculiarmente resplandece. É, pois, uma hipocrisia não tolerar quando o homem emprega a mesma língua em bendizer a Deus e em amaldiçoar os homens. Não pode haver, pois, invocação de Deus, e seus louvores necessariamente devem cessar onde prevalece a maledicência; pois é uma ímpia profanação do nome de Deus quando a língua é virulenta para com nossos irmãos e pretende louvá-lo. Portanto, para que corretamente louvemos a Deus, o vício da maledicência contra nossos irmãos deve ser especialmente corrigido.

Esta verdade particular deve também ser ponderada, a saber, que os censores severos descubram sua própria virulência, quando, de repente, vomitam contra seus irmãos todo gênero de maldições que se pode imaginar, depois de ter, em doces acordes, oferecido louvores a Deus. Fosse alguém objetar e dizer que a imagem de Deus na natureza humana foi apagada pelo pecado de Adão, necessitamos e devemos confessar que ela foi miseravelmente deformada, mas de tal maneira que alguns de seus traços ainda transparecem. Justiça e retidão, e a liberdade de escolher o que é bom foram perdidas; mas os dotes excelentes, pelos quais suplantamos os brutos, ainda permanecem. Aquele, pois, que realmente cultua e honra a Deus temerá de falar caluniosamente do homem.

11. Uma fonte. Ele aduz essas comparações a fim de mostrar que uma língua que maldiz é algo monstruoso, contrário a toda a natureza, e subverte a ordem por toda parte estabelecida por Deus. Pois Deus ordenou tão bem as coisas que são contrárias, que as inanimadas devem deter-

nos de uma mistura caótica, tal como se encontra numa língua dúplice.[25]

13. Quem dentre vós é sábio e dotado de conhecimento? Então que mostre suas obras por meio de uma sã conversação, em mansidão de sabedoria.
14. Mas, se tendes em vosso coração amarga inveja, e sentimento faccioso, não vos glorieis, e não mintais contra a verdade.
15. Esta não é a sabedoria que desce do alto, mas é terrena, sensual, diabólica.
16. Pois onde há inveja e intriga, aí há confusão e toda obra maligna.
17. Mas a sabedoria que vem do alto é antes de tudo pura, então pacífica, moderada, tratável, saturada de misericórdia e bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia.
18. E o fruto da justiça é semeado em paz, para os que exercitam a paz.

13. Quis sapiens et intelligens inter vos? ostendat ex honesta conversatione opera sua in mansuetudine sapientiae.
14. Si vero aemulationem amaram habetis, et contentionem in corde vestro, ne gloriemini, et mentiamini adversus veritatem.
15. Non est haec sapientia de sursum veniens, sed terrestris, animalis, daemoniaca.
16. Ubi enim aemulatio et contentio, ibi perturbatio et omne pravum opus.
17. Quae autem è sursum est sapientia, primum pura est, deinde pacata, aequa, comis, plena misericordiae et bonorum operum, sine disquisitione, sine simulatione.
18. Fructus autem justitiae in pace seminatur facientibus pacem.

13. Quem dentre vós é sábio. Como o desejo de caluniar quase sempre tem sua origem no orgulho, e como o falso conceito de sabedoria quase sempre gera o orgulho, ele, pois, fala aqui de sabedoria. É comum entre os hipócritas exaltar-se e exibir-se incriminando todos os demais, como outrora se dava com muitos dos filósofos, os quais buscavam glória para si mediante um amargo abuso de todas as demais ordens. Tiago refreia essa arrogância dos homens caluniosos com que se inflavam e pela qual se cegavam, negando que o conceito de sabedoria, com que os homens se gabam, não tem em si nada de divino; mas, ao contrário, ele declara que procede do diabo.

Então, o significado é que os censores altivos, que se protegem grandemente, e ao mesmo tempo a ninguém poupam, a seus próprios olhos parecem ser mui sábios, porém são grandemente equivocados; pois o Senhor ensina a seu povo algo bem diferente, a saber, que sejam mansos e corteses para com os demais. Portanto, aos olhos de Deus, sábios são somente aqueles que associam esta mansidão com uma conversação honesta; pois quem é severo e

insensível, ainda que sobressaia aos demais em muitas virtudes, contudo não segue a reta vereda da sabedoria.[26]

14. Mas se tendes amarga inveja. Ele realça os frutos que procedem daquela austeridade extrema que é contrária à mansidão; pois rigor imoderado necessariamente gera emulações nocivas, as quais presentemente prorrompiam em contendas. Deveras é um modo impróprio de falar, pôr contendas no coração; mas isso não afeta o significado; pois o objetivo era mostrar que a má disposição do coração é a fonte desses males.

Ele qualificou de *inveja*, ou emulação, *amarga*; pois ela não prevalece, senão quando a mente se deixa infectar de tal modo pela peçonha da hostilidade, que converte todas as coisas em amargura.[27]

Portanto, para que nos gloriemos realmente de ser filhos de Deus, ele nos convida a agir serena e mansamente em relação a nossos irmãos; do contrário, ele declara que estaremos mentindo, assumindo o título de cristão. Mas não é sem razão que ele adicione a associação de inveja, ou *emulação*, ou contenda, pois as demandas e querelas sempre se originam na hostilidade e inveja.

15. Esta sabedoria desce lá do alto. Como os hipócritas escapam com dificuldade, ele refreia abruptamente sua arrogância, negando que fosse verdadeira sabedoria aquela com que se orgulham, enquanto eram extremamente mal-humorados em procurar os vícios de outrem. Não obstante, concedendo-lhes o termo *sabedoria*, ele mostra, pelas palavras que lhe aplicam, seu verdadeiro caráter, e diz que ela é *terrena*, *sensual*, *diabólica*, ou demoníaca, enquanto a verdadeira sabedoria é celestial, espiritual e divina; que três coisas são diretamente contrárias às três precedentes. Pois Tiago toma por admitido que não somos sábios, exceto quando somos iluminados por Deus, o qual procede lá do alto, de seu Espírito. Não obstante, a mente humana, por mais que se engrandeça, toda sua acuidade será vaidade; e

não só isso, mas, se vendo por fim enredada nas malhas de Satanás, se tornará totalmente frenética.[28]

Sensual, ou animal, está em oposição ao que é espiritual, como em 1 Coríntios 2.14, onde Paulo diz que o homem sensual ou animal não aceita as coisas de Deus. E o orgulho do homem não poderia ter sido mais eficazmente abatido do que quando de tal modo é condenada toda e qualquer sabedoria que ele pensa ter, sem o Espírito de Deus; mais ainda, quando se faz uma transição de si mesmo para o diabo. Pois é o mesmo se ele dissesse que os homens, seguindo seu próprio senso, ou mente, ou emoções, logo se tornam presas das ilusões de Satanás.

16. Pois onde há inveja. É um argumento com base no que é contrário; pois a inveja, pela qual os hipócritas se deixam influenciar, produz efeitos contrários à sabedoria. Pois a sabedoria requer um estado mental que é sereno e equilibrado, mas a inveja o perturba, de modo que por si só se torna de certo modo tumultuado e borbulha imoderadamente contra outrem.

Há quem traduza ἀκαταστασία por *inconstância*, e algumas vezes significa isto; mas, como o termo significa também sedição e tumulto, perturbação parece o termo mais adequado a esta passagem. Pois Tiago quis expressar algo mais do que leviandade, ou seja, que o perverso e caluniador tudo faz confusa e precipitadamente, como se ele estivesse fora de si; e daí acrescentar *toda obra má*.

17. Mas a sabedoria que é do alto. Ele agora faz menção dos efeitos da sabedoria celestial, que são totalmente contrários aos efeitos anteriores. Antes de tudo ele diz que ela é *pura*; por este termo ele exclui hipocrisia e ambição.[29] Ele, em segundo lugar, a chama *pacífica*, para notificar que não é contenciosa. Em terceiro lugar, ele a chama *bondosa* ou humana, para que saibamos que ela está bem longe daquela austeridade imoderada que nada tolera em nossos irmãos. Ele a chama ainda *cordial* ou tratável; querendo dizer que ela

difere amplamente do orgulho e hostilidade. Em último lugar, ele diz que ela é *saturada de misericórdia*, etc., enquanto que a hipocrisia é desumana e inexorável. Por *bons frutos* em geral ele se refere a todos os deveres que os homens benevolentes realizam em prol de seus irmãos; como se ele quisesse dizer: É saturada de benevolência. Daí se segue que mente quem se gloria em sua cruel austeridade.

Mas, ainda que tivesse suficientemente condenado a hipocrisia, ao dizer que a sabedoria é *pura* ou sincera, contudo ele a faz mais clara reiterando a mesma coisa no fim. Daí devermos recordar que, por nenhuma outra razão, devamos ir além da medida do mau-humor ou austeridade, mas isso porque nos poupamos tanto, e somos coniventes com nossos próprios vícios.

Mas o que ele diz, *sem discernir* (*sine dijudicatione*), parece estranho; pois o Espírito de Deus não remove a diferença entre bem e mal; nem nos torna tão insensíveis a ponto de invalidarmos o juízo quanto ao louvor do vício e considerá-lo uma virtude. A isto respondo que Tiago, aqui, por *discernir* ou distinguir, se refere àquela ansiedade demasiada e inquirição demasiada escrupulosidade, tal como comumente é feita pelos hipócritas, que examinam com tanta minúcia os ditos e feitos de seus irmãos, e lhes empregam a pior construção.[30]

18. E o fruto da justiça. Isto admite os dois significados – esse fruto é semeado pelo espírito pacífico, o qual mais tarde é colhido –, ou que eles mesmos, ainda que tolerassem mansamente muitas coisas em seus semelhantes, contudo não cessam de semear a justiça. Não obstante, esta é a antecipação de uma objeção; pois quem é arrastado à maledicência, pelo desejo de caluniar, tem sempre esta justificativa: "O que! Então podemos remover o mal com nossa cordialidade?" Daí Tiago dizer que os que são sábios segundo a vontade de Deus são tão bondosos, mansos e misericordiosos, contudo não encobrem os vícios nem os

favorecem; mas, ao contrário, de tal maneira se esforçam por corrigi-los, e, no entanto, de uma maneira pacífica, isto é, em moderação, de modo que a união seja preservada. E assim ele testifica que o que ele até aqui disse em nenhum grau tende a eliminar as reprovações serenas; senão que, aqueles que desejam ser médicos para curar os vícios, não devem ser carrascos.

Portanto, ele adiciona, *por aqueles que fazem a paz*, que deve ser assim explicado: quem alcança a paz, não obstante é cuidadoso em semear a justiça; nem é indolente ou negligente em promover e encorajar boas obras; porém modera seu zelo com o condimento da paz, enquanto os hipócritas lançam todas as coisas em confusão por uma violência cega e furiosa.

---

23. "O curso da natureza", ou o compasso da natureza, isto é, tudo aquilo se acha incluso na natureza, evidentemente significa o mesmo que "todo o corpo", na sentença precedente. Não há sentido, compatível com a passagem, no que alguns têm sugerido, "todo o curso da vida"; pois, que idéia se comunica quando dizemos que a língua inflama ou põe em chama todo o curso da vida? Mas há um significado inteligível quando se diz que a língua ateia fogo em todo o mecanismo de nossa natureza, cada faculdade que pertence ao homem.

24. "Uma língua má é o órgão do diabo". – [Gulielmus] Estius.

25. Há uma redação diferente no final do versículo 12, adotada por Griesbach, ainda que rejeitada por Mill e outros: οὕτως οὔτε ἁλυχὸν γλυχὺ ποιῶσαι ὕδωρ – "Assim nem pode a água salgada produzir potável". Esta redação é favorecida pela Siríaca e a Vulgata, ainda que as palavras sejam um pouco diferentes.

26. "Quem é sábio e inteligente entre vós? Então que mostre, por uma boa conduta, suas obras em mansidão de sabedoria". O arranjo aqui se harmoniza com o que é comum na Escritura: primeiro a sabedoria, o efeito, e então o conhecimento, a causa ou o que procede dela. No que segue, a ordem é revertida: o conhecimento distingue entre boas e más obras; e as boas devem ser exibidas com aquela mansidão que a sabedoria dita.

27. Uma ordem semelhante quanto às palavras se encontra aqui e no versículo anterior. Inveja amarga é ocasionada por emulação ou contenda. Pode haver inveja sem contenda, mas é a contenda que comumente a torna amarga.

28. Scott considera que esta sabedoria era chamada "terrena" por ser buscada nas distinções terrenas e era de uma origem terrena – "sensual" ou, melhor, "natural", como a palavra é traduzida em 1 Coríntios 2.14, porque era o resultado de princípios *naturais* pelos quais o homem se enfatua, tais como a inveja e a ambição –, "e diabólica", porque antes de tudo procedia do diabo, e constituía a

imagem de seu orgulho, ambição, hostilidade e falsidade. A palavra “sensual” tem levado alguns a suporem que a referência é à sensualidade, a gratificação das concupiscências carnais; mas não há nada na passagem que favoreça este ponto de vista. As únicas coisas mencionadas são inveja e um espírito contencioso, coisas essas que pertencem ao homem natural.

29. “Puro”, ἁγνή, deve ser entendido em conformidade com o que o contexto contém. Significa o que é isento de mancha ou poluição; o *tipo* de mancha deve ser apreendido da passagem. A sabedoria do alto é contrastada com a sabedoria de baixo; esta contém inveja e contenda, e aquela é “pura”, sendo livre de inveja, e é “pacífica”.

30. A palavra ἀδιύκριτος é encontrada somente aqui, e tem sido traduzida variadamente, porque o verbo do qual ela procede tem vários significados – discernir, fazer distinção, julgar, examinar, contender ou litigar e duvidar. É traduzida pela Vulgata “não julgar”; por Erasmo, “não fazer distinção” – imparcial; e por Hammond, “não duvidar”, isto é, quanto à fé. “Não crítico” ou “imparcial” parece ser a tradução mais ajustável; não dado a precipitação em julgar outros, ou não mostrar acepção de pessoas, previamente condenada em 2.1. Então segue “sinceridade”, não dizer uma coisa e significar outra. Parece não haver um contraste completo entre os dois gêneros de sabedoria. A sabedoria do alto não é invejosa, mas paciente e conciliatória; e em vez de produzir “toda obra má”, é saturada de misericórdia ou benevolência e dos frutos da benevolência, não sendo crítico ou parcial no juízo, e não dissimular, ou agir desonestamente. Por esta comparação, vemos qual era alguma das coisas inclusas em “toda obra má”; eram o reverso da misericórdia ou benevolência, e seus frutos, a saber, a crítica ou parcialidade, e dissimulação. E, no entanto, os que exibiam todas essas coisas más criam que possuíam sabedoria! E inclusive se gloriavam nela!

Capítulo 4

1. Donde provêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura não vêm disto, a saber, de vossos deleites que guerreiam em vossos membros?
2. Desejais, e nada tendes; matais, e desejais possuir, e não podeis obter; pelejais e guerreais, contudo nada tendes, porque não pedis.
3. Pedis, e não recebeis, porque pedis erroneamente, para o consumirdes em vossos deleites.

1. Unde bella et pugnae inter vos? Nonne hinc, ex voluptatibus vestris, quae militant in membris vestris.
2. Concupiscitis et non habetis; invidetis et aemulamini, et non potestis obtinere; pugnatis et belligeramini, non habetis, propterea quod non petitis;
3. Petitis, et non accipitis, quia male petitis, ut in voluptates vestras insumatis.

1. Donde provêm as guerras. Como ele falara de paz, e lhes recordara que os vícios devem ser exterminados de tal maneira que a paz seja preservada, agora passa para as contendas deles, pelas quais geravam confusão entre eles mesmos; e mostra que esses arroubos de seus desejos e deleites invejosos não provinham de um zelo pelo que era justo e honesto; pois se cada um observasse moderação, não haveria perturbação e aborrecimento nos demais. Tiveram seus conflitos acalorados porque permitiam que seus deleites prevalecessem intocados.

Daí transparece que teria havido entre eles paz mais profunda, se cada um tivesse se abstido de fazer o mal a outrem; mas os vícios que prevaleciam entre eles eram muitos servidores armados para o exercício de contendas. Ele denomina nossas faculdades de *membros*. Ele toma deleites como uma designação de todos os desejos ou propensões ilícitas e lascivas que não podem ser satisfeitas sem fazer injúria a outrem.

2. Desejais, ou cobiçais, *e nada tendes*. É como se ele

notificasse que a alma do homem é insaciável, quando ele cede aos deleites perversos; e realmente é assim, pois aquele que permite que suas propensões pecaminosas se mantenham sem controle, não conhecerá fim para sua concupiscência. Mesmo que o mundo lhe fosse dado, ainda desejaria que outros mundos fossem criados para ele. Assim sucede que os homens busquem tormentos que excedem a crueldade de todos os executores. Pois verdadeiro é aquele dito de Horácio: "Os tiranos da Sicília não encontraram tormento maior do que a inveja".[31]

Algumas cópias trazem φονεύετε, "matais"; porém não nutro dúvida de que devemos ler φθονεῖτε, "invejais", como o traduzi; pois o verbo matar de modo algum se encaixa no contexto.[32] *Pelejais*: ele não tem em mente aquelas guerras e pelejas, nas quais os homens engajam com espadas em punho, mas as contendas violentas que prevaleciam entre eles. De contendas desse gênero não derivavam nenhum benefício, pois ele afirma que recebiam o castigo de sua própria perversidade. De fato não possuíam a Deus como o autor de bênçãos, e com razão isso lhes constituía uma frustração. Pois quando contendiam em termos tão ilícitos, buscavam enriquecimento pelo favorecimento de Satanás, e não pelo favorecimento de Deus. Um pela fraude, outro pela violência; um pelas calúnias, e todos, por alguma arte nociva ou perversa, lutavam pela felicidade. Então buscavam ser felizes, porém não através de Deus. Não surpreendia, pois, que fossem frustrados em seus esforços, visto que não se podia esperar nenhum sucesso, a não ser tão-somente pela bênção divina.

3. Buscais, e não recebeis. Ele segue em frente; ainda que buscassem, contudo, merecidamente, lhes era negado; porque desejavam tomar Deus como o ministro de seus deleites pessoais. Não impunham limites a seus desejos, como lhes havia sido ordenado; senão que se davam vazão desenfreada, a ponto de pedir aquelas coisas das quais o

homem, cônscio do que é certo, devia especialmente envergonhar-se. Plínio, em algum lugar, ridiculariza esta impudência, a saber, que os homens abusam tão perversamente dos ouvidos de Deus. Tal coisa é muito menos tolerável nos cristãos, os quais receberam a norma de oração que lhes foi dada por seu Mestre celestial.

E, indubitavelmente, transparece que não há em nós nenhuma reverência por Deus, nenhum temor dele, em suma, nenhum respeito por ele, quando ousamos pedir-lhe o que nem mesmo nossa própria consciência aprova. Tiago, em termos bem sucintos, quis dizer isto: que nossos desejos sejam refreados; e o modo de refreá-los é sujeitando-os à vontade de Deus. E ele nos ensina ainda que o que desejamos com moderação, devemos buscar em Deus mesmo; o que, se for feito, seremos preservados de contendas perversas, de fraude e violência, bem como de fazer qualquer injúria a outrem.

4. Adúlteros e adúlteras, não sabeis que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus.
5. Porventura pensais que em vão diz a Escritura: O espírito que habita em nós tem ciúmes?
6. Antes, ele dá maior graça.

4. Adulteri et adulterae, an nescitis quod amicitia mundi inimicitia Dei est? qui ergo voluerit amicus esse mundi, inimicus Dei constituitur.
5. An putatis quod frustra dicat scriptura? An ad invidiam concupiscit spiritus qui habitat in nobis?
6. Quin majorem dat gratiam: –

4. Adúlteros. Conecto este versículo com os versículos precedentes; pois ele os denomina de *adúlteros*, segundo penso, metaforicamente; pois se corrompiam com as vaidades deste mundo, e se alienavam de Deus; como se ele quisesse dizer que vieram a se tornar degenerados, ou tinham se tornado bastardos. Bem sabemos quão frequente, na Escritura, menciona-se o matrimônio que Deus contrai conosco. Ele quer, pois, que nos assemelhemos a virgens castas, no dizer de Paulo [2Co 11.2]. Esta castidade é violada e corrompida por todas as afeições impuras para com o mundo. Tiago, pois, não sem razão, compara o amor do

mundo ao adultério.

Aqueles, pois, que tomam suas palavras literalmente não observam suficientemente o contexto; pois ele prossegue falando contra as concupiscências humanas, as quais desviam de Deus os que se enredam com o mundo, como segue:

A amizade do mundo. Ele denomina de amizade do mundo quando os homens se rendem às corrupções do mundo, e se tornam escravos delas. Pois tal e tão grande é o desacordo entre o mundo e Deus, que, quanto mais alguém se inclina para o mundo, tanto mais se aliena de Deus. Daí a Escritura nos convidar, com frequência, a renunciar o mundo, se quisermos servir a Deus.

5. Pensais. Tudo indica que ele aduz da Escritura a sentença seguinte. Daí os intérpretes labutarem muito, porque nada desse gênero, pelo menos nada exatamente igual, se encontra na Escritura. Mas nada impede de aplicar-se a referência ao que já foi dito, a saber, que a amizade do mundo é adversa de Deus. Ademais, já se disse corretamente que esta é uma verdade que ocorre por toda parte na Escritura. E o fato de haver omitido o pronome, o qual teria tornado a sentença mais clara, não deve ser surpresa, porque, como é evidente, em todo o livro ele é muito conciso.

O espírito, ou, o Espírito? Há quem pense que a alma humana está em pauta, e por isso lê-se a sentença afirmativamente, e, segundo este significado, que o espírito humano, como é malévolo, se acha tão infectado de ciúme, que tem sempre um misto dele. Não obstante, penso melhor que o que está em pauta é o Espírito de Deus; pois é ele que nos é dado para habitar-nos.[33] Tomo, pois, Espírito como sendo o de Deus, e leio a sentença como uma indagação; pois seu objetivo era provar que, visto que nutriam ciúmes, não eram governados pelo Espírito de Deus; porque ele ensina aos fiéis outra coisa; e confirma isto no versículo seguinte,

adicionando que ele *dá mais* graça.

Este, pois, é um argumento oriundo do que é contrário. O ciúme é uma prova ou sinal de perversidade; mas o Espírito de Deus prova ser mui generoso pela afluência de suas bênçãos. Não há, pois, nada mais repugnante à sua natureza do que a inveja. Em suma, Tiago nega que o Espírito de Deus governe onde prevalecem as concupiscências depravadas, as quais incitam a contenda mútua; porque é peculiarmente o ofício do Espírito enriquecer os homens, mais e mais, continuamente, com seus dons.

Não me detenho para refutar outras explicações. Há quem dê este significado: que o Espírito luta contra o ciúme; o que é abrupto e forçado demais. Então dizem que Deus *dá mais graça* com o intuito de vencer e subjugar a concupiscência. No entanto, o significado que tenho dado é mais ajustável e simples – que ele nos restaura, por sua liberalidade, do poder da concorrência maligna. A partícula continuativa δὲ deve ser tomada adversativamente, para ἀλλὰ ou ἀλλά γε; por isso a tenho traduzido por *quin*, mas.

7. Sujeitai-vos, pois, a Deus. Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.
8. Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós. Purificai vossas mãos, pecadores; e vós, de ânimo duplo, purificai vossos corações.
9. Afligi-vos, e lamentai, e chorai; convertei vosso riso em pranto, e vossa alegria em tristeza.
10. Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará.

7. Subjecti igitur estote Deo; Resistite diabolo, et fugiet a vobis;
8. Appropinquate Deo, et appropinquabit vobis; mundate manus, peccatores; purificate corda duplici animo;
9. Affligimini, lugete et plorate; risus vester in luctum vertatur, et gaudium in moerorem.
10. Humiliamini coram Deo, et eriget vos.

7. Sujeitai-vos. A submissão que ele recomenda é a de humildade; pois em geral ele não nos exorta a obedecer a Deus, porém requer submissão; pois o Espírito de Deus repousa sobre os humildes e os mansos [Is 57.15]. Por essa conta ele usa a partícula conclusiva. Pois, como ele havia declarado que o Espírito de Deus é liberal em aumentar seus dons, daí ele conclui que devemos descartar a inveja e nos submeter a Deus.

Muitas cópias têm introduzido aqui a seguinte sentença: “Por isso ele diz: Deus resiste os orgulhosos, porém dá graça aos humildes”. Em outras, porém, ela não está presente. Erasmo suspeita que inicialmente ela era uma nota marginal, e mais tarde veio a ser parte do texto. É possível que tenha sido assim, ainda que ela não seja inconsistente à passagem. Pois o que alguns pensam ser estranho que o que se encontra somente em Pedro seja citado como Escritura, poderia ser facilmente intencional. Eu, porém, antes conjeturo que esta sentença, que concorda com a doutrina comum da Escritura, veio a ser então um tipo de dito proverbial, comum entre os judeus. E, deveras, não é mais do que o se acha no Salmo 18.27: “Porque tu livrarás o povo aflito, e abaterás os olhos dos altivos”. E é possível encontrar sentenças semelhantes em muitas outras passagens.[34]

Resisti o diabo. Ele mostra em que contenda devemos engajar-nos, a saber, como diz Paulo, que nossa peleja não seja com a carne e o sangue, porém nos estimula a uma luta espiritual. Então, depois de haver-nos ensinado a mansidão para com os homens, e a submissão para com Deus, ele põe diante de nós a Satanás como nosso inimigo, contra quem nos cabe lutar.

Não obstante, a promessa que ele adiciona, relativa à fuga de Satanás, parece ser refutada pela experiência diária; pois é certo que, por mais que alguém energicamente o resiste, mais ferozmente ele investe. Pois Satanás, de certa maneira, age por diversão, quando ele não é energicamente repelido; mas, contra os que realmente o resistem, ele emprega toda a energia que possui. E, ademais, ele nunca se cansa em lutar; mas, quando é vencido em alguma batalha, imediatamente se engaja em outra. A isto respondo que *fugirá* deve ser tomado aqui por fazer fugir ou debandar. E, indubitavelmente, ainda que ele reitere seus ataques, continuamente, contudo sempre se afasta vencido.

8. Achegai-vos a Deus. Uma vez mais, ele nos lembra que o

auxílio de Deus não nos faltará, contanto que lhe ofereçamos lugar. Pois quando ele nos convida a achegar-nos a Deus, para que saibamos que ele está bem próximo a nós, ele notifica que somos destituídos de sua graça, porque nos esquivamos dele. Mas, como Deus se põe a nosso lado, não há razão para temermos sucumbir. Mas, se alguém concluir, com base nesta passagem, que a primeira parte da obra pertence a nós, e que mais tarde segue a graça de Deus, o apóstolo não tem em mente tal coisa; pois ainda que devamos fazer isso, contudo imediatamente segue que podemos. E o Espírito de Deus, ao exortar-nos ao nosso dever, nada suprime de si mesmo, ou de seu próprio poder; mas, ao nos convidar a fazer a mesma coisa, ele mesmo cumpre em nós.

Em suma, Tiago não tinha em mente outra coisa, nesta passagem, senão que Deus nunca está ausente de nós, exceto quando nos alienamos dele. Ele se assemelha àquele que traz o faminto a uma mesa, e o sedento, a uma fonte. Há esta diferença: que nossos passos sejam guiados e sustentados pelo Senhor, pois nossos pés fraquejam. Mas, o que alguns interpretam falsamente e dizem, é que a graça de Deus é secundária para nossa preparação, e, por assim dizer, como um ajudador, é muito frívolo; pois bem sabemos não ser algo novo que ele adicione às primeiras graças uma nova, e assim enriquece mais e mais aqueles a quem ele já deu muito.

Purificai vossas *mãos*. Ele aqui se dirige a todos os que eram alienados de Deus. E não se refere a duas sortes de homens, mas chama aos mesmos de *pecadores* e *ânimo duplo*. Tampouco subentende todo gênero de pecadores, e sim os perversos e aqueles de uma vida corrupta. Lemos em João 9.3: “Deus não ouve a pecadores”. No mesmo sentido, Lucas chamou uma mulher de pecadora [Lc 7.36]. Ele mesmo e os demais Evangelistas afirmam: “Ele bebe e come com pecadores”. Ele, pois, não convida a todos indiscriminadamente àquela sorte de arrependimento mencionado aqui, mas aos que são perversos e corruptos no

coração, e cuja vida é vil e infame, ou, pelo menos, perversa; é destes que ele requer pureza de coração e purificação externa.

Daqui aprendemos qual é o verdadeiro caráter do arrependimento. É não só uma emenda externa de vida, mas seu começo é a purificação do coração. É também necessário, por outro lado, que os frutos do arrependimento interno transpareçam na retidão de nossas obras.[35]

9. Afligi-vos e lamentai-vos. Cristo denuncia lamentação aos que riam, como uma maldição [Lc 6.25]; e Tiago, no que segue sucintamente, aludindo às mesmas palavras, ameaça os ricos com lamentação. Aqui, porém, ele fala daquele salutar pranto ou tristeza que nos conduz ao arrependimento. Ele se dirige aos que, estando inebriados em sua mente, não percebiam o juízo divino. Assim sucedia que se deleitavam em seus vícios. Para que fossem sacudidos desse torpor letal, ele os admoesta a que aprendessem a lamentar, para que, se vendo tocados de tristeza em sua consciência, cessassem de deleitar-se e de exultar à beira da destruição. Então, o *riso* deve ser tomado no sentido do deleite com que os ímpios se enganam, enquanto são enfatuados pela doçura de seus pecados e se esquecem do juízo divino.

10. Humilhai-vos, ou *sede humilhados*. A conclusão do que precede é que a graça de Deus estará então pronta a soerguer-nos, quando ele vê que nossos espíritos orgulhosos são descartados. Emulamos e invejamos porque desejamos ser eminentes. Este é um caminho totalmente irracional, pois é obra peculiar de Deus soerguer os humildes e, especialmente, os que espontaneamente se humilham. Quem quer, pois, que busque uma elevação sólida deve rebaixar-se sob o senso de sua própria debilidade, e pensar de si mesmo de maneira humilde. Agostinho, em algum lugar, observa bem: Como uma árvore deve lançar profundas raízes para baixo, para que se desenvolva para cima, assim todo aquele

que não tem sua alma profundamente arraigada na humildade, se exalta para sua própria ruína.

11. Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Aquele que fala mal de seu irmão, e julga seu irmão, fala mal da lei, e julga a lei; mas, se julgas a lei, tu não é um praticante da lei, e sim um juiz.	11, Ne detrahatis invicem, fratres; qui detrahit fratri, aut judicat fratrem suum, detrahit legi, et judicat legem; si autem judicas legem, non es factor legis sed judex.
12. Há um só legislador, aquele que pode salvar e destruir; tu, porém, quem és que julgas a outrem?	12. Unus est legislator, qui potest servare et perdere: tu, quis es qui judicat alterum?

11. Não faleis mal, ou não difameis. Notamos quanto trabalho Tiago assume para corrigir o deleite em caluniar. Pois a hipocrisia é sempre presunçosa, e por natureza somos hipócritas, nos exaltando com toda liberalidade enquanto caluniamos outros. Há ainda outra doença inerente na natureza humana: que cada um deseja que todos os demais vivam em conformidade com sua própria vontade ou fantasia. Nesta passagem, Tiago condena com propriedade tal presunção, isto é, quando ousamos impor sobre nossos irmãos nossa norma de vida. Ele, pois, toma *maledicência* como que incluindo todas as calúnias e palavras suspeitas que emanam de um juízo maligno e pervertido. O mal da difamação assume uma gama muito ampla; aqui, porém, ele se refere propriamente àquele gênero de difamação que eu já mencionei, isto é, quando arrogantemente determinamos acerca de atos e ditos de outrem, como se nossa própria impertinência fosse a lei, quando atrevidamente condenamos tudo quanto nos apraz.

Que tal presunção é aqui reprovada faz-se evidente à luz da razão imediatamente se adiciona: aquele que *fala mal de*, ou difama *seu irmão*; *fala mal de*, ou difama *a lei*. Ele notifica que alguém leva longe demais a lei quando reivindica autoridade sobre seus irmãos. Detração, pois, contra a lei, é oposto àquela reverência com que nos cabe respeitá-la.

Paulo formula quase o mesmo argumento em Romanos 14, ainda que num momento diferente. Pois quando alguém se

deixava possuir de superstição na escolha de alimentos, que ele pensava ser ilícito para si, condenava também nos demais. Ele, pois, lhes recorda que há somente um Senhor, por cuja vontade todos ficam de pé ou caem, e ante cujo tribunal todos nós compareceremos. Daí ele concluir que aquele que julga seus irmãos, com base em sua própria visão das coisas, assume para si o que peculiarmente pertence a Deus. Tiago, porém, aqui reprova os que sob o pretexto de santidade condenavam seus irmãos, e assim estabeleciam sua própria impertinência no lugar da lei divina. Não obstante, ele emprega a mesma razão que Paulo, a saber, que agimos presunçosamente quando assumimos autoridade sobre nossos irmãos, enquanto a lei de Deus subordina a si a todos nós, sem exceção. Aprendamos, pois, que não devemos julgar exceto em conformidade com a lei de Deus.

Tu não és praticante da lei, e sim juiz. Esta sentença deve ser explicada assim: "Quando reivindicas para ti o poder de censurar acima da lei de Deus, te isentas do dever de obediência à lei". Aquele, pois, que julga temerariamente seu irmão, lança de si o jugo de Deus, porquanto não se submete à norma comum da vida. Este, pois, é um argumento com base no que é contrário; porque a guarda da lei é totalmente diferente desta arrogância, quando os homens atribuem a seu conceito o poder e a autoridade da lei. Daí se segue que então só guardamos a lei quando dependemos total e unicamente de seu ensino, e não de outro modo de distinguirmos entre o bem e o mal; pois todos os feitos e palavras dos homens devem ser regulados por ela.

Fosse alguém objetar e dizer que inclusive os santos serão os juízes do mundo [1Co 6.2], a resposta é óbvia: que esta honra não lhes pertence segundo seu próprio direito, mas por serem membros de Cristo; e que agora julgam em conformidade com a lei, de modo que não devem ser considerados juízes, porque apenas assentem obedientemente a Deus como seu próprio Juiz e o Juiz de todos. Com respeito a Deus, ele não deve ser considerado

praticante da lei, porque a justiça é anterior à lei; pois a lei emanou da eterna e infinita justiça de Deus como um rio de sua fonte.

12. Há um só legislador.[36] Ao conectar o poder de salvar e destruir com o ofício de um legislador, ele notifica que toda a majestade de Deus é forçosamente assumida por aqueles que reivindicam para si o direito de fazer uma lei; e isto é o que é feito por aqueles que impõem como lei sobre outrem sua própria atitude ou vontade. E recordemos bem que aqui o sujeito não é o governo civil, no qual os editos e leis dos magistrados têm lugar, mas o governo espiritual da alma, no qual somente a palavra de Deus deve manter o domínio. Há, pois, um só Deus, que tem as consciências sujeitadas, por direito, a suas próprias leis, como o único que tem em sua própria mão o poder de salvar e destruir.

Daqui se transparece o que se deve pensar dos preceitos humanos, os quais lançam as redes da necessidade sobre as consciências. De fato alguns querem que demonstremos modéstia, quando chamamos o Papa de Anticristo, o qual exerce tirania sobre as almas dos homens, a si mesmo se fazendo um legislador em pé de igualdade com Deus. Desta passagem, porém, aprendemos bem mais que isso, a saber, que é membro do Anticristo quem voluntariamente se deixa ser assim enredado, e dessa forma renuncia a Cristo, quando se associa com um homem que é não só mortal, mas que também se exalta contra ele. É, digo eu, uma obediência degenerada render-nos ao diabo, quando admitimos que alguém além de Deus mesmo seja um legislador com o fim de dominar nossas almas.

Quem és tu. Há quem pense que aqui eles são admoestados para tornarem-se reprovadores de seus próprios vícios, a fim de que possam começar a examinar-se, e para que, ao descobrirem que não eram mais puros que os demais, cessem de ser tão severos. Creio que sua própria condição é simplesmente sugerida aos homens, de modo que descubram

o quanto se encontram em condição inferior àquela dignidade que assumiram, como Paulo também afirma: “Quem és tu que julgas outrem?” [Rm 14.4].

13. Atendei agora vós, que dizeis: Hoje, ou amanhã, iremos a tal cidade, e lá passaremos um ano, e compraremos e venderemos, e ganharemos.
14. Enquanto não sabeis o que acontecerá amanhã; porque, que é vossa vida? É um mero vapor que aparece por breve tempo, e então se desvanece.
15. Por isso devíeis dizer: Se o Senhor quiser, viveremos, e faremos isto ou aquilo.
16. Mas agora vos regozijais em vossas presunções; todo júbilo como esse é mal.
17. Aquele, pois, que sabe fazer o bem, e não o faz, para esse, isso é pecado.

13. Age nunc, qui dicitis, Hodie et cras eamus in civitatem, et transigamus illic annum unum, et mercemur et lucremur;
14. Qui nescitis quid cras futurum sit; quae enim est vita nostra? vapor est scilicet ad exiguum tempus apparens, deinde evanescens:
15. Quum dicere debeatis, Si Dominus voluerit, et vixerimus, faciemus hoc vel illud.
16. Nunc autem gloriamini in superbiis vestris; ominia gloriatio talis, mala est.
17. Qui ergo novit facere bonum, nec facit, peccati reus est.

13. Atendei agora. Aqui ele condena outro tipo de presunção: que muitos, que deviam ter dependido da providência de Deus, confiantemente determinavam o que deviam fazer, e delineavam seus planos por um longo tempo, como se tivessem há muitos anos a sua disposição pessoal, enquanto não tinham certeza nem mesmo de um único momento. Salomão também ridiculariza veementemente esse tipo de tola vanglória, quando diz que “os homens, em seus corações, delineiam seus caminhos; e que o Senhor, entrementes, governa a língua” [Pv 16.1]. E é algo mui insano comprometer-se a executar o que não podemos pronunciar com nossa língua. Tiago não reprova a forma de falar, mas, antes, a arrogância da mente, a saber, que os homens devem esquecer sua própria debilidade e falar assim presunçosamente; pois até mesmo os santos, que pensam humildemente de si mesmos, e reconhecem que seus passos são guiados pela vontade de Deus, contudo às vezes podem dizer, sem qualquer cláusula qualificadora, que farão isto ou aquilo. É deveras certo e próprio, quando prometemos algo que está no futuro, costumarmos usar palavras tais como estas: “Se aprouver ao Senhor”; “se o Senhor permitir”. No entanto, não se deve nutrir nenhum escrúpulo, como se fosse

pecado omiti-las; pois lemos por toda parte nas Escrituras que os santos servos de Deus falavam incondicionalmente de coisas futuras, quando ainda tinham como princípio fixo em suas mentes que nada podiam fazer sem a permissão de Deus. Então, quanto à prática de dizer: "Se o Senhor quiser ou permitir", é preciso muito cuidado para que seja uma prática de todos os santos.

Tiago, porém, instigou a estupidez dos que desconsideravam a providência de Deus, e reivindicavam para si um ano inteiro, ainda que não tivessem um único momento em seu próprio poder; prometeram a si mesmos uma aquisição que era muito remota, embora não houvessem tomado posse daquilo que estava bem diante de seus pés.

14. Pois, o que é vossa vida? Ele bem poderia ter refreado esta tola licença em determinar coisas ainda futuras por muitas outras razões; pois vemos como o Senhor diariamente frustra aqueles homens presunçosos que prometem que farão grandes coisas. Mas ele ficou satisfeito com este único argumento: Quem te prometeu uma vida para amanhã? Porventura podes tu, homem moribundo, fazer o que tão confiantemente resolveste fazer? Pois aquele que recorda a brevidade de sua vida terá sua audácia facilmente refreada a ponto de não estender demais suas resoluções. Mais ainda, por nenhuma outra razão, os ímpios se deleitam tanto, senão porque se esquecem de que são seres humanos. Pela similitude do *vapor*, ele mostra notavelmente que os propósitos que se fundam somente na presente vida são totalmente evanescentes.

15. Se o Senhor quiser. Traça-se uma dupla condição, "se vivermos longa vida" e "se o Senhor quiser"; porque muitas coisas podem intervir, lançando por terra o que porventura determinamos; pois somos cegos quanto a todos os eventos futuros.[37] Por *vontade* ele tem em mente não aquilo que é expresso pela lei, mas o conselho de Deus mediante o qual ele governa todas as coisas.

16. Mas agora vos regozijais, ou vos gloriais. Destas palavras podemos aprender que Tiago condenava algo mais do que uma palavra passageira. *Regozijai-vos*, ou vos gloriais, diz ele, em vossas vãs gabolices. Ainda que usurpassem de Deus seu governo, contudo se iludiam; não que abertamente se exaltassem como superiores a Deus, ainda que especialmente se inflassem com confiança em si mesmos, mas que suas mentes se achavam inebriadas com vaidade, a ponto de desconsiderarem a Deus. E, como advertências desse gênero geralmente são recebidas com desdém pelos ímpios – pior ainda, esta resposta é imediatamente dada: "Vós mesmos bem sabeis o que nos é oferecido, de modo que não há necessidade de tal advertência". Ele alega contra eles este conhecimento no qual se gloriavam, e declara que pecavam ainda mais gravemente, porque não pecavam por ignorância, mas movidos por menosprezo.

---

31. Invidia Siculi non invenere tyranni majus tormentum. – Epist. Lib. I. II. 58.

32. Não há manuscrito nem versão que favoreça φθονεῖτε. Quando se diz "matais", o significado é que agiam assim movidos pelo ódio ou inveja que nutriam, pois o ódio é a raiz do homicídio, e às vezes se origina da inveja. O que evidentemente levou Calvino e outros a conjeturarem que um equívoco aqui foi a dificuldade oriunda da ordem das palavras: "Matais e invejais"; mas esta ordem está em total consonância com o estilo da Escritura, onde amiúde o maior mal ou bem é mencionado primeiro, e então aquilo que o precede ou leva a ele. Aqui é o mesmo como se a copulativa, *e*, fosse traduzida causativamente, "matais porque invejais". A inveja é homicídio aos olhos de Deus. A linguagem da passagem como um todo é altamente metafórica. Ele chama suas contendas de "guerras e pelejas"; pois todo o teor da passagem é oposta à suposição de que ele se refere a guerras reais. Ele adota um termo militar para deleites interiores ou desejos ambiciosos, que "promovem guerra" em seus membros; a expedição para suas pelejas era preparada no íntimo, convocada em seu coração. E assim o caráter desta guerra é mais claramente definido: "Cobiçais", não, desejais; "matais", ou cometeis homicídio porque "invejais"; quando não podeis obter vossos objetivos, "deflagrais guerra e peleja", isto é, altercais e brigais. Avareza e ambição eram os dois males prevalecentes, mas especialmente a avareza; e avareza demais com o propósito de gratificar os deleites e propensões de sua natureza pecaminosa, como transparece do terceiro versículo.

33. Há grande volume de interpretações, diz Erasmo, sobre esta passagem. A dada por Calvino, e adotada por Whitby, Doddridge, Scholefield e outros, é a mais satisfatória, e a única que nos capacita a ver sentido nas palavras, "maior graça",

no versículo seguinte. O Espírito habita no povo de Deus, e ele habita aí para dar mais, ou aumentar a graça, segundo o teor do que lemos em Isaías 57.15, onde lemos que Deus habita "com o contrito e humilde de espírito", e para este propósito: "Vivificar o espírito dos humildes", etc. 5, 6. "Penseis que a Escritura fala assim em vão? O Espírito que nos habita tem ciúmes? Mais ainda, ele nos dá mais (ou aumenta) graça; por isso ele diz: Deus se arma contra o insolente, porém dá graça ao humilde". Os humildes são aqueles que são tais pela graça; Deus, porém, promete dar-lhes mais graça, para aperfeiçoar aquilo que foi começado.

34. A passagem está presente em todos os manuscritos e versões. Portanto, não há base para imaginar uma interpolação. E ela é tomada literalmente de Provérbios 3.34, segundo a Septuaginta; ainda que a primeira sentença difira do hebraico em palavras, contudo é substancialmente a mesma. "Escarnecer os escarnecedores" e "resistir (ou, armar-se contra) os orgulhos" ou insolentes, significa a mesma coisa.

35. No sétimo versículo, é como se ele continuasse em termos militares: "Estai, pois, à disposição de Deus; erguei-vos contra o diabo, e ele fugirá de vós". Deve-se observar, especialmente, que a primeira coisa é estar sob a bandeira e proteção de Deus, e então podemos, com sucesso, erguer-nos contra o diabo; à parte de Deus, não temos poder para resisti-lo. A ordem no versículo seguinte, o oitavo, é digna de nota, como um exemplo do que é muito comum na Escritura. A coisa principal é declarada primeiro, a saber, aproximação de Deus; e então as coisas que são previamente necessárias, a saber, a lavagem das mãos e a purificação do coração – provavelmente, uma alusão a uma prática entre os sacerdotes sob a lei, de se lavarem antes de se envolverem no serviço do templo. Tinham de lavar suas mãos como se estivessem manchadas com sangue, visto que o crime de homicídio lhes fora imputado no versículo 2; e tinham de purificar seus corações dos desejos cobiçosos e ambiciosos, os quais tinham contaminado. A não ser que essas coisas fossem feitas, não podiam achegar-se a Deus. E, ademais, era necessário que se achegassem a Deus antes que pudessem revestir-se de sua autoridade, de modo que há uma conexão entre este versículo e o anterior; o objetivo último, declarado primeiro, era a submissão a Deus e estar sob sua proteção; e tudo o que segue era necessário para tal propósito. A ordem regular seria: purificai vossos corações; lavai vossas mãos; achegai-vos a Deus; e sujeitai-vos a ele. Mas este modo de afirmação, por recuar, em vez de avançar, pode ser encontrado em todas as partes da Escritura.

36. Griesbach acresce καὶ κριτής, "e juiz", redação esta favorecida por muitos manuscritos e pelas versões; e, indubitavelmente, ela faz a passagem mais completa, especialmente quando o que segue pertence ao juiz, antes que ao legislador, isto é, salvar ou destruir.

37. As palavras podem ser traduzidas assim: "Se o Senhor quiser, tanto viveremos como faremos isto ou aquilo". De modo que viver e fazer são ambos dependentes da vontade de Deus.

Capítulo 5

1. Ide agora, vós, ricos, chorai e uivai por vossas misérias que sobre vós hão de vir.
2. Vossas riquezas estão corrompidas, e vossas vestes estão comidas de traça.
3. Vosso ouro e prata se enferrujaram; e sua ferrugem será um testemunho contra vós, e devorará vossa carne como se fosse fogo. Tendes amontoado tesouros para os últimos dias.
4. Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram vossos campos, e que por vós foi escondido com fraude, clama; e os clamores dos que ceifaram penetraram nos ouvidos do Senhor dos Exércitos.
5. Vós tendes vivido em prazeres sobre a terra, e vos deleitastes; e tendes nutrido vossos corações, como no dia de matança.
6. Tendes condenado e matado o justo; ele não vos resistiu.

1. Agedum nunc divites, plorate, ululantes super miseriis vestris quae advenient vobis.
2. Divitiae vestrae putrefactae sunt, vestimenta vestra a tineis exesa sunt.
3. Aurum et argentum vestrum aerugine corruptum est; et aerugo eorum in testimonium vobis erit, et exedet carnes vestras sicut ignis: thesaurum congessistis in extremis diebus.
4. Ecce merces operariorum, qui messuerunt regiones vestras, quae fraude aversa est à vobis, clamat; et clamores eorum qui messuerunt, in aures Domini Sabaoth introierunt.
5. In deliciis vixistis super terram; lascivistis, enutristis corda vestra; sicut in die mactationis.
6. Condemnastis et occidistis justum, et non resistis vobis.

1. Ide agora. Está equivocado, como penso, quem considera que aqui Tiago está exortando os ricos ao arrependimento. Quanto a mim, tudo indica que ele está simplesmente anunciando o juízo de Deus, com o qual ele pretende aterrorizá-los sem dar-lhes qualquer esperança de perdão; pois tudo o que ele diz tende unicamente ao desespero. Ele, pois, não lhes fala com o fim de convidá-los ao arrependimento; mas, ao contrário, ele leva em conta os fiéis, para que, ouvindo do miserável fim dos ricos, não invejassem sua fortuna; e, igualmente, que sabendo que Deus seria o vingador das injustiças que sofriam, pudessem, com uma mente serena e resignada, suportá-las.[38]

Mas ele não fala dos ricos indiscriminadamente, mas

daqueles que, vivendo imersos nos prazeres e inflados com soberba, em nada mais pensavam senão no mundo, e que, como goelas inexauríveis, devoravam tudo; porque, por sua tirania, oprimiam os outros, como transparece de toda a passagem.

Chorai e uivai, ou *lamentai, uivando*. Deveras, o arrependimento traz seu pranto; mas, estando misturado com consolação, não chega ao ponto de uivar. Então Tiago notifica que o peso da vingança de Deus será tão horrível e severo sobre os ricos, que se verão constrangidos a prorromper em uivos, como se lhes falasse sucintamente: "Ai de vós!" No entanto, é um modo profético de falar: os ímpios mantêm diante de seus olhos a punição que os aguarda, e já são representados de antemão como que a suportando. Como, pois, no momento estavam se gabando e prometendo a si mesmos que a prosperidade em que criam ser felizes seria perpétua, ele declarou que a mais dolorosa miséria já estava bem próxima.

2. Vossas riquezas. O significado pode ser duplo: que ele ridiculariza sua tola confiança, porque as riquezas nas quais depositavam sua felicidade eram totalmente evanescentes, sim, que podiam ser reduzidas a nada por apenas um sopro de Deus – ou que condena sua insaciável avareza, porque amontoavam riquezas simplesmente para isto: para que perecessem sem qualquer benefício. Este segundo significado é o mais ajustável. Aliás, é verdade que insanos são os ricos que se gloriam em coisas tão evanescentes como vestes, ouro, prata, e coisas como essas, visto que nada mais resta senão fazer sua glória sujeitar-se a ferrugem e traças; e bem conhecido é aquele dito: "O que se ganha mal logo se perde"; porque a maldição de Deus consome tudo, pois não é direito que os ímpios ou seus herdeiros desfrutem de riquezas que têm furtado, por assim dizer, pela violência, da mão de Deus.

Mas, como Tiago enumera os vícios pelos quais os ricos trouxeram sobre si a calamidade que ele menciona, o

contexto requer, como penso, que digamos que o que ele condena aqui é a extrema avidez dos ricos, em reterem tudo o que podiam guardar, e assim apodrecer inutilmente em seus baús. Pois assim ocorria que, o que Deus criara para o uso dos homens, eles destruíam, como se fossem os inimigos do gênero humano.[39]

Mas é preciso observar que os vícios que ele menciona aqui não pertencem a todos os ricos; pois alguns deles se deleitam no luxo, alguns gastavam muito em demonstração e exibição, e outros se privavam, vivendo miseravelmente em sua própria imundícia. Saibamos, pois, que ele aqui reprova uns vícios, em alguns, e uns vícios, em outros. Não obstante, em geral são todos condenados os que injustamente acumulam riquezas, ou que tolamente as usam mal. Mas o que agora Tiago diz não é apenas aplicável aos ricos extremamente obstinados (tais como o Euclião de Plauto), mas também aos que se deleitam em pompa e luxúria, e, contudo, preferem amontoar riquezas em vez de empregá-las com o propósito de beneficiar os necessitados. Pois tal é a malignidade de alguns, que dão de má vontade aos outros o sol e o ar comuns.

3. Testemunho contra vós. Estas palavras podem admitir também duas explicações: Pois Deus não designou o ouro para a ferrugem, nem as roupas para as traças; mas, ao contrário, ele os designou como auxílios e utilidades à vida humana. Portanto, seu emprego sem benefício é testemunho de desumanidade. O enferrujar do ouro e da prata será, por assim dizer, ocasião para inflamar a ira de Deus, de modo que, como o fogo, os consumirá.

Vós tendes amontoado tesouro. Estas palavras podem admitir também duas explicações: que os ricos, como pretendem sempre viver, nunca se satisfazem, mas se desgastam em amontoar o que poderia ser suficiente até o fim do mundo; ou, que amontoam a ira e maldição de Deus para o último dia. E este segundo ponto de vista é o que eu

adoto.[40]

4. Eis que o salário. Ele agora condena a crueldade, a invariável companheira da avareza. Ele, porém, faz referência a apenas uma espécie, a qual, acima das demais, deve ser, com justiça, julgada odiosa. Pois se uma pessoa humana e justa, como afirma Salomão em Provérbios 12.10, respeita a vida de seu animal, constitui uma barbárie monstruosa quando um homem não sente piedade pelo ser humano, cujo suor ele empregou para seu benefício pessoal. Daí o Senhor proibir estritamente, na lei, que o salário do trabalhador durma conosco [Dt 24.15]. Além disso, Tiago não se refere aos trabalhadores em geral, mas, com o intuito de ampliar, ele menciona agricultores e segadores. Pois o que pode ser mais vil do que, os que, com seu labor, nos suprem com pão, serem eles mesmos afligidos com escassez? E, no entanto, este algo monstruoso é bem comum; pois existem muitos com essa disposição tirânica, os quais pensam que o resto do gênero humano vive simplesmente para o exclusivo benefício deles.

Ele, porém, afirma que esse salário *clama*, pois seja o que for que os homens retenham, ou por fraude, ou por violência, do que pertence a outrem, clama por vingança, por assim dizer, em alto e bom som. Devemos notar bem o que ele adiciona: que os *clamores* dos pobres chegam aos ouvidos de Deus, para que tenhamos consciência de que a injustiça feita a eles não ficará impune. Portanto, os que são oprimidos pelos injustos devem resignadamente suportar seus males, porque terão Deus por seu defensor. E os que têm o poder de fazer dano devem abster-se da injustiça, para que não provoquem a Deus, que é o protetor e o benfeitor dos pobres, contra si mesmos. E, por esta razão, ele também chama Deus de o Senhor Sabaote, ou dos exércitos, com isso notificando seu poder e força, pelos quais ele torna seu juízo ainda mais terrível.

5. Em prazeres. Ele passa agora a outro vício, a saber, luxo

e gratificações pecaminosas; pois quem mergulha nas riquezas raras vezes se mantém dentro das fronteiras da moderação, senão que abusa de sua abundância pelas indulgências extremas. Há, deveras, alguns ricos, como eu já disse, que se afligem em meio a sua abundância. Pois não foi sem razão que os poetas imaginaram Tântalo faminto junto a uma mesa bem farta. Sempre houve e sempre haverá pessoas deste tipo no mundo. Tiago, porém, como já se afirmou, não fala de todos os ricos. Basta que vejamos este vício comumente prevalecendo entre os ricos, os quais são tão dados aos luxos, às pompas e superfluidades.

E embora o Senhor lhes permita que vivam livremente sobre o que possuem, contudo deve-se evitar a abundância e praticar a frugalidade. Pois não foi em vão que o Senhor, por boca de seus profetas, reprovou tão severamente os que dormiam em leitos de marfim, que usavam unguentos preciosos, que se deleitavam em suas festas ao som de harpa, que eram como que vacas gordas em seus ricos pastos. Pois todas essas coisas foram ditas com este propósito: para que saibamos que se deve observar a moderação, e que a extravagância causa desprazer em Deus.

Tendes nutrido vossos corações. Sua intenção é dizer que se deleitavam, não só até satisfazer a natureza, mas a ponto de se deixarem levar à ganância. Ele adiciona uma similitude, *como num dia de matança*, porque costumavam, em seus sacrifícios solenes, comer mais fartamente do que segundo seus hábitos diários. Ele, pois, afirma que os ricos festejavam todos os dias de sua vida, porque viviam imersos em perenes deleites.

6. Tendes condenado. Aqui segue outro gênero de desumanidade: que os ricos, por seu poder, oprimiam e destruíam os pobres e fracos. Ele diz, fazendo uso de uma metáfora, que os justos eram condenados e mortos; pois quando não os matavam por sua própria mão, ou os condenavam como juízes, contudo empregavam a autoridade que tinham para fazer injustiça, corrompiam os julgamentos

e usavam de artes variadas na destruição do inocente, isto é, realmente os condenavam e os matavam.[41]

Ao adicionar que o justo não lhes *resistia*, ele notifica que a audácia dos ricos era maior, porque aqueles a quem oprimiam eram destituídos de qualquer proteção. Não obstante, ele lhes recorda que ainda mais pronta e imediata seria a vingança de Deus, quando os pobres não contam com nenhuma proteção da parte dos homens. Mas, ainda que o justo não resista, porque deve suportar pacientemente as injustiças, contudo creio que sua debilidade é ao mesmo tempo realçada, isto é, ele não resistia, porque era desprotegido e sem qualquer auxílio da parte dos homens.

7. Sede, pois, irmãos, pacientes até a vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia.
8. Sede igualmente pacientes, fortalecei vossos corações; pois a vinda do Senhor já se aproxima.
9. Irmãos, não vos queixeis uns contra os outros, para não serdes condenados. Eis que o Juiz já está à porta.

7. Patienter ergo agite, fratres, usque in adventum Domini. Ecce agricola expectat pretiosum fructum terrae, patienter se gerens erga eum, donec recipiat pluvium matutinam et vespertinam.
8. Patienter ergo agite et vos; confirmate corda vestra, quoniam adventus Domini propinquus est.
9. Ne ingemiscatis alii in alios, fratres, ne condemnemini: ecce judex stat pro foribus.

7. Sede, pois, pacientes. À luz desta inferência é evidente que o que até aqui foi dito contra os ricos pertence à consolação dos que pareciam, por algum tempo, estar expostos às injustiças deles com impunidade. Porque, após haver mencionado as causas daquelas calamidades, as quais estavam pendentes sobre os ricos, e havendo declarado isto entre outras coisas, a saber, que arrogante e cruelmente dominavam sobre os pobres, imediatamente ele adiciona que nós, que somos injustamente oprimidos, temos esta razão para nutrir paciência: porque Deus viria a ser o Juiz. Pois isto é o que ele tem em mente quando diz: *até a vinda do Senhor*, isto é, que a confusão das coisas que ora se vê no mundo não será perpétua, porque o Senhor, em sua vinda, reduzirá as coisas à ordem, e que, portanto, nossa mente deve nutrir boa esperança; pois não é sem razão que se nos promete a

restauração de todas as coisas, naquele dia. E, ainda que o dia do Senhor em outro lugar na Escritura seja chamado uma manifestação de seu juízo e graça, quando ele socorrer seu povo e castigar os ímpios; não obstante, prefiro considerar a expressão aqui como uma referência ao nosso livramento final.

Eis que o lavrador. Paulo, em termos breves, faz referência à mesma similitude, em 2 Timóteo 2.6, quando afirma que o lavrador deve trabalhar antes de colher o fruto; Tiago, porém, expressa a idéia mais plenamente, porquanto menciona a paciência cotidiana do lavrador, que, depois de haver confiado a semente à terra, confiantemente, ou, pelo menos pacientemente, aguarda até que chegue o tempo da ceifa; tampouco se irrita porque a terra não produz imediatamente fruto maduro. Daí conclui que não devemos viver ansiosos sem comedimento, se agora é nosso dever trabalhar e semear, até que a ceifa, por assim dizer, chegue no dia do Senhor.

Precioso fruto. Ele o chama precioso, porque é a nutrição da vida e o meio de sustentá-la. E Tiago notifica que, visto que o lavrador suporta que sua vida, tão preciosa para ele, permaneça por longo tempo depositada no seio da terra, e tranquilamente suspenda seu desejo de colher o fruto, não devemos viver tão apressados e irritados, e sim aguardemos resignadamente o dia da nossa redenção. Não é necessário especificar particularmente as demais partes da comparação.

Chuva temporã e serôdia. Por essas duas palavras, *temporã* e *serôdia*, se realçam duas estações; a primeira segue logo a semeadura; e a outra, quando o grão está madurando. É assim que os profetas falam quando tencionavam ressaltar o tempo das chuvas [Dt 28.12; Jl 2.23; Os 6.3]. E ele faz menção de ambas as estações a fim de mostrar mais plenamente que os agricultores não se mostram desanimados pelo lento progresso de tempo, mas suporta a delonga.

8. Fortalecei vossos corações. Para que ninguém objete e

diga que o tempo de livramento delonga demais, ele neutraliza esta objeção e diz que o Senhor estava próximo, ou (que é a mesma coisa) que sua vinda estava raiando. Entrementes, ele nos convida a corrigirmos a inércia do coração, a qual nos enfraquece, a ponto de não perseverarmos na esperança. E, indubitavelmente, o tempo parece longo, porque sois frágeis e suscetíveis demais. Devemos, pois, munir-nos de força para que nos tornemos amadurecidos; e isso não pode ser obtido de outra forma senão esperando, e, por assim dizer, aperfeiçoando a visão da aproximação de nosso Senhor.

9. Não vos queixeis, ou não murmureis. Como as queixas de muitos foram ouvidas, os quais eram mais severamente tratados do que outros, esta passagem é assim explicada por alguns, como se Tiago convidasse a cada um a se contentar com sua própria sorte, não nutrir inveja dos outros, nem queixar-se se a condição de outros fosse mais tolerável. Quanto a mim, assumo outro ponto de vista; porque, após haver falado da infelicidade dos que afligem os homens bons e tranquilos com sua tirania, ele agora exorta os fiéis a serem justos entre si e prontos e passar por alto as ofensas. Que este é o significado real pode-se deduzir da razão que é exposta: Não sejais impertinentes uns contra os outros, *para que não sejais condenados*. Deveras podemos lamuriar quando alguém protesta junto ao Senhor contra outrem. E ele declara que assim todos seriam condenados, porque não há ninguém que não ofenda seus irmãos, e lhes propicia uma ocasião de murmurar. Ora, se cada um lamentasse, todos teriam acusado uns aos outros; pois ninguém era inocente, que não fizesse algum dano aos demais.

Deus será o juiz comum de todos. Qual, pois, será o caso, senão que cada um que busque trazer juízo sobre os outros, deve permitir que se faça o mesmo contra si; e assim todos serão devotados à mesma ruína. Que ninguém, pois, rogue vingança contra os outros, a menos que ele queira trazê-la sobre sua própria cabeça. E, para que não se precipitassem

em fazer queixas desse gênero, ele declara que o juiz estava à porta. Porque, como nossa propensão é profanar o nome de Deus, nas ofensas mais leves apelamos para seu juízo. Nenhum freio é mais próprio para refrear nossa temeridade do que considerar que nossas imprecações não se dissipam no ar só porque o juízo de Deus está próximo.

10. Meus irmãos, tomai por exemplo de suportar aflição e de paciência os profetas que falaram em nome do Senhor.
11. Eis que reputamos por felizes os que sofreram. Tendes ouvido da paciência de Jó, e tendes visto o fim que o Senhor lhe deu; porque o Senhor é muito piedoso e de terna misericórdia.

10. Exemplum accipite, afflictionis, fratres mei, et tolerantiae, prophetas, qui loquuti sunt nomine Domini.
11. Ecce beatos esse ducimus eos qui sustinent: patientiam Job audistis, et finem Domini vidistis, quod multùm sit msericors et commiserans.

10. Meus irmãos, tomai por exemplo os profetas. O conforto que ele traz não é aquele que se harmoniza com o provérbio popular, a saber: que a esperança do miserável é como companheira nas calamidades. Mas ele pôs diante deles os companheiros, em cujo número era desejável que fossem classificados; e ter a mesma condição que eles não constituía miséria. Porque, como necessariamente sentimos extrema tristeza quando algum mal nos ocorre, o qual os filhos de Deus nunca experimentaram, assim é uma singular consolação quando sabemos que não enfrentamos nada que fosse diferente deles; mais ainda, quando sabemos que temos de suportar o mesmo jugo que eles.

Ao ouvir Jó de seus amigos: "Chama agora; há alguém que te responda? E para qual dos santos te volverás?" [Jó 5.1], essa era a voz de Satanás, porquanto este desejava levá-lo ao desespero. Em contrapartida, quando o Espírito, pelos lábios de Tiago, se propõe despertar-nos à boa esperança, ele nos mostra todos os santos antigos, que, por assim dizer, nos estendem a mão e por seu exemplo nos encorajam a suportar e vencer as aflições.

A vida dos homens está deveras indiscriminadamente sujeita a tribulações e adversidades; Tiago, porém, não apresentava qualquer tipo de homens como exemplos, pois

de nada valeria perecer com a multidão; porém escolheu os profetas, em cujo companheirismo a pessoa é abençoada. Nada nos quebranta tanto, e nos desanima, como o senso de miséria; por isso é uma real consolação sabermos que as coisas comumente consideradas más constituem auxílios e corroboração para nossa salvação. Aliás, isto é o que a carne está muito longe de compreender; contudo os fiéis devem ser convencidos disto: que são felizes quando se vêem provados pelo Senhor mediante várias tribulações. Para convencer-nos disto, Tiago nos lembra a considerarmos o fim ou desígnio das aflições suportadas pelos profetas; pois, como em nossos próprios males, perdemos o senso de critério, deixando-nos influenciar pela tristeza, pela dor, ou algum outro sentimento desordenado, como nada vemos sob um céu nevoento e em meio às tormentas, e nos vendo arremessados para cá e para lá como que por uma tempestade, por isso se faz necessário que tornemos os olhos para outra direção, onde o céu de certo modo é sereno e radiante. Quando as aflições dos santos se relacionam com as nossas, nenhum de nós admite que eles eram miseráveis, senão que, ao contrário, eram ditosos.

Então Tiago nos fez muito bem; pois ele pôs diante de nossos olhos um padrão, para que aprendamos a atentar, sempre que formos tentados, ou para impaciência, ou para o desespero. E ele toma este princípio como admitido: que os profetas eram abençoados em suas aflições, pois as enfrentavam corajosamente. Visto ser assim, ele conclui que o mesmo critério deve ser formado quando somos afligidos.

E ele diz: *os profetas que falaram no nome do Senhor*; pelo quê, ele notifica que foram aceitos e aprovados por Deus. Se, pois, lhes fosse proveitoso viver livres das misérias, indubitavelmente Deus os teria mantido livres. Mas não foi assim. Donde se segue que as aflições são salutares aos fiéis. Ele, pois, os convida a serem tidos como um exemplo para quem enfrenta aflição. Mas é preciso adicionar ainda a paciência, a qual é uma evidência real de nossa obediência.

Daí ele nos associar com eles.

11. A paciência de Jó. Tendo falado em termos gerais dos profetas, ele agora aponta para um exemplo notável, acima dos demais. Pois ninguém, até onde podemos aprender das histórias, jamais se viu esmagado por tribulações tão duras e tão variadas como o foi Jó; e, no entanto, ele emergiu de um abismo tão profundo. Quem quer, pois, que imitar sua paciência, não nutrirá dúvida de descobrir a mão divina, a qual da mesma forma se estenderá para livrá-lo. Vemos para qual fim sua história foi escrita. Deus não permitiu que seu servo Jó sucumbisse, porque pacientemente suportou suas aflições. Então ele não desapontará a paciência de ninguém.

Não obstante, caso alguém indague: Por que o apóstolo recomenda tanto a paciência de Jó, quando ele exibiu muitos sinais de impaciência, deixando-se arrebatar por um espírito precipitado? A isto respondo que, ainda que às vezes ele falhasse pela fragilidade da carne, ou murmurasse em seu íntimo, contudo nunca cessou de render-se a Deus, e estava sempre disposto a deixar-se restringir e a governar por ele. Portanto, ainda que sua paciência era um tanto deficiente, contudo é merecidamente recomendada.

O fim que o Senhor lhe deu. Com estas palavras, ele notifica que as aflições devem ser sempre estimadas por sua finalidade. Pois, a princípio, é como se Deus estivesse bem longe, e que Satanás, no ínterim, se revelasse na confusão; a carne nos sugere que fomos esquecidos por Deus e perdidos. Devemos, pois, estender nossa visão para o horizonte longínquo, pois perto e em nosso redor é como se não houvesse nenhuma luz. Ademais, ele o denominou *o fim que o Senhor*, porque é sua obra prover as adversidades com um resultado benigno. Se devermos cumprir nosso dever, suportando os males obedientemente, de modo algum ele deixará de cumprir sua parte. A esperança só nos dirige ao fim; Deus, pois, se mostrará muito misericordioso, por mais ríspido e severo ele pareça ser enquanto nos aflige.[42]

12. Mas, acima de todas as coisas, meus irmãos, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem por qualquer outro juramento; mas, que vosso sim, seja sim, e vosso não, não; para que não caiais em condenação.
13. Está alguém entre vós aflito? Então ore. Está alguém alegre? Então cante salmos.

12. Ante omnia vero, fratres mei, Ne juretis, neque per coelum, neque per terram, neque aliud quodvis jusjurandum; sit autem vestrum, Est, Est; Non, non: ne in judicium (*vel, simulationem*) incidatis.
13. Affligitur quis inter vos? oret: hilari est animo? psallat.

12. Mas, acima de todas as coisas. Tem sido um vício comum, quase em todas as épocas, jurar leviana e inconsideradamente. Pois tão pervertida é nossa natureza, que não consideramos que crime atroz é profanar o nome de Deus. Pois ainda que o Senhor nos ordene estritamente a reverenciar seu nome, contudo os homens inventam vários subterfúgios e acreditam que podem jurar impunemente. Imaginam, pois, que não há nenhum mal nisso, desde que não mencionem publicamente o nome de Deus; e este é um pretexto muito antigo. Assim, os judeus, quando juravam pelo céu ou pela terra, criam que não profanavam o nome de Deus, porquanto não o mencionavam. Mas, embora os homens busquem ser engenhosos em suas dissimulações com Deus, se enganam com subterfúgios muito frívolos.

Foi a fútil isenção desse gênero [de juramento] que Cristo condenou, em Mateus 5.34. Tiago agora, subscrevendo o decreto de seu Mestre, nos ordena a abster-nos dessas formas indiretas de juramento; pois todo aquele que jura em vão, e em ocasiões impertinentes, profana o nome de Deus, seja qual for a forma que dê a suas palavras. Então, o significado é este: que não é mais lícito jurar pelo céu ou pela terra do que publicamente pelo nome de Deus. Cristo menciona a razão: porque a glória de Deus está por toda parte gravada e por toda parte ela resplandece; mais ainda, os homens, em juramentos, tomam céu e terra em nenhum outro sentido e com nenhum outro propósito do que se mencionassem o próprio Deus; porque, ao falar assim, simplesmente designam o Criador por suas obras.

Ele, porém, diz *acima de todas as coisas*, porque a profanação do nome de Deus não é uma ofensa leve. Os

anabatistas, laborando sobre esta passagem, condenam todo e qualquer juramento, mas, com isso, simplesmente denunciam sua ignorância. Pois Tiago não fala de juramentos em geral, tampouco Cristo na passagem a que fiz referência, mas ambos condenam aquele subterfúgio que era concebido quando os homens tomavam a liberdade de jurar sem expressar o nome de Deus, que era uma liberdade contrária à proibição da lei.

E isto é o que as palavras evidentemente significam: *nem pelo céu, nem pela terra*. Pois se a questão fosse quanto aos juramentos propriamente ditos, com que propósito essas formas eram mencionadas? E, assim, parece evidente que Cristo e Tiago, paralelamente, reprovavam a astúcia pueril dos que ensinavam que podiam jurar impunemente, contanto que adotassem algumas expressões sinuosas. Então, para que entendamos a intenção de Tiago, devemos entender, primeiramente, o preceito da lei: "Não tomarás o nome de Deus *em vão*". Daí parece claro que há um uso certo e lícito do nome de Deus. Ora, Tiago condena os que de fato não ousavam, de um modo direto, profanar o nome de Deus, porém tudo faziam para evadir a profanação que a lei condena, por meio de circunlocuções.

Mas, que vosso sim seja sim. Ele apresenta o melhor remédio para corrigir o vício que ora condena, a saber, que habitualmente mantivessem a verdade e fidelidade em todas suas expressões. Pois donde provém o mau hábito de jurar, senão que, tal é a falsidade dos homens, que não se pode confiar em suas palavras? Pois, se observassem a fidelidade, tal como devem, em suas palavras, não haveria necessidade de tantos juramentos supérfluos. Como, pois, a falsidade ou leviandade dos homens é a fonte da qual emana o vício de jurar, a fim de destruir tal vício, Tiago nos ensina que a fonte deve ser removida; pois o modo correto de sua cura é começando pela causa da enfermidade.

Algumas cópias trazem: "Mas, que vossa palavra (ou discurso) seja sim, sim; não, não". Não obstante, a redação

genuína é a que eu apresentei, e comumente é aceita; e eu já expliquei o que ele quis dizer, a saber: que devemos falar a verdade e ser fiéis em nossas palavras. Para o mesmo propósito é o que Paulo diz em 2 Coríntios 1.18, ou, seja, que em sua pregação ele não era sim e não, mas que seguia o mesmo curso desde o princípio.

Para que não caiais em condenação. Há uma redação diferente, em virtude da afinidade das palavras ὑπὸ κρίσιν e ὑπόκρισιν.[43] Se você ler "em julgamento" ou condenação, o sentido evidentemente será: tomar o nome de Deus em vão não ficará impune. No entanto, não é próprio dizer "em hipocrisia"; porque, quando a simplicidade, como já se disse, prevalece entre nós, elimina-se a ocasião para juramentos supérfluos. Se, pois, a fidelidade transparece em tudo o que dizemos, a dissimulação, que nos leva a jurar temerariamente, será removida.

13. Está alguém entre vós aflito? Ele quer dizer que não há tempo em que Deus não nos convide a si. Pois as aflições devem estimular-nos à oração; a prosperidade deve propiciar-nos uma ocasião de louvar a Deus. Mas, tal é a perversidade dos homens, que não podem regozijar-se sem se esquecerem de Deus, e que, quando, aflitos, se vêem desorientados e postos em desespero. Devemos, pois, manter-nos dentro dos devidos limites, de modo que a alegria que geralmente nos faz esquecer Deus nos induza a expressar a bondade de Deus, e que nossa dor nos ensine a orar. Pois ele pôs o *cantar salmos* em oposição a profanar e alegrar descontroladamente; e assim expressa sua alegria quem, pela prosperidade, se vê guiado, como deve fazer, a Deus.

14. Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja; e que eles orem sobre ele, ungindo-o com óleo no nome do Senhor;
15. E a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o erguerá; e, se tiver cometido pecados, lhe serão perdoados.

14. Infirmatur quis inter vos? Advocet presbyteros ecclesiae, et orent super eum, ungentes oleo in nomine Domini:
15. Et oratio fidei servabit aegrotum, et excitabit eum Dominus; et si peccata admiserit, remittentur illi.

14. Está alguém entre vós doente? Como o dom da cura ainda estava em vigor, ele leva o enfermo a desfrutar do recurso desse remédio. Deveras é certo que nem todos eram curados; mas o Senhor concedia este favor até o ponto que bem sabia ser conveniente; nem é provável que o óleo fosse aplicado indiscriminadamente, mas só quando havia alguma esperança de restauração. Pois juntamente com o poder foi dada também a discrição aos ministros, para que, por abuso, não profanassem o símbolo. O propósito de Tiago não era outro senão enaltecer a graça de Deus que os fiéis podiam então desfrutar, para que o benefício dele não fosse perdido pelo descaso ou negligência.

Para este propósito ele ordenou que se enviassem os presbíteros, mas uso da unção teria sido limitado ao poder do Espírito Santo.

Os papistas se vangloriam entusiasticamente desta passagem, quando buscam aplicar a extrema-unção. Mas, presentemente, não tentarei mostrar quão diferente é sua corrupção da antiga ordenança mencionada por Tiago. Que os leitores aprendam isto em minhas *Institutas* [IV.19.18]. Apenas digo isto: que esta passagem é perversa e ignorantemente pervertida, quando, por meio dela se institui a extrema-unção, e a denominam de sacramento a ser perpetuamente observado na igreja. Deveras admito que ela foi usada, pelos discípulos de Cristo, como sacramento (pois não posso concordar com os que pensam que era um remédio); mas, como a realidade deste sinal continuou só por algum tempo na igreja, o símbolo também teria persistido só por algum tempo. E é bem evidente que nada é mais absurdo do que chamar sacramento aquilo que é vazio e não nos apresenta a realidade daquilo que ele significa. Que o dom de cura era temporário, todos se vêem constrangidos a admitir, e os eventos claramente comprovam. Então o sinal dela não deve ser julgado perpétuo. Daí se segue que, quem hoje põe a unção entre os sacramentos não constitui um genuíno seguidor, e sim um imitador dos apóstolos, a não ser

que restaure o efeito produzido por ele, o qual Deus eliminou do mundo por mais de quatrocentos anos. E assim não discutimos se a unção uma vez foi um sacramento, mas se ela foi dada para ser perpétua. Negamos isto, porque é evidente que a coisa significada há muito tempo cessou.

Os presbíteros, ou anciãos, *da igreja*. Eu incluo aqui, em termos gerais, todos quantos presidiam sobre a igreja; pois não só os pastores eram denominados presbíteros ou anciãos, mas também aqueles que eram escolhidos dentre o povo para serem, por assim dizer, censores a protegerem a disciplina. Pois cada igreja tinha, por assim dizer, seu próprio senado, escolhido dentre os homens de peso e de integridade comprovada. Mas, como era costume escolher especialmente aqueles que eram dotados com dons mais que ordinários, ele lhes ordenou que enviassem os anciãos, como sendo aqueles em quem se exibiam mais particularmente o poder e a graça do Espírito Santo.

Que orem sobre ele. Este costume de orar sobre alguém se destinava a mostrar que eram, por assim dizer, postos diante de Deus; pois, quando adentramos, por assim dizer, a própria cena, pronunciamos orações com mais sentimento; e não só Elias e Paulo, mas o próprio Cristo, despertaram o ardor pela oração e enalteceram a graça de Deus por orarmos assim sobre as pessoas [2Rs 4.32; At 20.10; Jo 11.41].

15. Deve-se, porém, observar que ele conecta a oração uma promessa, para que a mesma não seja feita sem fé. Pois aquele que duvida, como alguém que não invoca a Deus corretamente, é indigno de obter algo, como já vimos no primeiro capítulo. Quem quer, pois, que busque ser ouvido deve estar plenamente persuadido de que não ora em vão.

E como Tiago põe diante de nós este dom especial, ao qual o rito externo era apenas uma adição, daí aprendemos que o óleo não poderia ser corretamente usado sem a fé. Mas, visto transparecer que os papistas não têm certeza no tocante a sua unção, quando se manifesta que não têm nenhum dom, é evidente que sua unção é espúria.

E se tiver cometido pecados. Isto não é adicionado apenas à maneira de ampliação, como se ele quisesse dizer que Deus daria algo mais ao enfermo além da saúde do corpo; mas por causa das enfermidades que eram repetidas vezes infligidas por conta dos pecados, e, ao falar de sua remissão, ele notifica que a causa do mal seria removida. E, de fato, vemos que Davi, ao ser afligido por doença, e buscar alívio, se engajava totalmente na busca do perdão de seus pecados. Por que ele fez isso, senão porque, enquanto reconhecia o efeito de suas faltas em sua punição, julgava que não havia outro remédio senão que o Senhor cessaria de imputar-lhe seus pecados?

Os profetas estão saturados desta doutrina: que os homens são aliviados de seus males quando se vêem livres da culpa de suas iniquidades. Reconheçamos, pois, que o único remédio próprio para nossas doenças e outras calamidades, quando nos examinamos detidamente, é sermos solícitos em sermos reconciliados com Deus e em obter o perdão de nossos pecados.

16. Confessai vossas faltas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sejais curados. A oração eficaz e fervorosa de um justo é de muito valor.
17. Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós, e orou ardentemente para que não chovesse; e não choveu sobre a terra pelo espaço de três anos e seis meses.
18. E orou outra vez, e o céu deu chuva, e a terra produziu seu fruto.

16. Confitemini invicem peccata vestra, et orate invicem alii pro aliis, ut salvemini: multum valet precatio justi efficax.
17. Elias homo erat passionibus similiter obnoxius ut nos; et precatione precatus est, ne plueret; et non pluit super terram annos tres et sex menses.
18. Et rursum oravit, et coelum dedit pluviam, et terra protulit fructum suum.

16. Confessai vossas faltas uns aos outros. Em algumas cópias, insere-se a partícula conclusiva, com propriedade; pois ainda quando não é expressa, deve ser subentendida. Ele dissera que os pecados eram perdoados ao enfermo sobre quem os anciãos oravam; agora nos lembra quão proveitoso é expor nossos pecados a nossos irmãos, a saber, que podemos obter o perdão deles por meio de sua intercessão.[44]

Esta passagem, bem sei, é explicada por muitos como se referindo à reconciliação de ofensas; pois quem deseja retornar novamente às graças necessariamente deve estar ciente, antes de tudo, de suas próprias faltas e confessá-las. Pois daí ele conclui que o ódio lança raízes, sim, e cresce e se torna irreconhecível, porque cada um, obstinadamente, defende sua própria causa. Muitos, pois, pensam que Tiago realça aqui o modo da reconciliação fraternal, isto é, por mútuo reconhecimento dos pecados. Mas, como já se disse, seu objetivo era diferente; pois ele conecta oração mútua com confissão mútua; notificando com isso que a confissão vale para este fim: para que seja corroborada junto a Deus pelas orações de nossos irmãos; pois quem conhece nossas necessidades se vê estimulado a orar para que sejamos assim assistidos; mas aqueles para quem nossas enfermidades são desconhecidas são mais morosos em trazer-nos ajuda.

Surpreendente, deveras, é a tolice ou insinceridade dos papistas que se esforçam em edificar sua sussurrante confissão sobre esta passagem. Pois seria fácil inferir das palavras de Tiago que só aos sacerdotes se deve confessar. Porque, visto que uma confissão mútua, ou, para falar mais claramente, aqui se demanda uma confissão recíproca, a ninguém mais se convida a confessar seus próprios pecados, senão aqueles que, por seu turno, estão aptos a ouvir a confissão de outros; mas isto os sacerdotes reivindicam exclusivamente para si. Então se requer confissão somente deles. Mas, visto que suas puerilidades não merecem refutação, que a explicação genuína e verdadeira, já dada, seja considerada por nós como suficiente.

Pois as palavras significam claramente que se requer confissão para nenhum outro propósito senão para que os que conhecem nossos males sejam mais solícitos em propiciar-nos socorro.

É de muito valor. Para que ninguém pensasse que isto fosse feito sem fruto, ou seja, quando outros oram por nós,

ele menciona expressamente o benefício e o efeito da oração. Mas ele designa expressamente a *oração de um justo*, ou *homem justo*; porque Deus não ouve os ímpios; tampouco o acesso para Deus está aberto, exceto através de uma boa consciência. Não que nossas orações estejam fundadas em nossa dignidade pessoal, mas porque o coração tem de estar purificado pela fé antes que possamos apresentar-nos diante de Deus. Então Tiago testifica que o justo ou fiel ora por nós beneficamente e não destituído de fruto.

Mas, o que ele tem em mente ao acrescentar *eficaz* ou eficiente, uma vez que parece supérfluo? Porque, se a oração vale muito, então ela é indubitavelmente eficaz. O antigo intérprete o traduziu por "assíduo"; mas isso é forçado. Pois Tiago usa o particípio grego, ἐνεργούμεναι, que significa "operar". E a sentença pode ser assim traduzida: "Ela vale muito, porque é eficaz".[45] Como este é um argumento extraído deste princípio, a saber, que Deus não permitirá que as orações dos fiéis sejam vazias ou infrutíferas, daí, pois, ele conclui não injustamente que ela vale muito. Eu, porém, ao contrário, a confinaria ao presente caso; pois é possível dizer, com propriedade, que nossas orações são ἐνεργούμεναι, operantes, quando nos deparamos com alguma necessidade que nos impulsiona a orar com ardor. Oramos diariamente por toda a igreja, para que Deus perdoe seus pecados; mas então nossa oração só é realmente ardente quando saímos em socorro dos que se encontram em tribulação. Mas tal eficácia não pode estar nas orações de nossos irmãos, a menos que saibam que estamos em dificuldades. Daí a razão dada não ser geral, mas deve ser especialmente direcionada para a sentença anterior.

17. Elias era um homem. Há na Escritura inumeráveis exemplos do que ele pretendia provar; mas ele escolheu um que é notável, acima de todos os demais. Pois era algo imensurável que Deus fizesse com que o céu, de certa maneira, se sujeitasse às orações de Elias, a ponto de

obedecer a seus desejos. Elias manteve o céu encerrado através de suas orações, e isso ao longo de três anos e meio; ele novamente o abriu, para que derramasse abundância de chuva. Daí transparecer o maravilhoso poder da oração. Bem sabemos ser esta uma história extraordinária, e a encontramos em 1 Reis 17 e 18. E ainda que ali não se diga expressamente que Elias orou pela seca, contudo é fácil de deduzir isso, e que também a chuva foi dada em resposta à sua oração.

Devemos notar, porém, a aplicação do exemplo. Tiago não diz que se deva buscar da parte do Senhor a seca, só porque Elias o obteve; pois é possível que nós, por inconsiderado zelo, presunçosa e insensatamente imitemos o profeta. Devemos, pois, observar a norma da oração, de modo que ela seja feita pela fé. Ele, pois, acomoda assim este exemplo – que, se Elias foi ouvido, assim também o seremos quando orarmos corretamente. Porque, como a ordem para orarmos é comum, e como a promessa é comum, segue-se que o efeito também será comum.

Para que ninguém objete e diga que estamos muito distantes da dignidade de Elias, ele o coloca em nossa própria condição, dizendo que ele era um *homem* mortal e *sujeito às mesmas paixões* que nós. Porquanto extraímos menos benefício dos exemplos dos santos, só porque os imaginamos como sendo semi-deuses ou heróis, que mantinham um relacionamento especial com Deus; de modo que, visto que foram ouvidos, não extraímos disso confiança. Com o intuito de abalar esta superstição pagã e profana, Tiago nos lembra que os santos devem ser considerados como que possuindo a fragilidade da carne; de modo que aprendamos a atribuir ao Senhor o que eles obtiveram, não por seus méritos, mas pela eficácia da oração.

Daí transparecer quão infantis são os papistas, que ensinam os homens a buscarem amparo na proteção dos santos, porque foram ouvidos pelo Senhor. Pois arrazoam assim: “Visto que ele obteve o que pedira enquanto vivia no mundo,

agora, após sua morte, ele será nosso melhor patrono". Esta sorte de sutil subterfúgio era totalmente desconhecida ao Espírito Santo. Pois Tiago, ao contrário, argumenta que, como suas orações foram tão valiosas, assim devemos, de igual modo, orar hoje em conformidade com seu exemplo, e que não agiremos assim em vão.

19. Irmãos, se algum dentre vós desviar-se da verdade, e alguém o converter,
20. Que o mesmo saiba que aquele que converter o pecador do erro de seu caminho salvará uma alma da morte, e ocultará uma multidão de pecados.

19. Fratres mei, si quis inter vos erraverit a veritate, et converterit quispiam eum;
20. Cognoscat quod qui converterit peccatorem ab errore viae suae, servabit animam à morte, et multitudinem operiet peccatorum.

20. Que o mesmo saiba. Tenho dúvida se isto não deveria ter sido escrito γιςώσκετε, "sabei". Entretanto, em ambos os casos, o significado é o mesmo. Pois Tiago nos recomenda a correção de nossos irmãos do efeito produzido, para que atentem mais assiduamente para este dever. Nada é melhor ou mais desejável do que livrar uma alma da morte eterna; e isto é o que faz quem restaura um irmão errado à vereda certa; portanto, uma obra tão excelente de modo algum deve ser negligenciada. Dar alimento ao faminto, e de beber ao sedento, notamos quanto valor Cristo deu a tais atos; mas a salvação da alma é por ele estimada como sendo muito mais preciosa que a vida do corpo. Devemos, pois, atentar bem para que nenhuma alma pereça por nossa indolência, cuja salvação Deus põe, de certa maneira, em nossas mãos. Não que podemos outorgar-lhes a salvação; mas que Deus, mediante nosso ministério, liberta e salva os que pareceriam, de outro modo, estar à beira da destruição.

Algumas cópias trazem sua alma, o que não causa mudança ao sentido. Entretanto, prefiro a outra redação, pois contém mais força.

E ocultará uma multidão de pecados. Ele faz uma alusão a um dito de Salomão, mais que uma citação [Pv 10.12]. Salomão diz que o amor cobre pecados, enquanto o ódio os proclama. Pois quem odeia arde com o desejo de difamar

mutuamente. O amor, pois, sepulta os pecados em relação aos homens. Tiago ensina aqui algo mais elevado, a saber, que os pecados são apagados diante de Deus; como se ele quisesse dizer que Salomão declarou isto como o fruto do amor: que ele cobre pecados; mas não há melhor ou mais excelente modo de cobri-los do que quando são totalmente cancelados diante de Deus. E isto é feito quando o pecador, por nossa admoestação, é conduzido ao caminho certo. Devemos, pois, especial e mais cuidadosamente, atentar para este dever.

Fim da Epístola de Tiago.

---

38. Muitos comentaristas, tais como Grotius, Doddridge, Macknight e Scott, consideram que o apóstolo se refere, no princípio deste capítulo, não aos cristãos professos, mas aos judeus incrédulos. Nada se diz aqui que possa conduzir-nos a tal opinião. E se os dois capítulos precedentes foram dirigidos (o que é admitido por todos) aos que professavam a fé, não há razão por que este não fosse dirigido a eles; os pecados aqui condenados não são piores que os condenados previamente. Aliás, descobrimos nas Epístolas de Pedro e na de Judas que havia homens, que naquele tempo professavam a religião, não eram nem pouquinho melhores (se não piores) que muitos dos que professam religião em nossa época. Além disso, não era incomum, em epístolas dirigidas aos cristãos, falar a descrentes. Aliás, Paulo diz expressamente: "Por que eu haveria de julgar os que são de fora?" [1Co 5.12]. Que havia ricos que professavam o evangelho naquele tempo é evidente à luz de Tiago 1.10.

39. Aqui se faz referência a três sortes de riquezas: armazéns de grãos, que apodreciam; vestes, que eram devoradas por traças; e metais preciosos, dinheiro e jóias, etc., que enferrujavam.

40. Por "últimos dias" comumente estão implícitos os dias do evangelho. O dia do juízo é, com frequência, chamado por João, em seu Evangelho, "o último dia". A referência feita por alguns à destruição de Jerusalém não encontra nada na passagem que a favoreça. "Amontoar tesouro", ou fazer um estoque, tem uma referência evidente ao dia do juízo, como Paulo faz uso da mesma expressão em Romanos 2.5, só lhe acrescentando "ira", que é também adicionado aqui pela Vulgata. O versículo como um todo é ameaçador, e nesta sentença os ricos são lembrados do resultado, o resultado final de sua conduta. O caráter do estoque deve ser apreendido da parte precedente do versículo. Ao entesourarem riqueza desonesta, estavam entesourando ira para si mesmos.

41. Muitos têm imaginado que a referência aqui é a condenação de nosso Salvador pela nação judaica, especialmente quando ele é chamado ὁ δίκαιος, "o Justo". Isto procede, porém o cristão é também denominado assim em 1 Pedro 4.18. Tiago

mui frequentemente individualiza os fiéis, usando o singular pelo plural. O contexto como um todo prova que aqui ele fala dos fiéis pobres que sofriam injustiça dos ricos, que professavam a mesma fé. Além disso, a morte de Cristo não é atribuída aos ricos, e sim aos anciãos e principais sacerdotes. Os dois primeiros verbos, sendo aoristos, podem ser traduzidos no presente do indicativo, especialmente quando o último verbo está nesse tempo. Pois no próprio verbo seguinte, o sétimo, o aoristo é assim usado. Podemos, pois, dar esta versão: 6. "Vós condenais, vós matais o justo; ele não se põe contra vós em aparato". Provavelmente, o aoristo é usado quando expressa o que era feito habitualmente, ou um ato contínuo, como às vezes se dá com o futuro em hebraico. O versículo precedente, o quinto, onde todos os verbos são aoristos, seria mais bem traduzido do mesmo modo: "Vós viveis em prazeres", etc.

42. "O fim do Senhor" parece uma expressão singular; mas τέλος, o fim propriamente dito, significa também o resultado, o desfecho, o término, a conclusão. É genitivo da causa eficiente, "o fim (ou resultado) dado pelo Senhor". Conferir Jó 42.12. Segundo Griesbach, há três manuscritos que trazem ἔλεος, "misericórdia"; o que seria bem apropriado – "e tendes visto a misericórdia do Senhor, que ele possui a plenitude da comiseração, e é compassivo." Mas a autoridade não é suficiente.

43. Para εἰς ὑπόκρισιν há diversos manuscritos, mas para ὑπὸ κρίσιν há não só vários manuscritos, mas as versões mais antigas: Siríaca e Vulgata; assim Griesbach toma a segunda como a redação genuína.

44. A conclusiva οὖν, ainda que encontrada em alguns manuscritos, não é introduzida por Griesbach no texto, não havendo evidência suficiente em seu favor. Nem aparece ali uma razão suficiente para a conexão mencionada por Calvino. Os dois casos parecem ser diferentes. Os anciãos da igreja deviam, no exemplo prévio, ser chamados, os quais deviam orar e ungir o enfermo, e lemos que a oração da fé (i.e. da fé miraculosa) salvaria o enfermo, e que seus pecados lhe seriam perdoados. Este, evidentemente, era um caso de cura milagrosa. Mas o que está expresso neste versículo parece ser bem diferente. Menciona-se oração isoladamente, feita não pelos anciãos, mas por um justo, não salvando como no primeiro caso, mas sendo muito proveitosa. Parece, pois, provável os pecados do enfermo, miraculosamente curado, eram mais especialmente contra Deus; e que os pecados que deviam ser confessados uns aos outros eram contra os irmãos, também visitados com juízo; e o remédio para eles era a confissão mútua e a oração mútua; mas o sucesso, neste caso, não era tão certo como no primeiro, apenas somos informados que uma oração fervorosa é de grande valia. Então, para encorajar esta oração solícita ou fervorosa, aduz-se o caso de Elias; mas isso nada tem a ver com cura miraculosa.

45. É difícil admitir tal coisa. A palavra expressa que sorte de oração é a que vale muito. Além disso, valer muito e ser eficaz são duas coisas distintas. A palavra como um verbo e um particípio comumente tem um sentido ativo. Schleusner dá apenas um exemplo em que ela tem um significado passivo – 2 Coríntios 1.6. Pode-se adicionar também 2 Coríntios 4.12. Se tomada passivamente, pode ser traduzida como "entretecido", isto é, pelo Espírito, segundo Macknight. Mas tem sido mais comumente tomada ativamente, e no sentido do adjetivo verbal ἐνεργὴς,

energético, poderoso, ardoroso, fervoroso.

SÉRIE COMENTÁRIOS BÍBLICOS

JOÃO CALVINO

1 Pedro



Argumento da Epístola de 1Pedro

O desígnio de Pedro, nesta Epístola, é exortar os fiéis a uma negação do mundo e a um menosprezo por ele, de modo que, estando livres dos afetos carnais e todos os obstáculos terrenos, possam eles, de toda sua alma, aspirar ao reino espiritual de Cristo para que, sendo elevados pela esperança, sustentados pela paciência, e fortalecidos pela coragem e perseverança, vençam todos os tipos de tentações e sigam este curso e prática ao longo de sua vida terrena.

Daí, já desde o início ele proclama, em palavras expressas, que a graça de Deus pode ser conhecida por nós em Cristo; e, ao mesmo tempo, ele acresce que ela é recebida pela fé e possuída pela esperança, de modo que os piedosos elevem suas mentes e corações acima do mundo. Daí também ele os exorta à santidade, para que não tornem vazio o preço pelo qual foram redimidos, e para que não permitam que a semente incorruptível da Palavra, pela qual foram regenerados para a vida eterna, fosse destruída ou morta. E, como ele dissera que haviam nascido pela Palavra de Deus, ele faz menção de sua infância espiritual. Ademais, para que sua fé não vacilasse nem se abalasse, já que viam Cristo sendo desprezado e rejeitado quase pelo mundo inteiro, ele lhes recorda que este era apenas o cumprimento do que fora escrito sobre ele: que seria a pedra de tropeço. Mas ele lhes ensina que Cristo seria um sólido fundamento para aqueles que nele crêem. Daí novamente referir-se à grande honra à qual Deus os elevara, para que se animassem pela contemplação de seu estado pregresso, e pela percepção de

seus benefícios atuais, a se devotarem a uma vida piedosa.

Em seguida ele passa a exortações particulares – que deviam conduzir-se, em humildade e obediência, sob o governo dos príncipes, que os servos fossem sujeitos aos seus senhores, que as esposas fossem obedientes aos seus esposos e fossem modestas e castas, e que, em contrapartida, os esposos tratassem suas esposas com benignidade. E então ele lhes ordena que observassem o que era justo e certo, uns em relação aos outros; e que fizessem isto de forma espontânea, e põe diante deles qual seria o fruto – uma vida pacífica e feliz.

Entretanto, como sucede aos cristãos que, por mais que buscassem paz, mais eram fustigados por muitas injúrias, e tinham o mundo, não por justa causa, como seu inimigo, ele os exorta a suportarem serenamente suas perseguições, as quais, bem sabiam, promoviam sua salvação. Para este propósito, ele evoca o exemplo de Cristo. Em contrapartida, ele lhes recorda que desditoso fim aguarda os ímpios, enquanto no ínterim Deus livra maravilhosamente sua igreja de mortes e mais mortes. Ele se refere ainda mais ao exemplo de Cristo, com o fim de reforçar a mortificação da carne. A esta exortação ele acresce vários e breves casos; mas, sucintamente, em seguida ele volta à doutrina da paciência, para que os fiéis ministrassem consolação a seus males, considerando como lhes sendo um bem serem disciplinados pela paterna mão de Deus.

No início do quinto capítulo, ele lembra aos anciãos seus deveres: que não fossem tiranos sobre a igreja, mas que a presidissem sob Cristo, com moderação. Recomenda aos jovens prudência e docilidade. Por fim, após uma breve exortação, ele conclui a Epístola com uma oração.

Quanto ao lugar de onde escreveu, nem todos são concordes. Não obstante, não há razão, como vejo, porque duvidarmos que então ele se encontrava em Babilônia, como declara expressamente.[46] Mas, como prevaleceu a persuasão

de que ele se mudou de Antioquia para Roma, e que morreu em Roma, os antigos, levados por este único argumento, imaginaram que aqui Roma é alegoricamente chamada Babilônia. Mas, como em qualquer provável conjetura, temerariamente creram que no que tinha sido dito do episcopado romano de Pedro, assim também esta ficção alegórica deve ser considerada como nada. Aliás, é muito mais provável que Pedro, segundo o caráter de seu apostolado, viajasse por todas as partes nas quais residia a maioria dos judeus; e sabemos que um grande número deles estava em Babilônia e nos países adjacentes [nesta época].

---

46. Horne, em sua Introdução, vol. iv. p. 425, menciona quatro opiniões sobre este tema. Segundo Pearson, Mill e Le Clerc, era Babilônia no Egito; segundo Erasmo, Drusius, Beza, Dr. Lightfoot, Basnage, Beausobre, Dr. Cave, Wetstein, Drs. Benson e A. Clarke, era Babilônia na Assíria; segundo Michaelis, era Babilônia na Mesopotâmia; e, segundo Grotius, Drs. Whitby, Lardner, Macknight e Hales, Tomline e todos os eruditos de comunhão católica, deve ser tomado figuradamente como sendo Roma, como foi feito por João em Apocalipse 17 e 18. O que torna a última opinião muito improvável é que datar uma epístola num lugar ao qual se dá um nome figurado é destituído de qualquer outro exemplo na Escritura, e a coisa em si parece um grande absurdo. A linguagem de profecia é uma matéria bem diferente. Paulo escreveu várias de suas epístolas em Roma, e em nenhum caso ele fez algo desse gênero. Tal opinião nunca teria ganhado terreno não tivesse havido desde tempos idos uma tola tentativa de conectar Pedro com Roma. E é constrangedor que alguns protestantes eruditos tenham sido ingênuos sobre este assunto ante uma massa de evidências fictícias que foram coletadas pelos partidários da igreja romana.

Capítulo 1

1. Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos forasteiros dispersos pelo Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia,
2. eleitos segundo a presciência de Deus o Pai, pela santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça a vós, e paz vos seja multiplicada.

1. Petrus, apostolus Jesu Christi, electis inquilinis qui dispersi sunt per Pontum, Galatiam, Cappadociam, Asiam et Bithyniam,
2. Secundum praecognitionem Dei Patris in sanctificatione Spiritus, in obedientiam et aspersionem sanguinis Jesu Christi; Gratia vobis et pax multiplicetur.

1. Pedro, apóstolo. Não há necessidade de nova explicação no que nesta saudação equivale ao mesmo nas de Paulo. Quando Paulo orava pela *graça* e *paz*, omite-se o verbo; Pedro, porém, o adiciona, e afirma: *seja multiplicada*; não obstante, o significado é o mesmo, porquanto Paulo não deseja para os fiéis o ponto de partida da graça e paz, e sim o incremento delas, ou seja, que Deus complete fazer o que já começou.

Aos eleitos. Pode-se indagar como isso poderia ser descoberto, se a eleição divina é oculta, e não pode ser conhecida sem a revelação especial do Espírito; e como cada um de nós se certifica de sua eleição pessoal mediante o testemunho do Espírito, assim nada pode saber com certeza acerca dos demais. Eis minha resposta: não devemos inquirir curiosamente acerca da eleição de nossos irmãos; mas, ao contrário disso, devemos levar em conta sua vocação, de modo que todos quantos são, mediante a fé, admitidos na igreja, devem ser considerados eleitos; pois desse modo Deus os separa do mundo, o que é um sinal de sua eleição. Não constitui objeção afirmar que apostatam, nada possuindo senão aparência; pois é o juízo da caridade e não

da fé quando julgamos como sendo eleitos todos quantos exibem a marca da adoção divina. E que ele não extrai sua eleição do conselho secreto de Deus, e sim a deduz do efeito, é evidente do contexto; pois em seguida ele a conecta com a *santificação do Espírito*. Portanto, até onde provam que foram regenerados pelo Espírito Santo de Deus, até aí podem julgar que são eleitos de Deus, pois este não santifica a ninguém mais senão aqueles a quem ele previamente elegeu.

Não obstante, ao mesmo tempo ele nos lembra de onde emana essa eleição, pela qual somos separados para a salvação, para que não pereçamos com o mundo; pois ele diz: *segundo a presciência de Deus*. Esta é a fonte e a causa primeira: pois antes que o mundo fosse criado Deus conhece a quem ele elegeu para a salvação.

Devemos, porém, considerar sabiamente o que seja esta previsão ou presciência. Pois os sofistas, com o fim de obscurecer a graça de Deus, imaginam que os méritos de cada um são pré-conhecidos por Deus, e que assim os réprobos são distinguidos dos eleitos, quando cada um se prova digno desta ou daquela sorte. A Escritura, porém, por toda parte estabelece o conselho de Deus sobre o qual está fundada nossa salvação, em oposição aos nossos méritos. Daí, quando Pedro os denomina de eleitos segundo o pré-conhecimento de Deus, ele notifica que a causa dela depende de nada mais senão unicamente de Deus, pois ele nos escolheu com base em seu livre-arbítrio. Então a presciência de Deus exclui toda e qualquer dignidade da parte do homem. Já tratamos deste tema, mais extensamente, no primeiro capítulo da Epístola aos Efésios e em outros lugares.

No tocante à nossa eleição, ele designa o primeiro lugar ao favor gratuito de Deus, e assim uma vez mais ele quer que a conheçamos pelos efeitos, pois nada há mais perigoso ou mais oposto do que ignorar nossa vocação e buscar a certeza de nossa eleição na presciência secreta de Deus, a qual é um labirinto insondável. Portanto, para eliminar este perigo, Pedro fornece a melhor correção; pois ainda que, antes de

tudo, ele queira que consideremos bem o conselho de Deus, cuja causa está exclusivamente nele, contudo ele nos convida a notar bem o efeito, mediante o qual ele apresenta e dá testemunho de nossa eleição. Esse efeito é a santificação do Espírito, inclusive a vocação eficaz, quando se adiciona fé na pregação externa do evangelho, fé que é gerada pela operação interior do Espírito.

Aos forasteiros.[47] Os que acreditam que todos os santos são designados assim, só porque são estrangeiros no mundo, e estão caminhando rumo à pátria celestial, estão muito equivocados, e este equívoco é evidente à luz da palavra *dispersão* que segue imediatamente; pois este termo só pode aplicar-se aos judeus, não só porque foram banidos de sua própria pátria e dispersos, aqui e ali, mas também porque foram expulsos daquela terra que lhes fora prometida pelo Senhor como herança eterna. Deveras, mais adiante, ele chama todos os fiéis de estrangeiros, porque de fato são peregrinos sobre a terra; aqui, porém, a razão é bem outra. São forasteiros porque foram dispersos, alguns no Ponto, alguns na Galácia e alguns na Bitínia. É algo estranho que ele tenha designado esta Epístola mais especificamente aos judeus, pois ele bem sabia que fora designado, de uma maneira particular, o apóstolo deles, como Paulo nos ensina em Gálatas 2.8. Nos países indicados, ele inclui toda a Ásia Menor, do Mar Negro à Capadócia.[48]

Para a obediência. Ele adiciona duas coisas à santificação, e parece subentender novidade de vida mediante a *obediência*, e pela *aspersão* do sangue de Cristo subentende a remissão de pecados. Mas, se estas são partes ou efeitos da santificação, então esta deve ser tomada, aqui, de um modo distinto do que ela significa quando usada por Paulo, a saber, em termos mais gerais. Deus, pois, nos santifica mediante uma vocação eficaz; e isso é feito quando somos renovados para obediência à sua justiça, e quando somos aspergidos pelo sangue de Cristo, e assim somos purificados de nossos

pecados. E ali parece haver uma alusão implícita ao antigo rito da aspersão usado sob a lei. Porque, como então não era suficiente que uma vítima fosse morta e o sangue fosse derramado, a não ser que a pessoa fosse aspergida, assim agora, o sangue de Cristo, que foi derramado, de nada nos valerá a não ser que nossas consciências sejam por ele purificadas. Portanto, aqui há um contraste subentendido, a saber, como outrora sob a lei a aspersão de sangue era realizada pela mão do sacerdote, assim agora o Espírito Santo asperge nossas almas com o sangue de Cristo, para a expiação de nossos pecados.

Declaremos agora a substância de tudo isso, a saber, que nossa salvação emana da eleição graciosa de Deus; no entanto, isso deve ser certificado pela experiência da fé, porque ele nos santifica por meio de seu Espírito; e, então, que há dois efeitos ou fins de nossa vocação, inclusive a renovação para a obediência e aspersão do sangue de Cristo; e, além do mais, que ambas são obras do Espírito Santo.[49] Daí concluirmos que a eleição não deve ser separada da vocação, nem da justiça gratuita da fé a partir da novidade de vida.

3. Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo sua rica misericórdia, nos gerou outra vez para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos,	3. Benedictus Deus et Pater Domini nostri Jesu Christi, qui secundum multam suam misericordiam regenuit nos in spem vivam, per resurrectionem Jesu Christi ex mortuis,
4. para uma herança incorruptível e sem mácula, e imarcessível, reservada no céu para vós,	4. In haereditatem incorruptibilem et incontaminatam et immarcescibilem, repositum in caelis erga vos,
5. que sois guardados pelo poder de Deus através da fé para a salvação, pronta para revelar-se no último tempo.	5. Qui virtute Dei custodimini per fidem in salutem, quae parata est revelari tempore ultimo.

3. Bendito seja Deus. Já dissemos que o principal objetivo desta epístola é elevar-nos acima do mundo, a fim de nos prepararmos e nos encorajarmos a sustentar a disputa espiritual de nossa guerra. Para este fim, o conhecimento dos benefícios divinos é de grande valor; porque, quando seu valor se nos exibe, todas as demais coisas serão julgadas como sem valor, especialmente quando consideramos o que

é Cristo e suas bênçãos; pois sem ele todas as coisas não passam de escória. Por esta razão, ele enaltece soberanamente a maravilhosa graça de Deus em Cristo, isto é, para que não julguemos como sendo demais a renúncia do mundo, a fim de que possamos usufruir o inestimável tesouro de uma vida por vir; e também para que não desfaleçamos ante as tribulações da presente vida, mas as suportemos pacientemente, vivendo satisfeitos com a felicidade eterna.

Além do mais, quando dá graças a Deus, ele convida os fiéis ao júbilo espiritual, o qual pode tragar todos os sentimentos opostos da carne.

E Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Entendo estas palavras assim: "Bendito seja Deus que é o Pai de Jesus Cristo". Porque, como previamente, ao denominar-se o Deus de Abraão, ele se dignou determinar a diferença entre si e todos os deuses fictícios; assim, depois de haver se manifestado em seu próprio Filho, sua vontade é que não seja conhecido de outra forma senão nele. Daí, aqueles que formam suas idéias de Deus, em sua mera majestade, se apartam de Cristo, possuindo um ídolo no lugar do Deus verdadeiro, como se dá com os judeus e os turcos. Portanto, quem quer que realmente busca conhecer somente o Deus verdadeiro, deve considerá-lo como o Pai de Cristo; pois sempre que nossa mente busca a Deus, sem que Cristo seja evocado, ela vagueará confusa até que se perca totalmente. Pedro, ao mesmo tempo, pretendia notificar o quanto Deus é generoso e bondoso para conosco; porque, a não ser que Cristo se interpusesse como uma pessoa mediadora, sua bondade jamais poderia ser realmente conhecida por nós.

Que nos gerou outra vez. Ele mostra que a vida sobrenatural é uma dádiva, porquanto nascemos como filhos da ira; pois se nascêssemos para a esperança da vida segundo a carne, não haveria necessidade de sermos gerados outra vez da parte de Deus. Portanto, Pedro nos ensina que, quem por natureza está destinado à morte eterna, é

restaurado à vida pela misericórdia de Deus. E esta é, por assim dizer, nossa segunda criação, como lemos no primeiro capítulo da Epístola aos Efésios. *Esperança viva* significa a esperança da vida.[50] Ao mesmo tempo, parece haver um contraste implícito entre a esperança fixada no reino incorruptível de Deus e as esperanças evanescentes e transitórias do homem.

Segundo sua rica misericórdia. Antes de tudo, ele menciona a causa eficiente, e então realça a causa mediadora, como dizem. Ele mostra que Deus não foi induzido por nenhum mérito de nossa parte a fim de nos regenerar para uma viva esperança, porque ele atribui isto totalmente à sua misericórdia. Mas para que reduzisse ainda mais plenamente a nada os méritos das obras, ele afirma: *grande* (*multam*) *misericórdia*. Aliás, todos confessam que Deus é o único autor de nossa salvação, porém, em seguida, inventam causas estranhas, as quais removem quase toda sua misericórdia. Pedro, porém, enaltece somente a misericórdia; e imediatamente conecta a via ou maneira: *pela ressurreição de Cristo*; pois Deus não revela sua misericórdia de nenhuma outra maneira; por isso a Escritura sempre dirige nossa atenção para este ponto. E o fato de a morte de Cristo não ser mencionada, e sim sua ressurreição, não envolve inconsistência, pois ela está inclusa; visto que uma coisa não pode ser completada sem que tenha começo; e especialmente apresentou a ressurreição porque estava falando de uma nova vida.

4. Para uma herança.[51] As três palavras que seguem têm a intenção de ampliar a graça de Deus; pois Pedro (como eu já disse) tinha em vista este objetivo: imprimir profundamente em nossas mentes sua excelência. Além do mais, considero estas duas sentenças, “para uma herança incorruptível” e “para a salvação reservada, pronta para ser revelada”, como estando em aposição, sendo a última explicativa da primeira; pois ele expressa a mesma coisa de duas maneiras.

Cada palavra que segue é de grande importância. Lemos que a herança está reservada ou preservada, para que saibamos que ela está totalmente fora de perigo. Porque, se ela não estivesse na mão de Deus, então estaria exposta a infindáveis perigos. Se estivesse neste mundo, como poderíamos considerá-la segura em meio a tantas mutações? Por isso, para que fôssemos isentados de todo e qualquer temor, ele testifica que nossa salvação está segura, fora do alcance dos danos que Satanás pode causar. Mas, como a certeza da salvação produziria em nós bem pouco conforto, a menos que cada um de nós tenha consciência de que ela lhe pertence, Pedro adiciona: *para vós*. Pois as consciências se reclinam serenamente aqui, isto é, quando o Senhor clama aos habitantes do céu: "Eis que vossa salvação está em minha mão, e está guardada para vós". Mas, como a salvação não é indiscriminadamente para todos, ele chama nossa atenção para a fé, para que todos os que estão revestidos com a fé possam ser distinguidos dos demais, e para que não nutram dúvida de que são os verdadeiros e legítimos herdeiros de Deus. Porque, como a fé penetra os céus, assim também ela apropria para nós as bênçãos que estão no céu.

5. Que sois guardados pelo poder de Deus. Devemos observar a conexão, quando ele diz que somos guardados durante o tempo em que estamos no mundo e, ao mesmo tempo, que nossa herança está reservada no céu, "de que nos adiantaria se nossa salvação estivesse depositada no céu, enquanto vivemos aqui neste mundo arremessados de um lado para o outro, como num mar turbulento? De que nos adiantaria se nossa salvação estivesse segura num porto tranquilo, enquanto estivéssemos à deriva em meio a mil naufrágios?" O apóstolo, pois, antecipa objeções desse tipo, mostrando que, embora estejamos no mundo, expostos aos perigos, todavia estamos guardados pela fé; e que, embora nos achemos tão perto da morte, contudo estamos seguros sob a proteção da fé. Mas, como a própria fé, em virtude da enfermidade da carne, repetidas vezes vacila, poderíamos

viver continuamente ansiosos sobre o amanhã, não fosse o Senhor a nos socorrer.[52]

E, de fato, notamos que, sob o papado, prevalece uma opinião diabólica, a saber, que devemos ter em dúvida nossa perseverança final, porque não temos certeza se amanhã estaremos no mesmo estado de graça. Pedro, porém, não nos deixa assim em suspense; pois ele testifica que vivemos sustentados pelo poder de Deus, a menos que sejamos inquietados pela dúvida oriunda da consciência de nossa própria enfermidade. Portanto, por mais fracos venhamos a ser, contudo, nossa salvação não é incerta, porque ela é sustentada pelo poder de Deus. Como, pois, somos gerados pela fé, assim essa mesma fé recebe sua estabilidade do poder de Deus. Daí sua segurança ser não apenas um fato presente, mas também futuro.

Para a salvação. Como por natureza somos impacientes quanto à demora, e tão logo sucumbimos sob a fadiga, por isso ele nos lembra que a salvação não é concedida simplesmente porque ainda não esteja preparada, mas porque o tempo de sua revelação ainda não chegou. Esta doutrina tem em vista nutrir e sustentar nossa esperança. Além do mais, ele denomina o dia do juízo de *o último tempo*, porque a restauração de todas as coisas não deve ser esperada para agora, pois o tempo interveniente ainda está em avanço. O que, em outro lugar, é chamado o último tempo, é a totalidade da vinda de Cristo; é assim chamado com base numa comparação com as eras precedentes. Pedro, porém, tinha em vista o fim do mundo.

6. No qual grandemente vos regozijais, ainda que agora, por um tempo (se necessário for) sejais contristados com diversas tentações;
7. para que a prova de vossa fé, sendo muito mais preciosa do que o ouro que perece, ainda que seja provado pelo fogo, seja achado em louvor, e honra, e glória, na manifestação de Jesus Cristo;
8. a quem, não tendo visto, amais; em quem, ainda que agora não o vejais, contudo, crendo, vos regozijais com indizível alegria e cheia de

6. In quo exultatis, paulisper nunc, si opus esti, contristati in variis tentationibus;
7. Ut probatio fidei vestrae multo pretiosior Auro, quod perit et tamen per ignem probatur, reperiatur in laudem et honorem et gloriam, quum revelabitur Jesus Christus:
8. Quem quum non videritis, diligitis, in quem nunc credentes, quum eum non aspicitis, exutatis gaudio inenarrabili et

glória;
9. alcançando o fim de vossa fé, sim, a salvação, de vossas almas.

glorificato;
9. Reportantes finem fidei vestrae, salutem animarum.

6. No qual grandemente vos regozijais, ou, *no qual exultais*. Ainda que a terminação do verbo grego seja dúbia, contudo o significado requer esta leitura: "vós exultais"; e não "exultai vós". *No qual* se refere a tudo o que lemos sobre a esperança da salvação assentada no céu. Mas ele os exorta mais que os louva; pois seu objetivo era mostrar que fruto adviria da esperança da salvação, inclusive a alegria espiritual, pela qual não só a amargura de todo o mal fosse mitigada, mas também a tristeza resultante. Ao mesmo tempo, exultação é mais expressiva do que regozijo.[53]

No entanto, parece algo inconsistente quando afirma que os fiéis, que exultavam com júbilo, ao mesmo tempo estavam entristecidos, porquanto este é um sentimento contrário. Os fiéis, porém, por experiência bem sabiam como essas coisas podem existir simultaneamente, muito mais do que as palavras podem expressar. Entretanto, explicando a questão em poucas palavras, podemos dizer que os fiéis não são toras de madeira, tampouco se acham despidos de sentimentos humanos, senão que são afetados pela dor, pelo medo do perigo e sentem a pobreza como um grande mal, e as perseguições lhes são duras e difíceis de suportar. Daí experimentarem a tristeza advinda dos males; contudo, esta é tão mitigada pela fé, que ao mesmo tempo não cessam de regozijar-se. E assim a tristeza não obstrui sua alegria; ao contrário, lhe dá espaço. Além disso, embora a alegria vença a tristeza, contudo não a destrói, pois ela não nos despe da humanidade. E daí transparece o que é a verdadeira paciência; sua origem e, por assim dizer, sua raiz, é o conhecimento das bênçãos divinas, especialmente daquela adoção gratuita com a qual ele nos tem favorecido; pois todos quantos elevam suas mentes para as alturas, descobrem ser mais fácil suportar serenamente todos os males. Pois, donde vem que nossas mentes são pressionadas

para baixo pela tristeza, senão do fato de não termos nenhuma participação nas coisas espirituais? Mas todos quantos consideram suas tribulações como provações necessárias para sua salvação, não só sobem acima delas, mas também extraem delas ocasião de alegria.

Estais contristados, ou *viestes a sentir tristeza*. A tristeza, porventura, não é também a sorte dos réprobos? Porquanto não estão isentos dos males. Pedro, porém, tem em mente que os fiéis suportam tristeza prontamente, enquanto os ímpios murmuram e perversamente contendem com Deus. Por isso os piedosos suportam a tristeza como o boi domesticado suporta a canga, ou como o cavalo, domado, suporta o freio, deixando-se guiar até mesmo por uma criança. Por meio da tristeza, Deus aflige os réprobos, como quando um freio é, pela força, introduzido na boca de um cavalo feroz e refratário; este escoiceia e oferece toda resistência, porém em vão. Então Pedro recomenda aos fiéis que voluntariamente suportem a tristeza, e isso não como que forçados pela necessidade.

Ao dizer *ainda que agora, por um tempo*, ou *um pouco de tempo*, ele ministrava consolação; pois a brevidade de tempo, por mais severos que os males venham a ser, para eles são reduzidos; e a duração da presente vida não passa de um breve momento. *Se necessário for*. A condição deve ser tomada como uma causa; pois seu propósito era mostrar que Deus, sem uma razão, não prova assim a seu povo; porque, se Deus nos afligisse sem motivo, suportar a prova seria algo penoso. Por isso Pedro, para consolação, extrai um argumento do desígnio de Deus; não que a razão nos seja sempre aparente, mas para que sejamos plenamente persuadidos de que deve ser assim, porquanto essa é a vontade de Deus.

Devemos notar que ele não menciona uma tentação, e sim muitas; e não tentações de um só tipo, mas *tentações múltiplas*. Entretanto, é melhor buscar a exposição desta passagem no primeiro capítulo de Tiago.

7. Muito mais preciosa que o ouro. O argumento é do menor para o maior; pois se o ouro, metal corruptível, é considerado de tanto valor que o testamos pelo fogo, a fim de que torne realmente valioso, que coisa espantosa é o fato de Deus requerer uma prova semelhante de nossa fé, já que esta é considerada por ele algo tão excelente! E ainda que as palavras pareçam ter um significado distinto, contudo ele compara a fé ao ouro, e a faz mais preciosa que o ouro, com o fim de extrair daí a conclusão de que ela deve ser plenamente provada.[54] Além do mais, é incerto até que ponto ele estende o significado das palavras "provado", δοκιμάζεσθαι, e "provação", δοκίμιον.

De fato, o ouro é provado duas vezes pelo fogo: a primeira vez quando é separado de suas escórias; e então quando se formado o júri que julga de sua pureza. Ambos os modos de prova podem ser muito adequadamente aplicados à fé; pois quando há em nós muito ainda dos resíduos de incredulidade, e quando somos refinados por várias aflições como que na fornalha de Deus, então se removem as escórias de nossa fé, de modo que ela se torna pura e limpa aos olhos de Deus; e, ao mesmo tempo, faz-se uma prova dela, para que se ateste se é verdadeira ou fictícia. Sinto-me disposto a adotar esses dois pontos de vistas, e o que vem imediatamente parece favorecer esta explicação; porque, como a prata é sem honra ou valor antes de ser refinada, assim ele notifica que nossa fé não será honrada e coroada por Deus até que seja devidamente provada.

No aparecimento de Jesus Cristo, ou quando Jesus Cristo revelar-se. Isso é adicionado a fim de que os fiéis aprendam a prosseguir corajosamente rumo ao último dia. Pois nossa vida ora está oculta em Cristo, e permanecerá oculta e, por assim dizer, sepultada, até que Cristo apareça no céu; e todo o curso de nossa vida segue em direção à destruição do homem terreno, e todas as coisas que sofremos são, por assim dizer, os prelúdios da morte. Daí ser necessário que

ponhamos nossos olhos em Cristo, caso queiramos, em nossas aflições, visualizar a glória e o louvor. Pois, no tocante a nós, as provações são saturadas de opróbrio e vergonha, e em Cristo elas se tornam gloriosas; mas essa glória em Cristo ainda não é visualizada plenamente, pois o dia da consolação ainda não chegou.[55]

8. A quem, não havendo visto, ou *a quem, embora ainda não havendo visto*. Ele estabelece duas coisas: que eles amavam a Cristo, a quem não haviam visto, e que criam nele, embora nunca o contemplassem. Mas a primeira provém da segunda, pois a fé é a causa do amor, não só porque o conhecimento daquelas bênçãos que Cristo nos outorga nos move a amá-lo, mas porque ele nos oferece perfeita felicidade, e assim nos atrai a si. Ele então enaltece os judeus, porque eles creram em Cristo, a quem não viram, para que soubessem que a natureza da fé é aquiescer naquelas bênçãos que ora estão ocultas de nossos olhos. De fato eles já tinham dado prova desse mesmo fato, embora ele os guie para o que tinha de ser feito, louvando-os.

A primeira sentença em ordem é que a fé não deve ser medida pela vista. Pois quando a vida dos cristãos é aparentemente miserável, fracassariam instantaneamente se sua felicidade não dependesse da esperança. De fato, a fé possui também seus próprios olhos, mas são de tal natureza que penetram o reino invisível de Deus e se satisfazem com o espelho da Palavra; pois é a demonstração das coisas invisíveis, como lemos em Hebreus 11.1. Daí ser procedente aquele dito de Paulo, a saber, que estamos ausentes do Senhor enquanto estamos na carne; pois andamos pela fé, e não pela vista [2Co 5.6, 7].

A segunda sentença é que a fé não é uma noção fria, mas que acende em nosso coração o amor para com Cristo. Pois a fé (como os sofistas balbuciam) não se firma em Deus de uma maneira confusa e implícita (pois tal coisa seria perambular por trilhas estranhas); senão que ela tem a Cristo como seu

objeto. Além do mais, ela não se firma no mero nome de Cristo, ou em sua essência desnuda, mas considera o que ele é para nós e quais as bênçãos que ele traz; pois ela não é outra coisa senão as afeições humanas que devem existir onde sua felicidade está, segundo aquele dito: “Onde estiver teu tesouro, ali estará também teu coração” [Mt 6.21].

Vos regozijais, ou *exultais*. Uma vez mais, ele se refere ao fruto da fé que já mencionara, e não sem razão; pois é um benefício incomparável o fato de as consciências não estarem simplesmente em paz diante de Deus, mas confiantemente exultam na esperança da vida eterna. E ele a denomina de *alegria indizível*, ou inefável, porque a paz de Deus excede toda compreensão. O que se acrescenta, *cheia de glória*, ou glorificada, admite duas explicações. É como se, ou é magnificente e gloriosa, ou que é contrária àquilo que é vazio e evanescente, de que os homens logo se envergonharão. E, assim, “glorificado” é o mesmo que sólido e permanente, fora do risco de ser transformado em nada.[56] Aqueles que não se deixam elevar por esta alegria acima dos céus, de modo que, vivendo contentes unicamente com Cristo, desprezam o mundo, em vão se gloriam de ter fé.

9. Recebendo o fim de vossa fé. Ele lembra aos fiéis para onde devem direcionar todos seus pensamentos, a saber, para a salvação eterna. Pois este mundo mantém todos nossos afetos enredados por suas fascinações; esta vida e todas as coisas pertencentes ao corpo são imensos impedimentos que nos embaraçam de aplicar nossas mentes à contemplação da vida futura e espiritual. Daí o apóstolo pôr diante de nossos olhos esta vida futura como um tema de profunda meditação, e indiretamente notifica que a perda de todas as demais coisas deve ser estimada como nada, contanto que nossas almas sejam salvas. Ao dizer *recebendo*, ele elimina toda e qualquer dúvida, a fim de que pudessem mais alegremente seguir em frente, estando certos de obterem a salvação.[57] Entretanto, contudo, ele mostra qual é

o fim da fé, para que não vivessem por demais ansiosos por ela ainda não ser deferida. Pois, por ora, nossa adoção deve nos satisfazer; nem devemos solicitar que a possessão de nossa herança seja introduzida antes do tempo. Podemos também tomar *o fim* como sendo o galardão; mas o sentido seria o mesmo. Pois das palavras do apóstolo aprendemos que a salvação não é obtida de outra forma senão pela fé; e sabemos que a fé descansa na única promessa da adoção gratuita; mas, se esse é o caso, sem dúvida a salvação não se deve aos méritos de obras, nem pode ser esperada por essa conta.

Mas, por que ele menciona somente *almas*, quando se promete a glória da ressurreição de nossos corpos? Como a alma é imortal, a salvação lhe é atribuída com propriedade, como Paulo às vezes costuma falar – "Para que a alma seja salva no dia do Senhor" [1Co 5.5]. Mas significa o mesmo se ele dissesse "salvação eterna". Pois há uma comparação implícita entre ela e a vida moral e evanescente que pertence ao corpo. Ao mesmo tempo, o corpo não é excluído de uma participação da glória quando anexado à alma.

10. Da qual salvação inquiriram e diligentemente buscaram os profetas que profetizaram da graça que vos viria a vós outros;
11. Indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, significava, quando testificava de antemão dos sofrimentos de Cristo e da glória que seguiria.
12. A quem foi revelado que, não para si próprios, mas para nós, eles ministravam as coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho; coisas essas que os anjos desejam contemplar.

10. De qua salute exquisierunt et scrutati sunt prophetae, qui de futura erga nos gratia vaticinati sunt;
11. Scrutantes in quem aut cujusmodi temporis articulum significaret qui in illis erat Spiritus Christi; prius testificans venturas in Christum afflictiones, et quae sequuturae erant glorias;
12. Quibus revelatum est quod non sibi ipsis, sed nobis minsitrabant haec, quae nunc annunciata sunt vobis per eos qui vobis praedicarunt evangelium, per Spiritium sanctum missum e coelo; in quae desiderant angeli prospicere.

Daí ele enaltecer o valor da salvação, porque os profetas mantinham suas mentes intensamente fixadas nela; pois ela teria sido de grande importância e, possuindo excelência peculiar, assim pôde incitar nos profetas o espírito de inquirição a seu respeito. Mas ainda mais nitidamente, neste

caso, se manifesta a bondade divina para conosco, porque agora nos é conhecido ainda muito mais do que todos os profetas alcançaram por suas inquirições ardentes e ansiosas. Ao mesmo tempo, ele confirma a certeza da salvação por esta mesma antiguidade; pois desde o princípio do mundo ela recebeu o claro testemunho do Espírito Santo.

É preciso observar estas duas coisas distintamente: ele nos declara isso mais do que feito aos antigos pais, com o fim de exemplificar, por meio desta comparação, a graça do evangelho; e então, o que nos é pregado acerca da salvação não pode ser suspeito de qualquer novidade, pois o Espírito testificara previamente a seu respeito através dos profetas. Portanto, ao dizer que os profetas buscaram e investigaram diligentemente, isso não pertence a seus escritos ou doutrina, mas ao anseio privado com que cada um transbordava. O que doravante lemos deve referir-se a seu ofício público.

Mas, para que a cada um em particular se fizesse mais evidente, a passagem deve ser arranjada sob determinadas proposições. Que esta seja a primeira: que os profetas que de antemão falaram da graça que Cristo exibiu em sua vinda inquiriram diligentemente quanto ao tempo quando a plena revelação estava para ser feita. E a segunda é esta: que o Espírito de Cristo proclamado por eles sobre a condição do reino de Cristo, tal como é agora, e tal como ainda se espera que seja, ainda quando esteja destinado que Cristo e todo seu corpo, através de vários sofrimentos, entrem na glória. A terceira é esta: que os profetas nos ministraram mais sobejamente do que a sua própria época, e que isto lhes foi revelado do alto; pois somente em Cristo se encontra a plena exibição daquelas coisas das quais Deus então apresentou, porém numa imagem obscura. A quarta é esta: que no evangelho está contida a clara confirmação da doutrina profética, mas também uma explicação muito mais completa e mais clara; pois a salvação que ele proclamara previamente, como que à distância, por meio dos profetas,

agora no-lo revela abertamente, e como que diante de nossos olhos. A última proposição é esta: que disto parece evidente quão maravilhosa é a glória daquela salvação prometida a nós no evangelho, porque até mesmo os anjos, ainda que desfrutem a presença de Deus no céu, contudo anelam ardentemente contemplá-la. Ora, todas essas coisas tendem a mostrar esta única coisa: que os cristãos, elevados ao auge de sua felicidade, devem superar todos os obstáculos do mundo; pois, o que existe que este incomparável benefício não reduz a nada?

10. Da qual salvação. Porventura os pais não tinham a mesma salvação que hoje temos? Por que, pois, ele diz que os pais *inquiriram*, como se não possuíssem o que ora nos é oferecido? A resposta a isto é clara, a saber, que a salvação deve ser tomada aqui por aquela clara manifestação dela que temos através da vinda de Cristo. As palavras de Pedro outra coisa não significam senão aquelas de Cristo, quando diz: "Muitos reis e profetas desejaram ver as coisas que vedes, e não as viram" [Mt 13.17]. Como, pois, os profetas tiveram apenas um limitado conhecimento da graça trazida por Cristo, quando com razão desejavam algo mais de sua revelação. Quando Simeão, ao ver a Cristo, se preparou serenamente e com mente satisfeita para a morte, ele demonstrou que antes vivia insatisfeito e ansioso. Tal era o sentimento de todos os piedosos.

11. E o que inquiriam é realçado quando acrescenta *que tempo ou que ocasião de tempo*. Havia certa diferença entre a lei e o evangelho, como se fosse um véu interposto, para que não vissem aquelas coisas mais próximas, que hoje estão postas diante de nossos olhos. Tampouco era próprio, enquanto Cristo, o Sol da Justiça, estava ausente, que a luz meridiana brilhasse como se fosse meio-dia. E ainda que fosse seu dever confinar-se dentro de seus limites prescritos, contudo não constituía superstição nutrir o desejo de ter uma visão mais próxima. Pois quando desejavam que a redenção se apressasse mais, e desejavam diariamente vê-la,

não há nada em tal desejo que os impeça de pacientemente esperar até que o Senhor se apraz em deferir o tempo. Além do mais, buscar nas profecias o tempo particular parece-me sem qualquer proveito; pois o que é expresso aqui não é o que os profetas ensinaram, mas os que eles desejavam. Onde os intérpretes latinos traduzem "da graça futura", literalmente é "da graça que é para vós". Mas, como o significado permanece o mesmo, não me disponho a fazer qualquer mudança.

Mais digno de observação é o fato de que ele não diz que os profetas inquiriam segundo seu próprio entendimento quanto ao tempo em que o reino de Cristo viria, mas que aplicavam suas mentes à revelação do Espírito. E assim nos ensinaram, por meio de seu exemplo, uma sobriedade no ensino, pois não foram além do que o Espírito lhes ensinou. E, sem dúvida, não haverá limites para a curiosidade humana, a não ser que o Espírito de Deus presida nossas mentes, de modo que não desejem nada senão falar dele. E, além do mais, o reino espiritual é um tema mais elevado do que o que a mente humana pode continuar investigando, a não ser que o Espírito seja seu guia. Portanto, que nós também nos submetamos à sua orientação.

O Espírito de Cristo, que estava neles. Em primeiro lugar, "que estava neles"; e, em segundo lugar, "testificando"; isto é, dando testemunho, expressão que ele usa para notificar que os profetas eram revestidos com o Espírito de conhecimento, e realmente de maneira incomum, como aqueles que foram nossos mestres e testemunhas, e, contudo, não foram participantes daquela luz que nos é exibida. Ao mesmo tempo, um alto louvor é atribuído a sua doutrina, pois este era o testemunho do Espírito Santo; os pregadores e ministros eram homens, ele, porém, era o mestre. Tampouco declara sem razão que o Espírito de Cristo então governava; e faz do Espírito, enviado do céu, aquele que preside sobre os mestres do evangelho, porquanto mostra que o evangelho vem de Deus, e que as profecias antigas eram ditadas por

Cristo.

Os sofrimentos de Cristo. Para que suportassem suas aflições de forma submissa, ele os lembra o que há muito lhes foi predito pelo Espírito. Inclui, porém, muito mais do que isso, pois ele nos ensina que a igreja de Cristo desde o princípio foi tão bem constituída, que a cruz foi o caminho para a vitória e a morte, uma passagem para a vida, e que isso foi claramente testificado. Não há, pois, nenhuma razão por que as aflições nos abatam acima da medida, como se vivêssemos de forma miserável sob elas, já que o Espírito de Deus nos declara bem-aventurados.

É preciso notar bem a ordem: em primeiro lugar, ele menciona sofrimentos; e, então, acrescenta as glórias que devem seguir. Pois ele notifica que esta ordem não pode ser alterada nem subvertida; aflições sempre precedem glória. Por isso nestas palavras subentende-se uma dupla verdade – que os cristãos devem sofrer muitas tribulações antes que possam desfrutar da glória –, e que as aflições não são males, visto que elas têm em si glória anexa. Já que Deus ordenou esta conexão, não nos compete separar uma da outra. E é uma consolação inusitada o fato de nossa condição, tal como a descobrimos, ter sido predita numa época muito remota.

Daqui aprendemos que não é em vão o fato de nos ser prometido um fim bem-aventurado; em segundo lugar, daqui descobrimos que não somos afligidos por acaso, mas pela infalível providência de Deus; e, finalmente, que as profecias são como espelhos que nos exibem, em tribulações, a imagem da glória celestial.

Pedro deveras afirma que o Espírito testificara das aflições vindouras de Cristo; porém não separa Cristo de seu corpo. Isto, pois, não deve ser confinado à pessoa de Cristo, mas deve fazer da cabeça o ponto de partida, para que os membros sigam na devida ordem, como Paulo também nos ensina, a saber, que devemos estar conformados àquele que é o primogênito entre seus irmãos. Em suma, Pedro não fala do que é peculiar a Cristo, mas do estado universal da igreja.

Mas é muito apropriado para confirmar nossa fé quando ele exibe nossas aflições como que vistas em Cristo, pois desse modo vemos melhor a conexão de morte e vida entre nós e ele. E, indubitavelmente, este é o privilégio e método da santa união, a saber, que ele sofre diariamente em seus membros; para que, depois que seus sofrimentos forem completados em nós, a glória tenha também sua consumação. Veja mais sobre este tema no terceiro capítulo da Epístola aos Colossenses, bem como no quarto capítulo da primeira Epístola a Timóteo.

12. A quem foi revelado. Esta passagem tem sido inusitadamente pervertida pelos fanáticos, a ponto de excluir os pais que viveram sob a lei da esperança de salvação eterna. Pois ela não nega que os profetas geralmente ministravam a sua própria época e edificavam a igreja, mas nos ensina que seu ministério nos é mais útil, visto que estamos situados nos confins do mundo. Percebemos quão sublimemente exaltavam o reino de Cristo, quão perseverantes eram em adorná-lo, quão diligentemente estimulavam a todos a buscá-lo; porém, foram, pela morte, privados do privilégio de vê-lo como agora ele é. Que outra coisa, pois, era isso senão que estendiam a mesa para que mais tarde outros pudessem comer das provisões postas nela? Deveras pela fé provaram daquelas coisas que o Senhor, através de suas mãos, transmitiu para que desfrutássemos delas; e eles também participaram de Cristo como o real alimento de suas almas. Mas do que se fala agora é da exibição desta bênção, e bem sabemos que o ofício profético fora confinado dentro de certos limites, a fim de que eles mesmos e outros fossem sustentados pela esperança de Cristo, que havia de vir. Portanto, o possuíam como que oculto e, por assim dizer, ausente – ausente, digo, não em poder ou graça, mas porque ainda não havia se manifestado na carne. Portanto, seu reino também ainda estava oculto, por assim dizer, encoberto. Por fim, descendo sobre a terra, de certa maneira ele nos abriu o céu para que

pudéssemos ter uma visão bem nítida daquelas riquezas celestiais que antes estavam sob tipos exibidos a certa distância. Então, esta fruição do Cristo manifestado forma a diferença entre nós e os profetas. Daí aprendermos como ministravam a nós, antes que a si mesmos.

Mas, ainda que os profetas fossem admoestados do alto, de que a graça que proclamavam seria deferida a outra época, contudo não foram indolentes em proclamá-la, a ponto de se verem desfalecidos de cansaço. Mas, se sua paciência era tão imensa, seguramente seríamos duas ou três vezes ingratos se a fruição da graça a eles negada não nos sustentar sob todos os males que haverão de ser suportados.

As coisas que agora vos foram anunciadas. Uma vez mais, ele marca a diferença entre a antiga doutrina e a proclamação do evangelho. Pois, como a justiça de Deus é revelada no evangelho, tendo o testemunho da lei e dos profetas, assim também a glória de Cristo, da qual o Espírito testificou outrora, é agora proclamada abertamente. E, ao mesmo tempo, daqui ele prova que a certeza do evangelho, porque ele nada contém senão o que foi há muito testificado pelo Espírito de Deus. Ele os lembra ainda que, sob a bandeira do mesmo Espírito, por sua prescrição e diretriz, o evangelho foi pregado, a fim de que não pensassem que houvesse nisso algo de humano.

Coisas essas que os anjos desejam contemplar. Deveras constitui o mais elevado louvor ao evangelho que ele contenha os tesouros da sabedoria, ainda velada e oculta dos anjos. Mas é possível que alguém objete, dizendo não ser razoável que coisas nos sejam abertas e conhecidas e, no entanto, continuem ocultas dos anjos, que sempre contemplam a face de Deus e são seus ministros no governo da igreja e na ministração de todas as suas bênçãos. Minha resposta a isto é que as coisas nos são públicas até onde as vemos no espelho da palavra; porém, não se diz que nosso conhecimento seja mais elevado do que o dos anjos; Pedro apenas quer dizer que tais coisas nos são prometidas,

enquanto os anjos desejam vê-las cumpridas. Paulo diz que, mediante a vocação dos gentios, a maravilhosa sabedoria de Deus se fez conhecida dos anjos; pois ela se lhes tornou um espetáculo quando Cristo congregou em um só corpo o mundo perdido, por tantos séculos alienados da esperança da vida. E assim vêem diariamente, com admiração, a obras manifestas de Deus no governo de sua igreja. Quanto maior será sua admiração ao testemunharem da última exibição da justiça divina, quando o reino de Cristo estiver completado! É como se isso estivesse ainda oculto, cuja revelação ainda esperam, e com razão desejam contemplar.

A passagem deveras admite um duplo significado: ou que o tesouro que temos no evangelho enche os anjos do anseio por vê-lo, já que lhes é uma visão especialmente deleitosa, ou que desejam ansiosamente ver o reino de Cristo, cuja imagem viva está exibida no evangelho. Mas, o segundo me parece ser o significado mais ajustável.

13. Portanto, cingi os lombos de vossa mente, sede sóbrios e esperai até o fim pela graça que vos há de ser manifestada na revelação de Jesus Cristo;
14. Como filhos obedientes, não vos moldando segundo as concupiscências de vossa ignorância pregressa;
15. Mas, como é santo aquele que vos chamou, assim também sede santos em toda a maneira de conversação;
16. Porque está escrito: Sede santos, porque eu sou santo.

13. Quare succincti lumbis mentis vestrae, sobrii, perfecte sperate in eam quae ad vos defertur gratiam, in revelatione Jesus Christi;
14. Tanquam filii obedientes, non conformati pristinis, quae in ignorantia vestra regnarunt, cupidiatibus;
15. Sed quemadmodum is qui vos vocavit sanctus est, ita ipsi sancti in tota conversatione reddamini;
16. Propterea quod scriptum est, sancti estote, quia ego sanctus sum (Lv 11.44; 19.2; 20.7).

Ele extrai da grandeza e excelência da graça uma exortação, isto é, que seguramente lhes cabia receber prontamente a graça de Deus como mui liberalmente lhes fora outorgada. E precisamos notar a conexão: ele dissera que tão elevado era o reino de Cristo, para o qual o evangelho nos chama, que até mesmo os anjos no céu desejam vê-lo; então, o que deve ser feito por nós, que estamos no mundo? Indubitavelmente, enquanto vivermos na terra, tão grande é a distância entre

nós e Cristo, que em vão ele nos convida a si. Daí ser-nos necessário que nos dispamos da imagem de Adão e nos desvencilhemos do mundo inteiro e de todos os empecilhos, para que, sendo assim postos em liberdade, subamos até Cristo. E ele exortou àqueles a quem escrevia a viverem preparados e sóbrios, bem como a esperar pelas graças que lhes eram oferecidas, e também a renunciar o mundo e sua vida pregressa e a viver conformados com a vontade de Deus.[58]

Então, a primeira parte da exortação é: cingir os lombos de sua mente e dirigir seus pensamentos à esperança da graça que lhes fora apresentada. Na segunda parte, ele prescreve a maneira, a saber, tendo sua mente transformada, que se deixassem moldar segundo a imagem de Deus.

13. Portanto, cingi os lombos de vossa mente. Esta é uma similitude tomada de um costume antigo; pois, pelo uso de roupas longas, não podiam fazer uma viagem e nem convenientemente fazer qualquer trabalho sem estar cingidos. Daí expressões como estas, cingir-se alguém para o trabalho ou para algum empreendimento. Ele, pois, os convida a se desvencilhar de todos os impedimentos para que, pondo-se em liberdade, avancem rumo a Deus. Aqueles que filosofam espiritualizando demais os *lombos*, como se ele ordenasse que as concupiscências fossem restringidas e refreadas, se afastam da real intenção do apóstolo, pois estas palavras significam o mesmo que as de Cristo: “Estejam cingidos vossos lombos, e acessas vossas candeias” [Lc 12.35], exceto que Pedro duplica a metáfora, atribuindo lombos à mente. E ele notifica que nossas mentes são confundidas pelos cuidados passageiros do mundo e por desejos fúteis, de modo que não conseguem subir a Deus. Quem quer que, pois, realmente deseja possuir tal esperança, então aprenda, em primeiro lugar, a desembaraçar-se do mundo e a cingir sua mente, para que não se vire para as vãs aflições. E, com o mesmo propósito, ele ordena sobriedade, o

que segue imediatamente; pois ele não enaltece a temperança apenas em comer e beber, porém muito mais a sobriedade espiritual, quando todos nossos pensamentos e afeições são mantidos de tal modo que não se inebriam com as fascinações deste mundo. Pois já que, mesmo o menor sabor delas nos afasta furtivamente de Deus, quando alguém mergulha nelas, necessariamente se torna dormente e estúpido e esquece a Deus e as coisas de Deus.

Esperar até o fim, ou *esperar perfeitamente*. Ele notifica que os que deixam suas mentes perder-se em vaidade, não esperam real e sinceramente pela graça de Deus; pois, ainda que possuíssem alguma esperança, contudo, como vacilam e se deixam arremessar de um lado para outro no mundo, não havia nenhuma solidez em sua esperança. Então ele diz: *pela graça que vos há de ser manifestada*, a fim de que estivessem mais inclinados a recebê-la. Deus tem de ser buscado, ainda que de longe; mas ele vem de bom grado a encontrar-nos. Quão grande, pois, seria nossa ingratidão, se negligenciarmos a graça que é assim posta diante de nós! Esta implicação, pois, tende especialmente a estimular nossa esperança.

O que ele acrescenta, *na revelação de Jesus Cristo*, pode ser explicado de duas formas: que a doutrina do evangelho nos revela Cristo; e que, como ainda o vemos tão-somente através de um espelho e de modo enigmático, uma revelação plena é deferida no último dia. O primeiro significado é aprovado por Erasmo, e assim também não o rejeito. Entretanto, o segundo parece estar mais em consonância com a passagem. Pois o objetivo de Pedro era nos convocar para fora do mundo; com este propósito, o que havia de mais oportuno era a recordação da vinda de Cristo. Pois quando dirigimos nossos olhos para este evento, este mundo se nos torna crucificado, bem como nós para ele. Além disso, em consonância com este significado, Pedro usou a expressão um pouco antes. Nem é algo novo o emprego que os apóstolos fazem da preposição ἐν no sentido de εἰς. Portanto,

é assim que explico a passagem: “Vós não tendes necessidade de empreender uma longa viagem para que tomem posse da graça de Deus; pois ele vos antecipa, já que ele a traz para vós outros”. Mas, como a fruição dela não se dará até que Cristo apareça no céu, em quem está oculta a salvação dos santos, entretanto há necessidade de esperança; pois a graça de Cristo nos seria agora oferecida em vão, a menos que esperemos pacientemente pela vinda de Cristo.

14. Como filhos obedientes. Antes de tudo ele notifica que somos chamados pelo Senhor ao desfruto do privilégio e honra da adoção através do evangelho; e, em segundo lugar, que somos adotados para este fim: para que ele nos tenha como filhos obedientes. Pois ainda que a obediência não nos faça filhos, já que o dom da adoção é gratuito, contudo ela distingue os filhos dos estranhos. De fato, Pedro mostra qual é a dimensão desta obediência, quando proíbe os filhos de Deus de conformar-se ou de compactuar-se com os desejos deste mundo, e quando, ao contrário, os exorta a que se conformem com a vontade de Deus. A suma de toda a lei, e de tudo quanto Deus requer de nós, é isto: que sua imagem se manifeste em nós, para que não sejamos filhos degenerados. Mas isso não pode ocorrer a menos que sejamos renovados e despidos da imagem do velho Adão.

Daí aprendermos o que os cristãos devem propor-se a si mesmos como objetivo por toda a vida, isto é, assemelhar-se a Deus em santidade e pureza. Mas, como todos os pensamentos e os sentimentos de nossa carne estão em oposição a Deus, e toda a inclinação de nossa mente é inimizade contra ele, daí Pedro começar com a renúncia do mundo; e, por certo, sempre que a Escritura fala da renovação da imagem de Deus em nós, ela começa aqui, a saber, que o velho homem, com suas concupiscências, têm de ser destruído.

Em vossa ignorância. Ele chama o tempo de ignorância aquele período anterior à vocação para a fé em Cristo. Daí

aprendermos que a incredulidade é a fonte de todos os males. Pois ele não usa a palavra *ignorância* como comumente fazemos; pois é falso o dogma platônico que diz que somente a ignorância é a causa do pecado. Entretanto, por mais que a consciência reprove a incredulidade, não obstante eles tateiam como cegos no escuro, porquanto não sabem qual é o caminho certo e vivem sem a verdadeira luz. Em conformidade com este significado, Paulo diz "para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade de sua mente. Entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza de seu coração" [Ef 4.17, 18]. Onde está ausente o conhecimento de Deus, aí só prevalece trevas, erro, vaidade, destituição de luz e de vida. Essas coisas, contudo, não fazem impossível que os ímpios sejam cônscios da prática do erro quando pecam, e sabem que seu juiz está no céu, e sentem um executor em seu íntimo. Em suma, como o reino de Deus é um reino de luz, todos os que são alienados dele necessariamente são cegos e vagueiam num labirinto.

Nesse ínterim, somos lembrados que somos, para tal propósito, iluminados para o conhecimento de Deus, a fim de que não mais sejamos arrebatados pelas concupiscências oscilantes. Daí, quanto mais progresso alguém faça em novidade de vida, tanto mais progresso faz no conhecimento de Deus.

Aqui se suscita uma questão: Já que ele se dirigiu aos judeus, que estavam familiarizados com a lei, bem como instruídos no culto ao verdadeiro Deus, por que ele os acusa de ignorância e cegueira, como se fossem pagãos? Minha resposta a isto é que daí transparece quão fútil é todo o conhecimento sem Cristo. Quando Paulo expôs a fútil vanglória dos que desejavam ser sábios à parte de Cristo, ele com razão disse, numa sentença sucinta, que eles não retinham a cabeça [Cl 2.19]. Assim eram os judeus que, vivendo imbuídos com inúmeras corrupções, tinham como que um véu em seus olhos, de modo que não conseguiam ver

a Cristo na lei. A doutrina em que tinham sido instruídos deveras era uma luz genuína; no entanto, eram cegos em meio à luz, no tocante ao Sol da Justiça que lhes era oculto. Mas, se Pedro declara que inclusive os rigorosos discípulos da lei viviam em trevas, à semelhança dos pagãos, no sentido de que eram ignorantes de Cristo, a única verdadeira Sabedoria de Deus, com quanto maior cuidado nos cabe lutar pelo conhecimento dele!

15. Como é santo aquele que vos chamou. Ele arrazoa a partir do fim para o qual somos chamados. Ele nos separa para si como um povo peculiar; então devemos ser isentos de toda e qualquer poluição. E cita a sentença que, frequentemente, era repetida por Moisés. Porque, como o povo de Israel era circundado de todos os lados por pagãos, da parte de quem poderiam facilmente adotar os piores exemplos e inumeráveis corrupções, o Senhor frequentemente os chamava outra vez a si, como se quisesse dizer: "Vós tendes a ver comigo, porque sois meus; por isso deveis abster-vos das poluições dos gentios". Nós também somos tão propensos a olhar para os homens, a ponto de seguir sua comum maneira de viver. E assim sucede que uns guiam outros, aos bandos, a todos os tipos de mal, até que o Senhor, por meio de seu chamamento, os separa.

Ao convidar-nos para que sejamos *santos* como ele, a proporção não é de igualdade; porém devemos avançar nesta direção até o ponto que nossa condição suporte. E, como até mesmo os mais perfeitos estão sempre muito longe de atingir a marca, devemos esforçar-nos mais e mais diariamente. E devemos lembrar que somos informados não só de qual é nosso dever, mas que Deus também acrescenta: "Eu sou aquele que vos santifica".

Acrescenta-se *em toda maneira de conversação*, ou *em toda vossa conduta*. Portanto, não existe nenhuma parte de nossa vida que não deva ser saturada com este bom perfume de santidade. Pois vemos que, nas coisas mínimas e quase insignificantes, o Senhor acostumara seu povo à prática da

santidade, a fim de que exercessem, quanto a si mesmos, um cuidado mais diligente.

17. E, se invocais por Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo a obra de cada um, vivei aqui em temor, durante o tempo de vossa peregrinação;
18. Sabendo que não foi por coisas corruptíveis, como prata e ouro, que fostes redimidos de vossa vã conversação que por tradição recebestes de vossos pais;
19. Mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mácula e sem contaminação;
20. O qual, na verdade, foi preordenado antes da fundação do mundo, mas manifestado a vós nestes últimos tempos;
21. E por ele crestes em Deus, que o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, para que vossa fé e esperança estivessem em Deus.
22. Visto que tendes purificado vossas almas em obediência à verdade, mediante o Espírito, para o amor fraternal não fingido, vede que ameis ardentemente uns aos outros com um coração puro.

17. Et si Patrem invocatis, eum qui sine personae acceptione secundum cujsque opus judicat, in timore conversantes, tempus incolatus vestri transigite;
18. Scientes quod non corrutibilibus, argento vel Auro, redempti sitis à vana conversatione à patribus tradita;
19. Sed pretioso sanguine velut agni immaculati et incontaminati Christi;
20. Qui praeordinatus quidem fuerat ante conditum mundum, manifestatus autem est extremis temporibus propter vos;
21. Qui per ipsum creditis in Deum, qui eum suscitavit ex mortuis, et gloriam illi dedit, ut fides vestra et spes sit in Deum;
22. Purificantes animas vestras in obedientia veritatis per Spiritum, in fraternam charitatem non fictam, ex puro corde diligite vos mutuo impensè.

17. E, se invocais por Pai. Aqui lemos que invocavam a Deus como Pai, que professavam ser seus filhos, como diz Moisés, que o nome de Jacó era evocado em Efraim e em Manasses, para que fossem contados como seus filhos [Gn 48.16]. De acordo com esse significado, dizemos também em francês *reclamer*. Mas ele levou em conta o que dissera previamente: “como filhos obedientes”. E, com base no caráter do próprio Pai, ele mostra que sorte de obediência se deve prestar. Ele diz que *julga sem acepção de pessoas*, isto é, sem levar em conta uma característica externa, como se dá com os homens, mas vê o coração [1Sm 16.7]; e seus olhos atentam para os fiéis [Jr 5.3]. É justamente isso que Paulo quer dizer quando afirma que o juízo divino é segundo a verdade [Rm 2.2]; pois ele ali denuncia os hipócritas que acreditam que engana a Deus com uma vã pretensão. O significado é que de modo algum nos desincumbimos de nosso dever para com Deus quando obedecemos apenas na

aparência; pois ele não é homem mortal, a quem a aparência externa agrada, mas ele lê o que somos no interior de nossos corações. Ele não só prescreve leis para nossos pés e mãos, mas também requer o que é justo e reto para a mente e o espírito.

Ao dizer, *segundo a obra de cada um*, ele não se refere ao mérito ou galardão; pois aqui Pedro não fala dos méritos das obras, nem da causa da salvação, mas apenas nos lembra que não haverá acepção de pessoa diante do tribunal de Deus, mas que o que for considerado corresponderá à sinceridade real do coração. Neste lugar, também se inclui a fé na obra. Daí parecer evidente quão tolo e pueril é a inferência que daqui se extrai: "Deus é de tal natureza, que julga a cada um de nós pela integridade de sua consciência, não pela aparência externa; então obtemos a salvação mediante as obras".

O *temor* mencionado é confrontado com segurança negligente, tal como costuma surgir sorrateiramente quando há uma esperança de enganar impunemente. Pois, como os olhos divinos são de tal natureza que penetram os recessos secretos do coração, devemos andar com ele com toda prudência e não negligentemente. Ele denomina a presente vida de *peregrinação*, não no sentido em que denominou de forasteiros aos judeus a quem estava escrevendo, no início da Epístola, mas porque todos os santos são, neste mundo, peregrinos [Hb 11.13, 38].

18. Como vós sabeis, ou *sabendo*. Aqui está outra razão, extraída do preço de nossa redenção, que deve ser sempre lembrada quando se menciona nossa salvação. Pois, para aquele que repudia ou despreza a graça do evangelho, sua salvação não só é sem valor, mas também o sangue de Cristo, pelo qual Deus manifestou seu valor. Sabemos, porém, quão terrivelmente sacrílego é considerar algo banal o sangue do Filho de Deus. Há nisso algo que deveria estimular-nos profundamente à prática da santidade, como a memória desse preço de nossa redenção.

Prata e ouro. Em prol da amplificação, ele menciona essas coisas à maneira de contraste, para que saibamos que o mundo inteiro, e todas as coisas julgadas pelos homens como preciosas, nada são ante a excelência e valor desse preço.

Mas ele diz que foram *redimidos de sua vã conversação*,[59] a fim de podermos saber que toda a vida do homem, até que se converta a Cristo, não passa de um ruinoso labirinto de hesitações. Ele notifica ainda que não é através de nossos méritos que somos restaurados ao reto caminho, mas porque é da vontade de Deus que o preço, oferecido por nossa salvação, seja eficaz em nosso favor. Então o sangue de Cristo é não só o penhor de nossa salvação, mas também a causa de nossa vocação.

Além do mais, Pedro nos adverte à prudência, para que nossa incredulidade torne este preço vazio ou sem efeito. Como Paulo se vangloria de que adorava a Deus com uma consciência pura com base em seus antepassados [1Tm 1.3], e como também recomenda a Timóteo que fosse imitador da piedade de sua avó Lóide e sua mãe Eunice [2Tm 1.5], e como Cristo também disse aos judeus que bem conheciam a quem adoravam [Jo 4.22], pode parecer estranho que Pedro assevere que os judeus de seus dias nada aprenderam de seus antepassados, e sim mera vaidade. A isto respondo que Cristo, quando declarou que o caminho ou o conhecimento da verdadeira religião pertencia aos judeus, referiu à lei e aos mandamentos de Deus, em vez de ao povo; pois o templo, edificado em Jerusalém, não era destituído de qualquer propósito, nem Deus foi adorado ali segundo as fantasias dos homens, mas segundo o que fora prescrito na lei; portanto, ele disse que os judeus não se desviavam enquanto observassem a lei. Quanto aos antepassados de Paulo, e quanto a Lóide e Eunice, bem como casos semelhantes, não há dúvida de que Deus sempre teve pelo menos um pequeno remanescente entre aquele povo, no qual permanecia sincera

piedade, enquanto o corpo do povo se tornara totalmente corrompido e mergulhara em todo gênero de erros. Seguiam-se infindáveis superstições, prevalecia a hipocrisia, a esperança da salvação era erigida em meras insignificâncias; eram não só imbuídos de falsas opiniões, mas também fascinados com as mais grosseiras caduquices; e os que tinham sido dispersos pelas diversas partes do mundo estavam envolvidos ainda em maiores corrupções. Em suma, a maior parte daquela nação ou apostatou completamente da verdadeira religião, ou veio a ser totalmente degenerada. Quando, pois, Pedro condenou a doutrina dos patriarcas, ele a via como que desconectada de Cristo, que é a alma e a veracidade da lei.

Mas, aprendemos daí que, tão logo os homens se apartam de Cristo, fatalmente se extraviam. Neste caso, em vão se pretende a autoridade dos pais ou de um costume antigo. Pois o profeta Ezequiel clamou aos judeus: "Não andeis nos estatutos de vossos pais" [Ez 20.18]. Isto não deve ser menos atentado por nós nos dias atuais; pois, a fim de que a redenção de Cristo nos seja eficaz e útil, é preciso renunciar nossa vida pregressa, ainda que se derive do ensino e da prática de nossos pais. Três vezes tolos, pois, são os papistas que crêem que o nome dos Pais [da Igreja] é uma suficiente defesa de todas suas superstições, de modo que ousadamente rejeitam tudo quanto é procedente da Palavra de Deus.

19. Como de um cordeiro. Por esta similitude ele quer dizer que temos em Cristo tudo quanto foi prefigurado pelos sacrifícios antigos, embora aluda especificamente ao cordeiro pascal. No entanto, aprendamos daí que benefício a leitura da lei nos traz neste aspecto; pois, ainda que o rito de sacrificar tenha sido abolido, contudo ele assiste nossa fé não pouco, comparando a realidade com o tipo, de modo que buscamos naquele o que este contém. Moisés ordenou que se escolhesse um cordeiro integral ou perfeito, sem mancha, para a Páscoa. A mesma coisa é sempre reiterada no tocante

aos sacrifícios, como em Levítico 23; em Números 28; e em outros textos. Pedro, ao aplicar isto a Cristo, nos ensina que ele foi uma vítima apropriada e aprovada por Deus, pois ele era perfeito, sem qualquer mancha; se houvesse nele algum defeito, não poderia ter sido corretamente oferecido a Deus, nem poderia haver aplacado sua ira.

20. O qual, na verdade, foi preordenado. Uma vez mais, ele, por meio de uma comparação, amplia a graça de Deus, com a qual ele favorecera peculiarmente os homens daquela época. Porquanto não era um favor comum e pequeno o fato de Deus deferir a manifestação de Cristo àquele tempo, quando no conselho eterno ele já o havia ordenado para a salvação do mundo. Entretanto, ao mesmo tempo, ele nos lembra que algo não era algo novo nem repentino para Deus que Cristo entrasse em cena como Salvador; e é especialmente isto que deve ser conhecido. Pois, além disso, sendo essa novidade sempre suspeita, qual seria a estabilidade de nossa fé, se crêssemos que, por fim, ocorreu de súbito a Deus um remédio para a humanidade depois de alguns milhares de anos? Em suma, não podemos recorrer a Cristo confiantemente, a menos que sejamos convencidos de que a salvação eterna está nele e sempre esteve nele. Além disso, Pedro fala aos judeus que ouviram que ele já havia sido prometido há muito tempo; e ainda que nada entendessem realmente, ou claramente ou certamente, com respeito ao seu poder e ofício, contudo ali permaneceu entre eles uma persuasão de que um Redentor fora prometido por Deus aos pais.

É ainda possível que se pergunte: Como Adão não caiu antes da criação do mundo, como foi possível que Cristo fosse designado o Redentor? Pois um remédio é posterior à doença. Minha resposta é que isto tem referência à presciência de Deus; porque, indubitavelmente, Deus, antes de criar o homem, sabia de antemão que ele não permaneceria por muito tempo em sua integridade. Daí ele ordenar, segundo sua maravilhosa sabedoria e bondade, que

Cristo seria o Redentor para livrar da ruína a raça humana perdida. Pois daqui resplandece mais plenamente a inexprimível bondade de Deus, de modo que ele antecipou nossa doença pelo remédio de sua graça, e proveu uma restauração à vida antes que o primeiro homem cedesse à morte. Se o leitor deseja mais sobre este tema, é só recorrer ao meu livro *As Institutas* [II.1.1-11; IV.23.7].

Mas manifestou. Creio que nestas palavras se acha inclusa não só o aparecimento pessoal de Cristo, mas também a proclamação do evangelho. Porque, pela vinda de Cristo, Deus executou o que decretara; e o que ele indicara obscuramente aos pais nos é agora clara e plenamente conhecido pelo evangelho. Ele diz que isto foi feito *nestes últimos tempos*, significando o mesmo que Paulo disse: "Na plenitude do tempo" [Gl 4.4]; pois era a ocasião madura e o tempo completo que Deus, em seu conselho, designara. *A vós*. Ele não exclui os pais, para quem a promessa não fora inútil; mas, como Deus nos favorecera mais do que a eles, então notifica que, quanto maior é a amplitude da graça para conosco, maior reverência e ardor e cuidado nos é requerido.

21. Que crestes. A manifestação de Cristo não se refere a todos indiscriminadamente, mas pertence somente àqueles sobre quem ele faz o evangelho refulgir. É preciso que notemos bem as palavras *que por ele crestes em Deus*. Aqui está expresso sucintamente o que é fé. Porque, visto que Deus é incompreensível, a fé poderia jamais alcançá-lo, a menos que ela tenha uma consideração imediata por Cristo. Além disso, há duas razões por que a fé poderia estar não em Deus, a não ser que Cristo interviesse como Mediador: primeiro, a grandeza da glória divina deve ser levada em conta e, ao mesmo tempo, a pequenez de nossa capacidade. Nossa acuidade sem dúvida está muito longe de ser capaz de subir tão alto a ponto de compreender a Deus. Daí, todo conhecimento de Deus sem Cristo é um vasto abismo que engole imediatamente todos os nossos pensamentos. Temos

uma clara prova disto não só nos turcos e judeus, os quais no lugar de Deus adoram seus próprios sonhos, mas também nos papistas. É bem comum aquele axioma das escolas, a saber, que Deus é o objeto da fé. Daí especulam grande e refinadamente da majestade secreta, sendo Cristo ignorado; mas, com que sucesso? Enredam-se em tontices caducas, de modo a não mais haver fim para suas divagações. Pois fé, como pensam, outra coisa não é senão uma especulação imaginativa. Portanto, lembremo-nos bem de que Cristo não em vão é chamado a imagem do Deus invisível [Cl 1.15]; mas este nome lhe é dado por esta razão, porque Deus não pode ser conhecido exceto nele.

A segunda razão é que, como a fé nos une a Deus, nos esquivamos e tememos o próprio acesso a ele, a menos que um Mediador nos venha libertar desse temor. Pois o pecado, que reina em nós, nos faz odiosos a Deus e ele a nós. Daí, tão logo se faz menção de Deus, inevitavelmente nos enchemos de temor; e, se nos aproximamos dele, sua justiça é como fogo que nos consome completamente.

Por isso se faz evidente que não podemos crer em Deus a não ser através de Cristo, em quem Deus, de certa maneira, se faz pequeno, para que ele se acomode à nossa compreensão; e é tão-somente Cristo que pode tranquilizar consciências, de modo que ousemos chegar em confiança perante Deus.

Que o ressuscitou dentre os mortos. Ele acrescenta que Cristo foi ressuscitado dentre os mortos a fim de que sua fé e esperança, pelas quais eram sustentados, pudessem ter um sólido fundamento. E, por isso, novamente se refuta a falsa interpretação acerca da fé universal e indiscriminada em Deus; pois, se não houvesse ocorrido nenhuma ressurreição de Cristo, Deus permaneceria ainda no céu. Pedro, porém, afirma que ninguém teria crido se Cristo não tivesse ressuscitado. E, assim, se faz evidente que a fé é algo mais do que a contemplação da mera majestade de Deus. E Pedro fala assim de maneira correta, pois pertence à fé penetrar o céu,

para que ali encontremos o Pai. Mas, como isso é possível, a não ser que tenhamos a Cristo como nosso guia? “No qual temos”, diz Paulo, “ousadia e acesso com confiança” [Ef 3.12]. Lemos ainda em Hebreus 4.6 que, confiando em nosso sumo sacerdote, podemos chegar com confiança junto ao trono da graça. A esperança é a âncora da alma, que penetra nos recessos do santuário; porém, não sem Cristo indo adiante [Hb 6.19]. A fé é nossa vitória contra o mundo [1Jo 5.4]; e o que a torna vitoriosa senão Cristo, o Senhor do céu e da terra, que nos mantém sob sua guarda e proteção?

Como, pois, nossa salvação depende da ressurreição de Cristo e de seu poder supremo, a fé e a esperança encontram aqui o que as podem sustentar. Pois, a não ser que ele tivesse ressurgido e triunfado sobre a morte, e mantenha agora a mais elevada soberania para nos proteger por seu poder, que seria de nós, expostos a um poder tão imenso como o de nossos inimigos, e a seus ataques tão violentos? Portanto, aprendamos qual o sinal que deve orientar-nos rumo ao alvo, de modo que possamos realmente crer em Deus.

22. Visto que tendes purificado vossas almas, ou *purificando vossas almas*. Erasmo traduz impropriamente as palavras: “Que tendes purificado”, etc. Porquanto Pedro não declara o que haviam feito, mas os lembra do que deveriam fazer. De fato o particípio está no pretérito, mas pode ser traduzido como gerúndio: “purificando”, etc. O significado é que suas almas não seriam capazes de receber a graça até que fossem purificadas, e por isso nossa impureza fica provada.[60] Mas, para que não pareça atribuir-se a nós o poder de purificar nossas almas, ele acrescenta imediatamente: *através do Espírito*; como se quisesse dizer: “Vossas almas devem ser purificadas; mas, como não podeis fazer isso, então as ofereçam a Deus, para que ele remova vossas imundícias mediante seu Espírito”. Ele só menciona almas, ainda que carecessem de ser purificados também das

contaminações da carne, como Paulo incita os coríntios [2Co 7.1]; mas, como a principal impureza está no interior, e necessariamente arrasta consigo aquilo que é exterior, Pedro ficou satisfeito em mencionar somente a primeira, como se ele dissesse que deve ser corrigido não só as ações externas, mas os próprios corações devem ser plenamente reformados.

Em seguida ele realça a maneira, pois a pureza de alma consiste em obediência a Deus. *Verdade* deve ser tomada para a regra que Deus nos prescreve no evangelho. Tampouco ele fala apenas de obras, mas, antes, aqui a fé mantém a primazia. Daí Paulo nos ensinar especialmente no primeiro e no último capítulo da Epístola aos Romanos, que fé é aquilo pelo qual obedecemos a Deus; e Pedro, em Atos 15, lhe aplica este enaltecimento: que Deus, por seu intermédio, purifica o coração.

Para o amor fraternal. Ele nos lembra sucintamente o que Deus especialmente requer de nossa vida, e o alvo para o qual todos nossos esforços devem direcionar-se. E assim, Paulo, no primeiro capítulo da Epístola aos Efésios, quando fala da perfeição dos fiéis, a faz consistir no amor. E é isto que devemos notar com o máximo cuidado, porque o mundo faz sua própria santidade consistir das mais variadas trivialidades, e quase ignora que esta é a coisa principal. Vemos como os papistas se cansam além da medida com milhares de superstições inventadas. Entretanto, a última coisa é aquele amor que Deus especialmente recomenda. Esta, pois, é a razão para a qual Pedro chama nossa atenção quando fala de uma vida levianamente formada.

Ele falara antes da mortificação da carne e de nossa conformidade com a vontade de Deus; agora, porém, ele nos lembra o que Deus quer que cultivemos ao longo da vida, a saber, amor mútuo. Pois, por esse meio, testificamos também que amamos a Deus; e, por essa evidência, Deus prova que eles realmente o amam.

Ele o denomina de *não fingido* (ἀνυπόκριτον), como Paulo denomina a fé em 1 Timóteo 1.5; pois nada é mais difícil do que amar sinceramente nosso semelhante. Pois o amor de nós mesmos nos domina, o qual é saturado de hipocrisia. E, além do mais, cada um mede seu amor, que demonstra para com os outros, pela medida de seu próprio benefício, e não pela norma de fazer o bem. Ele adiciona *ardorosamente*; porque, quanto mais indolentes somos, por natureza, mais devemos estimular-nos ao fervor e solicitude, e isso não apenas uma vez, e sim mais e mais, diariamente.

23. Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre.
24. Porque toda carne é como erva, e toda a glória do homem é como a flor da erva. A erva murcha, e sua flor cai;
25. Mas a palavra do Senhor dura para sempre. E esta é a palavra que, pelo evangelho, vos é pregada.

23. Regeniti non ex semine corruptibili, sed incorruptibili, per sermonem viventis Dei et manentis in aeternum.
24. Quandoquidem omnis caro tanquam herba, et omnis gloria ejus tanquam flos herbae; exaruit herba et flos ejus decidit:
25. Verbum autem Domini Manet in aeternum; hoc autem est verbum quod annuntiatum est vobis.

23. Sendo de novo gerados. Eis outra razão para exortação, a saber, uma vez que eram novos homens e renascidos de Deus, cabia-lhes formar uma vida digna de Deus e de sua regeneração espiritual. E isto parece estar conectado com um versículo do próximo capítulo, acerca do leite da palavra, que deviam buscar, para que seu modo de viver correspondesse ao seu nascimento. Contudo, ele pode estender-se ainda mais, a ponto de ser conectado também ao que vem antes; pois Pedro agrupou aquelas coisas que podem levar-nos a uma vida íntegra e santa. O objetivo, pois, de Pedro, era ensinar-nos que não podemos ser cristãos sem a regeneração; pois o evangelho não é pregado para que seja apenas por nós ouvido, mas para que, como uma semente de vida imortal, transforme totalmente nossos corações.[61] Além do mais, a *semente incorruptível* é posta em oposição à palavra de Deus, a fim de que os fieis saibam que devem renunciar sua natureza pregressa, e para que seja mais evidente quanta diferença existe entre os filhos de Adão, que

só nascem neste mundo, e os filhos de Deus, que renascem para uma vida celestial. Mas, como a construção do texto grego é duvidosa, podemos ler "a palavra viva de Deus", tanto quanto "a palavra do Deus vivo". Entretanto, como a segunda redação é menos forçada, eu a prefiro; ainda que se deva observar que o termo se aplica a Deus, devido ao caráter da passagem. Pois, como em Hebreus 4.12, visto que Deus vê todas as coisas e nada lhe está oculto, o apóstolo argumenta que a palavra de Deus penetra a medula mais secreta, a ponto de discernir os pensamentos e os sentimentos; assim, quando Pedro, neste lugar, o denomina de Deus vivo, que permanece para sempre, sua referência é à palavra, na qual a perpetuidade de Deus se manifesta como num espelho vivo.

24. Porque toda carne. De forma muito apta, ele cita a passagem de Isaías com o intuito de provar ambas as sentenças, isto é, fazer evidente quão fútil e miserável é o primeiro nascimento do homem, e quão imensa é a graça do novo nascimento. Porque, como o profeta ali fala da restauração da igreja, com o fim de preparar o caminho para ela, ele reduz os homens a nada, para que não sejam enfatuados. Bem sei que há quem torça as palavras erroneamente para outro sentido. Pois esses as explicam como que falando dos assírios, como se o profeta dissesse que não havia razão para que os judeus temessem tanto a carne, a qual se assemelha a uma flor que murcha. Outros crêem que aqui se reprova a vã confiança que os judeus depositavam nos auxílios humanos. Mas o próprio profeta reprova ambos esses pontos de vista, acrescentando que o povo era como a erva; pois expressamente condena os judeus por sua futilidade, a quem ele prometia restauração no nome do Senhor. Isto, pois, é o que eu já disse, até que sua própria presunção fosse exibida aos homens, não estariam preparados para receber a graça de Deus. Em suma, eis a intenção do profeta: como o exílio era para os judeus como a morte, ele lhes prometeu uma nova consolação,

inclusive que Deus lhes enviaria profetas com um mandamento deste gênero. O Senhor, diz ele, ainda dirá: "Confortai a meu povo"; e que no deserto e no ermo a voz profética ainda se faria ouvir a fim de que se preparasse um caminho para o Senhor [Is 40.6].

E, como o orgulho obstinado que os satura tinha de ser, necessariamente, purgado de suas mentes a fim de que se abrisse um acesso para Deus, o profeta acrescentou o que Pedro relata aqui acerca da glória evanescente da carne. Que é o homem? – diz ele –, não passa de erva; que é a glória do homem? – não passa de flor da erva. Porque, como era difícil crer que o homem, em quem transparece tanta excelência, é como a erva, o profeta fez um tipo de concessão, como se ele quisesse dizer: "É verdade que a carne tem alguma glória; mas, para que vossos olhos não ofusquem, sabei que a flor logo murcha". Em seguida ele mostra quão de repente tudo o que parece belo nos homens se desvanece, mesmo através do sopro do Espírito de Deus; e com isso ele notifica que o homem parece ser alguma coisa até que chegue à presença de Deus, mas que todo seu esplendor é como nada em sua presença; que, numa palavra, sua glória é só neste mundo, e que não tem nenhum espaço no reino celestial.

A erva murcha. Muitos crêem que isto se refere somente ao homem exterior. Mas estão equivocados; pois devemos considerar a comparação entre a palavra de Deus e o homem. Pois se ele só apontasse para o corpo e o que pertence à presente vida, então teria dito, em segundo lugar, que a alma era muito mais excelente. Mas o que ele põe em oposição à erva e sua flor é a palavra de Deus. E então segue em frente, dizendo que nada existe no homem senão presunção. Portanto, quando Isaías falou de carne e de sua glória, sua intenção era o homem integral, tal como é em si mesmo; pois o que ele atribuiu à palavra de Deus, negou ao homem. Em suma, o profeta fala da mesma coisa que Cristo faz em João 3.3, a saber, que o homem é totalmente alienado do reino de Deus; que ele não passa de uma criatura terrena,

evanescente e vazia, até que seja gerado de novo.

25. Mas a palavra de Deus. O profeta não demonstra o que a palavra de Deus é em si mesma, mas o que devemos pensar dela; pois, visto que o homem, em si mesmo, é vaidade, é preciso que ele busque vida em outra fonte. Daí Pedro atribuir poder e eficácia à palavra de Deus, segundo a autoridade do profeta, de modo que ela pode conferir-nos o que é real, sólido e eterno. Pois isto era o que o profeta tinha em vista: que não existe vida permanente senão em Deus, e que esta nos é comunicada pela palavra. Por mais evanescente seja natureza do homem, contudo ele se torna eterno pela palavra; pois ele é remodelado e vem a ser uma nova criatura.

Esta é a palavra que, pelo evangelho, vos foi pregada, ou *que vos foi declarada*. Primeiramente, ele nos lembra que, quando se menciona a palavra de Deus, somos muito estultos se a imaginarmos como que estando longe de nós, no ar ou no céu; pois devemos saber que ela nos tem sido revelada pelo Senhor. O que, pois, é esta palavra do Senhor, a qual nos dá vida? Igualmente a Lei, os Profetas e o Evangelho. Os que vagueiam além desses limites da revelação nada encontram senão as imposturas de Satanás e de suas tontices, e não a palavra do Senhor. Devemos notar isto com o máximo cuidado, porque os homens ímpios e demoníacos, ardilosamente apropriando-se da palavra de Deus em sua própria honra, ao mesmo tempo em que tentam afastar-nos das Escrituras, como fez aquele homem sem princípios, Agripa, que enaltece sublimemente a eternidade da palavra de Deus e, no entanto, trata com insolência os profetas, e assim, indiretamente, zomba da Palavra de Deus.

Em suma, como já mencionei, aqui não se faz menção da palavra que permanece oculta no seio de Deus, mas daquela que procedeu de seus lábios, e que nos foi entregue. Assim, uma vez mais, é preciso ter em mente que Deus designou os profetas e os apóstolos para nos falar, e que seus lábios são os lábios do único e verdadeiro Deus.

Então, quando Pedro diz, *que vos foi anunciada*, ou *declarada*, ele notifica que a palavra não deve ser buscada em outra fonte além do evangelho pregado a nós; e realmente sabemos que não existe outra via da vida eterna senão a da fé. Não obstante, não pode haver fé a não ser que saibamos que a palavra nos é destinada.

Ao mesmo propósito, é o que Moisés disse ao povo: "Não está nos céus, para dizeres: quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga, e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos. Porque esta palavra está mui perto de ti, em tua boca, e em teu coração, para a cumprires" [Dt 30.12, 14]. Que estas palavras concordam com o que Pedro diz, Paulo demonstra em Romanos 10.6, onde ele nos ensina que era a palavra da fé a que ele pregava.

Além disso, não há aqui nenhum enaltecimento comum à pregação; pois Pedro declara que o que é pregado é a palavra que gera vida. De fato, Deus é o único que nos regenera; mas, para esse propósito, ele emprega o ministério dos homens; e, por isso mesmo, Paulo se gloria no fato de que os coríntios foram espiritualmente gerados por ele [1Co 4.15]. E é verdade que aqueles que plantam e aqueles que regam nada são; mas, sempre que Deus se apraz em abençoar seu labor, ele faz sua doutrina eficaz pelo poder de seu Espírito; e a voz, que em si mesma é mortal, é tomada como instrumento para comunicar vida eterna.

---

47. *Inquilinis* são aqueles que cavalgam um cavalo alugado, inquilinos. O original, παρεπιδήμοις, significa os que moram entre um povo, isto é, não entre seu próprio povo. A palavra preferível seria forasteiros ou peregrinos. Literalmente, a sentença é: "Aos forasteiros da dispersão do Ponto", etc.

48. Sobre esta questão, os teólogos, antigos e modernos, têm diferido. É preciso decidir somente pelo conteúdo da epístola. Não há nada *decisivo* em favor da opinião de que ela foi escrita somente para os judeus crentes; mas há uma passagem (4.3) que parece demonstrar claramente que Pedro incluiu os gentios crentes; porque "os idólatras abomináveis" só podia ser uma referência a eles, já que os judeus, desde o cativeiro babilônico, não mais caíram na idolatria.

49. O significado seria mais claro se levarmos em conta uma mudança na ordem das palavras, "eleitos segundo a presciência de Deus, para obediência e a

aspersão do sangue de Jesus Cristo, através (ou por meio de) a santificação do Espírito", isto é, foram eleitos a fim de que pudessem obedecer ao evangelho, e purificados da culpa do pecado pelo sangue de Cristo, pelo poder santificador do Espírito. Não foi sua obediência que os fez eleitos, e sim foram escolhidos para que pudessem obedecer, e assim obedecer pela influência do Espírito. Esta é, evidentemente, a doutrina desta passagem. Conferir 2 Tessalonicenses 2.13.

50. "Isto é um hebraísmo", diz Macknight, "*para uma esperança de vida*. Conseqüentemente, aqui a versão siríaca tem *in spem vitae – para uma esperança de vida*". Gerar outra vez parece não ser uma referência à renovação interior, mas ao que Deus fez, ressuscitando Cristo dentre os mortos. Às vezes, gerar significa pôr alguém num novo estado ou condição; como a expressão "Eu hoje te gerei" significa que Deus então constituiu rei ao seu Filho, investindo-o publicamente, por assim dizer, com aquele ofício. O significado aqui é semelhante: Deus, pela ressurreição de Cristo, restaurou seus seguidores desesperançados à esperança de vida. Daí a importância da expressão "outra vez"; ainda que Macknight creia que a referência deve ser à aliança da graça feita com nossos primeiros pais após a queda, e que os crentes foram gerados pela segunda vez à mesma esperança pela ressurreição de Cristo. A palavra para "gerar outra vez" só se encontra aqui, e num sentido passivo no versículo 23, onde tem um sentido diferente, quando evidentemente se refere à renovação do coração.

51. *Pareus* traduz: "isto é, para uma herança", tornando esta sentença explicativa de "a esperança", quando esperança aqui é uma metonímia para seu objeto. É uma herança "incorruptível", jamais sendo destruída por um dilúvio ou pelo fogo – "imaculada", não como a terra de Canaã, seu tipo, que foi poluída por seus habitantes – "incorruptível", diferente de qualquer herança terrena, porquanto o mundo passa.

52. O significado seria um pouco diferente, mas a sentença seria mais inteligível, se a traduzíssemos assim: "Que sois guardados pela fé no poder de Deus para salvação". Aqui, salvação significa tanto a do corpo quanto a da alma na ressurreição.

53. Há quem tome o verbo no tempo futuro, "no qual [tempo] exultareis"; e outros como sendo um imperativo, "por essa causa, exultai". Contudo, nenhum desses casos se encaixa no contexto, pois o versículo 8 prova que ele fala de alegria presente, e expressa o caso como se fosse entre eles. É melhor ficar com Calvino, "por isso", ou "por essa causa", que é o caso no versículo anterior, a saber, que foram guardados pelo poder de Deus para salvação preparada para ser revelada.

54. A aparente diferença em significado provém do fato de que o apóstolo está usando dois substantivos (o que é comum na Escritura) em vez de um substantivo e um adjetivo ou particípio – "a prova de vossa fé", em vez de "vossa fé provada", ou "vossa fé quando provada".

55. O "louvor, honra e glória" se referem à fé provada; isso será louvado ou aprovado pelo Juiz, honrado perante os homens e anjos e seguido pela glória eterna.

56. "Inexprimível" ou "glorificado" significaria algo maior, ou pode ser considerado como mais específico, é uma alegria inexprimível, sendo uma alegria glorificada em certa medida, ou a alegria dos glorificados no céu. Segundo este

ponto de vista, as palavras podem ser traduzidas assim: “com alegria indizível e celestial”. Doddridge fornece esta paráfrase: “Com uma alegria inefável e inclusive glorificada, com um gozo tal que parece antecipar aquele dos santos em glória”.

57. É necessário ou dar a este particípio um sentido futuro, “estando para receber”, ou considerar o apóstolo como que falando da salvação da alma agora, como distinta da salvação da alma e do corpo no porvir. O segundo sentido parece mais apropriado à passagem. A alma é agora salva por meio da fé. O fim da fé, seu objeto e consecução, é a reconciliação com Deus, e reconciliação equivale à salvação.

58. Pareus observa que o apóstolo, nesta parte do capítulo, exortou os fiéis à sobriedade, santidade, humildade e fraternidade, por cinco razões: (a) porque eram filhos de Deus (v. 14); (b) porque Deus é santo e requer santidade (v. 15); (c) porque Deus não respeita pessoas (v. 17); (d) em razão do valor do preço por sua redenção (v. 18); e (e) porque já renasceram de uma semente imortal (v. 23).

59. O verbo λυτρόω significa propriamente redimir por um preço de tirania ou escravidão, mas seu significado aqui, e em Lucas 24.21 e Tito 2.14, é meramente libertar. “Vã conversação” significa um modo inútil e fútil de viver.

60. É melhor conservar o tempo do particípio: “Tendo purificado [ou, visto que tendes purificado] vossas almas por obedecerdes a verdade através do Espírito para um amor fraternal não fingido, amai ardentemente uns aos outros de coração puro; tendo nascido de novo”, etc. A ordem aqui é semelhante à que com freqüência se encontra na Escritura; menciona-se purificação antes de regeneração, como sendo mais visível e mais efetiva; e então o que vem antes é como, de certo modo, a causa.

61. A maioria dos comentaristas, como Calvino, representa a *semente* como sendo a palavra; mas a construção não admite isso. Eis as palavras: “Tendo sido gerados de semente não corruptível, mas incorruptível, pela palavra viva de Deus, e que dura para sempre”. A “semente” denota, evidentemente, o princípio vital da graça, a nova natureza, a imagem restaurada de Deus; é o mesmo que João quis dizer quando afirma: “Sua semente [isto é, de Deus] permanece nele” [Jo 3.9]. Então “a palavra” é posta como o meio ou instrumento pelo qual esta semente é implantada. O termo “viva”, aqui, não significa doação de vida, como alguns a interpretam, mas se confronta com o que cessa de ser válido; e “permanece para sempre” expressa mais plenamente seu significado. A metáfora, na parábola do semeador, é bem diferente. A palavra ali é comparada a uma semente semeada no mau e bom solo; mas aqui a conversão de um mau solo em bom solo é o sujeito; e neste processo a palavra é empregada como um instrumento.

Capítulo 2

1. Portanto, deixando toda malícia, e todo engano, e as hipocrisias e invejas, e todas as más conversações,
2. Como bebês recém-nascidos, desejai o leite sincero da palavra, para que, por ele, possais crescer;
3. Se é que já provastes que o Senhor é gracioso;
4. Para quem chegando, como pedra viva, na verdade reprovada pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa,
5. Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual, e sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo.

1. proinde deposita omni malitia et omni dolo et simulationibus et invidis et omnibus obtrectationibus,
2. Tanquam modo geniti infantes, lac rationale et dolo vacuum appetite, ut per illud subolescatis:
3. Si quidem gustastis quod benignus sit Dominus;
4. Ad quem accedentes, qui est lápis vivus, ab hominibus quidem reprobatus, apud Deum vero electus ac pretiosus;
5. Ipsi quoque tanquam vivi lapides, aedificamini, domus spiritualis, sacerdotium sanctum, ad offerendas spirituales hóstias, acceptas Deo per Jesum Christum.

Depois de haver ensinado aos fiéis que tinham sido regenerados pela palavra de Deus, ele então os exorta a viver uma vida que corresponda ao seu nascimento. Pois, se vivemos no Espírito, então devemos também andar no Espírito, no dizer de Paulo [Gl 5.25]. Portanto, não nos é suficiente ter sido uma vez chamados pelo Senhor, a menos que vivamos como novas criaturas. Este é o significado. Mas, no tocante às palavras, o apóstolo dá continuidade à mesma metáfora. Pois, como já nascemos de novo, ele requer de nós uma vida que se assemelhe à das criancinhas; e, com isso, ele notifica que somos despidos do velho homem e de suas obras. Daí, este versículo concorda com o dito de Cristo: “Se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus” [Mt 18.3].

Pedro aqui põe *infância* em oposição à velhice da carne, a qual leva à corrupção; e sob o termo *leite* ele inclui todos os

sentimentos da vida espiritual. Pois em parte há também um contraste entre os vícios que ele enumera e o leite sincero da palavra; como se ele quisesse dizer: "Malícia e hipocrisia pertencem aos que são habituados às corrupções do mundo; eles se deixaram embeber desses vícios; o que pertence à infância é simplicidade sincera, isenta de todo engano. Os seres humanos, quando crescem, se tornam imbuídos de inveja; aprendem a caluniar uns aos outros; se deixam instruir nas artes da maldade; em suma, se tornam empedernidos em todo gênero de mal. As criancinhas, devido a sua idade, ainda não sabem o que é inveja, o que é maldade, ou coisas afins". Então compara os vícios, nos quais a calosidade da carne se entrega, com o alimento forte; e leite é denominado o caminho da vida própria à natureza inocente e infância simples.

1. Toda malícia. Aqui não há uma enumeração completa de todas aquelas coisas que devemos descartar; mas, quando os apóstolos falam do velho homem, eles expõem como exemplos alguns daqueles vícios que estigmatizam todo seu caráter. "As obras da carne são manifestas", diz Paulo, "as quais são" [Gl 5.19]; e, no entanto, não as enumera todas, mas aquelas poucas coisas que, como num espelho, podemos ver que imensa massa de sujeira procede de nossa carne. Assim também, em outras passagens, onde faz referência à nova vida, ele toca só numas poucas coisas, pelas quais possamos entender o caráter por inteiro.

Portanto, o que ele diz equivale ao seguinte: "Tendo descartado as obras de vossa vida pregressa, tais como malícia, engano, dissimulações, invejas e outras coisas desse gênero, devotai-vos às coisas de um caráter oposto, cultivai a bondade, honestidade", etc. Em suma, ele insiste nisto: que novos valores morais acompanhem a nova vida.

2. O leite sincero da palavra. Comumente, esta passagem é explanada de acordo com a tradução de Erasmo: "Leite não para o corpo, e sim para a alma". Como se o apóstolo, com esta expressão, nos lembrasse de que ele está falando em

termos metafóricos. Ao contrário, creio que esta passagem concorda com aquele dito de Paulo: “Não sejais crianças no entendimento, e sim na malícia” [1Co 14.20]. Para que ninguém pense que a infância, destituída de entendimento e cheia de fatuidade, está sendo enaltecida por ele, então, no momento próprio, ele satisfaz esta objeção; então os incita a desejar o leite isento de engano, e contudo misturado com o são entendimento. Então vemos com que propósito ele anexa estas duas palavras: *racional* e *sincero* (λογικὸν καὶ ἄδολος). Pois simplicidade e agudeza de entendimento são duas coisas aparentemente opostas; no entanto, podem ser associadas, para que a simplicidade não se torne insípida e para que a astúcia maliciosa não penetre sorrateiramente por falta de entendimento. Este misto, bem regulado, concorda com o que Cristo afirma: “Sede prudentes como serpentes e símplices como pombas” [Mt 10.16]. E assim fica solucionada a questão que de outra maneira se suscitaria.[62]

Paulo reprova os coríntios porque se assemelhavam a crianças, e por isso não podiam tomar alimento forte, mas eram alimentados com leite [1Co 3.1]. Encontramos quase as mesmas palavras em Hebreus 5.12. Nestas passagens, porém, aqueles são comparados a crianças que permanecem sempre novatas, e estudantes ignorantes na doutrina da religião, que continuavam nos primeiros elementos, e nunca penetravam o conhecimento mais elevado de Deus. *Leite* é denominado como o método mais simples de ensino e adaptável à infância, quando o progresso não vai além dos primeiros rudimentos. Por isso, Paulo com razão acusa isto como uma falha, e da mesma forma procede o autor da Epístola aos Hebreus. Aqui, porém, leite não é doutrina elementar, que alguém aprende perpetuamente e nunca chega ao conhecimento da verdade, mas um método de vida que tem o sabor do novo nascimento, quando nos rendemos à edificação oriunda de Deus. Da mesma maneira, a infância não é posta em oposição à maturidade, ou à idade plena em

Cristo, como Paulo a denomina em Efésios 4.13, mas à caduquice da carne e da vida pregressa. Além do mais, como a infância da nova vida é perpétua, assim Pedro recomenda leite como um alimento perpétuo, pois ele quer que aqueles que por ele são nutridos se desenvolvam.

3. Se é que já tendes provado, ou *se de fato já provastes*. Ele alude ao Salmo 34.8: "Provai e vede que o Senhor é bom". Mas ele diz que essa prova teria sido em Cristo, visto que, sem dúvida, nossas almas não podem achar descanso em parte alguma senão nele. Mas ele extraiu da bondade de Deus a base de sua exortação, porque sua bondade, que recebemos em Cristo, deve atrair-nos; por isso prossegue:

4. Para quem chegando não deve ser uma referência simplesmente a Deus, mas a ele como nos é revelado na pessoa de Cristo. Ora, não pode ser de outra forma, senão que a graça de Deus nos atraia a ele poderosamente, e nos inflame com amor por ele, por meio de quem obtemos a real percepção dele. Se Platão afirmou de sua Beleza, da qual ele só reteve uma idéia pálida e muito remota, muito mais verdadeiro é isto em se tratando de Deus.

Portanto, notemos bem que Pedro conecta um acesso a Deus com a prova de sua bondade. Pois, como a mente humana inevitavelmente teme e se esquiva de Deus, enquanto ela o considerar rígido e severo demais, assim também, tão logo ele faz conhecido aos fiéis seu amor paternal, segue imediatamente que passam a desconsiderar todas as coisas e, inclusive, esquecem-se de si mesmos e se apressam para ele. Em suma, só faz progresso no evangelho aquele que vai a Deus de todo o coração.

Mas ele mostra também para que fim e com que propósito devemos ir a Cristo, bem como para que tenhamos nele nosso fundamento. Porque, visto que ele é constituído como pedra, ele é justamente isso para nós, de modo que nada lhe seria designado pelo Pai sem resultado ou sem qualquer propósito. Mas ele põe em relevo uma ofensa ao admitir que Cristo é rejeitado pelos homens; pois, como uma grande

parte do mundo o rejeita, e inclusive muitos sentem aversão por ele, por isso mesmo é possível que o desprezemos, porquanto notamos que alguns dos ignorantes vivem alienados do evangelho só porque este não é popular em todos os lugares, tampouco granjeia o favor de seus adeptos. Pedro, porém, nos proíbe de ter menos estima por Cristo, por mais desprezado seja ele pelo mundo, porque ele, não obstante, retém seu valor e honra pessoais diante de Deus.

5. Vós também, como pedras vivas, sois edificados. O verbo pode ficar tanto no modo imperativo quanto no indicativo, pois em grego a terminação é ambígua. Mas, seja qual for o modo como deve ser tomado, sem dúvida Pedro pretendia exortar os fiéis a se consagrarem a Deus como um santuário espiritual; pois ele, com habilidade, infere do desígnio de nossa vocação qual deve ser nosso dever. Devemos observar ainda mais que ele constrói uma casa do número pleno dos fiéis. Pois ainda que esteja escrito que cada um de nós é um santuário de Deus, contudo todos formam uma unidade perfeita, e devem viver unidos pelo amor mútuo, para que se faça de todos nós um santuário único. E, assim, como é verdadeiro que cada um de nós é um santuário no qual Deus habita mediante seu Espírito, assim todos devem viver em plena harmonia, para que formem um único templo universal. Esse é o motivo de cada um, contente com sua própria medida, manter-se dentro dos limites de seu próprio dever; entretanto, todos têm algo a ver com o respeito mútuo.

Ao denominar-nos de *pedras vivas* ou *edifício espiritual*, como já dissera que Cristo é uma pedra viva, ele evoca uma comparação entre nós e o templo antigo; e isso serve para ampliar a graça divina. O mesmo propósito tem o que ele adiciona no tocante aos *sacrifícios espirituais*. Porque, quanto mais excelente é a realidade do que os tipos, tanto mais todas as coisas se sobressaem no reino de Cristo; pois temos aquele exemplo celestial ao qual o antigo santuário se conformava, e tudo o que fora instituído por Moisés sob a lei.

Um sacerdócio santo. Constitui uma honra singular o fato de Deus não só consagrar-nos a si como um santuário, no qual ele habita e é cultuado, mas também o fato de nos fazer sacerdotes. Pedro, porém, menciona esta dupla honra a fim de nos estimular mais eficazmente para servirmos e cultuarmos a Deus. Dos sacrifícios espirituais, o primeiro é a oferenda de nós mesmos, de que Paulo fala em Romanos 12.1; pois nada podemos oferecer até que lhe ofereçamos a nós mesmos como sacrifício, o qual se faz pela autorrenúncia. Então vêm orações, ação de graças, atos de caridade, bem como todos os deveres da religião.

Aceitáveis a Deus. Deve adicionar também não um pouco de nosso bom humor quando sabemos que o culto que prestamos a Deus lhe é agradável, quando a dúvida traz consigo, necessariamente, a indolência. Aqui, pois, está a terceira coisa que reforça a exortação; pois ele declara que o que é requerido é aceitável a Deus, a menos que o temor nos faça indolentes. Os idólatras, de fato, estão sob a influência de grande fervor em suas formas fictícias de culto; mas isso se dá porque Satanás inebria suas mentes, para que [não] consigam avaliar suas obras; mas, sempre que suas consciências são levadas a examinar as coisas, eles começam a vacilar. De fato é verdade que ninguém se devota seriamente e de todo o coração a Deus, até que seja plenamente persuadido de que não labutará em vão.

No entanto, o apóstolo adiciona *por Jesus Cristo*. Nunca se encontra em nossos sacrifícios uma pureza tal que em si mesmos sejam aceitáveis a Deus; nossa renúncia pessoal nunca é inteira e completa; nossas orações nunca são tão sinceras como deviam ser; nunca somos tão zelosos e tão diligentes em fazer o bem; ao contrário, nossas obras são imperfeitas e mescladas com muitos vícios. Não obstante, Cristo conquista favor para elas. Aqui, pois, Pedro realça aquela falta de fé que porventura tenhamos acerca da aceitabilidade de nossas obras, ao dizer que são aceitas não pelo mérito de sua própria excelência, mas por meio de

Cristo. E isso deveria acender ainda mais o ardor de nossos esforços, quando ouvimos que Deus nos trata com tanta indulgência que, em Cristo, ele imprime certo valor em nossas obras, o qual, em si mesmas, elas nada merecem. Ao mesmo tempo, as obras, *por* ou através de *Cristo*, podem ser adequadamente conectadas com oferenda; pois, em Hebreus 13.15 encontramos uma frase semelhante: "Portanto, ofereçamos sempre por ele a Deus um sacrifício de louvor". Entretanto, o sentido continuará sendo o mesmo; pois através de Cristo oferecemos sacrifícios para que possam ser aceitáveis a Deus.

6. Por isso também está contido na Escritura: Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa; e aquele que nela crer não será confundido.
7. Portanto, para vós, que credes, ele é precioso; mas, para os que são desobedientes, a pedra que os construtores reprovaram, essa mesma é feita a cabeça do canto,
8. E uma pedra de tropeço, e uma rocha de ofensa, sim, para aqueles que tropeçam na palavra, sendo desobedientes; para o quê também foram designados.

6. Propterea etiam continet scriptura, Ecce pono in Sion lapidem angulare, electum, pretiosum, et qui crediderit in ilho, non pudefiet.
7. Vobis ergo qui creditis, pretiosus; incredulis vero, lapis quem reprobaverunt aedificantes, hic positus est in capus anguli;
8. Et Lapis impactionis, et petra offendiculi iis qui impingunt in Sermonem, nec credunt; in quod etiam ordinati fuerant.

6. Por isso também está contido na Escritura; ou *por isso também a Escritura contém*.[63] Os que aplicam o verbo "conter" (περιέχειν) a Cristo, e o traduzem "abraçar", visto que através dele tudo isso se une, se afastam totalmente da intenção do apóstolo. Nem melhor é outra exposição, de que Cristo excede aos demais; pois Pedro simplesmente tencionava citar o testemunho da Escritura.[64] Ele então mostra o que fora ensinado pelo Espírito Santo nas Escrituras; ou, o que equivale ao mesmo, que o que ele adiciona está contido nelas. Nem é uma afirmação inadequada do versículo precedente. Pois vemos por quais razões levianas, e quase por nada, muitos rejeitam a Cristo e alguns apostatam dele; mas este é um escândalo que, acima de todas as coisas, se acha no caminho de alguns; se afastam porque o povo comum não só despreza e rejeita a Cristo,

mas também aqueles pertencentes à alta dignidade e honra, e parecem ultrapassar os demais. Este mal quase sempre prevaleceu no mundo, e em nossos dias prevalece em grande medida; pois uma grande parte da humanidade considera Cristo segundo a falsa opinião do mundo. Além do mais, tal é a ingratidão e impiedade dos homens, que Cristo é por toda parte desprezado. E assim se dá que, enquanto consideram outro, poucos lhe prestam sua devida homenagem. Daí Pedro lembrar-nos o que fora predito de Cristo, para que o desprezo ou a rejeição dele não nos demovesse da fé.

Ora, a primeira passagem que ele alude é extraída de Isaías 28.16, quando o profeta, depois de haver atacado a temerária perversidade de sua própria nação, por fim acrescenta: "Vossa perfídia não impedirá Deus de restaurar sua igreja, a qual, através de vossas mentiras está agora em estado totalmente arruinado". À maneira de restauração, ele assim descreve: "Eis que eu assentarei em Sião uma pedra". Aprendemos daí que não há nenhum edifício da igreja sem Cristo; pois não há outro fundamento além dele, como Paulo testifica [1Co 3.11]. Isto não é causa de espanto, pois toda nossa salvação se acha fundada somente nele. Quem quer, pois, que se desvia dele um mínimo grau, descobrirá que seu fundamento está sob um precipício.

Portanto, o profeta não só a chama uma pedra angular, que conecta todo o edifício, mas também uma pedra de prova, segundo a qual o edifício deve ser medido e regulado; e, mais, ele o chama um fundamento sólido, o qual sustenta todo o edifício. Por isso ele é uma pedra angular, para que ele seja a norma do edifício, bem como seu fundamento único. Pedro, porém, tirou das palavras do profeta o que era especialmente ajustável ao seu argumento, mesmo que ele fosse uma pedra escolhida e, no mais elevado grau, valiosa e excelente, e também que edifiquemos sobre ele nosso edifício. Esta honra é atribuída a Cristo, para que, por mais que ele seja desprezado pelo mundo, não seja desprezado por nós; pois ele é considerado por Deus muito precioso.

Mas, quando o chama uma pedra angular, ele notifica que aqueles que não se preocupam com sua salvação então que não recorram a Cristo. O que alguns têm espiritualizado sobre a palavra "angular", como se ela significasse que Cristo une judeus e gentios, como dois muros distintos, não conta com bom fundamento. Nesse caso, fiquemos satisfeitos com uma explanação simples, a saber, que ele é assim chamado em virtude do peso do edifício que repousa sobre ele.

Devemos observar ainda que o profeta apresenta Deus como o orador, pois ele é o único que forma e planeja sua própria igreja, como lemos no Salmo 78.69, a saber, que sua mão fundara Sião. De fato, ele emprega o labor e ministério dos homens em sua edificação; mas isso não é inconsistente com a verdade de que ela é sua própria obra. Cristo, pois, é o fundamento de nossa salvação, porque ele foi ordenado pelo Pai para esse fim.

E ele diz *em Sião*, porque ali o templo espiritual de Deus tinha de ter seu início. Para que nossa fé, pois, repouse solidamente em Cristo, devemos aproximar-nos da Lei e dos Profetas. Pois ainda que esta pedra se estenda às partes extremas do mundo, contudo era necessário que ela fosse localizada primeiramente em Sião, pois ali, naquele tempo, ficava a sede da igreja. Lemos então que ela foi posta, quando o Pai o revelou com o propósito de restaurar sua igreja. Em suma, devemos manter isto: que somente descansam em Cristo os que guardam a unidade da igreja, pois ele não é posto como uma pedra fundamental excluindo a Sião. Como foi de Sião que a igreja surgiu, e que agora se encontra espalhada por toda parte, assim também de Sião nossa fé derivou seu ponto de partida, como diz Isaías: "E irão muitos povos, e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine seus caminhos, e andemos em suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor" [Is 2.3]. Correspondente a isto é o que está escrito nos Salmos: "O Senhor enviará o cetro de tua fortaleza desde Sião" [Sl 110.2].

Aquele que crê. O profeta não diz *nele*, mas declara em termos gerais: "Aquele que crê não se apresse". Entretanto, como não dúvida, senão que Deus apresenta Cristo ali como o objeto de nossa fé, a fé da qual o profeta fala deve olhar somente para ele. E, sem dúvida, ninguém pode crer corretamente, senão aquele que está plenamente convicto de que em Cristo ele deve confiar plenamente.

No entanto, as palavras do profeta podem ser tomadas em dois sentidos, ou como uma promessa, ou como uma exortação. O tempo futuro tem referência a "ele não se apresse"; mas, em hebraico, deve ser tomado com frequência como um imperativo: "Que ele não se confunda". E assim o significado seria: "Não vos demovais em vossas mentes, mas calmamente nutris vossos desejos e refreais vossos sentimentos, até que ao Senhor se agrade cumprir sua promessa". Por isso ele diz em outro lugar: "Em silêncio e na quietude tereis vossa força" [Is 30.15]. Mas, como a outra redação parece aproximar-se mais da interpretação de Pedro, eu lhe dou a preferência. Então o sentido seria ajustável: "Aquele que crê não hesitará", ou vacilará; pois ele tem um sólido e permanente fundamento. E é uma verdade valiosa o fato que, confiando em Cristo, estamos fora do perigo de fracassar. Além do mais, ser envergonhado (*pudefieri*) significa a mesma coisa. Pedro reteve o sentido real do profeta, ainda que ele seguisse a versão grega.[65]

7. Portanto, para vós, que credes. Uma vez tendo Deus pronunciado Cristo como a pedra preciosa e escolhida, Pedro extrai a inferência de que ele assim é para nós. Pois, sem dúvida, Cristo é ali descrito tal como o apreendemos pela fé, e tal como ele se prova ser pelas evidências reais. Devemos, pois, observar criteriosamente esta diferença: Cristo é uma pedra preciosa aos olhos de Deus; então ele é assim também para os fiéis. É tão-somente a fé que nos revela o valor e a excelência de Cristo.

Mas, como o desígnio do apóstolo era realçar a ofensa que

a multidão dos ímpios gera, imediatamente acrescenta outra sentença acerca da incredulidade, para que, ao rejeitarem a Cristo, não arrebatem a honra a ele outorgada pelo Pai. Com este propósito em vista, cita-se o Salmo 118.22, a saber, que a pedra que os construtores rejeitaram veio a ser, não obstante, a pedra angular. Daí se segue que Cristo, ainda que resistido por seus inimigos, contudo continua naquela dignidade para a qual ele foi designado pelo Pai. Mas devemos notar bem as duas coisas expressas aqui: a primeira é que Cristo foi rejeitado por aqueles que mantinham o governo da igreja de Deus; e, a outra, que seus esforços foram de todo em vão, porque necessariamente tudo quanto Deus decretara se cumpria, a saber, que ele, como a pedra de canto, sustentaria o edifício.

Além do mais, que esta passagem tem de ser entendida em referência a Cristo, não só que o Espírito Santo é uma testemunha, e Cristo mesmo que a explicou assim [Mt 21.42]; mas tudo indica ser também evidente que, por esse prisma, que comumente ela era assim entendida antes de Cristo entrar no mundo; tampouco há dúvida senão que esta exposição fora entregue, por assim dizer, de mão em mão desde os pais. Disto notamos que este era, por assim dizer, um dito comum mesmo entre os filhos com respeito ao Messias. Portanto, não discutirei mais este ponto. Devemos tomar como aceitado que Davi foi assim rejeitado em sua própria época para que tipificasse Cristo.

Portanto, voltamo-nos agora à primeira sentença: Cristo foi rejeitado pelos construtores. Isto foi inicialmente prefigurado em Davi; pois aqueles que estavam no poder o consideravam como que condenado e perdido. O mesmo se cumpriu em Cristo; pois os que mantinham o governo da igreja o rejeitaram ao máximo que podiam. Os fracos teriam ficado grandemente perturbados quando viram o grande número dos inimigos de Cristo, inclusive sacerdotes, anciãos e mestres, unicamente em quem a igreja era claramente vista. A fim de remover este escândalo, Pedro recordou aos fiéis

que foi justamente isto que Davi predisse. Ele se dirigiu especialmente aos judeus, a quem isto se aplicava com propriedade; ao mesmo tempo, esta admoestação é muito útil atualmente. Pois aqueles que arrogam para si o primeiro lugar como autoridades na igreja, são os mais inveterados inimigos de Cristo, e com fúria diabólica perseguem seu evangelho.

O Papa denomina a si mesmo de vigário de Cristo e, contudo, bem sabemos como furiosamente se lhe opõe. Este espetáculo amedronta os simples e ignorantes. Por que é assim, senão porque não consideram que o que Davi predisse acontece hoje? Então recordemos bem que não foram somente aqueles advertidos pela profecia que viram Cristo rejeitado pelos escribas e fariseus; mas que somos também por ela fortificados contra os escândalos cotidianos, os quais podem da mesma forma tripudiar nossa fé. Portanto, sempre que virmos aqueles que se gloriam no título de prelados se erguendo contra Cristo, tenhamos em mente que a pedra é rejeitada pelos construtores, em conformidade com a predição de Davi. E, como a metáfora de construção é comum, quando se menciona o governo político ou espiritual, também Davi denomina de construtores àqueles a quem se confia o cuidado e o poder de governar; não porque edificam corretamente, mas porque levam o título de construtores e possuem o poder ordinário. Daí se segue que nem sempre são verdadeiros e fiéis ministros de Cristo os que se acham investidos num ofício. Portanto, é extremamente ridículo o Papa e seus seguidores arrogarem para si autoridade suprema e indubitável sobre esta única pretensão: que são os governantes ordinários da igreja. Em primeiro lugar, sua vocação para governar a igreja de modo algum é mais justa e mais legítima do que aquela de Heliogábalo de governar o império. Mas, ainda que lhes concedamos o que impudentemente reivindicam, a saber, que são chamados assim legitimamente, no entanto vemos o que Davi declara com respeito aos líderes ordinários da

igreja, os quais rejeitaram a Cristo, de modo que construíram uma pocilga no lugar de um santuário para Deus. Segue a outra parte, a saber: que não prevalecerão todos os grandes, orgulhosos de seu poder e dignidade, de modo que Cristo não continue em seu próprio lugar.

E uma pedra de tropeço. Depois de haver confortado os fiéis, ou seja, que teriam em Cristo um sólido e permanente fundamento, ainda que a maioria, e mesmo os principais dentre os homens, não lhe concedam um lugar na construção, ele agora anuncia a punição que aguarda toda e qualquer incredulidade, a fim de que pudessem ficar aterrorizados por seu exemplo. Com este propósito, ele cita o testemunho de Isaías [8.14]. O profeta ali declara que o Senhor seria para os judeus uma pedra de tropeço e rocha de ofensa. Isto se refere propriamente a Cristo, como se pode ver à luz do contexto; e Paulo o aplica a Cristo [Rm 9.32]. Pois nele o Deus dos Exércitos se manifestou com toda clareza.

Aqui, pois, anuncia-se a terrível vingança de Deus sobre todos os ímpios, porque Cristo será para eles uma ofensa e um tropeço, visto que se negaram a recebê-lo como seu fundamento. Pois como a firmeza e estabilidade de Cristo é tal que pode sustentar todos os que pela fé recorrem a ele, assim sua dureza é tão profunda que quebrará e fará em pedaços todos quantos o resistem. Pois não existe meio termo entre estas duas coisas – ou edificaremos sobre ele, ou seremos arremessados contra ele.[66]

8. Que tropeçam na palavra. Aqui ele realça a maneira na qual Cristo vem a ser um tropeço, mesmo quando os homens perversamente se opõem à palavra de Deus. Os judeus fizeram isso; pois ainda que professassem desejar receber o Messias, contudo o rejeitaram furiosamente quando lhes foi apresentado por Deus. Os papistas fazem o mesmo em nossos dias; cultuam somente o nome de Cristo, enquanto não podem suportar a doutrina do evangelho. Aqui Pedro

notifica que todos quantos não recebem a Cristo como revelado no evangelho são adversários de Deus, e resistem sua palavra, e também que Cristo não visa a destruição de ninguém, senão daqueles que, através de voluntariosa perversidade e obstinação, se lançam contra a palavra de Deus.

E é justamente isso o que precisa ser observado, para que nossa falta não seja imputada a Cristo; pois, como nos foi dado um fundamento, é, por assim dizer, algo incidental que ele vem a ser uma rocha de escândalo. Em suma, seu ofício próprio é preparar-nos como templo espiritual de Deus; mas é culpa dos homens se tropeçam nele, até porque a incredulidade leva os homens a contenderem contra Deus. Daí Pedro, a fim de realçar o caráter do conflito, disse que eles eram incrédulos.

Para o quê também foram designados; ou *para o quê foram ordenados*. Esta mensagem pode ser explicada de duas maneiras. De fato é verdade que Pedro falava dos judeus; e a interpretação comum é que foram designados a crer, pois lhes fora destinada a promessa de salvação. Mas, o outro sentido é igualmente adequado, a saber: que foram designados à incredulidade; como lemos de Faraó que foi posto para este fim: para resistir a Deus, e todos os réprobos são destinados para o mesmo propósito. E o que me faz inclinar para este significado é a partícula καὶ (também), que é introduzida.[67] Entretanto, se o primeiro ponto de vista for preferido, então ela é uma veemente repreensão; pois Pedro daí reforça o pecado da incredulidade no povo que fora escolhido por Deus, porque rejeitaram a salvação que peculiarmente lhes foi ordenada. E, sem dúvida, esta circunstância se lhes tornou duplamente inescusável, que, tendo sido chamados em preferência a outros, recusaram-se ouvir a Deus. Mas, ao dizer que foram designados a crer, sua referência é somente à sua vocação externa, segundo a aliança que Deus fizera com toda a nação em geral. Ao

mesmo tempo, sua ingratidão, como já se disse, ficou provada suficientemente, quando rejeitaram a palavra que lhes foi anunciada.

9. Mas vós sois a geração eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo peculiar, para que anuncieis os louvores daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz; 10. Que em tempo passado não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis obtido misericórdia, mas agora obtivestes misericórdia.	9. Vos autem genus electum, regale sacerdotium, gens sancta, populus in acquisitionem, ut virtutes enarretis ejus qui vos ex tenebris vocavit in admirabile lúmen suum: 10. qui aliquando non populus, nunc autem populus Dei, qui non consequuti eratis misericordiam, nunc misericordiam consequuti estis.

9. Mas vós sois a geração eleita; ou *raça eleita*. Uma vez mais, ele os separa dos incrédulos para que, arrastados por seu exemplo (como se dá com frequência), não apostatassem da fé. Como, pois, não é razoável que aqueles a quem Deus separou do mundo se misturassem com os ímpios, Pedro aqui lembra aos fiéis a que grande honra tinham sido elevados, e também a que propósito tinham sido chamados. Mas, com os mesmos títulos honoríficos que lhes conferira, Moisés honrou o povo antigo [Ex 19.6]; o objetivo do apóstolo, porém, era mostrar que tinham recuperado novamente, através de Cristo, a grande dignidade e honra das quais tinham apostatado. Ao mesmo tempo, é verdade que Deus dera aos pais só uma prova terrena dessas bênçãos, e que elas realmente lhes são dadas em Cristo.

O significado, pois, é como se ele quisesse dizer: “Outrora Moisés chamou vossos pais de nação santa, de reino sacerdotal e um povo peculiar de Deus. Todos esses títulos honoríficos agora vos pertencem com muito mais razão; pois deveis ser prudentes para que vossa incredulidade não vos prive deles”.

Nesse ínterim, contudo, como a maior parte da nação era incrédula, o apóstolo, indiretamente, põe os judeus crentes em oposição a todos os demais, ainda que os excedessem em número, como se quisesse dizer que somente esses eram os filhos de Abraão, os que criam em Cristo; e que somente eles

retinham a posse de todas as bênçãos que Deus, por singular privilégio, outorgara a toda a nação.

Ele os denomina de *raça eleita* porque Deus, passando por alto os demais, os adotou, por assim dizer, de uma maneira especial. Eram também uma *nação santa*, pois Deus os consagrara a si e os destinou para que vivessem uma vida pura e santa. Ele os denomina ainda de um *povo peculiar*, ou um povo por aquisição, para que lhe fosse uma possessão ou herança peculiar; pois ele toma as palavras simplesmente neste sentido: que o Senhor nos tem chamado para que nos tenha como sua propriedade devotada a ele. Prova-se este significado pelas palavras de Moisés: "Agora, pois, se diligentemente ouvirdes minha voz e guardardes minha aliança, então sereis minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha" [Ex 19.5].

Há no *sacerdócio real* uma inversão notável das palavras de Moisés; pois ele diz: "um reino sacerdotal", porém está implícita a mesma coisa. Portanto, o que Pedro notifica é o seguinte: "Moisés chamou vossos pais de reino sagrado, porque todo o povo desfrutava, por assim dizer, uma liberdade régia, e dentre seu corpo foram escolhidos os sacerdotes; portanto, ambas as dignidades foram unidas numa só. Agora, porém, vós sois sacerdotes régios, e deveras de uma maneira mais excelente, porque sois, cada um de vós, consagrados em Cristo para que sejais os associados de seu reino e participantes de seu sacerdócio. Ainda que, pois, os pais tinham algo semelhante ao que tendes, contudo sois mais excelentes. Porque, depois que o muro de segregação foi derrubado por Cristo, sois agora congregados de toda nação e o Senhor outorga esses régios títulos a todos quantos toma como seu povo".

Há ainda, quanto a esses benefícios, um contraste entre nós e o restante do gênero humano que deve ser considerado, e disso transparece mais plenamente quão incomparável é a bondade de Deus para conosco; pois ele nos santifica, nós que, por natureza, somos corrompidos; ele nos escolheu

quando nada podia achar em nós, senão imundícia e vileza; ele toma por sua possessão peculiar escórias sem qualquer valor; ele confere a honra do sacerdócio a profanos; ele conduz os vassalos de Satanás, do pecado e da morte para que desfrutem de liberdade régia.

Para que anuncieis, ou *declareis*. Ele realça com toda prudência o fim de nossa vocação: para que nos estimulasse a render glória a Deus. E a suma do que ele diz é que Deus nos favoreceu com esses imensos benefícios e os manifesta constantemente para que sua glória nos seja conhecida. Porque, por *louvores*, ou virtudes, ele subentende sabedoria, bondade, poder, retidão e todas as demais coisas nas quais a glória de Deus se manifesta. E ainda nos cabe declarar essas virtudes ou excelências não só com nossas línguas, mas também com toda nossa vida. Esta doutrina deve ser um tema de meditação diária, e deve ser lembrado continuamente por nós que todas as bênçãos de Deus, com que ele nos favorece, se destinam a este fim: para que sua glória seja por nós proclamada.

Devemos também notar o que ele diz, a saber, que fomos *chamados* das trevas para a maravilhosa ou grandiosa luz de Deus; pois com essas palavras ele amplia a grandeza da graça divina. Se o Senhor nos tivesse dado luz enquanto a buscávamos, ela nos teria sido um favor; mas ela era um favor muito maior a nos arrastar do labirinto da ignorância e do abismo de trevas. Daqui devemos aprender qual é a condição humana antes de sermos trasladados para o reino de Deus. E é justamente isso que Isaías diz: "Porque eis que as trevas cobriram a terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e sua glória se verá sobre ti" [Is 60.2]. E realmente não podemos ser outra coisa senão submersos em trevas, depois de nos haver separado de Deus, nossa única luz. Veja com mais detalhe sobre este tema no segundo capítulo da Epístola aos Efésios.

10. Que em tempo passado não éreis povo. Para confirmação, ele evoca uma passagem de Oséias e a acomoda

bem ao seu propósito pessoal. Pois Oséias, depois de, em nome de Deus, declarar que os judeus foram repudiados, lhes dá a esperança de uma restauração futura. Pedro nos lembra que isto se cumpriu em sua própria época; pois os judeus foram dispersos para cá e para lá como membros rasgados de um corpo; mais ainda, nem mais pareciam ser o povo de Deus, nem entre eles o culto permaneceu, pois se viram emaranhados pelas corrupções dos pagãos; e assim não se podia dizer deles outra coisa senão que foram repudiados pelo Senhor. Mas, quando são congregados em Cristo, de não povo vieram a ser o povo de Deus. Em Romanos 9.26, Paulo aplica também aos gentios esta profecia, e não sem razão; pois desde o tempo em que a aliança do Senhor foi quebrada, de cuja única fonte os judeus derivaram sua superioridade, desceram ao nível dos gentios. Daí se segue que o que Deus prometera, ou seja, formar um povo do não povo, pertence comumente a ambos.

Que não tínheis obtido misericórdia. O profeta adicionou isto a fim de que a aliança gratuita de Deus, pela qual ele os toma para que sejam seu povo, se exibisse mais claramente; como se quisesse dizer: "Não há nenhuma outra razão pela qual o Senhor nos considere seu povo, exceto o fato de que ele, tendo misericórdia de nós, graciosamente nos adota". Então é a bondade gratuita de Deus que faz do não povo o povo de Deus, e reconcilia os alienados.[68]

11. Amados, rogo-vos, como forasteiros e peregrinos, que vos abstenhais das concupiscências da carne, as quais fazem guerra contra a alma;
12. Tendo vossa conversação honesta entre os gentios; para que, naquilo que falam contra vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observam.

11. Amici, adhortor vos tanquam inquilinos et peregrinos, ut abstineatis à carnalibus desideriis, quae militant adeversus animam;
12. Conversationem vestram inter gentes bonam habentes, ut in quo detrahunt de vobis tanquam maleficis, ex bonis operibus aestimantes (*vel*, *considerantes*) glorificent Deum in die visitationis.

11. Como forasteiros e peregrinos. Esta exortação é composta de duas partes: para que suas almas fossem isentas das concupiscências dos perversos e viciosos; e

também para que vivessem honestamente entre os homens e, que pelo exemplo de uma vida saudável, não só confirmassem os santos, mas também chegassem a crer em Deus.

Em primeiro lugar, com o fim de afastá-los da indulgência das concupiscências carnais, ele emprega este argumento: que eles eram peregrinos e forasteiros. E ele os denomina assim não porque fossem banidos de seu país e dispersos por várias terras, mas porque os filhos de Deus, onde quer que estejam, não passam de hóspedes deste mundo. De fato, no primeiro sentido, ele, no início da Epístola, os chama de peregrinos, como transparece do contexto; aqui, porém, o que ele diz é comum a todos eles. Pois as concupiscências da carne nos mantêm enredados quando, em nossa mente, permanecemos no mundo, e cremos que o céu não é nossa pátria; mas, quando vivemos como forasteiros ao longo desta vida, não vivemos escravizados à carne.

Por *concupiscências* ou desejos *da carne* ele tem em mente não somente aquelas concupiscências grosseiras que nos fazem comuns com os animais, como pretendem os sofistas, mas também aquelas paixões e afetos pecaminosos da alma, pelos quais, por natureza, somos enganados e guiados. Porquanto é certo que todo pensamento carnal, isto é, da natureza não regenerada, é inimizade contra Deus [Rm 8.7].

Que fazem guerra contra a alma. Temos aqui outro argumento: que eles não podiam compactuar-se com os desejos da carne, a não ser para sua própria ruína. Pois aqui ele não se refere à contenda descrita por Paulo no sétimo capítulo de Romanos e no quinto de Gálatas, onde ele faz com que a alma seja antagônica da carne; aqui, porém, o que ele diz é que os desejos da carne, sempre que a alma lhes consinta, conduzem à perdição. Neste aspecto, ele prova nossa negligência, dizendo que, enquanto ansiosamente nos desvencilhamos dos inimigos, que significam perigo para o corpo, espontaneamente admitimos que os inimigos danosos destruam nossa alma; mais ainda, lhes esticamos, por assim

dizer, nosso pescoço.

12. Vossa conversação. A segunda parte da exortação é que eles tinham de se conduzir com toda honestidade em relação aos homens. Aliás, o que precede, nesta ordem, é que suas mentes têm de estar limpas diante de Deus; mas tinham de viver assim também em relação aos homens, para que não viessem a ser-lhes um obstáculo. E diz expressamente: *entre os gentios*, pois os judeus eram não só odiados por toda parte, mas eram tidos também em quase total repugnância. Portanto, quanto mais cuidadosamente tinham que lutar para remover o ódio e a infâmia aderidos ao seu nome em decorrência de uma vida santa e conduta bem regulada.[69] Pois é preciso que se atente bem para aquela admoestação de Paulo: "Cortar ocasião aos que buscam ocasião" [2Co 11.12]. Portanto, as más conversações e as perversas insinuações dos ímpios devem ser-nos um estímulo para vivermos uma vida íntegra; pois não é ocasião de vivermos displicentemente e com segurança quando atentamente nos observam com o fim de descobrir em nós algo incorreto.

Para que glorifiquem a Deus. Ele notifica que devemos nos esforçar de tal modo, não em razão de nós mesmos, para que os homens pensem e falem bem de nós, mas para que glorifiquem a Deus, como Cristo também nos ensina. E Pedro mostra como isso deve ser efetuado, inclusive que os incrédulos, guiados por nossas boas obras, viriam a ser obedientes a Deus e, assim, por nossa própria conversação, lhe renderão glória; e ele notifica isto pelas palavras *no dia da visitação*. Estou ciente de que alguns aplicam isto à última vinda de Cristo; mas o tomo em sentido diverso, a saber, que Deus emprega a vida santa e honesta de seu povo, como uma preparação para reconduzir os extraviados ao caminho certo. Pois o ponto de partida de nossa conversação é quando se agrada em nos contemplar com olhos paternais; mas, quando sua face se afasta de nós, então perecemos. Daí pode-se dizer com acerto que o dia da visitação é o tempo

quando ele nos convida a si.

13. Sujeitai-vos, pois, a toda ordenação humana por amor do Senhor; quer ao rei, como superior,
14. Quer aos governantes, como por ele enviados para castigo dos malfeitores, e para louvor dos que fazem o bem.
15. Porque assim é a vontade de Deus, que, fazendo bem, tapeis a boca à ignorância dos homens insensatos;
16. Como livres, e não tendo a liberdade por cobertura da malícia, mas como servos de Deus.

13. Subditi ergo estote omni humanae ordinationi propter Dominum; sive regi tanquam supereminenti;
14. Sive praesidibus, tanquam iis qui per ipsum mittuntur, in vindictam quidem maleficorum, laudem vero benè agentium.
15. Sic enim est voluntas Dei, ut benefaciendo obstruatis ignorantiam stultorum hominum:
16. Ut liberi, et non quase praetextum habentes malitiae, libertatem; sed tanquam servi Dei.

13. Sujeitai-vos. Ele agora passa a exortações particulares; e, como a obediência que se rende aos magistrados é parte da conversação honesta e saudável, ele extrai esta inferência de seu dever: “Sujeitai-vos”, ou sede submisso; porque, ao recusar o jugo do governo, estariam dando aos gentios não pequena ocasião de censura contra si. De fato, os judeus eram especialmente odiados e tidos na conta de infames por esta razão: eram vistos assim por seu pecado em não se deixarem governar. E, como as sublevações que suscitavam nas províncias [romanas] resultavam em grandes calamidades, de modo que todo aquele de disposição calma e pacífica os amedrontava como uma praga – esta era a razão que induziu Pedro a falar de modo tão veemente sobre a sujeição. Além disso, muitos criam que o evangelho era a proclamação de tal liberdade, levando-os a se julgarem livres da servidão. Era como que algo indigno que os filhos de Deus fossem servos, e que os herdeiros do mundo não possuíssem sequer uma possessão livre, nem mesmo de seus próprios corpos. Daí haver ainda outra provação: Todos os magistrados eram adversários de Cristo, e usavam sua própria autoridade para que nenhuma representação de Deus recebesse a principal reverência fora deles. E então percebemos o intuito de Pedro: foi especialmente por estas razões que ele exortava aos judeus a nutrirem respeito pelo poder civil.

A toda a ordenação humana. Há quem traduza as palavras por "a toda criatura"; e de uma tradução tão obscura e ambígua se tem dado a muito trabalho para extrair daí algum significado. No entanto, não tenho dúvida de que Pedro tinha em mente realçar a maneira distinta como Deus governa o gênero humano, pois o verbo κτίζειν, em grego, do qual se origina κτίσις, significa dar forma e construir um edifício. Portanto, a palavra "ordenação" é muito adequada, pela qual Pedro nos lembra que Deus, o criador do mundo, não deixou o gênero humano em estado de confusão, de modo a viver segundo as bestas, mas, por assim dizer, num edifício regularmente formado e dividido em vários compartimentos. E ele é chamado *ordenação humana*, não porque fosse inventado pelos homens, mas porque um modo de viver, bem organizado e devidamente ordenado, é peculiar aos homens.[70]

Quer ao rei. Como penso, é assim que ele chama César, cujo império se estendia sobre todos aqueles países mencionados no início da Epístola. Pois ainda que "rei" fosse um título extremamente odiado pelos romanos, contudo estava em uso entre os gregos. Aliás, com frequência o chamavam *autocrata* (αὐτοκράτορα); mas às vezes eles também o chamavam *rei* (βασιλεὺς). Mas, visto que ele anexa uma razão, a saber, que ele deve ser obedecido em razão de ser mais excelência ou porque era eminente ou supremo, não há comparação entre César e os demais magistrados. Aliás, ele mantinha o poder supremo; mas a eminência que Pedro enaltece é comum a todos quantos exercem autoridade pública. E igualmente Paulo, em Romanos 13.1, a estende a todos os magistrados. Ora, está implícito que se deve obediência a todos os que lideram, visto que são investidos dessa honra não por acaso, mas pela providência de Deus. Pois muitos costumam inquirir com tanto escrúpulo por qual poder legítimo alguém foi contemplado; mas devemos ficar satisfeitos com esta única inquirição: que este poder é

possuído e exercido. E, assim, Paulo anula o pretexto das objeções fúteis, ao declarar que não há poder senão de Deus. E é por esta razão que a Escritura afirma com tanta frequência, a saber, que é Deus que equipa os reis com a espada, que os eleva em dignidade, que transfere os reinos como bem lhe apraz.

Visto que Pedro visava especialmente ao imperador romano, era necessário acrescentar esta admoestação; pois é certo que os romanos, por meios injustos mais que por legitimidade, penetraram na Ásia e subjugaram esses países. Além disso, os Césares, que então reinavam, tomaram posse da monarquia por meio de força tirânica. Daí Pedro, por assim dizer, proibir que essas coisas fossem razão de controvérsia, pois ele mostra que os súditos devem obedecer a seus governantes sem hesitação, já que não seriam eminentes a menos que a mão divina os elevasse.

Quer aos governadores, ou *quer aos presidentes*. Ele designa todo gênero de magistrados como se quisesse dizer: não existe nenhum tipo de governo ao qual não devamos nos submeter. Ele confirma isso dizendo que eles são ministros de Deus, pois os que aplicam isso aos reis estão grandemente equivocados. Há, pois, uma razão comum que enaltece a autoridade de todos os magistrados que governam pelo mandamento de Deus e que são enviados por ele. Daí se segue (como Paulo também nos ensina) que resiste a Deus quem não se submete obedientemente a um poder ordenado por ele.

Para castigo. Esta é a segunda razão por que nos cabe considerar e respeitar reverentemente a autoridade civil, e que essa é a razão por que ela foi designada pelo Senhor para o bem comum do gênero humano; pois seríamos extremamente bárbaros e brutos se o bem público não fosse considerado por nós. Isto, pois, é, em suma, o que Pedro tem em mente: visto que Deus mantém o mundo em ordem pelo ministério dos magistrados, todos quantos desprezam sua autoridade são inimigos do gênero humano.

E então ele presume duas coisas que pertencem, no dizer de Platão, a uma comunidade, a saber, recompensa aos bons e castigo aos perversos; pois, nos tempos antigos, não só se aplicava castigo aos malfeitores, mas que também os benfeitores eram recompensados. Mas, ainda que repetidas vezes ocorra que não se distribuem honras segundo a justiça, nem se galardoe aos que o merecem, contudo é uma honra que não se deve desprezar que os bons, no mínimo, estejam sob o cuidado e proteção dos magistrados, para que não se exponham à violência e injúrias dos ímpios, para que vivam mais tranquilamente sob as leis e conservem mais sua reputação, do que se cada um vivesse, sem qualquer restrição, como bem lhe agrada. Em suma, é uma bênção singular da parte de Deus que ele não permita aos perversos viverem como bem lhes apraz.

Entretanto, é possível que aqui alguém objete e diga que os reis e os magistrados repetidamente usam mal seu poder e usam de crueldade tirânica em vez de distribuir justiça. Quase todos os magistrados eram assim quando esta Epístola foi escrita. Eis minha resposta: os tiranos e os que se assemelham a eles não produzem tais efeitos por seu abuso, mas para que a ordenança divina permaneça sempre em vigor, como a instituição do matrimônio não é subvertida ainda que a esposa e o esposo agissem de uma maneira que não lhes é conveniente. Portanto, por mais que os homens se extraviem, contudo o fim estabelecido por Deus não pode ser mudado.

Talvez alguém mais objete e diga que não devemos obedecer aos príncipes que, até onde possam, pervertem a santa ordenança de Deus, e assim se convertem em feras selvagens, enquanto os magistrados devem portar a imagem de Deus. Minha resposta é que o governo estabelecido por Deus deve ser valorizado de tal maneira por nós, a ponto de honrarmos inclusive os tiranos quando se acham no poder. No entanto há outra réplica ainda mais evidente, a saber, que nunca houve uma tirania (nem se pode imaginar), por mais

cruel e desenfreada que seja, na qual não transpareça algum laivo de equidade; e, ainda mais, qualquer tipo de governo, por mais deformado e corrupto que seja, ainda é preferível e mais benéfico que a anarquia.[71]

15. Porque assim é a vontade de Deus. Ele volta à sua doutrina anterior para que não se dê ocasião a que os incrédulos falem mal, embora expresse aqui menos do que havia dito; pois ele diz apenas que as bocas dos insensatos devem ficar fechadas. A frase que ele usa, "tapeis a boca à ignorância", ainda que pareça abrupta em virtude de sua novidade, nem assim é de sentido obscuro.[72] Pois ele não só denomina os incrédulos de insensatos, mas também realça a razão por que caluniavam, a saber, porque eram ignorantes de Deus. Mas, ainda que ele veja os incrédulos como que destituídos de entendimento e razão, daí concluirmos que não pode existir um entendimento íntegro sem o conhecimento de Deus. Então, por mais que os incrédulos se vangloriem de sua acuidade pessoal e pareçam sábios e prudentes aos seus próprios olhos, contudo o Espírito de Deus os culpa de insensatez a fim de que saibamos que, à parte de Deus, não podem ser realmente sábios, já que sem ele não existe nada perfeito.

Ele prescreve, porém, o modo como se pode restringir a calúnia dos incrédulos, a saber, *fazendo o bem*. Ele inclui nesta expressão todos os deveres de humanidade e bondade que devemos praticar em prol de nosso semelhante. E em tais deveres ele inclui a obediência aos magistrados, sem a qual não se pode cultivar a concordância entre os homens. Caso alguém objete e diga que os fiéis nunca podem ser tão cuidadosos em fazer o bem a não ser que se deixem caluniar pelos incrédulos, a isto a resposta óbvia é que aqui o apóstolo de modo algum os isenta de calúnias e censuras; mas sua intenção é que não se desse aos incrédulos nenhuma ocasião de calúnia, por mais que queiram fazer isso. E para que ninguém mais objete e diga que os

incrédulos de modo algum são dignos de tanta consideração que os filhos de Deus devam viver sua vida para o agrado daqueles, Pedro nos lembra expressamente que somos obrigados, pelo mandamento divino, a fechar suas bocas.

16. Como livres. Isso é dito à maneira de antecipação, a fim de tornar obvias aquelas coisas que geralmente são objetadas com respeito à liberdade dos filhos de Deus. Porque, como os homens são naturalmente engenhosos em tirar proveito daquilo que redunde em benefício próprio, muitos, nos primórdios do evangelho, criam que eram livres para viver somente para si próprios. Esta opinião caduca, pois, é o que Pedro corrige; e mostra de modo sucinto o quanto a liberdade dos cristãos diferia de uma licenciosidade desenfreada. E, em primeiro lugar, ele nega que haja algum véu ou pretexto para a perversidade, pelo quê ele notifica que não temos nenhuma liberdade de prejudicar nosso semelhante ou de fazer dano aos outros. A verdadeira liberdade, pois, é aquela que a ninguém prejudica ou injuria. Em confirmação disso, ele declara que só são livres aqueles que servem a Deus. Daí se pode concluir, obviamente, que granjeamos a liberdade a fim de podermos mais prontamente e com mais disposição render obediência a Deus; pois ela nada mais é do que o livramento do pecado; e para que os homens venham a ser obedientes à justiça é preciso que o domínio do pecado seja destruído.

Em suma, esta é uma servidão livre e a liberdade para servir. Pois, como devemos ser servos de Deus, para que desfrutemos desse benefício, assim requer-se moderação no uso dela. Aliás, é dessa maneira que nossa consciência se torna livre, mas isso não nos impede de servir a Deus, o qual também requer que sejamos submissos aos homens.

17. Honrai a todos os homens. Amai a fraternidade. Temei a Deus. Honrai ao rei.	17. Omnes honrate, fraternitatem diligite, Deum timete, regem honrate.

Este é um sumário do que veio antes; pois ele notifica que

Deus não é temido, nem os homens recebem seu justo direito, a não ser que a ordem civil prevaleça entre nós e os magistrados retenham sua autoridade. Eu explico o fato de ele convidar a que se dê honra a todos, assim: que ninguém seja nisso negligente; pois é preceito geral que tem a ver com o relacionamento social entre os homens.[73] A palavra *honra* tem um sentido amplo em hebraico, e sabemos que os apóstolos, ainda que escrevessem em grego, seguiam o significado das palavras naquele idioma. Portanto, esta palavra não me comunica nenhuma outra idéia senão que se deve respeitar a todos os homens, já que devemos cultivar, até onde pudermos, a paz e a fraternidade com todos; de fato não há nada mais contrário de se harmonizar do que o desdém.

O que ele adiciona acerca do amor entre os irmãos é especial, quando contrastado com a primeira sentença, pois ele fala daquele amor particular ao qual somos incitados a praticar em prol dos domésticos da fé, porquanto somos conectados a eles por um relacionamento muito mais estreito. E, portanto, Pedro não omitiu esta conexão; entretanto, ele nos lembra que, embora os irmãos devam ser considerados de maneira especial, no entanto isso não deve impedir nosso amor de estender-se a toda a raça humana. Eu tomo a palavra *fraternidade* ou irmandade coletivamente por irmãos.

Temei a Deus. Eu já disse que todas essas sentenças são, por Pedro, aplicadas ao sujeito de quem esteve tratando. Pois sua intenção é dizer que a honra rendida ao rei procede do temor de Deus e amor do homem; e isso, portanto, deve ser conectado com eles, como se quisesse dizer: “Todo aquele que teme a Deus também ama aos irmãos e a toda a raça humana como é seu dever, e também honrará os reis”. Mas, ao mesmo tempo, ele menciona expressamente *o rei*, visto que essa forma de governo era mais aversiva do que qualquer outra, e sob ela incluem-se outras formas.

18. Vós, servos, sujeitai-vos com todo temor aos senhores, não somente aos bons e humanos, mas também aos intransigentes.
19. Porque é coisa agradável, que alguém, por causa da consciência para com Deus, sofra agravos, padecendo injustamente.
20. Porque, que glória será essa, se, pecando, sois esbofeteados e suporteis? Mas se, fazendo o bem, sois afligidos e o suporteis, isso é agradável a Deus.

18. Famuli, subjecti sint cum omni timore dominis suis, non solum bonis et humanis, sed etiam pravis.
19. Haec enim est gratia, si propter conscientiam Dei quispiam moléstias ferat, patiens injustè.
20. Qualis enim gloria, si quum peccantes alapis caedemini, suffertis? sed si bene facientes et in aliis afecti suffertis, haec gratia apud Deum.

18. Vós, servos, sujeitai-vos. Embora seja esta uma admoestação particular, contudo é conectada com o que precede, tanto quanto as demais coisas que seguem; pois a obediência dos servos aos senhores e das esposas igualmente a seus esposos formam uma parte da sujeição civil ou social.[74]

Antes de tudo, ele quer que os servos se sujeitem *com todo temor*; por cuja expressão ele quer dizer aquela reverência sincera e espontânea, ao qual reconhecem por seu devido ofício. Então põe este temor em oposição à dissimulação por uma sujeição forçada; pois, trabalhar só à vista de alguém (ὀφθαλμοδουλεία, Cl 3.22), segundo a opinião de Paulo, é o oposto deste temor; e, mais, se os servos clamam contra tratamento severo, estando prontos a lançar de si o jugo, caso possam, então não se pode, dizer propriamente, que eles temem. Em suma, o temor provém de um conhecimento justo do dever. E ainda que neste lugar não se adiciona nenhuma exceção, contudo, em outros passos, deve estar subentendida. Pois a sujeição devida aos homens não deve chegar ao ponto de diminuir algo da autoridade divina. Então os servos devem se sujeitar a seus senhores até onde Deus permita, ou até onde, por assim dizer, estão os altares. Mas, como a palavra, aqui, não é δοῦλοι, escravos, e sim οἰκέται, domésticos, podemos entender como estando implícitos tanto os servos livres quanto os presos, ainda que esta seja uma diferença de pouca importância.

Não somente aos bons. Ainda quando o dever dos servos seja obedecer a seus senhores, esta é uma questão

totalmente de consciência; entretanto, se forem tratados injustamente, no tocante a si mesmos, não devem resistir a autoridade. Por isso, o que quer que seus senhores sejam, não há para os servos qualquer justificativa para não os obedecerem fielmente. Pois quando um superior abusa de seu poder, deveras um dia terá que prestar contas a Deus, nem por isso no presente ele perde seu direito. Pois aos servos está estabelecida esta lei: que sirvam aos seus senhores, ainda que estes sejam indignos. Pois ele põe *aos intransigentes* em oposição aos bons e humanos; e com esta expressão ele faz referência aos cruéis e aos perversos, ou àqueles que não conhecem humanidade e bondade.[75]

Indaga-se o que poderia ter induzido um intérprete a mudar um termo grego por outro, e traduzi-lo por "obstinado". Eu nada diria da grosseira ignorância dos [professores da] Sorbonne, que comumente entendem por obstinados (*dyscolos*) os dissolutos ou libertinos, não buscassem eles, por meio deste absurdo, elaborar para nós um artigo de fé, a saber, que devemos obedecer ao papa e às suas mitradas bestas selvagens, por mais grave e intolerável tirania porventura venham a exercer. Esta passagem, pois, mostra quão ousadamente se divertem com a Palavra de Deus.

19. Porque é coisa agradável. A palavra graça ou favor tem o sentido de louvor; pois sua intenção é que nenhuma graça ou louvor acharíamos diante de Deus se suportássemos o castigo que temos diante de nós por nossas faltas merecidas; mas que, aquele que suporta pacientemente as injúrias e injustiças é digno de louvor e é aceito por Deus.[76] Testificar isso era aceitável a Deus, quando alguém, de consciência para com Deus, perseverava em cumprir seu dever, ainda que, ser tratado injusta e indignamente, naquele tempo fosse inclusive inevitável; pois a condição dos servos era muito inclemente: não eram considerados acima dos próprios animais. Tal indignidade podia inclusive levá-los ao desespero; a única coisa que lhes restava fazer era olhar para

Deus.

Pois *por causa da consciência para com Deus* significa que alguém cumpre seu dever não em respeito ao homem, e sim a Deus. Porque, quando uma esposa é submissa e obediente a seu esposo, visando agradar-lhe, ela recebe seu galardão neste mundo, como diz Cristo do ambicioso que busca o louvor dos homens [Mt 6.16]. Pode-se tomar o mesmo ponto de vista de outros casos, a saber: quando um filho obedece a seu pai com o fim de assegurar seu favor e liberalidade, ele receberá seu galardão de seu pai, não de Deus. Em suma, em geral é verdade que, o que fazemos é aprovado por Deus, se nosso intuito for servi-lo, e se não nos deixarmos influenciar por um galardão unicamente humano. Além do mais, aquele que considera que tem a ver com Deus, necessariamente se esforçaria para vencer o mal com o bem. Porque Deus não só requer que façamos o bem a alguém, como se ele estivesse fazendo para nós, mas também que façamos o bem aos indignos, e até mesmo a quem nos persegue.

Não obstante, é uma afirmação não destituída de dificuldade dizer que não existe nada louvável em quem é punido com justiça; pois, quando o Senhor pune nossos pecados, a paciência certamente lhe é um sacrifício de cheiro suave, ou seja, quando suportamos, com mente submissa, nosso castigo. Minha resposta a isto, porém, é que Pedro, aqui, não está falando simplesmente, e sim comparativamente; pois é um louvor pequeno e precário suportar com submissão um castigo justo, em comparação com aquele de uma pessoa inocente, que espontaneamente suporta os erros dos homens unicamente porque teme a Deus. Ao mesmo tempo, ele parece se referir indiretamente ao motivo; porque aqueles que sofrem o castigo por suas faltas se deixam influenciar pelo temor dos homens. Mas a resposta já dada é suficiente.

21. Porque foi para isso mesmo que fostes chamados; pois também Cristo sofreu por

21. In hoc enim vocati estis; quoniam Christus quoque passus est pro vobis, relinquens vobis exemplum, ut

nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais seus passos.
22. O qual não pecou, nem dolo foi achado em sua boca.
23. O qual, quando o injuriavam, não injuriava; quando sofria, não ameaçava; mas entregava-se àquele que julga justamente.

sequeremini vestigia ejus:
22. Qui quum peccatum non fecisset, nec inventus esset dolus in ore ejus;
23. Quum probro afficeretur, non regerebat; quum pateretur, non comminabatur; causam vero commendabat ei qui juste judicat.

21. Porque foi para isso mesmo que fostes chamados. Pois ainda quando seu discurso dizia respeito aos servos, contudo esta passagem não deve ser confinada a esse tema. Pois aqui o apóstolo lembra a todos os piedosos, em comum, como é a condição do cristianismo, como se ele dissesse, somos chamados pelo Senhor para este fim: suportar pacientemente os erros; e, como diz em outro lugar, que somos designados a isto. Entretanto, para que isto não nos pareça grave, ele nos consola com o exemplo de Cristo. Nada parece mais indigno e, portanto, menos tolerável, do que sofrer merecidamente; mas quando volvemos nossos olhos para o Filho de Deus, esta amargura é mitigada; pois quem recusaria segui-lo adiante de nós?

Mas devemos notar as palavras: *deixando-nos o exemplo*.[77] Pois, como ele trata de imitação, é necessário saber o que em Cristo deve ser nosso exemplo. Ele caminhou sobre o mar; purificou leprosos; ressuscitou mortos; restaurou a vista a cegos. Tentar imitá-lo nesses fatos seria absurdo. Pois, quando ele deu essas evidências de seu poder, não era seu objetivo que o imitássemos assim. Daí tem ocorrido que seu jejum durante quarenta dias tem sido, sem razão, tomado como um exemplo; mas o que ele tinha em vista era algo bem diferente. Devemos, pois, neste aspecto, exercer o direito de julgamento; como também Agostinho, em algum lugar, nos lembra, quando explica a seguinte passagem: “Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração” [Mt 11.29]. E o mesmo se pode aprender das palavras de Pedro; pois ele aponta a diferença, ao dizer que o que devemos seguir é a paciência de Cristo. Este tema é trabalhado com mais amplitude por Paulo em Romanos 8.29, onde ele nos ensina

que todos os filhos de Deus são preordenados a se conformarem à imagem de Cristo, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. Daí, para que vivamos com ele, temos de, antes de tudo, morrer com ele.

22. O qual não pecou. Isto faz parte do presente tema; porque, se alguém se gloria de sua própria inocência, então deve saber que Cristo não sofreu como malfeitor. Ao mesmo tempo, ele mostra quão longe estamos do que Cristo foi, ao dizer que *não se achou engano em sua boca*; pois, diz Tiago, quem não ofende com sua língua é varão perfeito [Tg 3.2]. Ele, pois, declara que havia em Cristo a mais elevada perfeição de inocência, tal como nenhum de nós pode ousar reivindicar para si. Daí transparecer mais plenamente quão injustamente ele sofreu além de todos os demais. Não há, pois, razão pela qual algum dentre nós se recuse a sofrer segundo seu exemplo, visto que ninguém é tão cônscio de haver agido acertadamente, a ponto de ignorar que é imperfeito.

23. Quando o injuriavam, ou *o censuravam*. Pedro aqui realça o que devemos imitar em Cristo, inclusive suportar serenamente as injustiças, e não vingar as injustiças. Pois nossa disposição é de tal natureza que, quando revemos injúrias, nossa mente imediatamente entra em agitação, nossos sentimentos reclamando vingança. Cristo, porém, se absteve de todo gênero de retaliação. Nossa mente, pois, deve ser refreada para que não busque retribuir mal por mal.

Mas entregava-se, ou *sua causa*. A palavra *causa* não está expressa, mas é obviamente subentendida. E Pedro adiciona isto para a consolação dos santos, isto é: se suportarem pacientemente a infâmia e violência dos perversos, teriam Deus como seu defensor. Pois nos seria algo muito difícil vivermos sujeitos à vontade dos ímpios sem ter Deus velando por nossos erros. Pedro, pois, adorna Deus com este sublime atributo, a saber, que ele *julga retamente*, como se quisesse dizer: “Cabe-nos suportar serenamente os males; Deus, no ínterim, não negligenciará o que lhe pertence, mas

que demonstrará ser justo juiz". Por mais devassos sejam os ímpios por algum tempo, contudo não ficarão impunes pelos erros praticados contra os filhos de Deus. Nem há razão alguma para que os santos temam como se vivessem sem qualquer proteção; porque, visto que pertence a Deus defendê-los e empreender sua causa, devem manter suas almas em paciência.

Além do mais, esta doutrina traz não pouca consolação, por isso ela é valiosa para aquietar e subjugar as inclinações da carne. Pois ninguém pode refugiar-se na fidelidade e proteção de Deus, senão aquele que, num espírito manso, espera por seu juízo; pois aquele que se apressa a tomar vingança se intromete no que pertence a Deus e não suporta que Deus exerça seu próprio ofício. Em referência a isto, Paulo afirma: "Dai lugar à ira" [Rm 12.19]; e, assim, ele notifica que se fecha o caminho a Deus para que ele mesmo não exerça juízo quando o antecipamos. Ele, pois, confirma que o que lemos no testemunho de Moisés: "A vingança é minha" [Dt 32.35]. Em suma, Pedro tem em mente isto: que, segundo o exemplo de Cristo, estaremos mais preparados para suportar injúrias se rendermos a Deus a honra adequada, a saber, se cremos ser ele um juiz justo, depositando nele nosso direito e nossa causa.

Não obstante, é possível indagar-se como Cristo confiou sua causa ao Pai; porque, se ele requereu vingança para si, ele mesmo disse que isso não nos é lícito, porquanto nos incita a fazer o bem aos que nos injuriam, a orar pelos que falam mal contra nós [Mt 5.44]. A isto, minha resposta é que parece evidente, à luz da história evangélica, que Cristo entregou assim seu julgamento a Deus, e, no entanto, não demanda que se tome vingança contra seus inimigos, senão que, ao contrário disso, orou por eles: "Pai", disse, "perdoa-lhes" [Lc 23.34]. E, indubitavelmente, as sensações de nossa carne longe estão de unanimidade com o juízo divino. Por isso, para que alguém entregue sua causa àquele que julga com justiça, é necessário que, antes de tudo, ponha um freio

em si mesmo, de modo que não peça nada que seja inconsistente com o justo juízo de Deus. Pois aqueles que insistem em buscar vingança para si não concedem a Deus seu ofício de juiz, mas, de certo modo, deseja que ele seja um executor. Aquele, pois, que mantém seu espírito tranquilo a ponto de desejar que seus adversários se tornem seus amigos, e tudo faz para conduzi-los pelo caminho reto, legitimamente confia a Deus sua própria causa, e sua oração é: "Tu, ó Senhor, conheces meu coração, como anseio que sejam salvos os que buscam destruir-me. Caso se convertam, então me congratularei com eles; mas, se continuarem obstinados em sua perversidade, bem sei que tu velas para minha segurança, confio a ti minha causa". Esta é a mansidão que se manifestou em Cristo; esta é, pois, a norma a ser observada por nós.

24. Ele mesmo levou em seu corpo nossos pecados, sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e por cujos açoites fostes sarados.
25. Porque éreis como ovelhas desgarradas; mas agora voltastes para o Pastor e Bispo de nossas almas.

24. Qui peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum, ut peccatis mortui, justitiae vivamus: cujus livori sanati estis.
25. Eratis enim tanquam oves errantes; sed conversi estis nunc ad Pastorem et Episcopum animarum vestrarum.

Não tivesse ele recomendado nada da morte de Cristo senão como um exemplo, teria sido muito frio; ele, pois, menciona um fruto muito mais excelente. Há, pois, três coisas a serem observadas nesta passagem. A primeira é que Cristo, por sua morte, nos deu um exemplo de paciência; a segunda é que, por sua morte, ele restaurou-nos à vida; e daí se segue que somos tão unidos a ele que devemos, alegremente, seguir seu exemplo. Em terceiro lugar, ele faz referência ao desígnio geral de sua morte, a saber, que, estando mortos para os pecados, devemos viver para a justiça. E todas essas coisas confirmam sua preciosa exortação.

24. Ele mesmo levou em seu corpo nossos pecados. Esta

maneira de falar é própria para apresentar a eficácia da morte de Cristo. Porque, como sob a lei, o pecador, para que fosse isento da culpa, uma vítima era posta em seu lugar, assim Cristo tomou sobre si a maldição devida aos nossos pecados para que fizesse por eles expiação diante de Deus. E adiciona expressamente: *no madeiro*, porque ele não podia oferecer essa expiação exceto na cruz. Pedro, pois, expressa bem a verdade de que a morte de Cristo foi um sacrifício para a expiação de nossos pecados; porque, sendo pregado à cruz e oferecendo-se como vítima por nós, ele tomou sobre si nosso pecado e nosso castigo. Isaías, de quem Pedro tomou a substância de sua doutrina, emprega várias formas de expressão – que ele foi atingido pela mão de Deus por nossos pecados; que ele foi ferido por nossas iniquidades; que ele foi afligido e quebrantado por nossa causa; que o castigo que nos traz a nossa paz foi posto sobre ele. A intenção de Pedro, porém, era apresentar a mesma coisa pelas palavras deste versículo, inclusive que somos reconciliados com Deus nesta condição, porque Cristo, diante de seu tribunal, se fez fiador e como que culpado em nosso lugar, para que sofresse o castigo que nos era devido.

Os sofistas, em suas escolas, obscurecem o quanto podem este grande benefício; tagarelam que, pelo sacrifício da morte de Cristo, somos apenas livres da culpa, depois do batismo, mas que o castigo é redimido por meio de satisfações. Pedro, porém, ao dizer que ele levou nossos pecados, tem em mente que lhe foi imputada não só a culpa, mas que ele também sofreu seu castigo, para que, assim, fosse uma vítima expiatória, de acordo com o que está no profeta: “O castigo que nos traz a paz estava sobre ele”. Caso objetem, dizendo que isto só é válido antes do batismo, o contexto aqui os reprova, pois as palavras são dirigidas aos fiéis.

Mas, esta sentença e a seguinte, *por cujos açoites fostes sarados*, podem aplicar-se também ao sujeito em pauta, a saber, que nos cabe levar em nossos ombros os pecados dos outros, de fato não para fazer expiação por eles, mas

somente levá-los como um fardo posto sobre nós.

Estando mortos para os pecados.[78] Antes ele havia destacado outro fim, a saber: o exemplo de paciência; aqui, porém, como já se afirmou, ele se faz mais manifesto, a saber, que devemos viver uma vida santa e justa. A Escritura às vezes menciona ambos, a saber, que o Senhor nos prova com tribulações e adversidades para que sejamos conformados à morte de Cristo, e também que o velho homem já foi crucificado na morte de Cristo, para que andemos em novidade de vida [Fp 3.10; Rm 6.4]. Ao mesmo tempo, este fim de que ele fala difere do primeiro, não só como daquilo que é geral do que é particular; pois na paciência há simplesmente um exemplo; mas quando ele diz que Cristo sofreu, que estando mortos para os pecados vivamos para a justiça, ele notifica que há poder na morte de Cristo para mortificar nossa carne, como Paulo explica mais plenamente no capítulo 6 da Epístola aos Romanos. Pois ele não só nos trouxe este grande benefício, a saber, que Deus nos justifica gratuitamente, não nos imputando nossos pecados, mas também nos faz morrer para o mundo e para a carne, a fim de que ressurjamos para novidade de vida; não para que um dia esta morte seja completa, mas, onde quer que ela esteja, a morte de Cristo seja eficaz para a expiação dos pecados, bem como para a mortificação da carne.

25. Porque éreis como ovelhas. Pedro emprestou isto também de Isaías, exceto que o profeta faz disto uma afirmação universal: "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas" [Is 53.6]. Mas, sobre a palavra *ovelhas* não há ênfase particular; de fato ele nos compara a ovelhas, mas a ênfase está no que o profeta acrescenta, quando afirma que cada um se desviava de seu próprio caminho. O significado, pois, é que todos nós estávamos nos desviando do caminho da salvação e seguindo rumo ao caminho da ruína, até que Cristo nos reconduziu de nossa vida errante.

E isto parece ainda mais evidente à luz da sentença que

segue: *mas agora voltastes para o Pastor*, etc.[79] Pois todos quantos não se deixam governar por Cristo estão perambulando como ovelhas perdidas nas veredas do erro. Assim, pois, toda a sabedoria do mundo é condenada, a qual não se submete ao governo de Cristo. Mas os dois títulos dados aqui a Cristo são notáveis, ou seja, que ele é o *Pastor e Bispo das almas*. Não há, pois, motivo para temor, pois ele velará fielmente sobre a segurança dos que se encontram em seu aprisco e está sob seu cuidado. E seu ofício é guardar-nos seguros, no corpo e na alma; contudo Pedro menciona somente almas, porque este Pastor celestial nos guarda sob sua própria proteção espiritual para a vida eterna.

---

62. Nossa versão aqui parece comunicar o significado mais próprio, tomando λογικὸν por τοῦ λόγου; veja exemplos semelhantes no versículo 13 e em 3.7. É o leito terreno, ou o leite produzido da palavra; a palavra é o leite. Então ἄδολον deve ser tomado em seu significado secundário: quando aplicado a pessoas, significa sem dolo ou sincero; mas quando se refere a coisas, significa genuíno, puro, impoluto sem mistura com algo deletério. Portanto, podemos traduzir as palavras assim: "Desejai o leite puro da palavra". Ela é leite não adulterado por água ou por algo venenoso. Não há contraste aqui entre leite e alimento forte; mas inclui tudo o que é necessário como alimento para a alma, quando renovada. A Palavra foi representada antes como o instrumento do renascimento; agora é expressa como o alimento e nutrição do renascido.

63. Diversas cópias trazem ἡ γραφὴ, em vez de ἐν τῷ γραφὴ; e Calvino seguiu esta redação. Mas o verbo περιέχω é usado por Josefo e outros num sentido passivo.

64. A citação não é exatamente do hebraico nem da Septuaginta. O apóstolo parece haver tomado o que era apropriado ao seu propósito.

65. Quanto a este verbo, só nas partes precedentes que ele se aproxima mais do hebraico do que da Septuaginta. Paulo cita esta sentença duas vezes, em Romanos 9.33 e 10.11, e segue a Septuaginta, como faz Pedro. Aliás, a diferença entre `yjy, *ele se apressará*, e `by, *ele se envergonhará*, é muito pequena; e mais, o primeiro verbo admite um significado semelhante ao do segundo.

66. Há neste versículo duas citações, uma do Salmo 118.22 e, a outra, de Isaías 8.14. A do Salmo é literalmente da Septuaginta, e é a mesma como citada em Mateus 21.42; Marcos 12.10; e Lucas 20.17. Em todos esses casos, temos λίθον, e não λίθος, de acordo com o hebraico. Portanto, é necessário considerar κατὰ, *no tocante*, ou *com respeito a*, como subentendido, em grego, algo não incomum. Com respeito a ἡ τιμὴ, um substantivo por um adjetivo, se refere à pedra ou a *ele*, no versículo precedente; mas, como a metáfora de pedra continua ainda neste versículo, é preferível retê-la aqui "é preciosa", isto é, a pedra; e especialmente

como Cristo está representado previamente no versículo 4, como uma pedra "preciosa" aos olhos de Deus.

67. O significado mais óbvio é considerar a frase, "que tropeçam na palavra", como o antecedente de εἰς ὃ, "para o qual"; sendo desobedientes ou incrédulos, foram destinados a tropeçar na palavra, e assim a cair e a ser quebrados [Is 8.14, 15]. Para a fé, ela era preciosa, mas para a incredulidade ela veio a ser a pedra de tropeço; e este tropeço é um juízo a que se destinam todos os não-persuadidos (literalmente) ou a incredulidade. Eu traduziria os versículos assim: "A vós, pois, que credes, ela é preciosa; mas, para a incredulidade (*com respeito à* pedra que os construtores têm rejeitado, a mesma *que* vem a ser a cabeça de canto), inclusive uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo; isto é, *aos* que tropeçam na palavra, sendo incrédulos; para o quê também foram designados"; isto é, segundo o testemunho da Escritura.

68. Este versículo é uma citação de Oséias 2.23, só que as duas sentenças são invertidas. O mesmo é citado por Paulo em Romanos 9.25, na mesma forma inversa, e com esta diferença: que Pedro segue o hebraico e Paulo, a Septuaginta. O hebraico é: "Eu terei misericórdia daquela que não obteve misericórdia"; mas, segundo a Septuaginta: "Eu amarei àquela que não foi amada". O significado é o mesmo, ainda que as palavras sejam diferentes.

69. Nem "conversação", nem "honestidade" são termos adequados. É difícil achar um termo próprio em nosso idioma para ἀναστροπὴ, que significa procedimento, comportamento, postura, conduta, modo de vida; pode ser que *vida* seja o termo mais próprio. "Vivendo uma vida saudável entre os gentios"; ou seja, moralidade boa (καλὴν), justa e íntegra.

70. Literalmente, as palavras são "Sujeitai-vos a toda a criação humana"; mas, como Calvino diz, o verbo grego às vezes significa formar, construir; e é assim com arb, criar, em hebraico. Daí, o substantivo pode ser traduzido por "instituição", o que é formado. Como se dá no segundo versículo, também aqui o apóstolo, de maneira quase peculiar a si próprio, e cujo reverso é o que comumente ocorre na Escritura, usa um adjetivo no lugar do substantivo: "humana" no lugar "do homem"; e ele faz o mesmo em 3.7: "O vaso feminino mais fraco", em vez de "a mulher [ou esposa] o vaso mais fraco". Podemos, pois, traduzir as palavras assim: "Sujeitai-vos a toda a instituição do homem". A referência evidentemente é ao governo. O agente ostensivo na formação de todos os governos é o homem; Deus, porém, é o governante de todas as coisas.

71. Deve-se ter em mente que os governos totalitários do século XX foram experimentos políticos inéditos, não possuindo precedentes na história antiga e medieval do Ocidente.

72. A palavra, propriamente, significa amordaçar; "que vós, ao fazerdes o bem, amordaceis a ignorância dos insensatos"; de acordo com o que se faz aos animais selvagens para que sejam impedidos de causar dano.

73. É melhor tomá-lo neste sentido amplo do que limitá-lo, como o fazem alguns, para governantes e magistrados, porque a honra aos magistrados está inclusa na última sentença: "Honrai o rei".

74. A palavra para "servos", οἰκέται, significa propriamente "domésticos", ou

servos domésticos. São mencionados quando se punham em contato mais direto com seus senhores e eram passíveis de maus tratos.

75. "Bons", ἀγαθοῖς, os bondosos e benevolentes; "mansos", ἐπιεικέσιν, os submissos, maleáveis, pacientes; "intransigentes", σκολιοῖς, os mal-humorados, perversos, irritantes, aqueles de disposição contrária, obstinados, e daí cruéis, não sendo bondosos nem mansos.

76. Literalmente, "isto é favor", ou seja, junto a Deus, como no final do próximo versículo. "Achar favor junto a Deus" se assemelha à frase em Lucas 1.30, que significa achar aceitação junto a ele. Podemos traduzir as palavras assim: "Isto é aceitável"; aceitável junto a quem é explicado em seguida. Assim a palavra zj, em hebraico, significa uma aceitação ou aprovação aceitável. Conferir Gênesis 6.8; 32.5.

77. Calvino tem "vós", em vez de "nós", e também tem "vós" depois de "sofreu". A autoridade no tocante aos manuscritos é quase igual; mas a redação do versículo fica melhor com "vós", em ambos os casos, quando o verbo "seguir" está na segunda pessoa plural: "para que sigais em seus passos". A palavra para "exemplo" é ὑπογραμμὸν, uma cópia posta diante dos estudantes para que seja imitada, e pode ser traduzida "um modelo".

78. Ou, "Estando livres dos pecados"; ἀπογενόμενοι, estando longe de, tendo se separado de, ou sendo afastados de. Beza o traduz assim: "sendo separados de". O que parece estar mais expressamente em pauta é o livramento do poder ou domínio do pecado, como sendo o fim deste livramento, para que vivamos para a justiça. O fim do perdão, por outro lado, é para que tenhamos paz com Deus. Beza, Estius, Grotius e Scott assumem este ponto de vista da sentença. O tema em mãos não é a remoção da culpa, mas a santidade de vida, e Cristo, em seus sofrimentos, é apresentado como nosso padrão. Então, no que segue, nosso estado enfermiço e nosso afastamento do caminho certo são as coisas mencionadas. A morte de Cristo tinha como alvo corresponder a dois grandes fins: remover a culpa e remover ou destruir o pecado em nós. A segunda remoção é o tema desta passagem.

79. Eu traduziria a sentença assim: "Mas fostes agora restaurados", a saber, de vossa vida errante, "para o Pastor e o Bispo (ou supervisor) de vossas almas". Macknight crê que nosso Senhor assumiu o título de pastor a fim de mostrar que ele é a pessoa predita em Ezequiel 34.23, e que Pedro alude, chamando-o bispo ou supervisor, ao versículo sete daquele capítulo, cuja última sentença, segundo a Septuaginta, é "eu os supervisionarei" (ἐπισκέψομαι).

Capítulo 3

1. Semelhantemente, vós, esposas, sede submissas a vossos próprios esposos; para que também se alguns não obedecem à palavra, sejam ganhos pela conversação das esposas, sem a palavra;
2. Enquanto observem vossa conversação casta associada ao temor.
3. Cujo adorno não seja aquele adorno externo de frisar o cabelo e do uso de ouro, ou do uso de vestuário;
4. Mas que o homem seja interior, do coração, naquilo que não é corruptível, a saber, o ornamento de um espírito manso e tranquilo, que à vista de Deus é de grande valor.

1. Similiter mulieres subjectae sint propriis maritis; ut etiam siqui sunt increduli sermoni, per uxorum conversationem absque sermone lucrifiant;
2. Considerantes puram (*vel*, *castam*) vestram in timore conversationem;
3. Quarum ornatus sit non externus, in plicatura capillorum et circumpositione auri, aut palliorum amictu;
4. Sed interior cordis homo, qui in incorruptione situs est placidi et quieti spiritus, qui spiritus coram Deo pretiosus est (*vel*, *quod est coram Deo pretiosum*).

Ele agora avança rumo a outro exemplo de submissão, e convida as esposas a se sujeitarem a seus esposos. E, como aquelas [esposas] que estavam unidos a incrédulos demonstravam alguma pretensão de tirar de si o jugo, expressamente lhes lembra seu dever e lhes lembra uma razão particular pela qual devem obedecer ainda com mais prudência, sim, para que por sua integridade pudessem atrair seus esposos à fé. Mas, se as esposas devem obedecer a seus esposos incrédulos, com muito mais prontidão devem obedecer aos esposos crentes.

No entanto, pode parecer estranho que Pedro diga que um esposo pode ser *ganho* para o Senhor *sem a palavra*; porquanto, por que lemos que "a fé vem pelo ouvir" [Rm 10.17]? Minha resposta é que as palavras de Pedro não devem ser entendidas como se uma vida santa isoladamente pudesse guiar os incrédulos a Cristo, senão que ela suaviza e

pacifica sua mente de tal modo que sintam menos aversão para com a religião; pois, como um exemplo negativo gera escândalos, assim o bom exemplo propicia não pequena comprovação [da fé]. Então Pedro mostra que as esposas, mediante uma vida santa e piedosa, podiam fazer tanto em preparar seus esposos, sem falar-lhes de religião, que poderiam abraçar a fé em Cristo.

2. Enquanto observam. Porque as mentes, por mais alienadas [que estejam] da fé genuína, quando observam a boa conduta dos crentes, se deixam subjugar; porque, como não entendem a doutrina de Cristo, passam a formular uma avaliação dela através de nossa vida. Outra coisa, pois, não sucede senão que recomendarão o cristianismo por este ensinar pureza e temor.

3. Cujo adorno. A outra parte da exortação é que as esposas devem adornar-se de maneira comedida e modesta; pois bem sabemos que, neste aspecto, são muito mais curiosas e ambiciosas do que deveriam. Por isso Pedro, não sem motivo, busca corrigir nelas esta vaidade. E, ainda que ele reprove o adorno geralmente suntuoso ou de alto custo, contudo põe em relevo algumas coisas em particular – que elas não encrespassem ou trançassem artificialmente os cabelos, como usualmente se fazia, encaracolando-os com broches ou algo parecido, com o fim de dar-lhe a forma de acordo com o costume; nem deviam adornar sua cabeça com ouro, porquanto essas são coisas pelas quais especialmente se exibem os excessos.

Ora, pode-se indagar se o apóstolo condena totalmente o uso de ouro no adorno físico. Caso alguém queira insistir nessas palavras, se poderia dizer que ele proíbe vestuário caríssimo não menos que ouro; pois imediatamente adiciona: *ou do uso de vestuário*, ou roupas. No entanto, seria um rigor totalmente imoderado proibir asseio e elegância no vestir. Se alguém disser que o material é suntuoso demais, foi o Senhor quem o criou; e bem sabemos que a habilidade na arte procede dele. Então Pedro não tinha a intenção de condenar

toda sorte de ornamento, mas o mal da vaidade, ao qual as mulheres se sujeitam. É preciso levar em conta duas coisas sobre vestuário: utilidade e decência; e o que a decência requer é moderação e prudência. Se, pois, uma mulher apresenta seu cabelo voluptuosamente frisado e enfeitado, e faz uma exibição extravagante, ela não pode ser escusada de vaidade. Os que objetam e dizem que vestir-se desta ou daquela maneira é algo indiferente, no que todos são livres para fazer como bem lhe apraz, pode ser refutado facilmente; pois a elegância excessiva e exibição supérflua, em suma, todo e qualquer excesso, provém de uma mente corrompida. Além disso, a ambição, o orgulho, a afetação exibicionista, bem como todas as coisas desse gênero, não são coisas indiferentes. Portanto, aqueles cuja mente se acha purificada de toda vaidade desejam ordenar devidamente todas as coisas para que nada exceda a moderação.

4. Mas que o homem seja do interior, do coração. Que aqui se observe atentamente o seguinte contraste: Cato disse que aqueles que se envolvem ansiosamente em adorar o corpo negligenciam o adorno da mente. Daí Pedro, a fim de restringir tal desejo nas mulheres, introduz o remédio, a saber, que se devotem ao cultivo de suas mentes. O termo *coração* sem dúvida significa toda a alma. Ao mesmo tempo ele mostra no que consiste o adorno espiritual das mulheres, a saber, *a incorruptibilidade de um espírito manso e tranquilo*. Penso que "incorruptibilidade" é posta em oposição às coisas que fenecem e desvanecem, coisas que servem para adorar o corpo. Portanto, a versão de Erasmo se afasta do significado real. Em suma, Pedro tem em mente que o adorno da alma não se assemelha a uma flor que murcha, nem consiste no esplendor efêmero, mas na incorruptibilidade. Ao fazer menção de um *espírito sereno* e tranquilo, ele põe em relevo especialmente o que pertence às mulheres; pois nada lhes assenta melhor do que um temperamento mental sereno e sóbrio.[80] Pois bem sabemos quão ultrajante é uma mulher

imperiosa e voluntariosa. E, além do mais, nada é mais próprio para corrigir a vaidade de que Pedro fala do que um espírito sereno e tranquilo.

O que segue, *à vista de Deus é de grande valor*, pode ser uma referência a toda a sentença anterior, bem como à palavra *espírito*; de fato o significado permanecerá o mesmo. Pois, por que as mulheres tomam tanto cuidado em adornar-se, a não ser para que atraiam para si os olhos dos homens? Pedro, porém, ao contrário, as convida a serem mais ansiosas pelo que, diante de Deus, é de grande valor.

5. Porque dessa maneira se adornaram também as santas mulheres de outrora que confiavam em Deus, vivendo em sujeição a seus próprios esposos;
6. Sim, como Sara obedecia a Abraão, chamando-o senhor; de quem sois filhas enquanto fazeis o bem, e não temendo com espanto.

5. Sic enim aliquando et sactae mulieres quae sperabant in Deum, ornabant seipsas, subjectae propriis maritis:
6. Quemadmodum et Sara obediebat Abrahae, dominum ipsum appellans, cujus filiae estis factae, si benefeceritis, et non terreamim ullo pavore.

Ele põe diante delas o exemplo de mulheres piedosas, as quais buscaram o adorno espiritual em vez de ornamentos externos e vulgares. Ele, porém, menciona Sara antes de todas as demais, a qual, tendo sido a mãe de todos os fiéis, é especialmente digna de honra e imitação da parte da classe feminina. Além do mais, ele se volta outra vez para a sujeição, e a confirma mediante o exemplo de Sara, a qual, de acordo com as palavras de Moisés, tratava seu esposo de senhor [Gn 18.12]. Aliás, Deus não leva em conta tais títulos, e às vezes ocorre que, alguém especialmente petulante e desobediente, usaria tal palavra com sua língua; Pedro, porém, tem em mente que Sara geralmente usava tal linguagem porque ela bem sabia que lhe fora dado pelo Senhor um mandamento de se sujeitar a seu esposo. Pedro adiciona que aquelas que imitassem sua fidelidade seriam suas filhas, a saber, aquelas tidas entre os fiéis.

6. E não temendo. A debilidade do sexo feminino leva as mulheres a serem arredias e tímidas, e daí morosas; pois

temem que, por sua sujeição, sejam tratadas acusadoramente. Tudo indica que era isso que Pedro tinha em vista ao proibi-las de se sentir perturbadas por algum temor, como se quisesse dizer: "Submetei-vos voluntariamente à autoridade de vossos esposos; não temais ostentar vossa obediência, como se vossa condição piorasse com vossa obediência". As palavras podem ser mais gerais: "Que não suscitassem comoções em casa". Pois como facilmente se deixam amedrontar, se preocupando com pouca coisa, por isso se perturbam a si e a família. Outros crêem que a timidez das mulheres, que é contrária à fé, geralmente é reprovada, como se Pedro as exortasse a cumprir com os deveres de sua vocação com um espírito corajoso e intrépido. Entretanto, a primeira explicação é de minha preferência, ainda que a segunda não difira muito dela.[81]

7. Igualmente vós, maridos, vivei com elas com entendimento, dando honra à esposa, como a um vaso mais frágil, e como sendo juntamente herdeiros da graça da vida; para que vossas orações não sejam interrompidas.	7. Viri similiter cohabitent secundum scientiam, tanquam infirmiori vasi, muliebri impertinentes honorem, tanquam etiam cohaeredes gratiae vitae (*vel*, *multiplicis gratiae et vitae*) ne preces vestrae interrumpantur.

7. Igualmente vós, esposos, vivei com elas. Dos esposos ele requer prudência; pois não lhes é dado domínio sobre suas esposas exceto sob esta condição, a saber, que exerçam autoridade com toda prudência. Por isso os esposos precisam lembrar que necessitam de prudência para o correto cumprimento de seus deveres. E, sem dúvida, muitas coisas tolas têm de suportar por elas, muitas coisas desagradáveis devem ser enfrentadas por elas. E ao mesmo tempo devem revestir-se de cuidado para que sua indulgência não fomente insensatez. Daí a admoestação de Pedro não ser em vão, a saber, que os esposos coabitem com elas como sendo o *vaso* mais frágil. Parte da prudência que ele menciona é que os esposos honrem suas esposas. Pois nada destrói a fraternidade da vida mais que o desprezo;

nem podemos realmente amar alguém senão aquele a quem estimamos; pois o amor deve estar conectado com o respeito.

Além do mais, ele emprega um duplo argumento a fim de persuadir os esposos a tratarem suas esposas de modo honroso e bondoso. O primeiro deriva-se da fragilidade do sexo feminino; o outro, da honra com que Deus as favorece. Essas coisas de fato parecem ter uma forma contrária, a saber, que às esposas se deve dar honra porque são frágeis e por causa de sua excelência; mas essas coisas se harmonizam bem onde existe amor. É evidente que Deus seria desprezado em seus dons a menos que honremos aqueles a quem ele conferiu alguma excelência. Mas, quando consideramos que somos membros do mesmo corpo, aprendemos a suportar uns aos outros, e a mutuamente cobrir nossas fragilidades. É justamente isso o que Paulo quer dizer quando afirma que aos membros mais fracos se dá maior honra [1Co 12.23]; também porque somos mais cuidadosos em protegê-las de desonra. Então Pedro, não sem razão, ordena que as mulheres sejam bem tratadas, e que sejam honradas com um tratamento humano, por serem frágeis. E então, quando perdoamos os filhos mais facilmente, quando ofendem pela inexperiência da idade, assim a fragilidade do sexo feminino deve levar-nos a não agir com rigidez e severidade para com nossas esposas.

A palavra *vaso*, como bem se sabe, significa na Bíblia qualquer sorte de instrumento.

Sendo juntamente herdeiros (ou coerdeiros) **da graça da vida**. Algumas cópias trazem “da multiforme graça”; outras, no lugar de “vida”, contêm a palavra “viver”. Algumas rezam “coerdeiros” no caso dativo, o que não causa nenhuma diferença no sentido. Uma conjunção é colocada por outros entre multiforme graça e vida; essa é a redação mais adequada.[82] Pois, visto que ao Senhor apraz outorgar, em comum, aos esposos e esposas as mesmas graças, ele os

convida a buscar uma igualdade nelas; e bem sabemos que essas graças são multiformes, nas quais as esposas são participantes com seus esposos. Pois algumas pertencem à presente vida, e algumas pertencem ao reino espiritual de Deus. Em seguida ele adiciona que são também coerdeiros da vida, que é a coisa primordial. E, ainda que algumas sejam estranhas à esperança da salvação, não obstante, visto que lhes é oferecida pelo Senhor não menos que a seus esposos, é uma honra suficiente ao sexo feminino.

Para que vossas orações não sejam interrompidas. Pois Deus não pode ser corretamente invocado a menos que nossas mentes estejam serenas e saturadas de paz. Não há lugar para a oração em meio aos falatórios e contendas. Aliás, Pedro se dirige ao esposo e à esposa, quando os convida a viverem em paz entre si, para que possam orar a Deus com sua mente. Disso, porém, podemos deduzir uma doutrina geral – que ninguém deve chegar-se a Deus exceto que esteja unido a seus irmãos. Então, como esta razão deve restringir todas as contendas e falatórios domésticos, a fim de que cada membro da família possa orar a Deus, assim a vida, em comum, deve ser, por assim dizer, um freio a refrear todas as contendas. Pois seríamos mais que insanos se consciente e voluntariamente obstruíssemos a vereda para a presença de Deus, impedindo a oração, visto que esta constitui o único asilo de nossa salvação.

Há quem explique isto assim: o relacionamento com a esposa deve ser frugal e temperado, para que o excesso de indulgência a esse respeito não destrua a atenção devida à oração, em concordância com o dito de Paulo: “Não vos priveis um ao outro, senão por consentimento mútuo por algum tempo, para vos aplicardes ao jejum e à oração” [1Co 7.5]. Mas a doutrina de Pedro avança mais; e então Paulo não tem em mente que as orações são interrompidas por mútua coabitação. Portanto, deve-se reter a explicação que tenho apresentado.

8. Finalmente, sede todos de uma só mente, tendo compaixão uns dos outros; amai os irmãos, sede misericordiosos, sede corteses;
9. Não tornando mal por mal, ou injúria por injúria; antes, ao contrário, abençoai; sabendo que para isto fostes chamados, a fim de que herdeis uma bênção.

8. Denique sistis omnes idem sentientes, compatientes, fraterne vos diligentes, misericordes, humiles;
9. Non reddentes malum pro malo, vel convitium pro convitio; imo potius benedicentes, scientes quod in hoc vocati sitis, ut benedictionem hereditate consequamini.

Agora seguem preceitos gerais, os quais, indiscriminadamente, pertencem a todos.[83] Além do mais, ele menciona sumariamente algumas coisas que são especificamente necessárias para se fomentarem a amizade e o amor. A primeira é *sede todos de uma só mente*, ou *pensai todos a mesma coisa*. Pois, ainda que os amigos tenham a liberdade de pensar diferentemente, contudo, ao agir assim, uma nuvem tolda o amor; sim, desta semente nasce facilmente o ódio. A compaixão (συμπάθεια) se estende a todas as nossas faculdades, quando existe entre nós concordância; de modo que cada um se condói de nós na adversidade, ao mesmo que se regozija conosco na prosperidade; de modo que cada um cuida não só de si mesmo, mas também se preocupa com o benefício dos demais.

O que segue, *amai os irmãos*, pertence peculiarmente aos fiéis; pois onde Deus é conhecido como Pai ali realmente só existe fraternidade. O que se adiciona, *sede misericordiosos*, significa que não só devemos auxiliar nossos irmãos e aliviar suas misérias, mas também compartilhar suas enfermidades. No que segue há em grego duas redações; mas, quanto a mim, creio que a mais provável é aquela que eu expresso no texto; pois sabemos que a preservação da amizade é o principal vínculo, quando cada um pensa de si mesmo com modéstia e humildade; como, em contrapartida, nada há que produz mais discórdias do que quando pensamos muito bem de nós mesmos. Pedro, pois, sabiamente nos convida a nutrirmos uma mentalidade humilde (ταπεινόφρονες), para que o orgulho e a arrogância não nos leve a desprezar nossos

semelhantes.[84]

9. Não tornando mal por mal. Proíbe-se nestas palavras todo gênero de vingança; pois, com o fim de preservar o amor, temos de relevar muitas coisas. Ao mesmo tempo, aqui ele não fala de benevolência mútua, mas ele quer que suportemos os erros quando provocados pelos ímpios. E, ainda que comumente se pense ser uma demonstração de mente fraca e desprezível deixar de vingar as injúrias, contudo diante de Deus isso é considerado como sendo a mais elevada magnanimidade. Aliás, não basta abster-se da vingança, pois Pedro requer também que oremos por aqueles que causam opróbrio; pois *abençoar*, aqui, significa orar, quando posto em oposição com a segunda sentença. Pedro, porém, nos ensina, em termos gerais, que os males devem ser vencidos por atos de bondade. Na verdade, isso é muito difícil; mas temos, neste caso, de imitar nosso Pai celestial que faz seu sol nascer sobre os indignos. O significado que os sofistas pensam existir aqui não passa de fútil evasão; pois quando Cristo disse "amai vossos inimigos", ao mesmo tempo ele confirmou sua doutrina peculiar, dizendo: "Para que sejais filhos de Deus."

Sabendo que para isto fostes chamados. O que ele tem em mente é que esta condição foi requerida dos fiéis enquanto eram chamados por Deus, ou seja, que deviam ser tão mansos a ponto de não revidar as injúrias, mas também tinham de abençoar aqueles que os amaldiçoavam; e, como esta condição parece quase injusta, ele chama sua atenção para o galardão; como se quisesse dizer que não há razão pela qual os fiéis devam queixar-se, porque os erros daqueles redundariam em benefício destes. Em suma, ele mostra quanto será o lucro da paciência; pois se suportarmos as injúrias com espírito de submissão, o Senhor nos outorgará sua bênção.

O verbo κληρονόμειν, *herdar*, parece expressar perpetuidade, como se Pedro quisesse dizer que a bênção

não seria por pouco tempo, e sim perpétua, se formos submissos em suportar as injúrias. Deus, porém, abençoa de uma forma diferente da dos homens; pois nós expressamos-lhe nossos desejos, mas ele nos confere uma bênção. E, em contrapartida, Pedro notifica que aqueles que buscam vingar as injúrias fazem com que lhes resultem nenhum bem, pois assim se privam da bênção divina.

10. Porque quem quer amar a vida, e ver os dias bons, refreie sua língua do mal e seus lábios não falem engano.
11. Aparte-se do mal, e faça o bem; busque a paz e siga-a.
12. Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos, e seus ouvidos, atentos a suas orações; mas o rosto do Senhor é contra os que fazem o mal.
13. E qual é aquele que vos fará mal, se fordes zelosos do bem?
14. Mas também, se padecerdes por amor da justiça, sois bem-aventurados. E não tenhais medo de seu terror, nem vos turbeis;
15. Antes, santificai ao Senhor Deus em vossos corações.

10. Qui enim vult vitam diligere, et videre dies bonos, contineat linguam suam a malo, et labia sua, ne loquantur dolum:
11. Declinet a malo et faciat bonum, quaerat pacem et persequatur eam:
12. quoniam oculi Domini super justos, et aures ejus in preces eorum; vultus autem Domini super facientes mala.
13. Et quis est qui vobis male faciat, si boni aemuli sitis?
14. Verum etiam si patiamini propter justitiam, beati; timorem vero eorum ne timeatis neque turbemini;
15. Sed Dominum exercituum sanctificate in cordibus vestris.

10. Porque quem quer amar a vida. Ele confirma a última sentença pelo testemunho de Davi. A passagem é tomada do Salmo 34, onde o Espírito testifica que tudo estará bem com aqueles que se guardarem de fazer o mal. De fato, o sentimento comum favorece justamente o contrário disso; pois os homens crêem que se expõem à insolência dos inimigos se ousadamente não se defenderem. Mas o Espírito de Deus promete vida bem-aventurada a ninguém mais senão aos mansos e àqueles que suportam os males; e não podemos ser felizes a não ser que Deus faça prósperos nossos caminhos; e é o bom e o benevolente, e não o cruel e desumano, que ele favorecerá.

Pedro seguiu a versão grega, ainda que a diferença seja bem pouca. Literalmente, as palavras de Davi são estas: “Aquele que ama a vida e deseja ver dias bons”, etc. De fato é algo desejável, já que Deus nos pôs neste mundo, viver nossa

vida em paz. Daí, o caminho para se obter esta bênção é conduzindo-nos de modo justo e benéfico em relação a todos.

A primeira coisa que ele realça são os vícios da língua; os quais devem ser evitados, para que não sejamos reincidentes e insolentes, nem falemos enganosamente e com duplicidade. Então ele passa aos atos, a saber, que não prejudiquemos a ninguém, ou não levemos ninguém a perdas, mas tudo façamos para demonstrar bondade a todos e a cumprir os deveres de humanidade.

11. Busque a paz. Não basta abraçá-la quando nos é propiciada, mas deve ser seguida quando parece fugir de nós. Também ocorre com frequência que, quando a buscamos ao máximo que podemos, outros no-la concederá. Por conta dessas dificuldades e entraves, ele nos convida a buscá-la e a persegui-la.

12. Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos. Deveria ser-nos uma profunda consolação, suficiente para mitigar todos os males, o fato de sermos vigiados pelo Senhor, de modo a trazer-nos auxílio em tempo oportuno. O significado, pois, é que a prosperidade que ele já mencionou depende da proteção de Deus; pois não fosse o Senhor a cuidar de seu povo, seriam como ovelhas expostas aos lobos. E que por pouca razão erguemos um clamor, o qual de repente acende a ira, levando-nos a arder com o desejo de vingança; e tudo isso, sem dúvida, sucede porque não nos aquiescemos em seu socorro. E assim em vão se nos ensinará a paciência, a não ser que nossa mente esteja, antes de tudo, convencida desta verdade, a saber, que Deus exerce tal cuidado para conosco, que no devido tempo nos socorrerá. Quando, ao contrário, somos plenamente persuadidos de que Deus defende a causa dos justos, primeiro atentaremos simplesmente para a inocência e então, quando molestados e odiados pelos ímpios, correremos para a proteção de Deus. E quando diz que os *ouvidos* do Senhor estão abertos às nossas orações, ele nos encoraja à oração.

Mas o rosto do Senhor. Pelo uso desta sentença, ele notifica que o Senhor será nosso vingador, porque ele não permite que a insolência dos ímpios prevaleça para sempre; e, ao mesmo tempo, mostra o que se dará se buscarmos defender nossa vida das injúrias, mesmo quando Deus for nosso próprio adversário. Mas, em contrapartida, pode-se objetar e dizer que o que experimentamos diariamente é outra coisa bem diferente, pois, por mais justo que alguém seja, e por mais amante da paz seja ele, mais é acossado pelos perversos. Minha resposta é a seguinte: ninguém está tão atento à justiça e à paz que às vezes não peque neste aspecto. Mas é preciso observar especialmente que as promessas no tocante a esta vida não se estende para além do que nos é necessário. Daí, nossa paz com o mundo às vezes é perturbada, para que nossa carne seja subjugada a fim de podermos servir a Deus, e também por outras razões; de modo que nada nos seja para perda.

13. E qual é aquele que vos fará mal. Ele confirma ainda mais a sentença anterior com um argumento extraído da experiência comum. Pois, na maioria das vezes que os ímpios nos perturbam, ou são provocados por nós, ou não labutamos para fazer-lhes o bem que nos cabe; pois aqueles que buscam fazer o bem aplacam as mentes que de outra forma seriam duras como o aço. Platão menciona esta mesma coisa em seu primeiro livro sobre a *República*, quando diz: "Injustiça causa sedições, ódios e lutas entre si; a justiça, porém, concórdia e amizade".[85] Entretanto, ainda que isto comumente ocorra, no entanto nem sempre é o caso; pois os filhos de Deus, por mais que se esforcem em pacificar os ímpios pela bondade, e se mostrem bondosos para com todos, todavia se veem assaltados por muitos sem qualquer merecimento.

14. Daí Pedro acrescentar: *mas, se padecerdes por amor da justiça*. O significado é que os fiéis farão mais para a obtenção de uma vida tranquila por meio da bondade do que por meio

da violência e prontidão em tomar vingança; mas mesmo que sofram, quando não negligenciam nada em assegurar a paz, ainda serão abençoados, porque sofrem em prol da justiça. Aliás, esta última sentença difere muito do julgamento de nossa carne; mas Cristo declarou assim não sem razão; nem Pedro sem razão repetiu a sentença de sua boca; pois Deus, por fim, virá como libertador, e então se manifestará publicamente o que agora parece incrível, isto é, que as misérias dos santos eram abençoadas enquanto sofriam com paciência.

Padecer *por amor da justiça* significa não só submeter-se a alguma perda ou desvantagem na defesa de uma boa causa, mas também sofrer injustamente, quando alguém teme inocentemente entre os homens em virtude do temor de Deus.

Não tenhais medo de seu terror. Uma vez mais, ele realça a fonte e a causa da impaciência, a saber, que somos atribulados além da justa medida quando os ímpios se insurgem contra nós. Pois tal medo ou nos desalenta, ou nos humilha, ou inflama em nosso íntimo o anseio por vingança. No ínterim, não aquiescemos na defesa divina. Então o melhor remédio para refrear as emoções turbulentas de nossa mente será vencer os terrores imoderados, depositando nossa confiança no auxílio divino.

Mas Pedro, sem dúvida, queria aludir a uma passagem no capítulo oitavo de Isaías; pois quando os judeus, contra a proibição divina, buscaram fortalecer-se pelo auxílio do mundo gentílico, Deus advertiu o profeta a não temer ante seu exemplo. Pedro, ao mesmo tempo, parece ter convertido o "temor" em significado distinto; pois quem acusava o povo de incredulidade é levado passivamente pelo profeta, porque, no tempo em que buscavam depositar confiança no auxílio divino e ousadamente desprezavam todos os perigos, ficaram tão prostrados e quebrantados de temor, que recorreram a todos ao seu redor em busca de auxílio ilegítimo. Pedro, porém, toma temor em outro sentido,

significando aquele terror com que comumente os ímpios costumam saturar-se por sua violência e ameaças cruéis. Ele, pois, se afasta do sentido em que a palavra é tomada pelo profeta; mas não há nisto nada destituído de razão; pois seu objetivo não era explicar as palavras do profeta; ele apenas desejava mostrar que nada é mais próprio para produzir paciência do que o que Isaías prescreve, inclusive atribuindo a Deus sua honra fomentando plena confiança em seu poder.

Não obstante, não objeto se alguém preferir traduzir assim as palavras de Pedro: *Não temais seu temor*; como se ele dissesse: "Não temais como os incrédulos ou os filhos deste mundo costumam sentir, porque nada entendem da providência de Deus". Mas, segundo penso, esta seria uma explicação forçada. De fato não há necessidade de demorarmos demais neste ponto, já que Pedro, aqui, não pretendia explicar cada palavra usada pelo profeta, mas apenas mencionou esta única coisa: que os fiéis devem ficar firmes e jamais se demover do reto curso do dever e de modo sentir medo ou receio, se santificarem o Senhor.

Esta santificação, porém, deve ser confinada ao presente caso. Pois, de onde nos vemos esmagados de temor, e pensamos estar perdidos quando o perigo se acha pendente, senão do fato de atribuirmos ao homem mortal mais poder de nos prejudicar do que a Deus de nos salvar? Deus promete que será o guardião de nossa salvação; os ímpios, em contrapartida, tentam subvertê-la. A menos que a promessa de Deus nos sustente, porventura não tratamos injustamente e de certa maneira o profanamos? Então o profeta nos ensina que devemos pensar no Senhor dos Exércitos de maneira honrosa; pois, por mais que os ímpios tentem nos destruir, quanto mais poder eles possuam, ele sozinho é mais que suficientemente poderoso para assegurar nossa segurança.[86] Pedro, pois, adiciona *em vossos corações*. Porque, se esta convicção tomar plena posse de nossa mente, a saber, que o auxílio prometido pelo Senhor nos é suficiente, estaremos

bem fortalecidos para repelir todos os temores oriundos da incredulidade.

15. E estai sempre prontos a responder, com mansidão e temor, a quantos pedirem razão da esperança que há em vós.
16. Tendo uma boa consciência, para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, fiquem envergonhados os que acusam falsamente vossa boa conversação em Cristo.

15. Parati autem sitis ad responsionem cuivis poscenti a vobis rationem ejus quae in vobis est spei;
16. Cum mansuetudine et timore, conscientiam habentes bonam; ut in quo de vobis obtrectant, tanquam maleficis, pudefiant dum infamant bonam vestram in Christo conversationem.

Ainda que este seja um novo conceito, contudo, é dependente do que precede, pois ele requer dos fiéis uma constância de tal natureza, a ponto de dar a seus adversários, com toda ousadia, uma razão de sua fé. E esta é uma parte daquela santificação que ele acabara de mencionar; pois realmente honramos a Deus quando nem medo nem timidez nos impedem de fazer confissão de nossa fé. Pedro, porém, não nos convida expressamente a asseverar e proclamar o que já nos foi dado pelo Senhor em todo lugar, e sempre e entre todos, sem distinção, pois o Senhor dá a seu povo o espírito de discrição, para que saibam quando e quanto e a quem é conveniente falar. Ele os convida apenas a estar prontos para apresentar uma resposta, para que, por seu espírito indolente e temor covarde da carne, deixem de expor a doutrina de Cristo, mantendo silêncio ante a zombaria dos ímpios. O significado, pois, é que devemos estar prontos a sustentar nossa fé, a ponto de apresentá-la sempre que necessário, para que os incrédulos, através de nosso silêncio, não condenem a religião que professamos.

Mas é preciso notar que Pedro, aqui, não nos ordena a estarmos preparados para a solução de qualquer questão que porventura esteja em debate; pois não é dever de todos discutirem qualquer tema. Mas, o que está em pauta é a doutrina geral, a qual pertence ao não instruído e ao simples. Daí, Pedro não tinha em vista qualquer outra coisa senão que

o cristão deixe bem evidente aos olhos dos incrédulos que realmente cultuavam a Deus e possuíam uma religião santa e boa. E nisto não há dificuldade, pois seria estranho se não pudéssemos apresentar nada em defesa de nossa fé quando alguém inquire a seu respeito. Pois devemos tomar cuidado, perenemente, para que todos saibam que tememos a Deus e que piedosa e reverentemente respeitamos seu culto legítimo.

Isto foi também requerido pela circunstância da época: o nome cristão era muito odiado e considerado infame; muitos criam ser esta uma seita perversa e culpada de muitos sacrilégios. Teria sido, pois, a mais terrível perfídia contra Deus se, quando indagados, eles negligenciassem o testemunho em favor de sua religião. E, como penso, este é o significado da palavra *apologia*, a qual Pedro usa, isto é, que os cristãos tinham que fazer evidente aos olhos do mundo que estavam muito longe de toda impiedade e que não corrompiam a verdadeira religião, e que por essa conta eram suspeitos aos olhos dos ignorantes.

Aqui, *esperança* é, por meio de metonímia, tomada por fé. Pedro, contudo, como tem sido dito, não requer deles que saibam como discutir distintamente e com todo refinamento todo artigo da fé, mas apenas mostra que sua fé em Cristo era consistente com a genuína piedade. E daí aprendermos como abusam do nome dos cristãos todos quantos nada entendem com certeza acerca de sua fé, e não têm qualquer resposta em sua defesa. No entanto, uma vez mais nos cabe considerar o que ele diz, quando fala de *aquela esperança que está em vós*; pois ele notifica que a confissão que flui do coração é unicamente aquela que é aprovada por Deus; pois, a não ser que a fé habite o coração, a língua matraqueia em vão. É preciso, pois, que tenhamos suas raízes em nosso íntimo, para que, em seguida, produza o fruto da confissão.

16. Com mansidão. Esta é uma admoestação muito necessária; pois, a menos que nossa mente seja dotada com mansidão, as contendas se irromperão imediatamente. E

mansidão é posta em oposição a orgulho e vã ostentação, bem como a zelo excessivo. A isto ele, com razão, adiciona *temor*; pois, onde prevalece a reverência a Deus, ela atenua toda ferocidade de nossa mente e especialmente nos levará a falar calmamente dos mistérios de Deus. Pois as disputas contenciosas se originam disto, porque muitos pensam menos honrosamente do que deveriam da grandeza da sabedoria divina, e se deixam arrebatar por profana audácia. Se, pois, tornarmos aprovada de Deus a confissão de nossa fé, sendo descartada toda vanglória, toda contenda será vencida.

Tendo uma boa consciência. O que dizemos sem uma vida correspondente é de bem pouco valor; daí ele associar confissão com boa consciência. Pois notamos que muitos são suficientemente prontos com sua língua, e tagarelam muito e com muita liberdade e, no entanto, são destituídos de fruto, porquanto a vida não corresponde. Além disso, a integridade de consciência é a única coisa que nos dá confiança de falarmos como devemos; pois aqueles que tagarelam muito sobre o evangelho, e cuja vida dissoluta é prova de sua impiedade, não só se fazem objetos de ridículo, mas também expõem a própria verdade às calúnias dos ímpios. Pois, por que ele nos convidou a estarmos prontos a defender a verdade diante de quem nos pedisse a razão dela, exceto que é nosso dever vindicar a verdade de Deus contra aquelas falsas suspeitas a respeito das quais os ignorantes se entretêm? Mas a defesa verbal será de pouco valia sem que haja uma correspondência da própria vida.

Ele, pois, diz: *para que seja envergonhado* quem difame de vossa conversação em Cristo e quem fala contra vós como se fossem malfeitores; como se quisesse dizer: “Se vossos adversários nada têm para alegar contra vós, exceto que sois seguidores de Cristo, por fim serão envergonhados de sua perversidade maliciosa ou, pelo menos, vossa inocência será suficiente para refutá-los”.

17. Porque é melhor que padeçais fazendo o bem do que fazendo o mal, caso seja esta a vontade de Deus.
18. Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; na verdade mortificado na carne, mas vivificado pelo Espírito.

17. Praestat enim benefaciendo (si ita fert voluntas Dei) pati quàm malefaciendo:
18. quia et Christus semel pro peccatis passus est, justus pro injustis, ut nos adduceret Deo; mortificatus quidem carne, vivificatus autem spiritu.

17. Porque é melhor. Isto pertence não só ao que segue, mas a todo o contexto. Ele falara da profissão de fé, que naquele tempo era feita em meio a grande risco; agora diz que é muito melhor se enfrentassem alguma perda na defesa da boa causa, sofrendo assim injustamente, do que ser punidos por seus maus feitos. Esta consolação é percebida mais por meditação secreta do que por muitas palavras. De fato é o que ocorre por toda parte nos escritores profanos, a saber, que há uma defesa suficiente numa boa consciência, não importa que males ocorram, e devem ser suportados. Estes têm falado corajosamente; mas, então, a única pessoa realmente ousada é aquela que olha para Deus. Portanto, Pedro adicionou esta sentença: *se esta é a vontade de Deus*. Pois nestas palavras ele nos lembra que, se sofrermos injustamente, isso não é por acaso, mas procede da vontade divina; e ele presume que Deus nada quer ou nada designa senão por uma razão suprema. Daqui os fiéis sempre extraem conforto em suas misérias, sabendo que contam com Deus como sua testemunha, e igualmente sabendo que são guiados por ele à luta, a fim de que, sob sua proteção, dêem prova de sua fé.

18. Porque Cristo também. O outro conforto é que, se em nossas aflições nos certificamos de haver feito o bem, sofremos em conformidade com o exemplo de Cristo; e daí se segue que somos abençoados. Ao mesmo tempo ele prova, com base no desígnio da morte de Cristo, que de modo algum é consistente com nossa profissão [de fé] se sofrermos por nossos maus feitos. Pois ele nos ensina que Cristo sofreu a fim de conduzir-nos a Deus. O que isto significa, senão que fomos consagrados a Deus, pela morte de Cristo, a fim de

vivermos e morrermos para ele?

Portanto, há duas partes nesta sentença. A primeira é que as perseguições devem ser suportadas com resignação, porque o Filho de Deus nos mostra o caminho; e a outra é que, visto que fomos consagrados ao serviço de Deus, mediante a morte de Cristo, cabe-nos sofrer não por nossas faltas, mas por amor da justiça.

Não obstante, aqui uma questão pode ser levantada: Será que Deus não castiga os fiéis sempre que eles são afligidos? Minha resposta a isto é que, de fato, às vezes ocorre que Deus os pune segundo ao que merecem; e Pedro não nega este fato; porém, nos lembra que constitui um profundo conforto sabermos que nossa causa está conectada com Deus. E, como Deus não castiga os pecados naqueles que suportam perseguição, por causa da justiça, e em que sentido são inocentes, veremos no próximo capítulo.

Mortificado na carne. Ora, é algo imensurável sabermos que somos conformados ao Filho de Deus quando sofremos sem causa; mas aí está embutida outra consolação, a saber, que a morte de Cristo resultou em grande bênção; porque, ainda que ele sofresse através da fraqueza da carne, contudo ressurgiu através do poder do Espírito. Então a cruz de Cristo não foi funesta, tampouco sua morte, visto que a vida obteve a vitória. Isto foi dito (como também Paulo nos lembra em 2 Coríntios 4.10) para que saibamos que devemos levar em nosso corpo o morrer de Cristo a fim de que sua vida se manifeste em nós. Aqui, *carne* significa o homem exterior; e *Espírito* significa o poder divino, pelo qual Cristo emergiu da morte como vencedor.

19. No qual também foi e pregou aos espíritos em prisão;
20. Os quais noutro tempo foram desobedientes, quando uma vez a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucos, isto é, oito almas, foram salvas por meio da água;
21. A qual, figurando o batismo, agora também vos salva (não sendo a remoção da imundícia da

19. In quo et iis qui in apecula (*vel*, *in excubiis*, *vel*, *carcere*) erant spiritibus, profectus praedicavit;
20. Quum increduli fuissent olim, quum semel experctabatur Dei patientia in diebus Noe; dum apparabatur arca, in qua paucae, hoc est, octo animae servatae sunt per aquam.
21. Cujus figra respondens baptismus,

carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus), por meio da ressurreição de Jesus Cristo;
22. O qual entrou no céu e está à destra de Deus, estando-lhe sujeitos os anjos, as autoridades e as potências.

nos quoque salvos reddit, non abjectio sordium carnis, sed bonae conscientiae examen apud Deum, per resurrectionem Jesu Christi:
22. qui est in dextera Dei profectus in coelum, subjectis sibi Angelis, et potestatibus et virtutibus.

19. No qual também. Pedro adicionou isto para que soubéssemos que o poder vivificante do Espírito, de que fala, manifestou-se não só em Cristo mesmo, mas é também derramado no tocante a nós, como Paulo mostra em Romanos 5.5. Então ele diz que Cristo ressuscitou não só em seu próprio interesse, mas que ele fez conhecido a outros o mesmo poder de seu Espírito, de modo que ele atravessou a própria morte. E daqui se segue que não menos o sentimos vivificando tudo quanto é mortal em nós.

Mas, como a obscuridade desta passagem tem produzido, costumeiramente, várias explicações, primeiramente reprovo o que alguns têm apresentado e, em segundo lugar, buscarei seu significado genuíno e verdadeiro.

A opinião comum é que aqui se faz referência à descida de Cristo ao inferno; no entanto, as palavras não comportam tal inferência; pois não se faz menção da alma de Cristo, mas apenas que ele passou pelo Espírito, e estas são coisas bem diferentes, ou seja, que a alma de Cristo passou, e que Cristo pregou pelo poder do Espírito. Então Pedro menciona expressamente *o Espírito*, para que se removesse a noção do que se pode chamar uma *presença real*.

Outros explicam esta passagem como uma referência aos apóstolos, dizendo que Cristo, por meio de seu ministério, apareceu aos mortos, isto é, aos incrédulos. Aliás, admito que Cristo, por meio de seus apóstolos, foi por seu Espírito aos que eram mantidos, por assim dizer, em prisão; mas esta exposição parece incorreta por vários ângulos. Primeiro, Pedro diz que Cristo foi *aos espíritos*, pelos quais ele queria dizer as almas separadas de seus corpos, porquanto pessoas vivas nunca são denominadas de espíritos; e, em segundo

lugar, o que Pedro repete no quarto capítulo, sobre o mesmo tema, não admite tal alegoria. Portanto, as palavras devem ser entendidas propriamente em referência aos mortos. Em terceiro lugar, parece muito estranho que Pedro, falando dos apóstolos, imediatamente, como que se esquecendo, retroceda ao tempo de Noé. Certamente essa maneira de falar seria muito imprópria. Então esta explicação não pode estar certa.

Além do mais, a estranha noção dos que pensam que os incrédulos, quanto à vinda de Cristo, após sua morte foram libertos de seu pecado, não mais necessita de refutação. Pois é uma doutrina indubitável da Escritura que não obtemos a salvação em Cristo senão pela fé. Então não há esperança para aqueles que tomam parte na morte dos incrédulos. Fala como sendo mais provável quem diz que a redenção obtida por Cristo valeu para os mortos que, no tempo de Noé, eram incrédulos, mas que se arrependeram um pouco antes que fossem submersos pelo dilúvio. Então entendem que sofreram na carne o castigo devido à sua perversidade e, contudo, foram salvos por Cristo, de modo que não pereceram para sempre. Esta interpretação, porém, não pode ficar de pé; de fato, é inconsistente com o vocabulário da passagem, pois Pedro atribui a salvação exclusivamente à família de Noé, e relega à ruína todos quantos não se encontravam no interior da arca.

Portanto, não tenho dúvida de que Pedro está falando em termos gerais, de que a manifestação da graça de Cristo se fez aos espíritos dos santos, e que, portanto, foram dotados com o poder vital do Espírito. Daí não haver razão para temermos que ele não opere em nosso favor. No entanto, pode-se inquirir: Por que ele põe em prisão as almas dos santos depois de haver abandonado seus corpos? Parece-me que φυλακὴ significa antes uma torre em que os vigias se postavam com o propósito de vigiar, ou o próprio ato de velar; pois às vezes o termo é tomado assim pelos escritores

gregos; e o significado seria muito apropriado, a saber, que as almas piedosas ficavam vigiando na esperança da salvação que lhes fora prometida, como se a vissem de longe. Não há dúvida de que os santos pais, em vida, tanto quanto na morte, direcionavam seus pensamentos para este ponto. Mas, se a palavra *prisão* for preferida, não seria impróprio; pois, enquanto viviam, a lei, segundo Paulo [Gl 3.23], era uma sorte de prisão na qual eram mantidos; assim, após a morte, teriam sentido o mesmo desejo por Cristo; pois o espírito de liberdade ainda não fora dado em sua plenitude. Daí esta ansiosa expectativa ser para eles uma espécie de prisão.

E assim muito das palavras do apóstolo parecem concordar entre si e com o fio do argumento; mas o que segue é abordado com alguma dificuldade; pois aqui ele não menciona os fiéis, e sim somente os incrédulos; e isto parece subverter a exposição precedente. Por esta razão, alguns têm sido levados a pensar que aqui não se diz nada mais senão que os incrédulos, que outrora perseguiram os santos, encontraram no Espírito de Cristo um acusador, como se Pedro consolasse os fiéis com este argumento: que Cristo, mesmo quando morto, os castigava. Mas seu equívoco é revelado pelo que veremos no próximo capítulo, a saber, que o evangelho foi pregado aos mortos para que estes vivessem no espírito em conformidade com Deus, o que peculiarmente se aplica aos fiéis. E é mais certo que ele repete ali o que agora afirma. Além disso, não temos considerado que o que Pedro tinha em mente era especialmente isto: como o poder do Espírito de Cristo se mostrava vivificante nele, e pelos mortos era conhecido como tal, assim será em relação a nós.

Entretanto, vejamos por que ele menciona somente os incrédulos; pois é como se dissesse que Cristo, em espírito, apareceu aos que outrora eram incrédulos; porém o entendo de outra maneira, a saber, que então, os verdadeiros servos de Deus estavam misturados com os incrédulos e viviam quase que ocultos em virtude de seu número. Admito que a construção grega está em desacordo com este significado,

pois Pedro, se implicasse isto, teria usado o caso genitivo absoluto. Mas como, não era raro, os apóstolos porem um caso no lugar do outro, e como percebemos que Pedro, aqui, une muitas coisas, e como não se pode evocar nenhum outro significado próprio, não hesito em apresentar esta explicação de uma passagem tão intricada, para que os leitores entendam que os designados de incrédulos são diferentes daqueles a quem eu disse que o evangelho foi pregado.

Daí, depois de haver dito que Cristo se manifestou aos mortos, imediatamente acrescenta: *os quais noutro tempo foram incrédulos*; com isso notificando que não constituía injúria aos santos pais que vivessem quase ocultos em meio ao vasto número de ímpios. Porque, segundo penso, ele responde uma dúvida que poderia ter se apossado dos fiéis daqueles dias. Eles viam quase o mundo inteiro cheio de incrédulos, os quais desfrutavam de toda autoridade, e que a vida se achava em seu poder. Esta provação poderia ter abalado a confiança dos que estavam encerrados, por assim dizer, sob a sentença de morte. Portanto, Pedro lembra-lhes que a condição dos pais não era diferente, e que, ainda que a multidão de ímpios cobria então todo o mundo, sua vida, contudo, era preservada em segurança pelo poder de Deus.

Ele, pois, confortou os santos, para que não fossem esmagados e destruídos em razão de serem tão poucos; e escolheu o mais notável exemplo da antiguidade, a saber, aquele do mundo arruinado pelo dilúvio; pois então, na ruína comum do gênero humano, somente a família de Noé escapou. E ressalta a maneira, dizendo que isso era um tipo do batismo. Neste aspecto também não há nada de inoportuno.

Eis a suma do que se diz aqui: que o mundo sempre esteve cheio de incrédulos, mas que os santos não devem viver terrificados por seu imenso número; pois ainda que Noé estivesse cercado por ímpios de todos os lados, e tivesse bem poucos como amigos, nem por isso se deixou desviar do

curso certo de sua fé.[87]

Quando uma vez a longanimidade de Deus esperava. Isto deve aplicar-se aos ímpios, a quem a paciência divina tornou mais tardia; pois, quando Deus condescendeu sua vingança e não a executou imediatamente, os ímpios ousadamente desconsideraram todas as ameaças; Noé, porém, ao contrário, sendo advertido por Deus, por muito tempo teve o dilúvio diante de seus olhos. Daí sua constância na construção da arca; pois, sendo aterrorizado pelo juízo divino, ele se desvencilhou de toda preguiça.

21. A qual, figurando. Sinceramente, creio que o relativo deve ser lido no caso dativo, o que ocorreu através de um equívoco, ficando ὃ no lugar de ᾧ. O significado, contudo, não é ambíguo, ou seja, que Noé, salvo por meio da água, recebeu um tipo de batismo. E o apóstolo menciona isto para que a semelhança entre ele e nós ficasse mais evidente. E já ficou dito que o desígnio desta sentença é mostrar que não devemos deixar-nos desviar do temor de Deus, bem como do reto caminho da salvação, pelos exemplos perversos, nos misturando com o mundo. Isto se faz evidente no batismo, no qual somos sepultados juntamente com Cristo, de modo que, estando mortos para o mundo e para a carne, vivamos para Deus. Por isso ele diz que nosso batismo é um antítipo (ἀντίτυπον) do batismo de Noé, não que o batismo de Noé fosse o primeiro modelo e o nosso uma figura inferior, como a palavra é tomada na Epístola aos Hebreus, onde lemos que as cerimônias da lei são antítipos das coisas celestiais [Hb 9.4]. Escritores gregos aplicam a mesma palavra aos sacramentos, de modo que, quando falam do pão místico na Santa Ceia, o chamam de antítipo. Aqui, porém, não se faz comparação entre o maior e o menor; o apóstolo apenas quer dizer que há certa semelhança e, como comumente se diz, uma correspondência. É bem provável que se possa dizer com mais propriedade que é correspondência (ἀντίστροφον), como Aristóteles faz a dialética ser a antístrofe da retórica.

Mas não precisamos trabalhar muito por palavras, quando há uma concordância sobre a coisa propriamente dita. Como Noé, pois, granjeou a vida através da morte, quando na arca foi encerrado como se estivesse num túmulo, e quando o mundo inteiro pereceu, ele foi preservado juntamente com sua pequena família; e assim hoje, a morte, que é estabelecida no batismo, é para nós uma entrada à vida, nem podemos esperar pela salvação a não ser nos separando do mundo.

Não sendo a remoção da imundícia da carne. Isto foi adicionado porque é possível que a maioria dos homens professe o nome de Cristo; e assim se dá conosco, sendo quase todos introduzidos na igreja pelo batismo. E, assim, o que ele disse antes não seria apropriado, a saber, que hoje poucos se salvam por meio do batismo, como Deus salvou apenas oito por meio da arca. Pedro antecipa esta objeção quando testifica que não fala do mero sinal, mas que também o efeito deve estar conectado com ele, como se quisesse dizer que o que aconteceu na época de Noé seria sempre o caso, a saber, que a humanidade se precipitaria em sua própria destruição, mas que o Senhor, de uma maneira maravilhosa, libertaria seu pequeno rebanho.

Agora percebemos o que esta conexão significa; pois alguém pode objetar, dizendo: "Nosso batismo é amplamente diferente daquele de Noé, pois sucede que a maioria hoje é batizada". A isto ele responde, dizendo que o símbolo externo não é suficiente, a não ser que o batismo seja recebido real e eficazmente; e sua realidade só será encontrada nuns poucos. Daí se segue que devemos notar cuidadosamente como os homens comumente agem quando contamos com exemplos, e que não devemos temer, ainda que sejamos poucos em número.

Mas os fanáticos, tais como os seguidores de [Kaspar] Schwenckfeld, absurdamente pervertem este testemunho quando buscam suprimir dos sacramentos todo seu poder e efeito. Pois aqui Pedro não tem em mente ensinar que a

instituição cristã é fútil e ineficaz, mas apenas excluir os hipócritas da esperança da salvação, os quais, o quanto podem, depravam e conspurcam o batismo. Além do mais, quando falamos dos sacramentos, duas coisas devem ser levadas em conta: o sinal e a coisa significada. No batismo, o sinal é a água, mas a coisa é a lavagem da alma pelo sangue de Cristo e a mortificação da carne. A instituição de Cristo inclui estas duas coisas. Ora, o fato de o sinal às vezes parecer ineficaz e infrutífero se dá pelo abuso dos homens que não subtraem a natureza do sacramento. Aprendamos, pois, a não rasgar do sinal a coisa significada. Ao mesmo tempo, devemos nos precaver de outro mal, tal como prevalece entre os papistas; pois como não distinguem como devem entre a coisa e o sinal, se detêm no elemento externo e aí fixam sua esperança de salvação. Portanto, a visão da água afasta seus pensamentos do sangue de Cristo e o poder do Espírito. Não levam em conta Cristo como o único autor de todas as bênçãos que daí nos são oferecidas; transferem a glória de sua morte para a água, anexam o poder secreto do Espírito ao sinal visível.

O que, pois, devemos fazer? Não separar o que foi unido pelo Senhor. Precisamos reconhecer no batismo uma purificação espiritual; devemos abraçar nele o testemunho da remissão do pecado e o penhor de nossa renovação, a fim de deixar a Cristo sua própria honra, bem como ao Espírito Santo; de modo de que nenhuma parte de nossa salvação seja transferida para o sinal. Sem dúvida, quando Pedro, havendo mencionado o batismo, imediatamente fez esta exceção, a saber, não sendo a remoção da imundícia da carne, ele mostra suficientemente que o batismo, para alguns, não passa de ato externo, e que o sinal externo, por si só, de nada vale.

Mas a resposta de uma boa consciência. A palavra *indagação*, ou *questionamento*, deve ser aqui tomada por "resposta" ou testemunho. Agora Pedro define sucintamente a eficácia e uso do batismo, ao chamar a atenção para a

consciência, e expressamente requer àquela confiança que pode sustentar a visão de Deus e pode permanecer firme diante de seu tribunal. Pois nestas palavras ele nos ensina que o batismo, em sua parte principal, é espiritual, e então ele inclui a remissão dos pecados e renovação do velho homem. Pois como pode haver uma consciência boa e pura antes que nosso velho homem seja transformado e sejamos renovados na justiça de Deus? E como podemos responder diante de Deus, a menos que confiemos e sejamos sustentados por um perdão gratuito de nossos pecados? Em suma, Pedro pretendia apresentar o efeito do batismo, para que ninguém se glorie num mero e morto sinal, como os hipócritas costumam fazer.

Mas devemos notar o que segue: *pela ressurreição de Jesus Cristo*. Por estas palavras ele nos ensina que não devemos apegar-nos ao elemento água, e que o que aí é tipificado flui tão-somente de Cristo, e deve ser buscado nele. Além do mais, ao referir à ressurreição, ele tem em vista a doutrina que ensinara previamente, a saber, que Cristo foi vivificado pelo Espírito; pois a ressurreição constituiu vitória sobre a morte e a realização de nossa salvação. Daí, aprendemos que a morte de Cristo não é excluída, e sim incluída em sua ressurreição. Então não podemos derivar de outra forma o benefício do batismo senão tendo todos nossos pensamentos fixados na morte e ressurreição de Cristo.

22. O qual entrou no céu e está à destra de Deus. Ele nos indica a ascensão de Cristo ao céu para que nossos olhos não o busquem no mundo; e isto pertence especialmente à fé. Ele chama nossa atenção para seu assentamento à destra do Pai, para que não duvidemos de seu poder em nos salvar. E o que significa seu assentamento à destra do Pai já explicamos em outro lugar, isto é, que Cristo exerce poder supremo por toda parte como representante de Deus. E o que segue constitui uma explicação disto, ou, seja: *estando-lhe sujeitos os anjos*; e ele adiciona *poderes e autoridades* somente em virtude de ampliação, pois os anjos geralmente são designados por

termos como esses. E o objetivo de Pedro, pois, é apresentar, por esses títulos supremos, a soberania de Cristo.

---

80. A melhor construção é considerar “adorno” ou ornamento como subentendido por “incorruptível”: “Mas o homem interior do coração, revestido de (ou com) adorno incorruptível de um espírito dócil e sereno”. “Dócil”, ou manso, não dado à paixão ou ira, paciente, não orgulhoso nem arrogante; “tranqüilo”, pacífico, não belicoso, nem turbulento, nem dado a falatório e contenda.

81. As palavras são: “De quem vos tornastes filhas, quando fazeis o bem e não nutris nenhum terror”. Terror aqui está para o que terrifica. A paráfrase de Macknight parece transmitir o significado real e simples da passagem: “De quem vos tornastes filhas, vós, mulheres cristãs, portando-vos bem para com vossos esposos e não se amedrontando ante as ações contrárias contra vossa religião, pelo temor de contrariá-las”.

82. O texto recebido é o mais aprovado, e não há redação diferente de alguma importância.

83. Nas afirmações anteriores sobre os deveres particulares, pertencentes a várias relações da vida, omite-se o dever dos senhores para com seus servos. Alguns têm inferido desse fato que não havia senhores cristãos entre aqueles a quem Pedro escrevia. Mas este não podia ser o caso, e por esta razão, visto que Paulo, em suas Epístolas aos Efésios e aos Colossenses, especifica expressamente o dever dos senhores para com seus servos; e Éfeso e Colossos estão inseridos na Ásia Menor, e foi aos cristãos dispersos por todo aquele país que Pedro escreveu sua Epístola. Mas, esta omissão é algo um tanto singular. Ao mesmo tempo, ainda que não se mencione especificamente o dever dos senhores, contudo podemos considerar este versículo como contendo uma referência especial aos senhores, como amor condolente e fraterno, compaixão ou comiseração, são aqui inculcados. A construção da passagem como um todo, partindo do versículo 17 do último capítulo, e terminando no versículo 12 deste (pois no 13 deste, ele resume o tema que deixou no final do 16 do último capítulo) merece observação. “Honrai a todos” é a injunção que ele mais adiante exemplifica quanto aos servos, às esposas e aos esposos; pois a construção é “Honrai a todos – estando os servos sujeitos etc. –, de modo semelhante, estando as esposas sujeitas etc. – de modo semelhante os esposos, co-habitando segundo o conhecimento, dando honra, etc.” Então este versículo segue na mesma forma: “E, finalmente, sendo todos de uma só mente, compassivos, amando os irmãos, sendo compassivos, amáveis (ou humildes), não se tornando etc.” E assim ele segue em frente até o término do versículo 12. Mais adiante ele resume o tema sobre o tratamento que os cristãos recebem do mundo. Então não podemos concluir que, como o dever dos senhores não vem sob a idéia de *honra*, ele não os menciona especificamente, mas referiu somente ao espírito e equilíbrio que deveriam exibir?

84. Griesbach deu preferência a ταπεινόφρονες, e o introduziu no texto.

85. Στάσεις γάρ που ἤγε ἀδικία καὶ μίσεα καὶ μάχας ἐν ἀλλήλοις παρέχει, ἡδὲ δικαιοσύνη

ὁμόνοιαν καὶ φιλίαν . — Rep. lib. 1.

86. “Santificar”, aqui, parece ter o mesmo significado que na oração de nosso Senhor, “santificado seja teu nome”; onde significa honrado ou glorificado. E honrar ou glorificar a Deus em nossos corações é o que Calvino explica mui corretamente.

87. A explicação mais satisfatória desta passagem é a de Beza, Doddridge, Macknigut e Scott, a saber, que a referência é ao que foi feito nos dias de Noé, ou seja, que Cristo, por meio de seu Espírito, o usou como pregador da justiça, embora sem sucesso, quando os espíritos dos homens a quem ele pregava estavam então em prisão, reservados, como os anjos apóstatas estão representados, para o juízo do último dia. O apóstolo já disse que o Espírito de Cristo estava nos profetas que prediziam sua vinda [1.11]. A passagem pode ser assim traduzida: 19. “Pela qual também ele, tendo ido, pregou aos espíritos que estão em prisão, os quais outrora foram desobedientes, quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé”, etc. Ou, segundo Macknight, “aos espíritos ora em prisão, os quais outrora eram desobedientes”, etc. A palavra “outrora” parece requerer “agora” na sentença anterior, ou “os quais são”, como traduzido por Beza. “Ele, tendo ido, pregou” é semelhante a certa frase em Efésios 2.17: “E veio e pregou”, etc.; ou, literalmente, “e tendo vindo ele pregou”, etc. Paulo não fala de sua vinda pessoal, mas através de seus ministros; e Pedro, evidentemente, fala de sua ida no mesmo sentido. No lugar de ἅπαξ ἐξεδέχετο, Griesbach põe ἀπεξεδέχετο, como sendo a redação mais aprovada.

Capítulo 4

1. Ora, pois, já que Cristo padeceu por nós na carne, armai-vos semelhantemente com a mesma mente, pois aquele que padeceu na carne já cessou de pecar;
2. Para que, no tempo que vos resta na carne, não mais vivais segundo as concupiscências dos homens, mas segundo a vontade de Deus.
3. Porque é bastante que no tempo passado de nossa vida fizéssemos a vontade dos gentios, andando em dissoluções, concupiscências, excesso de vinho, banquetes, diversões ruidosas e abomináveis idolatrias.
4. E acham estranho não correrdes com eles no mesmo excesso de dissolução, falando mal de vós.
5. Os quais hão de dar conta ao que está pronto para julgar os vivos e os mortos.

1. Christo igitur passo pro nobis carne, vos quoque eadem cogitatione armamini; quod scilicet qui passus est in carne, destitit à peccato;
2. Ne amplius hominum concupiscentiis, sed voluntati Dei, quo residuum est temporis in carne, vivat.
3. Satis enim nobis est quod anteacto vitae tempore voluntatem gentium patraverimus, quum ambularemos in lasciviis, concupiscentiis, comessationibus, potationibus et nefariis idolatriis.
4. Quod illis videtur insolens, quod non concurratis in eandem luxus profusionem, ideoque male loquuntur;
5. Qui reddituri sunt rationem ei qui paratus est judicare vivos et mortuos.

1. Já que Cristo padeceu. Ao pôr Cristo diante de nós, ele só falou do sofrimento da cruz; porque às vezes a cruz significa mortificação, visto que o homem exterior é consumido pelas aflições e nossa carne é igualmente subjugada. Agora, porém, ele sobe mais alto; pois fala da transformação do homem por inteiro. A Escritura nos recomenda uma dupla semelhança à morte de Cristo, a saber: que devemos conformar-nos a ele nos opróbrios e tribulações, e também que o velho homem, estando já morto e extinto em nós, sejamos renovados para uma vida espiritual [Fp 3.10; Rm 4.4]. No entanto, quando falamos da mortificação da carne, Cristo não deve ser visto simplesmente como nosso exemplo; mas é por seu Espírito que realmente nos conformamos à sua morte, de modo que ela se torna eficaz para a crucifixão de nossa carne. Em suma,

como Pedro, no final do último capítulo, nos exortou à paciência segundo o exemplo de Cristo, visto que a morte lhe foi uma passagem para a vida, assim agora, da mesma morte, ele deduz uma doutrina mais elevada, a saber, que devemos morrer para a carne e para o mundo, como Paulo nos ensina mais amplamente no sexto capítulo de sua Epístola aos Romanos. Ele, pois, diz: *armai-vos*, ou sede armados, notificando que somos, real e eficazmente, supridos com armas invencíveis para a sujeição da carne, caso participemos, como devemos, da eficácia da morte de Cristo.

Pois aquele que padeceu. Como penso, a partícula ὅτι não denota, aqui, a causa, mas deve ser tomada como sendo explicativa; pois Pedro expõe o que esse pensamento ou mente é com que a morte de Cristo nos arma, inclusive que o domínio do pecado deve ser abolido em nós, de modo que Deus reine em nossa vida. Erasmo, incorretamente, segundo penso, traduziu a expressão "aquele que padeceu" (*patiebatur*), aplicando-a a Cristo. Pois esta é uma sentença indefinida, a qual geralmente se estende a todos os santos e tem o mesmo significado que as palavras de Paulo em Romanos 4.7: "Aquele que está morto está justificado ou isento de pecado"; pois ambos os apóstolos notificam que, quando morremos para a carne, já não temos nada a ver com o pecado, que ele não deve reinar em nós nem exercer seu poder em nossa vida.[88]

Não obstante, pode-se objetar dizendo que Pedro, aqui, fala inapropriadamente, ao fazer-nos conformar a Cristo neste particular, a saber, que sofremos na carne; pois é certo que não havia em Cristo nada de pecaminoso que demandasse correção. Mas a resposta é óbvia, a saber, que não é necessário que uma comparação corresponda em todas suas partes. Então, basta que, em certa medida, nos conformemos à morte de Cristo. Da mesma maneira, explica-se também, não impropriamente, o que Paulo diz sobre sermos firmados na semelhança de sua morte [Rm 6.5]; pois a maneira não é

totalmente a mesma, mas que sua morte se torna, de certo modo, o tipo e padrão de nossa mortificação.

Devemos ainda notar que a palavra *carne* é aqui expressa duas vezes, mas em sentido distinto. Pois quando ele diz que Cristo sofreu na carne, o que tem em mente é que a natureza humana que Cristo assumiu de nós se fez sujeita à morte, isto é, que Cristo, como homem, naturalmente morreu. Na segunda sentença, que se refere a nós, *carne* significa a corrupção e a pecaminosidade de nossa natureza; e, assim, sofrer na carne significa a negação de nós mesmos. Agora notamos qual é a semelhança entre Cristo e nós, e qual é a diferença, a saber: Como o sofrimento que teve na carne ele o recebeu de nós, assim a totalidade de nossa carne deve ser crucificada.

2. Não mais vivamos. Aqui ele expressa o caminho para a cessação do pecado, a saber: que, renunciando as concupiscências dos homens, diligenciemo-nos em modelar nossa vida segundo a vontade de Deus. E, assim, ele aqui inclui as duas coisas nas quais consiste a renovação, a destruição da carne e a vivificação do espírito. Portanto, o curso do bom viver começa com a primeira, mas temos de seguir em frente, rumo à segunda.

Além do mais, aqui Pedro define qual é a norma do reto viver, porquanto o homem depende da vontade de Deus. Daí se segue que nada é certo e bem ordenado na vida de uma pessoa enquanto ela vagueia longe desta norma. Devemos notar ainda o contraste entre a *vontade de Deus* e as *concupiscências dos homens*. Daí, entendemos quão grande é nossa depravação, e como devemos esforçar-nos para nos tornarmos obedientes a Deus. Ao dizer, *no tempo que vos resta na carne*, a palavra *carne* significa a presente vida, como em Hebreus 5.7.

3. Porque é bastante que no tempo passado. Pedro não tem em mente que devemos viver saturados com os prazeres, como aqueles que assim costumam viver, os quais se conspurcam com esses prazeres à saciedade; mas que, ao

contrário, a memória de nossa vida pregressa deve estimular-nos ao arrependimento. E, indubitavelmente, deveria ser o alvo mais nítido rumo ao qual corramos bem, quando reconhecemos que estivemos desviados do reto caminho durante a maior parte de nossa vida. E Pedro nos lembra que seria demasiadamente irracional não querermos mudar o curso de nossa vida depois de termos sido iluminados por Cristo. Pois aqui ele faz uma distinção entre o tempo de ignorância e o tempo de fé, como se ele quisesse dizer que seria certíssimo que se tornem novos e diferentes a partir do momento em que Cristo os chamou. Mas, em vez das *concupiscências* ou ambições dos homens, ele agora menciona *a vontade dos gentios*, pelo quê ele reprova os judeus por haver se promiscuído com os gentios em todas as suas poluições, ainda que o Senhor os tenha separado dos gentios.

No que segue ele mostra que esses vícios devem ser descartados, os quais provam que os homens são cegos e ignorantes de Deus. E há uma ênfase peculiar nas palavras *o tempo passado de vossa vida*, pois ele notifica que devemos perseverar até o fim, como quando Paulo afirma que Cristo ressuscitou dentre os mortos para não mais morrer [Rm 6.6]. Pois já fomos redimidos pelo Senhor para este fim: para que o sirvamos todos os dias de nossa vida.

Andando em dissoluções. Ele não apresenta todo o catálogo dos pecados, mas só menciona alguns deles, pelos quais podemos aprender brevemente o que são essas coisas que os homens, não renovados pelo Espírito de Deus, desejam e buscam, e para as quais se inclinam. E ele nomeia os vícios mais grosseiros, como geralmente se faz quando exemplos são apresentados. Não me deterei para explicar as palavras, pois não há dificuldade em seu sentido.

Aqui, porém, suscita-se uma questão, a saber, que Pedro parece ser injusto com muitos, ao fazer todos os homens culpados de dissolução, devassidão, concupiscência, embriaguez e orgias; pois é certo que nem todos estavam

envolvidos nesses vícios; aliás, bem sabemos que alguns dentre os gentios viviam uma vida honrosa e sem qualquer mancha de infâmia. A isto respondo que Pedro não atribui esses vícios propriamente aos gentios, como se acusasse a cada indivíduo de todos esses vícios, mas que somos, por natureza, inclinados a todos esses males; e não só isso, mas que vivemos de tal modo sob o poder da depravação, que esses frutos que ele menciona procedem necessariamente dela como que de uma raiz ruim. Deveras não existe ninguém que não tenha em seu íntimo a semente de todos os vícios, mas que nem todos germinam e crescem em cada indivíduo. No entanto, o contágio é tão abrangente e difuso através de toda a raça humana, que toda a comunidade parece infectada com mais inumeráveis, e que nenhum membro está isento ou puro da corrupção comum.

A última sentença também pode pressupor outra questão, pois Pedro se dirigia aos judeus e, contudo, ele afirma que tinham sido imersos em abomináveis idolatrias; no entanto, os judeus, vivendo então por toda parte do mundo, cuidadosamente se abstinham dos ídolos. É possível apresentar aqui uma dupla resposta: ou que, ao mencionar o todo por uma parte, ele declara de todos o que pertencia a uns poucos (pois sem dúvida as igrejas às quais ele escrevia eram compostas tanto de gentios quanto de judeus), ou que ele chama *idolatrias* àquelas superstições nas quais os judeus estavam então envolvidos; pois ainda que professassem cultuar o Deus de Israel, contudo, bem sabemos que entre eles não havia nenhuma parte do culto divino que fosse genuína. E quão grande teria sido a confusão nos países bárbaros e entre um povo disperso quando a própria Jerusalém, de cujos raios emprestaram sua luz, caíra em extrema impiedade! Pois bem sabemos que fraudes de todo gênero prevaleciam impunemente, de modo que o sumo sacerdócio, bem como todo o governo da igreja, estavam no poder dos saduceus.

4. E acham estranho não correrdes. Literalmente, eis as

palavras de Pedro: “Em que são estranhos, não correndo vós com eles no mesmo excesso de devassidão, blasfemando”. No entanto, a expressão, *ser estranhos*, significa captar numa coisa como sendo nova e incomum. Esta é uma forma de linguagem que os latinos às vezes também usam, como quando Cícero diz que ele era um estranho na cidade, porque não conhecia o que era levado para lá. Neste passo, porém, Pedro fortalece os fiéis a fim de que não viessem a deixar-se perturbar ou corromper pelos perversos julgamentos ou palavras dos ímpios. Pois não constitui uma tentação leve quando entre aqueles a quem deixamos nos acusam de que nossa vida é diferente daquela da sociedade humana em geral. “Estes”, dizem, “devem formar para si um novo mundo, pois são diferentes de toda a raça humana”. E assim acusam os filhos de Deus, como se tencionassem uma separação do mundo inteiro.

Então o apóstolo antecipou isto, e proibiu os fiéis de deixar-se desencorajar por tais censuras e calúnias; e lhes propôs, em sinal de apoio, o julgamento divino. Pois este é o que pode sustentar-nos contra todos os assaltos, isto é, quando pacientemente aguardamos aquele dia em que Cristo punirá todos os que ora presunçosamente nos condenam, e mostrará que nós e nossa causa são aprovados por ele. E menciona expressamente *os vivos e os mortos*, a fim de não concluirmos que sofreremos alguma perda se eles permanecerem vivos quando nós estamos mortos; porque, por esta razão, não escaparão das mãos de Deus. E, em que sentido ele os chama os vivos e os mortos, podemos descobrir lendo o capítulo quinze da primeira Epístola aos Coríntios.

6. Porque, por esta causa, o evangelho foi também pregado àqueles que estão mortos, para que fossem julgados segundo os homens na carne, porém vivessem segundo Deus no espírito;
7. Mas o fim de todas as coisas está próximo;

6. In hoc enim et mortuis evangelizatus fuit (*vel*, *praedicatum fuit evangelium*), ut judicentur quidem secundum homines carne, vivant autem secundum Deum espiritu.
7. Porro omnium finis propinquus est: sobrii itaque estote, et vigilantes ad

portanto, sede sóbrios e vigiai em oração.
8. E, acima de todas as coisas, tende ardente caridade uns para com os outros; porque a caridade cobrirá a multidão de pecados.
9. Usai a hospitalidade uns para com os outros, sem murmuração.
10. Como cada um tiver recebido o dom, então assim administre o mesmo aos outros, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus.
11. Se alguém fala, que fale como os oráculos de Deus; se alguém ministra, que o faça segundo a habilidade que Deus dá; para que em todas as coisas Deus seja glorificado através de Jesus Cristo, a quem seja o louvor e o domínio para sempre e sempre. Amém.

precandum.
8. Ante omnia vero charitatem inter vos intentam habentes; quia charitas operiet multitudinem peccatorum.
9. Invicem hospitales sine murmurationibus.
10. Ut quisque accepit donum, ministantes illud inter vos, tanquam boni dispensatores multiplicis gratiae Dei.
11. Siquis loquitur, loquatur tanquam eloquia Dei; siquis ministrat, tanquam ex virtute quam suppeditat Deus; ut in omnibus glorificetur Deus per Jesum Christum; cui est gloria et imperium in secula seculorum. Amen.

6. Porque, por esta causa, o evangelho foi também pregado àqueles que estão mortos; ou *ele foi evangelizado aos mortos*. Já vimos em que sentido ele toma a passagem anterior no terceiro capítulo; sim, que a morte não impede Cristo de ser perenemente nosso defensor. É, pois, para os santos, uma notável consolação o fato de a morte em si não produzir nenhuma perda para a salvação. Portanto, ainda que Cristo, nesta vida, não pareça ser um libertador, contudo sua redenção não é vazia, ou destituída de efeito; pois seu poder se estende aos mortos. Mas, como o termo grego é duvidoso, o mesmo pode ser traduzido no masculino, ou no gênero neutro; o significado, porém, é quase o mesmo, isto é, que Cristo se tornou conhecido aos mortos como redentor, ou que a salvação se lhes é conhecida por meio do evangelho. Mas, se a graça de Cristo uma vez chegou até os mortos, não há dúvida de que participaremos dela quando estivermos mortos. Nós poremos limites por demais estreitos se a confinarmos a presente vida.

Para que fossem julgados. Omito as exposições de outros, pois me parece que se afastam demais da intenção do apóstolo. Creio que isso foi dito à maneira de antecipação, pois é possível que se objete que o evangelho é de nenhum proveito aos mortos, já que não os restaura à vida. Pedro admite uma parte desta objeção e, contudo, de tal maneira,

que eles não são privados da salvação obtida por Cristo. Portanto, na primeira sentença, ao dizer, “para que fossem julgados na carne, segundo os homens”, constitui uma concessão; e, aqui, “julgados” significa, como repetidas vezes em outros lugares, condenados; e *carne* é o homem exterior. De modo que o significado é que, embora, segundo a estima do mundo, os mortos sofram destruição em sua carne, e sejam tidos como condenados quanto ao homem exterior, contudo não cessam de viver com Deus, e isso em seu espírito, porque Cristo os vivifica por seu Espírito.

Mas temos de adicionar o que Paulo nos ensina em Romanos 8.10, a saber, que o Espírito é vida; e daí ocorre que ele por fim absorverá os resquícios de morte que ainda nos fendem. A suma do que ele diz é que, embora a condição dos mortos na carne seja pior, segundo o homem, contudo basta que o Espírito de Cristo os vivifique, e eventualmente os conduza à perfeição da vida.[89]

7. Mas, ou **além do mais**, **o fim de todas as coisas está próximo**. Ainda que os fiéis ouçam que sua felicidade se encontra em outro lugar além deste mundo, contudo, como crêem que já vivem, este falso pensamento os torna displicentes, e até mesmo indolentes, de modo que não direcionam seus pensamentos para o reino de Deus. Daí o apóstolo, com o fim de despertá-los da modorra da carne, lhes recorda que o fim de todas as coisas está bem perto; pelo quê ele notifica que não devemos viver ainda assentados neste mundo, do qual logo seremos removidos. Ao mesmo tempo, ele não fala apenas do fim de indivíduos, mas da renovação universal do mundo; como se quisesse dizer: “Cristo em breve virá, o qual porá fim a todas as coisas”.

Não surpreende, pois, que as preocupações com este mundo nos esmaguem e nos entorpeçam, se a visão das coisas presentes ofusque nossos olhos; pois quase todos nós prometemos a nós mesmos uma eternidade neste mundo;

pelo menos, o fim nunca penetra nossa mente. Mas, se a trombeta de Cristo soasse em nossos ouvidos, nós despertaríamos poderosamente e não permitiríamos ficar apáticos.

Mas é possível objetar-se, dizendo que uma longa série de eras tem passado desde que Pedro escreveu isto e, contudo, o fim ainda não veio. A isto respondo que o tempo nos parece longo porque medimos sua extensão pelos espaços desta vida fugaz; mas, se pudéssemos entender a perpetuidade da vida futura, muitas eras nos pareceriam como que um momento, como Pedro também nos informará em sua segunda Epístola. Além disso, devemos recordar este princípio: que desde o tempo em que Cristo uma vez apareceu, nada foi deixado aos fiéis senão uma mente perenemente elevada e fixada na segunda vinda.[90]

A *vigilância* e a *sobriedade* a que ele os exortou pertencem, como penso, à mente antes que ao corpo. As palavras são semelhantes à de Cristo: "Vigiai, pois não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do Homem virá" [Mt 25.13]. Pois como a indulgência em empanturrar-se e em dormir torna o corpo despreparado para cumprir seus deveres, assim as vãs preocupações e prazeres do mundo inebriam a mente e a entorpecem.

Ao acrescentar *oração*, ele realça um exercício especialmente necessário, no qual os fiéis devem se ocupar de modo bem particular, visto que toda sua força depende do Senhor; como se ele quisesse dizer: "Visto que, em vós mesmos, sois extremamente frágeis, buscai do Senhor vossa força". Ele ainda lhes recorda que deviam orar ardentemente, não formalmente.

8. E, acima de todas as coisas. Ele recomenda a caridade ou amor como sendo a coisa primordial, pois este é o vínculo da perfeição. E insiste com eles a que sejam *fervorosos*, ou intensos, ou impetuosos, o que é a mesma coisa, pois todo aquele que é imoderadamente fervoroso no amor próprio,

ama os outros com indiferença ou friamente. E ele o recomenda por causa de seu fruto, porque ele sepulta inumeráveis pecados, como sendo a coisa mais desejável de todas.

Mas a sentença é tomada de Salomão, cujas palavras se encontram em Provérbios 10.12: "O ódio suscita censuras, mas o amor encobre uma multidão de pecados". O que Salomão tinha em mente é suficientemente claro, pois as duas sentenças contêm elementos que são postos em contraste recíproco. Como, pois, ele diz na primeira sentença que o ódio é a causa pela qual os homens denigrem e difamam uns aos outros, e difundem tudo quanto é censurável e desonroso, assim segue-se que se atribui ao amor um efeito contrário, isto é, que os homens que amam uns aos outros, bondosa e cortesmente perdoam uns aos outros; daí se dá que espontaneamente sepultam os vícios uns dos outros, buscando um preservar a honra do outro.[91] Assim Pedro confirma sua exortação, de que nada é mais necessário do que nutrir o amor mútuo. Pois quem há que não tem muitas falhas? Portanto, todos estão pendentes de perdão, e não há ninguém que não deseje ser perdoado.

O amor nos traz este singular benefício quando o mesmo existe entre nós, de modo que inumeráveis males são deixados no esquecimento. Em contrapartida, onde se dão rédeas soltas ao ódio, os homens, mutuamente se mordendo e se dilacerando, necessária e mutuamente se consomem, como Paulo o confirma [Gl 5.15].

E é preciso notar bem que Salomão não diz que somente uns poucos pecados são encobertos, mas uma multidão deles, em conformidade com o que Cristo declara quando nos incita a perdoarmos nossos irmãos setenta vezes sete [Mt 18.22]. Mas, quanto mais pecados o amor encobre, mais evidente fica sua utilidade para o bem-estar do gênero humano.

Este é o significado claro das palavras. Daí transparecer

quão absurdo são os papistas que buscam extrair desta passagem suas próprias satisfações, como se dar esmolas e outros deveres da caridade fossem uma sorte de compensação a Deus para apagar seus pecados.[92] É suficiente ressaltar, por assim dizer, sua grosseira ignorância, pois, numa matéria tão clara, seria supérfluo adicionar muitas palavras.

9. Usai de hospitalidade, ou *sede hospitaleiros*. Depois de exortá-los, em termos gerais, a amarem uns aos outros, especificamente menciona um dos deveres do amor. Naquele tempo, a hospitalidade era comumente usada e, de certa maneira, era considerada um santo tipo de bondade, como já afirmamos em outra parte. Ele, pois, os incita a mutuamente exercê-la, de modo que ninguém requeresse dos outros mais do que o que ele mesmo estivesse preparado a prestar. Ele adiciona *sem murmuração*, pois é um raro exemplo que alguém gaste de si e de seus próprios bens com seu vizinho sem qualquer juízo depreciativo. Então o apóstolo queria que demonstrássemos bondade espontaneamente e com uma mente alegre.

10. Como cada um tiver recebido. Ele nos recorda o que devemos ter em mente quando fazemos o bem a nossos semelhantes; pois nada é mais oportuno para corrigir nossas murmurações do que lembrarmo-nos de que não damos do que é nosso, mas somente ministramos o que Deus nos confiou. Portanto, quando diz "ministre o dom que cada um recebeu", ele notifica que a cada um foi distribuído o que possui, sob a condição de que, ao ajudarem seus irmãos, estão sendo ministros de Deus. E, assim, a segunda sentença é uma explanação da primeira, pois no lugar de ministro ele menciona despenseiro; e por isso mesmo ele dissera: "Como cada um recebeu o dom", fazendo assim menção das multiformes graças que Deus nos distribui de maneira variada, de modo que cada um possa conferir aos outros sua própria porção. Se, pois, excedemos a outros em algum dom,

lembremo-nos de que por isso mesmo somos mordomos de Deus, a fim de que o distribuamos bondosamente com nossos semelhantes, como requeiram suas necessidades de nossos benefícios. Assim, devemos estar dispostos e prontos a comunicar.

Mas esta consideração é também muito importante pelo fato de que o Senhor tem dividido suas multiformes graças de tal maneira que ninguém deva viver contente com uma só coisa e com seus próprios dons, mas cada um tem necessidade do auxílio e socorro de seu irmão. Digo que este é o vínculo que Deus designou para reter a amizade entre os homens, pois não podem viver sem assistência mútua. E assim sucede que aquele que em muitas coisas busca o auxílio de seus irmãos deve comunicar-lhes mais graciosamente o que recebeu. Este vínculo de unidade tem sido observado e notado por pagãos. Pedro, porém, nos ensina aqui que Deus fez isso intencionalmente, a fim de obrigar os homens entre si.

11. Se alguém fala. Como já falara do uso certo e fiel dos dons, agora especifica duas coisas como exemplos, e escolheu aqueles que são os mais excelentes ou os mais renomados. O ofício da instrução na igreja é um caso notável do favor divino. Ele, pois, ordena expressamente aos chamados para este ofício a que ajam fielmente; ainda que aqui ele não fale só do que devemos aos homens, mas também do que devemos a Deus, de modo que não o privemos de sua glória.

Portanto, aquele que fala, isto é, que é legitimamente nomeado por autoridade pública, *que fale segundo os oráculos de Deus*; isto é, que ele, reverentemente, no temor de Deus e com sinceridade, cumpra o que lhe fora confiado, considerando a si mesmo como que engajado na obra de Deus e como que ministro da palavra de Deus, e não de sua própria. Pois ele ainda se refere à doutrina de que, quando conferimos algo aos irmãos, lhes ministramos por ordenação de Deus o que nos foi outorgado para tal propósito. E, de

fato, se todos os que professam ser mestres na igreja considerassem devidamente esta única coisa, haveria neles muito mais fidelidade e devotamento. Pois, que grande coisa é esta, que, ao ensinarem os oráculos de Deus, passam a ser representantes de Cristo! Daí, pois, surgir tanta displicência e temeridade, visto que a santa majestade da palavra de Deus não está na mente senão de uns poucos; e assim se dedicam a uma administração profana.

Portanto, destas palavras de Pedro aprendemos que não é lícito aos que se engajam no ensino fazer qualquer outra coisa senão fielmente entregar a outros, como que de mão em mão, a doutrina recebida de Deus; pois ele proíbe a qualquer um de proclamar, senão somente aquele que é instruído na palavra de Deus, e que proclama os oráculos infalíveis, por assim dizer, com sua boca. Ele, pois, não deixa espaço para as invenções humanas; pois sucintamente define a doutrina que deve ser ensinada na igreja. Tampouco se introduz aqui a partícula de similitude com o propósito de modificar a sentença, como se fosse suficiente professar que o que se ensina é a palavra de Deus. Deveras este outrora era comumente o caso com os falsos profetas; e notamos atualmente quão arrogantemente o Papa e seus seguidores acobertam, com esta pretensão, todas suas ímpias tradições. Pedro, porém, não tencionava ensinar aos pastores hipocrisia desse gênero, pretendendo que tinham de Deus toda e qualquer doutrina que lhes desejasse anunciar, mas extraiu um argumento do próprio tema, para que os exortasse à sobriedade e mansidão, à reverência para com Deus e a uma detida atenção para sua obra.

Se alguém ministra. Esta segunda sentença se estende mais amplamente, incluindo o ofício de ensinar. Mas, como teria sido longo demais enumerar cada uma dessas obras ministeriais, ele preferiu falar sucintamente de todas elas juntas, como se quisesse dizer: “Seja qual for a parte do fardo que suportas na igreja, saibas que nada podes fazer senão o que te foi dado pelo Senhor, e que nada mais és do que um

instrumento de Deus; cuidado, pois, para não usares mal a graça de Deus, exaltando a ti mesmo; cuidado para não suprimires o poder de Deus que se expressa e se manifesta no ministério para a salvação dos irmãos". Que ele, pois, ministre *em conformidade com o poder de Deus*; isto é, que ele nada considere como sendo seu, mas que humildemente preste serviço a Deus e a sua igreja.

Para que em todas as coisas Deus seja glorificado. Ao dizer, *em todas as coisas*, a expressão pode ser no gênero masculino ou neutro; e assim podem estar implícitos os homens ou os dons, e ambos os significados são igualmente adequados. O sentido é que Deus não nos adorna com seus dons para fazer mau serviço e façamos dele, por assim dizer, um ídolo vazio, transferindo para nós sua glória pessoal; mas que, ao contrário disso, sua própria glória se manifeste por toda parte; e que, portanto, é uma profanação sacrílega dos dons divinos quando os homens se propõem algum outro objetivo que não seja glorificar a Deus. Ele diz *através de Jesus Cristo*, porque todo e qualquer poder que porventura tenhamos para ministrar, somente ele no-lo outorga; porquanto ele é a cabeça com a qual todo o corpo está conectado por juntas e ligamentos, e produz crescimento no Senhor, conforme ele supre energia a cada membro.

A quem seja o louvor, ou *glória*. Há quem prefira isto a Cristo; mas o contexto requer que a atribuição seja antes aplicada a Deus; pois ele confirma a última exortação, porque Deus, com justiça, reivindica toda a glória; e, portanto, os homens perversamente arrebatam dele o que é propriamente seu, quando obscurecem sua glória em tudo ou em alguma parte.

12. Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos testar, como se algo estranho vos acontecesse;
13. Mas, alegrai-vos, já que sois participantes das aflições de Cristo, para que, quando sua glória for revelada, também vos regozijeis com a mais efusiva glória.

12. Dilecti, ne miramini quum exploramini per ignem ad probationem vestri, perinde ac si novum aliquid vobis obtingat:
13. Sed quatenus consortes estis passionum Christi gaudete; ut in revelatione quoque gloriae ejus gaudeatis

14. Se pelo nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus; da parte deles, ele é blasfemado; mas, de vossa parte, ele é glorificado.
15. No entanto, que nenhum de vós sofra como homicida, ou como ladrão, ou como malfeitor, ou como quem se intromete em questões alheias;
16. Mas, se alguém sofre como cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus nesta parte.
17. Porque já chegou o tempo de começar o julgamento pela casa de Deus.

exultantes.
14. Si probris afficimini in nomine Christi, beati estis, quoniam Spiritus gloriae et Dei super vos requiescit; secundum ipsos quidem contumelia afficitur, secundum vos autem glorificatur.
15. Ne quis enim vestrum patiatur, ut homicida, aut fur, aut maleficus, aut cupidè rebus alienis inhians.
16. Si autem ut Christianus, ne pudefiat, imo glorificet Deum in hac parte.
17. Quandoquidem et tempus est, ut judicium incipiat a domo Dei.

12. Amados, não estranheis, ou *não vos maravilheis*. Há nesta Epístola uma frequente menção a aflições; cuja razão já expliquei em outro lugar. Mas é preciso observar-se esta diferença: quando ele exorta os fiéis à paciência, às vezes fala em termos gerais de tribulações comuns à vida humana; aqui, porém, ele fala de injustiças praticadas contra os fiéis por causa do nome de Cristo. Aliás, primeiramente, ele lhes recorda que não devem considerar estranho se estas [tribulações] fossem algo súbito e inesperado. Com isso ele notifica que devem, mediante longa meditação, preparar-se previamente para suportar a cruz. Pois, quem quer que resolva lutar sob a bandeira de Cristo, não ficará desalentado quando surgir perseguição; mas, como quem está acostumado a ela, a suportará pacientemente. Portanto, para que tenhamos um estado mental bem preparado, para quando as ondas de perseguições nos arrebatarem devemos, no devido tempo, habituar-nos a tais eventos mediante contínua meditação sobre a cruz.

Além do mais, ele prova que a cruz nos é útil, fazendo uso de dois argumentos: é assim que Deus testa nossa fé; e que é assim que nos tornamos participantes com Cristo. Portanto, em primeiro lugar, ele nos recorda que a prova de nossa fé é muito necessária, e que devemos, assim, obedecer voluntariamente a Deus, que faz provisão para nossa salvação. Não obstante, a principal consolação se deriva de um companheirismo com Cristo. Daí Pedro não só proibir-

nos de estranhar [a tribulação], quando põe isto diante de nós, mas também nos incita a nos regozijarmos. Aliás, é causa de júbilo quando Deus testa nossa fé pela instrumentalidade da perseguição; mas o outro júbilo é ainda muito mais profundo, a saber, quando o Filho de Deus nos faz participantes consigo do mesmo curso de vida, a fim de nos levar consigo a uma bendita participação da glória celestial. Pois devemos manter em mente esta verdade: que levamos em nossa carne o morrer de Cristo, para que sua vida se manifeste em nós. De fato os perversos também enfrentam muitas aflições; mas, como se acham separados de Cristo, nada apreendem senão a ira e a maldição de Deus; e assim sucede que a dor e o terror os esmagam.

Portanto, disto provém toda a consolação dos santos: que estão associados com Cristo para que sejam participantes de sua glória; pois devemos ter sempre em mente esta transição da cruz para a ressurreição. Mas, como este mundo se assemelha a um labirinto, na qual não se percebe nenhum fim dos males, Pedro se refere à futura revelação da glória de Cristo, como se quisesse dizer que o dia de sua revelação não deve ser ignorado, senão que deve ser esperado. Ele, porém, faz menção de uma dupla alegria: aquela que ora desfrutamos em esperança e aquela de cuja plena fruição nos trará a vinda de Cristo; pois a primeira está mesclada de tristeza e dor, e a segunda está conectada com exultação. Pois não é próprio no meio de aflições pensar em alegria que pode nos livrar de toda tribulação; mas as consolações de Deus atenuam os males, de modo que, ao mesmo tempo, podemos nos regozijar.

14. Se sois vituperados. Ele faz menção de insultos, porquanto neles às vezes há mais amargura do que na perda de bens, ou nos tormentos ou agonias do corpo; por isso não há nada que seja mais doloroso para as mentes ingênuas. Pois bem sabemos que muitos dos que são fortes em suportar a carência, corajosos nas tormentas, sim, ousados em encarar a morte, sucumbem sob as ofensas. Para realçar

este mal, Pedro pronuncia como sendo bem-aventurados, de acordo com o que Cristo diz [Mc 8.35], os que são vituperados por causa do evangelho. Isto é muito contrário ao que os homens comumente pensam e sentem; mas ele fornece a razão: *porque o Espírito de Deus*, também chamado *o Espírito da glória*, *repousa sobre eles*. Há quem leia as palavras separadamente: "Aquilo que pertence à glória", como se as palavras fossem: "A glória e o Espírito de Deus". Mas a primeira redação é mais adequada no que tange ao sentido, e, quanto à linguagem, mais simples. Então Pedro mostra que não constitui nenhum entrave à felicidade dos santos o fato de sustentarem ataques por causa do nome de Cristo, porque, não obstante, retêm uma glória completa à vista de Deus, enquanto o Espírito, que tem a glória perenemente associada a si, habita neles. E, assim, o que à carne parece um paradoxo, o Espírito de Deus faz coerente através de uma sólida percepção na mente deles.

De sua parte. Esta é uma confirmação da última sentença; pois ele notifica que para os santos é suficiente que o Espírito de Deus testifique que os vitupérios suportados por causa do evangelho, são benditos e cheios de glória. Os perversos, contudo, são tentados a efetuar um objetivo muito diferente; como se ele quisesse dizer: "Podeis ousadamente desprezar a insolência dos ímpios, porque o testemunho acerca de vossa glória, que o Espírito de Deus vos dá, permanece fixo em vosso íntimo". E ele diz que o *Espírito* de Deus foi vilipendiado, porque os incrédulos expõem ao ridículo tudo quanto ele sugere e dita para nossa consolação. Mas isto é dado por antecipação, pois por mais que o mundo, em sua cegueira, nada veja senão o que é infeliz nas humilhações de Cristo, não teria os olhos dos santos, pois se deixam ofuscar com esta falsa opinião; mas aqueles, ao contrário, continuam a olhar para Deus. E, assim, ele não oculta o que os homens comumente pensam; mas põe a percepção oculta da fé, a qual os filhos de Deus possuem em seus próprios corações, em oposição à

presunção e insolência dos incrédulos. E, assim, Paulo se orgulhava de exibir as marcas de Cristo e se gloriava em suas prisões [Gl 6.17]. Ao mesmo tempo ele descobrira suficientemente qual era o juízo que o mundo formara delas; e, no entanto, ele notifica que pensava como tolo e cego, juntamente com o mundo, que estima as ofensas da carne como sendo gloriosas.

15. Mas (ou **Pois**) **que nenhum de vós**. Também aqui ele antecipa uma objeção. Ele exortara os fiéis à paciência, caso lhes ocorressem que fossem perseguidos por causa de Cristo; agora adiciona a razão por que só falara desse tipo de tribulação, porque deveriam ter se abstido de toda iniquidade. Aqui, pois, está contida outra exortação, para que nada fizessem com que pudessem parecer estar sendo justamente castigados. Portanto, aqui, a partícula causal não é supérflua, visto que o apóstolo desejava fornecer uma razão por que ele exortava tanto os fiéis a uma comunhão com os sofrimentos de Cristo, e ao mesmo tempo lhes recorda a maneira de viver justa e irrepreensivelmente, para que não atraíssem sobre si uma justa punição por suas próprias faltas; como se ele quisesse dizer que cabia aos cristãos merecer o bem de todos, inclusive quando fossem amarga e cruelmente tratados pelo mundo.

Caso alguém objete e diga que não se pode achar ninguém que seja tão inocente, mas que, por suas muitas faltas, merece ser castigado por Deus, a isto respondo que Pedro, aqui, fala dos pecados dos quais devemos estar inteiramente livres, tais como roubos e homicídios; e respondo ainda mais que o apóstolo ordena aos cristãos que sejam tais como devem ser. Não surpreende, pois, que ele realce uma diferença entre nós e os filhos do mundo, os quais, vivendo sem o Espírito de Deus, se entregam a todo gênero de perversidade. Ele não queria que os filhos de Deus vivessem na mesma condição, a ponto de atrair sobre si, por uma vida perversa, o castigo resultante das leis. Mas em outro lugar já dissemos que haverá sempre pecados nos eleitos, os quais

Deus pode punir com justiça, contudo, segundo sua paternal indulgência, ele poupa seus próprios filhos, de modo que não lhes seja infligida a punição que merecem, e que, portanto, em virtude da honra, ele os adorna com seus próprios emblemas e os de seu Cristo, quando lhes permite que sejam afligidos para o testemunho do evangelho.

A palavra ἀλλοτριοεπίσκοπος parece-me designar alguém que cobiça o que pertence a outrem. Pois aqueles que abocanham a pilhagem e a fraude se intrometem nos negócios de outrem com olhos tortuosos e desonestos, no dizer de Horácio;[93] mas aquele que despreza o dinheiro, como afirma em outro lugar, visualiza vastos montões de ouro com um olho honesto.[94]

16. Mas, se alguém sofre como cristão. Depois de haver proibido os cristãos de causar prejuízo ou fazer dano, para que, por seus maus feitos, como os incrédulos, não viessem a ser odiosos aos olhos do mundo, ele agora os convida a render graças a Deus, caso viessem a sofrer perseguições pelo nome de Cristo. E, de fato, não é uma bondade comum da parte de Deus que ele nos chame, livres e isentos da comum punição de nossos pecados, a uma luta tão honrosa, empreendida pelo testemunho de seu evangelho, sejam exílios, ou prisões, ou execração, ou até mesmo a morte. Então notifica os que são ingratos a Deus, que clamam ou murmuram por conta das perseguições, como se fossem indignamente tratados, visto que, ao contrário, deviam considerar isso como lucro e reconhecer o favor divino.

Mas quando diz, *como cristão*, ele não considera tanto o título como sendo a causa. É certo que os adversários de Cristo nada omitiam a fim de degradar o evangelho. Portanto, sejam quais forem as palavras de desrespeito que usem, para os fiéis era bastante que sofressem por nada mais senão pela defesa do evangelho.

Nesta parte, ou *neste aspecto*. Pois visto que todas as aflições derivam sua origem do pecado, este pensamento

deveria ocorrer aos santos: “De fato eu sou digno de ser visitado pelo Senhor com este castigo, e ainda com um maior, por meus pecados; agora, porém, ele quer que eu sofra pela justiça, como se eu fosse inocente”. Porque, por mais que os santos reconheçam suas faltas pessoais, não obstante, nas perseguições eles atentam para um fim diferente, tal como o Senhor põe diante de seus olhos, e sentem que sua culpa está apagada e abolida diante de Deus. *Nesta parte*, pois, têm razão de glorificar a Deus.

17. Porque já chegou o tempo, ou *visto que o tempo já chegou*. Ele amplia a consolação que nos traz a bondade da causa pela qual sofremos, enquanto somos afligidos pelo nome de Cristo. Esta necessidade, diz ele, faz com que toda a igreja de Deus espere, não só viver sujeita às misérias comuns dos homens, mas especial e principalmente ser castigada pela mão divina. Então, com mais submissão, é preciso que as perseguições por causa de Cristo sejam suportadas. Pois a não ser que queiramos ser apagados do número dos fiéis, devemos submeter nossas costas aos açoites de Deus. Ora, é uma doce consolação o fato de Deus não executar seus juízos contra nós e contra os demais, senão que ele nos faz os representantes de seu próprio Filho, quando nosso sofrimento não é outro senão por sua causa e por causa de seu nome.

Além do mais, Pedro extraiu esta sentença do ensino comum e constante da Escritura; e isto me parece mais provável do que a referência, como alguns pensam, a determinada passagem. Outrora era comum o Senhor, como todos os profetas testemunham, exibir os primeiros exemplos de seu castigo em seu próprio povo, como o chefe de uma família corrige seus próprios filhos antes que os filhos dos estranhos [Is 10.12]. Pois ainda que Deus seja o juiz do mundo inteiro, contudo ele quer que sua providência seja especialmente reconhecida no governo de sua própria igreja. Daí, quando declara que se levantaria como juiz do mundo inteiro, ele adiciona que isto seria depois de haver

completado sua obra no monte Sião. De fato ele manifesta sua mão, indiferentemente, contra seu próprio povo e contra os estranhos; pois vemos que ambos estão igualmente sujeitados a adversários; e, se for feita uma comparação, de certo modo parece que ele poupa os réprobos e se faz severo para com os eleitos. Daí as queixas dos santos, de que os perversos vivem sua vida em prazeres perenes, e se deleitam com vinho e harpa e, por fim, num instante, descem sem dores ao túmulo – que a gordura cobre seus olhos; que vivem isentos de tribulações; que, tranquila e jubilosamente, vivem sua vida olhando para os demais com desdém, de modo que ousam abrir sua boca contra o céu [Jó 21.13; Sl 73.3-9]. Em suma, Deus regula seus juízos neste mundo, de tal maneira que apressa os perversos para o dia da matança. Ele, pois, faz vista grossa de seus muitos pecados e, por assim dizer, se faz conivente com eles. No entanto, ele restaura, mediante correções, aos seus próprios filhos, de quem ele cuida, encaminhando-os ao caminho reto, sempre que se afastam dele.

É neste sentido que Pedro diz que o juízo começa na casa de Deus; pois o juízo inclui todas aquelas punições que o Senhor inflige sobre os homens em virtude de seus pecados, e tudo quanto aponta para a reforma do mundo.

No entanto, por que ele diz que *já chegou o tempo*? Creio que ele tem em mente o que os profetas declaram acerca de seu próprio tempo, a saber, que especialmente pertencia ao reino de Cristo o fato de que o ponto de partida da reforma seria a igreja. Daí Paulo dizer que os cristãos, sem a esperança de uma ressurreição, seriam os mais miseráveis de todos os homens [1Co 15.19]; e justamente porque enquanto outros se comprazem sem temor, os fiéis continuamente suspiram e gemem; enquanto Deus consente nos pecados dos outros, e suporta que continuem entorpecidos, ele trata com toda rigidez a seu próprio povo e os sujeita à disciplina da cruz.

17. E, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?
18. E, se o justo dificilmente se salva, onde comparecerá o ímpio e o pecador?
19. Portanto, os que padecem segundo a vontade de Deus, que também lhe confiem a guarda de suas almas, como o fiel Criador, fazendo o bem.

17. Si autem primum a nobis, quis finis eorum qui non obediunt evangelio Dei?
18. Et si justus vix servatur, impius et peccador ubi apparebunt?
19. Itaque qui patiuntur secundum Dei voluntatem, tanquam fideli possessori commendent animas suas benefaciendo.

Quando os fiéis percebem que tudo vai bem com os perversos, necessariamente se vêem tentados à inveja; e esta é uma prova muito perigosa; porquanto o que todos desejam é a felicidade atual. Daí o Espírito de Deus cuidadosamente alongar-se nisto, em muitos lugares, como no Salmo 37, para que os fiéis não nutrissem inveja da prosperidade dos ímpios. Pedro fala justamente a mesma coisa, pois mostra que as aflições devem ser tranquilamente suportadas pelos filhos de Deus, ao compararem a sorte de outros com a sua. Mas ele toma como admitido que Deus é o juiz do mundo, e que por isso ninguém pode escapar impunemente de sua mão. Ele infere disso que uma terrível vingança logo sobreviria àqueles cuja condição no momento parece favorável. O desígnio do que ele afirma, como já aludi, é mostrar que os filhos de Deus não devem desfalecer sob a amargura dos presentes males, senão que devem, ao contrário, suportar serenamente suas aflições por breve tempo, tendo a salvação como o resultado, enquanto os ímpios terão em troca uma prosperidade evanescente e fugaz, e a perdição eterna.

O argumento, porém, é do menor para o maior; pois se Deus não poupa seus próprios filhos, a quem ama e que lhe obedecem, quão terrível será sua severidade contra os inimigos e tantos quantos lhe são rebeldes! E assim não há nada melhor do que obedecer a Deus, de modo que ele bondosamente nos corrija por sua mão paternal para nossa salvação.

18. E se o justo. Tem-se imaginado que esta sentença é tomada de Provérbios 11.31; pois os tradutores gregos têm

traduzido assim o que Salomão afirma: “Eis que o justo será recompensado sobre a terra; quanto mais o ímpio e o pecador?” Ora, se Pedro tencionava citar esta passagem, ou repetiu um dito comum e proverbial (o que me parece mais provável),[95] o significado é que o juízo de Deus seria terrível contra os ímpios, já que o caminho da salvação era tão espinhoso e difícil aos eleitos. E isto é dito para que não nos deleitemos com a segurança, mas criteriosamente avancemos em nossa trajetória, e para que também não busquemos a estrada nivelada e fácil, cujo fim é um terrível precipício.

Mas quando diz que *dificilmente um justo se salva*, ele aponta para as dificuldades da presente vida, pois nossa trajetória no mundo se assemelha a uma viagem marítima perigosa, por entre as muitas rochas, e exposta a muitas tormentas e tempestades; e assim ninguém chega ao porto senão aquele que escapou de mil mortes. E, entrementes, é certo que somos guiados pela mão de Deus, e que não corremos risco de naufrágio enquanto o tivermos como nosso piloto.

Absurdos, pois, são aqueles intérpretes que pensam que dificilmente, e com muita dificuldade, seremos salvos, quando chegarmos perante Deus em juízo; pois Pedro se refere ao tempo presente, e não ao futuro; nem fala da exatidão ou rigor de Deus, porém mostra quantas e quão árduas dificuldades seriam transpostas pelos cristãos antes que atinjam a meta. Aqui, *pecador* significa perverso;[96] e os justos são aqueles que não são totalmente perfeitos em justiça, mas que se esforçam por viver justamente.

19. Portanto, aquele que sofre. Ele extrai esta conclusão de que as perseguições devem ser suportadas com submissão, pois a condição dos santos nelas é muito mais bem-aventurada do que a dos incrédulos que desfrutam de prosperidade ao máximo de seus desejos. Não obstante, ele nos recorda que nada sofremos que não seja por permissão

de Deus, cuja intenção é nos confortar ao máximo; *quando ele diz, para que se confiem a Deus*, é o mesmo que dissesse: "Que entreguem a si e sua vida à guarda segura de Deus". E o chama *o fiel possuidor*, porque fielmente guarda e defende todos quantos se acham sob sua proteção ou poder. Há quem traduza a palavra por "Criador"; e o termo κτίστης significa um e outro; porém prefiro o primeiro significado, pois, ao convidar-nos a depositarmos nossa vida com Deus, ele o faz seu guardador seguro. E acrescenta: *em fazer o bem*, para que os fiéis não revidassem os erros praticados por eles, mas para que, ao contrário, contendam com os ímpios, que os injuriam, fazendo-lhes o bem.

---

88. O tema desta passagem, de 3.14 a 4.6, é o sofrimento injusto ou por causa da justiça, e Cristo é apresentado como um exemplo; sendo ele justo, sofreu pelo injusto. Após uma digressão no versículo 19 do terceiro capítulo, o apóstolo volta aqui ao seu primeiro tema: o exemplo de Cristo sofrendo na carne ou em seu corpo; e, a fim de reter ainda a idéia de que ele era justo quando sofreu, esta sentença parece ter sido posta entre parênteses: "Pois aquele que sofreu cessou de pecar", isto é, não tinha pecado, mas era justo. E daí, nos versículos seguintes, ele os exorta a viver uma vida santa, não importa qual seja a oposição do mundo, para que fossem como seu Salvador, que sofreu injustamente, sendo eles mesmos inocentes. 1. "Cristo, pois, tendo sofrido por nós na carne, armai-vos também, vós mesmos, com a mesma mente (pois aquele que sofreu na carne cessou de pecar); 2. quanto a viver, não mais permanecendo na carne para as concupiscências dos homens, mas para a vontade de Deus". Foram exortados a que seguissem o exemplo de Cristo, mas de tal maneira que não mais sofressem por seus pecados, mas por causa da justiça. Está implícito que tinham sido malfeitores, mas que agora já não são assim, do contrário seu sofrimento na carne não se assemelharia ao de Cristo. Sofrer como benfeitores, e não como malfeitores, equivalia a sofrer como Cristo sofreu.

89. Whitby, Doddridge e Mackinght consideram os mortos, aqui, como sendo os mortos em pecados, de acordo com Efésios 2.1. O primeiro parafraseia assim o que segue: "Para que condenem sua vida anterior e vivam uma melhor"; o segundo: "Para que sejam conduzidos a um estado tal de vida que seus amigos carnais o contemplem como um tipo de condenação e morte"; e o terceiro: "Para que, embora sejam condenados, de fato, por meio dos homens na carne, possam, contudo, viver eternamente por Deus no Espírito". Beza, Hammond e Scott entendem que *os mortos* foram aqueles que já estavam mortos, isto é, quando o apóstolo escreveu, e inclusive antes da vinda de Cristo, tomando os *mortos* no mesmo sentido que no versículo anterior; porém diferem quanto à sentença que segue. Os dois primeiros a interpretam como que significando o mesmo que

morrer para o pecado e viver para Deus, significado que a primeira parte da sentença dificilmente pode conter; mas o ponto de vista de Scott é que o evangelho fora pregado aos que naquele tempo estavam mortos, para que fossem condenados por homens carnais, ou na carne, como malfeitores, mas que vivem para Deus através do Espírito Santo. Talvez a única falha nesta tradução seja no tocante à palavra *carne*, que aqui parece significar o mesmo que *carne* em 3.18, isto é, o corpo; e a palavra *espírito* está também na mesma forma, pois Griesbach, naquele versículo, considera o artigo τῷ como sendo espúrio. Então a tradução seria: "Para que fossem condenados na carne por homens, mas, quanto a Deus, vivam através do Espírito". Há dois casos prévios da palavra *espírito*, quando denota o Espírito Santo, estando sem o artigo, isto é, em 1.2, 22. Parece uma objeção dizer que o evangelho lhes foi pregado com *este fim*: para que fossem condenados a morrer por meio de homens perversos; mas isso foi expressamente declarado antes, em 2.21: "Porque para isto [isto é, sofrimento, mencionado no versículo anterior] fostes chamados"; ou: "Para este fim fostes chamados". Então Cristo, em seu sofrimento, é mencionado como aquele a quem devem seguir. Não há outro ponto de vista tão consistente com todo o teor do argumento do apóstolo.

90. Não há base para presumir-se, como Hammond, Macknight e alguns outros têm presumido, que "o fim de todas as coisas" era o fim dos judeus como nação, a destruição do templo e de seu culto. E é estranho que tal noção seja ainda entretida, especialmente quando consideramos que o apóstolo se refere ao mesmo tema em sua segunda Epístola, onde o fim do mundo é claramente expresso.

91. A citação é do hebraico, e a sentença que se encontra na Septuaginta evidentemente é diferente. As mesmas palavras se encontram também em Tiago 5.20.

92. "Ainda que a caridade, ou benevolência, oculte as falhas dos *outros* da severidade de nossa censura, contudo a caridade ou dar esmolas é totalmente inapta de ocultar a nós próprios da observação de nosso justíssimo Juiz. Aliás, a única cobertura para essas falhas, ou, para falar mais acertadamente, a anulação de todas suas manchas, é a fé – é o sangue de Cristo operando com o arrependimento para com Deus". — Bispo Warburton, citado por Bloomfield.

93. Sic tamen, ut limis rapias, quid prima secundo cera velit versu. – Sat. Lib. Ii. 5, 53.

94. Quisquis ingentes oculo irretorto, spectat acervos. – Carm. Lib. Ii. Od. Ii. 23. O pecado aqui referido teria algum ato público punível por lei. A palavra significa um observador dos negócios de outras pessoas, mas teria feito assim por propósito sinistro. Provavelmente fosse um curioso em matéria de estado ou governo com o fim de gerar descontentamento e suscitar comoções; e este era um mal que prevalecia em grande escala naqueles tempos entre os judeus. Daí "sedições" ou facções provavelmente comunicariam o significado certo.

95. Certamente *parece* uma citação, já que as palavras, literalmente, são as mesmas. É preciso observar que o hebraico traz "sobre a terra", o que parece confirmar o ponto de vista de que *salvo* aqui se refere a livramentos das tribulações, provações e perseguições, os quais os justos têm de enfrentar

durante a vida; e que *dificilmente*, ou com dificuldade, como traduzido por Doddridge e Macknight, deve limitar-se ao tempo da trajetória dos cristãos neste mundo; pois, como Macknight observa, o apóstolo, em sua segunda Epístola, fala de um ingresso abundante no reino celestial sendo concedido a todos os cristãos fiéis. Conferir 2 Pedro 1.11.

96. As duas palavras, “ímpios”, ἀσεβὴς, e “pecador”, ἁμαρτωλὸς, correspondem exatamente [`r e afwj no hebraico; a primeira expressa aquele que não é piedoso, não é adorador de Deus, não tendo temor nem amor para com ele; e a segunda expressa aquele que é perverso e transgressor público e desavergonhado, que não considera o que é justo e certo. Grotius afirma que a primeira diz respeito aos que não demonstram nenhuma piedade à vista de Deus; e a segunda diz respeito aos que não observam nenhuma retidão para com o homem.

Capítulo 5

1. Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto, eu que também sou presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que há de revelar-se.
2. Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo a supervisão dele, não por constrangimento, mas voluntariamente; nem por torpe lucro, mas de ânimo disposto;
3. Nem como sendo senhores sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho;
4. E, quando aparecer o Supremo Pastor, recebereis a coroa de glória que jamais fenece.

1. Presbyteros qui inter vos sunt, hortor ego qui simul sum presbyter, et testis passionum Christi, et gloriae quae revelabitur particeps:
2. Pascite, quantum in vobis est, gregem Dei (*vel*, *Christi*, *vel*, *Domini*) episcopatu fungentes, non coactè, sed voluntariè; neque turpis lucri causa, sede liberaliter;
3. Nec tanquam dominium exercentes adversus cleros, sed ut sitis exemplaria gregis.
4. Et quum apparuerit Princeps pastorum, reprotabitis immarcescibilem gloriae coronam.

Ao exortar os pastores quanto ao seu dever, ele realça especialmente três vícios que costumam prevalecer em grande escala, a saber, a indolência, a ganância por lucro e a ambição pelo poder. Em oposição ao primeiro vício, ele põe entusiasmo ou atenção espontânea; ao segundo, liberalidade; ao terceiro, moderação e mansidão, pelas quais podem manter-se em sua própria posição e estado.

Ele diz, pois, que os pastores não devem exercer cuidado sobre o rebanho do Senhor somente por uma questão de constrangimento; pois aquele que não vai além do que compele seu constrangimento, faz seu trabalho formal e negligentemente. Daí ele querer que fizessem espontaneamente o que estavam fazendo, como aqueles que realmente se devotam ao seu trabalho. Para corrigir a avareza, ele os convida a cumprir seu ofício com uma mente disposta; pois todos quantos não têm este fim em vista – gastar-se e fazer seu trabalho desinteressada e alegremente

por amor da igreja – não é ministro de Cristo, e sim um escravo de seu próprio estômago e de sua bolsa. O terceiro vício que ele condena é a ambição pelo exercício do poder ou domínio. Mas é possível que se indague que tipo de poder ele tem em mente. Segundo me parece, isto pode ser deduzido da sentença oposta, na qual ele os convida a tornarem-se exemplos do rebanho. É o mesmo se ele dissesse que devem presidir com este fim: ser eminentes em santidade, a qual não pode existir exceto que humildemente sujeitem a si e sua vida à mesma norma comum. O que se opõe a esta virtude é mero orgulho tirânico, quando o pastor se exime de toda e qualquer sujeição e tiraniza a igreja. Foi por esta razão que Ezequiel condenou os falsos profetas, ou seja, que governavam cruel e tiranicamente [Ez 34.4]. Cristo igualmente condenou os fariseus, porque punham fardos insuportáveis sobre os ombros do povo, os quais nem sequer tocavam, nem mesmo com um dedo [Mt 23.4]. Este rigor imperioso, pois, o qual os pastores ímpios exerciam sobre a igreja, não pode ser corrigido senão pela restrição de sua autoridade, de modo que seu governo propiciasse o exemplo de uma vida piedosa em larga escala.

1. Os presbíteros. Com este título ele designa os pastores e todos aqueles que são designados para o governo da igreja. Mas eram intitulados presbíteros ou anciãos em razão de honra, não porque fossem todos eles idosos, mas porque eram principalmente escolhidos dentre os de mais idade, pois os idosos, em sua maioria, são mais prudentes, mais graves e mais experientes. Mas como, às vezes, ser ancião não significa ter sabedoria, segundo um provérbio grego, e como os jovens às vezes se acham aptos, tal como Timóteo, geralmente esses eram também intitulados presbíteros, depois de serem escolhidos para essa ordem. Visto que Pedro se intitula também de *presbítero*, tudo indica que esse era um título comum, o que é ainda mais evidente à luz de muitas outras passagens. Além do mais, por este título ele assegurava para si mais autoridade, como se quisesse dizer

que ele tinha o direito de admoestar os pastores, porque ele era um de seu número, porquanto deve haver mútua liberdade entre os colegas. Mas, se ele tivesse o direito de primazia, então o teria reivindicado; e isso teria sido mais oportuno na presente ocasião. Mas, ainda que ele fosse apóstolo, contudo bem sabia que essa autoridade de modo algum lhe fora delegada sobre seus colegas, mas que, ao contrário, se associava aos demais na participação do mesmo ofício.

Testemunha dos sofrimentos de Cristo. Isto pode ser uma explicação da doutrina, contudo prefiro considerá-lo como uma referência à sua própria vida. Ao mesmo tempo, é possível admitir ambas as idéias; contudo já não me sinto disposto a abraçar o segundo ponto de vista, porque estas duas sentenças estarão em mais harmonia – que Pedro fala dos sofrimentos de Cristo em sua própria carne, e que ele seria também participante de sua glória. Pois a passagem concorda com aquela de Paulo: "Se sofrermos, também com ele reinaremos" [2Tm 2.12]. Além disso, é de muita validade para fazer-nos crer em suas palavras, de que ele deu provas de sua fé ao suportar a cruz. Pois daí parece evidente que ele falava de garantia; e o Senhor, ao provar assim a seu povo, sela, por assim dizer, seu ministério, para que haja entre os homens mais honra e mais reverência. Pedro, pois, provavelmente tivesse isso em vista, de modo que pudesse ser ouvido como fiel ministro de Cristo, cuja prova ele deu nas perseguições que sofrera, bem como na esperança que nutria da vida futura.[97]

Mas devemos observar que Pedro confiadamente declara que seria um participante daquela glória que ainda não se revelara; pois o caráter da fé é aquiescer nas bênçãos secretas.

2. Apascentai o rebanho de Deus. Daqui aprendemos o que o termo *presbítero* comporta, a saber, ele inclui o ofício de apascentar. O Papa faz presbíteros com uma finalidade muito

distinta, a saber, para que diariamente matem a Cristo, não havendo em sua ordenação nenhuma menção de apascentar. Lembremo-nos, pois, de distinguir entre a instituição de Cristo e a confusão papal, sendo esta tão distinta quanto a luz é das trevas. Tenhamos em mente ainda que a definição dada da palavra; pois o rebanho de Cristo não pode ser apascentado senão com a sã doutrina, a qual é nosso único alimento espiritual. Por isso os pastores não são hipócritas mudos, nem aqueles que difundem suas próprias ficções, as quais, como peçonha letal, destroem as almas dos homens.

As palavras, *quanto estiver em vós*, significam o mesmo se ele dissesse: "Aplicai todo o vosso vigor a esta mesma coisa, e todo poder que Deus vos conferiu". O antigo intérprete elaborou esta tradução: "Que está entre vós"; e este pode ser o sentido das palavras; não obstante, a tradução de Erasmo é mais correta, à qual eu segui, ainda que não rejeite nem desaprove a outra.[98]

O rebanho de Deus, ou *do Senhor*, ou *de Cristo*. Não importa como você o tome, pois as três redações são encontradas em diferentes cópias.[99]

Tendo a supervisão dele, ou desempenhando o ofício de bispo. Erasmo traduz as palavras assim: "Tomando cuidado dele" (*curam illius agentes*); mas, como a palavra grega é ἐπισκοποῦντες, não tenho dúvida de que Pedro tivesse em mente focalizar o ofício e título do episcopado. De outras partes da Escritura podemos aprender também que estes dois títulos, bispo e presbítero, são sinônimos. Ele, pois, mostra como deviam exercer corretamente o ofício pastoral, ainda que a palavra ἐπισκοπεῖν geralmente signifique presidir ou supervisionar. O que traduzi, "não constrangidamente", literalmente é "não necessariamente"; pois quando agimos segundo prescreve a necessidade, nosso procedimento no trabalho é lento e indiferente, por assim dizer, por constrangimento.

3. Nem como sendo senhores, ou *como que exercendo*

domínio. A preposição κατὰ, em grego, é tomada pela maioria, num sentido negativo; então Pedro, aqui, está condenando o exercício irracional do poder, como se dá com aqueles que não se consideram como sendo ministros de Cristo e de sua igreja, mas buscam algo mais elevado. E ele chama as igrejas particulares "campos" (*cleros*); pois, como todo o corpo da igreja é a herança do Senhor, assim as igrejas, dispersas pelas cidades e vilas, eram como tantas fazendas, o cuidado das tais ele designa a cada presbítero. Há quem, ignorantemente, pense que aqui estão implícitos aqueles que são chamados clérigos. De fato, chamar de clérigo toda a ordem de ministros era uma antiga maneira de se expressar; porém gostaria que jamais tivesse ocorrido que os Pais [da Igreja] falassem assim, pois o que a Escritura atribui a toda a igreja em comum de modo algum é correto confinar a uns poucos homens. E esta forma de linguagem era espúria, pelo menos era um afastamento do uso apostólico.

De fato, Pedro confere às igrejas, expressamente, este título, com o fim de que soubéssemos que tudo quanto os homens atribuem a si próprios é arrebatado do Senhor, como em muitos lugares ele chama a igreja de seu tesouro peculiar, e de cetro de sua herança, quando tenciona reivindicar seu inteiro domínio sobre ela; pois ele nunca entrega aos pastores o governo, mas tão-somente o cuidado, de modo que seu próprio direito permanece ainda completo.

4. Quando o supremo Pastor se manifestar. A não ser que os pastores mantenham este fim em vista, de modo algum se dará que avancem resolutamente no curso de sua vocação; mas, ao contrário, desmaiarão com frequência; pois há inumeráveis obstáculos, os quais são suficientes para desencorajar os mais prudentes. Com frequência se deparam com a ingratidão dos homens, de quem recebem uma recompensa injusta; às vezes seu longo e grande trabalho resulta em vão; às vezes Satanás prevalece em seus perversos expedientes. Portanto, para que o fiel servo de

Cristo não se veja alquebrado, há para ele um e único remédio – volver seus olhos para a vinda de Cristo. E assim será que aquele que parece não derivar dos homens nenhum encorajamento, continuará assiduamente em seus labores, sabendo que um grande galardão lhe foi preparado pelo Senhor. E, ainda mais, para que uma expectativa de longo alcance não lhe produza langor, ao mesmo tempo ele apresenta a maior de todas as recompensas, a qual é suficiente para compensar toda a delonga: ele diz que lhes aguarda *uma imarcescível coroa de glória*.

É preciso observar ainda que ele denomina Cristo de o *supremo Pastor*; pois devemos governar a igreja sob seu cetro e em seu nome, de nenhuma outra maneira senão para que ele seja ainda e realmente o Pastor. Daí a palavra supremo, aqui, significa não só o principal, mas aquele sob cujo poder todos os demais devem se submeter, visto que não o representam senão sob seu comando e autoridade.

5. Semelhantemente vós, os jovens, sede submissos aos anciãos; sim, sede todos submissos uns aos outros, e revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. 6. Humilhai-vos, pois, debaixo da poderosa mão de Deus, para que no devido tempo vos exalte; 7. Lançando sobre ele toda vossa preocupação, porque ele cuida de vós.	5. Similiter juniores, subjecti estote senioribus; sic et omnes, alii aliis subjiciamini; humilitatem animi induite; propterea quod Deus superbis resistit, humilibus vero dat gratiam. 6. Humiliamini ergo sub potenti manu Dei, ut vos extollat quum erit opportunum; 7. Omni cura vestra in eum conjecta; quoniam illi cura est vestri.

5. Semelhantemente vós, os jovens. A palavra *anciãos* é usada aqui num sentido diferente do que teve antes; pois é necessário, quando se faz um contraste entre eles e os mais jovens, que as duas sentenças sejam correspondentes. Então ele menciona os anciãos em idade, tendo falado antes do ofício; e, assim, ele passa do particular para o geral. E, em suma, ele convida a cada um que é inferior em idade a obedecer aos conselhos dos anciãos e a que sejam passíveis de instrução e humildes; pois, em sua idade, o jovem é inconstante e demanda freio. Além disso, os pastores não poderiam cumprir seu dever a não ser que esse sentimento

reverente prevalecesse e fosse cultivado, de modo que os jovens se deixassem governar; pois, se não houver submissão, o governo é subvertido. Quando não possui autoridade quem por direito ou pela ordem da natureza deve governar, todos, imediatamente, se tornarão insolentemente libertinos.

Sim, todos. Ele mostra a razão por que os jovens devem se submeter aos anciãos: para que haja um estado equânime de coisas e a devida ordem entre eles. Pois quando se concede autoridade aos anciãos, não lhes é dado o direito ou a liberdade de arrancar o freio, mas eles mesmos devem também estar sob a devida restrição, de modo que haja uma mútua sujeição. Daí, o esposo é a cabeça da esposa e, no entanto, por sua vez, ele deve, em algumas coisas, estar sujeito a ela. Daí, o pai tem autoridade sobre seus filhos e, no entanto, ele não está isento de toda sujeição, mas algo é devido a eles. O mesmo se deve pensar também dos demais. Em suma, todas as posições sociais têm de defender todo o corpo, o que não se pode fazer se todos os membros não estiverem irmanados pelos laços da sujeição mútua. Nada é mais adverso à disposição do homem do que a sujeição. Pois antigamente se dizia, com toda veracidade, que cada um tem em seu íntimo a alma de rei. Portanto, até que os espíritos elevados, com que a natureza dos homens ensoberbece, sejam subjugados, ninguém dará espaço a outro; mas, ao contrário, cada um, desprezando os demais, reivindicará para si todas as coisas.

Daí o apóstolo, a fim de a humildade habitar entre nós, sabiamente reprova esta arrogância e orgulho. E a metáfora que ele usa é muito apropriada, como se ele quisesse dizer: “Cercai-vos de humildade de todos os lados, como a roupa que cobre todo o corpo”. Ele notifica ainda que nenhuma roupa é mais bela ou mais conveniente do que quando nos submetemos uns aos outros.

Pois, ou *porque*. Constitui-se uma ameaça muito grave quando ele diz que todos quantos buscam elevar-se terão

Deus como seu inimigo, o qual os humilhará. Mas, ao contrário, o que ele diz dos humildes é que Deus lhes será propício e favorável. Imaginemos que Deus tem duas mãos: uma que, como o martelo, abate e faz em pedaços os que a si mesmos se elevam; e a outra que soergue os humildes que espontaneamente se inclinam, e é como uma proteção que os sustém. Se realmente nos convencêssemos disto, e o tivéssemos profundamente fixado em nossa mente, quem dentre nós ousaria, movido de orgulho, deflagrar guerra contra Deus? Mas a esperança de impunidade nos faz agora, destemidamente, erguer nossa cabeça ao céu. Portanto, que esta declaração de Pedro seja como um trovão celestial a quebrantar os homens.

Mas ele chama de humilde àquele que se esvazia de toda e qualquer confiança em seu próprio poder, sabedoria e justiça, que busca todo bem unicamente em Deus. Visto que não há acesso a Deus senão por esta via, quem, uma vez privado de sua própria glória, não se lhe humilharia espontaneamente?

6. Humilhai-vos, pois. Devemos ter sempre em mente a que propósito ele nos convida a nos humilharmos diante de Deus, a saber, para que sejamos mais corteses e bondosos para com nossos irmãos, e a não recusarmos submissão a eles, até onde o amor demande. Então, ele diz que os que são arrogantes e refratários para com os homens estão agindo insolentemente para com Deus. Ele, pois, exorta a todos os santos a se submeterem à autoridade divina; e qualifica o poder de Deus de sua *mão*, para torná-los ainda mais tementes. Pois ainda que repetidas vezes se atribua *mão* a Deus, contudo aqui se deve entender isto em conformidade com as circunstâncias da passagem. Mas, como comumente costumamos temer, para que nossa humildade não nos fosse uma desvantagem, e para que, por esta razão, os demais não se tornassem mais insolentes, Pedro responde a esta objeção e promete excelência a todos os que se humilham.

Ele, porém, acrescenta *no devido tempo*, para que, ao

mesmo tempo, prevenisse demasiada precipitação. Ele, pois, notifica ser-nos necessário aprender a humildade agora, mas que o Senhor bem sabe quando nos é conveniente ser exaltados. Assim nos cabe render-nos ao seu conselho.

7. Lançando sobre ele toda vossa preocupação. Aqui ele focaliza mais plenamente a providência de Deus. Pois, donde provêm estes ditos proverbiais – "teremos que uivar entre os lobos"; e "são tolos os que, como ovelhas, se expõem aos lobos para que sejam devorados" –, senão do fato de crermos que, por nossa humildade, daremos rédeas soltas à audácia dos ímpios, de modo que nos insultem mais brutalmente? Mas tal temor é oriundo de nossa ignorância da providência divina. Ora, em contrapartida, tão logo somos convencidos de que Deus cuida de nós, nossa mente se deixa guiar facilmente à paciência e humildade. Então, para que a perversidade dos homens não nos tente à selvageria mental, o apóstolo nos prescreve um remédio, como faz Davi no Salmo 37, para que, lançando sobre Deus nossa preocupação, descansemos tranquilamente. Pois todos quantos não recorrem à providência de Deus necessariamente se engolfam em constante agitação e assaltam violentamente a outros. Devemos manter este contínuo pensamento: que Deus cuida de nós; na ordem, em primeiro lugar, para que nutramos paz interior; e, em segundo lugar, para que sejamos humildes e mansos em relação aos homens.

Mas não recebemos a ordem de lançar toda nossa preocupação sobre Deus como se ele quisesse que tivéssemos corações fortes e fôssemos destituídos de todo sentimento; mas para que o temor e a ansiedade não nos levassem à impaciência. De modo semelhante, o conhecimento da providência divina não isenta os homens de toda preocupação, de modo a se espojar na segurança; pois ela não deve encorajar a indiferença carnal, mas a conduzir ao descanso pela fé.

8. Sobrii estote, vigilate, quia

8. Sede sóbrios; sede vigilantes; porque o diabo, vosso adversário, como um leão que ruge, anda em busca de quem possa devorar;
9. Ao qual resisti firmes na fé, sabendo que as mesmas aflições se concretizam entre vossos irmãos que estão no mundo.
10. Mas o Deus de toda a graça, que em Cristo Jesus nos tem chamado a sua eterna glória, depois de haverdes padecido por algum tempo, vos aperfeiçoará, confirmará, fortificará e estabelecerá.
11. A ele seja a glória e o domínio para todo o sempre. Amém.

adversarius vester diabolus, tanquam leo rugiens, circuit, quaerens quem devoret (*vel*, *quempiam devorare*);
9. cui resistite firmi fide, scientes easdem passiones, vestrae quae in mundo fraternitati adimpleri.
10. Deus autem ominis gratiae, qui nos vocavit in aeternam suam gloriam per Christum Jesum, paulisper afflictos ipse vos perficiat, confirmet, corroberet, stabiliat:
11. Ei gloria et imperium in secula seculorum. Amen.

8. Sede sóbrios. Esta explanação se estende ainda mais, a saber, que, como temos guerreado contra um inimigo mais e mais poderosamente feroz, devemos ser incansáveis em resisti-lo. Mas ele usa uma metáfora dupla, a saber, que deviam ser sóbrios e que deviam manter-se no exercício da vigilância. Os excessos produzem indolência e sonolência; de modo que os que se entregam aos cuidados e prazeres terrenos em nada mais pensam, vivendo sob o poder da letargia espiritual.

Agora percebemos qual a intenção do apóstolo. Ele diz que devemos deflagrar guerra a este mundo; e nos recorda que não temos a ver com um inimigo comum, mas com um que se assemelha ao leão, que corre de um lado para o outro, pronto a devorar. Disso conclui que devemos vigiar com toda prudência. Paulo, no sexto capítulo da Epístola aos Efésios, nos estimula com o mesmo argumento, onde ele diz que não é com a carne e o sangue que nos digladiamos, mas com a perversidade espiritual. Mas, com tanta frequência transformamos a paz em indolência, que daí sucede que o inimigo então nos rodeia e nos trucida; pois, como se nos colocássemos além do alcance do perigo, nos recreamos segundo a vontade da carne.

Ele compara o diabo a um leão, como se quisesse dizer que ele é uma besta selvagem. Diz ainda que ele *rodeia* com o fim de devorar, tencionando nos levar à exaustão. Ele o denomina de *adversário* dos santos, para que soubessem que

adoram a Deus e professam fé em Cristo sob esta condição: que terão que manter guerra perene contra o diabo, pois ele não poupa os membros que se digladiam contra a cabeça.

9. Ao qual resisti. Como o poder de um inimigo deve estimular-nos e tornar-nos mais cuidadosos, assim haveria o risco de nossos corações desfalecerem de imoderado temor, se não nos fosse dada a esperança da vitória. Isto, pois, é o de que o apóstolo fala; ele mostra que o resultado da guerra há de ser próspero, se deveras lutarmos sob a bandeira de Cristo; pois todos quantos comparecem para esta luta, revestidos com fé, ele declara que certamente serão vencedores.

Resisti, diz ele; mas é possível que alguém indague: como? A isto ele responde que há na fé força suficiente. Paulo, na passagem que já citei, enumera as várias partes de nossa armadura, mas o significado é o mesmo [Ef 6.13], pois João testifica que a fé é nossa única vitória sobre o mundo.

Sabendo que as mesmas aflições, ou *sofrimentos*. Outra consolação é que temos uma luta em comum com todos os filhos de Deus; pois Satanás nos tenta perigosamente, quando nos separa do corpo de Cristo. Lemos como ele tentou tomar de assalto a coragem de Jó: "E para qual dos santos te virarás?" [Jó 5.1]. Em contrapartida, o apóstolo nos lembra de que nada nos sucede senão o que vemos suceder aos demais membros da igreja. Além do mais, jamais deve ser rejeitada por nós uma amizade, ou uma condição semelhante, com todos os santos.

Ao dizer que os mesmos sofrimentos são *enfrentados*, ele tem em mente o que Paulo declara em Colossenses 1.24, que o que resta dos sofrimentos de Cristo é diariamente concretizado nos fiéis.

As palavras, *que estão no mundo*, podem ser explicadas de duas formas: ou que Deus prova seu povo fiel indiscriminadamente, por toda parte do mundo; ou que a necessidade de lutar nos aguarda enquanto estivermos no mundo. Mas devemos observar que, havendo dito

previamente que somos assaltados por Satanás, ele então menciona imediatamente todo tipo de aflições. Disso deduzimos que temos sempre a ver com nosso inimigo espiritual, por mais numerosos sejam os adversários, ou por mais poderosos sejam eles, se as doenças nos oprimem, ou a esterilidade da terra nos ameaça com a fome ou os homens nos perseguem.

10. Mas o Deus de toda graça. Depois de ter insistido suficientemente nas admoestações, ele agora se volta para a oração; pois a doutrina será inutilmente derramada no ar, a menos que Deus opere por meio de seu Espírito. E este exemplo deve ser seguido por todos os ministros de Deus, isto é, orar para que ele dê sucesso a seus labores; pois, do contrário, nenhum efeito haverá, quer plantando, quer regando.

Algumas cópias trazem o tempo futuro, como se fosse feita uma promessa; mas a outra redação é mais comumente aceita. Ao mesmo tempo, o apóstolo, ao orar a Deus, confirma aqueles a quem estava escrevendo, pois quando ele chama Deus o autor de *toda graça*, e lhes recorda que foram chamados à glória eterna, seu propósito sem dúvida era confirmá-los na convicção de que a obra de sua salvação, a qual havia começado, seria completada.

Ele é denominado o *Deus de toda graça* em decorrência do efeito, dos dons que ele outorga, segundo a maneira hebraica.[100] E ele menciona expressamente *toda graça*, primeiro para que aprendamos que toda bênção deve ser atribuída a Deus; e, segundo, que uma graça é conectada à outra, de modo que pudessem esperar no futuro pela adição daquelas graças nas quais estiveram até então esperando.

Que nos tem chamado. Como já disse, isto serve para aumentar a confiança, porque Deus se deixa levar não só por sua bondade, mas também por sua graciosa benevolência, a ajudar-nos mais e mais. Ele menciona não simplesmente a vocação, porém mostra por que foram chamados, a saber,

para que obtivessem a glória eterna. Ele estabelece ainda o fundamento da vocação em Cristo. Ambas estas coisas servem para injetar confiança perene, pois se nossa vocação está fundada em Cristo, e aponta para o reino celestial de Deus e a bem-aventurada imortalidade, segue-se que ela não é transitória nem evanescente.

A propósito, pode ser bom observar também que, quando ele diz que somos chamados *em Cristo*, primeiro nossa vocação está estabelecida, porque ela está solidamente fundamentada; e, segundo, tudo o que diz respeito a nossa dignidade e mérito são excluídos; pois Deus, que pela pregação do evangelho nos atraí a si, é plenamente gracioso; e uma graça ainda maior o fato de eficazmente tocar nosso coração de modo a nos levar a obedecer sua voz. Agora Pedro se dirige especialmente aos fiéis; ele, pois, conecta o poder eficaz do Espírito com a doutrina externa.

Quanto às três palavras que seguem, algumas cópias as têm no caso ablativo, que em latim podem ser traduzidas por gerúndios (*fulciendo*, *roborando*, *stabiliendo*): suportando, fortalecendo, estabelecendo.[101] Mas, com respeito ao significado, não há nisto muita importância. Além disso, a intenção de Pedro, com todas estas palavras, é uma só, a saber, confirmar os fiéis; e usa estas várias palavras com este propósito: para que saibamos que seguir nosso curso é uma questão de dificuldade incomum, e que, portanto, necessitamos da graça especial de Deus. As palavras *padecido por algum tempo*, inseridas aqui, mostram que o tempo de sofrimento dura apenas pouco tempo, e esta é uma consolação não pequena.

11. A ele seja a glória. Com o fim de injetar mais confiança nos fiéis, ele prorrompe em ação de graças. Ainda que isto seja lido no indicativo, bem como no modo optativo, contudo o significado é quase o mesmo.

12. Por Silvano, vosso fiel irmão (como presumo), escrevi abreviadamente, exortando e testificando que esta é a verdadeira graça de Deus, na qual

12. Per Silvanum vobis fidum fratrem (ut arbitror) paucis scripsi, exhortans et testificans hanc esse veram gratiam

estais firmes.
13. A igreja que está em Babilônia, eleita juntamente convosco, vos saúda; e o mesmo faz meu filho Marcos.
14. Saudai-vos uns aos outros com ósculo de caridade. Paz seja com todos vós que estais em Cristo Jesus. Amém.

in qua statis.
13. Salutat vos quae in Babylone est Ecclesia, simul vobiscum electa, et Marcus filius meus.
14. Salutate vos invicem in osculo charitatis. Gratia vobis omnibus qui estis in Christo Jesu.

12. Por Silvano. Na conclusão da Epístola, ele os exorta à constância na fé; sim, ele declara que seu desígnio, ao escrever, era retê-los na obediência à doutrina que haviam abraçado. Mas, antes de tudo, ele comenta a brevidade de sua Epístola, para que sua leitura não viesse a ser-lhes tediosa; e, em segundo lugar, ele adiciona uma breve recomendação de seu mensageiro, para que, de viva voz, se adicionasse o que foi escrito; pois este era o desígnio do testemunho que ele dá de sua fidelidade. Mas a exceção *como presumo* ou, como penso, foi adicionada ou como emblema de modéstia, ou para que soubessem com certeza que ele falava segundo a convicção de sua própria mente; e era-lhes irracional não assentir ao juízo de tão grande apóstolo.

Exortando e testificando. Quão difícil é prosseguir na fé! Evidências deste fato são as deserções diárias de muitos; aliás, nem se deve ficar surpreso com tal fato, quando consideramos quão grande é a leviandade e inconsistência dos homens, e quão grande é sua inclinação à vaidade. Mas, como nenhuma doutrina pode fincar raízes firmes e perenes nos corações dos homens, se ela for acompanhada de alguma dúvida, ele testifica que a verdade de Deus, na qual foram ensinados, era infalível. E, indubitavelmente, a não ser que sua certeza nasça em nossa mente, necessariamente vacilaremos em todo tempo, e estaremos sempre prontos a seguir cada vento de nova doutrina. Pela *graça de Deus* ele tem em mente a fé com todos seus efeitos e frutos.

13. Que está em Babilônia. Muitos dos antigos criam que aqui se denota Roma enigmaticamente. Os papistas põem em bases sólidas este comentário, dizendo que certamente

Pedro teria presidido a igreja de Roma; tampouco a infâmia do nome os deteria, contanto que possam pretender ao título de uma sé apostólica; tampouco se preocupam com Cristo, contanto que Pedro fique com eles. Além do mais, que retenham somente o título de cátedra de Pedro, e não se recusarão a situar Roma nas regiões infernais. Mas, este antigo comentário não contém nenhum matiz de verdade em seu favor; nem percebo por que ele foi aprovado por Eusébio e outros, exceto o fato de que já tinham se deixado desviar pelo erro de que Pedro se estabelecera em Roma. Além disso, são inconsistentes consigo mesmos. Dizem que Marcos morreu em Alexandria, no oitavo ano de Nero; porém imaginam que Pedro, seis anos depois disto, foi por Nero entregue à morte em Roma. Se Marcos fundou, como dizem, a igreja alexandrina, e por muito tempo fora bispo ali, então jamais poderia ter estado em Roma com Pedro. Pois Eusébio e Jerônimo estendem o tempo da presidência de Pedro em Roma em vinte e cinco anos; mas é possível reprovar isto facilmente pelo que lemos no primeiro e segundo capítulos da Epístola aos Gálatas.

Visto, pois, que Pedro teve Marcos como seu companheiro quando escreveu esta Epístola, é bem provável que ele estivesse em Babilônia; e isto estava em concordância com sua vocação, pois bem sabemos que ele fora designado apóstolo especialmente para os judeus. Portanto, ele visitou primordialmente aquelas regiões onde havia maior número dessa nação.

Ao dizer que a igreja ali era participante da mesma eleição, seu objetivo era confirmar os outros cada vez mais na fé; pois era de grande importância que os judeus estivessem reunidos na igreja de uma parte tão remota do mundo.

Meu filho. Ele chama Marcos nesses termos por uma questão de honra; entretanto, a razão é porque ele o havia gerado na fé, como se deu com Paulo e Timóteo. Já falamos em outra parte do *ósculo de amor*. Agora ele ordena que este

seja o ósculo de amor,[102] para que a sinceridade do coração correspondesse ao ato externo.

Fim da Primeira Epístola de Pedro.

---

97. O significado mais óbvio é que Pedro fora uma *testemunha ocular* dos sofrimentos de Cristo. É assim que a palavra "testemunha" é tomada por Grotius, Macknight, Doddridge e Scott.

98. A *Vulgata*, aqui e em outro lugar denominada "o antigo intérprete", parece ser a mais correta, segundo a opinião dos críticos. A mesma forma de palavras se acha no primeiro versículo: "Os presbíteros *que estão entre vós*".

99. Até agora, a redação mais aprovada é "de Deus".

100. Lemos no capítulo 4.10, de "a multiforme graça de Deus", o que se pode considerar explicativo de "o Deus de toda graça".

101. Tudo indica que a preponderância quanto à redação está em favor desta construção, pois Griesbach traduziu para seu texto estas três palavras como substantivo, στηρίξει, σθενώσει, θεμελιώσει, mas é uma construção abrupta. A probabilidade é que esta redação tenha sido introduzida por causa do sentido, porquanto não se podia ver como estas palavras poderiam vir depois de "aperfeiçoados". Mas a ordem está de acordo com o estilo usual dos profetas, cujos exemplos são também encontrados no Novo Testamento: o objeto último é mencionado primeiro, e então o que conduz a ele. O escritor, por assim dizer, retrocede em vez de avançar. Conferir sobre este tema o prefácio ao terceiro volume dos comentários de Calvino sobre Jeremias. Despidas desta peculiaridade, as palavras ficariam assim: "Para que sejais estabelecidos, fortalecidos, confirmados, aperfeiçoados".

102. Conferir a nota na Epístola aos Romanos (16.16).

SÉRIE COMENTÁRIOS BÍBLICOS

JOÃO CALVINO

2 Pedro



Argumento da Epístola de 2Pedro

As dúvidas acerca desta Epístola, mencionadas por Eusébio, não devem afastar-nos de sua leitura. Pois se as dúvidas repousassem sobre a autoridade dos homens, cujos nomes ele não fornece, não deveríamos render-lhe mais consideração do que a que rendemos aos homens desconhecidos. E mais adiante ele acresce que ela foi recebida por toda parte sem qualquer disputa. O que Jerônimo escreve me influencia um pouco mais, a saber, que alguns, induzidos por uma diferença no estilo, não criam que Pedro fosse seu autor. Pois ainda que se possa traçar alguma afinidade, contudo confesso que existe aquela manifesta diferença que distingue escritores distintos. Há ainda outras conjeturas prováveis, pelas quais poderíamos concluir que ela foi escrita por outro, e não por Pedro. Ao mesmo tempo, segundo o consenso de todos, ela em nada é indigna de Pedro, quando por toda parte exibe o poder e a graça de um espírito apostólico. Se ela for recebida como canônica, devemos admitir ser Pedro seu autor, visto que ela traz seu nome inscrito, e ele testifica ainda que vivera com Cristo. E teria sido uma ficção indigna de um ministro de Cristo, se ele personificasse outro indivíduo. Assim, pois, concluo que, se a Epístola for considerada digna de crédito, então deve ter procedido de Pedro; não que ele mesmo a tenha escrito, mas que algum de seus discípulos se apresentou para escrever, mediante sua ordem, aquelas coisas que a necessidade do momento requeria. Pois é provável que ele então estivesse em idade avançada, porquanto ele diz que seu fim já se

avizinhava. E poderia ser que, ante a solicitação dos santos, ele permitisse que esse testemunho de sua mente fosse registrado sucintamente, antes de sua morte, porque, possivelmente, ela viesse a ser um tanto valiosa, depois de sua morte, para sustentar os bons e reprimir os perversos. Indubitavelmente, como em todas as partes da Epístola transparece a majestade do Espírito de Cristo, temo repudiá-la, ainda que não reconheça aqui a linguagem de Pedro. Visto, porém, que não fica bem evidente quem é seu autor, pessoalmente admito a liberdade de usar a palavra Pedro ou apóstolo, indiscriminadamente.

Agora passarei ao argumento, o que pode ser feito sucintamente.

O *desígnio* é mostrar que, os que uma vez professaram a verdadeira fé em Cristo, devem responder ao seu chamado até o fim. Depois de haver exaltado, pois, em termos sublimes, a graça de Deus, ele lhes recomenda santidade de vida, porque Deus geralmente pune nos hipócritas uma falsa profissão de seu nome, com terrível cegueira, e, em contrapartida, aumenta seus dons naqueles que realmente e de todo o coração abraçam a doutrina da religião. Ele, pois, os exorta a que provassem sua vocação mediante uma vida santa. E, com o fim de dar maior peso a suas admoestações, ele diz que seu fim já se avizinha, e, ao mesmo tempo, se isenta de repetir com tanta frequência as mesmas coisas, sendo seu objetivo que os que permanecessem vivos na terra, depois de sua morte, mantivessem o que ele, enquanto vivo, escreveu mais profundamente gravado em suas mentes.

E, como o fundamento da verdadeira religião é a certeza ou a veracidade do evangelho, ele mostra, primeiramente, quão indubitável é sua veracidade, por meio deste fato: que ele mesmo foi uma testemunha ocular de todas as coisas que o evangelho contém, especialmente que ele ouvira Cristo proclamado do céu como sendo o Filho de Deus; e, em segundo lugar, a vontade de Deus era que o mesmo fosse testificado e aprovado pelos oráculos dos profetas.

Não obstante, ele prediz, ao mesmo tempo, que o perigo de falsos mestres se avizinhava, os quais difundiriam invenções ímpias, bem como dos desprezadores de Deus, os quais zombariam da religião; e ele fez isso para que os fiéis aprendessem a estar sempre vigilantes, e para que se sentissem fortalecidos. E tudo indica que ele falou assim intencionalmente, para que não esperassem que o curso da verdade no reino de Deus fosse tranquilo e pacífico, e isento de toda e qualquer contenda. Mais adiante, como numa tabuleta, ele descreve o caráter e métodos dos que, por suas corrupções, poluiriam o cristianismo. Mas, a descrição que ele apresenta, se ajusta especialmente à presente época, como se fará ainda mais evidente mediante comparação. Pois ele move sua pena contra os luciânicos, os quais se entregam à própria perversidade e assumem uma licença profana de exibir menosprezo por Deus, sim, e tratar com ridículo a esperança de uma vida melhor; e vemos hoje que o mundo, por toda parte, está saturado dessa ralé.

Ele exorta ao mesmo tempo os fiéis, não só que atentassem bem para a vinda de Cristo com mentes suspensas e expectantes, mas também a considerar aquele dia como que estando presente diante de seus olhos, e entrementes a conservar-se puros para o Senhor. Nesta doutrina, ele toma Paulo como seu associado e aprovador; e, para defender seus escritos das calúnias dos ímpios, reprova severamente a todos quantos os perverterem.

Capítulo 1

1. Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa, pela justiça de Deus e de nosso Salvador Jesus Cristo:
2. Graça e paz vos sejam multiplicadas, pelo conhecimento de Deus e de Jesus nosso Senhor.
3. Visto como seu divino poder nos tem dado todas as coisas que pertencem à vida e à santidade, pelo conhecimento daquele que nos tem chamado à glória e à virtude;
4. Pelas quais ele nos tem dado excessivamente grandes e preciosas promessas, para que por elas sejais participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção que há no mundo através da concupiscência.

1. Simeon Petrus, et servus et apostolus Jesu Christi, iis qui aequè pretiosam nobiscum sortiti sunt fidem, per justitiam Dei nostri et Servatoris Jesu Christi,
2. Gratia vobis et pax multiplicetur per cognitionem (*vel*, *eum cognitione*) Dei et Jesu Domini nostri;
3. Quemadmodum divina ejus potentia omnia nobis quae spectant ad vitam et pietatem dedit per cognitionem ejus qui vocavit nos propria gloria et virtute (*vel*, *per gloriam et virtutem*):
4. Quibus et maximae et pretiosae promissiones nobis donatae sunt, ut haec fleretis divinae consortes naturae, ubi fugeritis corruptionem quae in mundo est in concupiscentia.

1. Simão Pedro. A oração assume o primeiro lugar no início desta Epístola e daí segue para ação de graças, pela qual ele estimula os judeus à gratidão, para que não esqueçam os grandes benefícios que já haviam recebido das mãos de Deus. Por que ele se denomina de *servo e apóstolo* de Jesus Cristo, já explicamos em outro lugar, a saber, porque ninguém deve ser ouvido na igreja, a não ser que ele fale como se fosse a boca de Cristo. Mas o termo *servo* tem um significado mais geral, porque inclui todos os ministros de Cristo que sustêm algum ofício público na igreja. Há no apostolado uma condição mais elevada de honra. Ele, pois, notifica que não fazia parte da posição dos ministros, mas que foi feito pelo Senhor um apóstolo, e por isso superior a eles.[103]

Fé igualmente preciosa. Este é um enaltecimento da graça

que Deus, indiscriminadamente, tem demonstrado para com todo seu povo eleito; pois não era um dom comum que todos eles fossem chamados a uma e a mesma fé, visto ser esta o bem especial e primordial do homem. Mas ele a chama *igualmente preciosa*, não que ela seja igual em todos, mas porque todos possuem, mediante a fé, o mesmo Cristo com sua justiça, e a mesma salvação. Portanto, ainda que a medida seja diferente, isso não impede que o conhecimento de Deus seja comum a todos, bem como o fruto que procede dele. Assim temos uma real comunhão de fé com Pedro e os apóstolos.

Ele adiciona *através da justiça de Deus*, a fim de que soubessem que não obtiveram a fé através de seus próprios esforços e força, mas unicamente pelo favor de Deus. Pois essas coisas são opostas umas às outras, a justiça de Deus (no sentido em que é tomada aqui) e o mérito humano. Pois a causa eficiente da fé é chamada justiça de Deus por esta razão: porque ninguém é capaz de conferi-la a si mesmo. Assim a justiça que está subentendida não é aquela que permanece em Deus, mas aquela que ele comunica aos homens, como em Romanos 3.22. Além disso, ele atribui esta justiça em comum a Deus e a Cristo, porquanto emana de Deus e, através de Cristo, flui para nós.[104]

2. Graça e paz. Por *graça* designa-se o favor paterno de Deus para conosco. Deveras, pela morte de Cristo fomos uma vez por todas reconciliados com Deus, e pela fé tomamos posse deste tão imenso benefício; mas, como percebemos a graça de Deus em conformidade com a medida de nossa fé, lemos que ela aumenta segundo nossa percepção, quando se nos torna mais plenamente conhecida.

Adiciona-se *paz*, pois, como o princípio de nossa felicidade está quando Deus nos recebe em seu favor, assim, quanto mais ele confirma seu amor em nosso coração, mais rica é a bênção que ele nos confere, de modo que nos tornamos felizes e prósperos em todas as coisas.

Pelo conhecimento, literalmente *no conhecimento*; mas a preposição ἐν às vezes significa "através de" ou "com"; no entanto, ambos os sentidos podem adequar-se bem ao contexto. Não obstante, sinto-me mais disposto a adotar o primeiro sentido. Pois, quanto mais alguém avança no conhecimento de Deus, todo gênero de benção cresce também, igualmente, com o senso do amor divino. Quem quer, pois, que aspire à plena fruição da vida bem-aventurada que Pedro menciona, deve lembrar-se de observar a reta vereda. Ele une, ao mesmo tempo, o conhecimento de Deus e de Cristo; porque Deus não pode ser corretamente conhecido, exceto em Cristo, segundo aquele dito: "Ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar" [Mt 11.27].

3. Visto como seu divino poder. Ele faz referência à bondade infinita de Deus que já haviam experimentado, para que a entendessem mais plenamente no futuro. Pois ele continua o curso de sua benevolência perpetuamente, até o fim, exceto quando nós mesmos o interrompemos por nossa incredulidade; pois ele possui poder inexaurível e igual vontade de fazer o bem. Daí o apóstolo, com razão, animar os fiéis a que nutram boa esperança pela consideração dos benefícios prévios de Deus.[105] Para o mesmo propósito é a implicação que ele faz; pois ele poderia ter falado com mais simplicidade, "como ele nos deu graciosamente todas as coisas". Mas, ao mencionar "poder divino", ele sobe mais alto, isto é, que Deus desvendou copiosamente os imensos recursos de seu poder. Mas a última cláusula pode ser aplicada tanto a Cristo quanto ao Pai, mas ambas são apropriadas. Não obstante, pode ser aplicada a Cristo com mais propriedade, como se quisesse dizer que a graça que nos é comunicada por ele é uma evidência da divindade, porque não poderia ter sido feita pela humanidade.

Que pertence à vida e à santidade. Há quem pense que a presente vida está implícita aqui, como a santidade segue

como o dom mais excelente; como se por meio dessas duas palavras Pedro tencionasse provar quão beneficente e liberal é Deus para com os fiéis, a ponto de conduzi-los à luz e de supri-los com todas as coisas necessárias para a preservação da vida terrena, bem como também os renova para uma vida espiritual, adornando-os com santidade. Mas esta distinção é estranha à mente de Pedro, pois tão longo menciona a vida, imediatamente adiciona santidade, que é, por assim dizer, sua alma; pois Deus, então, nos supre realmente com a vida, quando nos renova para a obediência e justiça. E, assim, Pedro, aqui, não fala dos dons naturais de Deus, mas simplesmente menciona aquelas coisas que ele confere peculiarmente aos seus próprios eleitos acima da ordem comum da natureza.[106]

O fato de nascermos homens, de sermos dotados com razão e conhecimento, de nossa vida ser suprida com o sustento necessário – tudo isso provém deveras de Deus. Não obstante, como os homens, sendo pervertidos em sua mente e ingratidão, não consideram essas várias coisas, as quais são chamadas dons da natureza, entre os benefícios de Deus, não se menciona aqui a condição comum da vida humana, mas os dotes peculiares da nova vida espiritual, a qual deriva sua origem do reino de Cristo. Visto, porém, que tudo quanto é necessário para a santidade e salvação deve ser contado entre os dons supernaturais de Deus, que os homens aprendam a nada arrogar para si senão rogar humildemente de Deus tudo quanto vêem que lhes falta, e atribuir-lhe tudo quanto de bom porventura possuam. Pois, aqui, Pedro, ao atribuir toda a santidade, e todos os auxílios para a salvação, ao poder divino de Cristo, os remove da natureza comum dos homens, de modo que não nos deixa sequer a mínima partícula de qualquer virtude ou mérito.

Pelo conhecimento dele. Ele agora descreve a maneira na qual [Deus] nos faz participantes de tão imensuráveis bênçãos, a saber, tornando-se conhecido a nós mediante o

evangelho. Pois o conhecimento de Deus é o princípio da vida e o primeiro acesso à santidade. Em suma, os dons espirituais não podem ser dados para a salvação, até que, sendo iluminados pela doutrina do evangelho, sejamos levados a conhecer a Deus. Mas ele faz Deus o autor desse conhecimento, porque nunca iremos a ele, a menos que sejamos chamados. Daí a causa eficaz da fé não ser a perspicácia de nossa mente, e sim a vocação divina. E ele fala não da vocação interior, efetuada pelo poder oculto do Espírito, quando Deus não só soa em nossos ouvidos pela voz humana, mas atrai interiormente para si nosso coração através de seu próprio Espírito.

À glória e virtude, ou *por sua própria glória e poder*. Algumas cópias trazem ἰδία δόξῃ, "por sua própria glória", e é assim traduzido pelo antigo intérprete; e prefiro esta redação, porque a sentença parece, assim, fluir melhor. Pois o objetivo de Pedro era atribuir expressamente a Deus todo o louvor de nossa salvação, para que saibamos que lhe devemos todas as coisas. E isto é mais claramente expresso por estas palavras – que ele nos chamou *por sua própria glória e poder*. Não obstante, a outra redação, ainda que mais obscura, tende à mesma coisa; pois ele nos ensina que nos cobrimos de desonra, e somos totalmente viciosos, até que Deus nos vista com glória e nos adorne com virtude. Ele declara que o efeito da vocação, nos eleitos, é restaurar-lhes a gloriosa imagem de Deus, e renová-los em santidade e justiça.

4. Pelas quais ele nos tem dado. É duvidoso se sua referência é só à glória e ao poder, ou também às coisas precedentes. Toda a dificuldade provém disto: que, o que se diz aqui, não se ajusta à glória e à virtude que Deus nos confere; mas, se lermos "por sua própria glória e poder", não haverá ambiguidade nem perplexidade. Porque, o que nos foi prometido por Deus deve ser propriamente e com razão considerado com sendo o efeito de seu poder e glória.[107]

Ao mesmo tempo, as cópias também variam aqui; pois algumas trazem δι ’ ὃν, “por causa de quem”; e, assim, a referência pode ser a Cristo. Seja qual das duas redações você escolha, ainda o significado será que, antes de tudo, as promessas de Deus devem ser extremamente valorizadas; e, em segundo lugar, que são graciosas, porque nos são oferecidas como dons. E então mostra a excelência das promessas, a saber, que nos fazem participantes da natureza divina, e nada se pode conceber melhor que isso.

Pois devemos considerar donde provém que Deus nos soergue a tal altitude de honra. Bem sabemos quão abjeta é a condição de nossa natureza; que Deus, pois, se faria nosso, de modo que todas as suas coisas de certa maneira se tornassem nossas coisas, a grandeza de sua graça não pode ser suficientemente concebida por nossa mente. Portanto, esta única consideração deve ser sobejamente suficiente para fazer-nos renunciar o mundo e fazer-nos alçar vôo para o céu. Observemos, pois, que o fim do evangelho é tornar-nos eventualmente conformados com Deus, e, se podemos expressar-nos assim, a deificar-nos.

Aqui, porém, a palavra *natureza* não é essência, e sim qualidade. Os maniqueus, antigamente, sonharam que somos parte de Deus, e que, depois de haver terminado a carreira da vida, por fim voltaremos à nossa origem. Há ainda hoje fanáticos que imaginam que assim somos revestidos da natureza de Deus, de modo que nossa natureza é tragada pela sua. Assim, explicam o que Pai diz, que Deus será tudo em todos [1Co 15.28], e tomam esta passagem no mesmo sentido. Mas, delírio como este jamais penetrou a mente dos santos apóstolos; apenas tencionavam dizer que, quando despidos de todos os vícios da carne, seremos participantes da divina e bendita imortalidade e glória, a ponto de sermos, por assim dizer, um com Deus, até onde permitir nossa capacidade.

Esta doutrina não era totalmente desconhecida de Platão,

que por toda parte define o principal bem do homem como sendo viver em inteira conformidade com Deus; mas, como ele se envolveu com erros vários, mais adiante ele deslizou-se para suas próprias invenções. Nós, porém, desconsiderando as vãs especulações, devemos ficar satisfeitos com esta única coisa: que a imagem de Deus, em santidade e justiça, nos é restaurada para este fim: para que, por fim, sejamos participantes da vida e glória eternas, o quanto for necessário para nossa completa felicidade.

Tendo escapado. Já explicamos que o desígnio do apóstolo era pôr diante de nós a dignidade da glória do céu, à qual Deus nos convida, e assim arrastar-nos da vaidade deste mundo. Ademais, ele põe a corrupção do mundo em oposição à natureza divina; porém mostra que esta corrupção não está nos elementos que nos circundam, mas em nosso coração, porque ali prevalecem os vícios e afeições depravadas, cuja fonte e raiz ele põe em relevo pela palavra *concupiscência*. E, assim, a corrupção é posta no mundo para que saibamos que o mundo está em nós.

5. E, além disso, pondo nisto toda diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude o conhecimento;
6. E ao conhecimento, temperança; e à temperança, paciência; e à paciência, a piedade;
7. E à piedade, a benignidade fraternal; e à benignidade fraternal, a caridade.
8. Porque, se estas coisas estiverem e forem abundantes em vós, não permitirão que sejais estéreis nem infrutíferos no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.
9. Aquele, porém, em quem estas coisas estão ausentes, é cego e não pode ver ao longe, e já esqueceu que foi purgado de seus antigos pecados.

5. Atque in hoc ipsum omne studium applicantes, subministrate in fide vestra virtutem, in virtute autem scientiam;
6. In scientia vero temperantiam, in temperantia autem patientiam, in patientia vero pietatem,
7. In pietate autem fraternum amorem, in fraterno vero amore charitatem.
8. Haec enim si vobis adsint, et abundè suppetant, non otiosos neque infructuosos constituent vos in cognitione Domini nostri Jesu Christi.
9. Cui enim haec non adsunt, caecus est, manu palpans, purgationis oblitus veterum delictorum.

5. E, além disso. Visto ser uma obra árdua e de imenso labor erradicar a corrupção que está em nós, ele nos convida a empenharmos todo esforço para este propósito. Ele notifica que, neste caso, não se dá nenhum lugar à indolência, que devemos obedecer a Deus quando nos

chama, não morosa e displicentemente, mas que há necessidade de alegria; como se quisesse dizer: “Esforçai-vos muito, e fazei vosso empenho manifesto a todos”. Pois isto é o que significa a partícula que ele usa.

Acrescentai à vossa fé, a virtude, ou *supri vossa fé com a virtude*. Ele mostra por qual propósito os fiéis devem esforçar-se, a saber, para que tenham fé adornada com bons costumes, sabedoria, paciência e amor. Então notifica que a fé não deve ser despida nem vazia, mas que estes são seus associados inseparáveis. Para suprir a fé, acrescenta-se fé. Não obstante, aqui não há propriamente uma gradação quanto ao sentido, ainda que pareça quanto às palavras; pois o amor não segue, em ordem, à paciência, nem procede dela. Portanto, a passagem deve ser explicada simplesmente assim: “Esforçai-vos para que a paciência, a prudência, a temperança e as coisas que seguem sejam adicionadas à vossa fé”.[108]

Tomo *virtude* no sentido de vida honesta e corretamente formada; pois aqui ela não é ἐνέργεια, energia ou coragem, mas ἀρετὴ, virtude, bondade moral. *Conhecimento* é o que se faz necessário para agir-se prudentemente; porque, depois de haver incluído um termo geral, ele menciona alguns dos dotes principais de um cristão. *Benignidade fraternal*, φιλαδελφία, é afeição mútua entre os filhos de Deus. *Amor* se estende mais amplamente, porque abarca todo o gênero humano.

No entanto, é possível que aqui surja a indagação se Pedro, ao atribuir-nos a obra de suprir ou acrescentar virtude, exaltou a força e o poder do livre-arbítrio. Quem busca estabelecer o livre-arbítrio humano, de fato, concede a Deus o primeiro lugar, isto é, que lhe pertence agir ou operar em nós; porém imagina que, ao mesmo tempo, cooperamos, e que se deve a nós o fato de que os movimentos de Deus não se tornam vazios e ineficazes. Mas a doutrina perene da Escritura se opõe a esta noção fictícia; pois ele testifica

claramente que os sentimentos corretos são formados por Deus em nós, e se deve a Deus que sejam eficazes. Ela testifica ainda que todo nosso progresso e perseverança provêm de Deus. Além disso, ela declara expressamente que a sabedoria, o amor, a paciência são dons de Deus e do Espírito. Quando, pois, o apóstolo requer essas coisas, ele de modo algum assevera que elas estejam em nosso poder, mas apenas mostra que devemos ter e o que se deve fazer. E, no tocante aos santos, quando cônscios de sua própria debilidade, descobrem que são deficientes no cumprimento de seus deveres, nada lhes restando senão buscar abrigo em Deus, em busca de auxílio e recurso.[109]

8. Porque, se estas coisas estiverem em vós. Então, diz ele, por fim provareis que Cristo realmente é conhecido por vós, se fordes dotados com virtude, temperança e os demais dons. Pois o conhecimento de Cristo é algo eficaz e uma raiz viva, a qual produz fruto. Porque, ao dizer que essas coisas os fariam *nem estéreis nem infrutíferos*, ele mostra que todos que se gloriam, em vão e falsamente, de que possuem conhecimento de Cristo, que se gabam dele sem amor, paciência e dons afins, são como diz Paulo também em Efésios 4.20-22: "Mas vós não aprendestes assim a Cristo, se é que o tendes ouvido, e nele fostes instruídos, como está a verdade em Jesus; que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano", etc. Pois ele tem em mente que todos quantos possuem Cristo sem novidade de vida nunca foram corretamente instruídos em sua doutrina.

Mas ele não deseja apenas que aos fiéis se ensine a paciência, a piedade, a temperança, o amor; ele, porém, requer um progresso espiritual a atingir-se no tocante a esses dons, e com razão, pois ainda estamos longe do alvo. Devemos, pois, avançar sempre, para que os dons divinos aumentem continuamente em nós.

9. Aquele, porém, em quem estas coisas estão ausentes.

Ele agora expressa mais claramente que quem professa uma mera fé vivem totalmente destituídos de qualquer conhecimento genuíno. Ele, pois, diz que se desviam como cego no escuro, porque não vêem a vereda certa que nos é indicada pela luz do evangelho.[110] Isto ele também confirma, acrescentando esta razão, porque o tal se esqueceu de que, através do benefício de Cristo, já foi purificado do pecado, e, no entanto, este é o princípio de nosso cristianismo. Então se segue que os que não se esforçam por uma vida pura e santa não entendem nem mesmo as primeiras noções da fé.

Pedro, porém, toma isto por conhecido: que os que continuavam ainda se espojando na imundícia da carne se esqueceram de sua própria purificação. Pois o sangue de Cristo não nos veio a ser um mero banho, para em seguida ser arruinado por nossa imundícia. Ele, pois, os denomina de *velhos pecados*, com isso querendo dizer que nossa vida deve ser formada diferentemente, porque já fomos purificados de nossos pecados; não que alguém seja puro de todo e qualquer pecado enquanto vive neste mundo, ou que a purificação que obtemos através de Cristo consista apenas de perdão, mas que devemos diferenciar-nos dos incrédulos, visto que Deus já nos separou para si. Ainda, pois, que pequenos diariamente, e Deus diariamente nos perdoa, e o sangue de Cristo nos purifica de nossos pecados, contudo o pecado não deve dominar-nos, mas a santificação do Espírito precisa prevalecer em nós; pois assim Paulo nos ensina em 1 Coríntios 6.11: “E tais foram alguns de vós; mas vos lavastes”, etc.

10. Portanto, irmãos, procurai com mais diligência solidificar vossa vocação e eleição; porque, se agirdes assim, nunca fracassareis;
11. Pois assim vos será concedido ricamente o acesso no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.
12. Por isso não serei negligente em fazer-vos lembrar sempre dessas coisas, ainda que as conheçais, e estejais estabelecidos na presente verdade.

10. Quamobrem magis, fratres, studete firmam vestram vocationem et electionem facere: haec enim si feceritis, non cadetis unquam:
11. Sic enim abunde subministrabitur vobis ingressus in regnum aeternum Domini nostri et Servatoris Jesu Christi.
12. Itaque non negligam semper de iis commonefacere, etiamsi noveritis, et confirmati sitis in praesenti veritate.

13. Sim, penso ser conveniente, enquanto eu estiver neste tabernáculo, estimular-vos, trazendo-vos à lembrança;
14. Sabendo que em breve deixarei este meu tabernáculo, como também nosso Senhor Jesus Cristo me tem mostrado.
15. Ademais, me esforçarei para que, depois de minha morte, tenhais estas coisas sempre na lembrança.

13. Justum autem arbitror, quandiu sum in hoc tabernaculo, excitare vos admonitione;
14. Quum sciam brevi me depositturum hoc tabernaculum, quemadmodum et Dominus Jesus manifestavit mihi.
15. Dabo autgem operam, ut etiam semper post meum discessum possitis horum habere memoriam.

10. Portanto, irmãos, procurai com mais diligência. Ele extrai esta conclusão, que é uma prova de que já fomos realmente eleitos, e chamados pelo Senhor não em vão, caso uma boa consciência e integridade de vida correspondam à nossa profissão de fé. E ele infere que deve haver mais labor e diligência, porque já havia dito que a fé não deve ser estéril.

Algumas cópias trazem "por boas obras"; estas palavras, porém, não causam mudança no sentido, pois devem estar subentendidas, ainda que não expressas.[111]

Ele menciona primeiro a *vocação*, ainda que seja a última em ordem. A razão é porque a eleição é de maior peso ou importância; e é um arranjo certo de uma sentença para anexar o que é preponderante. O significado, pois, é este: labutai para que realmente fique provado que não fostes chamados nem elegidos em vão. Ao mesmo tempo, aqui ele fala da vocação como o efeito e evidência da eleição. Se alguém preferir considerar as duas palavras como a significar a mesma coisa, não faço objeção; pois a Escritura às vezes funde a diferença que existe entre dois termos. Não obstante, já declarei o que a mim parece ser mais provável.[112]

Agora se suscita uma questão, se a estabilidade de nossa vocação e eleição depende das boas obras; porque, se assim for, segue-se que ela depende de nós. Mas toda a Escritura nos ensina que, primeiramente, a eleição divina se fundamenta em seu propósito eterno; e, em segundo lugar, que a vocação começa e é completada através de sua bondade gratuita. Os sofistas, a fim de transferir para nós o que é característico à graça de Deus, geralmente pervertem esta evidência. Seus subterfúgios, porém, podem ser

facilmente refutados. Pois se alguém pensa que a vocação se torna certa pela ação humana, não há nada de absurdo nisso; não obstante, podemos avançar ainda mais, dizendo que cada um confirma sua vocação vivendo uma vida santa e piedosa. Mas é muito insensato inferir disto aquilo pelo quê os sofistas contendem; pois esta é uma prova não extraída da causa, e sim, ao contrário, do sinal ou do efeito. Ademais, isto não impede de a eleição ser gratuita, tampouco prova que está em nossa própria mão ou poder confirmar a eleição. Pois a questão se reduz a isto: Deus chama eficazmente a quem ele preordenou para a vida em seu conselho secreto, antes da fundação do mundo; e também leva a bom termo o curso perene da vocação, tão-somente pela graça. Mas, ele nos escolheu, e nos chama para este fim: para que sejamos puros e sem mancha em sua presença; a pureza de vida não é impropriamente denominada a evidência e prova da eleição, pelas quais os fiéis podem não só testificam aos outros que são filhos de Deus, mas também confirmam-se nesta confiança, de tal maneira que estabelecem seu sólido fundamento em algo mais.

Ao mesmo tempo, esta certeza, mencionada por Pedro, deve, creio eu, ser referida à consciência, como se os fiéis se reconhecessem diante de Deus como escolhidos e chamados. Eu, porém, o tomo simplesmente do próprio fato de que é como se a vocação fosse confirmada por esta mesma santidade de vida. Deveras pode traduzir-se assim: “Labutai para que vossa vocação se torne segura”; pois o verbo ποιεῖσθαι é transitivo ou intransitivo. Não obstante, se você o traduzir assim, o significado é quase o mesmo.

A suma do que se diz é que os filhos de Deus são distinguidos dos réprobos por esta marca: que vivem uma vida piedosa e santa, porque este é o desígnio e fim da eleição. Daí ser evidente quão perversamente zombam alguns homens vis e sem princípio, quando fazem da eleição gratuita uma escusa para toda licenciosidade; como se, na

verdade, pudéssemos pecar impunemente, só porque já fomos predestinados para a justiça e santidade!

Porque, se agirdes assim. Pedro parece, outra vez, atribuir ao mérito das obras o fato de Deus promover nossa salvação, e também o fato de perseverarmos continuamente em sua graça. Mas, a explicação é óbvia; pois seu propósito era apenas mostrar que os hipócritas nada têm em si de real ou sólido, e que, ao contrário, os que comprovam sua vocação indubitável, mediante as boas obras, estão livres do perigo de fracassar, porque certa e suficiente é a graça de Deus, pela qual são sustentados. E, assim, a certeza de nossa salvação de modo algum depende de nós, como indubitavelmente a causa dela está além de nossos limites. Mas, com respeito aos que sentem em si a operação eficaz do Espírito, Pedro os convida a criar coragem quanto ao futuro, porque o Senhor já lhes estabeleceu o sólido fundamento de uma vocação genuína e definida.

Ele explica a maneira ou meio de perseverar, quando diz *vos será concedido ricamente o acesso*. A suma das palavras é esta: "Deus, por suprir sempre e ricamente com novas graças, vos guiará ao seu próprio reino". E isto foi adicionado para que saibamos que, ainda que já passamos da morte para a vida, contudo esta é uma passagem de esperança; e, quanto à fruição da vida, ali nos resta ainda uma longa jornada. Entrementes, não somos destituídos dos auxílios necessários. Daí Pedro obviar uma dúvida, por estas palavras: "O Senhor suprirá ricamente vossa necessidade, até que entreis em seu reino eterno". Ele o chama reino de *Cristo*, porque não podemos ascender ao céu, exceto sob sua bandeira e orientação.

12. Por isso, não serei negligente. Como se desconfiássemos ou da memória, ou da atenção dos que às vezes nos lembram da mesma coisa, o apóstolo faz esta modesta desculpa, dizendo que ele não cessou de pressionar a atenção dos fiéis o que era bem conhecido e retido em suas mentes, porque sua importância e grandeza requeriam isto.

“Deveras”, diz ele, “entendeis plenamente qual a verdade do evangelho, nem preciso confirmar como éreis vacilantes, mas, numa questão tão grande, as admoestações nunca são supérfluas; e, portanto, nunca devem ser consideradas vexatórias”. Paulo emprega ainda uma desculpa semelhante em Romanos 15.14, 15: “Estou convencido de vós, irmãos”, diz ele, “que estais cheios de conhecimento, a ponto de estardes aptos a admoestar uns aos outros; mas vos escrevi mais confiantemente, como para vos trazer à memória”.

Ele chama isso de *a presente verdade*, de cuja posse já tinham tomado mediante uma fé confiante. Ele, pois, enaltece a fé deles, a fim de permanecerem firmados nela mais solidamente.

13. Sim, penso ser conveniente, ou *certo*. Ele expressa mais claramente quão útil e quão necessária é a admoestação, porque se faz necessária para despertar os fiéis, pois de outro modo a letargia tomaria posse sorrateiramente da carne. Portanto, ainda que não lhes faltasse ensino, contudo ele diz que os incentivos das admoestações eram proveitosos, para que a segurança e a indulgência (como geralmente é o caso) não enfraquecessem o que haviam aprendido, e por fim não viessem a extingui-lo.

Ele adiciona outra causa pela qual ele estava tão decidido a escrever-lhes: porque bem sabia que lhe restava bem pouco tempo. “Devo empregar meu tempo com diligência”, diz ele; “porque o Senhor me deu a conhecer que minha vida neste mundo não será longa”.

Daí aprendermos que as admoestações precisam ser assim ministradas, para que as pessoas às quais desejamos ser beneficiadas não pensem que são tratadas com injustiça, e também para que assim se evitem ofensas, ainda para que a verdade tenha livre curso e as exortações não sofram nenhuma descontinuação. Ora, é preciso que se observe esta moderação para com aqueles para quem uma reprovação abrupta não seria adequada, mas que, ao contrário, deve ser empregada amavelmente, uma vez que são, por natureza,

inclinados ao cumprimento de seu dever. Somos ainda ensinados, pelo exemplo de Pedro, que nos resta o termo mais breve da vida, por mais diligentes sejamos na execução de nosso ofício. Comumente não nos é dado prever nosso fim; mas aqueles que são avançados em idade ou debilitados por enfermidades, sendo lembrados, por essas indicações, da brevidade de sua vida, devem ser mais aplicados e diligentes, de modo que, no devido tempo, realizem o que o Senhor lhes deu para fazer; mais ainda, os que são mais fortes se encontram na flor de sua idade, visto que não prestam a Deus um serviço tão constante, como lhes cabe fazer; precisam animar-se ao mesmo cuidado e diligência, recordando que a morte se avizinha, para que a ocasião de fazer o bem não escape, enquanto olham negligente e indolentemente para sua obra.

Ao mesmo tempo, não nutro dúvida de que o objetivo de Pedro era granjear mais autoridade e peso para seu ensino, ao dizer que se esforçaria em fazê-los lembrados dessas coisas depois de sua morte, a qual estava então bem próxima. Pois quando alguém, um pouco antes de renunciar a esta vida, nos fala, suas palavras, de certa maneira, têm a força e o vigor de um testamento ou vontade, e geralmente são recebidas por nós com maior reverência.

14. Em breve deixarei este meu tabernáculo. Literalmente, as palavras são: “Falta pouco para este tabernáculo ser consumido”. Pois esta forma de linguagem, e mais adiante pela palavra “partir”, ele designa a morte, o que nos cabe observar; pois aqui somos ensinados o quanto a morte difere da perdição. Além disso, o quanto o medo da morte nos terrifica, porque não consideramos suficientemente quão transitória e evanescente é esta vida, e não refletimos sobre a perpetuidade da vida futura. Mas, o que Pedro diz? Ele declara que a morte é uma partida deste mundo, que nos mudamos para outro lugar, sim, para o Senhor. Portanto, que não temamos, como se fôssemos perecer quando morremos. Ele declara que ela é o desmoronamento de um tabernáculo,

pelo qual somos abrigados somente por breve tempo. Não há, pois, razão por que a remoção dele nos cause tristeza.

Mas é preciso entender um contraste implícito entre um tabernáculo evanescente e uma habitação perpétua, o que Paulo explica em 2 Coríntios 5.1.[113]

Quando ele diz que isso lhe fora revelado por Cristo, sua referência não é ao tipo de morte, mas ao tempo. Mas, se ele recebeu o oráculo em Babilônia a respeito de sua morte que se aproximava, como teria sido crucificado em Roma? Certamente transparece que ele morreu muito distante da Itália, a não ser que voasse, num momento, sobre os mares e terras.[114] Os papistas, porém, a fim de reivindicar para si o corpo de Pedro, se fazem babilônios, e afirmam que Roma é por Pedro chamada de Babilônia; isto será refutado em seu lugar próprio. O que ele diz sobre a lembrança dessas coisas depois de sua morte tem por intenção mostrar que a posteridade deveria aprender dele depois de morto. Pois os apóstolos não levavam em conta apenas sua própria época, mas também se propuseram a fazer-nos o bem. Portanto, ainda que estejam mortos, sua doutrina vive e prevalece; e é nosso dever tirar proveito de seus escritos, como se eles estivessem manifestamente presentes conosco.

16. Porque não temos seguido fábulas engenhosamente inventadas, quando vos fizemos saber o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, porém fomos testemunhas oculares de sua majestade.
17. Pois ele recebeu de Deus o Pai honra e glória, quando da excelente glória lhe veio uma voz: Este é meu Filho amado, em quem tenho todo prazer.
18. E ouvimos esta voz que veio do céu, quando estávamos com ele no monte santo.

16. Neque enim fabulas subtiliter excogitatas (*vel, arte compositas*) sequuti, notam vobis fecimus Domini nostri Jesu Christi potentiam et adventum; sed spectatores facti ejus magnificentiae.
17. Accepit enim a Deo Patre honorem et gloriam, allata illi a magnífica gloria hujusmodi voce, Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi complacui.
18. Et hanc vocem nos audivimus, dum essemus in monte sancto cum illo.

16. Pois não temos seguido fábulas engenhosamente inventadas. Sentimos injetar-nos coragem quando sabemos que labutamos numa esfera que é certa. Portanto, para que os fiéis não pensassem que nesses labores estivessem

golpeando o ar, ele agora passa a apresentar a certeza do evangelho; e nega que tudo o que fora entregue por ele fosse outra coisa senão a plena verdade e digna de confiança; e que eram encorajados a perseverar quando estivessem certos do resultado próspero de sua vocação.

Em primeiro lugar, Pedro deveras assevera que fora uma testemunha ocular; pois ele mesmo vira com seus próprios olhos a glória de Cristo, da qual ora fala. Ele põe este conhecimento em oposição às fábulas astuciosas, tais como aquelas que homens astutos costumam fabricar com o fim de emaranhar as mentes simples. O intérprete antigo traduz a palavra por "engendradas" (*fictas*); Erasmo, "formadas pela arte". Quanto a mim, parece-me que está implícito o que é sutil para enganar; pois a palavra grega aqui usada, σοφίζεσθαι, às vezes significa isto. E sabemos quanto esforço os homens gastam com refinamentos fúteis, e simplesmente para que tenham algum entretenimento. Portanto, não menos seriamente devem nossas mentes aplicar-se a conhecer a verdade que não é falaciosa, e a doutrina que não é fútil, e que nos desvenda a glória do Filho de Deus e nossa própria salvação.[115]

O poder e a vinda. Sem dúvida, ele tem em mente, nestas palavras, incluir a substância do evangelho, que certamente nada contém exceto Cristo, em quem se acham ocultos todos os tesouros da sabedoria. Mas ele menciona distintamente duas coisas: que Cristo fora manifestado na carne; e também que o poder foi por ele exibido.[116] Assim, pois, temos o evangelho integral; pois sabemos que ele, o Redentor há muito prometido, veio do céu, vestiu nossa carne, viveu no mundo, morreu e ressurgiu; e, em segundo lugar, percebemos o fim e o fruto de todas estas coisas, a saber, que ele pôde ser Deus conosco, para que exibisse em si mesmo o infalível penhor de nossa adoção, para nos purificar das contaminações da carne pela graça de seu Espírito, e nos consagrar a Deus como templos, para nos livrar do inferno, e

nos fazer subir ao céu, para que, pelo sacrifício de sua morte, fizesse expiação pelos pecados do mundo, para nos reconciliar com o Pai, a fim de tornar-se o autor de nossa justiça e de nossa vida. Aquele que conhece e entende estas coisas está plenamente familiarizado com o evangelho.

Fomos testemunhas oculares, ou *espectadores*.[117] Daí concluirmos que de modo nenhum serve a Cristo, nem se assemelha aos apóstolos, quem presunçosamente sobe ao púlpito para tagarelar sobre especulações que lhes são desconhecidas; pois só é legítimo ministro de Cristo quem conhece a veracidade da doutrina que enuncia; não que todos obtêm a certeza da mesma maneira, pois o que Pedro diz é que ele mesmo estava presente quando Cristo foi declarado por uma voz celestial ser o Filho de Deus. Somente três estavam então presentes, mas eram suficientes como testemunhas; porque, por meio de muitos milagres, tinham visto a glória de Cristo e tinham uma notável evidência de sua divindade, em sua ressurreição. Mas agora obtemos certeza de outra maneira; pois ainda que Cristo não ressuscite ante nossos olhos, contudo bem sabemos por quem sua ressurreição nos foi efetuada. E acrescido a isto é o testemunho íntimo da consciência, o selo do Espírito, que excede em muito a toda evidência dos sentidos. Lembremo-nos, porém, que o evangelho não foi, no princípio, composto de vagos rumores, senão que os apóstolos foram os autênticos pregadores do que haviam visto.

17. Pois ele recebeu de Deus o Pai. Ele escolheu um exemplo memorável dentre muitos, a saber, o de Cristo quando, adornado com glória celestial, exibiu nitidamente sua majestade divina aos seus três discípulos. E ainda que Pedro não relate todas as circunstâncias, contudo as designa suficientemente quando diz que *uma voz veio da glória magnificente*. Pois o significado é que ali nada se viu de terreno, mas que uma majestade celestial resplandeceu em todos os recantos. Desse fato podemos concluir que tais

exibições de grandeza foram o que os evangelistas relataram. E assim foi necessariamente feito, a fim de que a autoridade daquela voz que veio pudesse ser mais temível e solene, quando vemos que isso foi feito a todos uma vez pelo Senhor. Pois quando ele falou aos pais, não só fez suas palavras ressoar nos ares, mas, adicionando alguns símbolos ou emblemas de sua presença; ele provou que os oráculos eram seus.

Este é meu Filho amado. Pedro, pois, menciona esta voz, como se fosse suficiente, como uma plena evidência para o evangelho, e justamente isso. Pois quando Cristo é reconhecido por nós ser aquele a quem o Pai enviou, esta é nossa mais sublime sabedoria. Há duas partes nesta sentença. Quando ele diz: "Este é", a expressão é muito enfática, notificando que ele era o Messias que fora muitas vezes prometido. Portanto, o que quer que seja encontrado na Lei e nos Profetas a respeito do Messias é declarado aqui, pelo Pai, pertencer àquele a quem tão gloriosamente enaltecia. Na outra parte da sentença, ele anuncia Cristo como seu próprio Filho, em quem todo seu amor habita e se centra. Daí se segue que não somos de outra maneira amados senão nele, tampouco deve o amor de Deus ser buscado em algum outro lugar. Para mim, agora, é suficiente tocar de leve nestas coisas de passagem.

18. No santo monte. Ele o chama santo monte pela mesma razão que se denominava de solo santo onde Deus apareceu a Moisés. Pois sempre que o Senhor vem, visto ser ele a fonte de toda santidade, faz santas todas as coisas pelo perfume de sua presença. E por esta maneira de falar somos ensinados, não só a receber Deus reverentemente sempre que se manifesta, mas também a preparar-nos para a santidade, tão logo ele se aproxima de nós, como fora ordenado ao povo quando a lei foi proclamada no Monte Sinai. E é uma verdade geral: "Sede santos, porque eu sou santo, e habito no meio de vós" [Lv 11.44; 19.2].

19. Temos também a mais certa palavra de profecia, à qual fazeis bem em levar a sério, como a uma luz que brilha num lugar escuro, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vossos corações;
20. Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de qualquer interpretação privada.
21. Pois a profecia não veio dos tempos antigos pela vontade do homem; mas homens santos de Deus falaram como que movidos pelo Espírito Santo.

19. Et habemus firmiorem propheticum sermonem, cui bene facitis attendentes, tanquam lucernae apparenti in caliginoso loco, donec illuceat dies, et lúcifer oriatur in cordibus vestris;
20. Hoc primum cognito, quod omnis prophetia scripturae private (*vel, proprii motus*) interpretationis non est:
21. Neque enim voluntate hominis allata est quondam prophetia; sed a Spiritu Sancto impulsi, loquuti sunt sancti Dei homines.

19. Temos também. Agora ele mostra que a verdade do evangelho está fundada nos oráculos dos profetas, para que, quem o abraçou, não hesite a devotar-se totalmente a Cristo; pois quem vacilar outra coisa não é senão alguém de mente negligente. Mas, ao dizer "temos", ele se refere a si próprio e aos demais mestres, tanto quanto aos seus discípulos. Os apóstolos tinham os profetas como os patronos de sua doutrina; os fiéis, igualmente, buscavam neles a confirmação do evangelho. Sinto-me mais disposto a assumir este ponto de vista, porque ele fala de toda a igreja, e faz de si mesmo um dentre outros. Ao mesmo tempo, ele se refere mais especialmente aos judeus, os quais estavam bem familiarizados com a doutrina dos profetas. E daí, como penso, ele chamar sua palavra *mais certa* ou mais sólida.

Pois aqueles que tomam o comparativo por uma confirmação, isto é, "mais certo", por "certo", não consideram suficientemente todo o contexto. O sentido fica também forçado, quando se diz ser "mais certo", porque Deus realmente completou o que havia prometido acerca de seu Filho. Pois a verdade do evangelho é aqui simplesmente provada por um testemunho duplo: que Cristo foi supremamente aprovado pela solene declaração de Deus, e então todas as profecias dos profetas confirmaram a mesma coisa. Mas, à primeira vista parece estranho que se dissesse que a palavra dos profetas veio a ser mais certa ou mais firme do que a voz que veio do santo monte do próprio Deus; pois, antes de tudo, a autoridade da palavra de Deus é a

mesma desde o princípio; e, em segundo lugar, foi mais confirmada, do que anteriormente, pela vinda de Cristo. Mas, a solução deste nó não é difícil; pois aqui o apóstolo tinha em pauta sua própria nação, a qual estava bem familiarizada com os profetas, e sua doutrina foi recebida sem qualquer disputa. Como, pois, os judeus não lançavam em dúvida de que tudo quanto os profetas ensinaram procedera do Senhor, não surpreende que Pedro dissesse que sua palavra era mais certa. A antiguidade também granjeia alguma reverência. Além disso, há algumas outras circunstâncias que devem ser observadas; particularmente, que não se pode nutrir nenhuma suspeita quanto àquelas profecias nas quais o reino de Cristo há muito fora predito.

Aqui, pois, a questão não é se os profetas merecem mais crédito do que o evangelho; Pedro, porém, considerava apenas isto: mostrar quanta deferência os judeus davam aos que consideravam os profetas como fiéis ministros de Deus, e que tinham sido educados, desde a infância, em sua escola.[118]

À qual fazeis bem em levar a sério. De fato, esta passagem é acompanhada de alguma dificuldade muito séria; pois é possível que se indague qual é o dia mencionado por Pedro. Para alguns, é como se fosse o claro conhecimento de Cristo, quando os homens aquiescem plenamente no evangelho; e explicam *trevas* como que existindo quando, por ora, hesitam em suspense, e a doutrina do evangelho não é recebida como incontestável; como se Pedro louvasse aqueles judeus que viviam buscando Cristo na Lei e nos Profetas, e continuavam avançando rumo ao Sol da Justiça, através da luz precedente de Cristo, como foram louvados por Lucas, os quais, tendo ouvido a pregação de Paulo, examinaram a Escritura para ver se o que ele dizia era verdadeiro [At 17.11].

Neste ponto de vista, porém, há, antes de tudo, uma inconsistência, porque assim é como se o uso das profecias se confinasse a um curto tempo, como se fossem supérfluas,

quando se visualiza a luz do evangelho. Fosse alguém objetar e dizer que isto não procede necessariamente, porque *até que* nem sempre denota o fim. A isto digo que, em mandamentos, não pode ser tomado de outra forma: "Andai, até que vossa trajetória termine"; "Lutai, até vencerdes". Em tais expressões, vemos, indubitavelmente, que se especifica certo tempo.[119] Mas, se eu fosse admitir este ponto: que a leitura dos profetas não é assim totalmente descartada, contudo cada um veria quão insípida é esta recomendação: que os profetas são sem proveito até que Cristo se nos revele; pois seu ensino necessariamente nos visa até o fim da vida. Em segundo lugar, devemos ter em mente que era a eles que Pedro falava, pois ele não estava instruindo a ignorantes e a novatos, os quais estivessem ainda como que nos primeiros rudimentos; mas àqueles a respeito de quem ele testificara antes, que haviam obtido a mesma fé preciosa, e foram confirmados na presente verdade. Seguramente, as densas trevas da ignorância não podiam ser atribuídas a tais pessoas. Bem sei que alguns alegam que nem todos tinham feito o mesmo progresso, e que aqui são admoestados os principiantes que ainda continuavam buscando a Cristo.

Mas, como à luz do contexto se faz evidente que as palavras foram dirigidas às mesmas pessoas, a passagem deve ser necessariamente aplicada aos fiéis que já haviam conhecido a Cristo, e se tornaram participantes da verdadeira luz. Portanto, estendo essas trevas mencionadas por Pedro a todo o curso da vida e *o dia* considero quando então *brilhará* sobre nós quando contemplarmos face a face o que agora vemos através de um espelho, obscuramente. Cristo, o Sol da Justiça, de fato resplandece no evangelho; mas as trevas da morte sempre possuirão, em parte, nossas mentes, até que sejamos tirados da prisão da carne, e sejamos traslados para o céu. Este, pois, será o resplendor do dia quando nenhuma nuvem ou névoa de ignorância interceptará o radiante brilho do Sol.

E, indubitavelmente, estamos ainda longe do dia perfeito, quando nossa fé proceder da perfeição. Portanto, não surpreende que o estado da presente vida seja chamado trevas, visto que estamos muito distantes daquele conhecimento para o qual o evangelho nos convida.[120]

Em suma, Pedro nos lembra que, enquanto formos peregrinos neste mundo, temos necessidade da doutrina dos profetas como uma luz orientadora; a qual, sendo extinta, nada mais podemos fazer senão vaguear em meio às trevas; pois ele não dissocia as profecias do evangelho, quando nos ensina que elas brilham para mostrar-nos o caminho. Seu objetivo era apenas nos ensinar que todo o curso de nossa vida deve ser orientado pela palavra de Deus; pois, de outro modo, seríamos envolvidos, de todos os lados, pelas trevas da ignorância; e o Senhor não se irradia sobre nós, exceto quando tomamos sua palavra como nossa luz.

Mas ele não usa a comparação, *luz*, ou lâmpada, para notificar que a luz é pequena e vaga, mas para fazer com que estas duas coisas correspondessem – que estamos sem luz e que não podemos manter-nos no caminho certo, mais do que aqueles que se extraviam na noite escura; e que o Senhor traz um remédio para este mal, quando ele acende uma tocha para guiar-nos no meio das trevas.

O que imediatamente adiciona com respeito à *estrela da alva*, contudo não parece totalmente ajustável a esta explanação; pois o conhecimento real, para o qual avançamos ao longo da vida, não pode ser chamado o alvorecer do dia. A isto respondo que diferentes partes do dia são comparadas juntas, mas o dia inteiro, em todas suas partes, é posto em oposição às trevas, que transbordariam totalmente sobre todas nossas faculdades, não fosse o Senhor vindo em nosso auxílio pela luz de sua palavra.

Esta é uma passagem notável: dela aprendemos como Deus nos guia. Os papistas, de quando em quando, têm em sua boca que a igreja não pode errar. Ainda que a palavra seja

negligenciada, contudo imaginam que ela é guiada pelo Espírito. Pedro, porém, ao contrário, notifica que todos quantos não atentam para a luz da palavra estão imersos em trevas. Portanto, exceto que você resolva espontaneamente se precipitar num labirinto, cuide-se especialmente de não se afastar, mesmo que seja numa mínima coisa, da norma e diretriz da palavra. Mais ainda, a igreja não pode seguir a Deus, como seu guia, a menos que observe o que a palavra prescreve.

Nesta passagem, Pedro condena ainda toda a sabedoria dos homens, a fim de que aprendamos humildemente a buscar, diferentemente de nosso próprio entendimento, o verdadeiro caminho do conhecimento; porque, sem a palavra, nada é deixado aos homens senão trevas.

É preciso notar algo mais do que ele pronuncia sobre a clareza da Escritura; pois o que é dito seria um falso elogio, não fosse a Escritura apta e adequada para mostrar-nos, com certeza, o caminho certo. Portanto, quem quer que abra bem seus olhos, pela obediência da fé, pela experiência sabe bem que a Escritura não foi em vão denominada de luz. É verdade que nos incrédulos ela é obscura; mas aqueles que são relegados à destruição são cegos por seu próprio arbítrio. Execrável, pois, é a blasfêmia dos papistas, os quais pretendem que a luz da Escritura nada faz senão ofuscar os olhos, a fim de afastar os simples de sua leitura. Mas não surpreende que os homens orgulhosos, inchados com o ar da falsa confiança, não percebem aquela luz com a qual o Senhor favorece os pequeninos e os humildes. Com um elogio semelhante, Davi, nos Salmos 19 e 119, enaltece a lei de Deus.

20. Sabendo primeiramente isto. Aqui Pedro passa a mostrar como nossa mente deve ser preservada, se realmente queremos fazer progresso no conhecimento bíblico. Ao mesmo tempo pode haver aqui duas interpretações, se você lê ἐπηλύσεως, como alguns fazem, que

significa ocorrência, impulso; ou, como o tenho traduzido, ἐπιλύσεως, interpretação. Mas, quase todos têm dado esta interpretação: que não devemos precipitar-nos de ponta cabeça e temerariamente, quando lemos a Escritura, confiando em nosso próprio entendimento. Pensam que segue a confirmação disto, porque o Espírito que falou pelos profetas, é o único genuíno intérprete de si mesmo.

Esta explicação contém uma doutrina verdadeira, santa e proveitosa – que então as profecias só são lidas com proveito quando renunciamos a mente e as emoções da carne, e nos submetemos ao ensino do Espírito; mas que é uma ímpia profanação dela quando, arrogantemente, confiamos em nossa própria perspicácia, julgando ser isso suficiente para nos capacitar a entendê-la, ainda que os mistérios contenham coisas ocultas de nossa carne e sublimes tesouros de vida que excedem em muito nossas capacidades. E isto é o que já dissemos: que a luz que brilha nela atinge somente os humildes.

Os papistas, porém, são duplamente tolos, quando concluem, à luz desta passagem, que nenhuma interpretação de um homem particular deve ser julgada autoritativa. Porquanto pervertem o que Pedro diz, para que possam reivindicar para seus próprios concílios o principal direito de interpretar a Escritura; nisto, porém, agem infantilmente, pois Pedro chama interpretação *particular*, não aquela de cada indivíduo, a fim de proibir a pessoa de interpretar, mas ele mostra que tudo quanto os homens apresentam de propriamente seu é maculado. Fosse, pois, o mundo inteiro unânime, e fossem as mentes de todos os homens uniformes, no entanto, o que procedesse deles seria particular ou propriamente seu; pois a palavra é, aqui, posta em oposição à revelação divina; de modo que os fiéis, interiormente iluminados pelo Espírito Santo, nada reconhecem senão o que Deus diz em sua palavra.

Não obstante, outro sentido parece-me mais simples, a

saber: que Pedro diz que a Escritura não veio de homem, ou através de sugestões humanas. Pois você nunca se chegará bem preparado para lê-la, a não ser que você venha com reverência, obediência e docilidade; mas tal reverência só existe quando nos convencemos de que Deus nos fala, e não homens mortais. Então Pedro nos convida especialmente a crer nas profecias como os oráculos indubitáveis de Deus, porque não emanaram das sugestões particulares dos próprios homens.[121]

Ao mesmo propósito é o que segue imediatamente: *mas homens santos de Deus falaram* como que *movidos pelo Espírito Santo*. Não fizeram isso de si mesmos, ou segundo sua vontade, enunciando tolamente suas próprias invenções. O significado é que o princípio do conhecimento correto é dar aos santos profetas aquele crédito que é devido a Deus. Ele os chama *homens santos de Deus*, porque executaram fielmente o ofício que lhes fora confiado, tendo mantido a pessoa de Deus em suas ministrações. Ele diz que foram *movidos* – não que fossem privados da mente (como os gentios imaginavam seus próprios profetas), mas porque não ousaram anunciar algo por si próprio, e obedientemente seguiram o Espírito como seu guia, o qual governava suas bocas como se fosse seu próprio santuário. Entendo *profecia da Escritura* aquilo que está contido nas Sagradas Escrituras.

---

103. Simeão, e não Simão é o nome dado aqui, ainda que umas poucas cópias e a Vulgata tragam Simão. Seu nome, em outros lugares, tem ambas as formas (conferir Lc 5.8; At 15.14). Não está explícito por que na primeira Epístola ele se denomina de Pedro, e, aqui, Simeão Pedro.

104. Muitos têm sustentado que a tradução destas palavras deve ser esta: "de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo", o artigo antes de "Deus" não sendo reiterado antes de "Salvador". Neste caso, o ἐν, antes de "justiça", deve ser traduzido "em"; pois é mais próprio dizer que a fé está *em*, e não *através de* a justiça de Cristo. Este, aqui, é assim chamado Deus, bem como Salvador; e assim ele é chamado "nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo", em 3.18, o artigo sendo usado da mesma maneira.

105. A conexão aqui é considerada de modo variado. Nossa versão e Calvino parecem conectar este versículo com o precedente, neste sentido: que o apóstolo

ora pelo aumento da graça e da paz com base na consideração do que Deus já fez, ou em conformidade com seus benefícios prévios. Outros, talvez mais corretamente, veem este versículo em conexão com o quinto, e traduzem ὡς, "visto que" e o início do versículo 5, "vós também, por esta razão, com toda diligência, aumentam", etc., isto é, "visto que Deus já fez tão grandes coisas por vós, por esta razão devem também ser diligentes em aumentar vossa fé e virtude", etc. Mas ὡς e καὶ podem ser traduzidas *como* e *assim*. Conferir Atos 7.51: "Como seu poder divino .... assim, por esta razão, com toda diligência, acrescentando", etc.

106. A ordem é segundo a que é comum na Escritura; a coisa principal é mencionada primeiro, e então a que conduz a ela.

107. O texto aceito sem dúvida contém a redação genuína. A palavra ἀρετὴ nunca significa "poder", nem nos clássicos, nem na Septuaginta, nem no Novo Testamento. Beza, bem como Schleusner, consideram διὰ como que expressando a causa final, *para*; é também usado no sentido de "por causa de", ou "na conta de". "Glória e virtude" estão numa ordem semelhante que as palavras anteriores, "vida e santidade", e também na mesma ordem que as palavras conclusivas do versículo seguinte, "participantes da natureza divina" e "escapando das corrupções do mundo". De modo que há uma correspondência à ordem das palavras por toda a passagem. Com respeito a δι ' ὧν, a tradução pode ser "por causa dos quais", isto é, para o propósito de conduzir-nos à "glória e virtude" muitas e preciosas promessas têm sido dadas; e, então, a conclusão do versículo expressa o objetivo em outras palavras, para que, por meio dessas promessas, nos tornemos participantes da natureza divina, tendo escapado das poluições do mundo. Escapar da corrupção do mundo é "santidade", é "virtude"; e participar da natureza divina é "vida", é "glória". Esta correspondência completa confirma o significado que Beza e nossa versão dão da preposição διὰ, no final do terceiro versículo.

108. Alguns, como Warburton, mui engenhosamente tentou mostrar que aqui há uma ordem e gradação regulares; porém não é a ordem de causa e efeito. Mencionam-se coisas diferentes, e o que se acrescenta tem, de uma ou outra maneira, conexão com a palavra anterior. À fé se acrescenta virtude ou conduta moral; para que a virtude seja corretamente formada, acrescenta-se conhecimento; para que o conhecimento seja conquistado, acrescenta-se temperança; para que a temperança seja contínua, acrescenta-se paciência ou perseverança; para que a perseverança seja retida, acrescenta-se piedade, isto é, oração a Deus; para que a piedade não fique só, acrescenta-se benignidade fraternal; e para que a benignidade fraternal seja aumentada, acrescenta-se amor a todo gênero humano. A palavra adicionada tem conexão com a palavra imediatamente anterior, como caminho, meio ou adição.

109. A questão do livre-arbítrio não pertence propriamente a esta passagem; pois o apóstolo escreve, não aos que estão em seu estado natural, e sim aos que já são consideradas novas criaturas. A questão do livre-arbítrio deve confinar-se à conversão, e não se estende ao estado dos que já se converteram. O décimo Artigo da Igreja da Inglaterra quase satisfaz a questão, contudo não plenamente; ele atribui o desejo de conversão mais distintamente a Deus, e afirma que o

homem não pode converter-se; mas não diz expressamente se o homem pode resistir a boa vontade que lhe é dada, a qual é o próprio cerne da questão. Ele, porém, diz mais que a graça de Deus, por Cristo, "opera conosco quando temos essa boa vontade", o que por certo parece implicar que a boa vontade anteriormente concedida se torna por isso eficaz. Se há, pois, certa cooperação (como sem dúvida há), é a cooperação, em conformidade com este Artigo, da boa vontade anteriormente concedida, e não de algo inerente no homem.

110. "Ele é cego (*manu palpans*), apalpando com a mão", é de Calvino; a Vulgata traz *manu tentans*, "sentindo com a mão"; a palavra original, porém, significa "fechando os olhos", de acordo com os gramáticos gregos Hesíquio [de Alexandria] e Suídas: "Ele é cego, fechando seus olhos".

111. Não há autoridade suficiente para introduzi-las. Além disso, não há necessidade delas, pois a palavra ταῦτα, "estas coisas", tem sido amiúde reiterada previamente, e se refere às coisas mencionadas nos versículos 5, 6 e 7.

112. A ordem é como às vezes encontramos: primeiro, o efeito visível, e então a causa, como em Romanos 10.9; menciona-se primeiramente a confissão, o ato ostensivo, e então a fé, que a precede. Assim aqui, menciona-se primeiramente a vocação, o efeito produzido, e então a eleição, a causa dela; como se ele quisesse dizer: "Fazei vossa vocação indubitável, a qual procedeu de vossa eleição".

113. Paulo, no início deste capítulo, compara nosso estado neste mundo num corpo transitório com nosso estado superior após a ressurreição num corpo glorificado, e não leva em conta o tempo interveniente entre a morte e a ressurreição. Ao ter isto em vista, a passagem como um todo, de outra forma obscura, transparecerá com muita clareza. Ele fala de ser despido e vestido, isto é, de ser despido de um corpo e de vestir-se de outro; e, consistentemente com esta visão, ele fala de não ser encontrado nu, isto é, sem um corpo como cobertura.

114. Tem-se discutido se ele aqui faz referência ao que está registrado em João 21.18, 29, ou a uma nova revelação. Esta última era a opinião de alguns dos Pais antigos; e não sem razão, pois em João o que se menciona é a *maneira* desta morte; aqui, porém, a proximidade dela – duas coisas totalmente distintas.

115. O verbo σοφίσω, uma vez usado por Paulo em 2 Timóteo 3.15, significa "tornar-se sábio", e neste sentido é usado na Septuaginta; e pode ter propriamente um significado similar aqui, "mitos (ou fábulas) feitos sábios", ou feitos para parecer sábios – uma profissão ainda em andamento no mundo. A idéia de astúcia e sutileza é a que lhe é dada nos clássicos.

116. Temos a mesma ordem que nos vários exemplos prévios; primeiro, "poder"; então, "vinda". É o estilo peculiar da Escritura.

117. *Espectadores*, ἐπόπται, observadores, inspetores, supervisores: indica os que não só vêem ou contemplam uma coisa, mas que atentamente a observa. É mais enfático do que αὐτόπται, "testemunhas oculares".

118. Muito se tem escrito sobre este tema; e a dificuldade tem surgido de uma construção equivocada da passagem, que literalmente é como segue: "E temos mais firme a palavra profética", Καὶ ἔχομεν βεβαιότερον τὸν προφητικὸν λόγον, isto é, temos tornado mais firme a palavra profética. Isto é confirmado pelo que segue;

pois a palavra profética é comparada a “uma luz que brilha num lugar escuro” e, portanto, não clara nem firme até cumprir-se; mas fizeram bem em atender a esta luz até que a plena luz do evangelho brilhasse em seus corações. Segundo Scott, a referência aqui evidentemente é à experiência dos cristãos, em seu conhecimento real das verdades divinas; pois deviam estar em seus corações, antes de estar diante de seus olhos. Uma grande porção de estudo se tem gasto, sem nenhum propósito, sobre esta passagem. A maioria tem tomado por admitido que “o poder e a vinda de nosso Senhor”, mencionado no versículo 16, é uma referência à sua segunda vinda, quando a passagem como um todo se refere só e expressamente à sua primeira vinda. E sobre esta suposição gratuita e falsa está fundada a bem elaborada exposição de Sherlock, Horsley, entre outros.

119. Não há mandamento aqui. O apóstolo apenas aprova o que estavam fazendo: “À qual fazeis bem em levar a sério”.

120. O apóstolo não fala do dia perfeito, mas da aurora dele, e a estrela da manhã é aquela que anuncia o dia perfeito. O evangelho é a aurora e a estrela da manhã, comparado com a luz bruxuleante da profecia, e comparado também com o dia perfeito do reino celestial. A profecia é ainda útil; pois seu cumprimento, encontrado no evangelho, corrobora grandemente a fé.

121. Há principalmente três traduções desta passagem: (1) “Nenhuma profecia da Escritura provém de um impulso [ou invenção] particular”; (2) “Nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação própria”, isto é, é seu próprio intérprete; (3) “Nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação privada”, isto é, não deve ser interpretada segundo as fantasias humanas, mas segundo a palavra de Deus e a diretriz de seu Espírito. Ora, qual destas corresponde ao contexto? Evidentemente, a primeira; as outras duas não encontram na passagem nenhuma correspondência. O versículo seguinte, evidentemente, é explicativo desta sentença, a qual, à primeira vista, parece determinar seu significado; e, como amiúde é o caso na Escritura, a explicação é feita negativa e positivamente. A profecia *não* proveio da vontade humana; ela veio do Espírito de Deus. Além disso, a importância anexa ao anúncio, “sabendo especialmente isto”, não é tão claramente corroborado pela primeira exposição, porque, o fato de que a profecia não proveio do homem, é outra coisa na questão, enquanto as outras exposições contêm somente coisas de importância subordinada. E assim o que vai antes e vem depois tende a confirmar o mesmo conceito. Se tomarmos a redação como conjetura (que só difere da outra numa pequena letra), ou aquela que está presente em todos os manuscritos, é possível admitir o significado que se tem dado. Ou há um ἐκ, “de”, subentendido, ou a palavra *profecia* tem de ser repetida: “Nenhuma profecia da Escritura é uma *profecia* de explicação pessoal de alguém”; ou interpretação, isto é, quanto às coisas futuras. Calvino foi seguido, em seu ponto de vista desta passagem, entre outros, por Grotius, Doddridge e Macknight.

Capítulo 2

1. Mas houve também entre o povo falsos profetas, como haverá também entre vós falsos mestres, os quais introduzirão secretamente heresias condenáveis, a ponto de negarem o Senhor que os comprou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição.
2. E muitos seguirão seus caminhos perniciosos; por cuja razão o caminho da verdade será infamado.
3. E através de avareza farão comércio de vós com palavras fingidas; cujo juízo, já de longa data, não tarda, e sua condenação não dormita.

1. Fuerunt autem et falsi prophetae in populo, sicuti et inter vos erunt falsi doctores, qui subinducent sectas perditionis, et etiam Dominum qui eos redemit abnegantes, accersentes sibi celerem interitum.
2. Et multi sequentur eorum exitia, per quos via veritatis blasphemabitur;
3. Et in avaritia fictis sermonibus de vobis negotiabuntur; quorum judicium pridem non cessat, et quorum perditio non dormitat.

1. Mas houve. Como as consciências fracas costumam sentir-se muito dolorosa e perigosamente abaladas, assim que surgem falsos mestres, os quais ou corrompem ou mutilam a doutrina da fé, era necessário que o apóstolo, enquanto busca encorajar os fiéis à perseverança, removesse do caminho uma ofensa desse gênero. Ademais, ele confortou aqueles para quem escrevia, e os confirmou por este argumento: que Deus sempre testou e provou sua igreja com tentação como esta, a fim de que as novidades não perturbassem seus corações. “A condição”, diz ele, “da igreja, sob o evangelho, não será diferente da que outrora ela experimentou sob a lei; falsos profetas perturbaram a antiga igreja; a mesma situação deve ser também experimentada por nós”.

Era expressamente necessário demonstrar isto, porque muitos imaginavam que a igreja deve desfrutar de tranquilidade sob o reinado de Cristo; porque, como os profetas prometeram que em sua vinda haveria paz real, o

mais elevado grau de sabedoria celestial, e a plena restauração de todas as coisas, pensavam que a igreja não seria mais exposta a qualquer controvérsia. Lembremo-nos, pois, que o Espírito de Deus declarou uma vez por todas que a igreja jamais estará livre deste mal interno; e que esta semelhança esteja continuamente na mente: que a prova de nossa fé deve assemelhar-se à dos pais, e pela mesma razão – para que, desta forma, se faça evidente se realmente amamos a Deus, como achamos escrito em Deuteronômio 13.3.

Aqui, porém, não é necessário referir-se a cada exemplo desse gênero; basta, em suma, saber que, como os pais, devemos nos opor contra as falsas doutrinas, que nossa fé de modo algum seja abalada em virtude de discórdias e seitas, porque a verdade de Deus permanecerá inabalável, a despeito das violentas agitações pelas quais Satanás tudo faz para deixar em ruína todas as coisas.

Observe-se ainda que Pedro não faz menção de nenhum tempo em particular, ao dizer que *haverá falsos mestres*, senão que se acham inclusas todas as eras; pois aqui ele faz uma comparação entre os cristãos e o povo antigo. Devemos, pois, aplicar esta verdade aos nossos próprios dias, para que, quando virmos falsos mestres se erguendo em oposição à verdade de Deus, essa provação não nos lance por terra. Mas o Espírito nos traz à memória, para que estejamos mais atentos; e toda a descrição que segue visa ao mesmo propósito.

Aliás, ele não pinta cada seita com suas próprias cores, mas particularmente se refere aos homens profanos que manifestavam seu desdém contra Deus. Aliás, o conselho é geral: para que sejamos prudentes quanto aos falsos mestres; mas, ao mesmo tempo, ele selecionou um tipo desses tais, de quem surgiria o maior perigo. O que lemos aqui mais adiante se tornará ainda mais evidente à luz das palavras de Judas, o qual trata exatamente do mesmo tema.

Que introduzirá secretamente. Com estas palavras ele realça a astúcia de Satanás e a de todos os ímpios que

militam sob sua bandeira, os quais se deslizariam furtivamente por desvios sinuosos, e como que se escondendo sob o solo.[122] Tanto mais vigilantes, pois, devem ser os santos, de modo que possam escapar às suas fraudes ocultas. Porque, por mais insinuantes sejam eles, não podem enganar os que estão cuidadosamente vigilantes.

Ele as denomina de *opiniões de perdição*, ou *opiniões destrutivas*, para que cada um, solícito por sua salvação, se acautele de tais opiniões como se fossem as pestes mais nocivas. Quanto à palavra *opiniões* ou heresias, não sem razão, elas sempre foram consideradas pelos filhos de Deus como infames e odiosas; pois o vínculo da santa unidade é a simples verdade. Tão logo nos separamos dela, nada resta senão pavorosas discórdias.

A ponto de negar o Senhor que os comprou. Ainda que Cristo seja negado de várias maneiras, contudo Pedro, como penso, aqui se refere ao que está expresso por Judas, isto é, quando a graça de Deus se converte em lascívia; pois Cristo nos redimiu, para que ele tenha um povo separado de todas as contaminações do mundo, e devotado à santidade e inocência. Aqueles, pois, que repelem o freio, e se entregam a todo tipo de licenciosidade, não é sem razão que é dito negarem a Cristo por quem foram redimidos. Daí, para que a doutrina do evangelho permaneça integral e completa em nosso meio, que isto esteja bem fixado em nossa mente: que já fomos redimidos por Cristo, para que ele fosse o Senhor de nossa vida e de nossa morte, e que nosso principal objetivo seja viver para ele e morrer por ele. Ele, pois, diz que sua *repentina destruição* estava próxima, para que outros não fossem enredados por eles.[123]

2. E muitos seguirão. Deveras não é leve ofensa para com os fracos, quando percebem que as falsas doutrinas são recebidas pelo consenso comum do mundo, que um grande número de pessoas é desviado, de modo que poucos prosseguem na verdadeira obediência a Cristo. E assim,

nestes dias, nada há que mais perturba violentamente as mentes piedosas do que tal apostasia. Porque, dificilmente um em dez, dos que uma vez fizeram profissão [de fé] em Cristo, retém a pureza da fé até o fim. Quase todos se bandeiam para as corrupções e, sendo iludidos pelos mestres da licenciosidade, se tornam profanos. Para que isso não fizesse nossa fé mais vacilante, Pedro vem em nosso socorro e, no devido tempo, prediz que esta mesma coisa entraria em cena, isto é, que os falsos mestres arrastariam muitos à perdição.

Mas existe uma dupla redação inclusive nas cópias gregas; pois alguns leem “lascívia”; outros, “perdição”. Não obstante, tenho seguido o que a maioria tem aprovado.[124]

Por cuja razão o caminho da verdade. Considero isto como tendo sido dito por esta razão: porque, como a religião é adornada quando os homens aprendem a temer a Deus, a manter uma vida de retidão, uma conduta casta e virtuosa, ou quando, pelo menos, a boca dos perversos é fechada, para que não falem mal do evangelho; assim, quando as rédeas são soltas, e se pratica todo gênero de licenciosidade, o nome e a doutrina de Cristo são expostos aos opróbrios dos ímpios. Outros dão uma explicação diferente: que esses falsos mestres, como cães imundos, ladravam contra a sã doutrina. Mas as palavras de Pedro parecem-me, ao contrário, notificar que esses dariam ocasião a que os inimigos assaltassem insolentemente a verdade de Deus. Ainda, pois, que eles mesmos não assaltariam a fé cristã com calúnias, contudo armariam outros com os meios de censurá-la.

3. Com palavras fingidas. Pedro usou de todos os meios para tornar os fiéis descontentes com os mestres ímpios, para que pudessem resisti-los mais resolutamente e mais constantemente. É algo especialmente odioso quando nos expomos à venda, como escravos desprezíveis. Mas ele testifica que isto é feito quando alguém nos seduz para longe

da redenção de Cristo. Ele denomina de *palavras fingidas* as que são formadas engenhosamente com o intuito de enganar.[125] A menos, pois, que alguém seja tão mau a ponto de vender a salvação de sua alma aos falsos mestres, então que ele feche todo caminho que conduz às suas invenções perversas. Para o mesmo propósito, como previamente reiterara, que sua destruição não tarda, isto é, que ele pudesse afugentar os bons de sua companhia. Porque, visto que foram entregues a uma súbita destruição, cada um que se relacionasse com eles deveriam perecer com eles.

4. Porque, se Deus não poupou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias de escuridão, ficando reservados para o juízo;
5. E não poupou o mundo antigo, mas salvou a Noé, a oitava pessoa, pregador da justiça, introduzindo o dilúvio sobre o mundo dos ímpios;
6. E convertendo as cidades de Sodoma e Gomorra em cinzas, condenou-as à destruição, fazendo-as um exemplo para os que, depois, vivessem impiamente;
7. E livrou o justo Ló, exasperado com a imunda conversação dos perversos;
8. (Porque aquele homem justo, habitando entre eles, vendo e ouvindo, afligia sua alma justa dia após dia, com seus feitos ilícitos).

4. Si enim Angelis qui peccaverant, Deus non perpercit, sed catenis caliginis in tartarum praecipitatos tradidit servandos in judicium;
5. Et prisco mundo non pepercit, sed octavum justitiae praeconem Noe servavit, dilúvio in mundum impiorum inducto;
6. Et civitates Sodomorum et Gomorrhae in cinerem redactas, subversione damnavit, easque statuit exemplum iis qui impiè acturi forent;
7. Et justum Lot qui opprimebatur à nefariis per libidinosam conversationem eripuit;
8. Nam oculis et auribus justus ille, quum habitaret inter ipsos quotidie animam justam iniquis illorum operibus excruciabat.

4. Porque, se. Já declaramos o quanto nos cabe saber que os ímpios, que, por suas opiniões equivocadas corrompem a igreja, não podem escapar à vingança de Deus; e ele prova isto especialmente mediante três exemplos notáveis do juízo de Deus: que ele não poupou nem mesmo a anjos; que uma vez ele destruiu o mundo inteiro mediante um dilúvio; que ele reduziu Sodoma a cinzas, bem como outras cidades adjacentes. Pedro, porém, pensava ser suficiente tomar como certo o que jamais deve ser posto em dúvida por nós, isto é, que Deus é o Juiz do mundo inteiro. Daí se segue que o castigo que infligira outrora sobre os ímpios e perversos, também agora infligirá sobre os indivíduos que agem da

mesma forma. Pois ele jamais se contraditará, nem faz acepção de pessoas, a ponto de perdoar a mesma perversidade em alguém, que ele já puniu em outro; mas odeia a injustiça e erros semelhantes, sempre que os encontra.[126]

Pois é preciso que tenhamos sempre em mente que há certa diferença entre Deus e os homens; pois estes deveras julgam desigualmente; Deus, porém, mantém o mesmo curso no juízo. Pois, o fato de ele perdoar pecados, isso é feito porque ele os apaga através do arrependimento e fé. Ele, pois, não se reconcilia conosco de outra maneira, senão por nos justificar; porque, até que o pecado seja removido, há sempre ocasião de discordância entre nós e ele.

Quanto aos *anjos*. O argumento é do maior para o menor; pois eles eram muito mais excelentes do que somos, e, no entanto, sua dignidade não os impediu das mãos de Deus; muito menos, então, o podem homens mortais, quando os seguem em sua impiedade. Mas, como Pedro menciona aqui, em termos breves, da queda dos anjos, e como ele não designou o tempo e a maneira, bem como outras circunstâncias, cabe-nos falar sobriamente sobre o tema. Muitos homens são curiosos e fazem intermináveis investigações sobre essas coisas; visto, porém, que Deus, na Escritura, tocou só de leve nelas, e, por assim dizer, no que interessava, assim ele nos lembra que devemos viver satisfeitos com este pequeno conhecimento. E, de fato, quem curiosamente inquire, sem levar em conta a edificação, apenas busca satisfazer suas almas com inúteis especulações. O que nos é útil Deus tem feito conhecido, isto é, que os demônios foram criados no início para que servissem e obedecessem a Deus, porém que, através de seu próprio erro, apostataram, porque não se submeteram à autoridade de Deus; e que, assim, a perversidade encontrada neles foi acidental, e não proveniente da natureza, de modo que não poderia ser atribuída a Deus.

Tudo isso Pedro afirma muito claramente, ao dizer que os anjos caíram, a despeito de serem superiores aos homens; e Judas é ainda mais expressivo quando escreve que não conservaram seu primeiro estado, ou sua preeminência. Os que não ficarem satisfeitos com esses testemunhos, então que recorram à teologia da Sorbonne, a qual lhes ensinará fartamente acerca dos anjos, tanto que os precipitará no inferno juntamente com os demônios.

Cadeias e trevas. Esta metáfora notifica que são mantidos presos em trevas, até o último dia. E a comparação é extraída dos malfeitores que, tendo sido condenados, sofrem em razão de seu castigo, pela severidade da prisão, até que daí saiam para seu julgamento final. Disso podemos aprender não só que punição os perversos sofrem após a morte, mas também qual é a condição dos filhos de Deus; pois serenamente concordam na esperança da bem-aventurança certa e perfeita, embora ainda não desfrutem dela; enquanto aqueles sofrem terríveis agonias em virtude da vingança preparada para eles.

5. O mundo antigo. A suma do que ele diz é que Deus, depois de haver afogado a raça humana, formou outra vez, por assim dizer, um novo mundo. Este é também um argumento do maior para o menor; porque, como pode o perverso escapar ao dilúvio da ira divina, visto que o mundo inteiro foi uma vez destruído por ela? Pois, ao dizer que somente oito foram salvos, ele notifica que uma multidão não seria um escudo contra Deus a proteger os perversos; mas que todos quantos pecam serão punidos, sejam poucos ou muitos em número.

Mas é possível que alguém indague por que ele chama Noé *o pregador da justiça*. Há quem entenda que ele era o pregador da justiça de Deus, visto que a Escritura enaltece a justiça de Deus, porquanto ele defende os seus e os restaura, quando mortos, à vida. Eu, porém, antes penso que ele é chamado o pregador da justiça porque labutou para restaurar um mundo degenerado a uma mente sã, e isto não

só por sua pregação e santas exortações, mas também por seu ansioso labor para construir a arca ao longo de cento e vinte anos. Ora, o desígnio do apóstolo é pôr diante de nossos olhos a ira de Deus contra os perversos, visando a nos encorajar, ao mesmo tempo, a imitarmos os santos.[127]

6. As cidades de Sodoma. Este foi um exemplo tão memorável da vingança divina, que, quando a Escritura fala da destruição universal dos ímpios, comumente ela alude a isto como o tipo. Daí Pedro dizer que essas cidades vieram a ser um exemplo. Isso pode, de fato, ser dito verdadeiramente de outras; Pedro, porém, realça algo singular, porque ela era a principal e uma imagem viva; sim, mais ainda, porque o Senhor designou que sua ira contra os ímpios viria a ser conhecida em todas as eras; como quando ele redimiu seu povo do Egito, ele nos exibiu, por aquele singular favor, a perene segurança de sua igreja. Judas também expressou a mesma coisa, chamando-o o castigo de fogo eterno.

8. Vendo e ouvindo. A explicação comum é que Ló era justo em seus olhos e ouvidos, porque todos os seus sentidos repugnavam os vícios de Sodoma. Não obstante, pode-se assumir outro ponto de vista de sua visão e audição, chegando a formular o seguinte significado: que, quando aquele justo vivia entre os sodomitas, ele atormentava sua alma, vendo e ouvindo; pois bem sabemos que ele se constrangia em ver e ouvir muitas coisas que atormentavam profundamente sua mente. O propósito do que se diz então é que, embora o santo homem estivesse cercado de todo tipo de monstruosa perversidade, contudo nunca se afastou de sua trajetória correta.

Pedro, porém, expressa mais do que antes, a saber, que o justo Ló suportava os sofrimentos voluntariamente; como é certo que todos os santos sentem não pouca tristeza quando vêem o mundo se precipitando a todo gênero de mal, por isso se faz ainda mais necessário que lamentem por seus próprios pecados. E Pedro mencionou isto expressamente,

para que, quando a impiedade prevalecesse por toda parte, não nos façamos cativos nem nos embebedemos pelas fascinações dos vícios, nem pereçamos juntamente com os demais, mas para que tenhamos em preferência esta tristeza, abençoada pelo Senhor, a todos os prazeres do mundo.

9. O Senhor sabe como livrar das tentações os piedosos, e reservar os injustos para o dia do juízo, para que sejam punidos;	9. Novit Dominus pios ex tentatione eripere; injustos autem indiem judicii puniendos servare;
10. Mas principalmente aqueles que andam segundo a carne, em concupiscência de imundícia, e desprezam governo; são presunçosos, egoístas, não temem falar mal de dignidades;	10. Praesertim vero eos qui post carnem in cocupiscentia pollutiones ambulant, dominationem despiciunt, audaces, praefracti, qui excellentias non verentur probro afficere;
11. Enquanto os anjos, que são maiores em poder e força, não pronunciaram contra eles nenhuma acusação diante do Senhor.	11. quum angeli, qui sunt robore et potentia majores, non ferant adversus illas coram Domino contumeliosum judicium.

9. O Senhor sabe. O que, antes de tudo, ofende o fraco é que, quando os fiéis buscam ansiosamente auxílio, não são socorridos imediatamente por Deus; mas, ao contrário, às vezes ele permite, por assim dizer, que eles sejam afligidos pela exaustão e fraqueza diárias; e, em segundo lugar, quando os perversos crescem em devassidão impunemente, e Deus, entrementes, se mantém silencioso, como se fosse conivente com seus malfeitos. Pedro remove agora esta dupla ofensa; porquanto testifica que o Senhor sabe quando é conveniente livrar da tentação os piedosos. Com estas palavras ele nos lembra que este ofício deve ser deixado para ele, e que, portanto, devemos suportar as tentações sem desfalecer, quando em algum tempo ele deferir sua vingança contra os ímpios.

Esta consolação nos é muito necessária, pois é possível que este pensamento penetre sorrateiramente: "Se o Senhor quiser, ele mantém os seus em segurança, por que ele não congrega a todos eles em algum canto da terra, para que se animem mutuamente à santidade? Por que os deixa misturados com os perversos em cuja companhia podem ser contaminados? Mas, quando Deus reivindica para si o ofício de socorrer e proteger os seus, para que não desfaleçam no

campo de batalha, reunimos coragem para lutar com mais coragem. O significado da primeira cláusula é que esta lei é prescrita pelo Senhor de todos os piedosos, para que ao serem provados por várias tentações, nutram boa esperança de sucesso, porque jamais serão privados de seu auxílio e sustento.

E reservar os injustos. Por esta cláusula ele mostra que Deus de tal modo regula seus juízos, que por algum tempo suporta os perversos, porém não os deixa impunes. E, assim, ele corrige tanta afobação, pelo qual costumamos deixar-nos precipitar de ponta cabeça, especialmente quando a atrocidade da perversidade dolorosamente nos fere, pois então desejamos que Deus fulmine sem demora; quando ele não o faz, é como se ele não fosse mais o juiz do mundo. Portanto, para que esta impunidade temporária da perversidade não nos deixe perturbados, Pedro nos lembra que já foi designado pelo Senhor um dia de juízo; e que, portanto, os perversos de modo algum escaparão à punição, ainda que esta não seja infligida imediatamente.

Há certa ênfase no verbo *reservar*, como se quisesse dizer que não escaparão das mãos de Deus, mas que são mantidos presos, por assim dizer, por cadeias ocultas, para que no tempo oportuno sejam apresentados em juízo. O particípio κολαζομένους, ainda que esteja no presente, contudo deve ser assim explicado: que são reservados ou guardados para serem punidos, ou para que sejam punidos. Pois ele nos convida a nutrirmos a expectativa do juízo final, de modo que, em esperança e paciência, lutemos até o fim da vida.

10. Mas, principalmente. Aqui ele passa aos particulares, acomodando uma doutrina geral a seu propósito pessoal; pois ele estava às voltas com homens de irremediável perversidade. Ele, pois, mostra que necessariamente os aguardava uma terrível vingança. Porque, visto que Deus punirá a todos os perversos, como pode escapar quem se entrega, como bestas brutas, a todo gênero de iniquidade?

Andar segundo a carne equivale a entregar-se aos impulsos da carne, como animais irracionais, que não se deixam guiar pela razão e bom senso, mas têm o desejo natural de sua carne como seu principal guia. Por *concupiscência de imundícia* entendemos as gratificações imundas e desenfreadas, quando os homens, desvencilhando-se de todo o senso de virtude, e sacudindo de si o pudor, se deixam arrebatar por todo gênero de impureza.

Esta é a primeira marca pela qual ele os condena: que são impuros, entregues à perversidade. Seguem outras marcas: que desprezavam governos, e não temiam caluniar e censurar homens a quem Deus favorecera com condições honrosas em sua vida. Estas palavras, porém, se referem à mesma coisa; pois após dizer que desprezavam as realizações dos governos, imediatamente põe em relevo a fonte deste mal: que eram *presunçosos*, ou *audazes*, e *voluntariosos*, ou *obstinados*;[128] e, por fim, para que exibisse mais plenamente seu orgulho, ele diz que não temiam nem tremiam quando tratavam dignidades com desdém. Pois é uma arrogância monstruosa considerar como nada a glória que resplandece nas dignidades designadas por Deus.

Mas não há dúvida de que nestas palavras ele refere ao poder imperial ou magistral; pois ainda que não haja posição legítima na vida que não seja digna de respeito, contudo bem sabemos que o ofício magistral excede a todos os outros, porque, no governo da humanidade, Deus mesmo é representado. Então realmente glorioso é aquele poder no qual Deus pessoalmente se exibe.

Agora percebemos qual a intenção do apóstolo nesta segunda cláusula, a saber, que aqueles de quem ele fala eram homens inquietos, amantes de tumultos e confusão; pois ninguém pode introduzir anarquia (ἀναρχίαν) no mundo sem introduzir também desordem (ἀταξίαν). Ora, estes, com ousado atrevimento, vomitavam censuras contra os magistrados, com o fim de eliminar todo e qualquer respeito

pelos direitos públicos; e isto era frontalmente contra Deus, lançando-lhe suas blasfêmias. Há também muitos homens turbulentos deste gênero em nossos dias, os quais declaram arrogantemente que o poder da espada é pagão e ilícito, e furiosamente tentam subverter todo governo. É Satanás quem excita tais fúrias, a fim de perturbar e impedir o progresso do evangelho. O Senhor, porém, tem nos tratado favoravelmente; pois ele não só nos adverte a precaver-nos desta peçonha letal, mas também, por este antigo exemplo, nos tem fortificado contras este escândalo. Daí os papistas agirem muito desonestamente, quando nos acusam e dizem que, por nossa doutrina, promovemos os homens revolucionários. A mesma coisa se poderia realmente alegar contra os apóstolos outrora; e, no entanto, estavam muito longe, até onde lhes era possível, de encorajar perversidade desse gênero.

11. Enquanto os anjos. Daí ele mostrar a temerária arrogância deles, porque ousavam assumir mais liberdade do que mesmo os anjos. Mas, parece estranho que ele diga que os anjos não lançaram acusação contra os magistrados; pois, por que seriam avessos àquela santa ordem, cujo autor bem sabia estar exercendo o mesmo ministério que eles? Este raciocínio levou alguns a pensar que os demônios estão em pauta; mas, agindo assim, de modo algum escapam da dificuldade. Pois como poderia Satanás ser tão moderado a ponto de poupar os homens, visto ser ele o autor de toda blasfêmia contra Deus? E, além do mais, sua opinião é refutada pelo que afirma Judas.

Mas, quando consideramos as circunstâncias do tempo, o que lemos se aplica muito oportunamente aos santos anjos. Pois todos os magistrados eram então ímpios, e sangrentos inimigos do evangelho. Portanto, teriam sido odiosos aos anjos, os guardiões da igreja. Não obstante, ele diz que os homens merecedores de ódio e opróbrio não eram condenados por eles, a fim de demonstrar respeito para com um poder divinamente designado. Enquanto ele diz que tal

moderação é demonstrada por anjos, esses homens destemidamente davam vazão a blasfêmias ímpias e descontroladas.

12. Mas estes, como animais irracionais naturais, feitos para serem tomados e destruídos, falam mal das coisas que não entendem; e perecerão completamente em sua própria corrupção.
13. E receberão o galardão da injustiça, pois tais homens somam prazer nos deleites cotidianos; eles são nódoas e máculas, se espojando em seus próprios enganos enquanto festejam convosco;
14. Tendo os olhos cheios de adultério, e que não podem deixar de pecar, engodando as almas inconstantes, tendo o coração exercitado nas práticas avaras, filhos malditos;
15. Os quais, tendo abandonado o caminho direito, se extraviaram, seguindo o caminho de Balaão, filho de Bosor, que amou os salários da injustiça;
16. Contudo foi repreendido por sua iniquidade; um jumento mudo, falando com voz humana, coibiu a demência do profeta.

12. Isti autem tanquam bruta animália, naturaliter genita in capturam et perminciem, in sua corruptione peribunt.
13. Recipientes mercedem injustitiae, pro voluptate ducentes in diem frui deliciis, labes et maculae, deliciantes in erroribus suis, conviventes vobiscum;
14. Oculos habentes plenos adulterae, et inquietos ad peccandum, mescantes animas instabiles, cor habentes exercitatum cupiditatibus, execrabiles filii;
15. Qui relicta via aberraverunt, sequuti viam Balaam, filii Bozor, qui mercedem injustitiae dilexit;
16. Sed redagutus fuit de sua iniquitate; animal subjugale mutum, humana voce loquens, prohibuit prophetae dementium (Nm 22.16, 28.)

12. Mas estes. Ele prossegue com o que começara a dizer a respeito dos corruptores ímpios e perversos. E, antes de tudo, ele condena seus modos desenfreados, e a perversidade obscena de toda sua vida; e então ele diz que eram audaciosos e perversos, de modo que, por suas tagarelices indecentes, se insinuavam no favor de muitos.

Ele os compara especialmente com aqueles *animais irracionais* que parecem ter vindo à existência com o fim de se deixar engodar e arrastar à sua própria ruína, por seu próprio instinto; como se ele quisesse dizer que, sem ser induzidos por alguma sedução, espontaneamente se apressam a lançar-se nas armadilhas de Satanás e da morte. Pois o traduzimos *naturalmente nato*, no dizer de Pedro, literalmente, “nascido natural”. Mas não há muita diferença no sentido, se um dos dois for suprido por alguém, ou suprimir ambos, ele quisesse expressar mais plenamente seu significado.[129]

O que ele acrescenta, *falando mal* das coisas que *não*

entendem, se refere ao orgulho e presunção que mencionou no versículo precedente. Ele, pois, diz que toda excelência era insolentemente desprezada por eles, porque se tornaram totalmente entorpecidos, de modo que em nada se diferenciavam dos animais. Mas a palavra que traduzi *para destruição*, e em seguida *em corrupção*, é a mesma: φθορὰ; mas é tomada de forma variada. Mas, ao dizer que pereceriam em sua própria corrupção, ele mostra que suas corrupções seriam arruinadas ou destruídas.

13. Somam prazer.[130] É como se ele quisesse dizer: "Eles depositam sua felicidade em seus presentes deleites". Sabemos que os homens distinguem-se dos animais irracionais, nisto: que estendem seus pensamentos para o além. Por isso é algo vil que o homem se ocupe meramente com as coisas presentes. Aqui ele nos lembra que nossas mentes devem estar livres das gratificações da carne, a não ser que queiramos ser reduzidos ao estado das bestas.

O significado do que segue é este: "Estas são nódoas imundas para vós e para vossa assembléia; pois, enquanto festejam convosco, ao mesmo tempo se regalam em seus erros, e, por seus olhos e gestos, revelam suas lascivas concupiscências e detestáveis incontinências". Erasmo traduziu as palavras assim: "Regalando-se em seus erros, escarnecem de vós". Mas isso é forçado demais. Pode, não impropriamente, ser explicado assim: "Regalando-se convosco, insolentemente vos ridicularizam através de seus erros". Não obstante, tenho dado a versão que parece a mais provável: "Deleitando-se em seus erros, festejando convosco". Ele denomina de libidinosos aqueles que tinham *os olhos cheios de adultério*, e que eram incessantemente levados a pecar sem restrição, como transparece do que lemos mais adiante.

14. Engodando, ou *seduzindo*, *as almas instáveis*. Usando a metáfora da isca, ele recorda que os fiéis devem precaver-se de suas artes ocultas ou enganosas; pois ele compara as

imposturas deles aos anzóis que podem apanhar o ingênuo para sua destruição. Ao adicionar *almas instáveis*, ele mostra a razão para prudência, isto é, quando não temos raízes solidamente fincadas na fé e no temor do Senhor. E, ao mesmo tempo, ele notifica que não tem desculpa quem se deixa engodar ou seduzir por tais adulações; pois isto deve ser atribuído à sua leviandade. Que haja, pois, uma fé solidamente estável, e então estaremos a salvos dos artifícios dos ímpios.

Tendo o coração exercitado nas práticas avaras, ou *concupiscentes*. Erasmo traduz a última palavra, "rapinagens". A palavra é de significado duvidoso. Eu prefiro "luxuriosos". Como ele já havia condenado a incontinência dos olhos, assim agora parece referir-se aos vícios latentes em seus corações. Não obstante, não deve confinar-se à cobiça. Ao chamá-los *filhos malditos*, ou execráveis, é possível que quisesse insinuar que eram assim ou ativamente, ou passivamente, isto é, que portavam consigo uma maldição, para onde quer que fossem, ou que mereciam a maldição.

Como até aqui ele se referiu à injúria que faziam pelo exemplo de uma vida perversa e corrupta, assim ele reitera uma vez mais que, mediante seu ensino, eles difundiam a peçonha letal da impiedade, com o fim de destruir os simples. Ele os compara a Balaão, filho de Bosor, que empregou uma língua venal a amaldiçoar o povo de Deus. E, para mostrar que não eram dignos de extensa refutação, ele diz que Balaão foi reprovado por um jumento, e que assim sua demência foi condenada. Mas, por este meio, ele também refreia os fiéis de se associarem com eles. Porquanto era um terrível juízo divino o fato de que o anjo se fez conhecido a um jumento, antes que o fizesse ao profeta, de modo que o jumento, percebendo o desprazer de Deus, não ousou seguir em frente, porém recuou, quando o profeta, sob o cego impulso de sua própria avareza, investiu contra a evidente proibição do Senhor. Pois o que em seguida lhe foi respondido, que ele seguisse em frente, era uma evidente

indignação de Deus, e não propriamente uma permissão. Em suma, para sua maior indignidade, a boca do jumento foi aberta, para que ele, que se indispusera a se submeter à autoridade de Deus, aceitasse o jumento como seu mestre. E por este milagre o Senhor se dignou mostrar quão monstruoso era converter a verdade em mentira.

É possível que se pergunte aqui: com que direito Balaão assumira o título de profeta, quando transparece que se achava viciado por tantas superstições ímpias? A isto respondo que o dom de profecia era tão especial que, embora ele não cultuasse o verdadeiro Deus, e não possuísse a verdadeira religião, é possível que ainda fosse dotado com esse dom. Além disso, Deus às vezes trazia a profecia à existência no meio da idolatria, com o fim de os homens terem menos desculpas.

Ora, se alguém considera as coisas principais que Pedro afirma, então perceberá que sua advertência é igualmente adequada para o tempo presente; pois um mal que prevalece por toda parte é que os homens usam piadas obscenas com o propósito de ridicularizar a Deus e o Salvador; não só isso, eles ridicularizam toda a religião sob a capa de inteligência; e quando se voltam, como bestas, para suas próprias concupiscências, se misturam com os fiéis; murmuram algo sobre o evangelho e, no entanto, prostituem sua língua ao serviço do diabo, para que conduzam o mundo inteiro, o quanto possam, à eterna perdição. Neste aspecto, são piores que o próprio Balaão, porque gratuitamente vomitam suas pragas, enquanto ele, induzido pela recompensa, tentava amaldiçoar.

17. Estes são poços sem água, nuvens que são arrastadas por uma tempestade; para os quais está reservada para sempre as brumas de trevas.
18. Pois quando falam com arrogância grandes palavras de vaidade, seduzem pelas concupiscências da carne, através de muita dissolução, os que haviam escapado imunes dos que vivem no erro.
19. Enquanto lhes prometem liberdade, eles

17. Ii sunt fontes sine aqua, nebulae quae a turbine aguntur; quibus caligo tenebrarum in aeternum parata est.
18. Nam ubi plusquàm fastuosa vanitatis verba sonuerint, inescant per concupiscentias carnis, lasciviis, eos qui vere aufugerant ab iis qui in errore versantur.
19. Dum libertatem illis promittunt,

mesmos são servos da corrupção; porque, de quem um homem se deixa vencer, do mesmo é mantido em servidão.

quum ipsi sint servi corruptionis: a quo enim quis superatius est, huic in servitutem est addictus.

17. Estes são poços, ou *fontes*, *sem água*. Usando estas duas metáforas, ele mostra que não havia nada em seu íntimo, ainda que fizessem uma grande exibição. Uma fonte, por sua aparência, atrai para si os homens, porque ela lhes promete água para beberem, e para outros propósitos; tão logo as nuvens apareçam, dão a esperança de chuva imediata para irrigar a terra. Ele, pois, diz que se assemelhavam a fontes, porque excediam em ostentação, e exibiam alguma sagacidade em seus pensamentos e elegância em suas palavras; mas que, não obstante, eram secos e estéreis por dentro. Daí, a aparência de uma fonte ser ilusória.

Ele diz que eram *nuvens carregadas* pelo vento, ou sem chuva, ou que irrompiam numa tempestade calamitosa. Com isso ele denota que produziam nada de útil, e que sempre eram muito nocivos. Em seguida ele anuncia sobre eles o terrível juízo divino, para que o temor refreasse os fiéis. Ao mencionar *as brumas* ou *a escuridão das trevas*, sua alusão é às nuvens que entenebrecem o céu; como se ele quisesse dizer que, para as trevas momentâneas que ora se dissipam, há preparada para eles uma escuridão mais densa que tem uma duração eterna.

18. Pois quando falam com arrogância grandes palavras de vaidade.[131] Ele quer dizer que eles ofuscavam os olhos aos simples, empanturrando-os excessivamente com palavras mentirosas, para que não percebessem suas falácias, pois não era fácil cativar suas mentes com tolices, a menos que usassem um tipo empolado de palavras e linguagem, para que enchessem os incautos de admiração. E então esta grandiloquência, que as amplas pulsões da alma exalam (no dizer de [Aulo] Pérsio [Flaco]),[132] era muito próprio para encobrir seus ardis e disparates. Antigamente houve em Valentino, e noutros como ele, uma astúcia desse

gênero, como aprendemos dos livros de Irineu. Eles formavam palavras desconhecidas, de preferência, por cujo som oco os letrados se viam encantados, e se deixavam apanhar por suas fantasias.

Há atualmente fanáticos de um tipo semelhante, os quais atendem pelo título plausível de os Libertinos, ou liberais. Pois falam muito confiantemente do Espírito e de coisas espirituais, como se estivessem acima das nuvens, e fascinam muitos com seus truques e artifícios, de modo que se poderia dizer que o apóstolo profetizou sobre eles com muita precisão. Pois eles tratam todas as coisas com muita jocosidade e farto escárnio; e, ainda que sejam grandes simplórios, contudo, visto que se saciam em todos os vícios, acham favor entre seu próprio povo pelo uso de uma sorte de gracejo. O estado da situação é este: quando se remove a diferença entre o bem e o mal, tudo se torna lícito; e os homens, livres de toda e qualquer sujeição às leis, obedecem a suas próprias concupiscências. Esta Epístola, pois, é muito apropriada para nossa época.

Seduzem, ou *engodam*, *pela concupiscência da carne*. De uma maneira muito notável, ele compara a anzóis as seduções dos ímpios, quando fazem algo que julgam lícito; pois quando as concupiscências humanas são voluntariosas e insaciáveis, tão logo se lhes propicia liberdade, se aferram a ela com grande voracidade; mas logo em seguida o anzol estrangula sem que se perceba. Mas é preciso que avaliemos bem toda a sentença do apóstolo.

Ele diz que quem já havia realmente escapado de associação com os que viviam no erro eram novamente enganados por um novo tipo de erro, a saber, quando as rédeas lhes eram soltas pela indulgência de toda sorte de falta de moderação. Com isso ele nos recorda quão perigosos são as armadilhas desse tipo de pessoas. Porque, já era algo terrível que cegueira e densas trevas tivessem a posse de quase toda a humanidade. Portanto, de certa maneira, era um duplo prodígio que os homens, libertos dos erros

comuns do mundo, depois de haver recebido a luz de Deus, voltassem a viver numa indiferença irracional. É preciso que nos lembremos bem de que devemos especialmente precaver-nos, após ter sido uma vez iluminados, para que Satanás não nos seduza sob o pretexto de liberdade, e assim nos entreguemos à devassidão, para a gratificação das concupiscências da carne. No entanto, está a salvo deste perigo quem atenta seriamente para o cultivo da santidade.

19. Enquanto lhes prometem liberdade. Ele exibe sua inconsistência: que falsamente prometiam liberdade, enquanto eles mesmos serviam ao pecado, e viviam na pior escravidão; porque ninguém pode dar o que não possui. Não obstante, esta razão não parece ser suficientemente válida, porque às vezes sucede que os homens perversos, e sem qualquer familiaridade com Cristo, pregam de maneira proveitosa acerca dos benefícios e bênçãos de Cristo. Mas, é preciso que observemos bem que, o que aqui é condenado é a doutrina corrupta conectada com uma vida de impureza; pois o desígnio do apóstolo era prevenir as seduções enganosas pelas quais enredavam os simplórios. O título *liberdade* é muito agradável, e o usavam mal com este propósito: para que os ouvintes, sendo liberados do temor devido à lei divina, se entregassem à licenciosidade desenfreada. Mas a liberdade que Cristo granjeou para nós, e a qual ele oferece diariamente no evangelho, é totalmente distinta, pois ele quer nos liberar do jugo da lei até onde ela nos sujeita à maldição, para que também nos livremos do domínio do pecado, até onde ele nos sujeita às suas próprias concupiscências. Daí, onde reina a concupiscência e, portanto, onde a carne governa, aí não existe qualquer espaço para a liberdade de Cristo. O apóstolo, pois, declara isto a todos os piedosos, para que não almejem qualquer outra liberdade que não seja aquela que conduz os que já se acham livres do pecado a uma obediência voluntária à justiça.

Daqui aprendemos que sempre houve homens depravados

que inventaram um falso pretexto de liberdade, e que este sempre foi um velho e astuto truque de Satanás. Nem precisamos sentir-nos surpresos ante o fato de que hoje a mesma imundícia é infundida por homens fanáticos.

Os papistas contornam e torcem esta passagem contra nós, porém com isso traem seu ridículo cinismo. Porque, em primeiro lugar, os homens de uma vida a mais imunda, que frequentam as tabernas e os prostíbulos, vomitam esta acusação: que somos os servos da corrupção, em cuja vida não podem apontar nada que seja censurável. Em segundo lugar, visto que nada ensinamos a respeito da liberdade cristã, senão o que se procede de Cristo e dos apóstolos, e, ao mesmo tempo, requer a mortificação da carne, e os exercícios próprios para subjugá-la, muito mais estritamente do que fazem os que nos caluniam, estes que vomitam suas imprecações, não tanto contra nós, mas contra o Filho de Deus, o qual temos por nosso mestre e autoridade infalíveis.

De quem um homem se deixa vencer. Esta sentença se deriva da lei militar; não obstante, constitui um dito comum entre os escritores pagãos que não há escravidão mais dura ou mais miserável do que quando as concupiscências governam e reinam. Como, pois, devemos agir, nós, sobre quem o Filho de Deus tem outorgado seu Espírito, não só para que vivamos libertos do domínio do pecado, mas também para que nos tornemos vencedores da carne e do mundo?

20. Porquanto se, depois de haver escapado das contaminações do mundo, pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, forem outra vez enredados nelas e vencidos, vindo a ser seu último estado pior que o primeiro.
21. Porque, lhes teria sido melhor que não conhecessem o caminho da justiça, do que, após havê-lo conhecido, se desviarem do santo mandamento que lhes fora dado;
22. No entanto, lhes aconteceu segundo o provérbio verdadeiro: O cão se volveu para seu próprio vômito; e a porca lavada se volveu ao espojadouro de lama.

20. Nam si ii qui aufugerant ab inquinamentis mundi per cognitionem Domini et Servatoris Jesu Christi, rursum iisdem impliciti superantur, facta sunt illis postrema pejora prioribus.
21. Melius enim ipsis esset non cognovisse viam justitiae, quàm ubi cognoverunt coverti ab eo, quod illis traditum fuit, sancto praecepto.
22. Sed accidit illis quod vero proverbio dicitur, Canis reversus ad proprium vomitum; et sus lota, ad volutabrum coeni.

20. Porquanto se, depois de. Uma vez mais, ele mostra quão perniciosa era a seita que levava homens consagrados a Deus a se voltarem outra vez à sua antiga imundícia e às corrupções do mundo. E exibe, por meio de uma comparação, a hediondez do mal; pois não era um pecado comum apartar-se da santa doutrina de Deus. Ter-lhes-ia sido melhor, diz ele, nunca haver conhecido o caminho da justiça; porque, ainda que não haja escusa para a ignorância, contudo o servo que, consciente e voluntariamente, despreza os mandamentos de seu senhor, merece uma dupla punição. Além disso, houve ingratidão, porquanto espontaneamente extinguiram a luz de Deus, rejeitaram o favor que lhes fora conferido, e, tendo sacudido de si o jugo, se tornaram perversamente levianos contra Deus; sim, o quanto puderam, profanaram e revogaram a aliança inviolável de Deus, a qual fora ratificada pelo sangue de Cristo. Portanto, quanto mais solícitos formos, mais progresso teremos, humilde e criteriosamente, na trajetória de nossa vocação. Agora é preciso que consideremos bem cada sentença.

Pela designação *as contaminações do mundo*, ele mostra que rolaremos na imundícia e seremos totalmente contaminados, até que renunciemos o mundo. Por *o conhecimento de Cristo*, sem dúvida ele subentende o evangelho. Ele testifica que o desígnio dele é libertar-nos das contaminações do mundo e afastar-nos para bem longe delas. Pela mesma razão, mais adiante ele o chama *o caminho da justiça*. Portanto, só faz um progresso positivo no evangelho quem fielmente aprende de Cristo; e conhece verdadeiramente a Cristo quem já foi ensinado por ele a despir-se do velho homem e a vestir-se do novo, como Paulo bem nos recorda em Efésios 4.22.[133]

21. Ao dizer que, havendo esquecido *o mandamento que lhes fora dado*, se volveram para suas próprias poluições, ele notifica, em primeiro lugar, quão inescusáveis eram eles; e, em segundo lugar, ele nos lembra que a doutrina de vida

santa e virtuosa, ainda que comum a todos e indiscriminadamente pertencente a todos, contudo é peculiarmente ensinada àqueles a quem Deus favorece com a luz de seu evangelho. No entanto, ele declara que aqueles que outra vez se fazem escravos das poluições do mundo se extraviam do evangelho. Na verdade, os fiéis também pecam; mas, como não permitem o domínio do pecado, não se extraviam da graça de Deus, nem renunciam a profissão da sã doutrina, que uma vez abraçaram. Pois não devem ser julgados vencedores enquanto incansavelmente resistem à carne e suas concupiscências.

22. Mas, lhes aconteceu. Como o exemplo perturba a muitos, quando os homens que se têm submetido à obediência de Cristo se precipitam de ponta cabeça nos vícios sem temor ou pudor, o apóstolo, a fim de remover o escândalo, diz que isto acontece por sua falha pessoal, e isso porque se assemelham a porcos e cães. Daí se segue que não se pode atribuir ao evangelho nenhuma parte do pecado.

Para este propósito, ele cita dois provérbios antigos: o primeiro deles se encontra em Provérbios 26.11, como um dito de Salomão. Mas, o que Pedro tinha em mente é sucintamente o seguinte: o evangelho é uma medicina, o qual nos purifica por meio do vômito nauseante, mas que há muitos cães que ingerem de novo o que haviam vomitado, para sua própria ruína; e que o evangelho é também uma lavagem que purifica todas nossas imundícias, mas que há muitos porcos que, logo após haver-se lavado, rolam outra vez na lama. Ao mesmo tempo, os santos são despertados para que atentem bem para si mesmos, a não ser que queiram ser considerados cães e porcos.

---

122. "Pedro notificou que as heresias de que fala seriam introduzidas sob os matizes de doutrina genuína, no escuro, por assim dizer, e de pouco a pouco; de modo que as pessoas não discerniriam sua real natureza". – Macknight.

123. Aqui, a palavra para "Senhor" é δεσπότης, que expressa melhor o poder e autoridade do que Κύριος, comumente traduzida "Senhor". Isto parece notificar o

caráter dos homens aludidos: negavam Cristo como seu soberano, quando não lhe rendiam obediência, ainda que tivessem professado crer nele como Salvador.

124. Poucas cópias trazem “perdição”, ou “perdições”, pois a palavra está no plural; e muitas trazem “lascívia”, bem assim as versões Vulgata e a Siríaca. Havendo mencionado previamente suas opiniões ou heresias destrutivas, as quais envolviam a negação do Senhor que os comprara, ele agora se refere à imoralidade que acompanhava suas falsas doutrinas; e que a referência aqui é a imoralidade, é evidente do fato de que o caminho da verdade seria difamado ou caluniado.

125. Ou “fingidas” ou “inventadas” pode estar implícito por πλαστοῖς. Se “fingidas”, então eram palavras usadas para não comunicar seus sentimentos reais, mas adotadas com o propósito de iludir outros, como é o caso com aqueles que pretendem grande zelo pela verdade e grande amor pelas almas, quando seu objetivo é conquistar adeptos por amor ao lucro imundo. Mas se for adotado “inventadas”, então λόγοι significaria narrativas ou fábulas: “fábulas inventadas (ou fictícias)”, ou contos. E esta é a tradução de Macknight. E ele diz que o apóstolo, provavelmente, tivesse em vista as fábulas concernentes a visões de anjos e a milagres realizados nos sepulcros de santos falecidos, os quais os falsos mestres nos tempos antigos, e os monges de tempos posteriores, fabricavam, com o intuito de arrecadar dinheiro do povo. Semelhantes são os artifícios dos homens supersticiosos, avaros por ganho, e cada época.

126. O “se”, no início do versículo, requer uma cláusula correspondente. Alguns, como Piscator e Macknight, suprem, no final do versículo 7, “ele não te poupará”, ou “ele te poupará?” Mas não existe necessidade disto, porquanto a cláusula correspondente se encontra no versículo 9; e esta é nossa versão. O livramento do justo é primeiramente mencionado ali, como o de Ló foi o tema do versículo anterior, e então a reserva dos injustos para juízo, cujo exemplo ele já havia dado. Esta sorte de arranjo é comum na Escritura.

127. Há diferença de opinião quanto à palavra “oitavo”. Há quem pense que o sentido é que Noé era a oitava pessoa que foi salva em meio ao dilúvio, sendo uma das oito que foram preservadas. Outros traduzem as palavras “Noé, o oitavo pregador da justiça”, calculando desde Enos, em cuja época, como se diz, “os homens começaram a invocar o nome do Senhor” (Gn 4.26). Lightfoot, entre outros, mantinha a última opinião, ainda que a primeira seja mais geralmente aprovada.

128. Melhor, “auto-satisfação”, αὐθάδεις, cuja regra principal era agradar-se e gratificar-se, sem levar em conta a vontade de Deus ou o bem dos outros – cujo deus era o ego. Num sentido secundário, a palavra designa os que são megalomaníacos, arrogantes, altivos, obstinados; e esse é comumente o caráter das pessoas egoístas.

129. As palavras podem ser traduzidas assim: “Mas estes, como animais naturais sem raciocínios, nascidos para a captura e destruição, falando mal de coisas que não entendem, perecerão completamente através de sua própria corrupção”. São comparados a animais que, por natureza, são destituídos de razão, e como tais vivem de presas, selvagens e rapinas, que parecem ter sido feitos para ser apanhados e destruídos; e com frequência apanhados e destruídos enquanto

cometem pilhagem. Assim são estes homens, sua perversidade, seriam o meio de apanhá-los e destruí-los.

130. É preferível conectar as primeiras palavras deste versículo, “recebendo o galardão da injustiça”, com as precedentes, e começar outro período com esta cláusula, e traduzir este versículo e o seguinte assim: “Somando [ou considerando] tumulto ao prazer cotidiano, são nódoas e manchas, se conspurcando em suas próprias ilusões, festejando juntamente convosco; 14 tendo os olhos cheios de adultério e que não cessam de pecar, enredando as almas instáveis, tendo um coração habituado nos desejos cobiçosos, sendo filhos da maldição”. As várias coisas ditas deles se destinam a mostrar que eram “nódoas e manchas”, infames e profanas; espojavam-se nos prazeres carnais, e se conspurcavam nas ilusões, e, associando-se com os fiéis, festejavam com eles; eram libidinosos, e faziam com que as almas instáveis seguissem seus caminhos; eram cobiçosos, e demonstravam que eram herdeiros da maldição de Deus.

131. As palavras são: “Porque, pronunciando palavras bombásticas de vaidade, eles seduzem”, etc. A palavra ὑπέρογκα, sendo um plural neutro, pode ser traduzida como um substantivo; literalmente, “hiper-soberba de vaidade”; mas quando aplicada às palavras, ela significa o que é pomposo, inflado, bombástico; mas estes bombásticos eram de vaidade, sendo vazios, sem utilidade, sem proveito algum; ou, como alguns traduzem as palavras, eram bombásticos de falsidade, segundo o significado da palavra como comumente usada na Septuaginta; falavam coisas falsas, num refrão bombástico e inflado.

132. Sat. 1.14.

133. O objetivo deste versículo não é explicado, mas as palavras da versão, *facta sunt illis postrema pejora prioribus*, parece significar que suas últimas poluições se lhes tornariam piores que suas primeiras poluições; e esta é a tradução de Macknight. A sentença é comumente tomada no mesmo sentido que em Mateus 12.45, mas as palavras são um pouco diferentes.

Capítulo 3

1. Amados, escrevo-vos agora esta segunda epístola, em ambas as quais desperto com lembranças vossas mentes puras.
2. Para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram ditas outrora pelos santos profetas, e de nosso mandamento, como apóstolos do Senhor e Salvador.
3. Sabendo primeiro isto: que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo suas próprias paixões,
4. E dizendo: Onde está a promessa de sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas continuam como desde o princípio da criação.

1. Hanc jam, dilecti, secundam vobis scribo epistolam, in quibus excito per commonefactionem vestram puram mentem;
2. Ut memores sitis verborum quae predicta sunt a sanctis prophetis, et praecepti nostri, qui sumus apostoli Domini et Servatoris;
3. Hoc primum scientes, quod venient in extremo dierum illusores, secundum suas ipsorum concupiscentias ambulantes,
4. Ac dicentes, Ubi est promissio adventus ejus? Ex quo enim patres dormierunt, omnia sic permanent ab initio creationis.

1. Para que não ficassem cansados com a Segunda Epístola, como se a primeira fosse suficiente, ele diz que ela não fora escrita em vão, porque ainda necessitavam de às vezes serem instigados. Para fazer isso mais evidente, ele mostra que não poderiam estar fora de perigo, a menos que fossem bem fortalecidos, porque teriam que contender com homens obstinados, os quais não só corromperiam a pureza da fé, através de opiniões falsas, mas também faziam o que podiam com o fim de subverter inteiramente toda a fé.

Ao dizer *desperto com lembranças vossas mentes puras*, sua intenção é como se quisesse dizer: “Desejo despertar-vos à sinceridade da mente”. E as palavras devem ser assim explicadas: “Desperto vossa mente para que ela seja pura e radiante”. Pois o significado é que as mentes dos santos se tornam sombrias e, por assim dizer, contraem ferrugem, quando cessam as admoestações. Mas aprendemos ainda daí

que os homens, mesmo os dotados de erudição, se tornam, de certa maneira, entorpecidos, a não ser que se deixem estimular por advertências constantes.[134]

Agora fica claro qual é a utilidade das admoestações, e quão necessárias são elas; pois a indolência da carne enfraquece a verdade uma vez recebida, e a torna ineficiente, a menos que os estímulos das advertências venham em seu socorro. Portanto, não basta que os homens sejam ensinados a conhecer o que devem ser, mas há necessidade de mestres piedosos para fazerem esta segunda parte, imprimindo profundamente a verdade na memória de seus ouvintes. E, como os homens são, por natureza, em sua maioria, dados a novidade, e assim inclinados a ser críticos, nos é proveitoso ter em mente o que Pedro diz, de modo que não só nos deixemos espontaneamente ser admoestados por outros, mas para que cada um também se exercite em despertar continuamente sua mente para a verdade, de modo que nossas mentes se tornem resplendentes com o puro e claro conhecimento dela.

2. Para que vos lembreis. Com estas palavras ele notifica que temos o suficiente nos escritos dos profetas, e no evangelho, para manter-nos despertos, contanto que sejamos tão diligentes quanto nos cabe em sua meditação; e se nossas mentes às vezes contraem ferrugem, e se tornam obscurecidas pelas trevas, isso se deve à nossa indolência. Para que Deus, pois, brilhe continuamente sobre nós, é preciso que nos devotemos a esse estudo; e que nossa fé, ao mesmo tempo, concorde com testemunhos tão certos e críveis. Porque, quando temos os profetas e apóstolos concordando conosco, ainda mais, como os ministros de nossa fé, e Deus como o autor, e os anjos aprovando, não há razão para que os ímpios, todos unidos, nos movam de nossa posição. Por *mandamento dos apóstolos* ele tem em mente toda a doutrina na qual eles haviam instruído os fiéis.[135]

3. Sabendo primeiramente isto. O particípio *sabendo* pode

aplicar-se ao apóstolo, e desta maneira: “Labuto para despertar-vos por esta razão: porque bem sei qual e quão grande é vosso iminente perigo dos escarnecedores”. Não obstante, prefiro esta explicação: que o particípio é usado no lugar de um verbo, como se ele quisesse dizer: “Sabei especialmente isto”. Pois era necessário que isto fosse predito, porque poderiam ficar abalados caso os homens ímpios os atacassem subitamente com escárnios desse tipo. Ele, pois, queria que eles soubessem isto, e sentissem seguros sobre o assunto, para que estivessem preparados para fazer oposição a tais homens.

No entanto, ele chama a atenção dos fiéis outra vez para a doutrina que ele apenas tocou no segundo capítulo. Porque, por *os últimos dias* comumente se entende o reino de Cristo ou os dias de seu reinado, segundo o que Paulo diz: “Sobre quem os fins do mundo chegou” [1Co 10.11].[136] O significado é que, quanto mais Deus, por meio do evangelho, se oferece ao mundo, e quanto mais ele convida os homens para seu reino, mais audaciosos, em contrapartida, os ímpios vomitarão a peçonha de sua impiedade.

Ele denomina de *escarnecedores*, segundo o modo usual da Escritura, aqueles que buscam aparentar inteligência por ostensivo menosprezo por Deus, bem como por uma presunção blasfema. Ademais, constitui o próprio extremo do mal quando os homens se permitem tratar o temível nome de Deus com escárnios. Assim, o primeiro Salmo fala do assentar dos escarnecedores. Davi também, no Salmo 119.51, se queixa de que era ridicularizado pelos soberbos, porque ele atentava para a lei de Deus. Isaías também, no capítulo 28, fazendo referência a eles, descreve sua excessiva segurança e insensibilidade. Portanto, tenhamos em mente que nada há mais temível do que uma disputa com escarnecedores. Sobre este tema, já dissemos algo quando explicamos o terceiro capítulo da Epístola aos Gálatas. Não obstante, como a Santa Escritura predisse que eles haveriam

de vir, e também nos deu um escudo pelo qual podemos defender-nos, não há desculpa para não os resistamos ousadamente, sejam quais forem os artifícios que empreguem.

4. Onde está a promessa. Tornava-se um perigoso escárnio quando insinuavam uma dúvida no tocante à última ressurreição; pois quando isso é removido, já não existe nenhum evangelho, o poder de Cristo é reduzido a nada, toda a religião se desfaz. Então Satanás aponta diretamente para a garganta da igreja, quando destrói a fé na vinda de Cristo. Pois, por que Cristo morreu e ressuscitou, senão para que em algum tempo ele congregasse para si os redimidos da morte, e para dar-lhes a vida eterna? Toda a religião é totalmente subvertida, a não ser que a fé na ressurreição permaneça sólida e inamovível. Daí, sobre este ponto, Satanás nos assaltar com a mais intensa ferocidade.

Notemos, porém, qual era a zombaria. Eles estabelecem o curso regular da natureza, tal como ela parece ter sido desde o princípio, em oposição à promessa de Deus, como se essas coisas fossem contrárias, ou não se harmonizassem. Ainda que a fé dos pais, diziam eles, fosse a mesma, contudo nenhuma mudança ocorreu desde sua morte, e sabe-se bem que o que foi dito da destruição do mundo, não passa de fábula; porque conjeturaram que, como ele tem durado tanto tempo, então deve ser eterno.

5. Pois eles voluntariamente ignoram isto: que pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus e a terra, a qual foi tirada da água, e no meio da água subsiste.
6. Coisas essas, pelas quais o mundo de então pereceu, coberto com as águas do dilúvio,
7. Mas os céus e a terra, que ora existem, pela mesma palavra estão guardados em depósito, reservados para o fogo contra o dia do juízo e a perdição dos homens ímpios.
8. Mas, amados, não sejais ignorantes desta única coisa: que um dia é, para o Senhor, como mil anos, e mil anos como um dia.

5. Nam hoc nesciunt volentes, quod coeli jam olim fuerint, et terra ex aqua, et per aquam consistens, Dei sermone;
6. Per quae mundus qui tunc erat, aqua inundatus periit:
7. Qui autem nunc sunt coeli et terra, ejusdem sermone repositi sunt, et servantur igni in diem judicii et perditionis impiorum.
8. Porro ne hoc unum nos lateat, dilecti, quod unus dies apud Dominum perinde est ut Mille anni, et Mille anni ut dies unus.

5. Pois eles voluntariamente ignoram isto. Por apenas um argumento ele refuta o escárnio dos ímpios, ou seja, que o mundo uma vez pereceu por um dilúvio de águas, quando ainda consistia de águas [Gn 1.2]. E, como a história disto era bem conhecida, ele diz que *voluntariamente*, ou de moto próprio, erraram. Pois os que inferem, de seu presente estado, a perpetuidade do mundo, intencionalmente fecham seus olhos, de modo que não vêem tão claramente o juízo de Deus. O mundo, sem dúvida, teve sua origem das águas, pois Moisés chama o caos, do qual a terra emergiu, de águas; e, ademais, ele foi sustentado por águas; contudo aprouve a Deus usar as águas para o propósito de destruí-lo. Daí transparece que o poder da natureza não é suficiente para sustentar e preservar o mundo, mas que, ao contrário, ele contém o próprio elemento de sua própria ruína, sempre que agrade a Deus destruí-lo.

Pois é preciso que se tenha em mente que o mundo permanece por nenhum outro poder, senão o da palavra de Deus, e que, portanto, as causas inferiores ou secundárias derivam dele seu poder, e produz diferentes efeitos quando são dirigidos. Assim, pela água o mundo permaneceu, porém a água por si só nada poderia fazer, mas, ao contrário, obedeceu à palavra de Deus como um agente ou elemento inferior. Portanto, tão logo agradou a Deus destruir a terra, a mesma água obedeceu, vindo a ser uma inundação destruidora. Agora sabemos quão notoriamente erra quem se detém nos meros elementos, como se houve neles perpetuidade, e sua natureza não fosse mutável segundo o arbítrio de Deus.

Por estas poucas palavras refuta-se abundantemente a petulância dos que se armam com razões físicas, com o fim de lutar contra Deus. Pois a história do dilúvio é um testemunho abundantemente suficiente de que toda a ordem da natureza é governada pelo exclusivo poder de Deus [Gn 7.17].

Não obstante, parece estranho que ele diga que o *mundo*

pereceu pelo dilúvio, quando mencionara previamente o céu e a terra. A isto respondo que o céu fora então também imerso, isto é, a região atmosférica, que permaneceu aberta entre duas águas. Pois a divisão ou expansão, mencionada por Moisés, foi então reestruturada [Gn 1.6]; e a palavra céu é normalmente tomada neste sentido. Se porventura alguém desejar mais sobre o tema, então que leia Agostinho, A Cidade de Deus (Lib. 20).[137]

7. Mas os céus e a terra que ora existem. Ele não infere isto como a consequência; pois seu propósito não era outro senão dissipar a astúcia dos escarnecedores acerca do estado perpétuo da natureza; e vemos muitos dos tais em nossos dias, que sendo levianamente imbuídos com os rudimentos da filosofia, só correm após profanas especulações, a fim de que possam passar por grandes filósofos.

Mas agora parece bem evidente, à luz do foi dito, que nada há de irracional na declaração feita pelo Senhor, de que o céu e a terra, no porvir, serão consumidos pelo fogo, porque a razão para o fogo é a mesma que aquela para água. Pois era um dito comum, mesmo entre os antigos, que destes dois elementos primordiais todas as coisas procederam. Mas, como nada tinha a ver com os ímpios, ele fala expressamente da destruição deles.

8. Não sejais ignorantes desta única coisa. Ele agora volta a falar aos santos; e lhes recorda que, quando a vinda de Cristo é o tema, eles ergueram para o alto seus olhos, porque, ao fazer assim, não se limitariam, por seus desejos irracionais, ao tempo designado pelo Senhor. Pois a espera parece muito longa neste relato, porque temos nossos olhos fixos na brevidade da presente vida, e também aumentamos a exaustão ao computarmos os dias, horas e minutos. Mas quando a eternidade do reino de Deus adentrar nossas mentes, as muitas eras se desvanecerão como se fossem tantos momentos.

É para isto que o apóstolo chama nossa atenção, de modo que sabemos que o dia da ressurreição não depende do presente fluxo de tempo, mas do propósito secreto de Deus, como se ele quisesse dizer: “Os homens desejam antecipar a Deus por esta razão: porque medem o tempo segundo o critério de sua própria carne; e são, por natureza, inclinados à impaciência, tanto que, para eles, a rapidez é demora; então subi ao céu em vossas mentes, e assim o tempo vos será nem longo nem breve”.

9. O Senhor não retarda sua promessa, ainda que alguns a tenham por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se.
10. Mas o dia do Senhor virá como um ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos se derreterão com ardente calor, a terra também, e as obras que estão nela, se queimarão.
11. Sendo, pois, que todas essas coisas se dissolverão, que pessoas vos convém ser em santa conversação e santidade;
12. Aguardando e apressando a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo, se desfarão, e os elementos se fundirão com ardente calor?
13. Não obstante, nós, segundo sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça.

9. Non tardat Dominus in promissione, sicuti quidam tarditatem existimant; sed tolerantem se praebet erga nos, nolens ullos perire, sed omnes ad poenitentiam recipere (*aut, colligi, vel, aggregari*).
10. Veniet autem dies Domini tanquam fur in nocte, in qua coeli in modum procellae transibunt, elementa autem ardore solventur; et terra, quaeque in ea sunt opera ardebunt.
11. Quum haec igitur omnia solvantur, quales oportet nos esse in sanctis conversationibus et pietatibus;
12. Expectantes properando adventum diei Dei, propter quem coeli solventur, et elementa ardore consumentur?
13. Novos autem coelos et terram novam juxta promissum ejus expectamus, in quibus habitat justitia.

9. O Senhor não retarda, ou *não delonga*. Ele refreia uma pressa extrema e irracional por outra razão, a saber: que o Senhor retarda sua vinda, a fim de convidar todo o gênero humano ao arrependimento. Pois nossas mentes são sempre carnais, e uma dúvida repetidas vezes se insinua nela: por que ele não vem logo? Mas quando ouvimos que o Senhor, ao tardar, com isso revela preocupação por nossa salvação, e que ele adia o tempo porque tem cuidado de nós, não há razão por que queixar-nos mais da demora. Ele retarda, para permitir uma ocasião de escapar da indolência; em Deus não existe nada desse gênero, o qual regula o tempo da melhor

maneira para promover nossa salvação. E, quanto à duração do mundo inteiro, devemos pensar exatamente o mesmo da vida de cada indivíduo; pois Deus, ao prolongar o tempo de cada um, sustenta-o para que o mesmo se arrependa. De igual modo, ele não apressa o fim do mundo, com o fim de dar a todos tempo para arrependimento.

Eis uma admoestação mui necessária, de modo que aprendamos a empregar o tempo de maneira proveitosa, pois do contrário sofreremos a justa punição por nossa inatividade.

Não querendo que alguns pereçam. Tão maravilhoso é seu amor para com a humanidade, que seu desejo é que todos fossem salvos, e de sua própria vontade está preparada para conceder a salvação aos perdidos. Mas é preciso notar a ordem: Deus está pronto a receber a todos os que se arrependem, de modo que nenhum desses pereça; pois nestas palavras se põe em relevo o modo e maneira de se obter a salvação. Cada um de nós, portanto, que anseia pela salvação, deve aprender a entrar por este caminho.

Mas é possível que se pergunte: se Deus deseja que ninguém pereça, por que é que tantos perecem? A isto minha resposta é que aqui não se faz menção do propósito secreto de Deus, segundo o qual os réprobos se destinam a sua própria ruína, mas se faz menção somente de sua vontade como a conhecemos no evangelho. Pois Deus ali estende sua mão a todos sem qualquer diferença, porém segura, para atrair a si, somente aqueles a quem escolheu antes da fundação do mundo.[138]

Mas, como o verbo χωρῶσαι é repetidamente tomado pelos gregos em sentido passivo, não menos apropriado a esta passagem é o verbo que imprimi na margem: que Deus deseja ter todos quantos outrora viviam peregrinando e dispersos, congregados ou reunidos para o arrependimento.

10. Mas o dia do Senhor virá. Isto foi adicionado para que os fiéis estejam em perene vigilância, e não fazer a si mesmos

promessas para o amanhã. Pois todos nós labutamos sob dois males bem distintos – a pressa exorbitante e a indolência. Somos dominados pela impaciência pelo dia de Cristo há tanto esperado; ao mesmo tempo, seguramente o consideramos longe demais. Como, pois, o apóstolo já havia reprovado um ardor irracional, assim ele agora desperta nossa sonolência, para que esperemos atentamente a Cristo a cada instante, para que não nos tornemos ociosos e negligentes, como geralmente se dá conosco. Pois donde provém que a carne se deleita, senão pelo fato de não meditarmos na proximidade da vinda de Cristo?

O que vem em seguida, acerca da combustão do céu e da terra, não demanda longa explanação, se deveras considerarmos devidamente o que está em pauta. Porquanto seu propósito não era falar detalhadamente de fogo e tormenta, e de outras coisas, mas simplesmente inserir uma exortação, a qual adiciona imediatamente, a saber, que devemos cultivar energicamente a novidade de vida. Pois ele raciocina que, como o céu e a terra serão purificados pelo fogo, para corresponderem ao reino de Cristo, daí fazer-se muitíssimo necessária a renovação dos homens. Equivocados, pois, são aqueles intérpretes que consomem muito labor com especulações refinadas, visto que o apóstolo aplica sua doutrina às exortações dos piedosos.

O céu e a terra, diz ele, passarão por nossa causa; porventura não nos cabe, pois, evitar deixar-nos ser controlados pelas coisas da terra, e, ao contrário, não atentar bem para a vida de santidade e piedade? As corrupções do céu e da terra serão purificadas pelo fogo, ao tempo em que as criaturas de Deus serão puras; o que, pois, devemos fazer, nós que somos carregados por muitas poluições? No que tange à palavra piedade (*pietatibus*), usa-se o plural pelo singular, a não ser que você a tome no sentido de deveres da piedade.[139] Dos elementos do mundo apenas direi uma coisa: que serão consumidos, apenas para que possam ser

renovados, sua substância continuando a mesma, como se pode deduzir facilmente de Romanos 8.21, e de outras passagens.

12. Aguardando e apressando, ou *esperando pelo aceleramento*; assim traduzo as palavras, ainda que sejam dois particípios; pois o que tivemos prévia e separadamente, ele agora junta numa só sentença, isto é, que devemos esperar impacientemente. Ora, esta esperança contrária possui não pouca elegância, como o provérbio: "Apressar lentamente" (*festina lente*). Ao dizer, "aguardando", a referência é a paciência da esperança; e ele põe apressar em oposição a torpor; e ambos são muito apropriados. Porque, como a serenidade e a espera são as peculiaridades da esperança, assim devemos atentar sempre para que a segurança da carne não se insinue solertemente; devemos, pois, labutar incansavelmente em boas obras, e correr rapidamente na corrida de nossa vocação.[140] O que previamente ele chamou o dia de Cristo (como é assim chamado em toda a Escritura), agora chama o dia de Deus, e isso corretamente, porquanto Cristo então restaurará o reino do Pai, para que Deus seja tudo em todos.

14. Por isso, amados, visto que aguardais tais coisas, sede diligentes, para que sejais achados nele em paz, sem mácula e sem culpa;
15. E considerai que a longanimidade de nosso Senhor é a salvação; como também nosso amado irmão Paulo, segundo a sabedoria que lhe foi dada, vos escreveu;
16. Como também em todas suas epístolas, nelas falando dessas coisas; nas quais há algumas coisas difíceis de se entender, que os indoutos e inconstantes torcem, como fazem também com as demais escrituras, para sua própria destruição.
17. Portanto, vós, amados, visto que conheceis previamente essas coisas, cuidai para que vós também, sendo desviados pelo erro dos perversos, não descaiais de vossa própria firmeza;
18. Antes, crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno. Amém.

14. Quare, dilecti, quum haec expertetis, studete incontaminati et irreprehensibiles ab eo inveniri in pace:
15. Et Domini nostri tolerantiam salutem existimate, quemadmodum et dilectus frater noster Paulus, secundum datam sibi sapientiam scripsit vobis;
16. Sicuti in omnibus Epistolis, loquens de iis in quibus sunt quaedam difficilia intellectu, quae indocti et instabiles invertum (ut et caeteras Scripturas) ad sumam perniciem.
17. Vos igitur, dilecti, praemoniti cavete, ut ne simul nefariorum errore abacti, excidatis à vestra firmitate.
18. Crescite autem in gratia et notitia Domini nostri et Servatoris Jesu Christi; pisi gloria et nunc et in diem aeternitatis.

14. Por isso. Com toda razão, ele discorre da esperança para seu efeito, ou a prática de uma vida piedosa; pois a esperança é viva e eficaz; por isso ela não pode fazer outra coisa, senão nos atrair a si. Aquele, pois, que espera novos céus deve começar renovando a si próprio, e diligentemente aspirar por isso; mas aquele que adere à sua própria imundícia, de positivo mesmo nada pensam no reino de Deus, e nem têm gosto por algo além deste mundo corrupto.

Mas é preciso que notemos bem o que ele diz, a saber, que temos de ser *achados irrepreensíveis* em Cristo; porque, com estas palavras, ele notifica que, enquanto o mundo envolve e controla as mentes de outros, nós devemos ter os olhos postos no Senhor, e, ao mesmo tempo, ele mostra qual é a integridade real, a saber, aquela que é aprovada por seu juízo, e não aquela que granjeia o louvor dos homens.[141]

A palavra paz parece ser tomada por um estado de consciência serena, ser achado em esperança e espera paciente.[142] Porque, quão poucos voltam sua atenção para o juízo de Cristo, daí ocorrer que, enquanto são arremessados de ponta cabeça por suas concupiscências importunas, ao mesmo tempo vivem num estado de inquietude. Esta paz, pois, é a quietude de uma alma pacífica, a qual aquiesce na palavra de Deus.

É possível que se indague como se pode achar alguém sem culpa diante de Cristo, quando todos nós labutamos sob tantas deficiências. Aqui, porém, Pedro apenas põe em relevo a meta que todos os fiéis devem almejar, ainda que não possam alcançá-la, até que, despidos de sua carne, se tornem plenamente unidos a Cristo.

15. A longanimidade de nosso Senhor. Ele toma como certo que Cristo adia o dia de sua vinda, a saber, porque ele leva em conta nossa salvação. Com isso ele anima os fiéis, porque um prazo maior é uma evidência de sua própria salvação. Assim, o que geralmente desanima outros pela exaustão, ele sabiamente converte num propósito contrário.

Também nosso amado irmão Paulo. É fácil deduzirmos da Epístola aos Gálatas, bem como de outras passagens, que os homens sem princípios, que por toda parte perturbavam as igrejas, com o fim de desacreditar Paulo, fizeram uso desta pretensão, de que ele não se harmonizava bem com os demais apóstolos. Portanto, é bem provável que Pedro fizesse referência a Paulo com o fim de mostrar um consenso; pois era muito necessário descartar tal calúnia. E, no entanto, quando examino todas as coisas mais rigorosamente, parece-me mais provável que esta Epístola foi composta por outro, em consonância com o que Pedro transmitia, do que escrita por ele mesmo, porquanto Pedro jamais teria pessoalmente falado assim. Mas, para mim basta que tenhamos o testemunho de sua doutrina e de sua boa vontade, que nada apresentou em contrário ao que ele mesmo teria dito.

16. Nas quais há algumas coisas. O relativo *as quais* não se refere às epístolas, pois está no gênero neutro.[143] O significado é que nas coisas que ele escreveu havia de vez em quando alguma obscuridade, o que dava ocasião aos neófitos de desviar-se para sua própria ruína. Com estas palavras, precisamos ponderar sobriamente sobre as coisas assim elevadas e obscuras; e, mais ainda, aqui somos fortalecidos contra este tipo de ofensa, para que as especulações insensatas ou absurdas dos homens não nos perturbem, pelas quais enredam e distorcem a verdade simples, a qual deve servir para edificação.

Mas é preciso observar que não somos proibidos de ler as epístolas de Paulo, só porque elas contêm algumas coisas duras e difíceis de entender, senão que, ao contrário, nos são recomendadas, contanto que apresentemos uma mente serena e passível de instrução. Porquanto Pedro condena os homens que são tagarelas e levianos, os quais torcem estranhamente, para sua própria ruína, o que é proveitoso a todos. Mais ainda, ele diz que comumente se faz isto no

tocante a toda a Escritura; e, no entanto, nem por isso ele conclui que não devamos lê-la, senão que apenas mostra que tais vícios devem ser corrigidos, os quais obstruem o progresso; e não só isso, mas nos torna letal o que Deus designou para nossa salvação.

Não obstante, é possível que se indague: Donde procede tal obscuridade, visto que a Escritura brilha sobre nós como uma lâmpada e guia nossos passos? A isto respondo que não há nada para se estranhar, se Pedro atribuiu obscuridade aos mistérios do reino de Cristo, e, especialmente, se considerarmos quão ocultos são eles à percepção da carne. Entretanto, o método de ensino que Deus adotou tem sido tão suficiente, que todos quantos não se recusam a seguir o Espírito Santo como seu o guia, encontram na Escritura uma clara luz. Ao mesmo tempo, muitos são cegos, os quais tropeçam em pleno dia; outros são orgulhosos, os quais, vagueando por veredas remotas, e fugindo pelos lugares os mais abruptos, precipitando-se de ponta cabeça na ruína.

17. Portanto, vós, amados. Depois de haver mostrado aos fiéis os perigos dos quais deviam precaver-se, ele então conclui admoestando-os a que fossem sábios. No entanto, ele mostra que havia necessidade de um viver vigilante, a fim de que não fossem esmagados. E, indubitavelmente, a astúcia de nosso inimigo, as muitas e variadas deslealdades que ele emprega contra nós, as maquinações dos ímpios, não deixam lugar para segurança. Daí é preciso exercer a vigilância, para que as armadilhas de Satanás e dos perversos não consigam enredar-nos. Embora pareça que estamos adormecidos no solo, e a certeza de nossa salvação está suspensa, por assim dizer, por um fio, contudo ele declara aos fiéis que precisam estar atentos, para que não decaiam de sua própria firmeza.

O que, pois, virá a ser de nós se formos expostos ao risco de cairmos? A isto respondo que esta exortação, e as semelhantes a ela, de modo algum se destina a abalar a firmeza daquela fé que recorre a Deus, e sim para corrigir a indolência de nossa carne. Caso alguém queira ver mais

sobre este tema, então que leia o que foi dito no décimo capítulo da Primeira Epístola aos Coríntios.

Eis o significado: que, enquanto estivermos na carne, é preciso que nossa morosidade seja despertada, e que isto se faz com sucesso pondo nossa fraqueza, bem como a variedade de perigos que nos cercam, diante de nossos olhos; mas que a confiança que repousa nas promessas de Deus não seja com isso abalada.

18. Mas crescei na graça. Ele nos exorta ainda a fazermos progresso; pois este é o único caminho da perseverança: fazer avanços contínuos, e não nos determos no meio de nossa jornada; como se ele quisesse dizer: somente se sente seguro quem se esforça para fazer progresso diário.

Tomo a palavra *graça* num sentido geral, no sentido daqueles dons espirituais que obtemos através de Cristo. No entanto, como nos tornamos participantes destas bênçãos em consonância com a medida de nossa fé, à graça acrescenta-se *conhecimento*; como se quisesse dizer: como a fé cresce, assim deve seguir o aumento da graça.[144]

A ele seja a glória. Esta é uma passagem notável em comprovação da divindade de Cristo; pois o que se diz não pode pertencer a qualquer um, senão a Deus somente. O advérbio do tempo presente, *agora*, é designado para este fim: para que não usurpemos de Cristo sua glória, durante nosso viver neste mundo. Então, adiciona: *o dia eterno*, para que formemos agora alguma idéia de seu reino eterno, o qual se nos fará conhecida sua plena e perfeita glória.

Fim da Segunda Epístola de Pedro.

---

134. O apóstolo, evidentemente, admite que tinham uma mente sincera ou pura, isto é, isenta das poluições referidas no último capítulo; mas ainda tinham a necessidade de ser estimulados por admoestações. Daí suas mentes não eram, num sentido estrito, perfeitas, ainda que sinceras.

135. A construção da passagem é como segue: “Em ambas as quais eu, por admoestação, desperto vossa mente sincera para que vos recordeis das palavras outrora faladas pelos santos profetas, e a doutrina de nós apóstolos de nosso

Senhor e Salvador". O verbo μνησθῶναι está conectado com "despertar"; e neste tempo é usado ativamente, bem como passivamente. Conferir Mateus 26.75; e Atos 10.31. Há no substantivo ἐντολὴ uma metonímia, mandamento que se ordena fosse ensinada a doutrina. Ele tem este significado, segundo Schleusner, em João 12.50, e, nesta epístola, em 2.21.

136. Literalmente, é: "o último dos dias", segundo a forma hebraica, !ymyh tyrja, "a extremidade dos dias" [Is 2.2]; mas o significado é o mesmo que "os últimos dias", como usado em Hebreus 1.1, e em outros lugares, isto é, os dias da dispensação evangélica.

137. Os dois versículos, o quinto e o sexto, têm sido explicados diferentemente. "A terra", dizem alguns, "subsistindo da água e através da água", isto é, emergindo da água e firmada e solidificada por meio da água; o que é verdadeiro, porque através da umidade a terra se junta e se torna uma massa sólida. Outros traduzem a última cláusula, "em água", ou no meio da água, isto é, cercado por água; e este é o significado mais adequado. O δι᾽ ὧν, no início do sexto versículo, se refere, segundo Beza, Whitby e outros, aos céus e à terra no versículo precedente, ao dilúvio sendo ocasionado por "as janelas do céu sendo abertas", e "às fontes do grande abismo irrompendo" [Gn 7.11]. "Pelo qual (ou por meio do qual) o mundo daquele tempo, sendo submerso em água, foi destruído". A objeção a este ponto de vista, como acertadamente expresso por Macknight, é que a correspondência entre este versículo e o seguinte é desse modo perdida: a preservação do mundo para ser destruído por fogo é expressamente atribuída, no sétimo versículo, à palavra de Deus; e à mesma se deve atribuir a destruição do mundo antigo. Este é, indubitavelmente, o significado requerido pela passagem, mas "os quais", estando no plural, gera dificuldade, e não há uma redação diferente. Macknight resolve a dificuldade dizendo que o plural "os quais" ou a quem se refere a "palavra", significando Cristo e "Deus", como no primeiro versículo deste capítulo, "em ambas as quais", uma referência feita ao que está implícito em "a segunda Epístola", isto é, a primeira. Ele pressupõe que haja aqui o mesmo modo anômalo de falar. Mas a conjetura que foi feita não é improvável, que é um equívoco tipográfico, ὧν sendo expresso por οὗ ou por ὃν. Então o significado seria evidente; e as duas partes corresponderiam entre si. 5. "Porque disto eles são voluntariamente ignorantes, que os céus existiram desde a antiguidade, e a terra (que subsistiu da água e em água), por 6. a palavra de Deus; pela qual o mundo daquele tempo, sendo imerso 7. em água, foi destruído. Mas os céus e a terra presentes são, por sua palavra, reservados, sendo guardados para fogo no dia do juízo e da perdição dos homens ímpios". Por "palavra", aqui, está implícito ordem, ou poder, ou o *fiat* pelo qual o mundo foi criado; e pela mesma ele foi destruído, e pela mesma ele será finalmente destruído. Em vez de αὐτῷ, "o mesmo", Griesbach introduziu em seu texto αὐτοῦ, "dele".

138. Um ponto de vista semelhante foi assumido por Estius, Piscator e Beza.

139. A palavra anterior está também no plural, "em santas conversações". O que parece estar implícito é que cada parte da conduta deve ser santa, e que cada parte da piedade deve receber atenção: "Em cada parte de uma vida santa, e cada ato de piedade"; isto é, não devemos ser em parte santos, ou em parte pios, mas atentar bem para cada esfera do dever para com o homem, e cada esfera do dever

para com Deus.

140. O primeiro significado de σπεύδω é apressar, e às vezes é usado quando conectado com outro verbo, adverbialmente como proposto por Calvino; mas, quando seguido, como aqui, de um caso acusativo, às vezes tem o significado secundário de desejar ardentemente uma coisa. É tomado assim aqui por Schleusner, Parkhurst e Macknight, "esperando e ardentemente desejando a vinda do dia de Deus".

141. Ele diz "esperando estas coisas, sede diligentes", etc., σπουδάσατε, apressar, empenhar-se rápido e diligentemente, trabalhando ardentemente, tentando cuidadosamente: "Portanto, amados, visto que esperais estas coisas, esforçai-vos diligentemente para que sejais achados por ele em paz, impolutos e irrepreensíveis"; isto é, não havendo mancha, e não culpados de crime.

142. Alguns dizem "paz" com Deus; mas o ponto de vista de Calvino é mais apropriado aqui.

143. Em alguns manuscritos, está no gênero feminino. A autoridade quanto às cópias e as versões é quase igual. A diferença não é tanto no que tange ao sentido, somente "nas quais epístolas" se lê melhor. Assim pensavam Beza, Mill entre outros. Tem sido uma questão quanto à epístola particular referida por Pedro; pois, que ele alude a alguma epístola particular é evidente da maneira como ele escreve. A dificuldade tem surgido de conectar a referência feita a Paulo apenas com a primeira parte do versículo 15, enquanto que parte deve ser considerada só como uma adição ao primeiro versículo; e o primeiro versículo está conectado com os novos céus e a nova terra. De modo que os temas em mãos são o dia do juízo, o estado futuro e a necessidade de preparar-se para ele; e que estas são as coisas referidas fica evidente à luz deste fato: que ele diz que Paulo fala delas em todas as suas epístolas, o que não é verdade, quanto ao que é dito no início do versículo 15. A passagem, pois, deve ser traduzida assim: 14. "Portanto, amados, visto que esperais estas coisas, esforçai-vos diligentemente por ser achados por ele puros e irrepreensíveis; 15. e considerai que a longanimidade de nosso Senhor visa à salvação; até mesmo Paulo, nosso amado irmão, segundo a sabedoria que lhe foi dada, 16. vos escreveu; como também em todas as suas epístolas, quando fala nelas destas coisas; nas quais [epístolas] há algumas coisas difíceis de se entender", etc. Ora, a epístola especialmente referida, muito provavelmente seja a Epístola aos Hebreus, cujo desígnio particular era dirigir a atenção dos judeus para a pátria prometida a seus pais. De fato alguns sustentam que aquela Epístola foi escrita aos judeus da Judéia; outros, porém, mantêm que ela foi escrita aos hebreus conversos em geral, quer na Judéia, quer em outros lugares; e esta passagem parece favorecer a segunda opinião. Se o ponto de vista apresentado aqui é correto, isto é, que os temas sobre os quais se faz referência a Paulo são aqueles mencionados nos versículos 12, 13 e 14, então não há epístola de Paulo que pudesse ser mais apropriadamente mencionada do que aquela aos Hebreus, quando os novos céus e a nova terra correspondem exatamente a "a pátria superior e celestial", mencionada na Epístola aos Hebreus. Conferir Hebreus 11.16. Além disso, as exortações e advertências daquela Epístola coincidem plenamente com a exortação feita aqui por Pedro.

144. “Graça” é a obtenção, e “conhecimento” de Cristo é o modo e meio. Na Escritura, a coisa principal às vezes é mencionada primeiro, e então aquilo que leva a ela, ou a causa dela.

SÉRIE COMENTÁRIOS BÍBLICOS

JOÃO CALVINO

1 João



Argumento da Epístola de 1João

Esta Epístola é totalmente digna do espírito daquele discípulo que, acima dos demais, era amado por Cristo, para que no-lo apresentasse como amigo. Mas ela contém doutrinas mescladas com exortações; pois ele fala da eterna divindade de Cristo, e, ao mesmo tempo, da graça incomparável que ele trouxe consigo quando se manifestou no mundo, e geralmente de todas suas bênçãos; e especialmente recomenda e enaltece a inestimável graça da divina adoção.

Ele baseia suas exortações sobre estas verdades; e a um tempo ele nos admoesta, em geral, a vivermos uma vida piedosa e santa, e em outra ocasião ele ordena expressamente o amor. Mas ele não faz essas coisas numa ordem regular; pois por toda parte ele mescla ensino com exortações. Mas, particularmente, ele insiste no amor fraternal. Toca também, sucintamente, outras coisas, tais como a cautela com os impostores e coisas afins. Mas cada [tema] particular será notado em seu devido lugar.

Capítulo 1

1. O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos ouvidos, o que contemplamos e nossas mãos tocaram da Palavra da vida;
2. (Pois a vida se manifestou, e a vimos e damos testemunho, e vos mostramos a vida eterna que estava com o Pai e nos foi manifestada).

1. Quod erat ab initio, quod audivimus, quod vidimus oculis nostris, quod intuiti sumus, quod manus nostrae contrectaverunt, de Sermone vitae;
2. Et vita manifesta est, et vidimus et testamur et annuntiamus vobis vitam aeternam, quae erat apud Patrem, et manifesta est nobis.

Em primeiro lugar, ele mostra que a vida nos foi apresentada em Cristo; a qual, como um bem incomparável, deve despertar e inflamar todas as nossas faculdades com um maravilhoso desejo com amor por ela. De fato lemos em poucas e nítidas palavras que a vida se manifestou; mas se considerarmos agora quão miserável e horrível condição é a morte, e também qual é o reino e a glória da imortalidade, perceberemos que aqui há algo mais grandioso do que se pode expressar em quaisquer palavras.

Então, o objetivo do apóstolo, ao pôr diante de nós um bem tão imenso, sim, a principal e única felicidade genuína que Deus nos conferiu, em seu próprio Filho, é elevar nossos pensamentos ao alto. Mas, como a grandeza do sujeito requer que a verdade seja infalível e plenamente provada, esta é a insistência aqui. Pois estas palavras: *o que vimos, o que ouvimos, o que contemplamos* servem para corroborar nossa fé no evangelho. Aliás, tampouco ele faz tantas afirmações sem razão, porque, visto que nossa salvação depende do evangelho, sua certeza é necessária no mais elevado grau; e, quão difícil nos é crer, cada um de nós está tão bem ciente por sua própria experiência. Crer não é

formar uma opinião superficial, ou assentir apenas ao que é dito, mas uma convicção firme e destituída de dúvida, de modo que ousamos subscrever a verdade como plenamente provada. É por esta razão que o apóstolo reúne tantas coisas juntas em confirmação do evangelho.

1. O que era desde o princípio. Como a passagem é abrupta e complexa, para que o sentido viesse a ser mais claro, as palavras podem ser assim arranjadas: "Nós vos anunciamos a palavra da vida, a qual era desde o princípio e realmente nos testificou, de todas as maneiras, que a vida se manifestou nele"; ou, caso o leitor o prefira, o significado pode ser assim expresso: "O que vos anunciamos com respeito à palavra da vida, existiu desde o princípio, e nos foi publicamente demonstrado que a vida se manifestou nele". Mas as palavras *o que era desde o princípio* sem dúvida se referem à divindade de Cristo, porque Deus manifestado na carne não era desde o princípio; mas aquele que era a vida perene e a eterna Palavra de Deus se manifestou como homem na plenitude do tempo. Uma vez mais, o que segue no tocante à visão e ao toque das mãos se refere à sua natureza humana. Mas, como as duas naturezas constituem uma única pessoa, e Cristo é um, porquanto ele veio da parte do Pai para poder vestir-se de nossa carne, o apóstolo corretamente declara que ele é o mesmo, que fora invisível, mas que agora se tornou visível.[145]

Daqui se reprova o sofisma sem sentido de [Miguel] Servet, de que a natureza e a essência da deidade vieram a ser una com a carne, e que assim a Palavra foi transformada em carne, porque a Palavra doadora de vida foi vista na carne.

Tenhamos, pois, em mente que esta doutrina do evangelho é aqui declarada, a saber, que aquele que na carne realmente provou ser o Filho de Deus, e foi reconhecido como sendo o Filho de Deus, era sempre a Palavra invisível de Deus, pois ele aqui não se refere ao princípio do mundo, mas que ascende mais alto.

O que ouvimos, o que vimos. Não era o ouvir de uma notícia, a que geralmente se dá pouco crédito, mas João tem em mente que ele aprendera fielmente de seu Mestre aquelas coisas que ele ensinou, de modo que ele nada alegava impensada e temerariamente. E, sem dúvida, ninguém é um mestre apto na igreja senão aquele que foi discípulo do Filho de Deus, e corretamente instruído em sua escola, visto que sua autoridade é a única que prevalece.

Ao dizer, vimos *com nossos olhos*, não equivale à redundância, mas uma expressão mais completa em prol de ampliação; sim, ele não ficou satisfeito com apenas ver, mas adicionou *o que temos contemplado e nossas mãos apalparam*. Com estas palavras mostra que ele nada ensinava senão o que se lhe fizera realmente conhecido.

Não obstante, pode parecer que a evidência dos sentidos pouco valor tinha no presente tema, pois o poder de Cristo não poderia ser percebido pelos olhos nem sentido pelas mãos. A isto respondo que a mesma coisa é expressa aqui como se dá no primeiro capítulo do Evangelho de João: "Vimos sua glória, glória como do unigênito do Pai"; pois ele não foi conhecido como o Filho de Deus pela forma externa de seu corpo, mas porque ele deu provas eminentes de seu divino poder, de modo que nele resplandeceu a majestade do Pai, como numa imagem viva e distinta. Como as palavras se acham no plural, e o sujeito se aplica igualmente a todos os apóstolos, me disponho a incluí-los, especialmente porque do que se trata aqui é a autoridade do testemunho.

Mas não menos frívolo (como eu já disse) do que a impudência é a perversidade de Servet, que insiste que estas palavras provam que a Palavra de Deus se tornou visível e passível de ser tocada; ele ou impiamente destrói, ou confunde as duas naturezas de Cristo. Portanto, não passa de mera ficção. E assim, deificando a humanidade de Cristo, ele remove totalmente a realidade de sua natureza humana, ao mesmo tempo negando que Cristo é por alguma outra razão chamado o Filho de Deus, senão porque ele foi concebido no

ventre de sua mãe pelo poder do Espírito Santo, e removendo sua própria subsistência em Deus. Daí se segue que ele não era Deus nem homem, ainda que parecesse formar uma massa confusa de ambos. Mas, como a intenção do apóstolo nos é evidente, o consideremos como um homem sem escrúpulo.

Da Palavra da vida. Aqui se usa o genitivo por um adjetivo, vivificando ou dando vida; pois nele, como eu já disse no primeiro capítulo do Evangelho de João, estava a vida. Ao mesmo tempo, esta distinção pertence ao Filho de Deus em dois aspectos: porque ele tem infundido vida em todas as criaturas, e porque ele agora nos restaura à vida, a qual havia perecido, tendo sido extinta pelo pecado de Adão. Além do mais, é possível explicar o termo *Palavra* de duas maneiras: ou em relação a Cristo, ou à doutrina do evangelho, pois é justamente por isso que a salvação nos é trazida. Mas, como sua substância é Cristo, e como ela nada mais contém senão aquele que sempre esteve com o Pai e que por fim se manifestou aos homens, o primeiro ponto de vista me parece mais simples e genuíno. Além do mais, transparece mais plenamente do evangelho que a sabedoria que reside em Deus é chamada a Palavra.

2. Pois (ou **e**) **a vida se manifestou**. A copulativa é de caráter explicativo, como se ele quisesse dizer: "Testificamos da Palavra vivificante, como a vida se manifestou". O sentido pode, ao mesmo tempo, ser duplo: que Cristo, que é a vida e a fonte de vida, se manifestou; ou que a vida nos foi publicamente oferecida em Cristo. De fato o segundo segue necessariamente o primeiro. Contudo, no tocante ao significado, as duas coisas diferem, como causa e efeito. Quando repete, *mostramos* ou anunciamos *a vida eterna*, não tenho dúvida de que ele fala do efeito, a saber, que ele anuncia que a vida é obtida em Cristo.

Daí aprendermos que, quando Cristo é por nós anunciado, o reino do céu se nos abre, de modo que, sendo ressuscitado dentre os mortos, possamos viver a vida de Deus.

O qual estava com o Pai. Isto é verdadeiro não só a partir do tempo em que o mundo foi formado, mas também desde a eternidade, pois ele era sempre Deus, a fonte de vida; e o poder e a faculdade de vivificar foram possuídos por sua eterna sabedoria; mas ele não o exerceu realmente antes da criação do mundo, e desde o tempo em que Deus começou a exibir a Palavra, aquele poder que antes estivera oculto, se difundiu sobre todas as coisas criadas. Já se havia feito alguma manifestação; o apóstolo tinha outra coisa em vista, a saber, que a vida por fim foi então manifestada em Cristo, quando em nossa carne ele completou a obra da redenção. Pois mesmo que os pais vivessem ainda sob a lei, associados e participantes da mesma vida, contudo bem sabemos que viviam envolvidos pela esperança que estava para revelar-se. Era necessário que buscassem a vida na morte e ressurreição de Cristo; mas o evento estava não só muito longe de seus olhos, mas também oculto de suas mentes. Dependiam, pois, da esperança da revelação, a qual por fim se concretizou no devido tempo. De fato não poderiam ter obtido a vida se de alguma forma não se lhes manifestasse; mas a diferença entre nós e eles é que já o temos revelado, por assim dizer, em nossas mãos, a quem buscaram obscuramente o que lhes fora prometido em tipos.

Mas o objetivo do apóstolo é remover a idéia de novidade, a qual pudesse minimizar a dignidade do evangelho; ele, pois, diz que a vida no momento não tinha ainda começado por extenso, ainda que ela só aparecesse mais tarde, porquanto estivera sempre com o Pai.

3. O que vimos e ouvimos, vos declaramos, para que também tenhais comunhão conosco; e verdadeiramente nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo.
4. E estas coisas vos escrevemos para que vossa alegria seja completa.
5. Esta é a mensagem que ouvimos dele, e vos declaramos: que Deus é luz, e não há nele quaisquer trevas.
6. Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não

3. Quod vidimus et audivimus, annuntiamus vobis, ut et vos societatem habeatis nobiscum, et societas nostra sit cum Patre etc um filio ejus Jesu Christo.
4. Et haec scribimus vobis, ut gaudium vestrum sit completum.
5. Et haec est promissio quam annuntiamus, quod Deus lux est, et tenebrae in eo non sunt ullae.
6. Si dixerimus quod societatem habemus cum eo, et in tenebris ambulamus,

praticamos a verdade.
7. Mas, se andarmos na luz, como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado.

mentimur, et veritatem non facimus.
7. Si autem in luce ambulamus, sicut ipse in luce est, societatem habemus inter nos mutuam, et sanguis Jesu Christi filii ejus emundat nos ab omni peccato.

3. O que vimos e ouvimos. Ele agora repete pela terceira vez as palavras *vimos* e *ouvimos*, para que nada ficasse faltando no tocante à certeza real de sua doutrina. E é preciso notar com todo cuidado que os arautos do evangelho, escolhidos por Cristo, foram aqueles que eram aptas e fiéis testemunhas de todas aquelas coisas que tinham de declarar. Ele testifica ainda do sentimento de seu coração, pois afirma que não fora movido por nenhuma outra razão para escrever senão para incitar aqueles a quem escrevia à participação de um bem inestimável. Daí transparecer quanta preocupação ele tinha pela salvação deles; o que servia não pouco para induzi-los a crer; pois seríamos extremamente ingratos se recusássemos ouvir àquele que deseja comunicar-nos uma parte daquela felicidade que obtivera.

Ele anuncia também o fruto recebido do evangelho, a saber, que dessa forma estamos unidos a Deus e a seu Filho Jesus Cristo, em quem se encontra o bem supremo. Era-lhe necessário adicionar esta segunda sentença, não só para representar a doutrina do evangelho como preciosa e amorável, mas também para mostrar que ele desejava que fossem associados com nenhum outro propósito senão para guiá-los a Deus, de modo que todos viessem a ser um nele. Pois também os ímpios mantêm uma mútua união entre si, porém sem Deus; pior ainda, com o fim de alienar-se cada vez mais de Deus, o que equivale o extremo de todos os males. Aliás, é como se fosse declarado que nossa única e verdadeira felicidade está no ato de sermos recebidos no favor divino para que realmente vivamos unidos com ele em Cristo. João fala disto no capítulo dezessete de seu Evangelho. Em suma, João declara que, como os apóstolos foram adotados por Cristo como irmãos, sendo reunidos em

um só corpo, pudessem juntos estar unidos a Deus, assim fizessem a mesma coisa com outros companheiros; ainda que muitos, contudo se tornam participantes desta santa e bendita união.

4. Para que vossa alegria seja completa. Por alegria completa ele expressa mais claramente a felicidade completa e perfeita que obtivemos através do evangelho. Ao mesmo tempo, ele recorda aos fiéis onde devem fixar todas as suas afeições. Verdadeiro é aquele dito: "Porque onde estiver vosso tesouro, aí estará também vosso coração" [Mt 6.21]. Todo aquele, pois, que realmente percebe qual é a comunhão com Deus ficará satisfeito unicamente com ela e não mais se arderá de desejo por outras coisas. "O Senhor é a porção de minha herança e de meu cálice", diz Davi; "tu sustentas minha sorte. As linhas caem-me em lugares deliciosos: sim, coube-me uma formosa herança" [Sl 16.5, 6]. Da mesma forma Paulo declara que todas as coisas eram por ele julgadas como esterco, em comparação com a exclusividade de Cristo [Fp 3.8]. Portanto, finalmente faz uma proficiência no evangelho quem se considera feliz em ter comunhão com Deus, e aquiesce unicamente nesse fato; e assim o prefere ao mundo inteiro, de modo que, por essa causa, se prontifica a conquistar todas as demais coisas.

5. Esta, pois, é a mensagem, ou *promessa*. Não reprovo a tradução do antigo intérprete, "esta é a anunciação", ou *mensagem*; porque, ainda que ἐπαγγελία signifique, em sua maior parte, uma promessa, todavia, como João aqui fala, em termos gerais, do testemunho acima mencionado, o contexto parece requerer o outro significado, a não ser que o leitor apresentasse esta explicação: "A promessa que vos anunciamos inclui ou contém esta condição nela anexa". Assim, a intenção do apóstolo se nos tornaria evidente.[146] Pois aqui seu objetivo não era incluir toda a doutrina do evangelho, e sim mostrar que, se desejarmos usufruir Cristo e suas bênçãos, ele requer que nos conformemos a Deus em

justiça e santidade. Paulo diz a mesma coisa no segundo capítulo da Epístola a Tito: “Porque a graça de Deus se manifestou trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente” [Tt 2.11, 12]. Exceto que aqui ele diz, metaforicamente, que devemos andar na luz, porque Deus é luz.

Ele denomina Deus de *luz*, e diz que ele *está na luz*; Essas expressões não devem ser tomadas de maneira estrita demais. Por que Satanás é chamado o príncipe das trevas é suficientemente evidente. Quando, pois, Deus, em contrapartida, é denominado de Pai da luz, e igualmente luz, inicialmente entendemos que não há nada nele senão o que é resplandecente, puro e sem mistura; e, em segundo lugar, que ele faz todas as coisas tão manifestas por seu esplendor, que não permite que algo vicioso ou pervertido, ou manchas ou imundícia, ou hipocrisia ou fraude permaneça oculto. Então a suma do que lemos é que, visto que não há união entre luz e trevas, existe uma separação entre nós e Deus enquanto andarmos nas trevas; e que a comunhão que menciona não pode existir caso não nos tornemos também puros e santos.

Não há nele quaisquer trevas. Este modo de falar é comumente usado por João com o fim de ampliar o que já afirmara mediante uma negação contrária. O significado, pois, é que Deus é uma luz de tal natureza que não existe nele um mínimo vestígio de trevas. Daqui se segue que ele odeia uma má consciência, a contaminação, e a perversidade, bem como tudo quanto pertence às trevas.

Se dissermos. De fato a inconsistência é um argumento que pode ser usado para se concluir que quem anda em trevas está alienado de Deus. Não obstante, esta doutrina depende de um princípio mais elevado, a saber, que Deus santifica a todos quantos são dele. Pois requerer que nossa vida seja santa não constitui um mero preceito de sua parte; mas,

antes, mostra que a graça de Cristo serve ao propósito de dissipar as trevas e acender em nós a luz de Deus; como se quisesse dizer: "O que Deus nos comunica não é uma vã ficção; pois é necessário que o poder e o efeito desta comunhão resplandeçam em nossa vida; do contrário, a posse do evangelho seria falacioso". O que ele adiciona, *e não pratica a verdade*, equivale ao mesmo se ele dissesse: "Não agimos fidedignamente. Não levamos em conta o que é verdadeiro e certo". E este modo de falar, como já observamos, é usado por ele com frequência.

7. Mas, se andarmos na luz. Então afirma que a prova de nossa união com Deus é indubitável, se nos conformarmos a ele; não que a pureza de vida nos reconcilia com ele, como a causa primária, mas a intenção do apóstolo é que nossa união com Deus se evidencia pelo efeito, a saber, quando sua pureza se irradia em nós. E, sem dúvida, isso é justamente assim; sempre que Deus aparece, todas as coisas são tão imbuídas de sua santidade, que ele elimina toda imundícia; pois sem ele nada temos senão imundícia e trevas. Daí se faz evidente que ninguém vive uma vida santa se não estiver unido a Deus.

Ao dizer, *temos comunhão uns com os outros*, ele não fala simplesmente dos homens, mas põe Deus de um lado, e nós, do outro.

Não obstante, pode-se indagar: "Quem dentre os homens pode exibir a luz de Deus em sua vida de tal maneira que se manifeste esta semelhança que João requer? Pois seria necessário que tal pessoa fosse totalmente pura e isenta de trevas". A isto respondo que expressões desse gênero são acomodadas à capacidade dos homens. Portanto, se assemelha a Deus quem aspira sua semelhança, por mais distante ele ainda esteja dela. Não se deve aplicar outro exemplo além daquele desta passagem. Anda em trevas aquele que não se deixa governar pelo temor de Deus, e aquele que não se devota totalmente a Deus nem busca promover sua glória, com consciência pura. Em

contrapartida, pois, aquele que sinceramente de coração gasta sua vida, sim, cada parte dela, no temor e serviço de Deus, e fielmente o cultua, anda na luz, pois se mantém no caminho certo, ainda que, em muitas coisas, ofenda e gema sob o fardo da carne. Então, integridade de consciência é a única coisa que distingue luz de trevas.

E o sangue de Jesus Cristo. Após haver ensinado qual é o vínculo de nossa união com Deus, ele agora mostra qual o fruto que emana dela, a saber, que nossos pecados são remitidos gratuitamente. E esta é a bem-aventurança que Davi descreve no Salmo 32, para que soubéssemos que somos muito miseráveis até que, sendo renovados pelo Espírito de Deus, o sirvamos com um coração sincero. Pois quem se imaginaria mais miserável do que aquele a quem Deus odeia e abomina, e sobre cuja cabeça pende a ira de Deus e a morte eterna?

Esta passagem é extraordinária; e dela aprendemos, em primeiro lugar, que a expiação de Cristo, efetuada por sua morte, então pertence propriamente a nós quando, com integridade de coração, fazemos o que é certo e justo; pois Cristo não é redentor senão daqueles que fogem da iniquidade e seguem uma nova vida. Se, pois, desejamos ter Deus a nós propício, a ponto de perdoar nossos pecados, não devemos perdoar a nós mesmos. Em suma, a remissão de pecados não pode estar separada do arrependimento, nem pode a paz de Deus estar no coração onde o temor de Deus não prevalece.

Em segundo lugar, esta passagem mostra que o perdão gratuito dos pecados nos é dado não só uma vez, mas que é um benefício perenemente permanente na igreja e diariamente oferecido aos fiéis. Pois o apóstolo, aqui, fala aos fiéis; como, indubitavelmente, nunca houve ninguém, nem jamais haverá alguém que possa de outra forma agradar a Deus, visto que todos são culpados perante ele, por isso, por mais forte que seja o desejo em nós de agir corretamente, sempre iremos a Deus temerosamente. Portanto, o que é

feito pelas metades nunca obtém a aprovação junto a Deus. Entrementes, mediante novos pecados nos separamos continuamente, o quanto podemos, da graça de Deus. E assim se dá que todos os santos têm necessidade do perdão diário dos pecados; pois este é o único que nos mantém na família de Deus.

Ao dizer, *de todo pecado*, ele notifica que somos, em muitos aspectos, culpados diante de Deus; de modo que, sem dúvida, não há ninguém que não tenha muitos vícios. Ele, porém, mostra que nenhum pecado impede os santos, e a tantos quantos temem a Deus, de obter seu favor. Ele realça ainda a maneira de se obter o perdão, e a causa de nossa purificação, a saber, porque Cristo expiou nossos pecados por seu sangue; porém afirma que todos os santos são, indubitavelmente, participantes dessa purificação.

A totalidade de sua doutrina foi perversamente pervertida pelos sofistas; pois imaginam que o perdão de pecados nos é dado, por assim dizer, no batismo. Mantêm que somente ali o sangue de Cristo é válido; e ensinam que, depois do batismo, Deus não é reconciliado de outra maneira senão por meio de satisfações. De fato, deixam alguma parte para o sangue de Cristo; mas quando atribuem mérito às obras, mesmo no mínimo grau, subvertem totalmente o que João ensina aqui, no tocante ao modo de expiar pecados e de ser reconciliado com Deus. Pois estas duas coisas nunca podem se harmonizar: ser purificado pelo sangue de Cristo e ser purificado pelas obras; pois João não atribui ao sangue de Cristo a metade, e sim a totalidade.

Portanto, a suma do que lemos é que os fiéis sabem com certeza que são aceitos por Deus em razão de que ele se reconciliou com eles através do sacrifício da morte de Cristo. E sacrifício inclui purificação e satisfação. Daí, o poder e a eficiência destas pertencem unicamente ao sangue de Cristo.

Pelo presente, reprova-se e se expõe a sacrílega invenção dos papistas no que tange às indulgências; porque, como se o sangue de Cristo não fosse suficiente, adicionam, como um

subsídio a ele, o sangue e méritos dos mártires. Ao mesmo tempo, esta blasfêmia grassa muito mais entre nós; porque, como dizem que suas chaves, pelas quais eles mantêm contida a remissão de pecados, abrem um tesouro acumulado em parte pelo sangue de e méritos dos mártires, e em parte pelas obras de supererrogação [*supererogatione*], pelas quais qualquer pecador pode redimir-se, não lhes resta nenhuma remissão de pecados, senão o que é depreciativo ao sangue de Cristo; pois, se sua doutrina ficar de pé, o sangue de Cristo não nos purifica, mas entra, por assim dizer, como um auxílio parcial. E, assim, as consciências ficam em suspense, as quais o apóstolo, aqui, incita a depositar confiança no sangue de Cristo.

8. Se dissermos que não temos nenhum pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós.
9. Se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.
10. Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo mentiroso, e sua palavra não está em nós.

8. Si dixerimus quod peccatum non habemus, nos ipsos decipimus, et veritas non est in nobis.
9. Si confitemur peccata nostra, fidelis est et justus, ut nobis peccata remittat; et purget nos ab omni injustitia.
10. Si dixerimus quod non peccavimus, mendacem facimus eum, et sermo ejus non est in nobis.

8. Se dissermos. Ele então enaltece a graça por sua necessidade; porque, como ninguém é isento de pecado, ele notifica que estamos todos perdidos e arruinados, a não ser que o Senhor venha em nosso socorro com o remédio do perdão. A razão pela qual ele insiste tanto neste fato, de que ninguém é inocente, é para que todos saibam agora plenamente que permanecem sob a necessidade da misericórdia, com o fim de livrá-los do castigo, e para que se despertassem ainda mais a buscar a bênção indispensável.

Pela palavra *pecado*, aqui, está implícito não só a inclinação corrupta e viciosa, mas também o ato de transgressão e pecaminoso que realmente nos faz culpados perante Deus. Além disso, como ele constitui uma declaração universal, segue-se que nenhum dos santos que ora existe, que já existiu ou existirá, é isento do número dos pecadores. Daí ser

mui oportuna a refutação de Agostinho à maquinação dos pelagianos, evocando contra eles esta passagem; e sabiamente raciocinava que não se requer a confissão de culpa em virtude de humildade, mas para que, ao mentirmos, a nós mesmos não nos enganemos.

Ao acrescentar, *e a verdade não está em nós*, ele confirma, segundo sua maneira usual, a sentença anterior, reiterando-a em outras palavras; ainda que ela não seja uma mera repetição (como em outro lugar), mas afirma que quem se gloria na falsidade é enganado.

9. Se confessarmos. Uma vez mais, ele promete aos fiéis que Deus lhes será propício, contanto que se reconheçam como sendo pecadores. É de grande importância deixar-se persuadir plenamente de que, quando tivermos pecado, há uma reconciliação com Deus pronta e preparada para nós; de outro modo, portaríamos perenemente um inferno em nosso íntimo. Aliás, poucos consideram quão miserável e deplorável é uma consciência dominada pela dúvida; mas a verdade é que o inferno reina onde não há paz com Deus. Acima de tudo, a confissão nos leva a receber, de todo o coração, esta promessa que oferece perdão gratuito a todos quantos confessam seus pecados. Além do mais, isto está fundamentado na própria justiça de Deus, porque aquele que promete é verdadeiro e justo. Pois quem pensa que, ao ser chamado *justo*, isso se deve ao fato de que ele nos justifica gratuitamente, argumenta, como penso, com refinamento exagerado, porque justiça ou retidão, aqui, depende da fidelidade, e ambas estão vinculadas à promessa. Pois Deus poderia ter sido justo mesmo nos tratando com todo o rigor da justiça; mas, como ele se obrigou em relação a nós, por meio de sua palavra, ele não se julgaria justo se não nos perdoasse.[147]

Mas esta confissão, como é feita a Deus, deve ser feita sinceramente; e o coração não pode falar a Deus sem novidade de vida: inclui verdadeiro arrependimento. De fato,

Deus perdoa graciosamente, mas de tal maneira que a benevolência da misericórdia não venha a ser um estímulo ao pecado.

E purificar-nos. Tudo indica que o verbo *purificar* é aqui tomado em outro sentido do anterior; pois ele disse que somos purificados pelo sangue de Cristo porque, através dele, os pecados já não são imputados; agora, porém, tendo falado de perdão, ele adiciona ainda que Deus nos purifica da iniquidade; de modo que esta segunda sentença é diferente da precedente. E assim ele notifica que um duplo fruto procede da confissão – que, sendo Deus reconciliado pelo sacrifício de Cristo, nos perdoa –, e que ele nos renova e nos transforma.

Se porventura alguém objetasse e dissesse que, enquanto formos peregrinos no mundo, nunca seremos isentos de toda injustiça, com respeito à nossa transformação, isto é plenamente verdadeiro; João, porém, não se refere ao que Deus ora realiza em nós. Ele diz que Deus é fiel para nos purificar, não hoje ou amanhã; pois, enquanto vivermos envoltos pela carne estaremos num estado de contínuo progresso; mas aquilo que ele uma vez começou a fazer, continuará fazendo cotidianamente, até que, por fim, o complete. Por isso Paulo diz que fomos escolhidos para que comparecêssemos perante Deus, imaculados [Cl 1.22]; e em outro lugar ele diz que a igreja é purificada para que seja sem mancha e sem ruga [Ef 5.27].

Caso alguém prefira outra explanação, a saber, que ele diz a mesma coisa duas vezes, não farei objeção.[148]

10. O faz mentiroso. Ele vai ainda mais longe, dizendo que aquele que alega estar puro blasfema contra Deus. Pois bem sabemos que em outro lugar ele representa toda a raça humana como culpada de pecado.

Quem quer, pois, que tente escapar desta acusação declara guerra contra Deus e o acusa de falsidade, como se ele condenasse àquele que não merece. Em confirmação disto,

ele adiciona *e sua palavra não está em nós*, como se quisesse dizer que rejeitamos esta grande verdade, a saber, que todos se acham culpados.

Daqui aprendemos que somente então é que fazemos o devido progresso no conhecimento da palavra do Senhor, isto é, quando nos tornamos realmente humildes, a ponto de gemer sob o fardo de nossos pecados, e aprendemos a buscar asilo na misericórdia de Deus, e a se sujeitar em nada mais senão em seu favor paternal.

---

145. É mais consistente com a passagem tomar "desde o princípio", aqui, como sendo desde o princípio do evangelho, desde o princípio do ministério de nosso Salvador, porque o que foi desde o princípio era o que o apóstolo *ouvira* e *vira*. O outro ponto de vista que tem sido tomado destas palavras se deve a um excesso de zelo da parte de muitos, especialmente dos Pais [da Igreja], de estabelecer a divindade de nosso Salvador; mas isto é o que é suficientemente evidente à luz do segundo versículo. Conferir 2.7, 24.

146. Griesbach substituiu ἀγγελία pela palavra aqui usada como sendo mais aprovada; mas a outra, ἐπαγγελία, tem também um significado semelhante: anúncio, ou mensagem, ou mandamento, ainda que, no Novo Testamento, seja muitíssimo tomada no sentido de uma promessa.

147. "Fiel" e "justo" são quase da mesma substância, ambos os termos se relacionando com a *promessa* de Deus, só que o segundo propicia uma base mais forte ou adicional de confiança, visto que o cumprimento da promessa graciosa de Deus é exibido como um ato de justiça. De modo que o penitente tem aqui dois atributos divinos, fidelidade e justiça, a encorajar e sustentar sua fé. Ao mesmo tempo, podemos considerar "justo" como que tendo referência ao perdão; e "fiel", à purificação, segundo o modo muito comum de declarar as coisas no Antigo e no Novo Testamento, sendo revertida a ordem na segunda sentença. Então "justo" significa a mesma coisa dita por Paulo: "para que ele seja justo e justificador do que tem fé em Jesus" [Rm 3.26]. Portanto, perdão é um ato de justiça, não em relação a nós, e sim a Cristo, o qual fez expiação pelos pecados.

148. Isto é, que ele refere ao perdão nas duas sentenças.

Capítulo 2

1. Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo.
2. E ele é a propiciação por nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados do mundo inteiro.

1. Filioli mei, haec scribo vobis, ut non peccetis; quod si quis peccaverit, advocatum habemus apud Patrem, Jesum Christum justum:
2. Et ipse est propitiatio pro peccatis nostris, non pro nostris autem solum, sed etiam pro totius mundi.

1. Meus filhinhos. É não só a suma e substância da doutrina precedente, mas o significado de quase todo o evangelho, que temos de nos afastar do pecado; e, no entanto, ainda que estejamos sempre expostos ao juízo divino, é certo que Cristo de tal modo intercede, mediante o sacrifício de sua morte, que o Pai se nos torna propício. Entrementes, ele também antecipa uma objeção, para que ninguém conclua que ele permite pecar, ao falar da misericórdia de Deus, e ao mostrar que ela é apresentada a todos nós. Ele, pois, une duas partes do evangelho, as quais sem razão os homens separam, e assim o laceram e mutilam. Além disso, a doutrina da graça sempre foi caluniada pelos ímpios. Quando a expiação dos pecados, feita por Cristo, é anunciada, ostensivamente afirmam que nela se oferece uma licença para pecar.

Com o fim de obviar tais calúnias, o apóstolo testifica, em primeiro lugar, que o desígnio de sua doutrina era guardar os homens de pecarem; pois, quando ele diz, *para que não pequeis*, sua intenção é apenas dizer que eles, segundo a medida da debilidade humana, se abstenham de pecar. E, com o mesmo propósito é o que já dissemos acerca da

comunhão com Deus, a saber, que devemos nos conformar a ele. Não obstante, ele não guarda silêncio no tocante à remissão gratuita dos pecados, pois ainda que o céu caísse e todas as coisas ficassem confusas, contudo esta parte da verdade jamais deve ser omitida; mas, ao contrário, o que Cristo é deve ser proclamado clara e distintamente.

Assim devemos também fazer na atualidade. Como a carne se inclina para a licenciosidade, os homens precisam ser cuidadosamente advertidos de que a justiça e a salvação são providas em Cristo para este fim: para que nos tornemos uma santa possessão de Deus. Não obstante, sempre que ocorre de os homens libertinamente abusarem da misericórdia de Deus, haverá muitos homens rugindo e nos cumulando de calúnia, como se déssemos rédeas soltas aos vícios. No entanto temos de ousadamente avançar e proclamar a graça de Cristo, na qual especialmente resplandece a glória de Deus, e na qual consiste toda a salvação dos homens. Insisto em dizer que esses latidos dos ímpios precisam ser totalmente desconsiderados; pois vemos que os apóstolos se viam igualmente assaltados pelos mesmos latidos.

Por esta razão, ele imediatamente adiciona a segunda sentença, a saber, que, quando pecamos, temos um *advogado*. Por estas palavras, ele confirma o que já dissemos, a saber, que estamos muito longe de ser perfeitamente justos; pior ainda, que contraímos nova culpa cotidianamente, e que, no entanto, há um remédio para nos reconciliarmos com Deus, se porventura buscarmos abrigo em Cristo; e somente neste fato as consciências podem se sujeitar, no qual está inclusa a justiça dos homens, na qual se acha fundada a esperança de salvação.

A partícula condicional, *se*, deve ser considerada como causal; pois ela não pode existir se não pecarmos. Em suma, João tenciona dizer que somos não somente afastados do pecado pelo evangelho, visto que Deus nos atrai a si e nos oferece o Espírito de regeneração, mas que se fez uma

provisão para os pecadores miseráveis, para que tenham Deus sempre propício a eles, e para que os pecados, pelos quais nos vemos enredados, não os impeçam de tornarem-se justos, visto que possuem um Mediador para reconciliá-los com Deus. Mas, a fim de mostrar como retornamos ao favor de Deus, ele diz que Cristo é nosso advogado; pois ele comparece perante Deus para este fim: exercer em nosso favor o poder e eficácia de seu sacrifício. Para que isto seja melhor entendido, falarei de modo mais familiar: a intercessão de Cristo é uma aplicação contínua de sua morte para nossa salvação. O fato de Deus, pois, não nos imputar nossos pecados, nos alcança em razão de levar em conta a Cristo como intercessor.

Os dois títulos, porém, pelos quais mais adiante sinaliza Cristo, pertencem propriamente ao sujeito desta passagem. Ele o denomina de *justo* e de *propiciação*. É necessário que ele seja ambos, a fim de manter o ofício e pessoa de um advogado; pois seria possível que um pecador nos reconciliasse com Deus? Porquanto somos excluídos do acesso a ele, porque ninguém é puro e isento de pecado. Daí ninguém ser apto a exercer o sumo sacerdócio, exceto aquele que é inocente e separado dos pecadores, como também se declara em Hebreus 7.26. Adiciona-se *propiciação* porque ninguém é apto a exercer o sumo sacerdócio sem um sacrifício. Daí, sob a lei, nenhum sacerdote entrava no santuário sem sangue; e costumava-se oferecer um sacrifício como um selo usual, segundo a designação divina, para acompanhar as orações. Por este símbolo, o desígnio de Deus era mostrar que todo aquele que quisesse obter-nos o favor divino tinha de ser provido com um sacrifício; porque, quando Deus se vê ofendido, para que fosse pacificado se requeria uma satisfação. Daí se segue que todos os santos que já vieram à existência e ainda existirão têm necessidade de um advogado, e que nenhum, exceto Cristo, está apto a empreender este sacrifício. E, indubitavelmente, João atribui a Cristo estas duas coisas, com o fim de mostrar que ele é o

único verdadeiro advogado.

Ora, nos alcança não pequena consolação quando ouvimos que Cristo não só morreu para nos reconciliar com o Pai, mas também intercede continuamente por nós, de modo que se nos abre um acesso em seu nome, para que nossas orações sejam ouvidas; e assim devemos munir-nos de especial cuidado, para que sua honra, que lhe pertence de modo peculiar, não seja transferida a outro.

Mas bem sabemos que sob o papado este ofício é atribuído, indiscriminadamente aos santos. Há trinta anos atrás este tão notável artigo de nossa fé, de que Cristo é nosso advogado, era quase sepultado; mas hoje admitem que de fato ele é um dentre muitos, porém não o único. Entre os papistas que possuem um pouco mais de prudência não se nega que Cristo sobressai aos demais; mas em seguida unem a ele um vasto número de associados. Mas as palavras significam claramente que não pode ser advogado quem também não é sacerdote; e o sacerdócio pertence a ninguém mais senão a Cristo somente. Pois ainda que irmãos orem pelos irmãos, contudo todos eles, sem exceção, invocam um advogado. E assim não há dúvida de que os papistas equiparam Cristo com muitos ídolos, como os patronos ou advogados que inventaram para si.

Devemos notar ainda, a propósito, aqueles erros extremamente grosseiros, que imaginam Cristo caindo de joelhos diante do Pai a orar por nós. Tais idéias têm de ser renunciadas, pois denigrem a glória celestial de Cristo, e é preciso que a simples verdade seja retida, a saber, que o fruto de sua morte é sempre novo e eterno, isto é, que por sua intercessão ele faz Deus propício a nós, e que ele santifica nossas orações pelo suave aroma de seu sacrifício, bem como nos auxilia pleiteando por nós.

2. E não somente pelos nossos. Ele adicionou isto à maneira de ampliação, a fim de que os fiéis se assegurassem de que a expiação feita por Cristo se estende a tantos quantos pela fé abraçam o evangelho.

Aqui é possível que se suscite a seguinte indagação: como os pecados do mundo inteiro foram expiados? Passo por alto as tagarelices dos fanáticos que sob este pretexto estendem a salvação a todos os réprobos, e, portanto, ao próprio Satanás. Algo tão monstruoso nem merece refutação. Aqueles que buscam evitar este absurdo costumam dizer que Cristo[149] sofreu suficientemente pelo mundo inteiro, mas eficientemente só pelos eleitos. Esta solução comumente tem prevalecido nas escolas. Ainda que, pois, admito que o que se tem dito seja verdadeiro, contudo nego que seja próprio a esta passagem; pois o desígnio de João não era outro senão tornar este benefício comum a toda a igreja. Por isso, sob a palavra *todo* ou inteiro ele não inclui os réprobos, mas designa aqueles que então viviam dispersos através das várias partes do mundo. Pois então se faz realmente evidente, como é próprio, a graça de Cristo, quando se declara ser a única verdadeira salvação do mundo.

3. E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos seus mandamentos.
4. Aquele que diz: Eu o conheço, e não guarda seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele.
5. Mas todo aquele que guarda sua palavra, o amor de Deus é nele verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele.
6. Aquele que diz permanecer nele, também deve andar como ele andou.

3. Atque in hoc cognoscimus quod cognovimus eum, si praecepta ejus servamus.
4. Qui dicit, Novi eum, et praecepta ejus non servat, mendax est, et in eo veritas non est.
5. Qui vero servat ejus sermonem, vere in ipso charitas Dei perfecta est; in hoc cognoscimus quod in ipso sumus.
6. Qui dicit se in eo manere, debet, sicut ille ambulavit, ita et ipse ambulare.

3. E nisto, ou *por isto*. Depois de haver tratado da doutrina sobre a remissão gratuita de pecados, ele trata das exortações que pertencem a ela, e as quais dependem dela. E, em primeiro lugar, de fato, ele nos lembra que o conhecimento de Deus, derivado do evangelho, não é ineficaz, senão que a obediência procede dele. Ele, pois, mostra o que Deus especialmente requer de nós, que é a coisa primordial na vida, a saber, amar a Deus. O que lemos aqui, do conhecimento vivo de Deus, não é sem razão que a Escritura reitera por toda parte; pois nada é mais comum no

mundo do que esboçar a doutrina da religião com especulações frias. É assim que a teologia tem sido adulterada pelos sofistas da Sorbonne, de modo que, de toda sua ciência, não se exibe sequer a menor fagulha da verdadeira religião. E, por toda parte, homens curiosos aprendem tanto da palavra de Deus, a ponto de lhes possibilitar a tagarelar por amor a exibição. Em suma, nenhum mal tem sido mais comum, em todas as épocas, do que futilmente professar o nome de Deus.

João, pois, toma este princípio como certo, a saber, que o conhecimento de Deus é eficaz. Daqui ele conclui que de modo algum conhece a Deus quem não guarda seus preceitos ou mandamentos. Platão, ainda que tateando no escuro, contudo negou que "a beleza" que ele imaginava pudesse ser conhecida, sem encher o homem com a admiração de si mesmo; ele diz isto em seu Fedro e em outras partes. Como, pois, é possível conheceres a Deus sem que sejas movido por nenhum sentimento? Aliás, nem procede só da natureza de Deus que conhecê-lo é imediatamente amá-lo; mas também o Espírito, que ilumina nossa mente, inspira nosso coração com um sentimento compatível com nosso conhecimento. Ao mesmo tempo, o conhecimento de Deus nos leva a temê-lo e a amá-lo. Pois não podemos conhecê-lo como Senhor e Pai, como se revela, sem sermos zelosos filhos e obedientes servos. Em suma, a doutrina do evangelho é um vivo espelho no qual contemplamos a imagem de Deus e somos transformados na mesma, como Paulo nos ensina em 2 Coríntios 3.18. Onde, pois, não há consciência pura, nada pode haver senão vazio espectro de conhecimento.

É preciso que notemos bem a ordem quando ele diz *sabemos que o conhecemos*; pois ele notifica que a obediência é tão conectada com o conhecimento, que, em ordem, este vem primeiro, como a causa vem necessariamente antes de seu efeito.

Se guardarmos seus mandamentos. Não existe, porém, ninguém que os guarde plenamente; por isso não deve haver

no mundo nenhum conhecimento de Deus. A isto respondo que o apóstolo de modo algum é inconsistente consigo mesmo; visto que ele já demonstrara que todos são culpados perante Deus, ele não quer dizer que os que guardam seus mandamentos satisfazem plenamente à lei (tampouco se pode achar no mundo tal exemplo); senão que devem esforçar-se, segundo a capacidade da debilidade humana, a formar sua vida de conformidade com a vontade de Deus. Pois sempre que a Escritura fala da justiça dos fiéis, ela não exclui a remissão de pecados, senão que, ao contrário, começa com ela.

Mas não devemos daí concluir que a fé repouse nas obras; pois ainda que cada um receba um testemunho de sua fé proveniente das obras, contudo não se segue que ela as tenha como fundamento, já que são adicionadas como evidência. Então a certeza da fé depende tão somente da graça de Cristo; mas a piedade e santidade de vida distinguem a fé genuína daquele conhecimento de Deus que é fictício e morto; pois a verdade é que aqueles que estão em Cristo, no dizer de Paulo, já despiram o velho homem [Cl 3.9].

4. Aquele que diz: Eu o conheço. Como ele prova que é mentiroso quem se alardeia que possui fé sem piedade, ainda que pelo efeito contrário? Pois ele já dissera que o conhecimento de Deus é eficaz. Porquanto Deus não é conhecido por mera imaginação, visto que ele se nos revela interiormente, mediante seu Espírito. Além disso, como muitos hipócritas alardeiam futilmente de que possuem fé, o apóstolo acusa todos de falsidade, pois o que ele diz seria supérfluo se o homem não pudesse fazer uma confissão falsa e vã do cristianismo.

5. Mas todo aquele que guarda. Ele agora define o que é a genuína guarda da lei de Deus, a saber, amar a Deus. Como penso, esta passagem é incorretamente explicada por aqueles que entendem que agrada ao verdadeiro Deus quem guarda sua palavra. Antes, entendem seu significado como

sendo “amar a Deus com sinceridade de coração equivale a guardar seus mandamentos”. Pois sua intenção, como já mencionei, é mostrar, sucintamente, o que Deus requer de nós, que é a santidade dos fiéis. Moisés disse também a mesma coisa, ao declarar a suma da lei. “Agora, pois, ó Israel, que é que o Senhor teu Deus pede de ti, senão que temas o Senhor teu Deus, que andes em todos seus caminhos e o ames, e sirvas ao Senhor teu Deus com todo teu coração e com toda tua alma?” [Dt 10.12]. E, novamente, ele diz: “Escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e tua descendência, amando ao Senhor teu Deus, dando ouvidos a sua voz e achegando-te a ele” [Dt 30.19, 20]. Pois a lei, que é espiritual, não ordena apenas as obras externas, mas impõe especialmente isto: amar a Deus de todo o coração.

O fato de não se mencionar aqui o que é devido aos homens não deve ser considerado como destituído de razão, pois o amor fraternal flui imediatamente do amor de Deus, como veremos mais adiante. Quem quer, pois, que deseje que sua vida seja aprovada por Deus deve ter todos seus feitos direcionados para este fim. Se porventura alguém objetar e disser que jamais se encontrou alguém que ame a Deus tão perfeitamente, a isto respondo ser suficiente que cada um anseie a esta perfeição em conformidade com a medida da graça que lhe é dada. Entrementes, a definição é que o amor perfeito de Deus é a guarda completa de sua lei. Fazer progresso neste aspecto, como no conhecimento, é que nos cabe.

Nisto conhecemos que estamos nele. Ele se refere àquele fruto do evangelho que já mencionara, a saber, comunhão com o Pai e com o Filho; e, assim, confirma a sentença anterior, declarando a que segue como consequência; pois se o fim do evangelho é estar em comunhão com Deus, e nenhuma comunhão pode existir sem amor, então ninguém faz um real progresso na fé senão aquele que de todo o coração se achega a Deus.

6. Aquele que diz permanecer nele. Como nos colocara

diante de Deus, como um exemplo, agora ele nos chama também a Cristo, para que o imitemos. No entanto, ele não nos exorta simplesmente a imitá-lo; mas, com base na união que temos com Cristo, ele prova que devemos ser tais como ele é. Uma semelhança em vida e atos, ele afirma, prova que permanecemos em Cristo. Mas, destas palavras ele passa para a sentença seguinte, a qual adiciona imediatamente em referência ao amor aos irmãos.

7. Irmãos, não vos escrevo novo mandamento, mas um mandamento antigo, o qual tivestes desde o início; o mandamento antigo é a palavra que tendes ouvido desde o início.
8. Outra vez vos escrevo um mandamento novo, o que é verdadeiro nele e em vós; porque as trevas estão passando e a verdadeira luz agora brilha.
9. Aquele que diz estar na luz, e odeia a seu irmão, até agora está nas trevas.
10. Aquele que ama a seu irmão permanece na luz, e nele não há ocasião de escândalo.
11. Mas aquele que odeia a seu irmão está nas trevas, e anda nas trevas, e não sabe para onde vai, porque as trevas cegaram seus olhos.

7. Fratres, non mandatum novum scribo vobis, sed mandatum vetus, quod habuistis ab initio: mandatum vetus est sermo quem audistis ab initio.
8. Rursum mandatum novum scribo vobis, quae est vertias in ipso et in vobis; quia tenebrae transeunt, et lumen verum jam lucet.
9. Quia dicit se in luce esse, et fratrem suum odit, in tenebris est adhuc.
10. Qui diligit fratrem suum, in luce manet, et offendiculum in eo non est.
11. Qui vero fratrem suum odit, in tenebris ambulat, nec scit quo vadat, quia tenebrae excaecarunt oculos ejus.

7. Irmãos, não vos escrevo um mandamento novo. Esta é uma explanação da doutrina anterior, a saber, que amar a Deus equivale a guardar seus mandamentos. E não é sem razão que ele insiste tanto neste ponto. Em primeiro lugar, sabemos que a novidade é algo antipático ou suspeito. Em segundo lugar, não suporta facilmente um jugo inusitado. Além dessas coisas, assim que abraçamos algum tipo de doutrina, discordamos em haver nela alguma mudança ou algo novo. Por essas razões, João nos recorda que ele nada ensinava acerca do amor senão o que fora ouvido pelos fiéis desde o princípio, e que pelo demorado uso se tornara antigo.

Há quem explique diferentemente a antiguidade, a saber, que Cristo agora não prescreve outra norma de vida sob o evangelho além daquela que Deus formulou outrora sob a lei. Isto é deveras muito verdadeiro; tampouco faço objeção de

que mais adiante ele denomina, neste sentido, de *antigo mandamento* a palavra do evangelho. Contudo penso que ele agora tem em mente apenas que estes foram os primeiros elementos do evangelho, que eles foram assim ensinados desde o princípio, que não havia razão por que o recusassem como sendo inusitado aquilo do que deviam estar imbuídos desde outrora. Pois tudo indica que o relativo foi usado num sentido causativo. Ele o chama, pois, de antigo, não porque lhes fosse ensinado muito tempo antes, mas porque lhes fora ensinado em seu próprio ingresso na vida religiosa. E serviu muitíssimo para reivindicar sua fé de que ele tinha procedido do próprio Cristo, de quem haviam recebido o evangelho.[150]

O antigo mandamento. A palavra *antigo*, neste lugar, provavelmente se estenda bem mais; pois a sentença é mais completa quando ele diz: *a palavra que tendes ouvido desde o princípio é o antigo mandamento*. Aliás, como penso, ele tem em mente que o evangelho não deve ser recebido como uma doutrina recentemente surgida, senão que ele procedeu de Deus e é sua eterna verdade; como se quisesse dizer: "Não deveis medir pelo tempo a antiguidade do evangelho que vos é anunciado; visto que por ele vos é revelado a eterna vontade de Deus; não só então Deus vos enunciou esta norma de vida santa, quando fostes inicialmente chamados à fé em Cristo, mas o mesmo sempre foi prescrito e aprovado por ele". E, indubitavelmente, só deve ser considerado antiguidade e merece fé e reverência o que tem sua origem em Deus. Pois as ficções humanas, não importa quantos anos de prescrições tenham elas, não podem receber tanta autoridade a ponto de subverter a verdade divina.

8. Outra vez vos escrevo um novo mandamento. Os intérpretes não me parecem ter atingido a intenção do apóstolo. Ele afirma ser *novo* porque Deus, por assim dizer, o renova sugerindo-o diariamente, de modo que os fiéis o pratiquem por toda sua vida, porque eles não podem buscar nada mais excelente. Os elementos que os filhos aprendem

dão lugar, no tempo, ao que é mais elevado e mais sólido. Ao contrário, João nega que a doutrina sobre o amor fraternal seja desse gênero; ela se torna antiga com o tempo, porém é perene em vigor, de modo que ela não é uma perfeição menos sublime do que o próprio começo.

Não obstante, era necessário que isto fosse adicionado, porque, como os homens são mais curiosos do que deveriam, muitos há que sempre buscam algo novo. Daí haver certo fastio no tocante à doutrina simples, o que produz inúmeros prodígios de erros, quando cada um busca ansiosamente e sem cessar novos mistérios. Ora, quando se sabe que o Senhor continua o mesmo procedimento a fim de sermos guardados ao longo da vida naquilo que temos aprendido, desejos desse gênero são refreados. Aquele, pois, que atingir o alvo da sabedoria, quanto à maneira certa de se viver, demonstra habilidade no amor.

O que é verdadeiro, ou *que é verdade*. Mediante esta razão, ele prova o que dissera; pois este mandamento acerca do amor, no tocante à nossa conduta na vida, constitui toda a verdade de Cristo. Além disso, que outra revelação maior se pode esperar? Pois Cristo, indubitavelmente, é o fim e a realização de todas as coisas. Daí a palavra *verdade* significar isto: que permanecessem, por assim, rumo ao alvo, pois ele deve ser tomado por uma realização ou estado perfeito. Ele associa Cristo com eles, como a cabeça aos membros, como se quisesse dizer que o corpo da igreja não tem outra perfeição, ou que então seriam realmente unidos a Cristo, se o santo amor existisse continuamente entre eles.

Há quem dê outra explicação: "Aquilo que é a verdade em Cristo é também em vós". Quanto a mim, porém, não vejo qual é o significado disto.

Porque as trevas já passaram. Aqui, o tempo presente está no lugar do pretérito; pois ele tem em mente que tão logo Cristo manifesta a luz, temos o pleno fulgor do conhecimento; não que cada um dos fiéis se torne sábio no primeiro momento o quanto deva ser (pois inclusive Paulo

testifica que ele labutou muito para apreender o que não havia ainda apreendido [Fp 3.12]), mas que o conhecimento de Cristo sozinho é suficiente para dissipar as trevas. Daí ser necessário o progresso diário; e a fé de cada um tem sua aurora antes que atinja o meio-dia. Mas, como Deus continua revelando a mesma doutrina, na qual ele nos incita a fazer progresso, o conhecimento do evangelho é, com razão, expresso como sendo a verdadeira luz, quando Cristo, o Sol da Justiça, resplandece. E assim se fecha a via para a audácia daqueles que tentam corromper a pureza do evangelho com suas próprias ficções; e podemos seguramente pronunciar um anátema contra toda a teologia papal, porquanto ela obscurece a verdadeira luz.

9. Aquele que diz estar na luz. Ele dá segmento à mesma metáfora: ele disse que o amor é a única verdadeira norma segundo a qual nossa vida deve se conformar; ele disse que esta norma ou lei nos é apresentada no evangelho; finalmente ele disse que ela é aí como a luz meridional que deve ser continuamente considerada. Em contrapartida, ele então conclui que são cegos e andam nas trevas todos quantos são estranhos ao amor. Mas o fato de mencionar, antes, o amor a Deus, e, agora, o amor aos irmãos, não envolve mais contradição do que existe entre o efeito e sua causa. Além disso, estes se conectam de tal maneira que não podem ser desmembrados.

No terceiro capítulo, João diz que nossa ostentação de amarmos a Deus é falsa, a menos que amemos nossos irmãos; e isto é muito verdadeiro. Mas agora ele evoca o amor para com os irmãos como testemunho pelo qual provamos que amamos a Deus. Em suma, visto que o amor para com Deus é tal que em Deus ele abraça os homens, não há nada de estranho nisto, e que o apóstolo, falando do amor, em um momento se referia a Deus, e em outro, aos irmãos; e é justamente isso que comumente se acha na Escritura. Afirma-se com frequência que toda a perfeição da vida consiste no amor de Deus; e, uma vez mais, Paulo nos

ensina que toda a lei é cumprida por aquele que ama a seu semelhante [Rm 8.8]; e Cristo declara que os principais pontos da lei são justiça, juízo e verdade [Mt 23.23]. Ambas estas coisas são verdadeiras e se harmonizam bem, pois o amor de Deus nos ensina a amar os homens, e, na realidade, também provamos nosso amor para com Deus justamente amando os homens em seu mandamento. Por mais que isto seja assim, permanece sempre certo que o amor é a norma da vida. E isto precisa ser observado com toda prudência, porque quase todos escolhem qualquer outra coisa, menos este mandamento de Deus.

O que segue contém o mesmo propósito: *e nele não há ocasião de escândalo* – isto é, naquele que age em amor; pois aquele que vive assim jamais tropeçará.[151]

11. Mas aquele que odeia a seu irmão. Uma vez mais, ele nos lembra que, seja qual for a ilusória aparência de excelência que alguém demonstra, contudo, se o amor estiver ausente, nada há senão o que é pecaminoso. Esta passagem pode ser comparada com o capítulo 13 da primeira Epístola aos Coríntios, e não há necessidade de se estender a explanação. Mas esta doutrina não pode ser entendida pelo mundo, porque a maioria dele se deixa ofuscar por toda sorte de máscaras e disfarces. Assim, a santidade fictícia ofusca os olhos de quase todos os homens, enquanto o amor é negligenciado, ou, pelo menos, relegado aos cantos mais remotos.

12. Filhinhos, eu vos escrevo porque, por seu nome, vossos pecados são perdoados.
13. Pais, eu vos escrevo porque tendes conhecido aquele que é desde o princípio. Jovens, eu vos escrevo porque tendes vencido o maligno. Filhinhos, eu vos escrevo porque tendes conhecido o Pai.
14. Pais, eu vos escrevi porque tendes conhecido aquele que é desde o princípio. Jovens, eu vos escrevi porque sois fortes, e a palavra de Deus permanece em vós, e tendes vencido o maligno.

12. Scribo vobis, filioli, quoniam remittuntur vobis peccata vestra propter nomen ejus.
13. Scribo vobis, patres, quoniam novistis eum qui est ab initio. Scribo vobis, adolescentes, quoniam vicistis malum illum. Scribo vobis, pueri, quoniam novistis Patrem.
14. Scripsi vobis, patres, quoniam novistis eum qui est ab initio. Scripsi vobis, adolescentes, quia fortes estis, et verbum Dei Manet in vobis, et vicistis malum illum.

12. Filhinhos. Esta é ainda uma declaração geral, pois ele não se dirige somente aos de tenra idade, mas por *filhinhos* ele tem em mente homens de todas as idades, tanto no primeiro versículo como também mais adiante. Faço esta afirmação porque os intérpretes têm, incorretamente, aplicado o termo às crianças. João, porém, quando fala de crianças, ele os denomina de παιδία, termo que expressa idade; aqui, porém, como pai espiritual, ele denomina idosos e jovens pelo mesmo termo, τεκνία. Aliás, neste texto ele usa palavras especiais às diferentes idades; no entanto se equivoca quem pensa que aqui ele começa a agir assim. Mas, ao contrário, para que a exortação precedente não obscurecesse a remissão gratuita de pecados, ele uma vez mais inculca a doutrina que pertence peculiarmente à fé, a fim de que o fundamento fosse, com certeza, duradouramente retido, a saber, que a salvação está fundada unicamente em Cristo.

A santidade de vida deve, na verdade, ser instada, o temor de Deus deve ser prudentemente inculcado, os homens devem ser vigorosamente estimulados ao arrependimento, a novidade de vida, juntamente com seus frutos, devem ser recomendadas; no entanto, devemos atentar bem e sempre para que a doutrina da fé não seja enfraquecida – aquela doutrina que ensina que Cristo é o único autor da salvação e de todas as bênçãos; ao contrário, é preciso apresentar tal moderação, para que a fé retenha sempre sua primazia peculiar. Esta é a regra que João nos prescreveu: havendo falado fielmente das boas obras, para que não parecesse dar-lhes mais importância do que deveria fazer, criteriosamente nos faz voltar o olhar e contemplar a graça de Cristo.

Vossos pecados vos são perdoados. Sem esta certeza, a religião não passaria de neblina e sombra; pior ainda, aquele que negligenciasse a remissão gratuita de pecados, e insistisse em outras coisas, edificaria sem um fundamento. João, no ínterim, notifica que nada é mais apropriado para

estimular os homens a temerem a Deus do que sendo corretamente instruídos sobre que bênção Cristo lhes trouxe, como faz Paulo, quando roga pelas entranháveis misericórdias de Deus [Fp 2.1].

Daí transparecer quão perversa é a calúnia dos papistas, os quais pretendem que o desejo de fazer o que é certo é arrefecido quando só é exaltado aquilo que nos torna filhos obedientes a Deus. Pois o apóstolo toma isto como a base de sua exortação, a saber, bem sabemos que Deus nos é tão benevolente, a ponto de não nos imputar nossos pecados.

Por seu nome. Menciona-se a causa material para que não busquemos outros meios de reconciliar-nos com Deus. Pois não seria suficiente saber que Deus nos perdoa os pecados, a menos que vamos diretamente a Cristo e àquele preço que ele pagou na cruz por nós. E isso deve ser observado ainda mais, porque vemos que, pela astúcia de Satanás, e pelas perversas ficções dos homens, esta via é obstruída; porquanto os homens néscios tentam pacificar a Deus mediante várias satisfações, e inventam inumeráveis tipos de expiações com o propósito de redimir-se. Pois quantos meios de merecer o perdão intrometemos a Deus, tantos são os obstáculos nos impedem de aproximarmos dele. Daí João, não satisfeito em declarar simplesmente a doutrina, expressamente acrescenta que ele nos é propício a partir de uma relação com Cristo, a fim de excluir todas as demais razões.

13. Pais, eu vos escrevo. Então passa a enumerar as diferentes idades, com o fim de mostrar que o que ele ensinava era oportuno a cada um deles. Pois um discurso geral às vezes produz menos efeito; sim, tal é nossa perversidade, que poucos entendem que, o que é dirigido a todos, pertence também a eles. Em sua maioria, os idosos se desculpam, porquanto já passaram da idade de aprender; as crianças recusam-se a aprender, porquanto ainda não têm idade suficiente; os homens de meia idade não comparecem, porquanto se acham atarefados com outras ocupações.

Portanto, para que ninguém se isente, ele acomoda o evangelho a todos. E faz menção de três idades: a divisão mais comum da vida humana. Daí, também o coral da Lacedemônia se compunha de três ordens: a primeira, cantada: "O que vós sois, nós seremos"; a terceira: "O que vós sois, nós já fomos"; e a segunda: "Nós somos o que cada um dentre vós já foi e os outros serão". João divide a vida humana nesses três estados.

De fato ele começa com os idosos, e diz que o evangelho lhes é próprio, porque dele aprenderam a conhecer o eterno Filho de Deus. Morosidade é o característico dos idosos, porém se tornam especialmente refratários, porquanto medem a sabedoria pelo número de anos. Além disso, Horácio, em seu livro, Arte Poética, com razão notou esta falha naqueles que louvam o tempo de sua juventude e rejeitam tudo quanto é feito e dito de outra maneira. João remove sabiamente este mal, quando nos lembra que o evangelho não contém apenas conhecimento antigo, mas também o que nos conduz à própria eternidade de Deus. Daí se segue que aqui não existe nada que porventura os desgoste. Ele diz que Cristo era *desde o princípio*; refiro isto à sua presença divina, como sendo co-eterno com o Pai, bem como ao seu poder, do qual o apóstolo fala em Hebreus 13.8, a saber, que ontem ele era o que é hoje; como se quisesse dizer: "Se porventura a antiguidade vos deleita, vós tendes Cristo, o qual é superior a toda antiguidade; portanto, os discípulos não devem envergonhar-se daquele que inclui em si todas as idades".

É bom que, ao mesmo tempo, notemos qual realmente é a religião antiga, a saber, aquela que se acha fundada em Cristo; pois, do contrário, ela não teria nenhum valor, por mais antiga que seja, se sua origem se deriva do erro.

Jovens, eu vos escrevo. Ainda que a palavra νεανίσκοι seja um diminutivo,[152] contudo não há dúvida de que ele dirige sua palavra a todos quantos estavam na flor da idade.

Também sabemos que os dessa idade se deixam levar de tal maneira às vãs preocupações mundanas, que pensam muito pouco no reino de Deus; pois o vigor de sua mente e a força de seus corpos de certa maneira os inebriam. Daí o apóstolo lhes recordar onde reside a verdadeira força, para que não mais exultassem na carne como de costume. *Sois fortes*, diz ele, *porque tendes vencido a Satanás*. Aqui, a copulativa deve ser traduzida causativamente. E, indubitavelmente, essa é a força que devemos buscar, a saber, a que é espiritual. Ao mesmo tempo, ele notifica que ela não tem outra fonte senão Cristo, pois menciona as bênçãos que recebemos através do evangelho. Ele diz que foi vencido quem estava ainda engajado na batalha; mas nossa condição é muito diferente daquela dos que lutam sob as bandeiras humanas, pois para eles a guerra é duvidosa e o resultado, incerto; mas já somos vencedores antes mesmo de enfrentar o inimigo, pois nossa cabeça, Cristo, já venceu de uma vez por todas, por nós, o mundo inteiro.

Filhinhos, eu vos escrevi. Precisam tomar outra direção. O apóstolo conclui que o evangelho é bem adaptado aos filhos jovens, porque descobrem ali o Pai. Então percebemos quão diabólica é a tirania do Papa, o qual afasta, mediante ameaças, todas as idades da doutrina do evangelho, enquanto o Espírito de Deus lhes fala a todos de modo tão criterioso.

No entanto, essas coisas que o apóstolo toma como particulares são também gerais; pois seríamos arrebatados totalmente pela vaidade, a não ser que nossa debilidade seja sustentada pela eterna verdade de Deus. Nada existe em nós senão o que é débil e passageiro, a não ser que o poder de Cristo habite em nós. Somos todos como órfãos até que alcancemos a graça da adoção através do evangelho. Daí, o que ele declara com respeito aos jovens é também real no que diz respeito aos idosos. Não obstante, seu objetivo era aplicar a cada um o que era mais necessário especialmente para eles, a fim de mostrar que todos eles, sem exceção,

tinham necessidade da doutrina do evangelho. A partícula ὅτι é explicada de duas maneiras, mas o significado que lhe imprimo é o melhor e se ajusta melhor ao contexto.

14. Pais, eu vos escrevi. Considero estas reiterações como sendo supérfluas; e é bem provável que, quando leitores inaptos concluíram falsamente que ele falou duas vezes de filhinhos, então, temerariamente, introduziram as outras duas sentenças. Ao mesmo tempo, é possível que João mesmo, à maneira de ampliação, inseriu pela segunda vez a sentença relativa aos jovens (pois adiciona que eram fortes, o que ainda não dissera); mas que os copistas, presunçosamente, preencheram o número.[153]

15. Não ameis o mundo, nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele.
16. Pois tudo o que está no mundo, a concupiscência da carne, e a concupiscência dos olhos, e a soberba da vida, não é do Pai, e sim do mundo.
17. E o mundo passa, e com ele a concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.

15. Ne diligatis mundum, neque ea quae in mundo sunt: si quis diligit mundum non est charitas Patris in eo.
16. Quia quicquid est in mundo (nempe concupiscentia carnis, concupiscentia oculorum, et superbia vitae) non est ex Patre, sed ex mundo est.
17. Atqui mundus transit, et concupiscentia ejus; qui autem facit voluntatem Dei Manet aeternum.

15. Não ameis. Ele já havia declarado aquela única norma para se viver religiosamente, a saber, amar a Deus; mas, visto que, quando nos ocupamos do fútil amor do mundo, voltamos todos nossos pensamentos e afeições noutra direção, é preciso que esta vaidade seja, antes de tudo, erradicada de nós para que o amor de Deus possa reinar em nosso íntimo. Até que nossas mentes sejam purificadas, a primeira doutrina pode ser reiterada centenas de vezes, porém sem nenhum efeito; seria como derramar água numa esfera; você não consegue ajuntar sequer uma gota, já que não existe nenhum espaço vazio que retenha a água.[154]

Pelo termo *mundo* entende-se tudo quanto se acha conectado à presente vida, à parte do reino de Deus e à esperança da vida eterna. E assim ele inclui nele as corrupções de todo gênero, bem como o abismo de todos os

males. No mundo estão os prazeres, bem como todas aquelas fascinações pelas quais o homem se vê cativo, a ponto de retirar-se de Deus.[155]

Além do mais, o amor do mundo é assim severamente condenado, porque, necessariamente, teríamos que esquecer Deus e a nós mesmos, quando nada consideramos acima da terra; e quando uma concupiscência corrupta desse gênero domina o homem, e o mantém de tal modo enredado, que já nem pensa na vida celestial, e se vê possuído por uma estupidez bestial.

Se alguém ama o mundo. Mediante um argumento do que é contrário, ele prova quão necessário é desvencilhar-se do amor do mundo, caso queiramos agradar a Deus; e, mais adiante, ele confirma isso lançando mão de argumento extraído do que é inconsistente; pois o que pertence ao mundo está em total oposição a Deus. Tenhamos em mente o que eu já disse, a saber, que aqui se menciona uma forma corrupta de vida, a qual nada tem em comum com o reino de Deus, isto é, quando os homens chegam a ser tão degenerados, que vivem satisfeitos com a presente vida e não pensam na vida imortal mais que os animais irracionais. Quem quer, pois, que se faz assim um escravo das concupiscências terrenas, não pode ser de Deus.

16. As concupiscências da carne. O antigo intérprete traduz o versículo de maneira diferente, pois de uma sentença ele faz duas. Fazem melhor aqueles autores gregos que lêem estas palavras juntas: “O que está no mundo não é de Deus”; e então introduzem parenteticamente os três gêneros de concupiscências. Pois João, à título de explicação, inseriu estes três particulares como exemplos, para que pudesse mostrar, sucintamente, quais são as atividades e os pensamentos dos homens que vivem para o mundo; mas se esta fosse uma divisão satisfatória e completa, então não significaria muito; ainda que você não encontrasse uma pessoa profana em quem não prevaleçam

tais concupiscências, pelo menos uma delas. Resta-nos ver o que ele entende por cada uma destas.

A primeira sentença é comumente explicada como se referindo às concupiscências pecaminosas em geral; pois a carne significa toda a natureza corrupta do homem. Ainda que não me disponha a contender, contudo não me sinto à vontade em esconder que aprovo outro significado. Paulo, ao proibir, em Romanos 13.14, fazer-se provisão para a carne no tocante a suas concupiscências, a meu ver ele se faz o melhor intérprete desta passagem em foco. Portanto, o que é a carne aqui? É o corpo e tudo quanto lhe pertence. Daí, o que é a concupiscência ou desejo da carne, senão que os homens profanos, em busca de um viver tranquilo e agradável, se contentam tão somente com suas vantagens pessoais? É bem notória, com base em Cícero e outros, aquela tríplice divisão feita por Epicuro; pois ele fez esta diferença entre as concupiscências. Para ele, algumas eram naturais e necessárias; algumas, naturais e desnecessárias; e algumas, nem naturais nem necessárias. João, porém, conhecendo bem a insubordinação (ἀταξία) do coração humano, sem hesitação condena a concupiscência da carne, porquanto ela sempre irrompe sem moderação e jamais observa qualquer meio-termo legítimo. Mais adiante, ele passa gradualmente para os vícios mais grosseiros.

A concupiscência dos olhos. Segundo penso, ele inclui olhares libidinosos, bem como a vaidade que se deleita em pompas e esplendor fúteis.

Em último lugar, vem o *orgulho* ou *arrogância*, com a qual se conecta a ambição, a vanglória, o desdém por outros, o amor cego em si mesmo, a obstinação da autoconfiança.

A suma de tudo isso é que, tão logo o mundo se apresenta, as nossas concupiscências ou desejos, quando nosso coração se corrompe, se vê cativo dele, como bestas selvagens sem qualquer freio; de modo que as diversas concupiscências, todas elas opostas a Deus, mantêm sobre

nós as rédeas do governo. A palavra grega, βὶος, traduzida por vida (*vita*), significa o método ou maneira de viver.

17. E o mundo passa. Como nada existe no mundo senão o que é passageiro, e, por assim dizer, que dura apenas por um momento, disso ele conclui que quem busca nele sua felicidade faz para si uma deplorável e miserável provisão, especialmente quando Deus nos chama à inefável glória da vida eterna; como se quisesse dizer: "A verdadeira felicidade que Deus oferece a seus filhos é a vida eterna; portanto, constitui-nos algo vergonhoso quando nos deixamos emaranhar por este mundo, o qual, com todos seus benefícios, tão depressa se desvanece". Aqui, tomo *concupiscência* metonimicamente, significando o que é desejado e cobiçado, ou o que cativa os desejos dos homens. O significado é que, o que é mais precioso no mundo e considerado especialmente desejável, nada mais é do que uma sombra fantasmagórica.

Ao dizer que quem faz a vontade de Deus permanecerá *para sempre*, ou perenemente, sua intenção é que quem busca a Deus será perpetuamente abençoado. Caso alguém objete e diga que ninguém faz o que Deus ordena, a resposta óbvia é que, o que aqui se expressa não é a observação perfeita da lei, mas a obediência da fé que, por mais imperfeita que seja, contudo, é aprovada por Deus. Antes de tudo, a vontade de Deus se nos faz conhecida na lei; mas, como ninguém satisfaz a lei, dela não se pode esperar nenhuma felicidade. Cristo, porém, vem para satisfazer o desesperado com novo auxílio, que não só nos regenera por seu Espírito, para que obedeçamos a Deus, mas também faz com que nosso empenho, tal como é, obtenha o louvor da justiça perfeita.

18. Filhinhos, este é o último tempo; e, como já ouvistes que o anticristo virá, sim, agora mesmo há muitos anticristos, daí sabermos que este é o último tempo.
19. Eles saíram de nosso meio, porém não eram dos nossos; porque, se fossem dos nossos, sem dúvida teriam continuado conosco; porém saíram

18. Filioli, novissima hora est; et sicut audistis quod Antichristus venturus sit, etiam nunc Antichristi multi coeperunt esse; unde scimus esse novissimam horam.
19. Ex nobis egressi sunt, sed non erant ex nobis; nam si fuissent ex

para que se manifestasse que de modo algum eram dos nossos.

nobis, permansissent utique nobiscum; sed ut manifesti fierent quod non erant omnes ex nobis.

18. Este é o último tempo, ou *hora*. Ele confirma os fiéis contra os escândalos pelos quais pudessem ser perturbados. Muitas seitas já tinham surgido, as quais minavam a unidade da fé e causavam desordem nas igrejas. O apóstolo, porém, não só fortifica os fiéis, para que não recuassem, mas enfrentassem todo e qualquer propósito contrário; pois ele lhes recorda que já havia chegado o último tempo, e por isso os exorta a uma vigilância mais atenta, como se quisesse dizer: "Enquanto surgem vários erros, cabe-vos viver despertos para que não sejais esmagados; pois daqui devemos concluir que Cristo não está muito longe; olhemos, pois, para ele atentamente, para que ele não nos sobrevenha subitamente". De igual modo, nosso dever é confortarmo-nos hoje, vendo, pela fé, a proximidade do advento de Cristo, enquanto Satanás continua causando confusão, visando perturbar a igreja, porquanto esses são os sinais do último tempo.

No entanto, visto que muitos séculos se têm passado desde a morte de João, isso parece provar que esta profecia não é genuína. A isto respondo que o apóstolo, segundo o método comum adotado na Escritura, declara aos fiéis que agora nada mais restava senão que Cristo se manifestaria para a redenção do mundo. Mas, como não estabelece nenhum tempo, ele não atraiu os homens daquela época com vã esperança, nem tentou abreviar o curso futuro da igreja e as muitas sucessões de anos durante os quais a igreja, até então, permaneceria no mundo. E, indubitavelmente, se a eternidade do reino de Deus estivesse em mente, o tempo nos pareceria como que durasse apenas um momento. Devemos entender o desígnio do apóstolo, quando chama aquele tempo como se fosse o fim, durante o qual todas as coisas estariam tão completas, que nada restaria senão a revelação final de Cristo.

Como ouvistes que o anticristo virá. É como se ele falasse de algo bem claro. Daqui podemos concluir que os fiéis tinham sido instruídos e advertidos, desde o princípio, a respeito da futura desordem da igreja; e isso com o fim de poderem guardar-se prudentemente na fé que haviam professado, e igualmente instruir as futuras gerações no dever da vigilância. Pois a vontade de Deus era que sua igreja fosse assim testada, para que ninguém, cônscia e voluntariamente, se deixasse enganar, nem que houvesse alguma desculpa de ignorância. Vemos, porém, que quase o mundo inteiro fora miseravelmente enganado, como se nenhuma palavra tivesse sido tida sobre o Anticristo.

Além do mais, sob o papado nada há mais notório e comum do que a futura vinda do Anticristo; e, contudo, são tão estúpidos, que não percebem que sua tirania é exercida sobre eles. Aliás, a mesma coisa que lhes sucede amplamente, também se dá com os judeus; pois ainda que sustentem as promessas acerca do Messias, contudo se acham mais distantes de Cristo do que se jamais ouvissem seu nome; pois o Messias imaginário, o qual inventaram para si, os afasta totalmente do Filho de Deus; e se alguém fosse mostrar-lhes Cristo na Lei e nos Profetas, só gastaria em vão seu trabalho. Os papas têm imaginado um Anticristo que durante três anos e meio acossará a igreja. Todas as marcas pelas quais o Espírito de Deus pôs em realce o Anticristo se exibem claramente no papa; mas o trienal Anticristo permanece solidamente no seio dos papistas néscios, de modo que, vendo, não vejam. Portanto, lembremo-nos bem de que o Anticristo não só foi anunciado pelo Espírito de Deus, mas também se têm mencionado as marcas pelas quais ele pode ser distinguido.

Mesmo agora há muitos anticristos. Isto pode parecer que foi adicionado a modo de correção, como falsamente se pensava de alguém que teria um reino, porém não é assim. Os que presumem que ele seria apenas um homem, de fato estão muitíssimo equivocados. Pois Paulo, se referindo a uma

apostasia futura, claramente mostra que ele seria determinado corpo ou reino [2Ts 2.3]. Antes de tudo, ele prediz uma apostasia que prevaleceria por toda a igreja, como um mal universal; ele, pois, faz da cabeça da apostasia o adversário de Cristo que se assentaria no templo de Deus, reivindicando para si divindade e honras divinas. A não ser que queiramos espontaneamente errar, precisamos aprender a conhecer o Anticristo da descrição que Paulo faz dele. Eu já expliquei aquela passagem; agora basta citá-la brevemente.

Mas, como é possível aquela passagem concordar com as palavras de João, o qual afirma que já houve muitos anticristos? A isto respondo que João não tem em mente outra coisa senão dizer que algumas seitas particulares já tinham entrado em cena, as quais eram precursoras de um Anticristo futuro; pois Cerinto, Basilides, Marcião, Valentino, Ebion, Ário e tantos outros eram membros daquele reino que mais tarde o diabo suscitaria em oposição a Cristo. Propriamente falando, o Anticristo ainda não viera à existência; mas o mistério da iniquidade já estava operando secretamente. João, porém, usa o nome para que estimulasse eficazmente o cuidado e diligência dos santos em repelir as fraudes.

Mas, se o Espírito de Deus já então ordenara aos fiéis que se pusessem em sua torre de vigia, ao ver ao longe apenas os sinais do inimigo vindouro, tampouco agora é tempo de cochilar, quando ele sustenta a igreja sob sua cruel e opressiva tirania e publicamente desonra a Cristo.

19. Saíram de entre nós. Ele antecipa outra objeção, a saber, que era como se a igreja tivesse produzido essas pestes e, por algum tempo, as houvesse nutrido em seu seio. Pois certamente ela serve mais para perturbar os fracos, quando alguém entre nós, professando a verdadeira fé, apostata, do que quando milhares de estranhos conspiram contra nós. Ele, pois, confessa que esses tais tinham saído do seio da igreja; porém nega que pertencessem sempre à igreja. Mas a forma de remover esta objeção é dizer que a igreja está

sempre exposta a este mal, de modo que ela se vê constrangida tolerar muitos hipócritas que realmente não conhecem a Cristo, por mais que professem com os lábios seu nome.

Ao dizer, *saíram de entre nós*, sua intenção é que haviam ocupado previamente um lugar na igreja, e eram contados no rol dos santos. Não obstante, ele nega que fossem deles, ainda que assumissem o título de crentes, como a palha que, embora misturada com o trigo na mesma farinha, contudo [a palha] não pode ser considerada trigo.

Pois se de fato fossem dos nossos. Ele declara com franqueza que os que apostataram jamais foram membros da igreja. E, indiscutivelmente, o selo de Deus, sob o qual ele guarda os seus, permanece certo, no dizer de Paulo [2Tm 2.19]. Aqui, porém, surge uma dificuldade, pois ocorre que muitos dos que pareciam haver abraçado a Cristo repetidamente apostatam. A isto respondo que há três tipos dos que professam o evangelho: os que fingem piedade, enquanto que, interiormente, os reprova a má consciência; a hipocrisia de outros é mais enganosa, os quais não só buscam dissimular-se diante dos homens, mas também ofuscam seus próprios olhos, de modo que, como se vêem, cultuam a Deus corretamente; o terceiro tipo se compõe daqueles que possuem uma raiz viva de fé, e portam o testemunho de sua adoção pessoal solidamente arraigado em seus corações. Os dois primeiros não têm estabilidade; João fala do último quando afirma ser impossível que sejam separados da igreja, pois o selo que o Espírito de Deus grava em seus corações não pode ser obliterado; a semente incorruptível, que já assentou raízes profundas, não pode ser arrancada nem destruída.

Aqui ele não fala da constância dos homens, e sim de Deus, cuja eleição deve ser ratificada. Portanto, não é sem razão que ele declara que, onde a vocação divina é eficaz, a perseverança se torna infalível. Em suma, ele tem em mente que os que apostatam jamais foram plenamente imbuídos

com o conhecimento de Cristo, mas tiveram apenas uma luz e uma pequena e transitória prova dele.

Para que se faça manifesto. Ele mostra que a provação é útil e necessária para a igreja. Daí se segue, em contrapartida, que não há razão plausível para perturbação. Visto que a igreja se assemelha a uma eira, a palha tem de ser soprada para que o trigo puro permaneça. É justamente isto que Deus faz, quando lança os hipócritas para fora da igreja, pois é então que ele a limpa do refugo e da imundícia.

20. Vós, porém, tendes a unção do Santo, e conheceis todas as coisas.
21. Não vos escrevi porque não conhecêsseis a verdade, mas porque a conheceis, e que nenhuma mentira procede da verdade.
22. Quem é mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? É anticristo aquele que nega o Pai e o Filho.
23. Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai.

20. Et vos unctionem habetis a Sancto, et novistis omnia.
21. Non scripsi vobis, quia non noveritis veritatem; sed quia novistis eam, et quia omne mendacium ex veritate non est.
22. Quis est mendax, nisi qui negat Jesum esse Christum? Hic est antichristus, qui negat Patrem et Filium.
23. Omnis qui negat Filium, neque Patrem habet.

20. Vós, porém, tendes a unção. O apóstolo se justifica modestamente por havê-los exortado com tanta veemência, para que não pensassem que eram indiretamente reprovados, como se fossem rudes e ignorantes das coisas que deveriam conhecer muito bem. E assim Paulo admitiu haver sabedoria nos romanos, a saber, que eram aptos e preparados para admoestar outros. Ao mesmo tempo, ele mostrou que tinham necessidade de serem lembrados, a fim de que pudessem cumprir corretamente seu dever [Rm 15.14, 15]. Os apóstolos, não obstante, não falavam assim com o fim de lisonjeá-los; mas sabiamente atentavam bem para que sua doutrina não fosse rejeitada por ninguém, pois declaravam o que era oportuno e útil, não só aos ignorantes, mas também àqueles que eram bem instruídos na escola do Senhor.

A experiência nos ensina quão críticos são os ouvidos dos homens. De fato essa mordacidade deve estar bem longe dos santos; contudo, cabe ao mestre fiel e sábio nada omitir, para que ele possa assegurar a audição de todos. E é certo que

recebemos o que é dito com menos atenção e respeito, quando pensamos que aquele que fala deprecia o conhecimento que nos foi dado pelo Senhor. O apóstolo, por meio deste louvor, ao mesmo tempo estimulava seus leitores, porquanto aqueles que eram dotados com o dom do conhecimento tinham menos desculpa se não excedessem aos demais em sua proficiência.

O estado do caso é que o apóstolo não lhes ensinava como se fossem ignorantes e familiarizados somente com os primeiros elementos do conhecimento, mas lhes recordava aquelas coisas já conhecidas, e igualmente os exortava a aumentar as centelhas do Espírito, para que um fulgor mais pleno brilhasse neles. E, nestas palavras, ele se explicava, tendo negado que lhes escrevia porque não conheciam a verdade, mas porque já haviam sido bem instruídos nela; pois se fossem completamente ignorantes e novatos, não poderiam ter compreendido sua doutrina.

Ora, quando ele diz que conheciam *todas as coisas*, isso não deve ser tomado no sentido mais amplo, mas deve confinar-se ao tema aqui discutido. Mas ao dizer que tinham *a unção do Santo*, sem dúvida sua alusão é aos tipos antigos. O óleo pelo qual os sacerdotes eram ungidos era obtido do santuário; e Daniel faz menção da vinda de Cristo no tempo próprio a fim de ungir o Santo dos Santos [Dn 9.24]. Pois ele foi ungido pelo Pai a fim de derramar sobre nós uma múltipla abundância de sua própria plenitude. Daí se segue que os homens não se tornam corretamente sábios pela perspicácia de suas próprias mentes, e sim pela iluminação do Espírito; e, mais ainda, que se fazem participantes do Espírito por meio de Cristo, que é o verdadeiro santuário e nosso único Sumo Sacerdote.[156]

21. E que nenhuma mentira procede da verdade. Ele lhes concede um critério pelo qual pudessem distinguir a verdade da falsidade; pois não é a proposição dialética de que a falsidade difere da verdade (como se ensina nas escolas

como regras gerais), mas aplica-se o que é dito àquilo que é prático e útil; como se quisesse dizer que não só mantinham o que era verdadeiro, mas também estavam tão fortalecidos contra as imposturas e falácias dos ímpios, que sabiamente vigiavam atentamente a si próprios. Além disso, ele não fala deste ou daquele tipo de falsidade; porém diz que, seja qual for o engano que porventura Satanás maquine, ou seja, qual for o método que ele use para atacá-los, estariam habilmente preparados para distinguir entre luz e trevas, porquanto possuíam o Espírito como seu guia.

22. Quem é mentiroso. Ele não afirma que o único mentiroso era quem negava que o Filho de Deus se manifestara na carne, para que ninguém, ao afrouxar o nó além da medida, não se atormentasse; mas que suplantaram a todos os demais, como se quisesse dizer: a não ser que este seja julgado mentiroso, nenhum outro poderia ser considerado como tal; como em geral costumamos dizer: "Se a perfídia para com Deus e os homens não for crime, então o que mais poderíamos chamar de crime?"[157]

O que dissera dos falsos profetas, em termos gerais, ele agora aplica ao estado de seu próprio tempo; pois ele aponta, como que com o dedo, para aqueles que perturbavam a igreja. Concordo prontamente com os antigos que pensavam que Cerinto e Carpócrates estão aqui em pauta. Mas a negação de Cristo se estende muito mais amplamente; pois não basta confessar verbalmente que Jesus é o Cristo, a não ser que ele seja reconhecido como sendo justamente como o Pai no oferece no evangelho. Os dois que mencionei intitulavam Cristo de o Filho de Deus, porém o imaginavam como sendo somente homem. Outros os seguiram, por exemplo, como Ário que, adornando-o com o título de Deus, o despojava de sua divindade eterna. Marcião o imaginava como um mero fantasma. Sabélio imaginava que ele em nada diferia do Pai. Todos esses negavam o Filho de Deus; pois nenhum deles realmente reconhecia o verdadeiro Cristo;

mas, adulterando a verdade acerca dele, ao máximo que puderam, inventaram para si um ídolo no lugar de Cristo. Então surgiu Pelágio que, deveras, não suscitou disputa acerca da essência de Cristo, senão que admitiu ser ele verdadeiro homem e verdadeiro Deus; no entanto, transferiu para nós quase toda a honra que lhe pertencia. De fato, equivale reduzir Cristo a nada quando sua graça e poder são descartados.

E assim, os papistas, atualmente, estabelecendo o livre-arbítrio em oposição à graça do Espírito Santo, atribuindo uma parte de sua justiça e salvação aos méritos das obras, forjando para si inumeráveis advogados, por meio de quem Deus se lhes torna propícios, tomaram para si um tipo de Cristo fictício, sei lá eu qual é; mas a viva e genuína imagem de Deus, que resplandece em Cristo, deformaram através de suas perversas invenções; minimizando seu poder, subverteram seu ofício.

Agora percebemos que Cristo é negado sempre que as coisas que peculiarmente lhe pertencem lhe são arrebatadas. E como Cristo é o fim da lei e do evangelho, e têm em si todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento, assim ele é o alvo em direção ao qual todos os hereges apontam suas flechas. Portanto, o apóstolo, não sem razão, toma como os principais impostores aqueles que lutam contra Cristo, em quem a plena verdade nos é exibida.

É anticristo. Ele não está falando do príncipe da apostasia que iria ocupar o trono de Deus; mas, todos aqueles que buscam subverter a Cristo, ele põe como pertencente àquele bando de ímpios. E, com o fim de ampliar seu crime, ele assevera que o Pai, não menos que o Filho, é por eles negado; como se quisesse dizer: “Eles não mais possuem qualquer religião, já que descartaram Deus totalmente”. E confirma isso mais adiante, adicionando esta razão: que o Pai não pode ser separado do Filho.

Ora, esta é uma sentença notável, e deve ser reconhecida entre os primeiros axiomas de nossa religião; sim, quando

confessarmos que só há um Deus verdadeiro, necessariamente se deve adicionar este segundo artigo: que ele não é nenhum outro senão aquele que se faz conhecido em Cristo. Aqui o apóstolo não trata distintamente da unidade de essência. De fato é verdade que o Filho não pode ser desvinculado do Pai, pois ele é da mesma essência (ὁμοούσιος); aqui, porém, está em pauta outra coisa, a saber, que o Pai, que é invisível, se revelou unicamente em seu Filho. Daí ser ele chamado a imagem do Pai [Hb 1.3], porque ele nos apresenta e exibe tudo quanto é necessário conhecer-se do Pai. Pois a imagem de Deus, desnuda, em virtude de seu imenso fulgor, sempre ofusca nossos olhos; por isso é necessário olharmos para Cristo. Isto equivale a chegar-se para a luz, a qual, se diz com razão, de outra maneira é inacessível.

Eu digo, uma vez mais, que aqui não existe uma discussão diferente acerca da essência eterna de Cristo, que ele tem em comum com o Pai. Esta passagem, de fato, é sobejamente suficiente para prová-la, no entanto João nos atrai para esta parte prática da fé, a saber, que, como Deus deu-se a nós para ser desfrutado somente por meio de Cristo, se torna fútil buscá-lo em outra fonte; ou (caso se prefira o que é mais claro) que, como em Cristo habita toda a plenitude da divindade, não existe Deus fora dele. Daí se segue que os turcos, judeus e outros como eles, possuem um mero ídolo, e não o Deus verdadeiro. Pois não importa que títulos eles usem, para honrar a Deus, a quem eles cultuam, no entanto, já que rejeitam [a Cristo], sem o qual não se pode chegar a Deus, e em quem Deus realmente se nos manifestou, o que possuem não passa de mera criatura ou de ficção. Quem, sem Cristo, filosofa sobre as coisas divinas, se gaba, o quanto lhe apraz, de suas especulações; é ainda certo que nada fazem senão vociferar e criar confusão, porque, como diz Paulo, não retêm a cabeça [Cl 2.19]. Daí ser óbvio concluir quão necessário é o conhecimento de Cristo.

Muitas cópias trazem a sentença oposta: “Aquele que confessa o Filho”, etc. Mas, como creio que uma nota foi inserida ao texto por algum copista, não hesito em omiti-la.[158] Mas, se sua inserção for aprovada, o significado seria que não existe confissão correta de Deus se o Pai não for reconhecido no Filho.

Se porventura alguém replicar e disser que muitos dentre os antigos pensaram corretamente de Deus, de quem Cristo não era conhecido, admito que o conhecimento de Cristo nem sempre foi revelado de maneira tão explícita; não obstante, afirmo que sempre tem sido verdade que, como a luz do sol nos chega através de seus raios, assim o conhecimento de Deus tem sido comunicado através de Cristo.

24. Portanto, que permaneça em vós o que ouvistes desde o princípio. Se permanecer em vós o que ouvistes desde o princípio, também permanecereis no Filho e no Pai.
25. E esta é a promessa que ele nos fez: a vida eterna.
26. Estas coisas eu vos escrevi acerca dos que vos seduzem.
27. Mas a unção que recebestes dele permanece em vós; e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a mesma unção vos ensina todas as coisas, e é verdade, e não é mentira, e assim, como ela vos tem ensinado, assim permaneceis nele.
28. E agora, filhinhos, permanecei nele; para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança, e não sejamos envergonhados diante dele em sua vinda.
29. Se sabeis que ele é justo, sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.

24. Ergo quod audistis ab initio, in vobis maneat: si in vobis manserit quod ab initio audistis, et vos in Patre et Filio manebitis.
25. Atque haec est promissio, quam ipse nobis promisit, nempe vitae eternae (*vel, quam nobis pollicitus est vitam etenam*.)
26. Haec scripsi vobis de iis qui seducunt vos.
27. Et unctio quam accepistis ab eo, in vobis Manet; neque opus habetis ut quis vos doceat; sed quemadmodum unctio docet vos de omnibus, et vertas est, et non est mendacium; et quemadmodum docuit vos, manete in eo (*vel, in ea*.)
28. Et nunc filioli, manete in eo, ut quum apparuerit, habeamus fiduciam, neque pudefiamus ab ejus praesentia.
29. Si nostis quod justus sit, cognoscite quod quisquis facit justitiam ex eo genitus est.

24. Portanto, que permaneça em vós. Ele anexa uma exortação à doutrina anterior; e para que tivesse mais peso, ele realça o fruto que receberiam da obediência. Ele, pois, os exorta à perseverança na fé, para que mantivessem firme em seu coração o que haviam aprendido.

Mas ao dizer, *desde o princípio*, ele não tem em mente que só a antiguidade era suficiente para provar que alguma

doutrina é verdadeira; mas, como já havia mostrado que tinham sido corretamente instruídos no evangelho puro de Cristo, então conclui que devem, de direito, continuar nele. E é preciso notar especialmente esta ordem; porque, caso não queiramos nos separar daquela doutrina que uma vez abraçamos, seja ela qual for, isto não seria perseverança, e sim perversa obstinação. Daí ser preciso fazer esta distinção, para que se faça evidente uma razão para nossa fé à luz da palavra de Deus; e então seguir em perseverança inflexível.

Os papistas se gabam de "um princípio", porque assimilam suas superstições desde a infância. Sob tal pretexto, eles mesmos admitem rejeitar obstinadamente a clara verdade. Tal perversão nos mostra que devemos sempre começar com a certeza da verdade.

O que ouvistes. Eis o fruto da perseverança, a saber, que, aqueles em quem a verdade de Deus permanece, também permanecem em Deus. Daí aprendermos o que devemos buscar em toda a verdade pertencente à religião. Portanto, demonstra maior disposição quem faz um progresso tal, que se apega plenamente a Deus. Mas, aquele em quem o Pai não habita através de seu Filho, é totalmente fútil e vazio, não importa que conhecimento porventura possua. Além do mais, este é o mais elevado enaltecimento da sã doutrina, a saber, que ela nos une a Deus, e que nela se encontra tudo quanto pertence à real fruição de Deus.

Em último lugar, ele nos lembra que a felicidade real é quando Deus nos habita. As palavras que ele usa são ambíguas. Podem ser traduzidas assim: "Esta é a promessa que ele nos fez, a saber, a vida eterna".[159] Entretanto, o leitor pode adotar ambas essas traduções, pois o significado continua sendo o mesmo. A suma do que lemos aqui é que não podemos viver de outra forma senão cuidando até o fim da semente da vida, semeada em nosso coração. João insiste muito neste ponto, a saber, que não só o começo de uma vida abençoada tem de estar no conhecimento de Cristo, mas

também seu aperfeiçoamento. Mas a repetição dela não pode ser demasiada, visto ser bem evidente que a causa de ruína dos homens foi sempre o fato de não viverem contentes com Cristo, senão que anseiam ir além da simples doutrina do evangelho.

26. Essas coisas eu vos escrevi. O apóstolo se justifica outra vez por haver admoestado aqueles que eram bem persuadidos com conhecimento e juízo. Mas ele fez isso com o fim de se dedicarem à direção do Espírito, para que sua admoestação não fosse sem efeito; como se quisesse dizer: "De fato eu faço minha parte, mas ainda é necessário que o Espírito de Deus vos dirija em todas as coisas; eu, porém, pelo som de minha voz, feriria em vão vossos ouvidos, ou melhor, o ar, a menos que ele fale em vosso interior".

Ao ouvirmos que ele escreveu acerca dos sedutores, é preciso que tenhamos em mente ser o dever de um bom e diligente pastor não só congregar um rebanho, mas também espantar os lobos; pois de que serve proclamar o puro evangelho se somos coniventes com as imposturas de Satanás? Ninguém, pois, pode ensinar fielmente a igreja se não for diligente em banir os erros sempre que são difundidos pelos sedutores. O que ele diz de *a unção que recebestes dele*, eu a aplico a Cristo.

27. E não tendes necessidade. Estranho seria o propósito de João se, como eu já disse, se tencionasse apresentar o ensino como sendo inútil. Ele não lhes atribui tanta sabedoria a ponto de negar que fossem alunos de Cristo. Ele só quis dizer que de modo algum eram tão ignorantes a ponto de carecerem de coisas, por assim dizer, desconhecidas, e que precisassem ser-lhes ensinadas, e que nada pusera diante deles que o Espírito de Deus já não lhes houvesse sugerido. Absurdo, pois, é o que os homens fanáticos fazem com esta passagem, com o fim de excluir da igreja o uso do ministério externo. Ele diz que os fiéis, instruídos pelo Espírito, já entendiam o que ele lhes entregara, de modo que já não careciam de aprender as

coisas que lhes eram desconhecidas. Ele disse isso com o fim de adicionar mais autoridade à sua doutrina, enquanto cada um repetia em seu coração um assentimento a ela, esculpido, por assim dizer, pelo dedo de Deus. Mas cada um tinha conhecimento segundo a medida de sua fé, e, como em alguns a fé era pequena, em outros mais forte, e em nenhum deles, perfeita, daí se segue que ninguém conhecia tanto que já não houvesse espaço para progresso.

Há ainda outro uso que se pode fazer desta doutrina, a saber, que, quando os homens realmente entendem o que lhes é necessário, devem ainda ser advertidos e despertados, para que sejam ainda mais confirmados. Pois o que João diz, que lhes foram ensinadas todas as coisas pelo Espírito, isso não deve ser tomado em termos gerais, mas deve confinar-se ao que se acha contido nesta passagem. Em suma, ele tinha outra coisa em vista além de fortalecer sua fé, enquanto lhes recorda o exame do Espírito, que é o único apto a corrigir e aprovar a doutrina, que a sela em nosso coração, de modo que certamente sabemos que é Deus quem fala. Pois enquanto a fé deve contemplar a Deus, ele só pode ser testemunha de si mesmo, a ponto de convencer nosso coração de que o que nossos ouvidos recebem realmente veio dele.

E o mesmo é o significado destas palavras, *como a mesma unção vos ensina todas as coisas, e é verdade*; isto é, o Espírito é como um selo, pelo qual a verdade de Deus vos é testificada. Ao acrescentar, *e não é mentira*, ele põe em relevo outro ofício do Espírito, a saber, que ele nos dota com critério e discernimento, para que não sejamos enganados pelas mentiras, para que não hesitemos e caiamos em perplexidade, para que não vacilemos como se as coisas fossem duvidosas.

E assim, como ela vos tem ensinado, permaneceremos nele, ou *permaneçam nele*. Ele dissera que o Espírito permanecia neles; agora os exorta a permanecerem na revelação feita por ele, e especifica que revelação era essa:

“Permanecei”, diz ele, “em Cristo, como o Espírito vos tem ensinado”, isto é, a unção. Mas, como a repetição que imediatamente segue não pode aplicar-se a ninguém mais senão a Cristo, não tenho dúvida de que aqui ele fala também de Cristo; e o próprio contexto requer que seja assim; pois o apóstolo enfatiza este ponto, a saber, que os fiéis devem reter o verdadeiro conhecimento de Cristo, e que não devem ir a Deus de nenhuma outra maneira.

Ao mesmo tempo, ele mostra que os filhos de Deus são, por nenhum outro propósito, iluminados pelo Espírito, senão para que conheçam a Cristo. Contanto que não se desviassem dele, ele lhes prometeu o fruto da perseverança, sim, da confiança, para que não viessem a envergonhar-se em sua presença. Pois a fé não é uma mera e fria apreensão de Cristo, mas um senso vivo e real de seu poder, o qual produz confiança. Aliás, a fé não pode persistir enquanto é abalada diariamente por tantas ondas, a menos que ela contemple a vinda de Cristo e, sustentada por seu poder, traga tranquilidade à consciência. Mas a natureza da confiança é bem expressa quando ele afirma que ela pode ousadamente segurar-se na presença de Cristo. Pois aquele que persiste firmado em seus vícios volta, por assim dizer, suas costas para Deus; nem de outra maneira pode obter paz, esquecendo-se dele. Esta é a segurança da carne, a qual insensibiliza os homens; de modo que, afastando-se de Deus, não se estarrecem ante o pecado nem temem a morte; e, no ínterim, se esquivam do tribunal de Cristo. Mas uma piedosa confiança se deleita em contemplar a Deus. Daí suceder que os santos, tranquilamente, esperam por Cristo, nem nutrem medo de sua vinda.

29. Se sabeis que ele é justo. Uma vez mais, ele passa às exortações, de modo que, por toda a Epístola, mistura continuamente estas com doutrina; porém, ele prova, por muitos argumentos, que a fé está necessariamente conectada com uma vida santa e pura. O primeiro argumento é que somos espiritualmente gerados conforme a semelhança de

Cristo; daí se segue que ninguém nasce de Cristo senão aquele que vive justamente. Ao mesmo tempo, é incerto se ele tem em mente Cristo ou Deus, ao dizer que tantos quantos nascem dele praticam a justiça. Por certo que esta é uma maneira de falar usada na Escritura, a saber, que nascemos de Deus em Cristo; porém não há nada de inconsistente na outra, a saber, que nasce de Cristo quem é renovado por seu Espírito.[160]

---

149. "Parece-me que o apóstolo deve ser entendido como que falando somente de todos os que creem, sejam judeus ou gentios, no mundo inteiro" (Doddridge).

150. Que este ponto de vista é correto parece evidente das palavras "que tivestes desde o princípio"; ele o chama "antigo" porque lhes fora ensinado desde "o princípio", isto é, do evangelho. Então "novo" não pode significar outra coisa além do que Calvino declara, a saber, que ele continua ainda em vigor, sendo, por assim dizer, sempre novo.

151. Literalmente, "e para esse não há pedra de tropeço"; isto é, nada que o faça tropeçar. Esse não é como aquele mencionado no versículo seguinte, que "anda em trevas e não sabe para onde vai". É como se a sentença fosse tomada do Salmo 119.165, como esta única diferença, que é "para aqueles", em vez de "para aquele". Na Septuaginta não há preposição, mas no hebraico se usa a preposição "para"; e ἐν às vezes tem este significado no Novo Testamento. Conferir Colossenses 1.23; 1 Tessalonicenses 4.7.

152. A terminação diminutiva às vezes expressa afeição; daí νεανίσκοι pode ser traduzida com propriedade, "querida juventude", ou "queridos jovens"; e por isso τεκνία μου, no primeiro versículo, pode ser traduzida "meus queridos filhos".

153. Não há redações diferentes que porventura justifiquem a suposição de uma interpolação. A única redação que Griesbach considera provável é ἔγραψα em vez de γράφω no final do versículo 13. Se isso for adotado, então as três classes são mencionadas duas vezes e em ordem regular. A objeção de que τεκνία, no versículo 12, é παιδία, no versículo 13, não é válida, pois ele usa o segundo termo no mesmo sentido que o primeiro no versículo 18, denotando os cristãos em geral; enquanto que aqui, em conexão com "pais" e "jovens", significaria aqueles jovens em anos ou em profissão do evangelho. A repetição é feita visando à ênfase.

154. Muitos, como Macknight e Scott, consideram que os três versículos anteriores se acham conectados a isto: que as declarações particulares com respeito aos filhinhos, aos pais e aos jovens são aduzidas como razões para reforçar esta exortação: "Não ameis o mundo", etc. E esta é, sem dúvida, a melhor visão da passagem.

155. Há *duas* coisas: o mundo, e as coisas que há no mundo. O mundo, assim distinguido do que está nele, segundo Macknight, os perversos e incrédulos, os

homens do mundo, como quando nosso Salvador diz: “o mundo”, isto é, os judeus incrédulos, “vos odeia” [Jo 15.19]. Em conformidade com este conceito, o contraste no versículo 17 parece bem apropriado: “O mundo [os ímpios do mundo] passa, bem como sua concupiscência [dos ímpios]; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre”. Outros crêem que as bênçãos do mundo estão implícitas, as coisas boas necessárias para o sustento do homem, e que estas não devem ser amadas, ainda que possam ser usadas corretamente. Neste caso, “no mundo” teria um significado distinto, algo não incomum na Escritura; significaria no presente estado de coisas. Mas o conceito mais consistente é o primeiro, isto é, tomar “mundo” amplamente, significando os ímpios do mundo. O que prevalece entre eles são as concupiscências aqui mencionadas: gratificação sexual, avareza e ambição – os três deuses que governam e reinam no seio da humanidade.

156. “Do Santo”, do Pai, dizem alguns; do Filho, dizem outros; do Espírito Santo, segundo um terceiro grupo. Ao comparar este versículo com os 27 e 28, percebemos a razão de concluir que o “Santo” é Cristo, o qual prometera o Espírito para ensinar seu povo. A unção é o ato do Espírito Santo pelo qual a verdade é ensinada.

157. Assumindo este ponto de vista da passagem, poderíamos fazer esta tradução: “Quem é mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo?”

158. As palavras estão presentes na maioria dos manuscritos e na maioria das versões, bem como em muitos dos pais. Além disso, se harmonizam plenamente com o estilo usual do apóstolo, cuja prática comum era declarar coisas positiva e negativamente, e vice-versa. Conferir especialmente 5.12.

159. Esta, que é nossa versão, é sem dúvida a melhor construção. “Promessa” é uma metonímia para o que se promete: “Esta é a promessa que ele nos fez, a saber, a vida eterna”. “Vida eterna” está em aposição com “que”.

160. O caráter do estilo de João reside no fato de ele amiúde passar, por assim dizer, abruptamente do Filho para o Pai, e do Pai para o Filho; e às vezes o antecedente não é a palavra precedente, mas uma um tanto distante. Pensamos ser este o caso pelo que a sentença contém, como no presente caso; o novo nascimento nunca é atribuído ao Filho, mencionado no versículo precedente, mas ao Pai ou ao Espírito. Desse fato devemos concluir que o justo mencionado aqui, que juntamente com o Filho é mencionado no versículo 22b, é o Pai. Como os versículos intervenientes, com a exceção do 23d, que é explicativo do versículo anterior, se aplicam ao Filho, e assim este versículo parece referir-se ao Pai, o que é consistente com a maneira comum da redação bíblica.

Capítulo 3

1. Vede que forma de amor o Pai nos tem concedido, a ponto de sermos chamados filhos de Deus! Por isso o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu.
2. Amados, agora somos filhos de Deus; no entanto ainda não se revelou o que seremos; porém sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; pois o veremos como ele é.
3. E todo aquele que tem esta esperança nele se purifica, assim como ele é puro.

1. Videte (*vel, videtis*) qualem charitatem dedit nobis Pater, ut filii Dei nominemur: propterea mundus non novit nos, quia non novit ipsum.
2. Dilecti, nunc filii Dei sumus; et nondum apparuit quid erimus: scimus autem quod si apparuerit, símiles ei erimus; quia videbimus eum sicuti est.
3. Et omnis qui habet hanc spem in eo, purificat seipsum, quemadmodum ille Purus est.

1. Vede. O segundo argumento tem por base a dignidade e excelência de nossa vocação; porque, diz ele, não era uma honra comum o que o Pai celestial nos outorgou, quando nos adotou como seus filhos. Sendo este um favor tão imenso, a aspiração por pureza deve estar acesa em nós, de modo a nos conformarmos com sua imagem; e de fato nem pode ser diferente, senão que aquele que se reconhece como um dos filhos de Deus se purifique. E, ao tornar esta exortação mais enérgica, ele amplia o favor divino; pois ao dizer que foi *outorgado amor*, sua intenção é dizer que é da mera liberalidade e benevolência que Deus nos faz seus filhos; pois donde nos vem tal dignidade, a não ser do amor de Deus? Aqui, pois, se declara que o amor é gratuito. De fato, há certa impropriedade na linguagem; mas o apóstolo preferiu falar assim em vez de expressar o que era necessário saber. Em suma, ele quer dizer que, quanto mais abundante é a bondade divina que se nos manifestou, maior é nossa obrigação para com Deus, segundo o ensino de Paulo, quando rogou aos romanos, pelas misericórdias de Deus, que

se apresentassem a ele como sacrifícios puros [Rm 12.1]. Ao mesmo tempo, somos ensinados, como eu já disse, que a adoção de todos os santos é gratuita, e não depende de nenhuma consideração às obras.

O que os sofistas dizem, que Deus prevê os que são dignos de ser adotados, é claramente refutado por estas palavras; pois, se não fosse assim, o dom não seria gratuito. Cabe-nos especialmente entender esta doutrina; porque, visto que a única causa de nossa salvação é a adoção, e visto que o apóstolo testifica que isto flui tão somente do genuíno amor de Deus, nada se deixa para nossa dignidade ou ao mérito das obras. Pois, por que somos filhos, senão porque Deus começou a amar-nos livremente, quando merecíamos ser odiados, e não amados? E, visto que o Espírito é um penhor de nossa salvação, daqui se segue que, se porventura houver em nós algum bem, ele não deve ser posto em oposição à graça de Deus, e sim, ao contrário, deve ser atribuído a ele.

Ao dizer que somos *chamados*, ou nomeados, a expressão não vem sem seu significado; pois é Deus que, com sua própria boca, nos declara ser filhos, como dera a Abraão um nome em conformidade com o que ele era.

Por isso o mundo. Constitui-se uma prova que dolorosamente assalta nossa fé o fato de não sermos devidamente respeitados como filhos de Deus, ou que uma tão grande excelência deixe de exibir-se em nós, senão que, ao contrário, quase o mundo inteiro nos trate com ridículo e desdém. Daí, dificilmente se pode inferir, à luz de nosso presente estado, que Deus nos é por Pai, pois o diabo de tal modo maquina todas as coisas, que chega a obscurecer este benefício. Ele remove esta ofensa dizendo que ainda não somos reconhecidos como tais, porque o mundo não conhece a Deus. Um notável exemplo disto se encontra em Isaque e Jacó; pois ainda que ambos fossem escolhidos por Deus, contudo Ismael perseguiu o primeiro com gargalhadas e escárnios; e Esaú, o segundo, com ameaças e espada. Daí, por mais que sejamos oprimidos pelo mundo, contudo nossa

salvação permanece a salvo e segura.

2. Agora somos filhos de Deus. Ele agora passa ao que cada um sabe e sente em si mesmo; pois ainda que os ímpios não nos induzam a renunciar nossa esperança, contudo, nossa atual condição é muito carente da glória de filhos de Deus; pois, no tocante a nosso corpo, somos pó e sombra, e a morte está sempre diante de nossos olhos; somos ainda sujeitos a mil misérias, e a alma vive exposta a inumeráveis males; de modo que deparamos sempre com um inferno dentro de nós. É extremamente necessário que todos nossos pensamentos fossem desviados da presente visão das coisas, para que as misérias pelas quais somos de todos os lados cercados e quase que esmagados não abalem nossa fé naquela felicidade que ainda permanece oculta. Pois a intenção do apóstolo é dizer que agimos muito insensatamente quando estimamos o que Deus nos outorga pelo prisma do presente estado das coisas, mas que devemos, com fé inabalável, manter aquilo que ainda não aparece.

Mas sabemos que, quando ele se manifestar. A partícula condicional deve ser traduzida como um advérbio de tempo, *quando*. Mas o verbo *manifestar* não significa a mesma coisa quando o usou antes. O apóstolo diz apenas isto: *ainda não se manifestou o que seremos*, porque o fruto de nossa adoção ainda continua oculto, pois nossa felicidade está no céu, e agora somos viajantes remotos sobre a terra; pois esta vida fugaz, constantemente exposta a centenas de mortes, é muito diferente daquela vida eterna que pertence aos filhos de Deus; pois, sendo encerrados como escravos na prisão de nossa carne, estamos muito distantes da plena soberania do céu e terra. Mas o verbo agora se refere a Cristo, *quando ele se manifestar*; pois ele ensina a mesma coisa que Paulo ensinou, quando afirma: “Porque já estais mortos, e vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é nossa vida, se manifestar, então também vos manifestareis com ele em glória” [Cl 3.3, 4]. Pois nossa fé não pode fazer

outra coisa senão contemplar a vinda de Cristo. A razão pela qual Deus protela a manifestação de nossa glória é esta: porque Cristo não se manifestou no poder de seu reino. Esta, pois, é a única maneira de sustentar nossa fé, de modo que possamos esperar pacientemente pela vida que nos foi prometida. Assim que alguém se afasta sequer um mínimo de Cristo, necessariamente fracassará.[161]

O verbo *saber* demonstra a certeza de fé, a fim de distingui-la da mera opinião. Tampouco aqui se pretende o conhecimento simples ou universal, mas aquele que cada um deve ter para si, de modo que sinta a certeza de que algumas vezes será como Cristo. Ainda, pois, que a manifestação de nossa glória esteja conectada com a vinda de Cristo, contudo nosso conhecimento deste fato está bem fundado.

Seremos semelhantes a ele. O apóstolo não quer dizer que seremos iguais a ele [Cristo]; pois deve haver alguma diferença entre a cabeça e os membros; mas seremos semelhantes, porque ele fará com que nosso corpo vil se conforme ao seu glorioso corpo, como Paulo igualmente nos ensina em Filipenses 3.21. Pois o apóstolo tencionava mostrar sucintamente que o propósito final de nossa adoção é que o que em ordem começou em Cristo, por fim será completado em nós.

Não obstante, pode parecer inapropriada a razão exposta; pois se ver a Cristo nos faz semelhantes a ele, teremos isto em comum com os perversos, porquanto eles também verão sua glória. A isto respondo que vê-lo, aqui, é na qualidade de amigo, que não será o caso com os perversos, pois estes temerão sua presença; aliás, se esquivarão da presença de Deus e se encherão de terror; sua glória de tal modo ofuscará seus olhos, que ficarão estupefatos e confusos. Pois perceberemos que Adão, ciente de haver errado, temeu a presença de Deus. E, pelos lábios de Moisés, Deus declarou isto como uma verdade geral no tocante aos homens: “Ninguém me verá e viverá” [Ex 33.20]. Pois como pode ser

de outra forma senão que a majestade de Deus, como fogo consumidor, nos consumirá como se fôssemos palha ao vento, tão imensa é a fragilidade de nossa carne! E, na verdade, agora Deus começa a renovar em nós sua própria imagem; porém, em que medida tão minúscula! A menos, pois, que sejamos despidos de toda a corrupção da carne, jamais seríamos capazes de contemplar a Deus face a face.

E isto está também expresso aqui, *como ele é*. Na verdade ele não está dizendo que não há visão de Deus agora; mas, como diz Paulo, "Vemos agora através de espelho, obscuramente" [1Co 13.12]. Em outro lugar, porém, ele faz distinção entre esta maneira de viver e a visão dos olhos. Em suma, Deus agora se apresenta para ser visto por nós, não como ele realmente é, mas na medida em que podemos compreender. E assim se cumpre o que Moisés declarou, a saber, que o vemos somente, por assim dizer, pelas costas [Ex 33.23]; pois há em seu rosto esplendor demasiado para nós.

Devemos observar, ainda, que a maneira pela qual o apóstolo faz menção é tomada do efeito, não da causa; pois não nos ensina que seremos semelhantes a ele porque o veremos; mas desse fato ele prova que seremos participantes da glória divina, pois, a menos que nossa natureza seja espiritual e dotada de imortalidade celestial e bem-aventurada, jamais poderíamos achegar-nos a Deus tão de perto; contudo, a perfeição da glória não será tão imensa em nós que nossa visão nos possibilite compreender tudo o que Deus é; pois a distância entre nós e ele será, então, ainda incomensurável.

Mas, quando o apóstolo diz que o veremos como ele é, ele notifica uma maneira nova e inefável de vê-lo, da qual não desfrutamos agora; pois enquanto andarmos por fé, como Paulo nos ensina, estaremos ausentes dele. E, quando ele apareceu aos pais, isso não se deu em sua própria essência, senão que era sempre visto por símbolos. Daí a majestade de Deus, ora oculta, então só será vista em si mesma quando o

véu desta natureza mortal e corruptível for removido.

Passo por alto as questões capciosas; pois descobrimos como Agostinho se atormentava com elas e, no entanto, nunca venceu isto, quer em suas epístolas a Paulo [Orósio] e Fortunato, seja em seu livro Cidade de Deus (2.2), bem como em outros lugares. Não obstante, o que dizemos é digno de observação, a saber, que a maneira como vivemos vale mais nesta investigação do que a maneira como falamos, e que devemos precaver-nos para que, disputando sobre a maneira como Deus pode ser visto, não percamos aquela paz e santidade sem a qual ninguém o verá.

3. E todo aquele que tem esta esperança. Ele então extrai esta inferência: que a aspiração por santidade não pode esfriar em nós, porque nossa felicidade ainda não se manifestou, porquanto a esperança é suficiente; e bem sabemos que, o que é esperado ainda continua oculto. O significado, pois, é que, ainda que não tenhamos Cristo agora, bem diante de nossos olhos, contudo, se esperamos nele, outra coisa não sucederá senão que esta esperança nos instigará e estimulará a seguirmos após a pureza, pois ela nos leva diretamente a Cristo, a quem bem sabemos ser um perfeito padrão de pureza.

4. Todo aquele que comete pecado, também transgride a lei; porque pecado é a transgressão da lei.
5. E bem sabeis que ele se manifestou para tirar nossos pecados; e nele não há pecado.
6. Todo aquele que permanece nele não peca; todo aquele que peca não o viu, nem o conhece.

4. Quicunque facit peccatum, etiam inquitatem facit; et peccatum est iniquitas.
5. Porro nostis quod apparuit ut peccata nostra tolleret; et peccatum in eo non est.
6. Quisquis in eo manet, non peccat; quisquis peccat, non vidit eum, nec novit eum.

4. Todo aquele que comete, ou *pratica, pecado*. O apóstolo já demonstrou quão ingratos seríamos a Deus se fizéssemos bem pouca conta da honra da adoção que ele, de seu simples beneplácito, nos antecipa, e se, no mínimo, não lhe redéssemos amor mútuo. Ao mesmo tempo, ele introduziu esta admoestação, a saber, que nosso amor não deve ser

minimizado, porquanto a felicidade prometida é adiada. Agora, porém, como os homens costumam ceder aos males mais do que se lhes deve, ele reprova esta perversa indulgência, declarando que todos quantos pecam são perversos e transgressores da lei. Pois é bem provável que houvesse, então, aqueles que atenuavam seus vícios por este gênero de lisonja: "Não surpreende se pecamos, posto que somos homens; porém há uma grande diferença entre pecado e iniquidade".

O apóstolo então dissipa essa frívola desculpa, definindo pecado como sendo uma transgressão da lei divina; pois seu objetivo era produzir aversão e horror em face do pecado. Aqui, para alguns, a palavra *pecado* parece leve; no entanto, tudo indica que iniquidade ou transgressão da lei não pode ser tão facilmente perdoada. O apóstolo, porém, não toma os pecados como sendo iguais, acusando de iniquidade a tantos quantos pecam; seu intuito, porém, é simplesmente nos ensinar que o pecado se origina do desprezo para com Deus, e que, pelo pecado, a lei é violada. Daí, esta doutrina de Deus nada tem em comum com os delirantes paradoxos dos estóicos.

Além disso, *pecar*, aqui, não significa ofender em alguns casos; tampouco a palavra *pecado* deva ser tomada para cada falha ou erro que alguém cometa; mas ele denomina assim aquele pecado quando os homens, de todo o coração correm para o mal; tampouco ele entende que os homens pecam, senão aqueles que se entregam ao pecado. Pois os fiéis, que ainda se vêem tentados pelas concupiscências da carne, não devem ser julgados como que culpados de iniquidade, ainda que não sejam puros nem isentos de pecado; mas, visto que o pecado não reina neles, João diz que eles não pecam, como presentemente explicarei mais plenamente.

A súmula da passagem é que a vida perversa daqueles que se satisfazem na liberdade de pecar é odiosa aos olhos de Deus e não pode ser tolerada por ele, porquanto é contrária à

sua lei. Disso não se segue, nem daí se pode inferir, que os fiéis sejam iníquos; porquanto desejam obedecer a Deus e sentem aversão por seus próprios vícios, e isso em cada caso; e também formam sua própria vida, o quanto lhes é possível, em conformidade com a lei. Mas, quando há um propósito deliberado de pecar, ou curso contínuo no pecado, então a lei é transgredida.[162]

5. E sabemos que ele se manifestou, ou *apareceu*. Fazendo uso de outro argumento, ele mostra o quanto o pecado e a fé diferem entre si; pois o ofício de Cristo é tirar os pecados, e para este fim ele foi enviado pelo Pai; e é pela fé que participamos da virtude de Cristo. Então, aquele que crê em Cristo é, necessariamente, purificado de seus pecados. Mas em João 1.29 lemos que Cristo tira os pecados porque ele fez expiação por eles mediante o sacrifício de sua morte, para que eles não nos fossem imputados perante Deus. João significa, neste lugar, que Cristo é real e, por assim dizer, atualmente tira os pecados porque, através dele, nosso velho homem é crucificado e seu Espírito, mediante arrependimento, mortifica a carne com todas suas paixões. Pois o contexto não nos permite explicar isto em referência à remissão de pecados; pois, como eu já disse, ele arrazoa assim: "Quem não cessa de pecar torna sem efeito os benefícios derivados de Cristo, visto que ele veio para destruir o poder reinante do pecado". Isto pertence à santificação efetuada pelo Espírito.

E nele não há pecado. Ele não fala de Cristo, pessoalmente, mas da totalidade de seu corpo.[163] Sempre que Cristo difunde sua graça eficaz, ele nega que haja mais algum espaço para o pecado. Ele, pois, extrai imediatamente esta inferência, a saber, que quem permanece em Cristo não peca. Pois, se pela fé ele habita em nós, então realiza sua própria obra, ou seja, nos purifica dos pecados. Disso transparece o que é *pecar*. Pois Cristo, mediante seu Espírito, não nos renova perfeitamente de uma vez por todas, ou num só

instante, mas continua nossa renovação ao longo de toda nossa vida. Daí suceder que os fiéis vivam expostos ao pecado enquanto vivem neste mundo; mas, na medida em que o reino de Cristo prevalece neles, o pecado vai sendo abolido. Entrementes, são designados em conformidade com o princípio prevalecente, a saber, lemos que são justos e que vivem justamente, porque sinceramente aspiram a justiça.

Lemos que *não pecam*, porque não consentem no pecado, ainda que labutem sob a fragilidade da carne; mas, ao contrário, digladiam entre gemidos, de modo que podem realmente testificar com Paulo que não fazem o mal que poderiam.

Ele diz que os fiéis *permanecem* em Cristo, porque pela fé estamos unidos a ele e feitos um só com ele.

6. Todo aquele que peca não o tem visto. Segundo sua maneira usual, ele adicionou a sentença oposta, para que soubessem que a fé em Cristo e o conhecimento dele são em vão pretendidos, a menos que haja renovação de vida. Pois Cristo nunca está inativo onde ele reina, senão que o Espírito faz efetivo seu poder. E pode-se dizer corretamente dele, que põe o pecado em fuga, não de outra forma senão como faz o sol que dissipa as trevas com seu próprio fulgor. Mas, uma vez mais somos ensinados, neste lugar, quão forte e eficaz é o conhecimento de Cristo; pois ele nos transforma à sua imagem. E assim por *ver* e *conhecer* não devemos entender outra coisa senão a fé.

7. Filhinhos, que ninguém vos engane; aquele que pratica a justiça é justo, justamente como ele é justo.
8. Aquele que comete pecado é do diabo; pois o diabo peca desde o princípio. Com este propósito o Filho de Deus se manifestou, para que ele destruísse as obras do diabo.
9. Todo aquele que é nascido de Deus não comete pecado; pois sua semente permanece nele, e não pode pecar, porque é nascido de Deus.
10. Nisto se manifestam os filhos de Deus e os filhos do diabo.

7. Filioli, nemo vos decipiat; aui facit justitiam justus est, quemadmodum ille justus est.
8. Qui facit peccatum, ex diabolo est; quia ab initio diabolus peccat: in hoc manifestus est Filius Dei, ut solvat opera diaboli.
9. Quisquis natus est ex Deo, peccatum non facit, quoniam sêmen ejus in ipso manet; et non potest peccare, quia ex Deo genitus est.
10. In hoc manifesti sunt filii Dei et filii Diaboli.

7. Aquele que pratica a justiça. Aqui o apóstolo mostra que a novidade de vida é testificada por boas obras; nem se manifesta aquela semelhança de que ele tem falado, que existe entre Cristo e seus membros, exceto pelos frutos que eles produzem; como se quisesse dizer: "Já que nos cabe ser conformados a Cristo, a verdade e a evidência disto devem manifestar-se em nossa vida". A exortação é a mesma que Paulo expressa em Gálatas: "Se vivemos no Espírito, também andemos no Espírito" [Gl 5.25]. Pois muitos, alegremente, se persuadiriam de que possuem esta justiça sepultada em seus corações, enquanto que a iniquidade evidentemente ocupa seus pés e mãos, língua e olhos.

8. Aquele que comete pecado. Este verbo, *cometer*, ou *fazer*, se refere também às obras externas, de modo que o significado é que não há vida de Deus e de Cristo onde os homens agem perversa e impiamente, senão que tais são, ao contrário, escravos do diabo; e por esta maneira de falar ele expressa mais plenamente quão diferentes são eles de Cristo. Porque, como ele representara previamente a Cristo como a fonte de toda justiça, assim agora, em contrapartida, ele menciona o diabo como o princípio do pecado. Ele negou que alguém pertença a Cristo a menos que o mesmo seja justo, e comprove ser tal por meio de suas obras; ele agora atribui ao diabo todos os demais e os sujeita ao seu governo, a fim de que saibamos que não há condição intermediária, senão que Satanás exerce sua tirania onde a justiça de Cristo não possui a primazia.

Entretanto, não existem dois princípios adversos, como os maniqueus imaginaram; pois bem sabemos que o diabo não é perverso por natureza ou por criação, mas ele se tornou assim através de deserção. Sabemos ainda que ele não é igual a Deus, de modo que possa, com igual direito ou autoridade, contender com ele, mas que ele está involuntariamente sob limitação, de modo que nada faz senão pela vontade e com a permissão de seu Criador. Em último lugar, João, ao dizer que alguns haviam nascido de Deus, e que outros, do diabo,

não imaginava nenhuma difamação, tal como a que os maniqueus sonharam; sua intenção, porém, é que os primeiros são governados e guiados pelo Espírito de Deus, e que os demais são desencaminhados por Satanás, visto que Deus lhe concede este poder sobre os incrédulos.

Pois o diabo peca desde o princípio. Como antes ele falara de Cristo, não pessoalmente, ao dizer que ele é justo, senão que o mencionou como a fonte e a causa da justiça, assim agora, ao dizer que o diabo peca, ele inclui todo seu corpo, a saber, todos os réprobos; como se quisesse dizer: ao diabo pertence seduzir os homens a pecarem. Daí se segue que seus membros, bem como todos quantos se deixam governar por ele, se entregam à prática do pecado. No entanto, o princípio que o apóstolo menciona não é desde a eternidade, como quando afirma que o Verbo é desde o princípio; pois há uma ampla diferença entre Deus e as criaturas. Princípio no tocante a Deus não se refere ao tempo. Visto, pois, que o Verbo sempre esteve com Deus, não é possível encontrar nenhum ponto no tempo em que ele começasse a existir, mas, necessariamente, se admite sua eternidade. Aqui, porém, João não quis dizer nada mais senão que o diabo foi um apóstata desde a criação do mundo, e que desde aquele tempo ele jamais cessou de difundir seu veneno entre os homens.

Com este propósito, o Filho de Deus se manifestou. Ele reitera, em outros termos, o que dissera previamente, a saber, que Cristo veio para tirar os pecados. Daí se devem extrair duas conclusões: que aqueles em quem o pecado reina não podem ser contados entre os membros de Cristo; e que não podem, de forma alguma, pertencer a seu corpo; pois onde quer que Cristo manifeste seu próprio poder, ele põe em fuga tanto o diabo quanto o pecado. E João adiciona isto imediatamente, pois a sentença seguinte, onde ele diz que os que pecam não nasceram de Deus, é uma conclusão do que vem antes. É um argumento extraído, como eu já disse, do que é contraditório; pois o reino de Cristo, que traz

consigo a justiça, não pode admitir o pecado. Mas, eu já declarei o que significa *não peca*. Ele não torna os filhos de Deus totalmente isentos de todo pecado; porém nega que alguém realmente possa gloriar-se nesta distinção, exceto aqueles que, sinceramente, se esforçam por desenvolver sua vida em obediência a Deus.

Na verdade, os pelagianos e o catarismo outrora fizeram um uso errôneo desta passagem, ao imaginarem futilmente que os fiéis vivem neste mundo, revestidos de pureza angélica; e, em nossa própria época, alguns dentre os anabatistas têm renovado esta fantasia. Mas, todos quantos sonham com uma perfeição desse gênero, revelam suficientemente que consciência estúpida eles possuem. No entanto, as palavras do apóstolo estão tão longe de endossar tal erro, que suficientemente o refutam.

Ele diz que quem não nasce de Deus *peca*. Devemos agora considerar se Deus nos regenera totalmente, de uma vez para sempre, ou se resíduos do velho homem continuam em nós até a morte. Se a regeneração não é tão plena e completa, então não nos isenta da servidão do pecado, exceto em proporção à sua própria extensão. Daí transparecer que não pode ser senão que os filhos de Deus não vivem isentos de pecado, e que diariamente pecam, enquanto restar ainda alguns resquícios de sua velha natureza. Não obstante, o que o apóstolo defende como sendo inalterável é que o desígnio da regeneração é destruir o pecado, e que todos quantos nascem de Deus restringem o ardente desejo de pecar.

O que o apóstolo tem em mente é a mesma coisa que *a semente* de Deus; pois o Espírito de Deus de tal modo forma os corações dos santos para santas afeições, que a carne e suas concupiscências não prevalecem, mas, sendo subjugadas e postas, por assim dizer, sob um jugo, são contidas e restringidas. Em suma, o apóstolo atribui ao Espírito a soberania aos eleitos, o qual, por seu poder, reprime o pecado e não permite que ele governe e reine.

E não pode pecar. Aqui o apóstolo sobe mais alto, pois

nitidamente declara que os corações dos santos são governados tão eficazmente pelo Espírito de Deus que, através de uma disposição inflexível, seguem sua orientação. Isto, de fato, está muito longe da doutrina dos papistas. É verdade que os sorbonistas confessam que a vontade do homem, a não ser que seja assistida pelo Espírito de Deus, não pode desejar o que é certo; porém imaginam tal ação do Espírito, a ponto de nos deixar a livre escolha do bom e do mal. Arrancam daí os méritos, porque obedecemos espontaneamente à influência do Espírito, ficando em nosso poder resistir. Em suma, pretendem que a graça do Espírito seja apenas isto: que por esse meio somos capacitados para fazer a escolha certa, se o quisermos. Aqui João fala outra coisa bem diferente, pois ele não só mostra que não podemos pecar, mas também que o poder do Espírito é tão eficaz, que necessariamente nos mantém em contínua obediência à justiça. Tampouco é esta a única passagem da Escritura que nos ensina que a vontade está formada de tal maneira, que não pode ser diferente, senão certa. Pois Deus testifica que ele dá a seus filhos um novo coração, e promete fazer isso para que possam andar em seus mandamentos. Além disso, João não só mostra quão eficazmente Deus opera uma vez no homem, mas claramente declara que o Espírito continua sua graça em nós até o fim, de modo que a perseverança inflexível é adicionada à novidade de vida. Portanto, não imaginemos, com os sofistas, que esse é algum movimento neutro, que deixa os homens livres ou para seguirem ou para rejeitarem; saibamos, porém, que nosso coração é de tal modo governado pelo Espírito de Deus, que adere constantemente à justiça.

Ademais, o que os sofistas absurdamente objetam, pode ser facilmente refutado. Dizem que assim a vontade do homem seria eliminada; porém afirmam isso falsamente, pois a vontade é uma faculdade natural; mas, como a natureza se acha corrompida, ela só possui inclinações depravadas. Daí ser necessário que o Espírito de Deus a renove, a fim de que

comece a ser boa. E então, como os homens imediatamente falhariam no que é bom, é necessário que o mesmo Espírito leve a bom termo o que já começou, até o fim.

Quanto ao mérito, a resposta é óbvia, pois não se pode considerar estranho o fato de o homem nada merecer; e, no entanto, as boas obras que fluem da graça do Espírito não deixam de ser assim consideradas, já que são voluntárias. Têm também uma recompensa, pois, pela graça, são atribuídas aos homens, como se fossem propriamente suas.

Aqui, porém, suscita-se uma dúvida, se o temor e o amor de Deus podem ser extintos em alguém que já foi regenerado pelo Espírito de Deus. Porque, que isso não pode ser assim, parece ser a essência das palavras do apóstolo. Os que pensam diferentemente apelam para o exemplo de Davi que, por certo tempo, labutou sob um estupor tão bestial, que nenhuma fagulha da graça transparecia nele. Ademais, no Salmo 51 ele ora pela restauração do Espírito. Daí se segue que ele se achava privado dela. Não obstante, não há dúvida de que a semente, comunicada quando Deus regenera seus eleitos, por ser incorruptível, retém sua virtude perenemente. Aliás, admito que às vezes ela pode ser sufocada, como no caso de Davi; mas, ainda assim, quando toda a religião parecia estar extinta nele, uma brasa viva estava oculta sob as cinzas. Deveras Satanás labuta por erradicar dos eleitos tudo quanto é de Deus; mas, quando lhe é permitido o limite máximo, permanece ali uma raiz oculta que mais tarde brota. João, porém, não fala de apenas um ato, como se diz, mas do curso contínuo da vida.

Alguns fanáticos sonham com algo, não o quê, a saber, com uma semente eterna nos eleitos, a qual sempre trazem consigo do ventre materno; mas, com tal propósito, de forma muito ultrajante pervertem as palavras de João; porquanto ele não fala da eleição eterna, mas começa com a regeneração.

Há também os que são duplamente desvairados, os quais mantêm, sob tal pretexto, que tudo é lícito aos fiéis,

porquanto João afirma que não podem pecar. Então sustentam que podemos seguir, indiscriminadamente, a tudo quanto nossas inclinações nos levam. Assim, tomam a liberdade para cometer adultério, furtar e matar, porquanto não pode haver pecado onde reina o Espírito de Deus. Muito esta está muito longe de ser é a intenção do apóstolo; pois ele nega que os fiéis pecam por esta razão, porque Deus já esculpiu sua lei em seus corações, segundo o que declaram os profetas [Jr 31.33].

10. Nisto se manifestam os filhos de Deus. Ele extrai sucintamente esta conclusão: que em vão reivindica um lugar e um nome entre os filhos de Deus quem não prova estar vivendo uma vida santa e piedosa, já que por esta evidência aqueles mostram que diferem dos filhos do diabo. No entanto, ele não quer dizer que se manifestam assim para que sejam publicamente reconhecidos pelo mundo inteiro; e sim que sua intenção é simplesmente isto: que o fruto e adoção sempre transparecem na vida.

10. Todo aquele que não pratica a justiça, e não ama a seu irmão, não é de Deus.
11. Porque esta é a mensagem que ouvistes desde o princípio: que nos amemos uns aos outros.
12. Não como Caim, que era do maligno, e matou a seu irmão. E por que ele o matou? Porque suas próprias obras eram más, e as de seu irmão, justas.
13. Meus irmãos, não vos maravilheis, se o mundo vos odeia.

10. Quisquis non facit justitiam, non est ex Deo, et qui non diligit fratrem suum.
11. Quia haec est praedicatio quam audistis ab initio, ut mutuo nos diligamus.
12. Non sicut Cain, qui ex matligno erat, occidit fratrem suum; et qua de causa eum occidit? Quia opera ejus mala erant, fratris autem justa.
13. Ne miremini, fratres mei, si vos mundus odit.

10. Todo aquele que pratica a justiça. Aqui, praticar a justiça e pecar são postos em oposição um contra o outro. Daí, praticar a justiça outra coisa não é senão temer a Deus sinceramente e andar em seus mandamentos, até onde a debilidade humana o permitir; pois, ainda que a justiça, num sentido estrito, seja uma guarda imperfeita da lei, da qual os fiéis estão sempre longe, contudo, visto que Deus não lhes imputa as ofensas e as quedas, a justiça é aquela obediência imperfeita como lhe rendem. João, porém, declara que todos

quantos não vivem justamente não pertencem a Deus, porque todos aqueles a quem Deus chama, ele regenera por seu Espírito. Daí a novidade de vida ser uma perpétua evidência da adoção divina.

Nem aquele que não ama a seu irmão. Ele acomoda uma doutrina geral a seu próprio propósito. Pois até aqui ele vem exortando os fiéis ao amor fraternal; agora, com o mesmo fim, ele faz referência à verdadeira justiça. Daí acrescentar-se esta sentença em vez de uma explicação. Eu, porém, já declarei a razão por que a totalidade da justiça está inclusa no amor fraternal. Na verdade, o amor de Deus mantém o primeiro lugar; mas, como ele depende do amor para com os homens, às vezes, como uma parte pelo todo, o primeiro vem compreendido no segundo, bem como este sob aquele. Então, ele declara que todo aquele que é dotado de benevolência e humanidade é assim justo, e deve ser assim julgado, porque o amor é o cumprimento da lei. Ele confirma esta declaração dizendo que os fiéis foram assim *ensinados* desde o princípio; pois, com estas palavras, ele notifica que a afirmação que fizera não deve ser como que nova para eles.

12. Não como Caim. Aqui temos outra confirmação, tomada do que é contrário; pois o ódio reina nos réprobos e nos filhos do diabo, e mantém, por assim dizer, o lugar primordial em sua vida; e ele apresenta Caim como um exemplo. Entretanto, para dar-lhes consolação, finalmente ele concluiu, dizendo: *Não vos maravilheis, se o mundo vos odeia*.

Esta explanação precisa ser cuidadosamente notada, pois os homens sempre se atrapalham no caminho do viver, porque fazem a santidade consistir de obras fictícias, e, enquanto se atormentam com ninharias, pensam de si como que duplamente aceitáveis a Deus, como os monges que orgulhosamente denominam seu modo de viver de um estado de perfeição; nem existe sob o papado outro culto divino senão uma massa de superstições. O apóstolo, porém, testifica que tão-somente esta justiça é aprovada por Deus, a saber, se amamos uns aos outros; e, mais, que o diabo reina

onde prevalecem o ódio, a dissimulação, a inveja e a inimizade. Não obstante, devemos ao mesmo tempo manter em mente o que já toquei, a saber, que o amor fraternal, já que procede do amor de Deus como um efeito de uma causa, não se dissocia dele, mas, ao contrário, é enaltecido por João por esta conta: porque ele é uma evidência de nosso amor para com Deus.

Ao dizer que *Caim foi arrastado a matar seu irmão, visto que suas obras eram más*, ele notifica o que eu já declarei, a saber, que, quando a impiedade governa, o ódio ocupa o primeiro lugar. Ele cita as obras *justas* de Abel, para que aprendamos a suportar pacientemente quando o mundo nos odeia gratuitamente, sem qualquer justa provocação.

14. Sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama a seu irmão permanece na morte.
15. Todo aquele que odeia a seu irmão é um homicida; e sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanente em si.
16. Nisto percebemos o amor de Deus, porque ele entregou sua vida por nós; e devemos dar nossas vidas pelos irmãos.
17. Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo seu irmão necessitado, lhe fechar as entranhas de compaixão, como habitará nele o amor de Deus?
18. Filhinhos meus, não amemos com palavra, nem com a língua; mas de fato e de verdade.

14. Nos seimus quod transierimus a morte in vitam, quia diligimus fratres: qui non diligit fratrem, Manet in morte.
15. Omnis qui odit fratrem suum, homicida est; et nostis quod omnis homicida, non habet vitam aeternam in se manentem.
16. In hoc cognoscimus charitatem, quod ille pro nobis animam suam possuit: et nos debemus pro fratribus animas ponere.
17. Si quis habeat victum mundi, et videat fratrem suum egentem, et claudat víscera sua ab eo, quomodo charitas Dei in ipso manet?
18. Filioli mei, ne diligamus sermone, neque lingua, sed opere et veritate.

14. Sabemos. Ele enaltece o amor entre nós através de um notável elogio, porquanto [o amor] é uma evidência de uma transição da morte para a vida. Daí se segue que, se amamos os irmãos, somos abençoados; mas, se os odiamos, somos miseráveis. Não há sequer um que não deseje viver e ser isento da morte. Aquele, pois, que, ao nutrir ódio, voluntariamente se entrega à morte, deve ser extremamente estúpido e insensível. Mas, quando o apóstolo diz que é pelo amor que sabemos que já passamos para a vida, sua intenção não é dizer que o homem é seu próprio libertador, como se pudesse, por amar os irmãos, resgatar-se da morte e granjear

para si a vida; pois aqui ele não está tratando da causa da salvação, mas, como o amor é o fruto especial do Espírito, é também um símbolo seguro da regeneração. Então, o apóstolo extrai um argumento do sinal, não da causa. Mas seria contrário se alguém inferir daqui que a vida é obtida mediante o amor, visto que o amor é, na ordem de tempo, posterior a ela.

O argumento seria mais plausível se fosse dito que o amor nos fizesse mais certos da vida; então, a confiança no que tange à salvação redundaria em obras. Mas a resposta a isto é óbvia; pois se a fé é confirmada por todas as graças de Deus, como auxílios, contudo não cessa de ter seu fundamento na misericórdia de Deus somente. Como, por exemplo, quando desfrutamos da luz, nos certificamos que o sol brilha; se o sol brilha onde nos encontramos, temos uma clara visão dele; entretanto, quando os raios visíveis não chegam a nós, ficamos satisfeitos só pelo fato de o sol difundir seu brilho para nosso benefício. E assim, quando a fé se fundamenta em Cristo, podem acontecer algumas coisas para assisti-la, contudo ela repousa tão-somente na graça de Cristo.

15. É um homicida. Para estimular-nos ainda mais a amarmos, ele mostra quão detestável diante de Deus é o ódio. Não existe ninguém que não tenha medo de um homicida; mais, todos nós execramos o próprio título. O apóstolo, porém, declara que todos quantos odeiam a seus irmãos são homicidas. Ele não poderia ter dito nada mais atroz; tampouco o que ele disse é exagerado, pois desejamos que pereça aquele a quem odiamos. Não importa se uma pessoa guarda sua mão de fazer dano; pois o próprio desejo de fazer dano, tanto quanto a tentativa, é condenado diante de Deus; mais ainda, quando nós mesmos não buscamos fazer dano, contudo desejamos que um mal ocorra a nosso irmão, de um modo ou de outro, somos homicidas.

Então o apóstolo define a coisa simplesmente como a coisa é, ao atribuir o homicídio ao ódio. Daqui se prova a estultícia

dos homens: que, embora abomine o nome, contudo não fazem conta do próprio crime. Donde isso procede, senão porque a face externa das coisas monopoliza nossos pensamentos; mas o sentimento interior entra em cena diante de Deus. Ninguém, pois, atenue em nada um mal tão lamentável. Aprendamos a entregar nossos juízos ao tribunal de Deus.

16. Nisto percebemos, ou *por isto sabemos*. Agora ele mostra qual é o verdadeiro amor; pois não teria sido bastante recomendá-lo, a menos que seu poder esteja subentendido. Como um padrão do amor perfeito, ele põe diante de nós o exemplo de Cristo; pois ele, não poupando sua própria vida, testificou o quanto nos amava. Esta, pois, é a meta rumo à qual ele nos convida a fazer progresso. A suma do que lemos é que nosso amor é aprovado quando transferimos para nossos irmãos o amor para conosco mesmos, de modo que cada um de nós, de certa maneira esquecendo-se de si mesmo, busque o bem dos outros.[164]

Deveras é verdade que estamos longe de ser iguais a Cristo; mas o apóstolo nos recomenda que o imitemos; pois, ainda que não o alcancemos, contudo é preciso que sigamos seus passos, embora à distância. Indubitavelmente, visto que o objeto do apóstolo era golpear a fútil vanglória dos hipócritas, os quais se gabavam de ter fé em Cristo, ainda que sem amor fraternal, por estas palavras ele notifica que, a não ser que esse sentimento prevaleça em nossos corações, não temos nenhuma conexão com Cristo. Como eu já disse, ele nem mesmo põe diante de nós o amor de Cristo com o intuito de requerer que sejamos iguais a ele; pois o que isto seria senão precipitar a todos nós em desespero? Seu intuito, porém, é que nossos sentimentos sejam de tal modo formados e amoldados, que desejemos devotar nossa vida, e também nossa morte, antes de tudo a Deus, e então a nossos semelhantes.

Há outra diferença entre nós e Cristo: a virtude ou benefício

de nossa morte não poder ser o mesmo. Pois a ira de Deus não é pacificada por nosso sangue, nem se obtém a vida por nossa morte, nem sofremos o castigo devido a outros. O apóstolo, porém, nesta comparação, não tinha em vista o fim ou o efeito da morte de Cristo; mas só tinha a intenção de dizer que nossa vida deve ser formada segundo seu exemplo.

17. Quem, pois, tiver bens do mundo, ou *se alguém tiver a subsistência do mundo*. Agora, ele fala dos deveres comuns do amor, que flui daquele fundamento primordial, a saber, quando nos preparamos para servir a nossos semelhantes até a morte. Ao mesmo tempo, ele parece argumentar do maior para o menor; pois aquele que recusa, com seus bens, a aliviar a carência de seu irmão, enquanto sua vida está segura e a salvo, muito menos exporia por ele sua vida ao perigo. Então nega que haja amor em nós, se subtrairmos auxílio de nossos semelhantes. Mas de tal modo recomenda esta bondade externa, que ao mesmo tempo expressa muito apropriadamente o modo certo de fazer o bem, e que sorte de sentimento deve existir em nós.

Que esta, pois, seja a primeira proposição, a saber, que ninguém realmente ama a seus irmãos, exceto se realmente demonstra isso sempre que ocorra uma ocasião; a segunda, que, enquanto alguém possui meios, o mesmo é obrigado a dar assistência a seus irmãos, pois o Senhor assim nos provê a oportunidade de exercer amor; a terceira, que a necessidade de cada um deve ser vista, pois, como qualquer um necessita de bebida e comida, ou outras coisas das quais temos em abundância, assim ele necessita de nosso auxílio; a quarta, que nenhum ato de bondade, exceto acompanhado de compaixão, é agradável a Deus. Há muitos aparentemente liberais que, não obstante, não sentem as misérias de seus irmãos. O apóstolo, porém, requer que nossas entranhas estejam abertas; o que é feito quando somos dotados com um sentimento tal que nos compadecemos dos demais em seus males, não de outra forma senão como se nós mesmos fôssemos eles.

O amor de Deus. Aqui ele fala de amar os irmãos; por que, pois, ele faz menção do amor de Deus? Mesmo porque este princípio deve ser mantido: não pode ser de outra forma senão que o amor de Deus regenerará em nós o amor pelos irmãos.[165] E assim Deus prova nosso amor para com ele, quando nos convida a amar os homens em consideração a ele, segundo o que lemos no Salmo 16.2, 3: "Minha bondade não chega à tua presença, mas aos santos que estão na terra, e aos ilustres em quem está todo meu prazer".

18. Não amemos com palavra. Há nesta primeira sentença uma concessão, pois não podemos amar apenas com a língua; mas, como muitos falsamente pretendem isto, o apóstolo concede, segundo o que às vezes é feito, o nome da coisa à sua dissimulação, ainda que, na segunda sentença, ele reprove sua vaidade, quando nega que haja realidade exceto nos atos. Pois é assim que as palavras devem ser explicadas: não professemos com a língua que amamos, mas provemo-lo com os atos; pois este é o único e verdadeiro modo de demonstrar amor.[166]

19. E nisto conhecemos que somos da verdade, e diante dele tranquilizaremos nossos corações.
20. Pois se nosso coração nos condena, Deus é maior que nosso coração, e conhece todas as coisas.
21. Amados, se nosso coração não nos condena, então temos confiança para com Deus.
22. E tudo quanto lhe pedirmos dele recebemos, porque guardamos seus mandamentos, e fazemos aquelas coisas que são agradáveis a seus olhos.

19. Et in hoc cognoscimus quod ex veritate sumus, et coram ipso persuadebimus corda nostra.
20. Quod si accuset nos cor nostrum, certe major est Deus corde nostro et novit omnia.
21. Dilecti, si cor nostrum non accuset, fiduciam habemus erga Deum:
22. Et siquid petieriums, accipimus ab eo, quia praecepta ejus servamus, et quae coram eo placent facimus.

19. E nisto conhecemos, ou *por isto conhecemos*. Ele agora toma a palavra *verdade* num sentido diferente; porém há uma notável similaridade nas palavras – Se em verdade amamos nossos semelhantes, temos uma evidência de que já nascemos de Deus, que é a verdade, ou, que a verdade de Deus habita em nós. Mas é preciso que tenhamos sempre em mente que não temos de amar o conhecimento que o

apóstolo menciona, como se tivéssemos que buscar dele a certeza da salvação. E, indiscutivelmente, não de outra forma que sabemos que somos filhos de Deus, senão que ele sela sua adoção gratuita em nossos corações por seu próprio Espírito, e que já recebemos, mediante a fé, o penhor infalível dela oferecido em Cristo. Então o amor é acessório ou um auxílio inferior, um arrimo para nossa fé, não um fundamento sobre o qual ela repousa.

Por que, pois, o apóstolo afirma *e diante dele tranquilizaremos nossos corações*? Ele nos recorda estas palavras, de que a fé não existe sem uma boa consciência; não que a certeza emane dela ou dela dependa, mas que então só somos realmente, e não falsamente, assegurados de nossa união com Deus quando, pela eficácia de seu Espírito Santo ele se manifesta em nosso amor. Pois é sempre conveniente e próprio considerar o que o apóstolo mostra; porque, como ele condena uma profissão de fé fingida e falsa, então afirma que não podemos ter uma certeza genuína diante de Deus, a menos que seu Espírito produza em nós o fruto do amor. Não obstante, ainda que uma boa consciência não possa existir separadamente da fé, contudo ninguém deve concluir daí que devemos olhar para nossas obras a fim de que nossa certeza seja infalível.

20. Pois se nosso coração nos condena. Em contrapartida, ele prova que em vão possui o nome e a aparência de cristão quem não tem o testemunho de uma boa consciência. Pois se alguém é cônscio de culpa, e se vê condenado por seu próprio coração, muito menos poderá escapar ao juízo divino. Daí se segue que a fé é subvertida pela inquietude de nossa má consciência.

Ele diz que *Deus é maior que nosso coração*, com referência ao juízo, isto é, porque ele vê muito mais profundamente do que o que fazemos, e sonda mais minuciosamente e julga mais severamente. Por esta razão, Paulo diz que, ainda que não fosse cônscio de seu próprio erro, contudo nem por isso era justificado [1Co 4.4]; pois bem sabia que por mais

criteriosamente atento fosse em relação a seu ofício, ele errava em muitas coisas, e por inadvertência ignorava os erros que Deus percebia. O que, pois, o apóstolo tem em mente é que aquele que se vê molestado e condenado por sua própria consciência não pode escapar ao juízo divino.

Para o mesmo propósito é o que imediatamente segue, a saber, que Deus *conhece* ou vê *todas as coisas*. Porquanto, como é possível que as coisas fiquem ocultas dele, as quais nós, que em comparação com ele, somos obtusos e cegos, somos constrangidos a ver? Tome-se, pois, esta explanação: "Visto que Deus vê todas as coisas, ele é muitíssimo superior aos nossos corações". Pois traduzir uma copulativa como uma partícula causal não é algo novo. Então, o que significa fica claro, a saber: visto que o conhecimento de Deus penetra mais fundo do que as percepções de nossa consciência, ninguém pode permanecer diante dele, a não ser que a integridade de sua consciência o sustenha.

Aqui, porém, pode suscitar-se uma questão. É certo que os réprobos às vezes se vêem mergulhados por Satanás em tal estupor, que não mais são cônscios de seus próprios males, e, sem alarme ou temor, como diz Paulo, se precipitam de ponta cabeça na perdição; é igualmente certo que os hipócritas costumam gabar-se, e arrogantemente desconsideram o juízo divino, porque, vivendo inebriados por um falso conceito quanto à sua própria justiça, já não sentem convicção de pecado. A resposta a essas questões não é difícil. Os hipócritas são enganados porque se desvencilham da luz; e os réprobos nada sentem porque já se afastaram de Deus; e, deveras, não há segurança para uma má consciência, senão em esconderijos.

O apóstolo, porém, aqui, fala de consciências que Deus traz à luz, arrasta perante seu tribunal e enche-os de apreensão de seu julgamento. Não obstante, ao mesmo tempo, geralmente é verdade que não podemos ter paz serena exceto aquela que o Espírito de Deus concede aos corações purificados; pois aqueles que, como já dissemos, vivem

aturdidos, repetidas vezes sentem contrições secretas e se atormentam em sua letargia.

21. Se nosso coração não nos condena. Eu já expliquei que isto não se refere aos hipócritas, nem aos grosseiros desprezadores de Deus. Porque, seja o que for que os réprobos aprovem em suas próprias vidas, contudo o Senhor, como diz Salomão, pesa seus corações [Pv 16.2]. Esta balança de Deus, pela qual ele prova os homens, é tal que ninguém pode gabar-se de ter um coração limpo. O significado, pois, das palavras do apóstolo é que então só nos achegamos em serena confiança na presença de Deus quando levamos conosco o testemunho de um coração cônscio do que é certo e honesto. Aquele dito de Paulo é deveras verdadeiro, a saber, que pela fé, que confia na graça de Cristo, se nos abre um acesso a Deus em plena confiança [Ef 3.12]; e também que a paz nos é dada pela fé, para que nossas consciências permaneçam em paz diante de Deus [Rm 5.1]. Entretanto, não há muita diferença entre estas sentenças; pois Paulo mostra a causa da confiança; João, porém, menciona apenas uma adição inseparável, que necessariamente lhe adere, ainda que a mesma não seja a causa.

Não obstante, aqui surge uma dificuldade mais séria, a qual parece não deixar nenhuma confiança no mundo inteiro; pois a quem se pode achar cujo coração em nada o reprove? A isto respondo que os santos são assim reprovados para que, ao mesmo tempo, sejam absolvidos. Pois é muito necessário que sejam seriamente interiormente atribulados por seus pecados, para que o terror os leve a humilharem-se e a odiarem-se a si mesmos; porém, presentemente, busquem asilo no sacrifício de Cristo, onde encontram paz perfeita. Não obstante, o apóstolo diz, em outro sentido, que não são condenados, porque, por mais deficientes confessem ser em muitas coisas, contudo são aliviados por este testemunho da consciência, de que realmente e de todo o coração temem a Deus e desejam se submeter à sua justiça. Todos quantos

possuem este sentimento, e ao mesmo tempo sabem que todos seus esforços, por mais insuficientes em perfeição possam ser, contudo agradam a Deus, com razão afirma-se que possuem um coração sereno ou pacífico, porque não há contrição íntima a perturbar sua exultante calma.

22. E tudo quanto lhe pedirmos. Estas duas coisas se relacionam bem: confiança e oração. Como previamente ele mostrou que uma má consciência é inconsistente com a confiança, então agora ele declara que ninguém pode realmente orar a Deus senão aqueles que, com um coração puro, temem e o cultuam corretamente. A segunda procede da primeira. É uma verdade geral ensinada na Escritura que os ímpios não são ouvidos por Deus; mas que, ao contrário, seus sacrifícios e orações lhe são uma abominação. Daí, aqui se fecha a porta aos hipócritas, para que eles não se precipitem em sua presença com desdém.

Não obstante, ele não quer dizer que se deve apresentar uma boa consciência, como se ela obtivesse favor para nossas orações. Ai de nós se atentarmos para as obras, as quais nada possuem em si senão o que é causa de temor e tremor. Os fiéis, pois, não podem de outra forma achegar-se ao tribunal divino, senão pela confiança depositada em Cristo o Mediador. Mas, como o amor de Deus é sempre conectado com a fé, o apóstolo, com o fim de poder com mais severidade reprovar os hipócritas, os priva daquele singular privilégio com que Deus agracia seus próprios filhos; isto é, para que não pensem que suas orações têm acesso a Deus.

Ao dizer, *porque guardamos seus mandamentos*, sua intenção não é que a confiança em oração está fundada em nossas obras; mas apenas ensina isto: que a verdadeira religião e o culto sincero de Deus não podem existir separadamente da fé. Tampouco deve parecer estranho que ele use uma partícula causal, ainda que não fale de uma causa; pois às vezes se menciona como uma causa uma adição inseparável, como quando alguém diz: Porque o sol

brilha sobre nós ao meio-dia, há mais calor; porém não se segue que o calor procede da luz.

23. E seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e amemos uns aos outros, segundo o mandamento que nos deu.
24. E aquele que guarda seu mandamento permanece nele, e ele nele; e nisto sabemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que ele nos tem dado.

23. Et hoc est praeceptum ejus, ut credamus nomini Filii ejus Jesu Christi, et nos diligamus invicem, sicuti praeceptum dedit nobis.
24. Qui servat parecepta ejus, in ipso manet, et ipse in eo; atque in hoc cognoscimus quod manet in nobis, ex Spiritu quem nobis dedit.

23. E seu mandamento é este. Uma vez mais, ele acomoda a seu propósito uma verdade geral. O significado é que, tal é a discórdia entre nós e Deus, que somos afastados do acesso a ele, a menos que sejamos unidos pelo amor mútuo. Ao mesmo tempo, ele aqui não recomenda somente o amor, como antes, mas lhe associa a companhia e assistência da fé.

Os sofistas, com suas glosas, distorcem estas palavras, como se obtivéssemos a liberdade de orar, em parte pela fé e em parte pelas obras. Como João exige que guardemos os mandamentos de Deus a fim de orarmos corretamente, e mais adiante nos ensina que esta guarda se refere à fé e ao amor, concluem que destas duas coisas procedem a confiança em oração. Mas já frisamos várias vezes que o sujeito aqui não é como ou por que meios os homens podem preparar-se, de modo que tenham confiança em orar a Deus, porquanto aqui ele não fala da causa disto ou de alguma dignidade. João apenas mostra que Deus a ninguém favorece com a honra e o privilégio de relacionamento com ele senão a seus filhos, a saber, aqueles que já foram regenerados por seu Espírito. A essência, pois, do que se diz aqui é: onde o temor e o amor de Deus não prevalecem, não pode ocorrer que Deus ouça a oração.

Mas, se porventura nosso propósito é obedecer aos seus mandamentos, então vejamos bem o que ele ordena. Não obstante, ele não separa a fé do amor; porém requer que ambos estejam em nós. E esta é a razão por que ele usa a

palavra *mandamento* no singular.

Esta, porém, é uma passagem notável, porquanto ele define sucintamente, bem como lucidamente, em que consiste toda a perfeição de uma vida santa. Não há, pois, razão para que aleguemos alguma dificuldade, visto que Deus de modo algum nos conduz por longos labirintos, porém simples e sucintamente põe diante de nós o que é certo e o que ele aprova. Além disso, nesta brevidade não há obscuridade, pois ele nos mostra claramente o princípio e o fim de uma vida formada corretamente. Aqui, porém, se faz menção somente do amor fraternal, enquanto se omite o amor de Deus; a razão, como disse em outro lugar, é que, como o amor fraternal emana do amor de Deus, assim aquele é uma segura e real evidência deste.

No nome de seu Filho. O nome se refere à pregação; e esta conexão merece ser notada, porquanto poucos entendem o que significa crer em Cristo; mas, desta maneira de falar, podemos concluir facilmente que a única fé certa é aquela que abraça a Cristo como ele é apresentado no evangelho. Daí também ocorrer que não há fé sem ensino, como Paulo também nos mostra em Romanos 10.14. Ao mesmo tempo devemos observar que o apóstolo inclui fé no conhecimento de Cristo; porquanto ele é a imagem viva do Pai, e nele estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. Tão logo, pois, nos afastamos dele, nada mais conseguimos fazer senão vaguear em erro.

24. E aquele que guarda seus mandamentos. Ele confirma o que eu já declarei, a saber, que a união que temos com Deus é evidente quando nutrimos amor mútuo; não que nossa união comece daí, mas que ela não pode ser infrutífera ou sem efeito sempre que entra em existência. E ele prova isto adicionando uma razão, porquanto Deus não pode habitar em nós a menos que seu Espírito manifeste seu poder e eficiência. Daí prontamente concluirmos que ninguém permanece em Deus e está unido a ele, senão aqueles que guardam seus mandamentos.

Quando, pois, ele diz, *e nisto sabemos*, a copulativa *e*, que é dada aqui como uma razão, pode ser traduzida como "pois" ou "porque". Mas é preciso considerar o caráter da presente razão; pois ainda que a sentença, em palavras, concorde com aquela de Paulo, quando ele diz que o Espírito testifica com nossos corações que somos filhos de Deus, e que através dele clamamos a Deus, Aba, Pai, no entanto há certa diferença no sentido; porquanto Paulo fala da certeza da adoção gratuita, a qual o Espírito de Deus sela em nossos corações; aqui, porém, João focaliza os efeitos que o Espírito produz enquanto habita em nós, como Paulo mesmo faz, ao dizer que são filhos de Deus os que são guiados pelo Espírito de Deus; pois ali ele está falando também da mortificação da carne e da novidade de vida.

A suma do que lemos é que desse fato transparece que somos filhos de Deus, isto é, quando seu Espírito lidera e governa nossa vida. Ao mesmo tempo, João nos ensina que, toda e qualquer obra que porventura façamos, procede da graça do Espírito, e que o Espírito não é obtido por nossa justiça, e sim nos é graciosamente outorgado.

---

161. "Quando ele se manifestar" se refere a Cristo, mencionado no versículo 28 do último capítulo; tudo indica que o que intervém foi introduzido parenteticamente. Esta é com frequência a maneira de escrever encontrada neste apóstolo. O final do versículo 8 deste mesmo capítulo está conectado com o versículo 16; pois o antecedente de ἐκεῖνος, *ele*, no segundo versículo, é "o Filho de Deus", no primeiro.

162. Fazer, ou cometer, ou operar, ou praticar pecado e pecar evidentemente são usados pelo apóstolo no mesmo sentido; e cometer e praticar pecado, segundo o que ele diz em seu Evangelho [8.34], é o mesmo que ser "servo do pecado". Daí ser evidente que, na passagem de João, cometer pecado ou pecar significa um curso prevalecente ou habitual de pecar. Podemos traduzir assim o quarto versículo: "Todo praticante de pecado é também praticante de injustiça; pois pecado é injustiça", ou iniquidade, como Calvino o traduz. A palavra ἀνομία, literalmente, é ilegalidade, porém nunca é usada estritamente neste sentido, nem na Septuaginta, nem no Novo Testamento. Os termos pelos quais comumente se expressa são perversidade, iniquidade, transgressão, injustiça. Conferir versículo 7.

163. Geralmente é tomado como se referindo a Cristo, pessoalmente; sendo ele

mencionado aqui como que não tendo pecado, porquanto, neste aspecto, ele é um exemplo para seu povo; ou, segundo outros, porque ele se tornou, assim, apto para o ofício de remover nossos pecados; ou porque ele não tinha pecado propriamente seu para remover. Grotius considerava o presente como usado aqui pelo pretérito, "e pecado não estava nele". Conferir um caso semelhante em João 15.27.

164. Não há neste versículo autoridade para adicionar-se *de Deus* após *amor*; e nem mesmo é correto, pois o que segue mostra claramente que o amor de Cristo é o que está em pauta. O antecedente a "ele" ("porque ele entregou", etc.) é "o Filho de Deus", no versículo 8. A passagem pode ser traduzida assim: "Por isto conhecemos o amor, que ele entregou sua própria vida por nós; e devemos entregar nossas próprias vidas por nossos irmãos".

165. "O amor de Deus", aqui, é o amor do qual Deus é o objeto, isto é, amor a Deus.

166. Beza e outros consideram "somente" ou "meramente" como subentendido na primeira sentença, segundo a maneira de falar que às vezes ocorre na Escritura, como "Trabalhai não", etc. (Jo 6.27). "Meus queridos filhos, amemos não somente com palavra, nem com a língua, mas com obra e de verdade". Isto é, não amemos apenas fazendo promessas em palavras capciosas, ou expressando simpatia com a língua, mas dando efeito à nossa simpatia com obras e fazendo nossa palavra verdadeira, cumprindo-a. Aqui encontramos o mesmo arranjo como em muitos outros casos; a "palavra" tem sua correspondência em "verdade"; e "língua", em "obra". Macknight observa com razão que "não se pode presumir que o apóstolo esteja proibindo de usarmos linguagem afetuosa para com nossos irmãos em angústia. Ele, porém, nos proíbe de contentarmo-nos com isso".

Capítulo 4

1. Amados, não creiais em todo espírito, mas provai os espíritos, se procedem de Deus; porque muitos falsos profetas têm surgido no mundo.
2. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus;
3. E todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio na carne não é de Deus; e este é aquele espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já está no mundo.

1. Dilecti, ne omni spiritus credatis, sed probate spiritus, an ex Deo sint; quia multi pseudoprophetae exierunt in mundum.
2. In hoc cognoscite Spiritum Dei; omnis spiritus confitetur Jesum Christum in carne venisse, ex Deo est:
3. Et omnis spiritus qui non confitetur Jesum Christum in carne venisse, ex Deo non est; et hic est antichristus, de quo audiistis quod venturus sit; et nunc jam in mundo est.

Ele volta a sua doutrina anterior, na qual tocara no segundo capítulo; pois muitos (como é comum em coisas novas) têm usado mal o nome de Cristo com o propósito de servir a seus próprios erros. Alguns fazem meia profissão de Cristo; e, quando conseguem um lugar entre seus amigos, aproveitam a oportunidade para prejudicar sua causa. Satanás aproveitou a ocasião para perturbar a igreja, especialmente através de Cristo mesmo; porquanto ele é a pedra de escândalo, contra quem, necessariamente, tropeçam todos quantos não se mantêm no caminho certo, como Deus mesmo nos mostra.

Mas o que o apóstolo diz consiste de três partes. Em primeiro lugar, ele mostra aos fiéis um mal perigoso; e, portanto, os exorta à prudência. Ele prescreve como deviam cuidar-se, ou seja, fazendo distinção entre os espíritos; e esta é a segunda parte. Em terceiro lugar, ele realça um erro particular, o mais perigoso deles. Portanto, ele os proíbe de ouvir os que negavam que o Filho de Deus se manifestou na

carne. Agora, consideraremos cada parte na ordem.

Mas, ainda que se adicione à passagem esta razão: que muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora, contudo é conveniente começar com ela. O anúncio contém uma admoestação útil; pois se Satanás já seduzia então a muitos, que sob o nome de Cristo difundiam suas imposturas, não carece que nos sintamos terrificados com casos semelhantes em nossos dias. Pois com o evangelho sucede o mesmo perpetuamente, a saber, que Satanás tenta poluir e corromper sua pureza com grande variedade de erros. Nossa época tem produzido algumas seitas horríveis e monstruosas; e, por esta razão, muitos se sentem pasmos; e, não sabendo para onde volver-se, suprimem toda preocupação pela religião; pois não acham nenhuma maneira mais rápida para desvencilhar-se do perigo dos erros. Aliás, agem assim muito tolamente; porque, extinguindo a luz da verdade, se lançam nas trevas dos erros. Portanto, que este fato permaneça firme em nossas mentes: que desde o tempo em que o evangelho começou a ser proclamado, falsos profetas entraram em cena imediatamente; e este fato nos fortificará contra tais escândalos.

A antiguidade dos erros conserva muitos, por assim dizer, fortemente enlaçados, de modo que não ousam sair deles. João, porém, põe em relevo aqui um mal doméstico que então se espalhava pela igreja. Ora, se havia impostores misturados, então, com os apóstolos e outros mestres fiéis, não surpreende que a doutrina do evangelho tenha sido desde muito silenciada, e que muitas corrupções têm prevalecido no mundo. Não há, pois, razão por que a antiguidade nos impeça de exercer nossa liberdade em fazer distinção entre a verdade e a falsidade.

1. Não creiais em todo espírito. Quando a igreja se vê perturbada por discórdias e contendas, muitos, como se tem dito, se vendo atemorizados, abandonam o evangelho. O Espírito, porém, nos prescreve um remédio muito diferente, a saber, que os fiéis não recebam qualquer doutrina

impensadamente e sem discernimento. Devemos, pois, tomar cuidado para que, sendo escandalizados pela variedade de opiniões, não descartemos os mestres e, juntamente com eles, a Palavra de Deus. Mas é suficiente esta precaução: que nem todos devem ser ouvidos sem critérios.

Tomo a palavra *espírito* metonimicamente, significando aquele que se gaba de ser dotado com o dom do Espírito para cumprir seu ofício de profeta. Pois como não se permitia a qualquer um falar em seu próprio nome, nem se dava crédito aos oradores, senão enquanto eram os instrumentos do Espírito Santo, a fim de que os profetas pudessem ter mais autoridade, Deus os honrava com este título, como se ele os houvesse separado do gênero humano em geral. Portanto, era chamado espírito quem, dando apenas uma linguagem aos oráculos do Espírito Santo, de certa maneira o representava. Eles nada traziam propriamente seu, nem saíam em seu próprio nome. Mas, o desígnio deste honroso título era para que a palavra de Deus não perdesse o respeito que lhe era devido, através da humilde condição do ministro. Pois Deus quer que sua palavra seja sempre recebida da boca de homem, não de outra maneira, não como se ele mesmo tivesse aparecido do céu.

Aqui Satanás se interpôs, e, tendo enviado falsos mestres com o fim de adulterar a palavra de Deus, lhes deu também este título, para que pudessem enganar mais facilmente. E, assim, os falsos profetas mantêm o perene costume de orgulhosa e ousadamente reivindicar para si toda aquela honra que Deus tem outorgado a seus próprios servos. O apóstolo, porém, intencionalmente, fez uso deste título para que os que falsamente pretendem o título de Deus não nos enganem com suas máscaras, como vemos em nossos dias; pois muitos de tal modo se deixam ofuscar pelo mero título de uma igreja, que preferem, para sua eterna ruína, aderir ao Papa do que negar-lhe sequer a mínima parte de sua autoridade.

Devemos, pois, notar esta concessão; pois o apóstolo poderia ter dito que não se deve crer em toda sorte de homens; mas, como os falsos mestres reivindicavam o Espírito, por isso os deixou agir assim, recordando-lhes, ao mesmo tempo, que sua reivindicação seria fútil e sem valor, a menos que realmente exibissem o que professavam, e que era tolo quem, se deixando assustar com o próprio som de um título tão honroso, não ousasse fazer qualquer investigação sobre o tema.

Provai os espíritos. Uma vez que nem todos são profetas genuínos, o apóstolo, aqui, declara que eles precisam ser examinados e testados. E ele fala não só a toda a igreja, mas também a cada um dos fiéis.

Mas é possível que se pergunte: Donde recebemos tal discernimento? Os que respondem que a palavra de Deus é a norma pela qual tudo o que os homens anunciam tem de ser testado, dizem algo, porém não tudo. Aceito que as doutrinas devam ser testadas pela palavra de Deus; porém, a menos que o Espírito de sabedoria esteja presente, termos a palavra de Deus em nossas mãos de pouca valia ou de nada vale, pois seu significado não virá a nós; como, por exemplo, o ouro é testado pelo fogo ou pelo cadinho, mas isso só pode ser feito por aqueles que entendem da arte; pois nem o cadinho, nem o fogo, podem ser de alguma utilidade para os inaptos. Para que sejamos, pois, juízes aptos, necessariamente temos de ser dotados com o Espírito de discernimento e ser orientados por ele. Mas, como o apóstolo teria ordenado isso em vão, se não formos supridos com o poder de julgar, certamente podemos concluir que os santos jamais serão deixados sem o Espírito de sabedoria, até onde for necessário, contanto que o peçam do Senhor. Mas o Espírito só nos guiará a uma discriminação correta quando sujeitarmos todos os nossos pensamentos à palavra de Deus; pois esta é, como já dissemos, como o cadinho, sim, que deve ser-nos considerado muito necessário; porquanto a doutrina verdadeira é tão somente aquela que é extraída

dela.

Aqui, porém, suscita-se uma questão difícil: Se cada um tem o direito e a liberdade de julgar, nada pode ser estabelecido como certo, senão que, ao contrário, toda a religião será incerta. A isto respondo que há uma dupla prova da doutrina: privada e pública. A prova privada é aquela, pela qual, cada um estabelece sua própria fé, quando aquiesce plenamente naquela doutrina que bem sabe procede de Deus; pois as consciências jamais acharão outro apoio seguro e tranquilo senão em Deus. A prova pública se refere ao consenso comum e político da igreja; porque, como há o perigo de que os fanáticos se rebelem, os quais podem presunçosamente gabar-se de que se acham dotados com o Espírito de Deus, é um remédio necessário que os fiéis se reúnam e busquem uma via pela qual possam concordar de um modo santo e piedoso. Mas, como o antigo provérbio é abundantemente verdadeiro – "quantas são as cabeças, tantas são as opiniões" –, é indispensável uma obra singular da parte de Deus, quando ele subjuga nossa perversidade e nos faz pensar a mesma coisa e concordar numa santa unidade de fé.

Mas o que os papistas, sob esta pretensão, sustentam, que tudo o que foi decretado em concílios deve ser considerado como oráculos infalíveis, só porque a igreja uma vez provou que devem ser de Deus, é extremamente frívolo. Pois ainda que reunir um santo e piedoso concílio seja o modo ordinário de buscar consenso, quando as controvérsias podem ser determinadas em conformidade com a palavra de Deus, contudo Deus nunca se prendeu aos decretos de qualquer concílio. Nem necessariamente se segue que, assim que algumas centenas ou mais de bispos se reúnem em algum lugar, têm devidamente invocado a Deus e inquirido, em seus lábios, o que é verdadeiro; sim, nada é mais claro que repetidas vezes têm se apartado da pura palavra de Deus. Então, neste caso também a prova que o apóstolo prescreve deve tomar lugar, de modo que os espíritos possam ser provados.

2. Nisto, ou *por isto, sabeis*. Ele apõe uma marca especial pela qual possam mais facilmente distinguir entre os verdadeiros e os falsos profetas. Entretanto, ele repete aqui somente o que já vimos antes, a saber, que, como Cristo é o objeto que nossa fé almeja, assim ele é a pedra na qual todos os hereges tropeçam. Enquanto, pois, estivermos em Cristo, há segurança; mas, quando nos separamos dele, a fé se evapora e toda a verdade se converte em vacuidade.[167]

Consideremos, porém, o que esta confissão inclui; pois quando o apóstolo diz que Cristo *veio*, disso concluímos que ele estivera antes com o Pai; pelo quê se prova sua eterna divindade. Ao dizer que veio *na carne*, ele tem em mente que, ao vestir-se de carne, ele se tornou um homem real, de somente uma natureza conosco, para que viesse a ser nosso irmão, a menos que fosse isento de todo pecado e corrupção. E, por fim, ao dizer que ele veio, deve-se notar a causa de sua vinda, pois ele não foi enviado pelo Pai para nada. Daí, isto depende do ofício e méritos de Cristo.

Como, pois, os antigos hereges apostataram da fé, em um caso negando a natureza divina de Cristo, e, noutro, negando sua natureza humana, assim fazem os papistas em nossos dias. Ainda que confessem que Cristo é Deus e homem, contudo de modo algum retêm a confissão que o apóstolo requer, porquanto despojam Cristo de seu mérito pessoal; pois onde se estabelecem o livre-arbítrio, os méritos das obras, as formas fictícias do culto, as satisfações e as intercessões dos santos, de Cristo mesmo permanece muito pouco!

O apóstolo, pois, tinha em mente isto: que, uma vez que o conhecimento de Cristo inclui a suma e substância da doutrina relativa à verdadeira religião, nossos olhos devem ser dirigidos e firmados nesse fato, a fim de que não sejamos enganados. E, sem dúvida, Cristo é o fim da lei e dos profetas; nem aprendemos algo mais do evangelho senão seu poder e graça.

3. E este é aquele espírito do Anticristo. O apóstolo adicionou isto para tornar mais detestáveis as imposturas que nos afastam de Cristo. Já dissemos que a doutrina relativa ao reino do Anticristo já era bem conhecida; de modo que os fiéis já tinham sido advertidos quanto à futura disseminação da igreja, para que exercessem vigilância. Com razão, naquele tempo já temiam o nome como sendo algo vil e sinistro. O apóstolo diz, agora, que todos quantos depreciavam a Cristo eram membros daquele reino.

E ele diz que o espírito do *anticristo viria*, e que *ele já estava* no mundo, mas num sentido diferente. Ele quer dizer que ele já estava no mundo porque em secreto ele já concretizava sua iniquidade. Não obstante, como a verdade de Deus ainda não havia sido subvertida por dogmas falsos e espúrios, como a superstição não havia ainda prevalecido na corrupção do culto divino, como o mundo não havia ainda perfidamente apostatado de Deus, como a tirania, oposta ao reino de Cristo, não havia ainda se exaltado publicamente, portanto ele diz que ele *viria*.

4. Filhinhos, vós sois de Deus, e já os vencestes; porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo.
5. Eles são do mundo; por isso falam do mundo, e o mundo os ouve.
6. Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é de Deus não nos ouve. Nisto conhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro.

4. Vos ex Deo estis, filioli, et vicistis eos ; quia major est qui est in vobis, quam qui in mundo.
5. Ipsi ex mundo sunt; propterea ex mundo loquuntur, et mundus eos audit.
6. Nos ex Deo sumus; qui novit Deum, audit nos; qui non est ex Deo, non audit nos: in hoc cognoscimus spiritum veritatis et spiritum erroris.

4. Vós sois de Deus. Ele falara de um anticristo; agora faz menção de muitos. Mas muitos eram os falsos profetas que surgiram antes que a cabeça entrasse em cena.[168] Mas, o objetivo do apóstolo era animar os fiéis, para que, corajosa e ousadamente, resistissem aos impostores, pois o entusiasmo é arrefecido quando o resultado da disputa é duvidoso. Além disso, é possível que isso tenha levado os bons a temerem, assim que viram que o reino de Cristo fora duramente estabelecido, enquanto os inimigos ficavam de prontidão

para suprimi-lo. Ainda, pois, que eles contendessem, contudo ele diz que tinham vencido, porque seriam bem-sucedidos, como se quisesse dizer que já se achavam, embora em meio à contenda, além de qualquer perigo, porquanto seguramente seriam vencedores.

Mas é preciso que esta verdade se estenda ainda mais, pois quaisquer que sejam as contendas que tenhamos com o mundo e a carne segue-se uma vitória certa. Aliás, já nos aguardam conflitos duros e furiosos, e alguns se sucedem continuamente; mas como, pelo poder de Cristo, lutamos e estamos munidos com as armas de Deus, pela luta e pelo esforço nos tornamos vencedores. No que tange ao tema principal desta passagem, constitui uma grande consolação o fato de que, por mais que as astúcias de Satanás nos assaltem, continuaremos firmes pelo poder de Deus.

Devemos observar, porém, a razão que se adiciona imediatamente, *porque maior*, ou mais forte, é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo. Pois tal é nossa debilidade, que sucumbimos antes mesmo de enfrentarmos um inimigo, pois vivemos tão imersos em ignorância, que somos vulneráveis a todos os tipos de falácias, e Satanás é prodigiosamente astuto e enganoso. Podemos resistir por um dia, contudo uma dúvida pode penetrar sorrateiramente em nossa mente sobre como seria o amanhã; e assim vivemos em estado de perene ansiedade. Portanto, o apóstolo nos lembra que nos tornamos fortes, não por nosso próprio poder, mas pelo poder de Deus. Daí ele conclui que não podemos ser vencidos justamente como Deus não o pode, e ele já nos armou com seu próprio poder até o fim do mundo. Mas, em toda esta guerra espiritual, este pensamento deve permanecer em nosso coração: que sucumbiríamos imediatamente se tivéssemos que lutar com nossa própria força; mas que, como Deus repele nossos inimigos enquanto repousamos, a vitória é certa.[169]

5. Eles são do mundo. Não constitui pequena consolação o

fato de que, quem ousa assaltar Deus em nós, têm somente o mundo para ajudá-los e socorrê-los. E pelo mundo o apóstolo tem em mente aquela porção da qual Satanás é o príncipe. Adiciona-se ainda outra consolação, ao dizer que o mundo, através dos falsos profetas, abraça aquilo que ele reconhece como seu.[170] Vemos que grande propensão para a vaidade e a falsidade há nos homens. Daí as falsas doutrinas penetrarem tão facilmente e se difundirem a longa distância. O apóstolo notifica que não há razão por que devamos deixar-nos perturbar por esta conta, pois não é nada novo ou inusitado que o mundo, que é totalmente astuto, prontamente atente e atenda ao que é falso.

6. Nós somos de Deus. Ainda que isto realmente se aplique a todos os santos, contudo se refere propriamente aos fiéis ministros do evangelho; pois o apóstolo, pela confiança comunicada pelo Espírito, aqui se gloria no fato de que ele e seus colegas de ministério serviam a Deus com sinceridade, e derivavam dele tudo quanto ensinavam. Ocorre que os falsos profetas se gabavam da mesma coisa, pois é seu costume enganar sob a máscara de Deus; mas os ministros fiéis diferem muito deles, os quais nada declaram de si mesmos, mas o que realmente manifestam em sua conduta.

Não obstante, devemos ter sempre em mente o tema que ele aqui sintetiza: o número dos santos era pequeno, e a incredulidade prevalecia quase por toda parte; de fato, poucos aderiam ao evangelho; a maior parte continuava lançando-se de ponta cabeça nos erros. Aí estava a ocasião de tropeço. João, a fim de deixar isto claro, nos incita a vivermos contentes com o pequeno número dos fiéis, porque todos os filhos de Deus o honravam e se submetiam a sua doutrina. Pois ele se põe imediatamente em oposição a esta sentença contrária, a saber, que aqueles *não são de Deus* não ouvem a doutrina pura do evangelho. Com estas palavras ele notifica que a vasta multidão para quem o evangelho é inaceitável, não ouve os fiéis e verdadeiros servos de Deus,

porque vivem alienados do próprio Deus. Assim, pois, não significa diminuir a autoridade do evangelho o fato de muitos o rejeitarem.

Mas a esta doutrina adiciona-se uma admoestação oportuna, a saber, que, pela obediência da fé temos de provar que realmente somos de Deus. Nada é mais fácil do que orgulhar-nos de que somos de Deus; e daí nada ser mais comum entre os homens, como é o caso hoje com os papistas, que arrogantemente se vangloriam de ser os adoradores de Deus e, no entanto, não menos arrogantemente rejeitam a palavra de Deus. Pois ainda que pretendam crer na palavra de Deus, contudo, quando são submetidos a um teste, fecham seus ouvidos e não querem ouvir; no entanto, reverenciar a palavra de Deus é a única evidência genuína de que o tememos. Nem pode ter lugar aqui a desculpa que muitos apresentam, a saber, que se esquivam da doutrina do evangelho quando lhes é proclamada, porque não estão preparados para formar um juízo; pois não pode ser de outra forma, senão que cada um que realmente teme e obedece a Deus o conheça em sua palavra.

Se alguém objetar e disser que muitos dos eleitos não obtêm fé imediatamente, mais ainda, que a princípio obstinadamente resistem, a isto respondo que, nesse tempo, não devem ser considerados, como penso, filhos de Deus; pois é um sinal de que alguém é réprobo quando a verdade é por ele perversamente rejeitada.

E, a propósito, é preciso observar-se que o *ouvir* mencionado pelo apóstolo deve ser subentendido como sendo o ouvir interior e real do coração, o que se dá pela fé.

Nisto sabemos. O antecedente de *nisto* ou *por isto* está incluso nas duas sentenças precedentes, como se ele quisesse dizer: “Daí a verdade ser distinta da falsidade, porque alguns falam da parte de Deus, outros, da parte do mundo”. Mas, por *o espírito da verdade* e *o espírito do erro*, alguns crêem que estão implícitos os ouvintes, como se ele

quisesse dizer: aqueles que se rendem para que sejam enganados pelos impostores nasceram para o erro, e tinham em si a semente da falsidade; mas os que obedecem à palavra de Deus revelam, por este mesmo fato, que são filhos da verdade. Não aprovo este ponto de vista. Porque, como o apóstolo aqui toma espíritos metonimicamente por mestres ou profetas, creio que ele tem em mente nada mais que isto: que a prova da doutrina deve referir-se a estas duas coisas: se ela procede de Deus, ou se procede do mundo.[171]

Não obstante, falando nesses termos parece nada estar dizendo; pois todos estão prontos a declarar que não falam senão da parte de Deus. Assim os papistas de hoje se gabam, com magistral circunspecção, dizendo que todas suas invenções são oráculos do Espírito. Nem Maomé assevera que extraiu suas tontices de nenhuma outra fonte senão do céu. Os egípcios, igualmente, em seus primórdios, pretendiam que suas dementes absurdidades, pelas quais enfatuavam a si e a outros, foram reveladas do alto. Mas a tudo isso respondo que temos a palavra do Senhor, a qual deve ser especialmente consultada. Quando, pois, falsos espíritos pretendem o nome de Deus, devemos inquirir das Escrituras se as coisas são assim. Contanto que uma devota atenção seja exercida, acompanhada com humildade e mansidão, o espírito de discernimento nos será dado, o qual, como um fiel intérprete, nos abrirá o significado do que é dito na Escritura.

7. Amados, amemo-nos uns aos outros; porque o amor é de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus.
8. Aquele que não ama, não conhece a Deus; porque Deus é amor.
9. Nisto se manifesta o amor de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que vivamos por meio dele.
10. Nisto está o amor, não que tenhamos amado a Deus, mas que ele nos amou, e enviou seu Filho para ser a propiciação por nossos pecados.

7. Dilecti, diligamus nos mutuo, quia dilectio ex Deo est; et omnis qui diligit ex Deo genitus est, et cognoscit Deum.
8. Qui non diligit, non novit Deum; quia Deus dilectio est.
9. In hoc apparuit dilectio Dei in nobis, quod Filium suum unigenitum misit Deus in mundum, ut per eum vivamus.
10. In hoc est dilectio, non quod nos dilexerimus Deum, sed quod nos ipse dilexit, et misit Filium propitiationem pro peccatis nostris.

7. Amados. Ele volta àquela exortação que enfatiza em quase em toda a Epístola. Aliás, já dissemos que ela está saturada com a doutrina da fé e exortação ao amor. Ele enfatiza estes dois pontos de tal modo que transita continuamente de um para o outro.

Ao ordenar o amor mútuo, ele não pretende que cumprimos este dever quando amamos nossos amigos, porquanto eles nos amam; mas, como se dirige aos fiéis da mesma maneira, ele não poderia ter falado de outro modo senão que deviam exercer o amor mútuo. Ele confirma esta sentença por uma razão repetidas vezes apresentada antes, a saber, porque ninguém pode provar ser filho de Deus, exceto amando seus semelhantes, e porque o verdadeiro conhecimento de Deus necessariamente produz em nós o amor.

Ele põe ainda em oposição a isto, segundo sua maneira usual, a sentença contrária, a saber: que não há conhecimento de Deus onde não há amor. E ele toma como reconhecido um princípio ou verdade geral de que Deus é amor, isto é, que sua natureza é amar os seres humanos. Sei que há muitas razões mais refinadas, e que os antigos distorceram especialmente esta passagem com o fim de provar a divindade do Espírito. Mas a intenção do apóstolo é simplesmente esta: que, como Deus é a fonte do amor, este efeito flui dele, e é difundido onde quer que o conhecimento dele vem à luz, como a princípio ele o chamou de luz, porque nada há escuro nele, mas, ao contrário, ele ilumina todas as coisas com seu próprio esplendor. Aqui, pois, ele não fala da essência de Deus, e sim apenas mostra como ele pode ser encontrado por nós.

Mas é preciso observar duas coisas nas palavras do apóstolo: que o verdadeiro conhecimento de Deus é aquele que nos regenera e renova, de modo a nos tornarmos novas criaturas; e que, em consequência, outra coisa não faz senão nos conformar à imagem de Deus. Fora, pois, com aquela grosseira tolice acerca da fé vazia. Pois quando alguém

separa a fé do amor é o mesmo que tentar remover o calor do sol.

9. Nisto se manifestou, ou *apareceu*. Temos o amor de Deus para conosco também testificado por muitas outras provas. Pois se ele indagasse por que o mundo foi criado, por que fomos colocados nele a tomar posse do domínio da terra, por que somos preservados em vida para o desfruto de bênçãos incomensuráveis, por que somos dotados com luz e entendimento, não se pode apresentar nenhuma outra razão exceto o amor gratuito de Deus. O apóstolo, porém, aqui escolheu a principal evidência dele, e que excede muitíssimo todas as demais coisas. Porque não foi apenas por um amor incomensurável que Deus não poupou ao seu próprio Filho, mas para que ele nos restaurasse à vida; mas foi a bondade o dom mais maravilhoso de todos, a qual deve encher nossa mente com a mais profunda surpresa e espanto. Cristo, pois, é uma prova tão maravilhosa e singular do amor divino para conosco, que sempre que olhamos para ele, mais plenamente nos confirma a verdade de que Deus é amor.

Ele o denomina de *unigênito*, visando à ampliação. Pois nisto ele mostrou mais claramente quão singularmente ele nos amou, visto que expôs à morte seu único Filho em nosso favor. Entrementes, ele, que é por natureza seu único Filho, pela graça e pela adoção gera muitos filhos, a saber, todos quantos, pela fé, são unidos a seu corpo. Ele expressa o fim para o qual Cristo foi enviado pelo Pai, a saber, para que pudéssemos viver por meio dele; pois sem ele somos todos mortos, mas por sua vinda ele nos trouxe vida; e, a não ser que nossa incredulidade obstrua os efeitos de sua graça, a reconhecemos em nós mesmos.

10. Nisto está o amor. Ele amplia o amor de Deus por outra razão, a saber, que ele nos deu seu próprio Filho no tempo quando éramos inimigos, como nos ensina Paulo em Romanos 5.8; mas ele emprega outras palavras, a saber, que Deus, sem ser induzido por nenhum ser humano, os amou graciosamente. Com estas palavras ele tencionava ensinar-

nos que o amor de Deus para conosco foi gratuito. E, ainda que o objetivo do apóstolo fosse apresentar como exemplo a ser por nós imitado, contudo, a doutrina da fé que ele entremeou não deve ser ignorada. Deus nos amou graciosamente – como assim? Porque ele nos amou antes mesmo que nascêssemos, e também quando, pela depravação da natureza, nossos corações se afastaram dele e não se deixaram influenciar por nenhum sentimento certo e piedoso.

Fossem fomentadas as tagarelices dos papistas, de que cada um é escolhido por Deus segundo ele o prevê como digno de amor, esta doutrina, de que ele nos amou primeiro, não ficaria de pé; pois então nosso amor a Deus seria o primeiro na ordem, ainda que em tempo posterior. O apóstolo, porém, assume isto como uma verdade evidente, ensinada na Escritura (da qual esses sofistas profanos são ignorantes), a saber, que nascemos tão corrompidos e depravados, que há em nós, por assim dizer, uma aversão inerente por Deus, de modo que nada desejamos senão o que lhe é desagradável, de tal maneira que todas as paixões de nossa carne promovem guerra contínua contra sua justiça.

E enviou seu Filho. Foi, pois, tão somente da bondade de Deus, como de uma fonte, que Cristo, com todas suas bênçãos, veio para nós. E, como se faz necessário sabermos que temos a salvação em Cristo, porque nosso Pai celestial graciosamente nos amou; assim, quando se busca uma real e plena certeza do amor divino para conosco, devemos olhar em nenhuma outra direção, senão para Cristo. Daí, todos quantos inquirem, à parte de Cristo, o que se estabeleceu a respeito deles no conselho secreto de Deus, são loucos para sua própria ruína.

Ele, porém, realça uma vez mais a causa da vinda de Cristo e de seu ofício, quando diz que ele foi enviado para ser uma *propiciação por nossos pecados*. E, em primeiro lugar, deveras somos ensinados, com estas palavras, que através do pecado estávamos todos alienados de Deus, e que esta alienação e

discórdia permanecem até que Cristo intervenha para nos reconciliar. Somos ensinados, em segundo lugar, que o início de nossa vida se dá quando Deus, uma vez pacificado pela morte de seu Filho, nos recebe em seu favor; pois *propiciação*, propriamente dita, se refere ao sacrifício de sua morte. Descobrimos, pois, que esta honra de expiar os pecados do mundo, e de assim remover a inimizade que existe entre Deus e nós, pertence exclusivamente a Cristo.

Aqui, porém, surge alguma aparência de inconsistência; pois se Deus nos amou antes que Cristo se oferecesse para morrer por nós, que necessidade havia de outra reconciliação? Assim, a morte de Cristo pode parecer supérflua. A isto respondo que, quando lemos que Cristo reconciliou o Pai conosco, isto deve referir-se às nossas apreensões; porque, como somos cônscios de ser culpados, não podemos conceber de Deus outra coisa senão como de alguém insatisfeito e irado conosco, até que Cristo nos absolvesse da culpa. Pois Deus, onde quer que o pecado se concretiza, quer que sua ira e o juízo da morte eterna sejam apreendidos. Daí se segue que não podemos ser de outra maneira aterrorizados pela presente expectativa no tocante à morte, até que Cristo, por sua morte, remova o pecado, até que ele nos liberte da morte por seu próprio sangue. Ademais, o amor de Deus requer justiça; para que, pois, sejamos persuadidos de que somos amados, devemos, necessariamente, achegar-nos a Cristo, unicamente em quem se pode achar justiça.

Agora vemos que a variedade de expressões que ocorrem na Escritura, segundo os diferentes aspectos das coisas, é muito apropriada e especialmente útil com respeito à fé. Deus interpôs seu próprio Filho a fim de se reconciliar conosco, porque ele nos amava; mas esse amor era oculto, porquanto éramos ainda inimigos de Deus, provocando continuamente sua ira. Além disso, o temor e o terror de uma má consciência eliminavam de nós todo o desfruto da vida. Daí, no tocante à apreensão de nossa fé, Deus começou a

amar-nos em Cristo. E, ainda que o apóstolo, aqui, fale da primeira reconciliação, saibamos, contudo, que propiciar Deus conosco, expiando os pecados, é um benefício perene procedente de Cristo.

Isto os papistas também em parte admitem; mas, depois, esgotam e quase aniquilam esta graça, introduzindo suas satisfações fictícias. Pois se os homens se redimem mediante suas obras, Cristo não pode ser a única verdadeira propiciação, como ele a denomina aqui.

11. Amados, se Deus nos amou assim, devemos também amar uns aos outros.
12. Ninguém jamais viu a Deus. Se amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e seu amor é em nós aperfeiçoado.
13. Nisto conhecemos que estamos nele, e ele em nós, porque ele nos deu de seu Espírito.
14. E vimos, e testificamos que o Pai enviou seu Filho para ser o Salvador do mundo.
15. Todo aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele, em Deus.
16. E temos conhecido e crido no amor que Deus nos tem. Deus é amor; e, aquele que permanece no amor, permanece em Deus, e Deus, nele.

11. Dilecti, si ita Deus nos dilexit, nos quoque debumus invicem diligere.
12. Deum nemo vidit unquam; si diligimus nos invicem, Deus in nobis manet, et dilectio ejus perfecta est in nobis.
13 In hoc cognoscimus, quod in ipso manemus, et ipse in nobis, quia ex Spiritu suo dedit nobis.
14. Et nos vidiums et testamur, quod Fater misit Filium servatorem mundi.
15. Qui confessus fuerit, quod Jesus est Filius Dei, Deus in eo manet et ipse in Deo.
16 Et nos cognovimes et eredimus dilectonem quam habet Deus in nebis; Deus charitas est; et qui manet in charitate, in Deo manet, et Deus in eo.

11. Amados. Agora o apóstolo acomoda a seu próprio propósito o que acabara de nos ensinar com respeito ao amor de Deus; pois ele nos exorta, mediante o exemplo de Deus, ao amor fraternal; como também Paulo nos põe diante de Cristo, que se ofereceu ao Pai como sacrifício de aroma agradável, para que cada um de nós tudo faça para beneficiar seus semelhantes [Ef 5.2]. E João nos lembra que nosso amor não deve ser mercenário, quando nos convida a amar nossos semelhantes como Deus nos amou; pois devemos ter em mente isto: que fomos amados graciosamente. E, indubitavelmente, quando levamos em conta nossa própria vantagem, ou retribuímos os bons favores aos amigos, isso é egoísmo, e não amor recíproco.

12. Ninguém jamais viu a Deus. Encontramos as mesmas

palavras no primeiro capítulo do Evangelho de João; João Batista, porém, não teve em vista ali exatamente a mesma ideia, pois tinha em mente apenas que Deus não podia ser conhecido de outra forma senão como se revelara em Cristo. O apóstolo, aqui, estende a mesma verdade, a saber, que o poder de Deus é compreendido por nós através da fé e do amor, a ponto de sabermos que somos seus filhos, e que ele permanece em nós.

Não obstante, ele fala primeiramente do amor, ao dizer que Deus permanece *em nós*, se amamos uns aos outros; pois então seu amor é em nós aperfeiçoado ou realmente provado; como se quisesse dizer que Deus prova estar presente quando, por seu Espírito, ele forma nosso coração, de modo a nutrirmos amor fraternal. Tendo em vista o mesmo propósito, ele reitera o que já disse, que, mediante o Espírito que nos deu, ele permanece em nós; pois esta é uma confirmação da sentença anterior, porque o amor é o efeito ou fruto do Espírito.

A suma, pois, do que lemos é que, uma vez que o amor procede do Espírito de Deus, não podemos realmente e com um coração sincero amar os irmãos a menos que o Espírito aplique seu poder. E, assim, ele testifica que permanece em nós. Deus, porém, por seu Espírito permanece em nós; e, assim, ao amarmos, provamos que temos Deus habitando em nós. Em contrapartida, todos quantos se gabam de ter Deus, e não amam aos seus irmãos, provam sua falsidade por esta única coisa: separam Deus de si mesmos.

Ao dizer, *e seu amor é aperfeiçoado*, a conjunção deve ser tomada como causativa, *pois*, ou *porque*. E aqui *amor* pode ser explicado de duas maneiras: ou aquilo que Deus nos mostra, ou aquilo que ele implanta em nós. Que Deus nos deu seu Espírito, ou nos deu de seu Espírito, tem o mesmo sentido; pois bem sabemos que o Espírito, em certa medida, é dado a cada indivíduo.

14. E temos visto. Ele agora explica a outra parte do conhecimento de Deus, já mencionada por nós, a saber, que

ele se nos comunica em seu Filho, e se oferece para ser desfrutado nele. Daí se segue que ele é, pela fé, recebido por nós. Pois o desígnio do apóstolo é mostrar que Deus está, pela fé e pelo amor, tão unido a nós, que realmente permanece em nós, e de certa maneira se torna visível pelo efeito de seu poder, que de outra maneira não poderia ser visto por nós.

Quando o apóstolo afirma, *temos visto e testificamos*, ele se refere a si e aos outros. E, pelo ato de ver, ele não quer dizer alguma sorte de visão, mas o que pertence à fé, pela qual eles reconheciam a glória de Deus em Cristo, segundo o que segue, a saber, que ele foi *enviado* para ser o *Salvador do mundo*; e esse conhecimento flui da iluminação do Espírito.

15. Todo aquele que confessa. Ele reitera a verdade de que por meio de Cristo estamos unidos a Deus, e que não podemos estar ligados a Cristo a menos que Deus habite em nós. *Fé* e *confissão* são usadas indiscriminadamente no mesmo sentido; pois ainda que os hipócritas falsamente se gabem de possuir fé, no entanto o apóstolo aqui não reconhece nenhum dos que ordinariamente confessam, senão os que realmente e de coração creem. Além disso, ao dizer *que Jesus é o Filho de Deus*, ele inclui sucintamente a soma e a substância da fé; pois nada há necessário para a salvação que a fé não encontra em Cristo.

Depois de dizer, em termos gerais, que Cristo os une a Deus, ele anexa o que eles mesmos viram; de modo que ele acomodou uma verdade geral àqueles a quem ele estava escrevendo. Então segue a exortação de amarem uns aos outros como foram amados por Deus. Portanto, a ordem e conexão de seu discurso é esta: a fé em Cristo faz Deus habitar nos homens, e somos participantes desta graça; mas, como Deus é amor, ninguém permanece nele a menos que ame seus irmãos. Então o amor tem de reinar em nós, já que Deus se une a nós.

16. E temos conhecido e crido. É como se ele dissesse: “Temos conhecido pelo crer”; pois não se obtém tal

conhecimento senão pela fé. Mas, daí aprendemos quão diferente da fé é uma opinião incerta e duvidosa. Além disso, ainda que ele pretendesse aqui, como eu já disse, acomodar a última sentença aos seus leitores, contudo define a fé de várias maneiras. Ele já dissera que ela equivale a confessar que Jesus é o Filho de Deus; agora, porém, ele diz que pela fé conhecemos o amor que Deus tem por nós. Daí transparece que o amor paternal de Deus se encontra em Cristo, e que não se conhece nada certo sobre Cristo exceto por aqueles que reconhecem ser filhos de Deus mediante sua graça. Pois o Pai põe seu Filho diariamente diante de nós para este fim: para que nos adote nele.

Deus é amor. Esta é, por assim dizer, a proposição menor num argumento; pois ele discorre da fé para o amor desta maneira: é pela fé que Deus habita em nós; e Deus é amor; então o amor deve estar em todos quantos Deus habita. Daí se segue que o amor é necessariamente conectado à fé.

17. Nisto nosso amor é aperfeiçoado, para que no dia do juízo tenhamos ousadia; porque, como ele é, assim somos neste mundo.
18. No amor não há temor; mas o perfeito amor lança fora o temor; porque o temor causa tormento. Aquele que teme não está aperfeiçoado no amor.

17. In hoc perfecta est charistas nobiscum, ut fiduciam habeamus in die judicii, quo dsicut ille est, nos quoque sumes in hoc mundo.
18. Timor non est in charitate; sed perfecta charitas foras pellit timorem: quia timor tormentum habet; qui autem timet, non est perfectus in charitate.

17. Nisto nosso amor é aperfeiçoado. Há duas sentenças nesta passagem: [em primeiro lugar,] que somos então participantes da adoção divina, quando nos assemelhamos a Deus como filhos ao pai; e, em segundo lugar, que esta confiança é inestimável, pois sem ela seríamos em extremo miseráveis.

Então, em primeiro lugar, ele mostra a que propósito Deus em amor nos abraçou, e como desfrutamos dessa graça que nos é manifestada em Cristo. Então, o amor de Deus por nós é o que está em pauta aqui. Ele afirma que ele é *aperfeiçoado*, porquanto ele é tão profusamente derramado e realmente

outorgado, que é como se fosse completo. Mas ele assevera que nenhum outro é participante desta bênção, senão aqueles que, ao se conformarem com Deus, provam ser seus filhos. Este é, pois, um argumento extraído do que é uma condição inseparável.

Para que tenhamos ousadia. Ele agora começa a mostrar o fruto do amor divino para conosco, ainda que mais adiante, mostre mais claramente a partir do efeito contrário. Entretanto, é um benefício inestimável podermos nutrir ousadia diante de Deus. Na verdade, por natureza tememos a presença de Deus, e com muita razão; porque, como ele é o Juiz do mundo, e nossos pecados nos mantêm culpados, a morte e o inferno penetrariam nossa mente sempre que pensássemos em Deus. Daí aquele temor que já mencionei, o qual faz com que os homens se esquivem de Deus o quanto possam. João, porém, diz que os fiéis não temem quando se lhes faz menção do juízo final, senão que, ao contrário, se dirigem ao tribunal divino confiantemente e com entusiasmo, porquanto se sentem seguros do amor paternal de Deus. Cada um, então, tem avançado tanto na fé, a ponto de sentir-se bem preparado em sua mente a antecipar o dia do juízo.

Como ele é. Por estas palavras, como já foi dito previamente, ele significa que requer-se de nós, por nossa vez, que nos assemelhemos à imagem de Deus. O que Deus é no céu, ele nos incita a sermos como tais no mundo, a fim de que sejamos considerados seus filhos; pois a imagem de Deus, quando transparece em nós, é como se fosse o selo de sua adoção.

Mas, assim, é como se ele pusesse uma parte de nossa confiança nas obras. Daí os papistas erguerem suas cristas aqui, como se João negasse que nós, confiando somente na graça de Deus, pudéssemos assegurar confiança, no tocante à salvação, sem o auxílio das obras. No entanto, nisto somos enganados, porque não levam em conta que o apóstolo, aqui, não se refere à causa da salvação, e sim ao que lhe é adicionado. E realmente admitimos que ninguém é

reconciliado com Deus, através de Cristo, exceto se for igualmente renovado em conformidade com a imagem de Deus, e que uma parte não pode ser desvinculada da outra. Certo, pois, é o que é feito pelo apóstolo, o qual exclui da confiança da graça todos aqueles em quem não se vê nenhuma imagem de Deus; pois é certo que os tais se acham totalmente alienados do Espírito de Deus e de Cristo. Tampouco negamos aquela novidade de vida que, como é o efeito da adoção divina, serve para confirmar a confiança, como um apoio, por assim dizer, da segunda ordem; mas, entretanto, devemos ter nosso fundamento tão somente na graça.[172] Mas, a doutrina de João é, de outra maneira, consistente consigo mesma, pois a experiência prova, e inclusive os papistas se veem forçados a confessar, que, quanto às obras, elas sempre são ocasião para temor. Portanto, ninguém pode achegar-se com mente tranquila ante o tribunal de Deus, a não ser aquele que crê ser graciosamente amado.

Mas que nenhuma dessas coisas agradem os papistas, não há razão para surpresa, visto que, sendo miseráveis, não conhecem nenhuma fé, senão aquela que se acha enredada com dúvidas. Além disso, a hipocrisia traz trevas sobre eles, de modo que não consideram seriamente o quão formidável é o juízo de Deus quando Cristo, o Mediador, não se acha presente, e alguns deles relegam a ressurreição como fábula. Mas, para que entusiasta e jubilosamente saiamos ao encontro de Cristo, devemos ter nossa fé estabelecida somente em sua graça.

18. Não há temor. Ele então enaltece a excelência desta bênção, declarando o efeito contrário, pois ele diz que somos continuamente atormentados até que Deus nos liberte da miséria e angústia, aplicando o remédio de seu próprio amor para conosco. O significado é que, como nada há mais miserável do que ser acossados por perene inquietude, obtemos, ao conhecermos o amor de Deus para conosco, o

benefício de uma tranquilidade pacífica, que está para além do alcance do medo. Daí se manifestar aquele singular dom de Deus com o qual nos favorece com seu amor. Ademais, desta doutrina ele extrairá presentemente uma exortação; mas, antes de nos exortar ao dever, ele nos recomenda este dom de Deus, o qual, pela fé, remove nosso medo.

Esta passagem, bem sei, é, por muitos, explicada de forma diferente; porém, considero que o apóstolo tem em mente não o que outros pensam. Afirmam que no amor não existe medo porque, quando espontaneamente amamos a Deus, não somos constrangidos por força e temor a servi-lo. Então, segundo eles, temor servil é aqui posto em oposição à reverência voluntária; e daí tem surgido a distinção entre o temor servil e o filial. Eu, na verdade, admito que, quando amamos a Deus espontaneamente, na qualidade de Pai, já não somos constrangidos pelo temor da punição; esta doutrina, porém, nada tem em comum com esta passagem, pois o apóstolo apenas nos ensina que, quando o amor de Deus é por nós visto e conhecido, pela fé, nossa consciência recebe paz, de modo que não mais treme nem teme.

Não obstante, é possível que se indague quando o amor perfeito expulsa o temor, porque, visto que somos dotados com apenas algum sabor do amor divino para conosco, jamais podemos viver totalmente isentos de temor. A isto respondo que, ainda que não nos livremos totalmente do temor, contudo, quando fugimos para Deus, como nosso porto tranquilo, livre de todo perigo de naufrágio e tempestades, o temor é realmente expelido, porquanto ele abre uma via à fé. Então, o temor não é expelido assim que assalta nossa mente, mas é de tal modo expelido que já não nos atormenta nem impede aquela paz que obtemos pela fé.

O temor traz tormento. Aqui o apóstolo amplia ainda mais a grandeza daquela graça da qual ele fala; pois como é uma condição mui miserável sofrer tormentos sem trégua, nada se deseja mais do que apresentar-nos diante de Deus com uma consciência tranquila e mente serena. O que alguns

dizem, que os servos temem porque têm diante de seus olhos a punição e a vara, e que não cumprem seu dever senão quando forçados, não tem nada a ver, como já se declarou, com o que o apóstolo diz aqui. Por isso, na sentença seguinte, a exposição dada, de que aquele que teme não é aperfeiçoado no amor, porquanto não se submete voluntariamente a Deus, mas, antes, se desvencilha de seu serviço, não se coaduna bem com todo o contexto. Pois o apóstolo, ao contrário disso, nos lembra que se deve à incredulidade quando alguém não teme, isto é, tem uma mente perturbada; pois o amor de Deus, realmente conhecido, tranquiliza o coração.[173]

19. Nós o amamos, porque ele nos amou primeiro.
20. Se alguém diz: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; porque aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, como pode amar a Deus, a quem nunca viu?
21. E temos da parte dele este mandamento: Que aquele que ama a Deus, também ame a seu irmão.

19. Nos diligimus eum, quia prior dilexit nos.
20. Si quis dicit, Deum diligo; et proximum suum odio habeat, mendax est: qui enim non diligit fratrem suum quem videt; Deum quem non videt, quomodo potest diligere?
21. Et hoc praeceptum habemus ab ipso, ut qui Deum diligit, diligat et fratrem suum.

19. Nós o amamos. O verbo ἀγαπῶμεν pode estar ou no modo indicativo, ou no imperativo; aqui, porém, é mais adequado o primeiro modo, pois o apóstolo, como penso, reitera a sentença precedente, a saber, que, como Deus se antecipou a nós por seu amor gratuito, devemos, por nossa vez, render-lhe amor, pois imediatamente infere que ele deve ser amado pelos homens, ou que o amor que nutrimos por ele dever manifestar-se diante dos homens. Entretanto, se houver preferência pelo modo imperativo, o significado será quase o mesmo, a saber, que, como Deus nos amou graciosamente, também devemos amá-lo agora.

Mas tal amor não pode existir, a menos que gere o amor fraternal. Daí ele dizer que são mentirosos todos quantos se gabam de amar a Deus, enquanto odeiam a seus irmãos.

Mas a razão que ele anexa parece não ser suficientemente válida, pois constitui uma comparação entre o menor e o

maior: ele diz que, se não amamos a nossos irmãos, a quem não vemos, muito menos podemos amar a Deus, que é invisível. Ora, existem aqui, obviamente, duas exceções; pois o amor que Deus tem para conosco provém da fé, e não emana da visão, como aprendemos de 1 Pedro 1.8; e, em segundo lugar, muito diferente é o amor de Deus do amor dos homens; pois enquanto Deus direciona seu povo a amá-lo através de sua infinita bondade, os homens às vezes são dignos de ódio. A isto respondo que o apóstolo, aqui, toma por certo o que, sem dúvida, deve parecer-nos evidente, a saber, que Deus se nos oferece naquelas pessoas que portam sua imagem, e ele requer que os deveres, os quais não estão ausentes nele, sejam cumpridos em prol delas, segundo o Salmo 16.2, 3, onde lemos: "Minha bondade não chega na tua presença, mas os santos que estão na terra, e aos ilustres em quem estão todo meu prazer". E, seguramente, a participação da mesma natureza, a necessidade de tantas coisas, e a relação mútua, devem atrair-nos ao amor mútuo, a menos que sejamos mais duros que o aço. João, porém, tem em mente outra coisa; ele pretende mostrar quão artificial é a vanglória de cada um de nós, que afirma amar a Deus, e, no entanto, não ama a imagem de Deus que permanece diante de seus olhos.

21. E este mandamento. Este é um argumento mais forte, extraído da autoridade e doutrina de Cristo; pois ele não só deu um mandamento relativo ao amor de Deus, mas insiste conosco a também amar nossos irmãos. Devemos, pois, começar então com Deus, para que, ao mesmo tempo, possa haver uma transição para os homens.

---

167. Tudo indica que "espírito", em toda esta passagem, deve ser entendido como sendo um mestre a reivindicar, correta ou falsamente, a influência do Espírito de Deus. Nem seria impróprio, mas ajustável ao contexto, considerar "o espírito de Deus", neste versículo, no sentido de um mestre guiado por Deus. O significado da passagem pode ser assim expresso: 2. "Por isto conheceis o mestre de Deus; todo mestre que confessa Jesus Cristo vindo em carne procede de Deus; e 3. todo mestre que não confessa Jesus Cristo vindo na carne não procede de Deus; e este

é o mestre do anticristo (ou o mestre anticristão), de quem tendes ouvido que há de vir, e agora mesmo já se encontra no mundo".

168. Ao dizer, vós "já os vencestes", o antecedente a "os" sem dúvida é "os falsos profetas", no primeiro versículo. É costume de João mencionar os antecedentes em certa distância. Conferir 3.16.

169. "O mundo", neste versículo, é identificado com "os falsos profetas"; os cristãos genuínos os venceram por esta razão: porque maior era aquele que estava com eles do que aquele que estava no mundo, isto é, nos incrédulos e ímpios, dos quais faziam parte os falsos profetas. Daí se segue que "eles são do mundo", isto é, são do número dos que são ímpios e perversos, que compõem o reino das trevas.

170. A sentença, "portanto eles falam da parte do mundo", dificilmente é uma tradução genuína, pois ἐκ nunca significa "de", no sentido de "concernente". Macknight o traduz por "desde". Grotius parafraseia a sentença assim: "Eles pregam as coisas que são agradáveis às disposições do mundo"; e Doddridge a traduz assim: "Eles falam da parte do mundo, tomando dele suas instruções." Mas ἐκ, como *ex* em latim, às vezes significa "de acordo com", como em Mateus 12.37: "Pois por [de acordo com] tuas palavras serás julgado". Conferir também o versículo 34: "Mas de [ou de acordo com] a abundância", etc. Então esta sentença pode ser assim traduzida: "Portanto, eles falam de acordo com o mundo"; isto é, segundo os conceitos e princípios dos supersticiosos e ímpios do mundo.

171. Segundo este ponto de vista, "o espírito da verdade" significa o mestre da verdade; e, "o espírito do erro", o mestre do erro; e isto está em consonância com todo o teor do contexto, o espírito denotando inteiramente a pessoa que reivindicava, correta ou falsamente, estar sob a diretriz do Espírito divino. "Por isto" se refere ao que acabava de ser declarado, ou, seja, que os falsos mestres eram do mundo, e falavam coisas agradáveis à mente profana, e eram ouvidos pelo mundo; e que os verdadeiros mestres procediam de Deus, e eram ouvidos ou atendidos por aqueles que conheciam a Deus, e não atendidos por eles enquanto viviam ignorantes dele. E era por esta afirmação que ele fizera que eles pudessem distinguir entre o mestre da verdade e o mestre do erro. O mestre da verdade procedia de Deus e era atendido por aqueles que conheciam a Deus, e não por aqueles que não o conheciam; em contrapartida, o mestre do erro procedia do mundo, pregava o que era agradável aos homens do mundo e recebia o endosso deles. A ordem, como às vezes é o caso, é invertida; o mestre do erro, mencionado por último, é descrito no quinto versículo; e o mestre da verdade, mencionado primeiro, no início do sexto.

172. Que é amor? É tanto um dom, uma graça, como fé; ele constitui uma adequação para o céu, mas de modo algum é meritório; e se fosse perfeito, nada haveria de mérito nele; pois os mais elevados graus dele ainda estão muito longe do que se deve a Deus. Estabelecer mérito de qualquer gênero da parte do homem indica extrema cegueira, pois a salvação do princípio ao fim é totalmente gratuita.

173. Beza, Doddridge, Scott, e a maioria dos comentaristas, consideram o *amor* aqui como algo que está em nós, e não o amor de Deus como apreendido pela fé. O *principal* tema do apóstolo é o amor em nós, e as palavras "aperfeiçoado" e

“perfeito”, como aplicada a ele, parece inapropriado para o amor de Deus para conosco; e, no versículo 17, lemos que esta perfeição consiste nisto: que, tal como Deus é, assim somos neste mundo; a saber, semelhantes a ele em amor, como lemos no versículo anterior que Deus é amor. “Temor” é o medo do juízo, mencionado no versículo 17, e lemos que aquele que teme não é perfeito ou aperfeiçoado no amor, o que obviamente se refere ao amor em nós. E, então segue, imediatamente: “*Nós* o amamos”, e assinala-se a razão: porque ele nos amou primeiro”. Mais adiante ele continua mostrando a necessidade indispensável de nutrirmos amor por Deus e pelos irmãos.

Capítulo 5

1. Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e todo aquele que ama quem o gerou, ama também ao que é gerado dele.
2. Por isto sabemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos seus mandamentos.
3. Pois este é o amor de Deus: que guardemos seus mandamentos; e seus mandamentos não são pesados.
4. Por todo aquele que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que tem vencido o mundo, a saber, nossa fé.
5. Quem é que vence o mundo, senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?

1. Omnis qui credit quod Jesus est Christus, ex Deo genitus est; et omnis qui diligit eum qui genuit, diligit etiam eum qui genitus est ab eo.
2. In hoc cognoscimus quod diligimus filios Dei, si Deum diligimus, et praecepta ejus servamus.
3. Haec est dilectio Dei, ut parecepta ejus servemus, et praecepta ejus gravia non sunt.
4. Quoniam omne quod ex Deo genitum est, vincit mundum: et haec est Victoria quae vincit mundum, fides nostra.
5. Quis est qui vincit mundum, nisi qui credit quod Jesus est Filius Dei?

1. Todo aquele que crê. Usando outra razão, ele confirma que a fé e o amor fraternal são unidos; pois já que Deus nos regenera mediante a fé, necessariamente ele deve ser amado por nós na qualidade de Pai; e este amor abrange todos os seus filhos. Então a fé não pode ser separada do amor.

A primeira verdade é que todos os que nascem de Deus creem que Jesus é o Cristo; onde, uma vez mais, vemos que somente Cristo é exibido como o objeto da fé, quando nele se encontram justiça, vida e toda bênção que se pode desejar, e Deus, em tudo o que ele é.[174] Daí, o único modo genuíno de crer é quando direcionamos nossa mente para ele. Além disso, crer que ele é o Cristo equivale a esperar dele todas aquelas coisas que têm sido prometidas quanto ao Messias.

Tampouco o título, Cristo, lhe é dado aqui sem razão, pois ele designa o ofício para o qual fora designado pelo Pai. Como, sob a lei, a plena restauração de todas as coisas, da

justiça e da felicidade, fora prometida através do Messias, assim, em nossos dias, a totalidade disto é mais claramente apresentada no evangelho. Então Jesus não pode ser recebido como Cristo, a menos que a salvação seja buscada nele, visto que para este fim ele fora enviado pelo Pai e nos é diariamente oferecido.

Daí o apóstolo declarar que todos quantos realmente crêem já nasceram de Deus; pois a fé está muito acima do alcance da mente humana, de modo que temos de ser atraídos para Cristo por nosso Pai celestial; pois nenhum de nós, por sua própria força, pode subir a ele. E isto é o que o apóstolo nos ensina em seu Evangelho, ao dizer que aqueles que creem no nome do unigênito, não nasceram do sangue, nem da carne [Jo 1.13]. E Paulo diz que somos dotados, não com o espírito deste mundo, mas com o Espírito que procede de Deus, para que conheçamos as coisas que nos foram dadas por ele [Cl 2.12]. Pois nenhum olho jamais viu, nem ouvido ouviu, nem a mente concebeu o galardão guardado para aqueles que amam a Deus; mas tão somente o Espírito penetra neste mistério. E, mais ainda, como Cristo nos é outorgado para santificação, e traz consigo o Espírito de regeneração, em suma, como ele nos une ao seu próprio corpo, isso constitui também outra razão pela qual ninguém pode ter fé, a menos que nasça de Deus.

Ama também ao que é gerado dele. Agostinho e alguns outros dos antigos aplicaram isto a Cristo, porém não corretamente. Pois ainda que o apóstolo use o singular, contudo inclui todos os fiéis; e o contexto claramente mostra que seu propósito não era nenhum outro senão traçar o amor fraternal à fé como sua fonte. Este deveras é um argumento extraído do curso comum da natureza; mas o que é visto entre os homens é transferido para Deus.[175]

Mas precisamos observar que o apóstolo não fala assim apenas dos fiéis, e passa por alto aos que são de fora, como se somente os primeiros devessem ser amados, e não houve

nenhuma preocupação nem se levou em conta os últimos; mas ele nos ensina como se por este primeiro exercício o amor se estendesse a todos sem exceção, ao nos convidar a começarmos com os santos.[176]

2. Por isto conhecemos. Nestas palavras, ele mostra sucintamente qual é o verdadeiro amor, a saber, aquele que visa a Deus. Até aqui ele nos ensinou que jamais há um verdadeiro amor para com Deus, exceto quando nossos irmãos são também amados; pois este é sempre seu efeito. Não obstante, ele agora nos ensina que os homens são correta e devidamente amados quando Deus mantém a prioridade. E esta é uma definição necessária, pois às vezes sucede que amamos os homens à parte de Deus, pois as amizades profanas e carnais levam em conta somente as vantagens pessoais ou alguns outros objetos que se desvanecem. Como, pois, ele se referiu primeiramente ao efeito, assim ele agora faz referência à causa; pois seu propósito é mostrar que o amor mútuo deve ser de tal maneira cuidado, que Deus venha a ser honrado.

Ao amor de Deus ele anexa a guarda da lei, e o faz com muita razão; pois quando amamos a Deus como nosso Pai e Senhor, necessariamente a reverência vem conectada com o amor. Além disso, Deus não pode ser desvinculado de si mesmo. Como, pois, ele é a fonte de toda a justiça e equidade, quem o ama necessariamente deve ter seu coração preparado para render obediência à justiça. O amor de Deus, pois, não é ocioso nem inativo.[177]

Mas nesta passagem também aprendemos o que é a guarda da lei. Pois se, quando constrangidos somente pelo temor, obedecemos a Deus ao guardar seus mandamentos, estamos muito longe da verdadeira obediência. E, assim, a primeira coisa é que nossos corações sejam devotados a Deus em reverência voluntária, e, então, que nossa vida seja formada em conformidade com a norma da lei. Isto é o que Moisés quis dizer quando, ao dar um sumário da lei, disse: “Agora,

pois, ó Israel, que é que o Senhor teu Deus pede de ti, senão que temas o Senhor teu Deus, que andes em todos os seus caminhos, e o ames e sirvas ao Senhor teu Deus de todo teu coração e de toda tua alma" [Dt 10.12].

3. Seus mandamentos não são pesados. Isto foi adicionado para que as dificuldades, como geralmente é o caso, não extinga ou diminua nosso zelo. Pois aqueles que, com uma mente positiva e grande ardor, têm perseguido uma vida piedosa e santa, mais tarde se tornam exaustos, descobrindo que sua força é insuficiente. Por isso João, a fim de despertar nossos esforços, diz que os mandamentos de Deus não são pesados.

Mas, em contrapartida, é possível que se objete e diga que, por experiência, o que descobrimos é algo bem diferente, e que a Escritura testifica que o jugo da lei é insuportável [At 15.2]. A razão é, também, evidente, pois como a autonegação é, por assim dizer, um prelúdio à guarda da lei, podemos dizer que é fácil para uma pessoa negar-se a si mesma? Pior ainda, visto que a lei é espiritual, como nos ensina Paulo em Romanos 7.14, e não passamos de seres carnais, haveria uma grande discórdia entre nós e a lei de Deus. A isto respondo que esta dificuldade não provém da natureza da lei, e sim de nossa carne corrupta; e isto é o que Paulo expressamente afirma; porque, depois de dizer que era impossível à lei nos conferir justiça, ele imediatamente lança a culpa na conta de nossa carne.

Esta explanação concilia plenamente o que é dito por Paulo e por Davi, o que, na aparência, é totalmente contraditório. Paulo faz a lei ser o ministro de morte, declarando que ela nada efetua senão nos expor à ira de Deus, que foi dada para incrementar o pecado, que vive a fim de nos matar. Davi, em contrapartida, diz que ela é mais doce que o mel, e mais desejável que o ouro; e, entre outras recomendações, ele menciona a seguinte: ela alegra os corações, converte ao Senhor e vivifica. Paulo, no entanto, compara a lei com a natureza corrupta do homem, daí suscitar-se conflito; Davi,

porém, mostra como pensa e sente quem é renovado pelo Espírito de Deus, daí a doçura e o deleite dos quais a carne nada sabe. E João não omitiu esta diferença, pois ele limita aos filhos de Deus estas palavras: os mandamentos de Deus não são pesados, para que alguém não os tomasse em termos gerais; e ele avisa que ele vem através do poder do Espírito, que não é pesado, nem obedecer a Deus é cansativo.

Não obstante, tudo indica que a indagação ainda não foi plenamente respondida; pois os fiéis, ainda que governados pelo Espírito de Deus, contudo mantêm uma dura contenda com sua própria carne. E quanto mais eles labutem, ainda mais dificilmente cumprem a metade de seu dever; pior ainda, quase desfalecem sob seu fardo, como se parassem, como dizem, entre o santuário e o precipício. Vemos como Paulo gemia como alguém mantido em prisão, e exclamava que não passava de um miserável, porquanto não conseguia servir a Deus de modo pleno. Minha resposta a isto é que lemos que a lei é fácil quando formos revestidos com poder celestial e superarmos as concupiscências da carne. Porque, por mais que a carne resista, contudo os fiéis descobrem que não existe nenhum deleite real exceto em seguir a Deus.

É preciso observar que João não fala somente da lei, a qual nada contém senão mandamentos, mas lhe conecta a indulgência paterna de Deus, pela qual o rigor da lei é mitigado. Como, pois, bem sabemos que somos graciosamente perdoados pelo Senhor, quando nossas obras não correspondem à lei, isso nos torna muito mais inclinados a obedecer, em conformidade com o que encontramos no Salmo 130.4: “Contigo está a propiciação, para que sejas temido”. Daí, pois, a facilidade em guardar a lei, porquanto os fiéis, sendo sustentados pelo perdão, não desalentam quando são insuficientes no que devem ser. O apóstolo, entretanto, nos lembra que devemos lutar com o fim de podermos servir ao Senhor; pois o mundo inteiro nos impede de chegar aonde o Senhor nos chama. Então, só guarda a lei quem corajosamente resiste o mundo.

4. Esta é a vitória. Como ele dissera que todos quantos nascem de Deus vencem o mundo, aqui ele apresenta o método de vencê-lo. Pois ainda é possível que se indague de onde vem esta vitória. Então ele faz a vitória sobre o mundo depender da fé.[178]

Esta passagem é notável; pois ainda que Satanás continuamente reitere seus horríveis e terríveis ataques, contudo o Espírito de Deus, declarando que estamos além do alcance do perigo, remove o temor e nos anima a lutar com coragem. E o pretérito é mais enfático do que o presente ou o futuro; pois ele diz *que tem vencido*, a fim de podermos sentir certeza, como se o inimigo já tivesse sido posto em fuga. É, de fato, verdade que nosso combate prossegue ao longo da vida, que nossos conflitos são cotidianos; pior ainda, que novas e variadas batalhas são a cada momento e de todos os lados instigadas contra nós pelo inimigo; mas, como Deus não nos arma apenas por um dia, e como a fé não dura apenas um dia, mas esta é a obra perene do Espírito Santo, já somos participantes da vitória, como se já tivéssemos vencido.

Não obstante, esta confiança não gera indiferença, mas nos torna sempre ansiosamente dispostos a lutar. Pois o Senhor assim incita seu povo a nutrir certeza, embora ainda não queira que se sintam seguros; mas, ao contrário, declara que eles já venceram, com o fim de que lutem mais corajosa e incansavelmente.

O termo *mundo*, aqui, tem um significado amplo, pois inclui tudo quanto é contrário ao Espírito de Deus; assim, a corrupção de nossa natureza é uma parte do mundo; todas as concupiscências, todas as artimanhas de Satanás, em suma, tudo quanto nos desvia de Deus. Possuindo tal força para a contenda, temos uma imensa guerra a combater, e já teríamos sido vencidos mesmo antes de chegar à disputa, e seríamos vencidos centenas de vezes diariamente, não nos tivesse Deus prometido a vitória. Deus, porém, nos encoraja

a lutar, nos prometendo a vitória. Mas como esta vitória nos assegura perenemente o poder invencível de Deus, assim, em contrapartida, ele aniquila toda a força dos homens. Pois o apóstolo, aqui, não nos ensina que Deus apenas nos traz algum auxílio, de modo que, sendo ajudados por ele, sejamos capazes de suficientemente resistir; mas ele faz a vitória depender única e exclusivamente da fé; e esta recebe de outro todo recurso para vencer. Arrebata, pois, de Deus o que é propriamente seu, quem canta vitória por seu próprio poder.

5. Quem é o que vence o mundo. Aqui está uma razão para a sentença anterior, a saber, vencemos pela fé, porque é de Cristo que derivamos força; como disse também Paulo: "Posso fazer todas as coisas por aquele que me fortalece" [Fp 4.13]. Portanto, só pode vencer a Satanás e o mundo, e jamais sucumbir em sua própria carne, aquele que, inseguro de si próprio, recorre única e exclusivamente ao poder de Cristo. Pois por *fé* ele tem em mente uma percepção real de Cristo, ou uma firmeza eficaz nele, pela qual aplicamos a nós mesmos seu poder.

6. Este é aquele que veio por meio de água e sangue, a saber, Jesus Cristo; não só por meio de água, mas por água e por sangue; é o Espírito que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade.
7. Pois há três que dão testemunho no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e os três são um.
8. E há três que dão testemunho na terra: o Espírito, a água e o sangue; e estes três concordam em um só.
9. Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; pois este é o testemunho de Deus, que ele tem testificado de seu Filho.

6. Hic est qui venit per aquam et sanguinem, Jesum Christum; non in aqua solum, sed in aqua et sanguine; et Spiritus est qui testificatur, quandoquidem Spiritus est veritas.
7. Nam tres sunt qui testificantur in coelo, Pater, Sermo, et Spiritus Sanctus; et hi tres unum sunt.
8. Et tres sunt qui testificantur in terra, Spiritus, aqua et sanguis; et hi tres in unum conveniunt.
9. Si testimonium hominum recipimus, testimonium Dei majus est; quoniam hoc est testimonium Dei, quod testificatus est de Filio suo.

6. Este é aquele que veio. Para que nossa fé repouse seguramente em Cristo, ele diz que a substância real das sombras da lei se concretiza nele. Pois não tenho dúvida de que, pelas palavras *água* e *sangue*, ele esteja aludindo aos

antigos ritos da lei. Ademais, a comparação se direciona para este fim, não só para que saibamos que a lei de Moisés foi abolida pela vinda de Cristo, mas para que busquemos nele o cumprimento daquelas coisas que as cerimônias outrora tipificavam. E ainda que fossem de várias espécies, contudo, sob estas duas, o apóstolo indica toda a perfeição da santidade e justiça, porquanto era por meio da água que se lavava toda a imundícia, de modo que os homens possam comparecer diante de Deus, puros e limpos, e pelo sangue se fazia expiação e dava-se uma garantia de uma plena reconciliação com Deus; mas a lei prefigurava, por símbolos externos, o que é real e plenamente realizado pelo Messias.

João, pois, oportunamente, prova que Jesus é o Cristo do Senhor, outrora prometido, porque ele trouxe consigo aquilo pelo qual ele nos santifica totalmente.

E, na verdade, no tocante ao sangue pelo qual Cristo reconciliou Deus, não há dúvida, porém pode-se questionar como ele veio por meio da água. Mas, não se pode provar que a referência seja ao batismo. Por certo, creio que João apresenta aqui o fruto e efeito do que ele registrou na história evangélica; pois o que ele diz ali, que água e sangue fluíram do lado de Cristo, sem dúvida deve ser considerado um milagre. Pois bem sei que tal coisa ocorre naturalmente aos mortos; mas este aconteceu mediante o propósito divino, a saber, que o lado de Cristo veio a ser a fonte de sangue e água, para que os fiéis viessem a saber que a purificação (da qual os antigos batismos eram tipos) se acha nele, e para que soubessem que aqui o que todas as aspersões de sangue outrora prefiguravam. Trato mais extensivamente deste tema no nono e décimo capítulos da Epístola aos Hebreus.

E é o Espírito que dá testemunho. Nesta sentença ele mostra como os fiéis conhecem e sentem o poder de Cristo, a saber, porque o Espírito lhes dá certeza; e para que sua fé não vacilasse, ele adiciona que uma firmeza ou estabilidade plena e real é produzida pelo testemunho do Espírito. E ele denomina o Espírito de *verdade*, porque sua autoridade é

indubitável, e deve ser abundantemente suficiente para nós.

7. Há três que dão testemunho no céu. Alguns omitiram a totalidade deste versículo. Jerônimo acredita que isto aconteceu intencionalmente, e não por equívoco, e que de fato somente por parte dos latinos. Mas, visto que nem mesmo as cópias gregas concordam, não ouso asseverar nada sobre o tema. Entretanto, a passagem flui melhor quando esta cláusula está incluída, e visto que a passagem está presente nas melhores e mais aprovadas cópias, sinto-me inclinado a receber o versículo como uma redação legítima.[179] E o significado seria que Deus, com o fim de confirmar mais plenamente nossa fé em Cristo, testifica de três formas que devemos aquiescer nele. Porque, como nossa fé reconhece três pessoas na única essência divina, assim ela é, de tantas maneiras, atraída para Cristo, para que repouse nele.

Ao dizer, *estes três são um*, sua referência não é à essência, mas, ao contrário disso, ao consenso; como se quisesse dizer que o Pai e sua eterna Palavra e o Espírito harmoniosamente testificassem a mesma coisa acerca de Cristo. Daí algumas cópias trazerem εἰς ἕν, "por um". Mas ainda que se leia ἓν εἰσιν, como em outras cópias, contudo não há dúvida de que o Pai, a Palavra e o Espírito são declarados como um só, no mesmo sentido em que mais adiante o sangue, a água e o Espírito são declarados como concordando em um.

Mas, visto que o Espírito, que é testemunha, é mencionado duas vezes, é como se fosse uma repetição desnecessária. A isto respondo que, já que ele testifica de Cristo de várias maneiras, aqui se lhe atribui adequadamente um duplo testemunho. Pois o Pai, juntamente com sua eterna Sabedoria e Espírito, declara que Jesus é o Cristo, por assim dizer, com autoridade; pois, neste caso, unicamente a majestade da Deidade é que deve ser considerada por nós. Mas, como o Espírito, residindo em nosso coração, é um penhor, uma garantia e um selo, para confirmar aquele

decreto, daí ele falar uma vez mais na terra por sua graça.

Mas, visto que nem todos recebem esta redação, por isso exporei o que segue, como se o apóstolo se referisse tão somente ao testemunho dado na terra.

8. Há três. Visando ao seu propósito pessoal, ele aplica ao que foi dito da água com o fim de que, aqueles que rejeitam a Cristo, não fossem justificados; pois, por meio de testemunhos sobejamente fortes e claros, ele prova que é a ele que foi primeiramente prometido, visto que, como água e sangue, sendo os penhores e os efeitos da salvação, realmente testificam que ele foi enviado por Deus. Ele adiciona a terceira testemunha, o Espírito Santo, que, no entanto, mantém o primeiro lugar, pois sem ele a água e o sangue teriam fluído sem qualquer benefício; pois é ele que sela em nossos corações o testemunho da água e do sangue; ele é quem, por seu poder, faz o fruto da morte de Cristo chegar a nós; sim, ele faz o sangue derramado para nossa redenção penetrar nossos corações; ou, para dizer tudo em apenas uma palavra, ele faz com que Cristo, com todas suas bênçãos, se tornem nossos. Assim Paulo, em Romanos 1.4, após dizer que Cristo, por meio de sua ressurreição, se manifestou como o Filho de Deus, imediatamente acrescenta: "pela santificação do Espírito". Pois sejam quais forem os sinais da glória divina que resplandeçam em Cristo, contudo nos seriam obscuros e escapariam à nossa visão, se o Espírito Santo não abrisse em nós os olhos da fé.

Agora os leitores podem entender por que João evocou o Espírito como testemunha, juntamente com a água e o sangue, a saber, porque é o ofício peculiar do Espírito purificar nossas consciências pelo sangue de Cristo, para fazer com que a purificação efetuada por ele seja eficaz. Sobre este tema, algumas observações são feitas no início da segunda Epístola de Pedro, onde ele usa quase a mesma forma de linguagem, a saber, que o Espírito Santo purifica nossos corações pela aspersão do sangue de Cristo.[180]

Mas, destas palavras podemos aprender que a fé não se prende a um mero Cristo, ou a Cristo vazio, mas que seu poder é, ao mesmo tempo, vivificante. Pois a que propósito foi Cristo enviado à terra, senão para reconciliar Deus pelo sacrifício de sua morte? Exceto que o ofício de lavar lhe fosse outorgado pelo Pai?

Por mais que se objete, dizendo que a distinção aqui mencionada é supérflua, visto que Cristo nos purificou, expiando nossos pecados, então o apóstolo menciona a mesma coisa duas vezes. Aliás, admito que a purificação está inclusa na expiação; por isso não faço diferença entre a água e o sangue, como se fossem distintos; mas se algum de nós considera sua própria debilidade, esse mesmo prontamente reconhece que não é em vão ou sem razão que se distingue o sangue da água. Além disso, o apóstolo, como se tem afirmado, evoca os ritos da lei; e Deus, em virtude da enfermidade humana, designou outrora não só sacrifícios, mas também lavagens. E o apóstolo tinha em mente distintamente mostrar que a realidade de ambos foi exibida por Cristo, e exatamente por isso ele disse previamente: “Não só por meio da água”, pois ele tem em mente que não somente alguma parte de nossa salvação se encontra em Cristo, mas a totalidade dela, de modo que não se deve buscar nada em outra fonte.

9. Se recebemos o testemunho dos homens. Ele prova, raciocinando do menor para o maior, quão ingratos são os homens quando rejeitam a Cristo, o qual foi aprovado por Deus, como já relatou; pois se nas tarefas cotidianas nos prendemos às palavras dos homens, que podem mentir e enganar, quão irracional é que Deus receba menos crédito, quando assentado, por assim dizer, em seu próprio trono, onde ele é o juiz supremo. Então, tão somente nossa própria corrupção nos impede de receber a Cristo, visto que ele nos dá plena prova para crermos em seu poder. Além disso, ele chama de testemunho não só aquele que Deus, por seu Espírito, imprime em nossos corações, mas também aquele

que derivamos da água e do sangue. Pois aquele poder de purificar e expiar não era terreno, e sim celestial. Daí o sangue de Cristo não ser estimado segundo a maneira comum dos homens; mas devemos, antes, buscar no desígnio de Deus, que o ordenou para apagar os pecados, e também naquela eficácia divina que flui dele.

9. Porque este é o testemunho de Deus que ele testificou de seu Filho.
10. Aquele que crê no Filho de Deus tem em si mesmo o testemunho; aquele que não crê faz Deus mentiroso; porquanto não crê no testemunho que Deus deu de seu Filho.
11. E este é o testemunho, a saber, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho.
12. Aquele que tem o filho tem a vida; e aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.

9. Porro hoc est testimonium Dei, quod testificatus est de Filio suo.
10. Qui credit in Filium Dei, habet testimonium in seipso; qui non credit Deo, mendacem facit eum; quia non credidit in testimonium quod testificatus est Deus de Filio suo.
11. Et hoc est estimonium , quod vitam aeternam dedit nobis Deus; et haec vita in filio ejus est.
12. Qui habet Filium, habet vitam; qui non habet Filium Dei, vitam non habet.

9. Porque este é o testemunho de Deus. Aqui, a partícula ὅτι não significa a causa, mas deve ser tomada como explicativa; pois o apóstolo, após lembrar-nos que Deus merece ser crido muito mais do que os homens, agora adiciona que não podemos ter fé em Deus, a menos que creiamos em Cristo, porque Deus pôs somente ele diante de nós e nos faz permanecer nele. Daí ele inferir que cremos em Cristo com mente segura e tranquila porque Deus, por sua autoridade, confirma nossa fé. Ele não diz que Deus fala externamente, mas que cada um dos santos sente em seu íntimo que Deus é o autor de sua fé. Daí transparecer quão diferente de fé é uma opinião efêmera que depende de algo mais.

10. Aquele que não crê. Como os fiéis possuem este benefício, a saber, que por si sós bem sabem estar além do perigo de erro, visto que têm Deus como seu fundamento, assim ele faz com que os ímpios sejam culpados de extrema blasfêmia, porque culpam Deus de falsidade. Sem dúvida, nada é mais valorizado por Deus do que sua própria verdade, por isso nenhuma injustiça mais atroz lhe pode ser feita do

que roubar-lhe desta honra. Então, a fim de induzir-nos a crer, ele formula um argumento do lado oposto; pois se fazer Deus mentiroso constitui uma impiedade horrível e execrável, porque então o que especialmente lhe pertence é arrebatado, quem não temeria suprimir a fé do evangelho, no qual Deus quer ser considerado singularmente verdadeiro e fiel? É preciso que isto seja criteriosamente observado.

Alguns indagam por que Deus enaltece tanto a fé, e por que a incredulidade é tão severamente condenada. É que a glória de Deus está implícita nisto; porque, visto que ele se dignou mostrar um exemplo especial de sua verdade no evangelho, todos quantos rejeitam a Cristo, que lhes é oferecido ali, nada deixam a ele. Por isso, ainda que admitamos que uma pessoa, que em outras partes de sua vida, pode se assemelhar a um anjo, contudo sua santidade é diabólica enquanto rejeitar a Cristo. Assim, vemos alguns no seio do papado, amplamente satisfeitos com a mera máscara de santidade, enquanto de maneira ainda mais obstinada rejeitam o evangelho. Entendamos, pois, que o princípio da verdadeira religião é abraçar obedientemente esta doutrina, a qual ele tem confirmado tão veementemente por meio de seu testemunho.

11. Que Deus nos deu a vida eterna. Tendo então realçado o benefício, ele nos convida a crer. Aliás, é uma reverência devida a Deus receber imediatamente, como além de controvérsia, tudo quanto ele nos declara. Mas, visto que ele graciosamente nos oferece a vida, nossa ingratidão seria intolerável, se com fé pronta não recebêssemos uma doutrina tão doce e tão amável. E, indiscutivelmente, as palavras do apóstolo tencionam mostrar que devemos não só reverentemente obedecer ao evangelho, para que não afrontemos a Deus; mas que devemos amá-lo, porque ele nos traz a vida eterna. Daí aprendemos também o que se deve buscar especialmente no evangelho, a saber, o dom gratuito da salvação; pois que Deus ali nos exorta ao arrependimento e temor, e não deve ser separado da graça de Cristo.

O apóstolo, porém, para manter-nos totalmente em Cristo, uma vez mais reitera que a vida se encontra nele; como se quisesse dizer que Deus o Pai não nos designou nenhuma outra maneira para a obtenção da vida. E de fato o apóstolo sucintamente inclui aqui três coisas: que estamos todos entregues à morte até que Deus, em seu favor gratuito, nos restaure à vida; pois ele declara nitidamente que a vida é um dom de Deus; e daí também se segue que estamos destituídos dela, e que ela não pode ser adquirida por méritos; em segundo lugar, ele nos ensina que esta vida nos é conferida pelo evangelho, porque ali a bondade e o amor paterno de Deus se nos fazem conhecidos; em último lugar, ele diz que não podemos, de outra maneira, tornar-nos participantes desta vida senão crendo em Cristo.

12. Aquele que não tem o Filho. Esta é uma confirmação da última sentença. Aliás, teria sido suficiente que Deus não conferisse a vida em nenhum outro senão em Cristo, a fim de que ela seja buscada nele; mas, para que ninguém se voltasse a algum outro, ele exclui da esperança da vida a tantos quantos não a buscam em Cristo. Bem sabemos o que significa ter Cristo, pois ele é recebido pela fé. Ele então mostra que todos quantos estão separados do corpo de Cristo estão sem a vida.

Mas isto parece inconsistente com a razão; pois a história mostra que tem havido grandes homens dotados com virtudes heroicas, os quais, contudo, eram totalmente estranhos ao conhecimento de Cristo; e parece irracional que homens de tão grande eminência sejam destituídos de honra. A isto respondo que estamos muitíssimo equivocados se cremos que tudo o que é eminente a nossos olhos seja aprovado por Deus; pois, como lemos em Lucas, “porque, o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação” [Lc 16.15]. Porque, como a imundícia do coração nos está oculta, vivemos satisfeitos com a aparência externa; Deus, porém, vê que sob isto se acha escondida a mais fétida imundícia. Portanto, não surpreende se as virtudes espúrias,

fluindo de um coração impuro, e se inclinando a um fim incerto, é para ele de um odor ruim. Além disso, donde procede a pureza, donde uma consideração genuína pela religião, senão do Espírito de Cristo? Não há, pois, nada digno de louvor exceto em Cristo.

Há ainda outra razão que remove toda dúvida; pois a justiça dos homens está na remissão de pecados. Se o leitor remover esta, aguardam a todos a maldição infalível de Deus e a morte eterna. Cristo tão somente é quem reconcilia o Pai conosco, visto que, uma vez para sempre, o pacificou pelo sacrifício da cruz. Daí se segue que Deus em ninguém mais é propício senão em Cristo, nem existe justiça senão nele.

Se alguém objetar e disser que Cornélio, como mencionado por Lucas [At 10.2], foi aceito por Deus antes mesmo que fosse chamado à fé do evangelho, a isto respondo, sucintamente, que Deus às vezes trata de tal modo conosco, que a semente da fé aparece imediatamente no primeiro dia. Cornélio não tinha claro e distinto conhecimento de Cristo; mas, como ele possuía alguma percepção da misericórdia divina, ao mesmo tempo ele tinha compreendido algo de um Mediador. Mas, como Deus age de maneira secreta e maravilhosa, desconsideremos aquelas especulações que de nada aproveitam, e tenhamos em mente só aquele claro caminho da salvação que ele nos fez conhecido.

13. Estas coisas vos escrevi, a vós que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creiais no nome do Filho de Deus.
14. E esta é a confiança que tendes nele, que, se pedirmos alguma coisa segundo sua vontade, ele nos ouve.
15. E, se sabemos que ele nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que obtemos as petições que desejamos dele.

13. Haec scripsi vobis credentibus in nomen Filii Dei, ut sciatis quod vitam habetis aeternam, et ut credatis in nomen Filii Dei.
14. At que haec est fidúcia quam habemus erga eum, quod si quid petierimus secundum voluntatem ejus, audit nos.
15. Si autem novimus quod audit nos, quum quid petierimus; novimus quod habemus petitiones quas postulavimus ab eo.

13. Estas coisas vos escrevi. Como deve haver diariamente um progresso na fé, assim ele diz que escreveu aos que já

haviam crido, de modo que pudessem crer mais firmemente e com maior certeza e, assim, desfrutar uma confiança mais plena quanto à vida eterna. Portanto, a utilidade da doutrina é não só iniciar o não instruído no conhecimento de Cristo, mas também confirmar, mais e mais, os que já foram instruídos. Portanto, cabe-nos atender assiduamente ao dever do aprendizado, para que nossa fé aumente ao longo de todo o curso de nossa vida. Pois há ainda em nós muitos resquícios de incredulidade, e tão frágil é nossa fé que o que cremos não é, contudo, realmente crido, a menos que haja uma confirmação mais plena.

Mas devemos observar a maneira como a fé é confirmada, a saber, sendo-nos explicados o ofício e poder de Cristo. Pois o apóstolo diz que escreveu essas coisas, a saber, que a vida eterna deve ser buscada em nenhuma outra fonte, senão em Cristo, a fim de que, os que já eram crentes, creiam ainda mais, ou seja, façam progresso no crer. Por isso, o dever de um santo mestre, para que confirme os discípulos na fé, é enaltecer, o quanto for possível, a graça de Cristo, de modo que, satisfeitos com isso, não busquemos nada mais.

Como os papistas obscurecem esta verdade de várias maneiras, e a enfraquecem, com isto mostram suficientemente que nada menos os preocupa do que a doutrina correta da fé; sim, por esta descrição, suas escolas devem ser mais evitadas tanto como as Cila e Caríbdis do mundo; pois dificilmente alguém pode entrar nelas sem que sua fé sofra um inevitável naufrágio.

Nesta passagem, o apóstolo ensina também que Cristo é o objeto peculiar da fé, e que à fé que temos em seu nome está anexada a esperança da salvação. Pois, neste caso, o fim de crer é para que nos tornemos os filhos e herdeiros de Deus.

14. E esta é a confiança. Ele recomenda a fé, que mencionou, por seus frutos, ou mostra aquilo em que nossa confiança especialmente se fundamenta, a saber, que os santos ousem invocar a Deus com toda confiança; como também Paulo fala em Efésios 3.12, que *pela fé temos acesso a*

Deus com confiança; e também em Romanos 8.15, que *o Espírito nos dá lábios que clamem: Abba, Pai*. E, indubitavelmente, se nos desviássemos do acesso a Deus, nada poderia nos fazer mais miseráveis; mas, em contrapartida, a não ser que este abrigo nos seja aberto, seríamos infelizes até os males mais extremos; pior ainda, esta única coisa torna nossas tribulações bem-aventuradas, porque seguramente sabemos que Deus será nosso libertador, e, confiando em seu amor paternal para conosco, buscamos nele refúgio.

Tenhamos, pois, em mente, esta declaração do apóstolo: que invocar a Deus é a principal prova de nossa fé, e que Deus não é corretamente nem com fé invocado, a menos que sejamos plenamente persuadidos de que nossas orações não serão feitas em vão. Pois o apóstolo nega que os que, nutrindo dúvida, hesitam, são dotados com fé.

Daí transparecer que a doutrina da fé está sepultada e quase extinta sob o papado, pois certamente tudo é desviado. Deveras cochicham muitas orações e tagarelam demoradamente sobre orar a Deus; porém oram com corações em dúvida e flutuante, e nos convidam a orar, e, contudo, ainda condenam esta confiança que o apóstolo requer como necessária.

Segundo sua vontade. Com esta expressão ele quis, a propósito, nos lembrar qual é a maneira correta ou a diretriz da oração, sim, quando os homens sujeitam a Deus seus desejos pessoais. Pois ainda que Deus prometesse fazer tudo quanto seu povo pedia, contudo, ele não lhes permitiu uma liberdade desenfreada de pedir tudo quanto viesse a suas mentes; mas ele, ao mesmo tempo, lhes prescreveu uma lei segundo a qual fizessem suas orações. E, indubitavelmente, nada nos é melhor do que esta restrição; pois se a cada um de nós fosse permitido pedir o que lhe apetece, e se Deus fosse atender-nos segundo nossos desejos, seria prover-nos para nossa própria ruína. Pois não sabemos o que nos é conveniente; pior, transbordamos com desejos corruptos e

nocivos. Deus, porém, supre um duplo remédio, para que não oremos de outra maneira senão segundo ao que sua própria vontade prescreveu; pois, por meio de sua palavra, nos ensina o que ele quer que peçamos, e também põe acima de nós seu Espírito, como nosso guia e líder, com o fim de restringir nossos impulsos emocionais, a ponto de não permitir que vagueemos para além dos devidos limites. Porque *não sabemos o que ou como orar*, como diz Paulo, *mas o Espírito socorre nossa fraqueza e instiga em nós gemidos inexprimíveis* [Rm 8.26]. Devemos também pedir que a boca do Senhor dirija e guie nossas orações; pois Deus, em suas promessas, fixou-nos, como já foi dito, o modo correto de orar.

15. E se sabemos. Esta não é uma repetição supérflua, como aparenta; pois o que o apóstolo declarou em termos gerais acerca do sucesso da oração, agora afirma de maneira especial que os santos oram ou pedem a Deus por nada mais senão pelo que obtêm. Mas quando ele diz que todas as petições dos fiéis são ouvidas, sua referência refere-se às petições certas e humildes, e, como tais, consistentes com a norma da obediência. Pois os fiéis não dão rédeas soltas a seus desejos, nem cedem a tudo quanto porventura lhes agrade, mas sempre levam em conta, em suas orações, o que Deus ordena.

Esta, pois, é uma aplicação da doutrina geral ao benefício especial e privado de cada um, para que os fiéis não nutram dúvida de que Deus é propício às orações de cada um indivíduo, de modo que, com mentes serenas, esperem até que o Senhor concretize aquilo pelo que oram, e que, sendo assim aliviados de toda tribulação e ansiedade, lancem sobre Deus o fardo de suas preocupações. Não obstante, esta facilidade e segurança não deve abater neles sua solicitude na oração, pois aquele que está certo de um feliz sucesso não deve abster-se de orar a Deus. Pois a certeza da fé de modo algum gera indiferença ou indolência. O apóstolo tinha em mente que cada um seja sereno em suas necessidades

quando tem depositado seus suspiros no seio de Deus.

16. Se alguém vir seu irmão cometer um pecado que não seja para morte, orará, e Deus dará vida aos que não pecam para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que ore.
17. Toda injustiça é pecado; e há pecado que não é para morte.
18. Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; mas o que é gerado de Deus a si mesmo se guarda, e o maligno não lhe toca.

16. Si quis viderit fratrem suum peccantem peccato non ad mortem, petet; et dabit illi vitam peccanti, dico, non ad mortem: est peccatum ad mortem; non pro illo, dico, ut quis roget.
17. Omnis injustitia peccatum est; et est peccatum non ad mortem.
18. Novimus quod quisquis ex Deo genitus est, non peccat; sed qui genitus est ex Deo servat seipsum, et malignus non tangit eum.

16. Se alguém. O apóstolo estende ainda mais os benefícios daquela fé que já mencionara, de modo que nossas orações sejam também válidas para nossos irmãos. É algo imenso o fato de que, tão logo sejamos oprimidos, Deus bondosamente nos atrai para si e está pronto a nos conceder auxílio; mas o fato de ele nos ouvir rogando por outrem, não constitui uma pequena confirmação de nossa fé, a fim de podermos estar plenamente certos de que jamais veremos nossa própria causa sendo repelida por ele.

Entrementes, o apóstolo nos exorta a sermos mutuamente solícitos pela salvação uns dos outros; e também quer que levemos em conta as quedas dos irmãos como estimulantes à oração. E, seguramente, é uma dureza férrea não se deixar tocar por nenhuma piedade, ao vermos almas redimidas pelo sangue de Cristo caminhar rumo à ruína. Mas ele mostra que há em mãos um remédio, com o qual irmãos podem ajudar irmãos. Aquele que orar pelo que perece, diz ele, restaura sua vida; as palavras “lhe dará” podem ser aplicadas a Deus, como se quisesse dizer que Deus, atendendo vossas orações, concederá vida a um irmão. Mas o sentido ainda será o mesmo: que as orações dos fiéis podem ser valiosas para resgatar um irmão da morte. Se entendermos o que no homem está envolvido, que ele dará vida a um irmão, que é uma expressão hiperbólica, contudo nada contém de inconsistência; pois o que nos é dado pela bondade gratuita de Deus, sim, o que se concede a outros por amor a nós, nos

é dito que pode ser dado a outrem. Tão grande benefício deveria estimular-nos não pouco a rogar por nossos irmãos o perdão dos pecados. E, quando o apóstolo nos recomenda simpatia, ao mesmo tempo nos lembra quanto devemos evitar a crueldade de condenar nossos irmãos, ou um extremo rigor em perder a esperança de sua salvação.

Um pecado que não é para morte. Para que não lancemos fora toda a esperança da salvação dos que pecam, ele mostra que Deus não pune tão dolorosamente suas falhas a ponto de repudiá-los. Daí se segue que devemos reputá-los como irmãos, já que Deus os retém no número de seus filhos. Pois ele nega que os pecados são para morte, não só aqueles pelos quais os santos ofendem diariamente, mas inclusive quando ocorre de a ira de Deus ser dolorosamente provocada por eles. Pois, enquanto houver espaço para o perdão, a morte não retém totalmente seu domínio.

Não obstante, aqui o apóstolo não distingue entre pecado venial e mortal, como mais tarde comumente se fez. Pois totalmente néscia é aquela distinção que prevalece sob o papado. Os sorbonistas reconhecem que dificilmente há um pecado mortal, a menos que haja a mais grosseira vileza, a ponto de ser, por assim dizer, tangível. Por conseguinte, pensam que nos pecados veniais pode haver a mais profunda imundícia, se estiver oculta na alma. Em suma, presumem que todos os frutos do pecado original, contanto que não transpareçam externamente, são lavados por uma leve aspersão de água benta! E isso não surpreende, visto que não levam em conta os pecados de blasfêmia, de dúvidas quanto à graça de Deus, ou quaisquer concupiscências ou desejos maus, a não ser que sejam consentidos. Se a alma do homem for assaltada pela incredulidade, se a impaciência o tenta a se enfurecer contra Deus, todas e quaisquer monstruosas concupiscências que porventura o seduzam, tudo isso, para os papistas, é mais leve do que o que consideram pecado, pelo menos depois do batismo. Não surpreende, pois, que façam das ofensas veniais os crimes mais graves; pois as

pesam em sua própria balança, e não na balança de Deus.

Mas, entre os fiéis esta deve ser uma verdade indubitável: que tudo o que é contrário à lei de Deus é pecado e, em sua natureza, mortal; pois onde houver uma transgressão da lei, aí há pecado e morte.

Qual, pois, é o significado do apóstolo? Ele nega que os pecados sejam mortais, os quais, ainda que dignos de morte, contudo não são punidos por Deus a esse ponto. Ele, pois, não avalia os pecados em si mesmos, mas forma um juízo deles segundo a bondade paternal de Deus, a qual perdoa o culpado, onde a falta já existe. Em suma, Deus não entrega à morte aqueles a quem ele restaura a vida, ainda que não dependa deles o fato de não estarem alienados da vida.

Há pecado para morte. Eu já disse que o pecado para o qual não fica nenhuma esperança de perdão, é assim chamado. Mas, é possível que se indague qual é ele; pois seria muito atroz quando Deus o pune com tanta severidade. Do contexto se pode deduzir que ele não constitui, como dizem, uma queda parcial, ou uma transgressão de um único mandamento, e sim apostasia, pela qual os homens se alienam totalmente de Deus. Pois o apóstolo mais adiante acrescenta que os filhos de Deus não pecam, isto é, que não abandonam a Deus e se entregam totalmente a Satanás para ser seus escravos. Não é de admirar que tal defecção seja mortal; pois Deus nunca priva assim seu povo peculiar da graça do Espírito; mas sempre retém alguma fagulha da verdadeira religião. Tem de ser, pois, réprobo e entregue à destruição quem assim apostata, a ponto de não mais temer a Deus.

Se alguém indagar se a porta da salvação se fecha diante de seu arrependimento, a resposta óbvia é que, como são entregues a uma mente réproba, e se veem destituído do Espírito Santo, nada mais podem fazer senão, com mentes obstinadas, se tornar cada vez piores e acrescentar pecados sobre pecados. Ademais, como o pecado e a blasfêmia contra o Espírito sempre trazem consigo uma defecção desse

gênero, não há dúvida de que ela está aqui em pauta.

Mas é possível que se indague novamente: por quais evidências podemos saber que a queda de uma pessoa é fatal? Pois a não ser que o conhecimento disto fosse certo, o apóstolo teria em vão feito esta exceção: que não deviam orar por um pecado desse gênero. Pois algumas vezes é certo determinar se a queda de alguém é sem esperança, ou se há ainda um lugar para remédio. Deveras, é isto que admito e o que é evidente além de controvérsia, à luz desta passagem; mas, como isto mui raramente sucede, e como Deus põe diante de nós as infinitas riquezas de sua graça, e nos convida a sermos misericordiosos de acordo com seu próprio exemplo, não devemos concluir temerariamente que alguém traz em si o juízo de morte eterna; ao contrário, o amor deve dispor-nos a esperar o bem. Mas se a impiedade de alguém nos parecer destituída de esperança, como se o Senhor o apontasse com o dedo, não devemos contender com o justo juízo de Deus, nem buscar ser mais misericordiosos do que ele.

17. Toda injustiça. Esta passagem pode ser explanada de modo variado. Caso seja tomada adversativamente, o sentido não seria impróprio: "Ainda que toda injustiça seja pecado, contudo nem todo pecado é para morte". E igualmente apropriado é outro significado: "Como o pecado é a própria injustiça, daí se segue que nem todo pecado é para morte". Há quem tome *toda injustiça* por uma injustiça completa, como se o apóstolo dissesse que o pecado de que falava era o auge da injustiça. Não obstante, sinto-me mais disposto a abraçar a primeira ou a segunda explicação; e, como o resultado é quase o mesmo, deixo ao juízo dos leitores determinar qual das duas é a mais apropriada.

18. Sabemos que todo o que é nascido de Deus. Se você presume que os filhos de Deus são totalmente puros e isentos de todo pecado, como pretendem os fanáticos, então o apóstolo é inconsistente consigo mesmo; pois assim ele eliminaria o dever da oração mútua entre os irmãos. Então

ele diz que quem *não peca* não apostata definitivamente da graça de Deus; e daí ele inferiu que se deve fazer oração por todos os filhos de Deus, porque não pecam para morte. Acrescenta-se uma prova: que todo aquele que é nascido de Deus a si mesmo se guarda, isto é, a si mesmo se guarda no temor de Deus; tampouco permite que seja ele de tal modo desviado, que perca todo o senso de religião e se entregue totalmente ao diabo e à carne.

Pois quando ele diz que o mesmo não é *tocado pelo maligno*, faz-se referência a uma ferida mortal; pois os filhos de Deus não são intocáveis pelos assaltos de Satanás, mas aparam seus dardos pelo escudo da fé, de modo que não penetrem no coração. Daí a vida espiritual nunca ser extinta neles. Isto equivale a não pecar. Ainda que os fiéis deveras cedam à enfermidade da carne, contudo gemem sob o fardo do pecado, sentem aversão de si mesmos e não cessam de temer a Deus.

A si mesmo se guarda. O que pertence propriamente a Deus ele transfere para nós; pois se algum dentre nós fosse o guardador de sua própria salvação, tal seria uma proteção miserável. Por isso Cristo roga ao Pai que nos guarde, notificando que isso não é feito por nossa própria força. Os advogados do livre-arbítrio lançam mão desta expressão, provando daqui que somos preservados do pecado, em parte pela graça de Deus, e em parte por nosso próprio poder. Não percebem, porém, que os fiéis não têm em si mesmos o poder de preservação de que fala o apóstolo. Aliás, ele tampouco fala do próprio poder deles, como se pudessem guardar-se por sua própria força; mas apenas mostra que devem resistir a Satanás, de modo que possam fugir, não com quaisquer outras armas, senão com as de Deus. Daí os fiéis se guardarem do pecado, no sentido de que são guardados por Deus [Jo 17.11].

19. E sabemos que somos de Deus, e o mundo inteiro jaz na perversidade.

19. Novimus quod ex Deo sumus, et mundus totus in maligno positus est.
20. Novimus autem quod Filius Dei

20. E sabemos que o Filho de Deus já veio, e tem nos dado entendimento para conhecermos aquele que é o verdadeiro; e estamos naquele que é verdadeiro, a saber, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.
21. Filhinhos, guardai-vos dos ídolos. Amém.

venit, et dedit nobis intelligentiam, ut cognoscamus illum verum; et sumus in ipso vero, in Filio ejus Jesu Christo: Hic est verus Deus, et vita aeterna.
21. Filioli, custodite vos ab idolis. Amen.

19. Somos de Deus. Ele deduz uma exortação de sua doutrina anterior; pois o que ele declarou em comum quanto aos filhos de Deus, agora aplica àqueles para quem escrevia; e ele fez isso com o intuito de estimulá-los a se precaverem do pecado e a encorajá-los a repelirem os assaltos de Satanás.

Que os leitores observem bem que é somente a verdadeira fé que nos aplica, por assim dizer, a graça de Deus; pois o apóstolo a ninguém reconhece como fiel senão aqueles que têm a dignidade de ser filhos de Deus. De fato, ele não põe a confiança como uma provável conjetura, como falam os sofistas; pois afirma que *sabemos*. O significado é que, como já nascemos de Deus, devemos esforçar-nos em provar, por nossa separação do mundo, e pela santidade de nossa vida, que não fomos chamados em vão para uma honra tão imensa.

Ora, esta é uma admoestação mui necessária para todos os santos; pois, para onde quer que voltem seus olhos, Satanás tem preparadas suas seduções, pelas quais ele busca atraí-los para longe de Deus. Seria, pois, difícil para eles manter-se firmes em seu curso, se sua vocação não fosse de tanto valor, a ponto de não levarem em conta todos os obstáculos do mundo. Então, a fim de estarem bem preparados para a luta, estas duas coisas têm de estar bem firmes na mente: que o mundo é perverso, e que nossa vocação procede de Deus.

Sob o termo *mundo*, o apóstolo, sem dúvida, inclui toda a raça humana. Ao dizer, *jaz no maligno*, ele o representa como estando sob o domínio de Satanás. Não há, pois, razão pela qual devamos hesitar em esquivar-nos do mundo, o qual despreza Deus e se entrega à servidão de Satanás; nem há razão pela qual devamos temer sua inimizade, porque ele

vive alienado de Deus. Em suma, visto que a corrupção permeia toda a natureza, os fiéis devem aprender a renúncia; e visto que nada se vê no mundo senão perversidade e corrupção devem, necessariamente, desconsiderar carne e sangue para que possam seguir a Deus. Ao mesmo tempo, é preciso adicionar outra coisa, a saber, que Deus é quem os chama, para que, sob sua proteção, possam opor-se a todas as maquinações do mundo e de Satanás.

20. E sabemos que o Filho de Deus já veio. Como os filhos de Deus são assaltados de todos os lados, ele, como já disse, os encoraja e exorta a que perseverem em resistir seus inimigos, e por esta razão: porque lutam sob a bandeira de Deus e certamente bem sabem que são governados por seu Espírito; mas agora ele lhes recorda onde especialmente se encontra este conhecimento.

Ele, pois, diz que Deus já se nos fez conhecido de tal modo que agora não há razão para dúvida. O apóstolo, não sem razão, insiste neste ponto; pois, a não ser que nossa fé realmente esteja fundada em Deus, jamais ficaremos firmes na luta. Para este propósito, o apóstolo mostra que já obtivemos, por intermédio de Cristo, um seguro conhecimento do verdadeiro Deus, de modo que não precisamos oscilar na incerteza.

Por *verdadeiro Deus* ele não tem em mente um que fala a verdade, mas aquele que é realmente Deus; e o denomina assim para distingui-lo de todos os ídolos. Assim, *verdadeiro* está em oposição ao que é fictício; pois ele é ἀληθινὸς, e não ἀληθής. Uma passagem semelhante está em João: "Esta é a vida eterna: conhecer-te, o único Deus verdadeiro, e aquele a quem enviaste, Jesus Cristo" [Jo 17.3]. E com razão atribui a Cristo este ofício de iluminar nossas mentes para o conhecimento de Deus. Pois, como ele é a única imagem verdadeira do Deus invisível; como ele é o único intérprete do Pai; como ele é o único guia da vida; sim, como ele é a vida e a luz do mundo, e a verdade, tão logo nos separamos

dele, necessariamente nos tornamos fúteis em nossos próprios artifícios.

E lemos que Cristo *nos deu entendimento*, não só porque ele nos mostra no evangelho que sorte de ser é o verdadeiro Deus, e também nos ilumina por seu Espírito; mas porque em Cristo mesmo temos Deus manifestado na carne, como diz Paulo, visto que nele habita toda a plenitude da Deidade, e se acham ocultos todos os tesouros do conhecimento e sabedoria [Cl 2.9]. Assim é que na face de Deus, de certa maneira, nos brilha em Cristo; não significa que não houvesse nenhum conhecimento ou um conhecimento duvidoso de Deus antes da vinda de Cristo, mas que agora ele se manifesta mais plenamente e mais claramente. E isto é o que Paulo diz em 2 Coríntios 4.6, "que Deus, que outrora ordenou que das trevas brilhasse a luz, na criação do mundo, agora ele resplandece em nossos corações através do fulgor do conhecimento de sua glória na face de Cristo".

E é preciso que se observe que este dom é peculiar aos eleitos. Cristo, deveras, acende para todos, indiscriminadamente, a tocha de seu evangelho; mas nem todos têm os olhos de suas mentes abertos para vê-la, senão que, ao contrário, Satanás estende o véu de cegueira sobre muitos. Então o apóstolo tem em mente a luz que Cristo acende no interior dos corações de seu povo, e que, quando uma vez acendida, jamais é extinta, ainda que em alguns ela seja, por algum tempo, embaçada.

Estamos naquele que é verdadeiro. Por estas palavras ele nos lembra quão eficaz é aquele conhecimento de que faz menção; sim, porque por ele estamos unidos a Cristo e nos tornamos um com Deus; pois ele tem uma raiz viva, bem arraigada no coração, pela qual se revela que Deus vive em nós, e nós, nele. Como ele diz, sem uma copulativa, que estamos *naquele que é verdadeiro, em seu Filho*, parece expressar a maneira de nossa união com Deus, como se ele quisesse dizer que estamos em Deus por intermédio de

Cristo.[181]

Este é o verdadeiro Deus. Ainda que os arianos tenham tentado esquivar-se desta passagem, e alguns em nossos dias concordam com eles, contudo temos aqui um notável testemunho em prol da divindade de Cristo. Os arianos aplicam esta passagem ao Pai, como se o apóstolo reiterasse uma vez mais que ele é o verdadeiro Deus. Mas nada poderia ser mais insípido do que tal repetição. Ele já por duas vezes testificara que o verdadeiro Deus é aquele que se nos fez conhecido em Cristo, por que, pois, ele ainda acrescenta *este é o verdadeiro Deus*? Se aplica, na verdade, muito apropriadamente a Cristo; pois após haver nos ensinado que Cristo é o guia por cuja mão somos conduzidos a Deus, agora, a modo de ampliação, afirma que Cristo é esse Deus, para que não pensemos que devamos buscar algo mais; e ele confirma este conceito pelo qual se acrescenta, *e a vida eterna*. Indubitavelmente, é o mesmo que falar que ele é o verdadeiro Deus e a vida eterna. Passo por alto que o relativo οὗτος geralmente se refere à última pessoa. Digo, pois, que Cristo é, com propriedade, chamado a vida eterna; e que este modo de falar ocorre constantemente em João, ninguém pode negar.

O significado é que, quando temos Cristo, desfrutamos do verdadeiro e eterno Deus, pois ele não deve ser buscado em nenhum outro lugar; e, segundo, que assim nos tornamos participantes da vida eterna, porque ela nos é oferecida em Cristo, ainda que oculto no Pai. A origem da vida deveras é o Pai; mas a fonte da qual nós a extraímos é Cristo.

21. Guardai-vos dos ídolos. Ainda que esta seja uma sentença separada, contudo é, por assim dizer, um apêndice à doutrina precedente. Pois a luz vivificante do evangelho deve espalhar e dissipar não só as trevas, mas também toda a névoa das mentes dos santos. O apóstolo não só condena a idolatria, mas nos ordena a precaver-nos de todas as imagens e ídolos; com isso ele notifica que o culto devido a Deus não

pode continuar sem corrupção e puro sempre que os homens começam a sentir amores pelos ídolos ou imagens. Pois tão inerente é a superstição em nós, que a mínima ocasião basta para infectar-nos com seu contágio. A madeira seca não queima tão facilmente quando se põem brasas sob ela, tanto quanto a idolatria, que capturará e monopolizará as mentes dos homens, quando se lhes propicia uma ocasião. E quem não percebe que as imagens são as faíscas? O quê! Eu disse faíscas? Não! São antes tochas, as quais são suficientes para incendiar o mundo inteiro!

Ao mesmo tempo, o apóstolo não só fala de estátuas, mas também de altares, e inclui todos os instrumentos de superstições. Ademais, os papistas são ridículos, os quais pervertem esta passagem e a aplicam às estátuas de Júpiter e Mercúrio e coisas afins, como se o apóstolo não ensinasse em termos gerais que há uma corrupção da religião onde quer que uma forma corporal seja atribuída a Deus, ou onde quer que estátuas e pinturas formem uma parte de seu culto. Lembremo-nos, pois, de que devemos prosseguir cuidadosamente no culto espiritual de Deus, a ponto de banirmos para longe de nós tudo quanto nos faça voltar para as superstições grosseiras e carnais.

Fim da primeira Epístola de João.

---

174. Literalmente, "e Deus em sua totalidade – *totum Deum*".

175. A tradução literal do versículo é como segue: "Todo aquele que crê ser Jesus o Cristo foi gerado por Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao gerado por ele".

176. Sem dúvida, o sujeito é o amor para com os irmãos, extensivamente; e esta passagem mostra isto mui claramente. O amor para com todos, evidentemente, é um dever, porém não é ensinado aqui.

177. "O amor de Deus", aqui, evidentemente significa amor para com Deus; é o amor do qual Deus é o objeto.

178. Literalmente, as palavras são: "Pois toda coisa gerada por Deus vence o mundo", etc. Usa-se o gênero neutro pelo masculino, "cada coisa" por "cada um", como no primeiro versículo; ou, segundo o hebraico, lk, ele é usado num sentido plural, por πάντες, como em João 17.2: "para que todos (πᾶν) os que lhe deste,

lhes seja dada (αὐτοῖς) a vida eterna". Macknight, entre outros, disse que se usa o gênero neutro a fim de compreender todas as sortes de pessoas, macho e fêmea, jovens e velhos, judeus e gentios, escravos ou livres. Por que, pois, não se usa o gênero neutro no primeiro versículo? Evidentemente, é uma peculiaridade de estilo, e nada mais, e não deve ser retida numa tradução. "Vitória" está para aquilo que traz vitória, o efeito pela causa; ou pode designar a pessoa, como νίκη significa, às vezes, a deusa da vitória. "E este é o vencedor que vence o mundo, a saber, nossa fé".

179. Provavelmente, Calvino esteja se referindo a cópias impressas em seus dias, e não a manuscritos gregos. Até onde vai a autoridade dos manuscritos e das versões e citações, a passagem é espúria, pois não se encontra em *qualquer* dos manuscritos gregos anteriores ao décimo sexto século, nem em *qualquer* das *primeiras versões*, exceto a latina, nem em algumas das cópias desta versão; nem é citado por qualquer dos primeiros pais gregos, nem pelos primeiros pais latinos, exceto uns poucos, e inclusive suas citações têm sido disputadas. Estes são *fatos* que nenhuma conjetura capciosa pode frustrar; e deve-se lamentar que homens eruditos, como o bispo Burgess, tenham labutado e se esforçado numa tentativa tão infeliz de estabelecer a genuinidade deste versículo, ou, antes, de uma parte dele, e do início do seguinte. A passagem toda é como segue: a parte espúria sendo colocada dentro de colchetes: 7. "Pois há três que dão testemunho [no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um; 8. E há três que dão testemunho na terra], o Espírito, a água e o sangue; e estes três concordam em um só". No que tange à construção da passagem, no que diz respeito à gramática e ao sentido, pode ser, com ou sem interpolação, igualmente a mesma. O que foi dito em contrário sobre este ponto, não parece ser de caráter decisivo, de modo algum é suficiente para mostrar que as palavras não sejam espúrias. Aliás, a passagem se lê melhor sem as palavras interpoladas; e, quanto ao sentido, isto é, o sentido no qual comumente é tomada pelos advogados da genuinidade [da passagem], não tem qualquer conexão com o sentido geral da passagem.

180. Se incluirmos as palavras consideradas uma interpolação, podemos ler a passagem assim: "Este é aquele que veio com água e sangue, sim, Jesus Cristo; não só com água, mas com água e sangue. O Espírito também dá testemunho, pois (ou, visto que) o Espírito é verdade (ou, é verdadeiro); porque há três que dão testemunho: o Espírito, a água e o sangue; e estes três concordam em um". Vemos aí uma razão por que se diz que o Espírito é verdadeiro, a saber, porque ele não está sozinho, pois a água e o sangue concorrem com ele. E assim um testemunho se forma consistentemente com o requerimento da lei. Daí vermos ainda a essência do que se declara quando se menciona o testemunho dos homens, como se quisesse dizer: o testemunho de três homens é recebido como válido, quanto mais válido é o testemunho de Deus, que tem três testemunhas em seu favor! Denomina-se de testemunho de Deus porque as testemunhas foram ordenadas e designadas por ele. Quando lemos que ele veio com água e sangue, o significado é que ele veio, tendo água e sangue; a preposição διὰ às vezes tem este significado, e ela é mudada na segunda sentença para ἐν. Deparamo-nos com exemplos semelhantes em 2 Coríntios 3.11 e em 4.11. Conferir Romanos 2.27; 4.11. Segundo esta construção, a explanação de Calvino é a única correta, a saber, que a água significa purificação, e o sangue, expiação, sendo os termos emprestados dos

ritos da lei; e também se faz referência à lei quando se menciona o testemunho dos homens.

181. Alguns traduzem “por intermédio de seu Filho Jesus Cristo”. Nossa versão, “a saber, em seu Filho Jesus Cristo”, parece ser incorreta, quando faz “aquele que é verdadeiro” ser o Filho, enquanto a referência é a Deus, como na sentença anterior. O verdadeiro significado seria assim comunicado: “E estamos no verdadeiro Deus, estando em seu Filho Jesus Cristo”; pois estar em Cristo é estar em Deus. Três manuscritos, a Vulgata e vários dos Pais [da Igreja], redigem assim: “E estamos em seu verdadeiro Filho Jesus Cristo”.

SÉRIE COMENTÁRIOS BÍBLICOS

JOÃO CALVINO

Judas



Argumento da Epístola de Judas

Ainda que houvesse uma disputa entre os antigos a respeito desta Epístola, contudo, como a leitura dela nos é proveitosa, e como ela nada contém de inconsistente com a pureza da doutrina apostólica, e outrora foi recebida como autêntica, por alguns dos melhores, de bom grado me disponho a anexá-la aos demais. Além disso, sua brevidade não requer um longo tratamento de seu conteúdo; e quase a sua totalidade se assemelha muito ao segundo capítulo da segunda Epístola [de Pedro].

Como os homens destituídos de princípios, sob o título de cristãos, se insinuavam sorrateiramente, cujo principal objetivo era levar os instáveis e fracos a um profano descaso de Deus, Judas mostra, antes de tudo, que os fiéis não devem deixar-se mover por agentes deste gênero, pelos quais a igreja sempre se viu assaltada; e os exorta ainda a se precaverem, cuidadosamente, de tais pestes. E para torná-los mais odiosos e detestáveis, ele lhes anuncia a iminência da vingança de Deus, tal como sua impiedade merecia. Ora, se considerarmos o que Satanás tem tentado em nossa época, desde quando o evangelho começou a ser vivificado, e quais as artes ele ainda emprega ativamente com o fim de subverter a fé e o temor de Deus, e que utilidade teve esta advertência nos dias de Judas, ela se faz mais que necessária em nossos dias. Mas isto transparecerá mais plenamente quando prosseguirmos na leitura da Epístola.

Comentário da Epístola de Judas

1. Judas, servo de Jesus Cristo, e irmão de Tiago, aos que são chamados e santificados por Deus o Pai e preservados em Jesus Cristo. 2. Misericórdia, e paz, e amor, vos sejam multiplicados.	1. Judas Jesu Christi servus, frater autem Jacobi, vocatis qui in Deo Patre sanctificati sunt, et in Jesu Christo, 2. Misericordia vobis et pax et dilectio augeatur.

1. Judas, servo de Jesus Cristo. Ele se denomina de servo de Cristo, não como o título se aplica a todos os piedosos, mas com respeito ao seu apostolado; pois só era considerado peculiarmente servo de Cristo aquele a quem se confiasse algum ofício público. E sabemos por que os apóstolos costumavam dar a si mesmos este honroso título. Todo aquele que não for chamado, arroga para si, presunçosamente, o direito e autoridade de ensinar. Então sua vocação era para os apóstolos uma evidência de que não abraçaram seu ofício por sua própria vontade. Não obstante, por si só não era suficiente ser designado para seu ofício, a menos que o cumprisse fielmente. E, sem dúvida, aquele que se declara servo de Deus inclui ambas estas coisas, a saber, que Deus é o outorgante do ofício que ele exerce, e que fielmente realiza o que lhe fora confiado. Muitos agem falsamente, e falsamente se gabam de ser o que estão muito longe de ser; é preciso que examinemos sempre se a realidade corresponde com a declaração solene.

E irmão de Tiago. Ele faz menção de um nome mais celebrado do que o seu, e mais conhecido das igrejas. Pois ainda que a fidelidade e autoridade em doutrina não dependam dos nomes de homens mortais, contudo é uma confirmação à fé, quando a integridade do homem que

exerce o ofício de mestre nos é certificado. Além disso, a autoridade de Tiago não é aqui apresentada como se fosse de um indivíduo particular, mas porque ele foi considerado por toda a igreja como um dos principais apóstolos de Cristo. Ele era filho de Alfeu, como eu já disse em outro lugar. Mais ainda, esta mesma passagem a mim constitui uma prova suficiente contra Eusébio e outros, que dizem que ele era um discípulo chamado [Tiago] Oblias, mencionado por Lucas em Atos 15.13; 21.18, o qual era na igreja mais eminente do que os apóstolos.[182] Mas não há dúvida de que Judas menciona aqui seu próprio irmão, porque ele era eminente entre os apóstolos. Portanto, é bem provável que ele fosse a pessoa a quem os demais concederam a honra mais proeminente, segundo o relato de Lucas.

Aos que são chamados e santificados por Deus o Pai, ou *aos chamados que são santificados*, etc.[183] Por esta expressão, "os chamados", ele denota todos os fiéis, porque o Senhor os separou para si. Mas, como a vocação nada mais é do que o efeito da eleição eterna, às vezes aquela é tomada por esta. Neste lugar, faz bem pouca diferença de que maneira você a tome; porque, sem dúvida, ele recomenda a graça de Deus, pela qual lhe aprouve escolhê-los como seu tesouro peculiar. E ele notifica que os homens não antecipam a Deus, e que jamais se achegam a ele até que ele os atraia.

No mesmo lugar ele diz que foram *santificados em Deus Pai*, o que pode traduzir-se "por Deus o Pai". Não obstante, eu tenho retido a mesma forma da expressão, pra que os leitores exerçam seu próprio julgamento. Pois é possível que este seja o sentido: que, sendo em si mesmos profanos, tinham sua santidade em Deus. Mas o modo como Deus santifica é nos regenerando por seu Espírito.

A outra redação que a Vulgata seguiu é um tanto abrupta, "aos amados (ἠγαπημένοις) em Deus Pai". Portanto, a considero como uma corruptela; e de fato é encontrada apenas em umas poucas cópias.

Ele acrescenta mais que eles foram *preservados em Jesus Cristo*. Pois estaríamos sempre em perigo de morte, por Satanás, e poderíamos ser agarrados, a qualquer momento, como uma presa fácil, não estivéssemos seguros sob a proteção de Cristo, a quem o Pai concedeu que fosse nosso guardião, para que nenhum daqueles a quem ele recebeu sob seu cuidado e refúgio pereça.

Judas, pois, menciona aqui uma tríplice bênção ou favor de Deus, com respeito a todos os piedosos – que, por sua vocação, ele os fez participantes do evangelho; os regenerou, por seu Espírito, para novidade de vida; e os tem preservado pela mão de Cristo, a fim de que não decaiam da salvação.

2. Misericórdia a vós. Nas saudações de Paulo, misericórdia significa quase o mesmo que graça. Caso alguém queira uma distinção mais refinada, pode-se dizer que graça é propriamente o efeito da misericórdia; pois não há outra razão pela qual Deus nos abrace em amor, senão que ele se apiede de nossas misérias. Pode-se entender *amor* como sendo o de Deus para conosco, bem como o dos homens em reciprocidade.[184] Se for referir-se a Deus, o significado seria para que aumente neles, e para que a certeza do amor divino seja diariamente mais confirmada em seus corações. Entretanto, o outro significado não é impróprio: que Deus acenda e confirme neles o amor mútuo.

3. Amados, quando me empenhei com toda diligência escrever-vos acerca da comum salvação, tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi entregue aos santos.
4. Porque há certos homens que se introduziram inadvertidamente, os quais já desde os tempos antigos foram ordenados para esta condenação; homens ímpios, que convertem a graça de nosso Deus em dissolução, e negam o único Senhor Deus, e nosso Senhor Jesus Cristo.

3. Dilecti, quum omne studium adhiberem ad scribendum vobis de communi salute, necesse habui scribere vobis ad vos hortandos ut certando adjuvetis eam, quae semel tradita est sanctis, fidem.
4. Subingressi enim sunt quidam homines, olim praescripti in hoc judicium, impii, Dei nostri gratiam transferentes in lasciviam, et Deum, qui solus est Herus, et Dominum nostrum Jesum Christum negantes.

3. Quando me empenhei com toda diligência. Eu traduzi as palavras σπουδὴν ποιούμενος, “aplicando cuidado”;

literalmente, “fazendo diligência”. Muitos intérpretes, porém, explicam a sentença neste sentido: que um forte desejo constrangeu Judas a escrever, como geralmente dizemos daqueles que se acham sob a influência de algum forte sentimento, os quais não conseguem governar-se ou restringir-se. Então, segundo esses expositores, Judas se achava sob certa sorte de necessidade, porque certo desejo de escrever não lhe deu descanso. Ao contrário, creio que as duas cláusulas estão separadas: ainda que ele se sentisse inclinado e solícito a escrever, contudo a necessidade o compeliu. Ele, pois, notifica que deveras se sentia alegre e ansioso em escrever-lhes; no entanto, a necessidade o impeliu a agir assim, ou seja, porque foram assaltados (em conformidade com o que segue) pelos ímpios, e se achavam em necessidade de preparar-se para lutarem contra eles.[185]

Então, em primeiro lugar, Judas testifica que ele se viu premido por tanta preocupação pela salvação deles, que desejou, e deveras foi tomado de ansiedade, a escrever-lhes; e, em segundo lugar, com o fim de chamar sua atenção, ele diz que o estado de coisas requeria que ele agisse assim. Pois à necessidade acrescem-se fortes estimulantes. Caso eles não se conscientizassem de quão necessária era a exortação dele, poderiam vir a ser indolentes e negligentes; mas, ao fazer este prefácio, que ele escrevia impulsionado pela necessidade da situação deles, era como se ele tivesse tocado uma trombeta com o fim de despertá-los de seu torpor.

Da comum salvação. Algumas cópias adicionam “vossa”, porém sem razão, como penso; pois ele toma a salvação comum para eles e para si mesmo. E adiciona não pouco peso à doutrina que ora anuncia, quando alguém fala em conformidade com seu próprio sentimento e experiência; pois vão é o que dizemos, se falarmos da salvação de outros, quando nós mesmos não temos real conhecimento dela. Judas, pois, declarou ser (por assim dizer) um experiente

mestre, ao associar-se com os piedosos na participação da mesma salvação.

E vos exorto. Literalmente, “exortando-vos”; mas, como ele põe em relevo o fim de seu conselho, a sentença deve ser expressa assim. O que traduzi, “corroborar a fé, pelejando”, significa o mesmo que esforçar-se em reter a fé, e corajosamente rebater os assaltados contrários de Satanás.[186] Pois ele lhes recorda que, para que perseverem na fé, é preciso que várias disputas sejam travadas, e guerras contínuas mantidas. Ele diz que a fé foi *uma vez entregue*, para que soubessem que a haviam obtido para este fim: para que jamais fracassem ou desvaneçam.

4. Porque há certos homens que se introduzem inadvertidamente. Ainda que Satanás seja sempre um inimigo dos piedosos, e nunca cessa de molestá-los, contudo Judas lembra àqueles a quem ora escrevia do estado de coisas naquele tempo. Satanás agora, diz ele, vos ataca e molesta de uma forma peculiar; por isso se faz necessário lançar mão das armas para resisti-lo. Daí aprendermos que um bom e fiel pastor deve, sabiamente, considerar o que demanda o presente estado da igreja, de modo a acomodar sua doutrina às suas carências.

A palavra παρεισέδυσαν, que ele usa, denota uma insinuação indireta e sagaz, pela qual os ministros de Satanás enganam os incautos; pois é de noite que Satanás semeia suas discórdias, enquanto os lavradores estão a dormir, a fim de corromper a semente de Deus. E, ao mesmo tempo, ele nos ensina que este é um mal doméstico; pois Satanás, neste aspecto, é também astuto, despertando os que são do próprio rebanho a causar dano, com o fim de introduzir-se mais fácil e astuciosamente.

Desde os tempos antigos foram ordenados. Ele denomina aquele juízo, ou condenação, ou uma mente réproba, pela qual eram desviados para perverter a doutrina da piedade; pois ninguém pode fazer tal coisa exceto para sua própria

ruína. Mas a metáfora é tomada desta circunstância, porque o eterno conselho de Deus, pelo qual os fiéis são ordenados para a salvação, é chamado um livro; e quando os fiéis ouviram que estes foram entregues à morte eterna, cabia-lhes atentar bem para que não se envolvessem na mesma destruição. Ao mesmo tempo, o objetivo de Judas era deixar claro o perigo, para que a novidade da coisa não perturbasse e angustiasse qualquer um deles; pois se estes já foram desde há muito tempo ordenados, segue-se que a igreja não é testada, ou exercitada, senão em conformidade com o infalível conselho de Deus.[187]

A graça de nosso Deus. Ele agora expressa mais claramente que mal era esse; pois ele diz que abusaram da graça de Deus, de modo que guiaram a si mesmos, bem como a outros, a assumir uma liberdade impura e profana para pecar. Mas, a graça de Deus entrou em cena com um propósito bem distinto, a saber, que, negando a impiedade e as concupiscências mundanas, vivamos sóbria, justa e piedosamente neste mundo. Portanto, saibamos que nada é mais pestilento do que homens desse gênero, os quais, usando a graça de Cristo, se dissimulam com o fim de deleitar-se na lascívia.[188]

Porque ensinamos que a salvação é obtida unicamente pela misericórdia de Deus, os papistas nos acusam deste crime. Por que, porém, usaríamos palavras para refutar seus disparates, visto que por toda parte insistimos no arrependimento, no temor a Deus e na novidade de vida; e visto que eles mesmos não só corrompem o mundo inteiro com os piores exemplos, mas também, por sua impiedade, ensinam o mundo a lançar para longe de si a verdadeira santidade e o puro culto a Deus? Não obstante, penso, antes, que aqueles a quem Judas fala se assemelhavam aos libertinos de nosso tempo, como se fará mais evidente do que segue.

O único Senhor Deus, ou *Deus que é o único Senhor*.

Algumas cópias antigas trazem “Cristo, que é o único Deus e Senhor”. E, de fato, na Segunda Epístola de Pedro, menciona-se somente Cristo, e ali ele é chamado Senhor.[189] Mas o que ele tem em mente é que *Cristo é negado* quando aqueles que foram redimidos por seu sangue, se tornaram outra vez os vassalos do Diabo, e assim tornam vazio, o quanto podem, aquele preço incomparável. Para que Cristo, pois, nos retenha como seu tesouro peculiar, temos de lembrar que ele morreu e ressuscitou por nós, para que mantivesse o domínio sobre nossa vida e morte.

5. Portanto, quero trazer-vos à lembrança, ainda que já soubessem disto, como o Senhor, tendo salvo um povo da terra do Egito, depois destruiu os que não creram.
6. E aos anjos que não guardaram seu primeiro estado, mas deixaram sua própria habitação, ele reservou em algemas eternas, sob trevas, para o juízo do grande dia.
7. Assim como Sodoma e Gomorra, e de igual modo as cidades adjacentes, entregando-se à fornicação, e seguindo após carne estranha, são postas por exemplo, sofrendo a vingança de fogo eterno.

5. Commonefacere autem vos volo, quum istud semel noveritis, quod Dominus postquam ex terra Egypti populum servaverat, postea non credentes perdidit.
6. Angelos vero qui principatum (*vel, initium*) suum non servaverant, sed reliquerant suum domicilium, in judicium magnae diei vinculis aeternis sub caligine servavit.
7. Quemadmodum Sodoma et Gomorrha, et quae circum erant urbes, quum simili modo scortatae essent, et abiissent post carnem alienam, propositae sunt in exemplar, ignis aeterni judicium sustinentes.

5. Portanto, quero trazer-vos à lembrança, ou *lembrar-vos*. Ou ele se escusa com modéstia, para que não parecesse que ensinava, por assim dizer, aos ignorantes coisas que lhes eram desconhecidas; ou, na verdade, ele declara francamente e de maneira enfática (o que aprovo mais), que nada cita que fosse novo ou desconhecido, a fim de que, o que estava para dizer, granjeasse mais crédito e autoridade. Apenas evoco, diz ele, à vossa mente, o que já aprendestes. Como ele lhes atribui conhecimento, assim lhes diz que tinham necessidade de advertências, para que não pensassem que o labor que ele empreendia a favor deles era supérfluo; pois o uso da palavra de Deus não é só para ensinar o que de outra maneira não teriam conhecido, mas, também, para despertar em nós uma séria meditação sobre aquelas coisas que já entendemos, e

não permitir que nos tornemos estúpidos num conhecimento frio.

Ora, o significado é que, depois de termos sido chamados por Deus, não devemos gloriar-nos displicentemente em sua graça, mas, ao contrário, andar atentamente em seu temor; pois se alguém gracejar assim de Deus, o menosprezo de sua graça não será impune. E ele prova isto por três exemplos. Primeiro, ele refere a vingança que Deus executou sobre aqueles incrédulos, aos quais havia escolhido como seu povo e libertado por seu poder. Paulo faz quase a mesma referência no capítulo dez da Primeira Epístola aos Coríntios. A suma do que ele diz é que aqueles a quem Deus honrara com as maiores bênçãos, a quem ele enaltecera ao mesmo grau de honra que desfrutamos hoje, mais tarde os punirá severamente. Fúteis, pois, foram todos os que se orgulharam da graça de Deus, e que não viveram em conformidade com sua vocação.

A palavra *povo* é, a propósito de honra, tomada para a santa nação escolhida, como se ele quisesse dizer que de nada lhes valeu serem eles recebidos por um favor singular em aliança. Ao denominá-los de *incrédulos*, ele denota a fonte de todos os males; pois todos seus pecados, mencionados por Moisés, se deviam a isto: porque recusaram deixar-se governar pela palavra de Deus. Pois onde há a sujeição da fé, aí a obediência a Deus transparece necessariamente em todos os deveres da vida.

6. E os anjos. Este é um argumento do maior para o menor; pois o estado dos anjos é mais elevado que o nosso; e, contudo, Deus puniu sua apostasia de uma maneira terrível. Ele, pois, não perdoará nossa traição, se nos afastarmos da graça à qual ele nos chamou. Esta punição, infligida sobre os habitantes do céu, e sobre ministros tão superiores de Deus, seguramente deve estar sempre diante de nossos olhos, para que em tempo algum sejamos levados a menosprezar a graça de Deus, e assim nos precipitarmos para a destruição.

A palavra ἀρχὴ, neste lugar, pode ser apropriadamente tomada por *princípio*, tanto quanto por *principado* ou *domínio*. Pois Judas notifica que sofreram castigo porque haviam desprezado a bondade de Deus e desertado de sua primeira vocação. E aí segue imediatamente uma explicação, pois ele diz que haviam *deixado sua própria habitação*; pois, como desertores militares, deixaram aquela posição na qual haviam sido postos.

Devemos ainda notar a crueldade da punição que o apóstolo menciona. Eram não só espíritos livres, mas também poderes celestiais; são agora mantidos em prisão por algemas eternas. Não só desfrutavam a gloriosa luz de Deus, mas o esplendor deste refulgia neles, de modo que deles, como por raios, ela se difundia por todas as partes do universo; agora se acham imersos em trevas. Mas não devemos imaginar um determinado lugar onde os demônios se encontram encerrados, pois o apóstolo simplesmente tencionava ensinar-nos quão miserável é sua condição, desde o tempo em que apostataram e perderam sua dignidade. Pois aonde quer que vão, arrastam após si suas próprias cadeias, e permanecem envoltos em trevas. Sua extrema punição é, entretanto, deferida até o grande dia vindouro.

7. Assim como Sodoma e Gomorra. Este exemplo é mais geral, pois ele testifica que Deus, a ninguém excetuando no seio da humanidade, pune todos os ímpios sem qualquer diferença. E Judas menciona ainda, no que segue, que o fogo, através do qual as cinco cidades pereceram, era um tipo do fogo eterno. Deus, pois, naquele tempo, exibiu um notável exemplo, a fim de manter os homens em temor até o fim do mundo. Daí ser ele mencionado repetidas vezes na Escritura; mais ainda, sempre que os profetas desejavam designar algum juízo divino, memorável e terrível, pintavam-no sob a figura de fogo sulfuroso, e aludiam à destruição de Sodoma e Gomorra. Portanto, não é sem razão que Judas golpeia todas as eras com terror, exibindo a mesma visão.

Ao dizer, *e de igual modo as cidades adjacentes, entregando-se à fornicação*, não aplico estas palavras aos israelitas e aos anjos, mas a Sodoma e a Gomorra. Não constitui objeção que o pronome τούτοις é masculino; pois Judas faz referência a habitantes, e não a lugares. *Ir após carne estranha* é o mesmo que entregar-se a concupiscências monstruosas; pois bem sabemos que os sodomitas, não contentes com a maneira comum de cometer fornicação, se poluíram de uma maneira ainda mais vil e detestável. Devemos observar que ele os entrega ao fogo eterno; pois daí aprendemos que o terrível espetáculo que Moisés descreve era não só uma imagem de uma punição mais pesada.

8. Estes também, semelhantes a sonhadores torpes, contaminam a carne, desprezam domínio e falam mal de dignidades.
9. Entretanto, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo (ele disputava sobre o corpo de Moisés), não ousou lançar contra ele uma acusação infamante, porém disse: O Senhor te repreenda.
10. Estes, porém, falam mal daquelas coisas que não conhecem; mas o que conhecem naturalmente, como animais irracionais, nessas coisas eles se corrompem.

8. Similiter isti quoque somniis delusi, carnem quidem contaminant, dominationem vero rejiciunt, et in glorias maledicta congerunt.
9. Atqui Michael archangelus, quando judicio disceptans cum diabolo, disputabat de corpore Mosis, non ausus fuit judicium inferre contumeliae; sed dixit, Increpet te Dominus.
10. Isti vero quaecumque non noverunt, convitiis incessunt; quaecunque vero naturaliter tanquam bruta animália sciunt, in iis corrumpuntur.

8. Estes também, semelhantes a sonhadores torpes. Esta comparação não pode ser tomada em sentido muito estrito, como se ele comparasse estes a quem ele menciona, em todas as coisas, aos sodomitas, ou aos anjos apóstatas, ou ao povo incrédulo. Ele simplesmente mostra que eram vasos de ira, designados para destruição, e que não podiam escapar das mãos de Deus, senão que ele, num tempo ou noutro, os toma como exemplos da vingança divina. Pois seu desígnio era atemorizar os piedosos a quem ora escreve, para que não se deixem enganar em sua sociedade.

Aqui, porém, ele começa mais claramente a descrever estes impostores. Primeiramente, ele diz que poluíam sua carne, por assim dizer, por meio de sonho, palavras que denotam

seu estúpido cinismo, como se quisesse dizer que se entregaram a todos os tipos de torpeza, o que abominaria os próprios perversos, a não ser que o sono removesse o pudor e também a consciência. Esta, pois, é uma forma metafórica de falar, pela qual ele notifica que eram tão broncos e estúpidos, a ponto de entregar-se, sem qualquer pudor, a todo tipo de desonra.[190]

Há um contraste que precisa ser notado, quando ele diz que *contaminaram* ou poluíram *a carne*, isto é, que degradaram o que era menos excelente, e que, no entanto, desprezaram como desventurado o que é julgado especialmente excelente entre o gênero humano.

À luz da segunda cláusula, parece que eram homens sediciosos, os quais buscavam a anarquia, para que, desvencilhados do temor das leis, pudessem pecar mais livremente. Mas, estas duas coisas quase sempre estão conectadas: que aqueles que se entregam à iniquidade também desejam abolir toda ordem. Aliás, ainda que seu objetivo fosse viver livres de todo e qualquer jugo, contudo, das palavras de Judas, transparece que costumavam falar insolente e deprimentemente dos magistrados, como os fanáticos da atualidade que não só se queixam porque são restringidos pela autoridade dos magistrados, mas furiosamente investem contra todo governo, e dizem que o poder da espada é profano e oposto à piedade; em suma, arrogantemente repelem da igreja de Deus todos os reis e todos os magistrados. *Dignidades* ou *glórias* são ordens ou posições eminentes em poder ou honra.

9. Contudo o arcanjo Miguel. Pedro elabora este argumento mais brevemente, e declara, em termos gerais, que os anjos, muito mais excelentes que os homens, não ousam emitir um juízo infamante.

Mas, como se crê que esta história foi tomada de um livro apócrifo, daí sucede de ter menos peso para ser anexada a esta Epístola. Mas, visto que os judeus daquele tempo tinham

muitas coisas provenientes das tradições dos pais, não vejo nada de inconveniente em dizer que Judas se referiu ao que já era conhecido por muitos séculos. Aliás, bem sei que muitas infantilidades obtiveram o título de tradição, como atualmente os papistas relatam como tradições muitas das absurdas tontices dos monges; mas isto não constitui razão pela qual não tivessem eles alguns fatos históricos não registrados por escrito.

Está além de controvérsia que Moisés foi sepultado pelo Senhor, isto é, que seu túmulo foi ocultado segundo o claro propósito de Deus. E a razão para que seu túmulo fosse oculto é evidente a todos, a saber, para que os judeus não exibissem seu corpo para promover a superstição. Porventura surpreende que, quando o corpo do profeta foi ocultado por Deus, Satanás tentasse torná-lo conhecido; e que os anjos, que estão sempre prontos a servir a Deus, em contrapartida o resistissem? E, indubitavelmente, vemos que Satanás quase em todas as épocas tem se esforçado por tornar os corpos dos santos de Deus ídolos para os homens insensatos. Portanto, esta Epístola não deve ser suspeita em virtude deste testemunho, ainda que ele não se encontre na Escritura.

Que Miguel seja apresentado sozinho, a disputar contra Satanás, não é algo novo. Bem sabemos que miríades de anjos estão sempre preparadas para prestar serviço a Deus; mas ele escolhe este ou aquele para fazer seu trabalho, como lhe apraz. O que Judas relata como tendo sido dito por Miguel se encontra no livro de Zacarias: “O Senhor te repreenda [ou refreie], ó Satanás” [Zc 3.2]. E é uma comparação, como dizem, entre o maior e o menor. Miguel não ousou falar mais severamente contra Satanás (ainda que um réprobo e condenado) do que o entregar a Deus, para que fosse restringido; mas aqueles homens não hesitavam em amontoar extremos opróbrios sobre os poderes que Deus havia adornado com honras peculiares.

10. Mas estes falam mal daquelas coisas que não

conhecem. Sua intenção é que eles não tinham gosto por nada senão pelo que era grosseiro e, por assim dizer, bestial, e por isso não percebiam o que era digno de honra; e que ainda adicionavam audácia à demência, de modo que não temiam condenar coisas acima de sua compreensão; e que também laboravam sob outro mal – pois quando, como irracionais, se deixavam arrebatar por aquelas coisas que gratificam os sentidos do corpo, não observavam qualquer moderação, mas se empanturravam excessivamente, como suínos que se rolam em lama nauseante. O advérbio *naturalmente* é posto em oposição à razão e juízo, pois o instinto da natureza sozinho exerce domínio nos animais irracionais; mas a razão deve governar os homens e refrear seus apetites.

11. Ai deles! porque seguiram no caminho de Caim, e avidamente foram após o erro de Balaão, esperando recompensa, e pereceram na contradição de Core.
12. Estes são manchas em vossas festas de caridade, quando festejam convosco, apascentando-se sem temor; são nuvens sem água, levadas pelo veanto; árvores cujo fruto secou, destituídas de fruto, duplamente mortas, arrancadas pelas raízes;
13. Ondas impetuosas do mar, que espumam sua própria vergonha; estrelas errantes, às quais está reservada a negridão de trevas, para todo o sempre.

11. Vae illis, quoniam viam Cain ingressi sunt (Gn 4.12;) et deceptione mercedis Balaam effusi sunt (Nm 22.21;); et contradictione Core perierunt (Nm 26.2.)
12. Hi sunt in fraternis vestris conviviis maculae, inter se (*vel, vobiscum*) convivantes, secure pascentes seipsos; nubes aqua carentes, quae a ventis circum aguntur; arbores autumni emarcidae, infrugiferae, bis emortuae, et eradicatae;
13. Undae efferatae maris, despumantes sua ipsorum dedecora; stellae erraticae, quibus caligo tenebrarum in aeternum servata est.

11. Ai deles. Surpreende que ele invista contra eles tão severamente, quando já havia dito que não era permitido a um anjo lançar acusações aviltantes contra Satanás. Seu propósito, porém, não era estabelecer uma regra geral. Simplesmente mostrou, sucintamente, pelo exemplo de Miguel, quão intolerável era sua demência, quando desrespeitosamente censuravam o que Deus honrava. Certamente, era lícito a Miguel fulminar contra Satanás sua maldição final; e vemos com quanta veemência os profetas ameaçavam os ímpios; mas, quando Miguel suportou extrema severidade (de outro modo legítima), que demência

era não observar moderação para com aqueles que sobrelevam-se em glória! Mas quando ele pronunciou aflição sobre eles, não foi tanto uma imprecação de males sobre eles, mas, antes, lhes recorda que sorte de fim os aguardava; e ele agiu assim para que não levassem outros consigo em sua perdição.

Ele diz ser *imitador de Caim* quem, sendo ingrato a Deus, e pervertendo seu culto através de um coração ímpio e perverso, perde o direito de sua primogenitura. Ele diz que foram *enganados, como Balaão*, por uma recompensa, porque adulteravam a doutrina da verdadeira religião por amor ao lucro torpe. Mas a metáfora que ele usa expressa algo mais; pois ele diz que *naufragaram*, sim, porque seu excesso era como que água transbordante. Ele diz, em terceiro lugar, que *imitaram a oposi*ção de Core, porque perturbaram a ordem e tranquilidade da igreja.

12. Estes são manchas em vossas festas de caridade. Quem porventura leia "entre vossas caridades" não explicam, penso, suficientemente o verdadeiro significado. Pois ele denomina aquelas *festas* de *caridades* (ἀγάπαις), que os fiéis mantinham em seu meio com o intuito de testificar sua união fraternal. Ele diz que essas festas eram profanadas por homens impuros, os quais se alimentavam em excesso; pois nestes havia maior frugalidade e moderação. Não era certo, pois, que estes seres vorazes fossem admitidos, os quais, em seguida, se satisfaziam em excesso em outro lugar.

Algumas cópias trazem "festejando convosco", cuja redação, se aprovada, tem este significado: que eram não só desafortunados, senão que também eram incômodos e dispendiosos, quando se empanturravam sem qualquer temor, às expensas públicas da igreja. Pedro fala um pouco diferente, dizendo que se deleitavam nos erros, e banqueteavam juntos com os fiéis, como se quisesse dizer que agia contraditoriamente quem criava tais serpentes nocivas, e que era muito insensato quem encorajava sua

excessiva intemperança. E eu, em nossos dias, desejaria que houvesse mais critério em alguns bons homens, os quais, procurando ser extremamente bondosos para com homens perversos, causam grande dano em toda a igreja.

Quanto às *nuvens*, são *sem água*. As duas similitudes encontradas em Pedro aqui vêm a ser uma, porém com o mesmo propósito, pois ambas condenam a vã ostentação: estes homens sem princípio, ainda que prometendo muito, contudo eram estéreis e vazios por dentro, se assemelhando a nuvens trazidas por ventos tempestuosos, fomentando esperança de chuva, porém logo se transformam em nada. Pedro adiciona a similitude de uma fonte seca e vazia; Tiago, porém, emprega outras metáforas para o mesmo fim, a saber, que eram árvores murchas, como o vigor de árvores que no outono desaparecem. Ele, pois, as denomina de árvores *infrutíferas*, *arrancadas* e *duplamente mortas*;[191] como se quisesse dizer que não havia seiva em seu interior, ainda que as folhas fossem visíveis.

13. Ondas impetuosas do mar. Por que isto foi adicionado, podemos descobrir mais plenamente das palavras de Pedro [2Pe 2.17, 18]: era mostrar que, sendo inchados com orgulho, respiravam, ou melhor, lançavam de si palavras de natureza extravagante como espuma, em estilo grandiloquente. Ao mesmo tempo, não produziam nada que fosse espiritual, sendo seu objetivo, ao contrário, tornar os homens tão estúpidos quanto irracionais. Tais, como já se declarou previamente, são os fanáticos de nossos dias, os quais se denominam de libertinos. Você pode, com razão, dizer que só fazem soar sons retumbantes; porque, desprezando a linguagem comum, formam para si um idioma exótico, sei lá o quê. A um só tempo, parecem arrebatar seus discípulos lá para os céus, então, de repente, se precipitam em erros bestiais, porquanto imaginam um estado de inocência no qual não há diferença entre vileza e honestidade; imaginam uma vida espiritual, quando o temor se extingue, e quando

cada um, descuidadamente, se entrega aos seus próprios deleites; eles imaginam que nos tornamos deuses, porque Deus [supostamente] assimila os espíritos quando estes deixam seus corpos. Quanto mais cuidado e reverência se exige no estudo da simplicidade da Escritura, a fim de que, ao racionarmos com mais sutileza do que devemos, não atraíamos os homens ao céu; mas, ao contrário, nos envolvamos em múltiplos labirintos. Ele, pois, os denomina de *estrelas errantes*, porque tiveram seus olhos ofuscados por um tipo de luz efêmera.

14. E Enoque também, o sétimo desde Adão, profetizou destes, dizendo: Eis o Senhor vindo com dez milhares de seus santos,
15. Para executar juízo sobre todos, e convencer dentre eles todos que são ímpios por todas suas obras ímpias que têm cometido impiamente, e por todas suas duras palavras que ímpios pecadores falaram contra ele.
16. Estes são murmuradores, queixosos, que andam segundo suas próprias concupiscências; e cuja boca fala palavras de grande arrogância, admirando as pessoas por causa de vantagem.

14. Prius autem etiam de iis vaticinatus este septimus ab Adam Enoch, dicens, Ecce venit Dominus in sanctis millibus suis.
15. Ut faciat judicium adversus omnes, et redarguat ex eis omnes impios de factis omnibus impietatis quae impiè patrarunt, deque omnibus duris quae loquuti sunt adversus Deum peccatores impii.
16. Hi sunt murmuratores, queruli, juxta concupiscentias suas ambulantes, et os ilorum loquitur turmida, admirantes personas, utilitatis gratia.

14. E também Enoque. Eu prefiro pensar que esta profecia não foi escrita, do que tenha sido tirada de um livro apócrifo; pois é possível que ela fosse transmitida de memória, pelos antigos, à posteridade.[192] Caso alguém perguntasse, visto que sentenças semelhantes ocorrem em muitas partes da Escritura: por que ele não citou um testemunho escrito por algum dos profetas? A resposta é óbvia: ele desejava reiterar, desde a antiguidade mais remota, o que o Espírito havia anunciado a respeito deles; e é isto que as palavras notificam; pois ele diz expressamente que ele foi o *sétimo* a partir de Adão, a fim de enaltecer a antiguidade da profecia, porque ela existiu no mundo anterior ao dilúvio.

No entanto, eu já disse que esta profecia era conhecida dos judeus através da transmissão oral; mas se alguém pensa diferentemente, não discutirei com ele; aliás, tampouco se a

epístola propriamente dita é a de Judas ou de algum outro. Em coisas que inspiram dúvidas, eu apenas sigo o que parece provável.

Eis que o Senhor vem, ou *veio*. O pretérito, em conformidade com o método dos profetas, é usado no lugar do futuro. Ele diz que o Senhor *viria com dez milhares de seus santos*;[193] e, por santos, ele tem em mente os fiéis, tanto quanto os anjos; pois ambos adornarão o tribunal de Cristo, quando ele descer para julgar o mundo. Ele diz *dez milhares*, como também Daniel menciona miríades de anjos [Dn 7.10], a fim de que a multidão dos ímpios não venha, como um mar violento, esmagar os filhos de Deus; mas para que pensem nisto: que o Senhor às vezes reúne seu povo, sendo que uma parte dele já habita o céu, não vista por nós, e uma parte vive oculta sob uma grande massa de refugo.

Mas a vingança suspensa sobre os ímpios deve manter os eleitos em temor e vigilância. Ele fala de *feitos* e *obras*, porque os corruptores agiam muito mal, não só por sua vida perversa, mas também por sua linguagem impura e falsa. E suas palavras eram *duras*, por causa da falácia obstinada, pela qual, eufóricos, agiam insolentemente.[194]

16. Estes são murmuradores. Os que se entregam a concupiscências depravadas são difíceis de agradar e mal-humorados, de modo que nunca estão satisfeitos. Daí ser que sempre murmuravam e se queixam, por mais que os homens bons os tratem bondosamente.[195] Ele condena sua linguagem soberba, porque arrogantemente faziam ostentação de si mesmos; mas, ao mesmo tempo, ele mostra que eram miseráveis em sua disposição, porquanto se submetiam servilmente por amor ao lucro. E, comumente, esta sorte de inconsistência é vista nos homens sem princípio deste gênero. Quando não se acha ninguém que reprima sua insolência, ou quando nada há que os detenha em seu caminho, seu orgulho é intolerável, de modo que impiamente arrogam tudo para si; no entanto, sordidamente, adulam

aqueles a quem temem e de quem esperam alguma vantagem. Ele toma *pessoas* no sentido de eterna grandeza e poder.

17. Mas vós, amados, lembrai-vos das palavras que foram preditas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo;
18. Os quais vos diziam que nos últimos tempos haveria escarnecedores que andariam segundo suas ímpias concupiscências.
19. Estes são os que causam divisões, sensuais, que não têm o Espírito.

17. Vos autgem dilecti, memores estis (*vel, estote*) verborum quae praedicta sunt ab apostolis Domini nostre Jesu Christi, nempe.
18. quod vobis dixerunt, ultimo tempore futuros (*vel, venturos*) derisores, qui secundum concupiscentias suarum impietatum ambularent.
19. Hi sunt qui seipsos segregant, animales, Spiritum non habentes.

17. Mas vós, amados. A uma profecia bem antiga ele adiciona as admoestações dos apóstolos, cuja memória era bem recente. Quanto ao verbo μνήσθητε, não faz grande diferença se você o lê como declarativo ou como uma exortação; pois o significado permanece o mesmo: que, sendo fortalecidos pela predição que cita, eles devem ser terrificados.

Por últimos tempos ele tem em mente aqueles durante os quais a condição renovada da igreja recebeu uma forma definida até o fim do mundo; e que começou com a primeira vinda de Cristo.

Segundo a maneira usual da Escritura, ele denomina de escarnecedores aqueles que, vivendo inebriados com um desdém profano e ímpio por Deus, se precipitam em brutal menosprezo pelo Ser divino, de modo que nem temor, nem reverência os mantêm mais dentro dos limites do dever; como nenhum medo de um juízo vindouro existe em seus corações, assim também nenhuma esperança de vida eterna. Portanto, hoje o mundo se acha saturado de epicureus que desprezam a Deus, os quais, lançando de si todo temor, escarnecem loucamente de toda doutrina da verdadeira religião, considerando-a como fabulosa.

19. Estes são os que causam divisões. Algumas cópias gregas trazem o particípio por si mesmo; outras cópias adicionam ἑαυτοὺς, “eles mesmos”; mas o significado é quase

o mesmo. Ele tem em mente que se separavam da igreja, porque não suportavam o jugo da disciplina, como quem se entrega à carne, em aversão à vida espiritual.[196] A palavra *sensuais*, ou *animais*, está em oposição a espirituais, ou à renovação da graça; e daí significar os viciosos ou corruptos, como se dá com os homens quando não são regenerados. Pois nessa natureza degenerada que se deriva de Adão nada há senão o que é grosseiro e terreno; de modo que nenhuma parte de nós aspira a Deus, até que sejamos renovados por seu Espírito.

20. Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos sobre vossa fé santíssima, orando no Espírito Santo,
21. Conservai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna.
22. E tende compaixão de alguns, fazendo diferença.
23. E salvai a outros com temor, arrebatando-os do fogo; odiando até mesmo a roupa manchada pela carne.
24. Ora, àquele que pode vos guardar de cair, e apresentar-vos imaculados, em sua presença, com excessiva alegria,
25. Ao único Deus sábio, nosso Salvador, seja glória e majestade, domínio e poder, tanto agora, como para todo o sempre. Amém.

20. Vos autem dilecti, sanctissimae vestrae fidei vosmet superstruentes, in Spiritu Sancti precantes,
21. Vosmet in charitate servate, expectantes misericordiam Domini nostri Jesu Christi in vitam eternam.
22. Et hos quidem miseramini, dijudicantes;
23. Illos vero per timorem servate, ex incendio rapientes, odio prosequentes etiam maculatam à carne tunicam.
24. Ei autem qui servare potest vos (*vel, eos*) a peccato immunes, et statuere in conspectu gloriae suae irreprehensibiles cum exultatione, –
25. Soli sapienti Deo, Servatori nostro, gloria et magnificentia et imperium et potestas, nunc, et in omnia secula. Amem.

20. Mas vós, amados. Ele mostra a maneira como poderiam vencer todos os estratagemas de Satanás, a saber, mantendo o amor conectado com a fé, e se mantendo em guarda, por assim dizer, em sua torre de vigia, até a vinda de Cristo. Mas, como ele usa, com frequência e intensamente suas metáforas, assim, aqui, ele tem uma forma de linguagem peculiar a si próprio, a qual precisa ser brevemente notada.

Ele os convida, primeiramente, a *edificar* a si mesmos sobre a *fé*; querendo dizer com isso que é preciso reter o fundamento da fé, mas que a primeira instrução não é suficiente, a menos que já esteja fundada na verdadeira fé, avançando continuamente rumo à perfeição. Ele denomina a

fé deles de *santíssima*, com o fim de lançarem sobre ela total confiança, e que, apoiando-se em sua solidez, jamais viessem a vacilar.

Mas, visto que toda a perfeição humana consiste na fé, pode parecer estranho que ele os convide a edificar sobre ela outro edifício, como se somente a fé fosse um começo para o homem. Esta dificuldade é removida pelo apóstolo nas palavras que seguem, quando ele adiciona que os homens edificam sobre a fé quando se adiciona o amor; a não ser que, talvez, alguém prefira assumir este significado: que os homens edificam sobre a fé na medida em que demonstram capacidade nela e, indiscutivelmente, o progresso diário da fé seja tal que, em si mesma, se eleve como um edifício.[197] Assim o apóstolo nos ensina que, com o fim de crescer na fé, devemos ser constantes em oração e sustentar nossa vocação pelo amor.

Orando no Espírito Santo. O caminho da perseverança é aquele em que somos dotados com o poder de Deus. Daí, sempre que a questão trata a respeito da constância da fé, devemos buscar asilo na oração. E visto que comumente oramos de uma maneira formal, ele acrescenta *no Espírito*; como se quisesse dizer que tal é nossa indolência, e que tal é a indiferença de nossa carne, que ninguém pode orar corretamente a menos que seja despertado pelo Espírito de Deus; e que somos tão inclinados à timidez e a tropeçar, que ninguém ousa chamar a Deus de "meu Pai", exceto através do ensino do mesmo Espírito; pois dele é a diligência, dele é o ardor e veemência, dele é o entusiasmo, dele é a confiança de que obteremos o que pedimos; em suma, dele são os inexprimíveis gemidos mencionados por Paulo [Rm 8.26]. Portanto, não é sem razão que Judas nos ensina que ninguém pode orar como deve sem ter o Espírito por seu guia.

21. Guardai-vos no amor de Deus. Ele fez do amor, por assim dizer, o guardião e soberano de nossa vida; não que ele pudesse pô-lo em oposição à graça de Deus, mas que o curso

certo de nossa vocação é quando fazemos progresso no amor. Mas, como muitas coisas nos atraem à apostasia, de modo a ser difícil nos guardarmos fiéis para Deus até o fim, ele chama a atenção dos fiéis para o último dia. Pois somente essa esperança nos sustenta, de modo que em tempo algum venhamos a fraquejar; do contrário, necessariamente fracassaríamos a cada instante.

Mas é preciso notar que ele não queria que esperássemos a vida eterna, exceto através da misericórdia de Cristo; pois será de tal maneira nosso juiz, a ponto de não ter outra norma para nos julgar senão aquele benefício gratuito da redenção obtida por ele mesmo.

22. E tende compaixão de alguns. Ele adiciona outra exortação, mostrando como os fiéis devem agir na reprovação de seus irmãos, a fim de restaurá-los ao Senhor. Ele lhes recorda que devem ser ameaçados de diferentes maneiras, cada uma segundo sua disposição; outros, porém, que são endurecidos e perversos, devem ser subjugados pelo temor.[198] Esta é a *diferença* que ele menciona.

Não sei por que o particípio διακρινόμενοι é traduzido por Erasmo num sentido passivo. De fato, pode ser traduzido de ambas as formas, mas seu significado ativo é mais ajustável ao contexto. O significado, pois, é que, se quisermos granjear o bem-estar dos que se desviam, devemos considerar o caráter e disposição de cada um; de modo que os que são mansos e tratáveis podem ser, de uma maneira afável, restaurados ao caminho certo, sendo eles objetos de compaixão; mas, se alguém for perverso, esse mesmo deve ser corrigido com mais severidade. E como a aspereza é quase odiosa, ele se desculpa com base na necessidade; pois, de outra maneira, os que espontaneamente não seguem bons conselhos, não podem salvar-se.

Ademais, ele emprega uma metáfora notável. Quando há o risco de fogo, não hesitamos em arrancar violentamente de lá a quem desejamos salvar; pois não seria suficiente contar

com o dedo, ou estender gentilmente a mão. Assim também a salvação de alguns precisa receber todo cuidado, porque não irão a Deus a não ser quando rudemente arrastados. Bem diferente é a tradução antiga, cuja redação se encontra por toda parte em muitas das cópias gregas; a Vulgata traz "repreendei o julgado" (*Arquite dijudicatos*). Mas o primeiro significado é mais adequado, e está, como penso, em conformidade com a antiga e genuína redação. A palavra *salvar* é transferida aos homens, não que sejam os autores, mas sim os ministros da salvação.

23. Odiando até mesmo a roupa. Esta passagem, que de outra forma pareceria obscura, será destituída de dificuldade quando a metáfora é corretamente explicada. Ele queria que os fiéis não só se precavessem de contato com os vícios; mas, para que nenhum contágio os atingisse, ele lhes lembra que tudo quanto chega aos limites dos vícios e o que se lhes assemelha deve ser evitado; como, quando falamos da lascívia, dizemos que todos as excitações que conduzem às concupiscências devem ser removidas. A passagem também se tornará mais clara quando toda a sentença é completada, a saber, devemos odiar não só a carne, mas também a vestimenta que, mediante um contato com ela, fica infectada. A partícula καὶ inclusive serve para dar maior ênfase. Ele, pois, não permite que o mal seja cultivado pela indulgência, de modo que ele insiste que todos os preparativos e todos os acessórios, como dizem, sejam eliminados.

24. Ora, àquele que pode guardar-vos. Ele encerra a Epístola com louvor a Deus; pelo qual ele mostra que nossas exortações e labores nada podem fazer a não ser através do poder de Deus acompanhando-os.[199]

Algumas cópias trazem "eles" em vez de "vós". Se aceitarmos esta redação, o sentido será: "De fato, é vosso dever esforçar-vos para salvá-los; mas é tão somente Deus que pode fazer isto". Entretanto, a outra redação é a de minha preferência; na qual há uma alusão ao versículo

precedente; para que, depois de haver exortado os fiéis a salvarem o que estava perecendo, entendessem que todos seus esforços seriam vãos, a menos que Deus operasse com eles, ele testifica que não podiam ser salvos de outra maneira, senão através do poder de Deus. Na última cláusula há deveras um verbo diferente, φυλάξαι, o qual significa guardar; assim a alusão é à causa mais remota, quando ele disse *guardai-vos*.

Fim da Epístola de Judas.

---

182. Alguns têm sustentado que Tiago, mencionado nos versículos citados de Atos, não era Tiago o apóstolo, mas outro Tiago, um discípulo, e um dentre os setenta, e que era também chamado Oblias; mas isso não é correto.

183. É assim que Beza traduz as palavras: "Aos chamados, santificados por Deus Pai, e preservados por Jesus Cristo"; isto é, aos eficazmente chamados (como a palavra comumente significa), postos à parte e separados por Deus dentre o mundo ímpio, e guardados por Cristo, tendo sido confiados ao seu cuidado e proteção.

184. Como *misericórdia* é a de Deus, assim é mais consistente considerar "paz" e "amor" como sendo os de Deus: "que a misericórdia" de Deus, "e a paz" de Deus, "e o amor" de Deus, "vos sejam acrescidos [ou multiplicados]".

185. Então a tradução seria: "Amados, quando estava aplicando todo cuidado em escrever-vos da comum salvação, considerei [ou achei] necessário escrever-vos a fim de exortar-vos a lutar pela fé uma vez entregue aos santos". Macknight, e alguns outros dão outro significado à primeira cláusula, e um que é mais literal: "Amados, fazendo todo empenho em escrever-vos, concernente à salvação comum, pensei ser necessário", etc. O apóstolo apresenta uma razão para essa pressa no versículo seguinte: "Pois alguns homens têm se introduzido solertemente", etc. Este é o significado mais óbvio da passagem.

186. O significado do verbo é combater por, esforçar-se, lutar ou contender. É uma palavra derivada dos jogos, e expressa um ingente esforço. Nossa versão comunica bem seu significado: "combatei incansavelmente pela fé"; não com espada, diz Beza, mas com a sã doutrina e o exemplo de uma vida santa.

187. Literalmente, as palavras são "que há muito [ou em algum tempo passado] foram pré-escritos para [ou quanto a] este juízo". A referência é à profecia; esses que haviam se introduzido sorrateiramente com o fim de corromper a verdade tinham sido preditos; e esta introdução sorrateira, para tal propósito, era um juízo para que se submetessem às ilusões de Satanás. A palavra πάλαι se refere indefinidamente ao que é passado, ou desde muito, ou algum tempo passado. Conferir Mateus 11.21 e Marcos 15.44. A referência pode ser às profecias antigas, ou àquelas de nosso Senhor e seus apóstolos.

188. “Aqui, a graça de Deus”, evidentemente, é o evangelho. Transformavam, diz Grotius, o evangelho numa doutrina libertina.

189. Griesbach exclui do texto Θεὸν, “Deus”. E assim a passagem corresponderia, em sentido, com 2 Pedro 2.1; literalmente, “negando nosso único soberano e Senhor, Jesus Cristo”. A palavra δεσπότην, soberano, ou senhor, é usada por Judas tanto quanto por Pedro. Não era a graça, e sim o poder dominador de Cristo que era negado; se vangloriavam de sua graça, porém não se submetiam a ele como Rei. Daí ser usada a palavra δεσπότης – alguém que exerce poder absoluto. Podemos traduzir as palavras assim: “negando nosso único soberano e Senhor, Jesus Cristo”.

190. “Sonhador” é conectado com as três coisas que seguem: contaminar a carne, desprezar governo e caluniar dignidades. Daí a ideia comunicada por nossa versão, na qual se introduz imundícia, de modo algum é correta. É como se fizesse alusão às pretensões dos falsos profetas nos tempos antigos. Conferir Jeremias 23.25-27. Os falsos profetas ensinavam o que pretendiam ver em sonhos, visto que sonhos e visões eram atribuídos aos verdadeiros profetas. Conferir Joel 2.28. Não é improvável que aqueles mencionados aqui pretendessem que haviam recebido o que ensinavam, por meio de sonhos sobrenaturais; porque, como de outro modo poderiam enganar outros, especialmente em referência a erros tão grosseiros e palpáveis, como os aqui mencionados? O versículo 8 é, quanto à sua construção, conectado ao ὡς e ὁμοίως são termos correspondentes; “como Sodoma e Gomorra, etc. são apresentadas para exemplo, de igual maneira também estes seriam”. Eis a intenção da passagem:
8. “De igual maneira, deveras, serão todos estes sonhadores (isto é, um exemplo da vingança divina), que contaminam a carne, desprezam domínio e difamam dignidades”.Pedro os ameaçou com “repentina destruição” (2Pe 2.1). Aqui há três coisas mencionadas que se aplicam aos três exemplos previamente aduzidos: como os sodomitas, contaminavam a carne; como os anjos apóstatas, desprezavam domínio; e como os israelitas no deserto, caluniavam dignidades; pois foi especialmente por opor o poder dado a Moisés que os israelitas manifestaram sua incredulidade.

191. “Duas vezes mortas” é, por alguns, considerado uma expressão adverbial cujo sentido é: totalmente mortas; ou, no dizer de Macknight, significa que estavam mortos quando professaram o judaísmo, e mortos após fazer uma profissão do evangelho.

192. Esta é a opinião mais comum. Não há evidência de um livro desse gênero ser conhecido algum tempo depois que esta epístola foi escrita; e o livro assim chamado provavelmente foi uma falsificação, ocasionada por esta referência à profecia de Enoque. Até recentemente, supunha-se fosse perdida; mas, em 1821, o falecido Arcebispo Laurence, tendo encontrado uma versão etíope dela, conhecida como o Primeiro Livro de Enoque, a publicou com uma tradução.

193. Literalmente, “com suas santas miríades”.

194. Parece haver a ausência de devida ordem no versículo 15; menciona-se primeiro a execução de juízo, e então a convicção dos ímpios. Mas é uma ordem que corresponde exatamente com inúmeras passagens da Escritura: a ação final vem primeiro, e então o que conduz a ela.

195. Podemos traduzir as palavras como “resmungões e críticos”, isto é, segundo o significado da palavra, com sua própria sorte: eles resmungavam ou murmuravam contra outros, e viviam descontentes com sua condição pessoal; e, contudo, andavam de tal maneira (isto é, entregando-se a suas concupiscências) que faziam sua sorte pior e ocasionavam ainda mais queixa.

196. Esta é a interpretação comum e, no entanto, parece inconsistente com o que se diz previamente destes homens, os quais se insinuavam sorrateiramente e “festejavam” com os membros da igreja. O ἑαυτοὺς , ainda que retido por Griesbach, é excluído por Wetstein e outros, estando ausente na maioria dos manuscritos. O verbo ἀποδιορίζω significa separar duas porções por uma fronteira e, daí, metaforicamente, separar ou causar divisões: “Estes são aqueles que causam divisões”. Estavam fazendo o mesmo que aqueles a quem Paulo menciona em Romanos 16.17. Estavam produzindo discórdias na igreja, e não se separando dela; e, por continuarem nela, se tornavam “manchas e nódoas” para seus membros.

197. É melhor tomar “fé”, aqui, metaforicamente pela palavra ou doutrina da fé, o evangelho; e o sentido seria mais evidente, se traduzirmos ἑαυτοὺς, “um outro”, como significa em 1 Tessalonicenses 5.13.

20. “Vós, porém, amados, edificando um outro sobre vossa fé santíssima (sobre a doutrina santíssima que credes), orando pelo

21. Espírito Santo, guardai uns aos outros no amor de Deus, esperando na misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna. E de fato tendes compaixão de alguns, usando de discernimento; mas salvai a outros com temor”, etc.

Toda a passagem seria mais bem lida assim, quando o dever deles, de uns para com os outros, se realçasse especificamente.

198. Ainda que a maioria concorde que por “temor”, aqui, está implícito terror, isto é, que as pessoas referidas tinham de ser aterrorizadas pelo juízo que as aguarda; contudo, o que segue parece favorecer outro ponto de vista, a saber, que temor significa o cuidado e prudência com que deveriam ser tratados; pois o ato de salvá-los é comparado àquele de um homem arrebatando outro do fogo, fazendo isso com todo cuidado para que ele mesmo não se queimasse; e, então, a outra comparação, a de um homem queimando uma roupa infectada a fim de não ser contagiado, favorece o mesmo ponto de vista. Daí nossa versão parecer correta – “*com* fogo”.

199. A doxologia é como segue:

“Ao único Deus sábio (ou, ao Deus sábio somente), nosso Salvador, seja a glória e a grandeza, poder e domínio, tanto agora como por todos as eras”. “Domínio” (ἐξουσία) é o direito de governar, autoridade ou poder imperial; “poder” (κράτος) é força para efetuar seu propósito, onipotência; “grandeza” (μεγαλωσύνη) compreende conhecimento, sabedoria, santidade e cada coisa que constitui o que é realmente grande e magnificente; e “glória” (δόξα) é o resultado de todas estas coisas que pertencem a Deus; tudo termina em sua glória. O resultado último é mencionado primeiro, então as coisas que levam a ele. É através do reconhecimento de seu poder soberano, sua capacidade para exercer esse poder – sua onipotência e sua grandeza em tudo quanto constitui grandeza, que lhe

damos a glória, a honra e o louvor devidos a seu nome.



O Ministério Fiel visa apoiar a igreja de Deus, fornecendo conteúdo fiel às Escrituras através de conferências, cursos teológicos, literatura, ministério Adote um Pastor e conteúdo online gratuito.

Disponibilizamos em nosso site centenas de recursos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, audiolivros, blog e muito mais. Lá também é possível assinar nosso informativo e se tornar parte da comunidade Fiel, recebendo acesso a esses e outros materiais, além de promoções exclusivas.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br